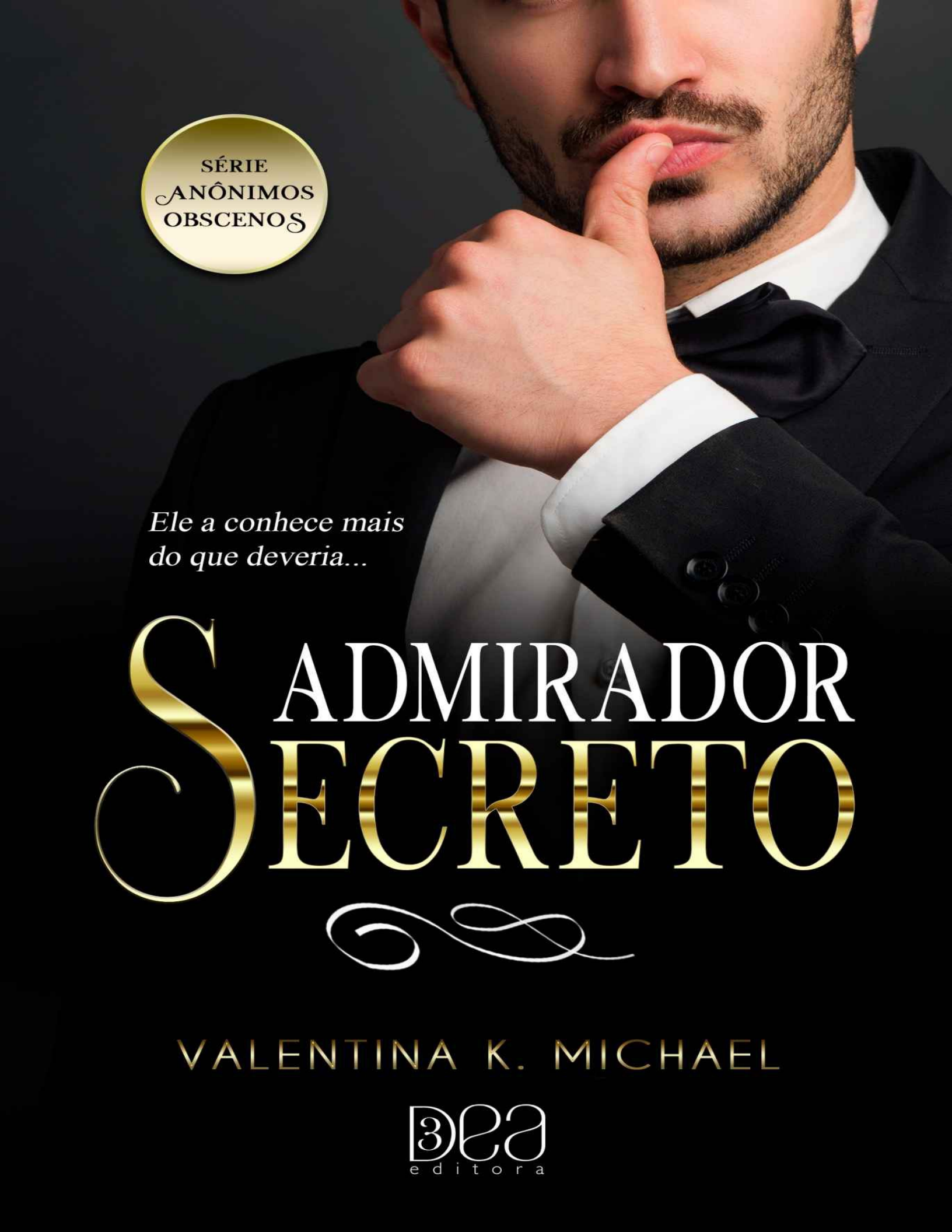




SÉRIE
ANÔNIMOS
OBSCENOS

*Ele a conhece mais
do que deveria...*

SADMIRADOR SECRETO

VALENTINA K. MICHAEL

Dea
editora



Copyright © 2016 *by* VALENTINA K. MICHAEL
Copyright © 2017 *by* 3DEA EDITORA

Editor-Chefe | Patrícia Azevedo

Assistente de Desenvolvimento | Ana Oliveira

Revisão | Milena Assis

Ilustrador | Mia Klein

Imagem | www.depositphotos.com/ikostudio 68909899

ISBN 978-85-93964-04-6

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência. Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

VALENTINA K. MICHAEL

S ADMIRADOR
SECRETO

SÉRIE ANÔNIMOS OBSCENOS

NACIONAIS - ACHERON

302a
editora

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

<u>01</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>02</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>03</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>04</u>
<u>ROMEO</u>
<u>05</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>06</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>07</u>
<u>ROMEO</u>
<u>08</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>09</u>
<u>ROMEO</u>
<u>10</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>11</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>12</u>
<u>ROMEO</u>
<u>13</u>
<u>OLIVIA</u>
<u>14</u>

PERIGOSAS

ROMEO

15

OLIVIA

16

ROMEO

17

OLIVIA

18

ROMEO

19

OLIVIA

20

OLIVIA

21

OLIVIA

22

ROMEO

23

OLIVIA

24

ROMEO

25

OLIVIA

26

OLIVIA

27

ROMEO

28

ROMEO

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

29

OLIVIA

30

ROMEO

31

OLIVIA

32

ROMEO

33

OLIVIA

34

ROMEO

35

OLIVIA

36

OLIVIA

37

OLIVIA

38

ROMEO

39

OLIVIA

40

ROMEO

41

OLIVIA

42

OLIVIA

43

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ROMEO

44

ROMEO

45

ROMEO

46

OLIVIA

47

ROMEO

48

OLIVIA

EPÍLOGO

Olivia

BÔNUS

LORENZO

NACIONAIS - ACHERON

Dossiê nº 02578

Nome: OLIVIA MARIA BUARQUE
BRAGANÇA

Data de Nascimento: 12/05/1991

CPF: 023.xxx.xxx.01

Identidade: 13.xxx.xx

Estado Civil: CASADA

Pai: ANTÔNIO GOMES BUARQUE

Mãe: CARLOTA GOMES BUARQUE E SILVA.

Ocupação: DONA DE CASA

Escolaridade: ENSINO MÉDIO COMPLETO.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Endereço: RIO DE JANEIRO – RJ.

Telefone: (21) xxxx-xxxx

E-mail: NADA CONSTA.

***Informações Bancárias: NADA CONSTA EM
SEU NOME.***

Cônjuge: LUDOVICO BRAGANÇA DURVAL

Data de Nascimento: 12/03/1958

***Ocupação: EMPRESÁRIO – CEO DAS
EMPRESAS DURVAL***

*Ela vai até a porta todos os dias, pontualmente,
às sete da manhã, assim que o jornal é entregue.
Sempre veste um robe comprido e pantufas. O
marido sai para trabalhar às oito da manhã, ela,
NACIONAIS - ACHERON*

em seguida, leva o cachorro para passear e volta uma hora depois. Daí em diante, não sai mais de casa, exceto quando estritamente necessário e sempre acompanhada de alguém: a faxineira ou a mãe.

Ao meio-dia, ele chega, fica por volta de duas horas e sai novamente. Ela parece ser uma boa esposa, sempre o acompanha até a porta. Eles não têm filhos. As únicas pessoas que tem acesso livre à casa são os familiares dela, a faxineira e um senhor que cuida do jardim.

Às vezes, o casal sai à noite, mas isso é muito raro. Ele costuma levá-la apenas aos eventos importantes e, quando isso acontece, ela não está vestida conforme sua idade, sempre muito composta, como se fizesse parte de uma religião doutrinada. As roupas de noite são geralmente sem

brilho, sem cor e sem um pouquinho de pele à mostra. Os cabelos nunca soltos, sempre presos, o que justifica-se pelos pais dela, Amish tão conservadores que chegam a ser extremistas. A mãe é dona de casa e o pai é empresário. Ela tem duas irmãs solteiras.

É uma casa grande, na verdade, uma mansão em uma área nobre da cidade. A família dela sempre aparece, o pai é um grande amigo do marido, e eles são quase da mesma idade. O marido é um magnata, um homem velho e, segundo apurado nas investigações, é o primeiro homem na vida dela. Sobre a família dele não há muito o que saber: tem duas ex-esposas, dois filhos e uma filha, todos casados.

Essa é a pacata vida de Olivia.

01
OLIVIA

Rio de Janeiro, 21 de Maio de 2015 – 09:00
AM

Número Desconhecido: Olá.

Eu: Olá.

Número Desconhecido: Tudo bem?

Eu: Não estou reconhecendo esse número.
Poderia dizer quem é?

Número Desconhecido: Alguém que você não
conhece.

***Eu:** Isso eu percebi.*

***Número Desconhecido:** Mas é só um pequeno detalhe, certo?*

***Eu:** Errado. Por favor, seja quem for, pare de me importunar.*

Deixo o celular de lado e volto para o que estou fazendo no momento: encontro-me sentada na cozinha, tomando café e folheando o último exemplar de uma famosa revista que adoro, olho o aparelho que apita mais uma vez. Ignoro e tento focar na página à minha frente. No início, meu principal passatempo era ficar folheando revistas de modas para, depois, ir ao meu atelier e criar um modelo para mim. Um dia, descobri que precisava de mais, entretanto eu me perguntava por quê. Nem

mesmo tenho um curso superior!

Recebo outra notificação informando que há mais uma mensagem e, com certeza, é Kate, minha única amiga, armando uma pegadinha para mim. Olho no relógio da parede e fico sossegada, sabendo que ainda tenho meia-hora de tranquilidade até começar o almoço. Pink, minha cadela Golden Retriever, levanta a cabeça e olha-me “pidona”.

— Tome aqui. — Balanço um biscoito no ar, e ela dá um pulo para pegar o petisco. Faço um cafuné em sua cabeça e volto a folhear a revista.

Casei-me aos vinte e três anos com um homem muito influente na cidade, ele é trinta anos mais velho que eu, mas foi a salvação da família. Sou agradecida por tudo o que fez.

Eu não pude escolher nada, Ludovico não me pediu opinião, na verdade, ele já tinha a casa pronta e apenas redecorou quando nos casamos, há um ano. Ele viveu aqui com a primeira e com a segunda esposa, e eu não achei necessário comprar outro imóvel. Para quem é de uma família conservadora e tradicional, meu casamento foi o presente dos deuses.

Meu celular apita novamente, e eu o pego para conferir: três mensagens não lidas. Reviro os olhos e deixo o celular, mais uma vez, na mesa, já perdi a concentração por causa dessas mensagens. Fecho a revista e pego meu caderno de receitas. Ludo sempre pede uma coisa diferente e, a cada dia, eu pesquiso uma receita que ele goste e anoto no caderninho. Ele deixa, na porta da geladeira, um bilhete com o que deseja para o almoço. Mamãe comentou que, daqui a uns, anos eu farei

automaticamente, sabendo perfeitamente cada prato.

Todos devem estar pensando: o que ela faz da vida? Isso! Amo cuidar da minha casa, ser dona do meu lar, tenho uma rotina bem definida. Ludo é exigente, assim como meu pai, e decidiu pagar apenas empregados para trabalhos mais pesados, como alguém para lavar a roupa de cama, um jardineiro e uma equipe de faxina, mas não contratou uma cozinheira, pois tem nojo.

Então essa vida de casada não foi novidade para mim, não faço nada que eu não faria na minha casa quando solteira. Na verdade, eu nunca cheguei a fantasiar como seria meu matrimônio, quer dizer, aqui tem muitas outras coisas que considero boas, como ser a dona do lar, também tem a noite, quando eu abraço meu marido para dormir.

Ludovico é um homem normal, não é um personagem perfeito de romance, esses que se sentam no sofá para assistir alguma coisa ao lado da esposa, ou que surpreendem ao entrar no chuveiro, ou que ficam fazendo carinho, que pegam a mulher por trás enquanto ela cozinha. Então, à noite é o único momento que tenho para tocá-lo ou quando pede uma massagem nos pés cansados. Nosso sexo é muito bom. Antes de casar, eu tinha medo e curiosidade, mas ele atendeu as minhas necessidades. Ele foi meu primeiro homem e nunca haverá espaço para outro. Só queria que fizéssemos amor mais vezes, fazemos só na cama, duas noites por semana. Adoro quando ele deita sobre mim, adoro abraçá-lo nesse momento. Aos cinquenta e dois anos, ele me faz uma mulher amada e feliz.

Meu celular vibra, e eu o pego, desbloqueio a tela e leio a mensagem.

***Número Desconhecido:** Eu não achei que estivesse importunando. Você é muito gata.*

Um homem ou Kate fazendo uma pegadinha? Por essas e outras, Ludo a proibiu de vir aqui. Olho a próxima.

***Número Desconhecido:** Posso ligar para você? Se sua voz for tão linda como a dona, eu juro que me apaixono.*

***Número Desconhecido:** Por que não quer me responder? Eu estou sendo tão educado. Posso te ligar?*

Santo Jesus! Quem pode ser? Como esse cara descobriu meu número? Somente meus pais, Kate e meu marido o têm. Penso que talvez possa não ser Kate. Fico paralisada olhando para o celular. Tomo coragem e digito.

***Eu:** Por favor, você pode se identificar?*

Acabo de digitar e, antes que a tela bloqueie, ele já responde:

***Número Desconhecido:** Digamos que sou seu admirador secreto.*

Sinto-me culpada por ter dado um leve sorrisinho ao ler. Com certeza, é Kate.

***Eu:** Olá, admirador secreto. Eu sou casada. Continue secreto. Adeus.*

***Número Desconhecido:** E daí? Eu não sou ciumento.*

***Eu:** Gargalhando com sua piadinha atualíssima.*

***Número Desconhecido:** Deus! Quem hoje em dia fala “atualíssima”?*

***Eu:** Quer saber, vá catar coquinho. Estou cheia.*

***Número Desconhecido:** Hahahahahaha*

***Número Desconhecido:** A cada mensagem, acho que estou falando com minha avó. Catar coquinho? Por que não manda eu ir me foder?*

***Eu:** Já que você disse... então vai.*

***Número Desconhecido:** Eu até iria foder, se fosse com você! ;)*

Estou boquiaberta, desconcertada, morta de vergonha com o que acabei de ler. Eu não sou nenhuma inocente, eu conheço as coisas do mundo, mas ninguém nunca se dirigiu a mim dessa forma. Em que mundo estamos para um homem falar isso para uma mulher casada? Onde está o respeito?

Penso em bloquear o número, mas não sei como. Não estamos utilizando um aplicativo, ele está mandando as mensagens diretamente para o NACIONAIS - ACHERON

meu celular. Sem ter o que fazer, opto por desligar o aparelho. Já é tarde, preciso começar o almoço e não posso me distrair com esse tipo de coisa.

Começo a cozinhar e deixo de lado o contratempo que tive com esse idiota, mas decido apagar as mensagens. Ludovico nunca verifica meu celular, apesar de ser um pouco controlador, ele confia em mim, nunca dei motivos para desconfiar. Toda a atenção deve estar apenas no marido e na casa, afinal a esposa é a senhora do lar e qualquer coisa que possa desviar a atenção precisa ser banida.

Não tenho perfil em redes sociais, acho uma enorme perda de tempo. Na verdade, nem sou íntima de computador, uso só para pesquisar receitas e coisas sobre moda. Também evito assistir qualquer coisa que possa me viciar, como séries e

novelas. Não costumo ler muito, pois Ludovico disse que eu não devo perder tanto tempo lendo baboseiras de romances que nem existem, enchendo a minha cabeça de caraminholas.

Venho de uma família centenária, em que nunca houve um desvio qualquer nos casamentos, nada de divórcios ou traições, porque as mulheres da minha família foram ensinadas, desde cedo, a cuidar do casamento. Se minha família é machista? Lógico que não! Considero-a guardiã da moral e dos bons costumes.

Não farreei durante o colégio, nunca bebi nada alcoólico e não tive qualquer contato sexual antes do matrimônio. Nunca namorei e nem pensei nisso. Segundo meu pai, se uma mulher tem vários homens ou namorados, ela irá comparar quando, por fim, casar, o marido precisa ser o foco, a quem

dirige a atenção e, para isso, não pode conhecer o que outros homens têm a oferecer.

Eu conhecia Ludovico há um bom tempo, sempre fora amigo do meu pai, e, quando o coitado foi abandonado pela segunda vez, meu pai propôs dar uma de nós, as filhas dele, a ele para se casar, ele aceitou prontamente. Quando vieram me dar a notícia, não protestei. Apesar de ser bem mais velho que eu, é homem bom e traria uma bela união aos negócios da minha família. O que mais poderia querer? Um homem bonito e jovem que me trairia com um ano de casada?

Minha mãe sempre nos contou sobre como todos esses caras são traiçoeiros. Nenhum deles aceita gastar a beleza e juventude com uma única mulher. Então, cá estou eu: casada e vivendo muito bem, com um marido que nunca deixa faltar nada

dentro de casa. Ele pode não ser muito atencioso e carinhoso, mas eu o compreendo, pois passou por maus bocados em dois casamentos.

Volto a observar o telefone na bancada, e meu estômago revira. Preciso apagar as quatro novas mensagens, mas, bem no fundo, há a curiosidade. Olho para os lados como se alguém me observasse a fazer algo errado e abro-as para ler.

Número Desconhecido: E eu não vou pedir desculpas por insinuar que quero trepar com você, pois é a verdade. ;)

Meu coração falha por dois segundos, e eu levo a mão à boca, mais uma vez, mortificada. Que cara mais sem-vergonha! Olha o palavreado que usa.

Com certeza, deve ser um idiota sem estudos e formação. Homens direitos não tratam uma mulher assim. E ainda manda uma carinha piscando. Que ridículo! Passo o dedo e leio a próxima.

***Número Desconhecido:** Ah, qual é! Não me deixe no vácuo, gata.*

***Número Desconhecido:** Se você me deixasse te ligar, juro que não se arrependeria.*

***Número Desconhecido:** ???*

Tremendo de raiva, digito rápido, olhando no relógio e sabendo que Ludovico já está quase chegando.

Eu: Você pode, por favor, me respeitar? Tome vergonha na sua cara e pare de importunar uma pessoa de bem. Deixe-me em paz, pois sou casada e mostrarei essas mensagens para meu marido.

Passo a mão nos meus cabelos, trêmula, à espera de uma resposta que não chega. Guardo o celular no bolso do avental e começo a arrumar a mesa para o almoço. Ouço o barulho do carro e corro para deixar tudo como o meu marido gosta. Ele entra no momento em que o celular apita. Alcanço no bolso, silêncio o aparelho e voô para a sala.

— Oi, querido — cumprimento e já pego sua maleta e o terno. Ludovico caminha para o lavabo, e eu o sigo.

— Como foi o seu dia? — pergunto.

— Produtivo — ele responde enquanto joga água no rosto. — Ficou de conversa com Katherine?

Ele odeia a Kate, diz que é desbocada, moderna demais e troca de homem como troca de roupa. Ele já me proibiu de conversar com ela, assim como os meus pais. Hoje, Kate conversa comigo só por telefone. Ela é minha única amiga desde a minha adolescência, ela me compreende melhor que minhas irmãs, que estão mais preocupadas em ter um casamento promissor como o meu.

— Não. Eu levei a Pink para passear e fiz o almoço, o pato como me pediu. — Estendo a toalha para ele, Ludo a pega e sai do banheiro, corro para acompanhá-lo.

Ele termina de se enxugar e joga a toalha para mim. O celular vibra no avental, e eu engulo seco,
NACIONAIS - ACHERON

imaginando o que seria de mim se ele ao menos sonhasse com o que se passa. Ludo se senta na cabeceira da enorme mesa, e eu me apresso para servir o vinho, espero ele provar e, depois que ele assente, sirvo mais. Corto o pato, coloco uma porção no prato dele com arroz e salada à parte. Ludovico não gosta da salada misturada com o restante da comida.

Sirvo para mim e sento para comer.

— Ludo, querido, estou querendo ir hoje à casa da mamãe — anuncio. Ele limpa os lábios num guardanapo e bebe um gole de vinho.

— Estarei disponível sexta-feira, eu irei com você. — Ele é curto e grosso.

— Eu fico tão sozinha à tarde, queria visitá-la hoje, podemos ir de novo na sexta-feira.

— Hoje eu chegarei mais cedo. Fique aqui me esperando. — Ele volta a comer mostrando que o assunto está encerrado. Não insisto.

— O pato está bom? — Mastigo, achando muito suculento, mas quero opinião dele. Ele olha para mim.

— Sim, não como eu gosto, mas ficou bom.

— Eu nunca tinha feito assim. — Voltamos a nos calar enquanto comemos. Algo me incomoda desde a semana passada, um assunto que quero muito retomar, sei qual é a posição dele, mas eu, como esposa, preciso também ter minha opinião.

— Querido, eu pensei muito essa semana e hoje estou convencida de que meu tempo de ser mãe chegou.

— Já conversamos sobre isso, Olivia —
vocifera sem me olhar.

— Eu sei, você já tem filhos, mas eu ainda não.
— O rosto dele se levanta do prato e vejo algo
como ironia em seus olhos.

— Quer também um pedaço da torta?

— O quê? — pergunto sem entender, olhando
para a mesa, afinal não há torta aqui.

— Um herdeiro — ele fala com um sorriso
debochado. Fico entalada, não acredito que meu
marido disse isso, como se eu fosse uma
interesseira, eu sou a esposa dele.

— Como assim, Ludovico?

— É o que entendeu, Olivia. Já tem gente
demais brigando pelo que é meu. Por que deseje
NACIONAIS - ACHERON

tanto um filho meu? Por quê?

— Por que sou sua esposa. — Levanto o tom de voz, sinto minhas sobrancelhas arquearem.

— Uma esposa que deseja logo garantir um futuro. Eu fiz vasectomia e você sabe muito bem.

Já estou quase em lágrimas. Pisco de cabeça baixa para não chorar como uma patética. Então eu não terei minha família, meus filhos, como eu sempre sonhei? Sinto meu coração pular pesado, deixando-me tonta de agonia.

— Eu achei que você tinha guardado sua semente... em um banco de...

— Sim, guardei. — Ele ainda me encara arrogante. — Mas não é o momento de usar. — Eu assinto.

Estou devastada por dentro, totalmente humilhada e magoada, mas ele sabe o que precisa fazer. Talvez, realmente, não seja tempo de termos um filho.

Como todos os dias, Ludovico sobe após o almoço, eu lhe sirvo, no escritório, um café e o seu charuto. Ele termina de fumar e vai para o quarto, onde já preparei a cama para ele tirar um cochilo. Ludovico se joga na cama, apresso-me para tirá-lo os sapatos e preparo a roupa para ele trocar após a sesta.

Quando ele desperta, toma um banho, veste a roupa limpa e vai trabalhar. Eu o levo até a porta. Hoje, quando estava vendo o carro dele se afastar, olhei para a rua e notei um carro parado com uma pessoa dentro, observando-me. Tive um calafrio e entrei depressa, fechando a porta.

— Mãe, fiquei tão chateada com isso que ele me disse. — Estou agora, sentada no sofá, desabafando com minha mãe. Ela ouviu toda a história calada. Torço para ela ficar ao meu lado, mas o que ela pergunta é:

— Brigou com Ludovico?

— Não.

— Olivia, pelo amor de Deus, não vá se desentender com ele por causa de bobagens. — Minha mãe pronuncia suas palavras com aquele ar sofrido que ela sempre faz na tentativa de me deixar culpada.

— Não é bobagem, mãe. É um filho.

— Você precisa estar ao lado do seu marido e apoiá-lo. Você sabe o que ele passou com aquelas

outras duas miseráveis. Elas tomaram a guarda dos filhos, isso não se faz com um pai.

— É eu sei como ele sofreu. — Recordo momentaneamente o que Ludo me contou sobre as megeras, ex-esposas dele. Sobre como ele sofreu para conseguir a guarda dos filhos.

— Então já que sabe, pare de importuná-lo com isso. Ame seu marido mais que qualquer coisa, você nunca encontraria alguém melhor.

— Eu sei. — Solto o ar profundamente. Eu acho mesmo que o amo. Eu não sei exatamente o que uma pessoa que ama sente por outra, mas eu acho que é isso: gostar e querer bem. — Talvez, nós iremos aí na sexta-feira, mãe.

— Está bem, ligue-me antes, preciso preparar algo para Ludovico.

— Está bom. Um beijo. — Desligo e sento-me pesarosa no sofá.

Estou ainda segurando o celular quando recordo de algo e a curiosidade intensifica-se. Recosto-me nas almofadas, clico em mensagens e leio as três últimas.

Número Desconhecido: Gata, você é muito linda, um puta mulherão pra ficar enrolada com esse velho.

Fico rígida de vergonha e raiva. Quem ele acha que é para falar assim? Nem me conhece... Ou conhece? Pelo jeito, parece que até sabe sobre Ludovico.

***Número Desconhecido:** Eu tenho trinta e cinco anos e juro que daria uma canseira gostosa do caralho em você. Se eu tivesse uma chance, mostraria a você o que é foda de verdade.*

Começo a tossir engasgada, de olhos arregalados e sentindo coisas que não consigo explicar. Leio a mensagem mais uma vez, mais outra e mais outra e, conforme vou lendo, algo vai acontecendo. Sim, algo muito estranho para mim, começa entre minhas pernas. Sinto algo... bom? E, involuntariamente, esfrego uma perna na outra. Clico em excluir a mensagem.

***Número Desconhecido:** Não é falta de respeito.*

Eu só estou dizendo o que sinto: um tesão desgraçado por você.

Meu coração está acelerado, meu lábio dói por eu estar mordendo, e eu me acho uma idiota por estar sentindo isso por essas porcarias. Elogio é sempre bem-vindo, já que não costumo ter isso no dia a dia, mas isso já é falta de respeito. Decido responder.

***Eu:** Você já me viu? Onde?*

Olho atentamente para o celular, sentada no sofá, aguardando a resposta, tentando puxar em minha mente um candidato para ser esse tal

admirador. Quem será que me conhece, conhece meu marido e sabe meu número de celular? Os únicos homens que conheço e tenho algum contato são os dois filhos de Ludovico. A resposta logo aparece.

***Número Desconhecido:** Eu sou um admirador secreto. Não posso revelar meus meios.*

***Eu:** Tudo bem, você me viu e me achou bonita. Mas eu sou casada.*

***Número Desconhecido:** Casada e gostosa nível máster. Ah, se eu te pego...*

***Eu:** Vê se me erra, seu imbecil!!!*

***Eu:** Respeite-me..*

Respondo sentindo-me ultrajada com essas palavras. Que idiota, não consegue manter um diálogo saudável. Tenho vontade de tacar o celular longe.

Número Desconhecido: Tudo bem.
Reformulando: você é casada e muito bela. Queria fazer amor com você, mesmo sabendo que não iríamos fazer amor, seria tão gostoso, suando, gritando, nos batendo, você gozaria tanto que ficaria de pernas bambas.

Eu: PERVERTIDO!

Número Desconhecido: Calma. Eu também ficaria de pernas bambas. Direitos iguais entre homens e mulheres. Você é dessas que deixam um homem viciado.

Número Desconhecido: Eu sacrificaria meu pau, esfolando com muito gosto.

Eu: Você só sabe falar de sexo? Tem o quê? 13 anos?

A resposta demora um pouco e, quando recebo, não é uma frase abusada, é um aviso para visualizar uma imagem. Penso um pouco com o lábio preso nos dentes, abano a cabeça dissipando temores e clico, espero um segundo, a imagem preenche a tela e quase tenho um AVC quando a observo.

É um corpo. Corpo de homem.

A foto não mostra o rosto, só do queixo para baixo, está sem camisa e exhibe um conjunto de bíceps, peito e abdômen que só se vê em capas de revistas; ele é forte, moreno e muito viril. Estou embasbacada, olhando sem piscar e não consigo

entender por que estou maravilhosamente encantada se até uma hora atrás esse estereotipo de homem era banal no meu ponto de vista. Sigo os pelos do peito que descem formando uma linha e sumindo na calça. É uma calça chumbo, social. E esse arrepio que me tomou? Como explico? Outra mensagem chega, toco a tela e leio.

Número Desconhecido: Garotos de 13 anos não têm esse corpo.

Eu: Como saber se essa não é uma imagem da internet?

Fico à espera de um retorno. Após alguns minutos, chega outro aviso de imagem. Abro e, involuntariamente, sorrio ao ver o mesmo corpo,

agora segurando um papel na frente do peito escrito em letras fortes, masculinas, posso ver seu belo relógio e um anel com uma pedra azul no dedo.

“Olivia, almoce comigo.”

No instante em que outra notificação aparece, apresso-me para conferir.

***Número Desconhecido:** Pense no meu convite. Não precisa ser agora. Tenho que ir. O dever me chama.*

***Eu:** Trabalha em quê?*

***Número Desconhecido:** Saia comigo que eu te conto! ;)*

Se eu pensei na proposta? Claro! E também, logicamente, fiquei com a consciência pesada, me considerei uma safada pecadora, traidora, por ter cogitado. Eu sou casada e devo ser, acima de tudo, devotada ao meu marido. É por isso que muitos casamentos acabam, pois um dos lados deixa o demônio entrar em forma de tentação. Isso não acontecerá comigo.

Apago todas as mensagens, mas dou uma última olhada nas fotos antes de deletar. Esse homem só não esperava que eu já tivesse sido avisada: esses caras belos, de corpos esculturais, só querem se divertir, fazem de uma mulher um desafio e focam nisso. Eu não serei o desafio de ninguém.

OLIVIA

— Olá — cumprimento o homem uniformizado à minha porta que segura um belo vaso com uma flor azul.

— A senhora mora aqui? — ele pergunta.

— Sim.

— A senhora é a Olivia?

— Isso — respondo, achando tudo muito estranho.

— Assine aqui, por favor. É uma entrega.

Olho para a flor, para Pink ao meu lado e de volta para a flor. Com o peso da interrogação pairando sobre a minha cabeça, entro em casa, sento no sofá e analiso com cuidado o belo exemplar azul. Intrigada, abro o cartão.

“Se não quer ser admirada, pare de ser tão bela e tão gostosa.

*Obs.: é uma orquídea azul, linda e única como
você,
seu admirador secreto.”*

Ah, Céus! Eu acabo de ganhar uma flor? Nunca ganhei uma flor. Volto a admirá-la e releio o cartão, e de novo, sem querer aceitar que minha boca curve para o lado na insinuação de um sorriso.

Fiquei encantada, olhando como se fosse uma joia. Como não posso ostentar uma flor no meio da casa, ajeito o vaso entre as plantas do jardim no fundo. Fiquei ali de pé, contemplando-a, sem acreditar no acontecido. Esse tal admirador está levando mesmo isso a sério.

No dia seguinte, quando eu estava começando a achar que estava livre e que tudo não passara de um devaneio maluco, a realidade me atinge mais uma vez. Depois da tal orquídea ontem, ele se calou, nenhuma mensagem. Mas agora...

Número Desconhecido: Bom dia, bela Oly.

Balanço a cabeça inconformada. Ele novamente. Não me dou ao luxo de responder, ainda nem

NACIONAIS - ACHERON

peguei o jornal do Ludovico, e ele já está quase descendo. Coloco as xícaras na mesa e apresso-me; pego o jornal na porta e volto correndo, pois deixei o celular na cozinha; e se ele descesse e visse as mensagens? Ajeito o jornal na cabeceira da mesa, busco o restante das coisas do café e Ludovico desce.

— Bom dia, querido.

— Bom dia. — Ele se senta e eu lhe sirvo café.

— Estou com enxaqueca, traz um analgésico para mim.

— Claro. — Vou para cozinha, desligo o celular e pego o comprimido.

Eu não tomo café com Ludovico, pois é muito cedo. Não sinto fome a essa hora, mas fíco de prontidão caso ele precise de alguma coisa. Assim

que ele termina o café, eu o acompanho até a porta.

Ajudo-o a vestir o casaco e lhe entrego a valise.

— Estou com vontade de comer frutos do mar. Prepare para o almoço — ordena e caminha para a porta. Eu o sigo.

— Algum tipo específico? Não temos nada. Tenho que ir ao supermercado.

Ele para de andar, vira-se para mim estático.

— Hoje não é dia da faxineira vir?

— Não.

— Então, nada de frutos do mar. Faça o que tiver na geladeira. — Ele muda de ideia, vira as costas e entra no carro. Sei que Ludo odeia que eu vá sozinha ao supermercado, a faxineira que me

ajuda nas nossas compras. Eu faço a lista, Ludovico pega para aprovar, ele faz a conta e dá a quantia exata que temos que gastar. Minhas irmãs, de dezoito e vinte anos, ficam encantadas por esse gesto dele. Entretanto, eu fico com um desejo, bem no fundo, de sair, andar por aí sozinha, como qualquer outra dona de casa faria. Espero o carro se afastar e entro.

Mamãe sempre nos disse que uma mulher que se afasta dos deveres domésticos e matrimoniais acaba se perdendo. Vivemos em um país violento, pervertido e que não há mais moral, fico feliz por ter sido educada para ser uma exceção. Começo a tirar a mesa. Ajeito tudo na pia, lavo as louças sujas e limpo todo o rastro que deixei ao preparar o café.

Pego o jornal e levo para o andar de cima, devo colocá-lo no escritório para Ludo ler após o

almoço. Antes de deixá-lo sobre a cômoda, eu leio a notícia da primeira página.

*“ORFEU RECEBE PRÊMIO DE
QUALIDADE E COMPROMISSO
EMPRESARIAL”*

Já ouvi falar. Ouvi de Ludovico. Ele está em negócios com essa empresa e, há mais ou menos um mês, nós fomos a um evento patrocinado pela Orfeu. Não leio a matéria. Esse assunto não me interessa. Deixo o jornal sobre a mesa e saio, arrumo a cama e tiro a roupa suja do banheiro para mandar para a lavanderia.

Na cozinha, deixo Pink entrar, dou comida a ela e sento-me com uma xícara de café e o livro de
NACIONAIS - ACHERON

receitas. Como ontem foi ave, hoje não posso preparar algo parecido, meu marido não comeria, decido, então, fazer rosbife com legumes cozidos, procuro a página e releio a receita, pois ainda não sei atingir o ponto perfeito e, nesse momento, o celular desligado me chama a atenção.

Tentação, perdição, imoralidade.

Tudo isso vem à mente. Devia contar a Ludovico sobre esse atrevido que está me importunando. Cara mais chato... que me deixa curiosa. Por que a gente sempre é atraída pelo proibido? Ligo o celular morta de curiosidade e espero um pouco. Três mensagens não lidas. Meu coração acelera, e eu toco no ícone para ler.

Número Desconhecido: Essa noite, fiquei

sozinho na minha cama pensando em como seria gostoso segurar nos seus seios depois que fizéssemos sexo.

Olho para os lados completamente envergonhada, como se alguém estivesse me vigiando. Estou chocada. Por que segurar meus seios?

Número Desconhecido: *Olivia, converse comigo, deixe-me te ligar só para ouvir tua voz. Ou, se quiser, pode me mandar uma foto. Pode ser nude se quiser.*

Oi? Nude? Nude é uma cor. Do que esse cara

está falando?

***Eu:** Escuta, você poderia me deixar em paz?
Eu não vou sair com você, não vou mandar foto e
nem vamos falar ao telefone. Sou casada, tenho
certeza de que você pode encontrar muita mulher
bonita.*

Limpo minha mão suada no vestido, meus olhos
grudados na tela. O admirador parece sempre à
espera das mensagens, quase instantaneamente
recebo a resposta.

***Número Desconhecido:** Ah! Não faça isso,
gata. Desde que te vi, não tenho transado muito*

com Outras. Já são umas duas semanas sem me aliviar.

Eu: *Não tenho nada a ver com isso.*

Número Desconhecido: *Tem. Eu só fico com você na cabeça. Aceite sair comigo, me conhecer. Podemos almoçar e, se você gostar de mim, então faremos uma rápida visita a um hotel. Discricção será nosso lema.*

Eu: *Deixe de ser louco! Não sei nem mesmo seu nome e já quer sair comigo?*

Número Desconhecido: *Romeo, ao seu dispor.*

Eu: *Que previsível. Eu seria a Julieta?*

Número Desconhecido: *Não existe no mundo só o Romeu do Shakespeare. Existem outros caras chamados Romeo ou Romeu. Eu sou espanhol,*

Romeo com “o”.

Enquanto leio, reflito se esse seria mesmo o nome dele e se o tal Romeo teria sotaque espanhol. Minha mãe me contou que, certa vez, conheceu um pessoal italiano e que o sotaque era muito bonito, nunca conheci pessoas de outros países.

Como deve ser a voz dele? Será que aquele corpo é mesmo dele? E o nome? Sinto uma pequenina vontade de ouvir a voz dele. Só por curiosidade mesmo.

Pink começa a latir e só então lembro-me que não a levei para passear hoje. Que chato. Confiro o relógio e percebo que não dá mais tempo, daqui a pouco tenho que começar o almoço.

***Número Desconhecido:** Conte-me sobre você, Olivia. O que faz da vida?*

Volto a atenção ao celular assim que noto a nova mensagem, não penso em ignorar, não sei o que está dando em mim por estar dando corda a esse estranho.

***Eu:** Eu cuido da minha casa e do meu marido.*

***Número Desconhecido:** Sei. Mas o que você faz? Trabalha em quê? Gosta de fazer o quê?*

Olho ao redor da minha cozinha. Pink está revoltada por não ter ido passear, gira maluca, rosnando para o próprio rabo. Eu não trabalho fora, pois mulheres casadas não precisam disso, mas sou muito feliz aqui. Eu tenho um quarto de costura, passo bastante tempo cozinhando, pois temos

NACIONAIS - ACHERON

quatro refeições diárias. Também mantenho a casa impecável e... Eu não faço nada! Chego à conclusão com o coração pesado. Eu só trabalho como uma doméstica, como minha mãe me ensinou.

Número Desconhecido: Ir ao cinema, ler livros, que série você gosta de ver? Quais restaurantes você prefere?

Leio essa mensagem três vezes, não porque é de difícil compreensão, mas é que estou pasma em não ter como contestar. Qual o último livro que li? Iracema no ensino médio? Acho que foi. Resolvo usar uma pergunta como resposta.

***Eu:** Conte você, do que gosta?*

Ele não fica apreensivo e refuta imediatamente.

***Número Desconhecido:** Eu gosto de muitas coisas. Eu e meus irmãos temos gostos comuns por festas, filmes e séries de TV. Sempre que podemos, nos juntamos para ver uns episódios ou para sairmos juntos para curtir um sábado à noite.*

***Número Desconhecido:** Tbm curto demais músicas; Rock é meu estilo preferido. Sobre restaurantes, eu conheço por opção, porque eu curto demais cozinhar minha própria comida. E, por último, tem o voo, acho muito foda, parapente, paraquedas, planador, todo tipo de voo.*

Eu sei que ele é homem, possivelmente, solteiro e novo, e homens não tem necessidade de seguir regras, mas analisando a mensagem, fiquei com um pingo de inveja. Não inveja mesmo, mas um leve sentimento de perda. Eu jamais voarei, irei ao cinema ou assistirei a um show de rock. Não que eu queira, Deus me livre de estar em lugares como esses.

Levanto e chamo Pink para brincar na área externa. Nosso quintal é enorme, mas, desde que nos mudamos, a piscina é vazia. É triste saber que eu não tenho nenhuma paixão; não conheço músicas nem filmes nem atores estrangeiros, como muitas garotas por aí. Às vezes só a dedicação ao marido e a casa cansa, pois nem mesmo um filho eu tenho para transferir minha atenção.

Sento-me no banquinho do jardim enquanto minha única companhia se alivia nos arbustos. Ganhei Pink há um ano, Ludovico me deu antes de casarmos. Foi o primeiro e único gesto atencioso dele.

Número Desconhecido: Olivia? Ainda está aí?

Eu: Você não trabalha? Fica importunando quem trabalha. Adeus.

Será que fui muito grossa?

Número Desconhecido: É justamente isso que quero saber. Trabalha em quê?

***Eu:** Eu sou dona de casa.*

***Número Desconhecido:** Não é assalariada?*

***Eu:** Não. Meu marido me sustenta.*

***Número Desconhecido:** Por quê?*

***Eu:** Seria um insulto se eu trabalhasse, ele se sentiria impotente por não poder sustentar a própria família.*

***Número Desconhecido:** Caraca! Nem minha avó pensava assim. Na verdade, ela trabalhava de sol a sol na feira em Barcelona para ajudar meu avô na criação dos filhos.*

***Eu:** Sou uma pessoa refinada, Romeo.*

***Número Desconhecido:** Não sente vontade de*

trabalhar?

Eu: *Não.*

Número Desconhecido: *O que faz o dia todo?
Lê e assiste?*

Eu: *Eu tenho coisas mais importantes para
fazer do que ficar de pernas para o ar lendo. Não
sou uma desocupada.*

Número Desconhecido: *Gata, não deixe
ninguém dizer o que você deve ou não fazer. Você
perde a própria identidade quando passa a ser
controlada.*

Fico estática, analisando a mensagem. Como ele
pode saber coisas assim sobre mim? Eu não me
sinto controlada, na verdade, eu passei a vida desse

jeito, mas isso foi o que Kate sempre disse: Você se deixa controlar facilmente, Olivia. Acorde, amiga, chute o balde.

***Eu:** Por que fala isso? Não sabe nada da minha vida.*

***Número Desconhecido:** Sei o suficiente para garantir que não lê, não por escolha, mas porque outra pessoa impôs.*

***Eu:** Está enganado.*

***Número Desconhecido:** Será mesmo que estou? Você vai ao shopping sozinha comprar uma roupa bonita?*

***Eu:** Sou casada. Mulheres casadas não precisam sair sozinhas.*

Número Desconhecido: Aí que você se engana. Todo mundo precisa de um tempo para ir sozinho em algum lugar. Nem que seja a uma livraria, escolher um livro bacana e voltar para casa.

Não respondo. Esse cara está me dando sermão? Ele nem me conhece. Que droga! Já perdi a paciência, já estou até as tampas com isso. Sou uma tola de deixar um estranho vir querer apontar o dedo para minhas escolhas.

Isso que ele quer saber: são mesmo suas escolhas? — Isso é o que martela em minha consciência, como se debatesse comigo.

Número Desconhecido: Olivia, preciso ir, depois conversamos mais. Mas vou pedir que faça

uma coisa: fique na frente do espelho. Se você ver uma jovem mulher chamada Olivia, então está no caminho certo. Se ver a esposa de alguém, a filha de alguém, fique avisada de que alguém está tampando sua essência.

Há pessoas que têm o poder de mexer com a gente com simples palavras. A única que conseguia fazer isso era Kate. E agora esse homem que parece me conhecer melhor que meu pai e meu marido. Desligo o celular e volto para a cozinha para tomar um pouco de café e ver se esqueço essa conversa. Eu não posso dar liberdade para estranhos, decido não corresponder mais as mensagens dele.

Quando termino o almoço, subo para me trocar. Minha mãe sempre diz que não devo receber meu marido com a mesma roupa que cozinhei. Eu

sempre tenho que estar bela e perfeita para ele. Tomo um rápido banho, escolho um leve vestido florido e encosto no espelho para pentear meus cabelos e amarrá-los devidamente. E então, a mensagem do tal Romeo surge com força na minha mente.

Tenho vinte e três anos, mas, à minha frente, a imagem não é viva, radiante. Meu rosto parece cansado, as olheiras são evidentes. Amo meus cabelos, eles têm uma cor especial e são longos, mas, dificilmente, os deixo soltos. Ele falou que gostaria de tocar nos meus seios. Olho para meus seios sob o vestido. Por quê? Passo os olhos pelas minhas unhas bem cortadas sem esmaltes. No dedo anelar, a aliança. Olivia, mulher de Ludovico e filha de Antônio Gomes.

Sento-me na cama e analiso meu reflexo no

espelho até que a porta abre e Ludovico me olha intrigado.

— O que está acontecendo? — Observa-me com os olhos semicerrados. — Por que não colocou a mesa?

Arregalo os olhos. Merda! Esqueci, pensei demais. E ele chegou adiantado hoje. Ponho-me de pé instantaneamente.

— Oi, querido. Chegou cedo.

— Você precisa ficar sempre à disposição — ele reclama. Eu o ajudo a tirar o terno.

— Desculpe-me. Eu tive uma dor de cabeça. — Ele não fala nada, vai para o banheiro, e eu o sigo.

— Espero que não tenha ficado de papo com Katherine. Seu pai não gostaria de saber disso. —

Joga água no rosto, e eu espero ali, de pé na porta.
— Seria uma decepção para mim. — Ele termina de lavar o rosto e recebe a toalha que eu entrego.

— Não fiquei. Não conversei com ela — garanto e, em seguida, desço correndo para preparar a mesa.

Só quando Ludovico voltou para a empresa às duas da tarde que eu respirei aliviada. Agora, à tarde, eu posso deitar um pouco, assim que terminar de arrumar a cozinha. Alguém bate à porta, e eu vou atender achando que ele esqueceu a chave ou coisa assim. Mas deparo-me com um rapaz uniformizado.

— Bom dia. Senhora Olivia? — pergunta lendo um papel.

— Sim, sou eu.

— Tenho uma encomenda para a senhora. —
Fico gelada ao ouvir isso. Com a mão no peito,
encaro o pacote. — Assine aqui, por favor. —
Estende uma prancheta para mim e aponta uma
linha. Tremendo mais que casa velha em noite de
tempestade, eu assino. Ele me entrega uma caixa
com um bilhete preso. Agradeço, e ele se retira.

Fecho a porta e olho para a caixa vermelha,
sento-me no sofá e percorro a frente do cartão.

*“Descubra quem você é e faça disso um
propósito.”*

“Um amor para recordar”

Leio a frase, grafada com letras que já se
tornaram minhas conhecidas, três vezes. Abro o
cartão.

*“Fui a uma livraria e pedi a atendente para
indicar um livro leve que as mulheres apreciem.
Espero que você goste,
seu admirador secreto.”*

Sorrio, balançando a cabeça em negativa, até flagro-me prendendo a respiração enquanto contemplo o bilhete. A última vez que ganhei um presente, foi no meu casamento, um ano atrás. É uma sensação maravilhosa ganhar alguma coisa. Passo os dedos pela bela caixa, abro e deparo-me com um livro. Cheia de suspense, com o coração batendo descompassado no peito, aprecio. “Um Amor Para Recordar.” Acaricio a capa, folheio um pouco sem graça, levo ao nariz e aspiro.

— Obrigada — sussurro como se ele estivesse aqui perto para ouvir.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

OLIVIA

***Número Desconhecido:** O que você faria se descobrisse que seu marido a trai?*

***Eu:** Ficou louco? Ludo é um santo.*

Estou horrorizada lendo essa ousadia. Só porque ele me deu um livro, acha que pode vir insinuar coisas? Por que Ludovico me trairia se sou uma jovem mulher?

***Número Desconhecido:** Ele pode ser um santo. Mas o que você faria se descobrisse?*

***Eu:** Se isso acontecesse, a culpa seria minha. A mulher deve manter o marido com os olhos exclusivamente para ela. É dever dela preservar o casamento.*

***Número Desconhecido:** Está dizendo que as sacanagens dos caras são culpa da esposa?*

***Eu:** Estou dizendo que a mulher tem o dever de manter o marido sempre feliz no lar. Se ele procurar fora, ela não soube deixá-lo feliz.*

***Número Desconhecido:** Cara, eu não sei se trepo com você ou se a levo a um grupo de apoio a mulheres que não saíram do século XIX.*

Observo atentamente suas palavras. Deus! Vou para o inferno, estou me tornando uma prevaricadora em pensamento por causa desse
NACIONAIS - ACHERON

estranho obsceno. *Você não está gostando disso, Olivia. Não é certo. Repreenda.* Repito várias vezes, como um mantra, antes de responder o mais seca possível.

***Eu:** Dispensó suas críticas.*

Desde que ele começou a me importunar com essas mensagens, só sabe criticar a minha maneira de viver, essa foi a ideologia que eu aprendi.

***Número Desconhecido:** Tudo bem. Não está mais aqui quem sugeriu alguma coisa. Está gostando do livro?*

Atento para o livro na mesa da cozinha. Comecei a ler e parece bom. Ontem, me deixou envolvida com a leitura, quase esqueci que Ludovico estava prestes a chegar, e eu precisava preparar algo para ele comer. Ele sempre come algo leve quando chega da empresa e, às oito da noite, o jantar precisa estar pronto. Ludovico não come comida requentada e, portanto, passo grande parte do meu dia na cozinha, vou ler um pouco antes de começar o almoço.

***Eu:** Sim, estou gostando. Obrigada.*

***Número Desconhecido:** Eu vou deixar você terminar de ler. Tenho uma reunião agora. Posso te ligar mais tarde?*

***Eu:** Não acho uma boa ideia.*

Número Desconhecido: *Por que não? Você já sabe meu nome.*

Eu: *Mas, pelo que consta, você me conhece e eu não o conheço. Como e de onde me conhece?*

Número Desconhecido: *Deixa eu ligar que eu conto.*

Eu: *Por que pede minha permissão para me ligar? Pelo jeito, você não parece desses que precisa do consentimento de alguém para agir.*

Número Desconhecido: *Gata, ninguém nunca lhe disse que é feio ignorar as escolhas e opiniões de outras pessoas?*

Eu: *Sim, eu sei disso.*

Número Desconhecido: *Não parece. Você parece uma pessoa dominada.*

***Eu:** Eu tenho opiniões e escolhas.*

***Número Desconhecido:** Pode tentar me enganar. Depois, sente-se e olhe a sua volta. Tem mesmo escolhas e opiniões próprias? Falamos mais tarde, Oly. Saiba que sempre penso em você. Queria muito ficar com você, ao menos um dia.*

Apago as mensagens, deixo o celular de lado e pego o livro sem querer pensar no que ele acabou de escrever.

— Claro que eu tenho escolhas na vida — digo para mim mesma com o olhar pregado no livro, mas sem ler nada. — É claro que tenho.

Eu nunca pude sair com minhas amigas de colégio. Não pude dar minha opinião acerca do casamento, não pude fazer a faculdade que eu
NACIONAIS - ACHERON

queria. Fecho o livro e olho para Pink que me fita interessada. Meus olhos estão arregalados por causa da epifania que acabei de ter, foi como uma luz que abriu minha mente para a realidade.

Esse cara me conhece muito. Ele está certo, não tenho escolhas ou opiniões próprias. Desde que casei, nunca comemos algo no almoço que eu queira cozinhar, Ludovico sempre diz o que devo fazer. Eu não escolho se devemos sair ou ficar em casa; não escolho se hoje vamos fazer amor ou se eu não estou disposta. É sempre quando ele quer.

Não pude escolher nada da casa, móveis ou qualquer outra coisa, nem mesmo posso escolher se vou ou não engravidar. Sabe quando algo terrível acontece e a gente não consegue ficar sentada? Sou eu nesse momento. Levantei, deixei o livro ali e sai meio sem ar, corri para a área externa, fui ao jardim

e respirei rápido.

Minha vida será assim por mais quanto tempo? Onde está a sensação maravilhosa que minha mãe sempre relatou ter conseguido com o casamento? E onde está a sensação tranquila que eu tinha há pouco tempo, antes desse sujeito começar a me atentar? Tudo culpa desse cretino!

— Pois é, Pink, nunca deixe um estranho colocar caraminholas na sua cabeça — falo com a cadela, acariciando o pelo dela. Eu não devia deixar ele me intrigar dessa forma, em contraparte, foi o único que me falou a verdade, com exceção de Kate, claro.

— O que você faria, Pink? O que faria se estivesse sendo traída?

— Eu contaria para minha mãe? Ou exigiria

divórcio? — Pondero um pouco e chego à conclusão. — Acho que os dois. — Não sei se teria uma reconciliação.

— Mas e se eu o traísse? — indago para a cadela e para mim mesma. Se eu caísse na lábia do estranho e traísse meu marido? O que aconteceria? Teria eu sangue frio para esconder e fingir que nada aconteceu? Ou contaria para ele, aceitaria o divórcio e voltaria para a casa dos meus pais?

Eu não sei se meu pai me aceitaria de volta se algo assim acontecesse. Acho que eu seria exonerada do cargo de filha e jogada na rua da amargura. Meu pai leva muito a sério a ética, moral e bons costumes. Nunca posso pensar em arriscar minha vida por algo duvidoso.

Levanto-me assim que ouço o portão abrir. Olho

NACIONAIS - ACHERON

pelo corredor lateral ladeado de árvores altas e vejo o senhor Nelson empurrando o carrinho de jardinagem. Aceno para ele e volto para a casa. Já levei Pink para passear, já tomei café e arrumei a cozinha. É hora de começar o almoço e deixar esses pensamentos ridículos de lado. Por que eu cheguei a cogitar uma possível traição? Eu não quero outro homem, o meu já me satisfaz muito bem.



Meio-dia, quando Ludovico abriu a porta, eu já estava com tudo pronto. Peguei a torta que havia deixado na janela da cozinha para esfriar, coloquei-a na mesa e corri para auxiliar Ludo, como sempre faço. Espero ele provar a torta, fico de dedos cruzados vendo-o comer.

— E então, querido? Ficou como você gosta? —

indago doida por um elogio. Minha mãe disse que, quando o marido elogia a comida da esposa, é porque ela já está no caminho certo, agradando-o.

— O tempero está bom. Você precisa melhorar a massa da torta, está ressecada. — Assinto com um gesto de cabeça, anotando a crítica em pensamento e me sento para comer. Pra mim, está deliciosa. Fiz bem cronometrada, fiquei sentada em frente ao forno para não deixar passar do ponto. — Tenho um evento daqui a uns dias. — ele comenta, mastiga e bebe vinho. — Você vai comigo — anuncia.

— Que bom. O que devo vestir?

— Nada que se pareça com aquelas vadias que sempre acompanham os homens. Você é casada e precisa mostrar isso.

— Lógico. Não quero passar uma impressão errada. Onde será?

— Na recepção da Orfeu. Preciso impressionar os babacas.

Lembro da manchete que li no jornal e, apesar de isso não me interessar, eu quero puxar assunto para dialogar com ele, coisa que dificilmente fazemos.

— A tal empresa que você quer sociedade?

— Isso. Eles estão quase no papo. Vou pedir minha secretaria para escolher alguma coisa descente e mandar para você usar no dia — Ludovico avisa sem olhar para mim ou perguntar se eu quero que alguém escolha minha roupa.

— Eu poderia ir com minha mãe escolher —

sussurro.

— Não estou falando de festinha, Olivia. —
Ludo fita-me sério e me aponta o garfo. — Esse
será O Evento. Então, lembre-se das três regrinhas
e tudo ficará bem para mim.

Balanço a cabeça concordando. Recordo muito
bem as três regrinhas ditadas desde quando eu era
solteira, meu pai fazia eu e minhas irmãs decorá-
las. Nós, mulheres, teríamos que ajudá-lo e agora,
como esposa, eu preciso ajudar Ludovico.

Surda/muda...

Cooperativa...

Disposta...

Ou seja, nessas festas, não podíamos opinar e
precisaríamos fingir que não estávamos ouvindo
NACIONAIS - ACHERON

nada. Tínhamos que cooperar sempre com o pai ou marido e ajudá-lo na noite, é uma festa para cavalheiros. E, por fim, disposta a qualquer coisa. Ficar de pé o tempo necessário e mostrar-se bela e sorridente.

Assim que ele termina o almoço, levanto e vou pegar as sobremesas. Fiz um pudim comum, não tive tempo de elaborar nada especial. A torta tomou muito do meu tempo. Estou pegando as tigelas de sobremesas quando Ludovico entra na cozinha, ele quase nunca entra aqui.

— Dispenso a sobremesa — ele fala e vai pegar água na geladeira. Eu fico parada, engolindo seco, morta de medo de o celular apitar em cima da bancada. — Leve um café para mim no escritório — ordena, deixa o copo ali e, quando vai saindo, sua atenção volta-se para o livro em cima da mesa.

Ai, senhor! Acabei esquecendo. Um calafrio me toma e sinto um leve mal-estar. — O que é isso? — Ludovico pega o livro, lê o título e o coloca na minha cara. — O que é isso, Olivia? — com a voz alterada, indaga.

— Ah... é um romance...

— Katherine? — questiona, querendo saber se foi Kate que me emprestou.

— Sim. — Minto rápido. Espero que ele não veja a mentira nos meus olhos e, por isso, eu baixo. Ele parece mais frio que o normal, olha-me com duas pedras de gelo nos olhos.

— Quero que devolva. Sabe que isso é uma porcaria que envenena a mente das mulheres.

— É só um romance, Ludo, — protesto de

mansinho — é bem leve e inocente.

— Mulher casada não precisa disso aqui — grita, e eu afasto-me. — Isso é coisa de perda que se dá ao desfrute. Livre-se disso. É uma ordem.

— Claro. — Em um balançar de cabeça, ele demonstra desgosto e raiva.

— Estava até pensando em lhe dar uma noite de amor hoje, Olivia. Mas você me decepcionou. — Ele se vira e sai. Fico completamente aflita; desesperada, com medo de que ele conte para minha família. Corro atrás dele.

— Ludo, querido, por favor, não fique assim... — Ele se volta e me olha quase em um tom cruel. Dou um passo para trás. — Eu fico tão sozinha o dia todo... é só um livro — tento explicar.

— E ainda tenta defender seu erro? — Os olhos dele crescem neuroticamente. — O que acha que seu pai pensaria sobre isso?

— Tudo bem. Prometo que não vou mais ler essas coisas.

— Eu quero ações, Olivia. Nenhum homem se sente bem com a mulher lendo essas coisas que vão deixá-la pensando bobagens; conserte isso antes que eu tenha que tomar alguma providência.

— Tudo bem. Vou consertar. Por favor, não conte para o papai.

— Dessa vez, eu darei um crédito. — Ele dá as costas e vai em direção à escada. Eu solto o ar em um exalar profundo; nada de alívio. É algo dolorido. Tão dolorido que eu me sento.

Isso é o quê? Vontade de chorar? Sim... É uma vontade insuportável de me acabar em lágrimas. O choro está entalado na minha garganta. Corro para o banheiro, tranco a porta e abaixo-me com o rosto em uma toalha enquanto choro copiosamente.

Por que só agora eu consigo ver que minhas opiniões e gostos são abafados pelo meu marido? Desde quando ele é assim, autoritário e controlador? Ou melhor, desde quando eu sou um fantoche? Acho que desde sempre.

Eu nunca conheci uma garota que apanhava do pai, mas eu e minhas irmãs sempre éramos surradas se algo não saísse ao gosto do meu pai. Sem falar que ele sempre jogou na nossa cara que Deus o tinha punido por não ter dado três filhos homens.

Que problema pode ter em ler um simples livro?
Em assistir uma novela ou ter um perfil em alguma
NACIONAIS - ACHERON

rede social? Ele não confia em mim? Não sou mais uma criança, eu sei separar o que é fantasia do mundo real. Lembro que Ludovico pediu um café, levanto rápido, vou para a pia e começo a jogar bastante água no meu rosto. Evito olhar o espelho e ver minha decadência. Minha juventude parece estar sendo sugada mais e mais a cada dia. Preparo o café e levo para ele. Ludovico está no escritório falando ao celular. Deixo o café na mesa e ouço-o dizer:

— Magno, meu negócio é com seu irmão — ele faz uma pausa e olha para mim. — Traga um charuto — pede e volta a falar. — Não. Não precisa de vocês três. Ele já sabe dos esquemas.

Corro, pego o estojo de charutos e o isqueiro. Corto a ponta do charuto, entrego a Ludovico e acendo o charuto na boca dele. Ele faz sinal para eu

sair.

— Você pode passar a ligação para seu irmão?
— pergunta com certo toque de raiva na voz.

Assim que eu saio, preciso ficar de prontidão. Ludovico deixa o escritório e sempre vai dormir um pouco. Tudo tem que estar preparado. A temperatura do ar, os lençóis na cama e a roupa limpa que ele vai usar para voltar à tarde.

Quando ele sai, duas da tarde, olha-me feio, como se fosse um aviso. Entra no carro, e eu desabo no sofá completamente exausta. Lá se vai a leitura do livro, vou ter que jogar fora, pois não é da Kate e nem tenho como devolver ao admirador. Falando nele, pego o celular e olho. Há três mensagens não lidas. Toco em uma. É uma foto. Clico em abrir: uma peça de carne assada fumegante em cima de uma tábua para churrasco

NACIONAIS - ACHERON

surge na tela. Ele conseguiu, com uma foto de comida, arrancar um leve sorriso dos meus lábios. Leio as próximas mensagens.

***Número Desconhecido:** Hoje eu estava com vontade de comer duas coisas... Uma eu acabei de preparar: carne assada. A outra, não sei quando vou conseguir: VOCÊ! ;)*

Sorrio sem nem ligar mais para o teor sexual subtendido na mensagem.

***Número Desconhecido:** Eu decidi. Quero falar com você. Se aceitar, me mande um sinal, estarei esperando.*

Observo a tela do celular sem sorrir. Hoje foi um dia conturbado emocionalmente para mim. Por minha culpa, meu marido ficou chateado comigo, mas, de alguma forma bem esquisita, eu não consegui me sentir responsabilizada. Ele me acusou, mas não sei se o que fiz foi algo tão duro.

Eu poderia tentar ganhar a confiança de Ludovico, contando sobre esse admirador. Eu poderia ignorar essas mensagens até esse cara me deixar em paz. Eu poderia, mais uma vez, xingá-lo ou até insultá-lo. Mas o que fiz foi totalmente diferente, nem pesei as consequências, apenas cliquei no número e toquei na opção chamar.

Agora a culpa seria minha se algo acontecesse, já que eu estou ligando, estou tomando a iniciativa, dando brecha. Não sei se já ouviram dizer em pegar

problemas com as próprias mãos, minha mãe sempre falou sobre isso, as provações da vida são dadas por Deus, mas nós, em nossa fraqueza carnal, podemos fazer coisas ilícitas, pegando as aflições com a própria mão. Desligo no primeiro toque. Sei que ele vai retornar.

Levanto e tranco a porta, olho as janelas laterais, a cozinha e a sala. Meu coração está acelerado, minhas mãos trêmulas e minha garganta seca, meu estômago parece um redemoinho louco. Corro para o andar de cima, o celular já começa a tocar. Observo no visor, é o número dele. Olho o quarto, fecho a porta do escritório e volto para a escada, sentando-me no degrau. Atendo o celular.

— Olivia? — É uma voz grossa. Meu nome dito por essa voz rouca e sexy tem o poder de me fazer arrepiar dos pés à cabeça. Estou com respiração

presa e olhos fechados.

— Oi — respondo. — Sou eu. — Nem noto, mas minha voz é só um sussurro. Estou amedrontada e fascinada ao mesmo tempo.

ROMEO

Cinco anos antes...

Parado na porta de entrada do escritório da enorme mansão que nasci e cresci, observo a movimentação no lado de dentro. A maioria não passa de abutre. Primos que eu nem ouvia falar, amigos que, de repente, eram melhores amigos, tios e tias vestidos de preto com olhares tristonhos. Eles, cada um deles, querem estar aqui, estão afoitos, estão torcendo, estão querendo uma fatia da enorme torta que meu pai deixou quando faleceu semana passada. Mas aqui é o último lugar que eu gostaria de estar.

Passeio os olhos pelo local, os dois advogados preparam os documentos na mesa. Há uma TV enorme onde, provavelmente, vai ser exibido algum vídeo que meu pai deixou. Encontro, em um lado afastado, Lorenzo, que olha para fora, provavelmente, para o jardim. Está de costas para o pessoal e mantém as duas mãos nos bolsos, noto como seu rosto está ilegível. Lorenzo foi praticamente arrastado para cá à força, ele mal compareceu ao funeral dos nossos pais.

Do outro lado, conversando com meu primo, está Magno. Assim como Lorenzo, ele não parece nada satisfeito. Na verdade, nenhum de nós três está satisfeito. Só depois de morto, meu pai se lembrou que tem três filhos. E, justamente, os três únicos herdeiros legais são os que menos desejam se relacionar com seus negócios.

O advogado avisa que vai começar a leitura do testamento, e eu entro no enorme escritório. Lorenzo sai da janela, e, junto com Magno, ocupamos as três cadeiras da frente.



— Por que você quer incluir essa merda na lista de aquisições? — Ouço a voz de Magno, já furioso com Lorenzo. Meus irmãos brigarem nem é surpresa pra ninguém. Nem levanto a cabeça para vê-los discutindo. Estou concentrado, terminando de ler um relatório que preciso assinar.

— Desde quando precisamos dar explicações, Magno? — Essa é a voz indignada de Lorenzo. — Vá pra porra, cara. Quando era seu clubinho de putaria, eu não me impus.

— Estamos em um momento delicado, Lorenzo.

As cinco empresas que serão adquiridas pelo nosso grupo já foram escolhidas. — Ouço um toque na minha mesa, chamando minha atenção — Fale com ele, Romeo.

Levanto os olhos em um gesto rápido e encaro os dois do outro lado da mesa, sentados nas poltronas. Resolveram discutir na minha sala.

— O cara pirou aqui. — Magno, com seu poder de persuasão, começar a se defender. — Lorenzo está tentando incluir uma empresa falida de roupas femininas. Já ouviu isso? — As sobrancelhas de Magno sobem até o limite.

— Roupas femininas? — Estendo a mão, e ele me entrega o dossiê. Olho de relance para Lorenzo, nosso caçula, e ele está aparentemente nervoso e fita-me com um pinga de receio.

— É uma empresa de família, está com sérios problemas financeiros, mas ainda não faliu. Está na família há quase cinquenta anos e é sinônimo de elegância na alta sociedade. — Lorenzo tenta vender o peixe, e eu nem abro a pasta.

— Leve na AMB ^[1] e veja o que eles acham. — Devolvo a pasta e Lorenzo dá uma sutil olhada de Vitória para Magno.

— Que droga é essa, Romeo? Uma marca feminina? — Magno vocifera já com veias saltadas no pescoço.

— É tendência — Lorenzo interfere, defendendo seu projeto.

— Tendência de cu é rola. — E esse é o linguajar de Magno, o elegante e respeitado vice-presidente da empresa.

— Magno, você sabe que a Orfeu faz fusão ou adquire qualquer tipo de empresa — intercedo. — Desde que nos dê lucro. Por isso, precisa do parecer do pessoal da AMB. — Essa é minha opinião.

— Você leu ao menos? — Magno toma a pasta de Lorenzo e me entrega de novo. — É da família Velasco. Acha que isso não tem nada a ver?

Semicerro os olhos para Lorenzo e ele coça os olhos, despistando. Abro a pasta e, quando vejo o nome Mademoiselle, estremeço.

— Trazendo assunto pessoal para nossa empresa, Lorenzo?

— Cara, vai nos dar lucro. — Ele bate as mãos nas pernas. — Eu nunca pedi nada. O que custa? — Agora está quase implorando. Não quero ver meu irmão fodido novamente por causa desse povo.

Lorenzo não teve um passado agradável com os Velasco, acho que ele está vendo uma brecha para vingança. Balanço a cabeça negando.

— Por enquanto, está negado. — Dou o veredito, fazendo Magno recostar aliviado e Lorenzo levantar bruscamente, quase derrubando a cadeira. — É para seu bem e o da empresa. — Tento acalmá-lo.

— Vai tomar no cu. Vão se danar, os dois. — Ele sai da minha sala batendo a porta, como sempre fez na vida, desde os treze anos.

— Você sempre me colocando como trincheira — resmungo para Magno enquanto ele pega um charuto. Volto a me concentrar no papel.

— Você sabe que estamos fazendo pelo bem dele — ele alega, e eu ergo o braço, tomando o

charuto dele.

— Não sei de nada. Agora, suma da minha frente, vá fumar em outro lugar, tenho coisas para fazer.

— E você? Ainda cercando a mulher dos outros? — Olho para frente e Magno ainda está sentado, sem nem fazer questão de ir embora. Esguio, elegante, uma calma aristocrática nos olhos misturada com uma constante ponta de sarcasmo, sempre com a imponência que herdou do meu avô.

— Estou disposto a salvá-la daquela vida infeliz.

— E, de quebra, ainda come a gata, né, safado?

— Não enche, cara. Não sou como você.

— Vai me dizer que não está doido para fazer
NACIONAIS - ACHERON

dela um estojo de pica? — Ele dá um sorriso perverso que me deixa puto.

— Vá se lascar, Magno! — rosno já revoltado.

Eu até riria do palavreado escroto do meu irmão se ele estivesse se referindo a outra pessoa, mas a Olivia é diferente, não merece esse tipo de palavras. Quer dizer, eu falo umas putarias com ela de vez em quando, mas não quero ouvir outro falar. Nem mesmo meu irmão. Já não basta eu ter que dormir todas as noites sabendo que aquele “mela cueca” do Ludovico está colocando suas mãos de merda nela.

— Eu entendo muito bem de capturar qualquer boceta. Fale comigo se precisar de ajuda. — Isso eu sei. Magno é especialista. Ele já conseguiu muita mulher impossível para mim. Creio eu, que ele usa suas técnicas militares para ir à caça

— O caso dela é mais grave do que eu poderia ter imaginado — reflito. — Ela foi ensinada pelos pais a ser uma ovelhinha obediente e agora é como uma escrava para o marido.

— Então, não é qualquer conquista?

— Não. Não se trata mais do que eu quero. Se trata de libertar aquela pobre jovem. Acredita que nem e-mail ela pode ter?

— Interessante. Pode ser que ela nunca tenha tido um orgasmo. Pessoas assim são ensinadas a não se manifestarem na cama. Deve ser boa de comer.

Enquanto Magno fala, eu penso no dia que a vi. Minha política de relacionamento sempre foi como a de qualquer solteiro abastado. Eu pegava quem me interessava, se gostasse do sexo, passava mais

tempo com aquela mulher e depois terminava amigavelmente.

Nunca achei que, aos 35 anos, eu poderia me deparar com uma mulher que fizesse meu coração saltar acelerado. Não era apenas gostosa, era linda, como um conjunto completo. Mesmo com aquela roupa recatada e os cabelos presos, ela me deixou de boca aberta e pau duro a festa toda, mas minha animação durou pouco, até eu saber com quem ela estava.

Ludovico. E, novamente, aquele velho em meu caminho. E o pior é que ele nem parece se lembrar. Ou melhor, por causa dos negócios, ele finge esquecer o passado, como ele ferrou comigo.

Depois daquela noite, contratei um detetive, queria saber tudo sobre ela. Fiquei horas sentado, tentando arrumar meus pensamentos. O relatório

NACIONAIS - ACHERON

que eu tinha em mãos denunciava uma mulher mais que submissa, uma mulher tratada como uma máquina. Ela não trabalha fora, nem estuda e nem sai de casa sozinha. Não existe registro de que ela tenha comprado um livro ou um sapato, não há nada sobre ela na internet e nenhum contato com vizinhos.

Desde então, minha necessidade de mostrar um mundo diferente a ela tem crescido cada vez mais, ao ponto da obsessão. Eu nunca me importei com a vida alheia, principalmente, das mulheres que me interessam. Mas Olivia não me interessa apenas sexualmente, eu preciso mostrar a ela a vida de uma pessoa de vinte e três anos.

O celular toca na mesa. Acordo do devaneio e, quando pego, ele para de tocar. Vejo uma ligação perdida. Quando observo o número quase caio para

trás. Levanto-me num salto.

— Dê o fora — rosno para Magno. — Ligação importante. — Ele se levanta e ajeita o terno.

— É a tal? — indaga curioso.

— Sim, é ela. Vamos, saia rápido. — Empurro-o em direção à porta. Ele ri, mexendo os ombros e caminha para fora da sala. Corro até meu secretário.

— Sem interrupção até segunda ordem.

— Sim, senhor — assente prestativo, e eu volto, fechando a porta atrás de mim. Pego o celular e toco no número para retornar a ligação.

Não consigo nem sentar tamanha minha ansiedade. Forte para caralho. Afrouxo a gravata, passo as mãos nos cabelos e o celular continua
NACIONAIS - ACHERON

chamando. Por que ela decidiu falar comigo? Pergunto-me, mas acho que isso nem importa, afinal vou ouvir a voz de Olivia pela primeira vez. No terceiro toque, ela atende, mas não fala nada. Eu recosto o quadril na mesa.

— Olivia? — indago já com as batidas do coração ecoando nos ouvidos. Há uma pausa, mas posso ouvir a respiração. E então, com a voz meio trêmula, quase um sussurro fraco, ela diz:

— Oi. Sou eu. — Dou um sorriso de vencedor.

— Oi, Oly, sabia que sua voz era tão bela quanto você?

— Obrigada — sussurra. — A sua também é bonita.

— Nem acredito que você aceitou falar comigo.

Algum motivo? — Não obtenho resposta.

— Eu... Desculpa... É tão estranho, preciso desligar.

— Não — grito — Espere. Não desligue, não.
— Noto que ela está muito nervosa, a respiração bem pesada, preciso ganhar a confiança dela. — Vou falar de mim, tudo bem? Você apenas ouve.

— Sim. — Sento-me na minha cadeira executiva.

— Eu me chamo Romeo. Com quinze anos, vim para o Brasil. Somos de Barcelona, Espanha.

— Você... tem sotaque — constata em um fio de voz. Parece com medo de falar.

— É, eu tenho. Gosta do meu sotaque?

— S... sim. — Ela está arredia, como um animalzinho acuado.

— Eu tenho certeza de que não será apenas o sotaque que vai agradar. — Confiança é a primeira coisa que um homem precisa ter. Se ela está toda medrosa e em dúvida, eu devo passar minha autoestima para ela. — Estou bem ansioso para poder ver você pessoalmente.

— E... eu... não... isso não será possível...
Romeo — balbucia gaguejando muito.

— Por que não?

— Eu sou casada. Eu estou sempre na minha casa, eu não posso sair e... — Agora ela falou bem rápido e parou bruscamente. — Onde você me viu? — pergunta em seguida.

— Em um evento com seu marido. Há mais ou menos um mês. Você foi a mulher mais bonita que vi em anos. Seu vestido azul poderia ser descrito como conservador, mas eu achei muito sexy. Um homem gosta de imaginar e fantasiar o que tem por baixo da roupa de uma bela mulher. Você me provocou a noite toda.

— Lembra da minha roupa? — Ela está nitidamente perplexa.

— Que espécie de admirador secreto eu seria se não lembrasse? — Posso ouvir o leve riso dela. Isso me dá ânimo para continuar. — Vou falar mais, tudo bem?

— Sim.

— Eu sei que você é casada. E sei também que nunca namorou. Mas podemos começar sendo

amigos. Converse comigo, pode perguntar o que quiser. Está em suas mãos descobrir novas sensações. — Faz-se uma pausa. Mantenho-me paciente, sei que ela não desligou, ainda ouço a respiração.

— Você... é casado?

— Não. Nem tenho namorada. Vou fazer trinta e seis anos e não vou mentir, sou bem rodado. Já namorei muito na vida. — Ela fica calada. Nenhum comentário. — Mas isso é de qualquer homem. E qualquer mulher também tem o direito de experimentar novos rumos. Uma mulher não precisa, estritamente, ter apenas um homem em sua vida. Ela pode namorar, conhecer pessoas legais, não necessariamente transar sem limites, mas conhecer a si própria.

— Isso é errado. Se uma mulher passa por

NACIONAIS - ACHERON

vários homens, quando ela se casar, vai ter comparações, o marido deve ser o único foco dela.

— Vá por mim, gata, se ela amar o marido, não haverá necessidade de comparações. Nós, humanos, não comparamos quem amamos. — Mais uma vez: calada. Sem resposta. — Nunca tinha pensado nisso, não é? Pois pense, Olivia.

— Você sempre tem uma boa resposta para tudo — ela constata.

— Você também pode ter. Basta ter uma opinião própria. Já parou para pensar que tudo que você acredita pode ter sido ensinado como regra ao longo de sua formação?

— Eu... por favor, não quero que me ligue mais nem mande mensagens.

— Olivia...

— Não quero. — Há aflição na sua voz. — Eu não quero me perder. Não quero um estranho tentando fazer minha cabeça. Isso é errado. Eu sou casada, eu amo meu marido, sou feliz e não quero destruir minha felicidade. Adeus... Romeo.

E *clic*. Desligou.

Não vou ligar de novo. Percebi que ela fica nervosa ao ser pressionada. Darei um tempo para ela pensar na nossa conversa. Mas desistir? Não mesmo. Olivia não é um caso perdido. Não para mim. Vou retomar do início mais tarde, usando as mensagens para me aproximar mais dela. Enquanto isso, preciso saber mais, agora sobre a vida de Ludovico. Quanto mais eu souber, mais eu vou ter munção contra aquele filho da puta.

Pego meu celular, olho um número na lista e toco em chamar.

— Olá, aqui é Romeo Lafaiette. Preciso de uma encomenda para ser entregue nesse momento.

— Claro que sim, Romeo. Pode dizer o que deseja?

É uma loja de chocolates. Rapidamente, faço o pedido, passo o endereço para ser entregue e efetuo o pagamento online. Saio da minha sala e noto que já tem pessoas me esperando do lado de fora.

— Peça que aguardem um instante — digo a Saulo, o secretário, e sigo para a sala de Lorenzo.

Além de ser irmão mais velho, sou o CEO dessa merda aqui, tenho a obrigação de sempre manter a equipe em alinhada. Principalmente, quando a

diretoria da equipe empresarial Orfeu, é formada por mim e meus irmãos. Após dois toques na porta, eu entro. Lorenzo está olhando algo no computador.

— Não quero ouvir. Saia — fala com seu jeito de delinquente juvenil. Já tem trinta anos e ainda é um porre rebelde.

Às vezes, eu dou razão a ele. Lorenzo foi massacrado duas vezes, traído pelas pessoas que mais amou. A primeira vez, aos treze anos, pelos nossos pais, que fizeram uma coisa que, em minha opinião, foi imperdoável. E a segunda vez, aos vinte e dois anos, quando sua amada o apunhalou.

— Lorenzo, como diretor administrativo, você deve ser o primeiro a analisar um projeto com muita cautela. — Sento-me na cadeira branca de couro em frente à mesa dele. — Não podemos

NACIONAIS - ACHERON

assinar nada sem antes pesquisar muito, nem mesmo tivemos uma pauta sobre a aquisição dessa empresa.

Ele para de olhar o computador e recosta na cadeira com pose insolente.

— Eu não estou entendendo, você acabou de negar, e agora vem dizer que devo fazer uma pesquisa?

— Eu disse que estava negado por enquanto. Preciso de mais provas concretas, preciso de uma entrevista com os interessados da outra empresa.

Ele dá uma risada irônica.

— Agora vamos entrevistar? Sempre bastou dar um lance.

— Um lance não é o caso dessa empresa —
NACIONAIS - ACHERON

rebato com muita calma. Quando Lorenzo está nervoso, preciso usar minha voz mansa, ou ele já acha que eu estou sendo grosseiro. — Além do mais, é indispensável que tenhamos provas de que nada disso é sobre Angelina e a família dela.

— Não é. Estou cagando para eles. — Há mais raiva que convicção na voz dele.

— Então, o projeto fica comigo. Você está fora até eu comprovar que a área está limpa; em seguida, começaremos os trâmites legais para dar início aos lances.

— Você é o chefe, não é? — Ele dá de ombros e volta a mexer no computador.

— Sou chefe e irmão mais velho. Você não pode ficar de perrengue com Magno. Se não ficarmos unidos, isso aqui vai tudo por água

abaixo.

— Romeo, já deu seu recado. Vaza daqui.

— Vá lá em casa hoje à noite. Vamos tomar uma cerveja — convido, tentando ser o apaziguador. Ele fica olhando para mim sem dar resposta. — Magno também vai — digo já caminhando para a porta. — Não quero saber de cara feia aqui na empresa.



Minha casa fica em Ipanema, em um belo condomínio. Gosto de como é arborizado e da bela vista que tenho nos fundos da casa. Odeio prédios, detesto morar em apartamento. Gosto do ar, de pisar no chão e de ver o verde. Minha casa tem tudo isso. Um belo jardim, uma linda praia que posso ver da minha piscina e uma vista esplêndida

NACIONAIS - ACHERON

que acompanha as janelas panorâmicas do meu quarto.

Transar com as janelas abertas, deixando a brisa entrar no quarto, não tem preço. Muitos caras pegam mulheres longe de casa, eu não tenho esse problema, eu até prefiro. Fico no lugar que eu domino. Passa pela minha cabeça a hipótese de um dia poder trazer Olivia para cá. Pego meu celular, jogo-me no sofá e começo a digitar.

Eu: Gostou dos chocolates? Só para deixar claro, eu não vou parar de tentar. Sinto muito, Oly, mas meu tesão por você só aumenta.

Envio e aguardo algum retorno. São seis da tarde, Ludovico já deve estar em casa. Pode ser que

ela não responda agora. Entretanto, em menos de cinco minutos, recebo uma mensagem.

***Olivia:** São tentativas infundadas. Não vai conseguir nada.*

***Eu:** Será?*

***Olivia:** Não consigo. Jamais trairei meu marido.*

***Eu:** Pode não trair, mas pode abrir os olhos para a realidade. Já tentou falar com uma das ex-esposas dele?*

***Olivia:** Não e nem quero.*

***Eu:** Pois devia tentar. Nunca a ensinaram a ouvir os dois lados da história?*

***Olivia:** O lado que me interessa é o do*
NACIONAIS - ACHERON

Ludovico. Preciso acreditar nele.

***Eu:** Assim você vai longe, meu bem. Quanto a mim, não posso negar que estou sempre com água na boca, doido de vontade de chupar sua boca, seus peitos e, principalmente, a sua boceta.*

Sei que ela deve estar horrorizada olhando para o celular. Isso não é falta de respeito. Ela é adulta e precisa entender as coisas da vida. Se eu conseguir um romance com ela, não será algo monótono, como o que ela deve estar acostumada. Vai rolar de tudo. Nada melhor do que já ir preparando-a com palavras.

Olivia: *Eu já disse para me respeitar.*

Eu: *Mas não faltei com respeito, só disse o que estou com vontade de fazer. Ahhh! Se você deixasse eu mostrar uma foda gostosa de verdade, você nunca mais iria querer outra coisa.*

Levanto-me, vou até minha bolsa e pego meu Black Barry. Procuro um endereço e digito no celular como mensagem, em seguida, envio para Olivia. Escrevo outro endereço e envio.

Olivia: *O que é isso?*

Eu: *Os endereços das ex-esposas de Ludovico. Pense bastante e faça uma visita a uma delas. Ou as duas se quiser.*

Olivia: Dispense.

Eu: Não dispense tão fácil. Não coloque a mão no fogo por ninguém. Entro em contato amanhã. Um beijo! ;)

Não sei se ela vai ter coragem de ir. Mas, se for, tenho certeza de que vai ouvir tudo que o marido fez com aquelas duas pobres mulheres. Uma delas, a primeira esposa, sofre de uma severa doença do coração, já tentou se matar diversas vezes.

A outra, vive sozinha e isolada. Nenhuma delas tem intimidade com os próprios filhos. E isso foi a pior crueldade que ele pôde fazer com elas. Todos ficaram a favor dele, vi no relatório do detetive que, inclusive a família de Olivia, depôs a favor de Ludovico no tribunal quando ele foi arrancar as

crianças das mães. O cara soube manipular juízes, promotores e até os próprios filhos. E agora está manipulando a inocente Olivia.

Aquelas mulheres não tinham ninguém e nem condições financeiras a favor delas. Olivia deve agradecer muito a Deus, pois conseguiu um admirador incondicional; se o sujeito tentar alguma malandragem contra ela, vai sentir o gosto do trator espanhol. Acabo com a raça dele.

Bem mais tarde, depois que tomei um banho, vesti uma bermuda e liguei pedindo umas bobagens para comer com cerveja, Magno chegou.

Magno é o irmão do meio, tem 32 e é governado mental e fisicamente por sexo. Ele serviu ao exército, foi soldado da infantaria nacional e, por fim, após uma lesão no braço, saiu e foi para a polícia federal. Hoje, ele é o vice-presidente da NACIONAIS - ACHERON

empresa. Não sei quando começou o infindável apetite sexual, mas está aí, pulsando junto ao sangue dele.

— O manezinho não veio? — pergunta se referindo a Lorenzo.

— Ainda não. Chega aí. — Magno vai para a cozinha e pega uma cerveja. Volta para a sala e senta no sofá. — Falei com Lorenzo que vou pesquisar sobre a empresa. Decidi dar crédito a ele — comento, Magno abana a cabeça a contragosto. Já percebi qual é a rixa dele. O machão da família está com preconceito. — Cara, pare de ser machista nos negócios. O que tem uma marca feminina se filiar a nossa?

— O que tem? Romeo! Quer derrubar nossa credibilidade? Não somos estilistas ou alfaiates. Vamos vender agora porra de vestido e bolsa?

— Sabia que a indústria feminina é uma das que mais move as finanças do país?

— Estou me fodendo pra isso. Ainda mais com esse nome: Mademoiselle. — desdenha. — Vamos virar piadas.

— Se eu aprovar esse projeto e conseguir a fusão com a empresa, deixe-a por conta de Lorenzo. Você não vai precisar nem passar pela porta.

— É o que espero. — Ele faz uma pausa, bebe a cerveja e dá um sorriso idiota. — Mas mande umas modelos da marca lá para o meu matadouro. Preciso fazer o teste de qualidade.

Lorenzo aparece na porta, e eu olho feio para Magno.

— Sem provocações — aviso e vou abrir a porta.

Ele entra meio tenso. Olha para os lados, vê Magno e vai para perto.

— E aí... — cumprimenta Magno e se senta.

— Estávamos falando sobre a garota casada do Romeo — Magno mente. Vou até a cozinha, pego uma cerveja e entrego a Lorenzo.

— Ainda com essa história? — Enfim, ele parece estar legal e até sorri. — Cara mais safado, doido para furar o olho do velhote.

— E saiba que estou progredindo. Falei com ela hoje.

— Um brinde à conversa mamão com açúcar do Romeo. — Magno levanta a cerveja. — Só falta o NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

principal agora: usar a rola.

Eu acabo rindo. O dia findando, os irmãos reunidos, as coisas estão ficando bem. Se tudo caminhar como prevejo, logo usarei a rola. Com Olivia, espero.

05
OLIVIA

Eu quase não consegui dormir à noite depois daquele telefonema. Na verdade, eu não tive mais paz depois que desliguei a chamada. Aquele sotaque, a voz grossa, o tom rouco e baixo, fizeram coisas no meu corpo que eu não conhecia. Além de tudo, ele sabe conversar, ele soube ser educado e não foi baixo e vulgar como achei que seria. E se não bastasse, pouco depois, a campainha tocou, fui atender e era outra encomenda. Uma caixa enorme de chocolates. Fiquei sentada no sofá com a caixa no colo, admirando o bilhete digitado.

Adorei sua voz. Você é deslumbrante e doce em todos os sentidos, Oly.

Seu admirador secreto

As trufas pareciam apetitosas, não resisti e provei uma, derreteu na minha boca e o recheio foi uma explosão de delícia. Eu amo chocolate, mas pouco como. Sorrindo, jogando a racionalidade para o alto, comi outra e mais outra. Fechei a bela caixa e escondi debaixo da cama do quarto de hóspedes. Todos os dias, depois do almoço, poderia comer uma.

Eu sei, deveria estar me punindo agora, me autoflagelando, culpada por estar interagindo com outro homem pelas costas do meu marido. Também sei que tem que ter cuidado com esse tipo de pessoa que fica espionando a gente e perseguindo como um criminoso. Mas não sinto dessa forma.

Por longos anos, ou melhor, durante toda a
NACIONAIS - ACHERON

minha vida, um homem nunca me deu atenção como o admirador faz. Minha mãe diria que esse cara quer só se aproveitar. Se aproveitar na linguagem dela significa apenas sexo. Mas ele, ao menos, quer algo comigo que não sejam obrigações e deveres; eu posso estar louca, mas, com esse foco em cima de mim, sinto-me um pinguinho importante e, mesmo com medo de falar, sinto-me desejada, achei que isso fosse me incomodar muito, todavia, não é o que está acontecendo.

Pouquíssimos homens passaram pela minha vida, quase nenhum, só os da minha família, ainda que mantivéssemos uma relação cordial. Não há por que homem e mulher interajam amigavelmente, já que os interesses são distintos: foi isso que meu pai passou para a gente. E todos esses homens sempre tiveram a mesma política de convivência em relação a mulheres, porque o

PERIGOSAS

homem é a cabeça da casa e o senhor do lar, com ele estão as decisões, as opiniões e os direitos. O homem sustenta e zela sua família.

Eu nunca contestei que a obrigação da mulher é exclusiva para a casa, os filhos e o marido. Se tivermos alguma distração, o que fazemos nunca será perfeito. Por isso, deixamos abrimos mão de determinadas atividades, como assistir TV, ler. Tudo isso sempre foi muito normal para mim, mas então, eu deixei o mal entrar, e ele sussurra coisas erradas no meu ouvido, desvirtuando-me, fazendo com em pense coisas a todo instante. Mostrou-me o espelho e agora analiso-me e tentando descobrir se quero ser como minha mãe daqui a vinte anos ou questiono se talvez eu não merecesse um pouco mais de vida antes do casamento, viajar a algum lugar pelo menos, Ludovico sempre viaja, mas nunca o acompanho..

NACIONAIS - ACHERON

O admirador também apontou falhas no meu casamento e no meu marido e está tentando me mostrar que a história não é como conheço, mas não há do que duvidar, eu só preciso manter minha visão reta.

Fiquei ainda mais intrigada quando acordei hoje e já tinha mensagens. Dessa vez, ele me mandou mais que uma foto.

Número Desconhecido: Bom dia, Oly. Espero que tenha pensado em mim como eu pensei em você.

Por que arrepio quando ele me chama de Oly? Ele e Kate são os únicos que me chamam assim. Ainda é bem cedo, Ludo ainda está dormindo, e eu

assando pães de queijo para o café, quando comunica que quer comer pães de queijo ou pão caseiro, preciso levantar uma hora antes, às cinco, como hoje. Confiro o forno rapidamente e sento-me no banquinho com o celular na mão. São seis e vinte.

***Eu:** Bom dia, admirador secreto.*

Dou-me ao luxo de responder. Sei que disse que não queria mais falar com ele, entretanto... foi mais forte que minhas convicções. Às vezes, eu acho essa nova amizade uma coisa boa. Eu gosto de conversar, e Ludovico prefere que eu fale apenas o necessário.

Número Desconhecido: *Uau! Madrugou? Ainda estou na cama, preciso correr ou levantar uns pesos, mas a preguiça não deixa.*

Leio, meu coração acelera e meu rosto arde, provavelmente enrubescido. Sem querer, começo a imaginar ele deitado, preguiçoso, enrolado nos lençóis. De pijama? De cueca? Pelado? Já tenho um vislumbre mental de como é o corpo dele por causa da foto que me mandou. Será que está acompanhando? Não consigo evitar esse questionamento.

Eu: *Eu levanto cedo para fazer o café.*

Número Desconhecido: *Seu marido não ajuda?*

***Eu:** Por que ele deveria me ajudar no café? É obrigação minha.*

***Número Desconhecido:** Não mesmo.*

***Eu:** Você é homem, não entende essas coisas.*

***Número Desconhecido:** Entendo, sim. Se uma mulher vem para minha casa, eu cozinho, é uma coisa que gosto de fazer. Sem falar que eu sou o mais velho de três irmãos. Minha mãe não teve filhas, nós ajudávamos nas tarefas domésticas.*

Estou com os olhos arregalados e mão na boca. Um homem cozinhando? E ainda foi criado fazendo serviços de mulher? Achei que isso só existia na TV. Certa vez, eu estava vendo um programa de culinária em que um homem cozinhava, minha mãe me disse que o mundo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estava perdido, que ele, com certeza, era um enrustido. Esse tal de admirador só pode ser uma farsa.

***Eu:** Tá, conte outra.*

Digito com uma dose de sarcasmo, sem acreditando nessa lorota. Levanto-me, olho os pães de queijo e vejo que ainda tenho tempo para começar o café. Ludovico desce às sete.

***Número Desconhecido:** Não acredita que eu sou cozinheiro?*

***Eu:** Eu sei que homens mal sabem fritar um ovo.*

NACIONAIS - ACHERON

Número Desconhecido: Digamos que você não conheceu os caras certos. Duas coisas que sei fazer muito bem: cozinhar e foder. E gostaria de fazer os dois com você.

Engasgo com minha própria saliva e abano o rosto involuntariamente. Que homem mais obsceno! Não tem respeito pelas damas. Estou chocada com essa pouca vergonha. Quem ele acha que vai conseguir com esse palavreado? Resolvo ignorar e mudar de assunto. Os pães de queijo estão quase prontos, e eu preciso preparar tudo para o café.

Eu: Então, é isso que você faz? Outro dia me disse que tinha que sair pois tinha uma reunião. Reunião na cozinha?

Número Desconhecido: Sou formado em gastronomia. Tinha meu próprio restaurante, mas há uns cinco anos, fechei para poder tomar conta dos negócios da minha família.

Nossa! Ele conta sobre sua vida com uma naturalidade que me desconcerta. Homens geralmente são mais taciturnos, sérios e calados. Até hoje não sei coisas da vida de Ludovico, pois ele acha que não há necessidade abordar certas coisas, por exemplo: não sei onde meu marido fez faculdade ou como era a relação dele com os pais.

E então, esse homem revela coisas de sua vida particular a uma estranha e por mensagens de texto. Que bizarro. Só acho, cada vez mais, que ele é uma farsa.

***Número Desconhecido:** Por exemplo, eu mandei uma foto de uma carne para você. Fui eu que fiz. Mas minha especialidade é massa. Apesar de ser um comedor máster de carnes e outras coisas... ;)*

Mais uma vez há teor sexual na mensagem, implícito, subentendido, mas que faz minha nuca se arrepiar. Maldição. Onde está meu controle confeccionado e bem estruturado por anos de boa criação?

***Eu:** Olha, não me mande mais nada. Estou ocupada fazendo o café do meu marido.*

***Número Desconhecido:** Então é a deixa que preciso para me levantar e ir correr, tonificar os*

músculos, fazer exercício cardiovascular e aliviar meu tesão por você. Estou de pau duro há dias, gata.

Não acredito! Que droga! Mais uma vez. Agora chega! Não dá mais para manter uma conversa adulta e sadia com ele. Não vou aqui ficar lendo essa pouca vergonha. É um insulto não só a mim como mulher, mas a toda minha postura de cidadã de bem.

***Eu:** Passar bem!*

***Número Desconhecido:** Espera! Diga antes, que tipo de música você ouve?*

***Eu:** Pergunte as da sua laia. Sou uma mulher*

de família, adulta, casada. Não perco meu tempo amando estilos musicais.

Número Desconhecido: *Putá que pariu! Você está cada dia mais tiazona. Oly, você só tem 23 anos. Não acha que precisa viver um pouco?*

— Mas que atrevido! — grito na cozinha e coloco a mão na boca imediatamente. Meus olhos percorrem o ambiente. Será que Ludovico ouviu? Se ouviu, vou dizer que estou falando com Pink. Meu cérebro entra em alerta, e eu olho o forno. Merda! Esqueci os pães de queijo. Desligo o forno, corro pegando a luva de pano e tirando a forma de dentro, deixando-a esfriar na pia. Volto para o celular e há uma mensagem não lida.

***Número Desconhecido:** Eu sei que, na nossa sociedade, mulheres tem mais restrições que homens. Mas não precisa se enclausurar numa casa, num casamento fatídico, só porque é mulher, acha que nasceu para cuidar de casa e de um homem. E você mesma? Quanto do seu dia você tira para cuidar de você?*

A mensagem dele é grande, acabo de ler e lá já recebo outra. Estou com o coração martelando na minha caixa torácica. Mordendo o lábio de tensão. Eu acho que preferiria o tom irônico e obsceno dele a essas coisas de apontar minha vida.

***Número Desconhecido:** Eu fico revoltado com isso, pois você é linda, é nova e tem uma vida pela*

frente. Talvez o mundo esteja perdendo uma boa dentista, ou uma excelente promotora, ou qualquer outra profissional; e a culpa é sua, que não deixa conhecer a si própria. Eu já deixei claro que quero muito fazer sexo com você, mas antes queria poder mostrar o mundo de opções que existe porta afora.

Não respondo nada. Sinto um leve ardor no meu estômago e fecho os olhos, massageando as pálpebras. Ele não devia ter esse lado sincero. Ele não devia mexer comigo só com mensagens. Admiradores secretos costumam tocar em feridas dessa forma? Feridas que eu nem sabia que existiam. E agora voltei a ficar encucada, pensando, só pensando em tudo que acabei de ler. Sento-me e releio a mensagem. Eu, uma profissional, ganhando meu próprio dinheiro, independente? É isso que ele gostaria de me mostrar? É isso que eu gostaria para

NACIONAIS - ACHERON

minha vida?

***Número Desconhecido:** Volto a falar com você mais tarde, Oly. Estou mandando uma música para você ouvir. Antes, eu tinha feito uma pesquisa sobre músicas que mais encantam as mulheres. Tinha escolhido duas, mas acho que você precisa de uma pequena dose do que eu gosto. Um rock. Mas não pesado. Vamos começar com um pop rock nacional e cantado por uma mulher, para você parar e pensar que mulheres têm direito de ser e fazer o que quiser.*

Clico no arquivo que ele mandou, confiro o relógio, tenho poucos minutos para ouvir a música antes de fazer o café. Para adiantar, coloco a água para ferver. Recebo outra mensagem.

NACIONAIS - ACHERON

Número Desconhecido: Ah! Só mais uma coisa: preste atenção na letra. Bjs, Oly.

A música é da Pitty, “Desconstruindo Amélia”, já ouvi falar dessa cantora, acho que escutei uma ou duas músicas dela. Abaixo bastante o volume do celular, a melodia ressoa e, em poucos segundos, uma voz feminina e firme começa a cantar, o primeiro refrão toca, e sinto um arrepio, pela voz, pela letra e melodia.

(...) O ensejo a fez tão prendada. Ela foi educada pra cuidar e servir. De costume esquecia-se dela. Sempre a última a sair (...).

Não termino de ouvir. Ouço passos no andar de cima, desligo o celular, coloco-o no bolso do

avental e corro para fazer o café. Só então percebo que não há pó na vasilha. Corro até a despensa e, para meu desespero, não há um novo pacote. . Corro aflita de volta para a cozinha. Posso fazer um suco.

Pego laranjas e espremo quatro bem grandes e o sirvo em uma jarra de vidro com gelo. Esquento o leite no micro-ondas enquanto jogo a água fervendo que era do café em um bule para chá. Levo tudo para a mesa: os pães de queijo; um pedaço do bolo que fiz ontem; biscoitos de nata e um queijo fresco.

Deixo um copo e uma xícara perto do assento de Ludovico. Ele desce e olha para mim com uma expressão curiosa, Ludovico sempre acorda calado, de mau humor, acho que nota minha aflição, mas não diz nada.

— Bom dia, querido.

— Bom dia. — Senta à mesa e olha em volta.

— Fiz o pão de queijo que você queria — falo, e ele assente com os dedos cruzados em cima da mesa, analisando a mesa posta..

— Também tem suco natural, leite e chá. — Minha voz soa trêmula, o leve desespero faz meu estômago revirar.

— E o café? — Ele me olha já pegando a xícara.

— Agora que eu percebi que o pó acabou. — Dou uma risadinha nervosa na tentativa de diminuir a tensão.

— Como assim, acabou o pó? — Droga, ele fez uma carranca. Engulo seco ao ver seus olhos incrédulos encarando-me.

— Acho que esqueci de calcular a quantidade
NACIONAIS - ACHERON

certa — explico em um sussurro. — Tome um pouco de chá. Vou ligar para Christina ir comprar.

— Eu acho isso intolerável, Olivia. — Acompanho as mãos dele sacudindo em um gesto revoltado. — Não pegou o jornal na porta, — começa a enumerar nos dedos — serviu pães de queijo rachados, bolo de ontem, deixou o café acabar. Onde está com a cabeça? — Ele se levanta e joga o guardanapo na mesa. — Eu trabalho tanto, só quero poder sentar à mesa na minha casa e comer uma comida decente. — Corro atrás dele.

— Ludo, eu sinto muito, é que eu... — Ele se vira repentinamente e, com um olhar árido, me fita, esperando o que vou falar. — Como você vai com fome? Beba ao menos um pouco do suco.

— Vou tomar café na empresa — resmunga, pega o terno e a maleta. — Quero massa para o NACIONAIS - ACHERON

almoço, Olivia. Tente não errar, por favor. — Sai e bate a porta atrás. Ando lentamente e o olho através do vidro. Respiro fundo, ajeito os cabelos e acaricio o pescoço, uma vontade de chorar me consome, é triste se empenhar para agradar uma pessoa e não conseguir. Desde as cinco da manhã, estou acordada para fazer os pães de queijo.

Meu dia, como sempre, não teve grandes emoções. Ludovico veio almoçar, conversou apenas o necessário e avisou que hoje iríamos à casa dos meus pais. Pediu também que eu me depilasse, pois quer sexo mais tarde. Deu-me um beijo nos lábios e voltou ao trabalho, meus lábios curvaram-se, sorrindo, quando ele saiu: ele quer fazer amor para fazer as pazes.



Na casa dos meus pais funciona assim: eu não converso quase nada com ele. Eu sempre vou com Ludovico, mas não tem por que ficar na sala ouvindo os homens conversarem, então vou para a cozinha ajudar minha mãe. Minhas irmãs correm para perto para saber como está meu casamento, elas enxergam o Conto de Fadas em cada situação. relatei o episódio da falta de café, elas disseram: Oh, que pena! Ele foi trabalhar com fome, Olivia?

E quando comentei que Ludovico fez birra, minha mãe quase me bateu. Tentei ainda sustentar minha hipótese, afinal, a mesa estava farta e só faltava o café. Mesmo assim, eu parecia errada aos olhos da minha mãe. Resolvi deixar pra lá. Foquei nas minhas irmãs e na notícia de que papai estava arrumando um pretendente para Virginia, minha irmã do meio. O pior é que ela nem o conhece ainda.

— Nossa, Olivia, estou tão feliz. Torcendo para que ele seja um cavalheiro como o Ludovico.

— Seu pai nunca arrumaria menos que isso para você — minha mãe se intromete, deixando claro que o futuro marido da minha irmã é alguém que eles, provavelmente, conhecem.

— A senhora o conhece, mamãe? — indago curiosa.

— Sim. Mas não devo dizer. Seu pai proibiu comentários até que as negociações estejam completas.

— Há negociações? — Passo os olhos pelas três. — Como assim?

— Como no seu, Olivia. Pare de falar e vá levar um licor de amoras a eles. — Ou seja, assunto

encerrado.

— Sim, senhora. — Pego a bandeja que ela acabou de preparar. Antes de chegar à sala, ouço meu pai falando. Detenho-me em um canto.

— Eles são três filhos da puta. — Arregalo os olhos ao ouvir o palavrão. — Você não deve ceder, Ludovico. Vá para cima, principalmente do mais velho. Vocês já se conhecem do passado, use isso contra ele — meu pai aconselha.

— Não mesmo. O que aconteceu no passado fica por lá. Estou fingindo que nem lembro só para conseguir a fusão com a empresa dele.

Volto a andar, pois se alguém me pegar ouvindo conversa, eu estarei frita.

— Com licença — eles interrompem a conversa.

Deixo a bandeja na mesinha de centro e volto rápido para a cozinha, perguntando-me o que Ludovico fez no passado. Eu não sei nada da vida do meu marido.

Depois, servimos o jantar, minhas irmãs, como são solteiras, não podem sentar à mesa com a gente. Eu e minha mãe nos juntamos aos homens, pois temos que acompanhar e servir nossos maridos. No café, após o jantar, na sala, elas duas podem compartilhar o ambiente, mas sem conversar.

Ao chegar em casa, eu já sabia o que tinha que fazer, pois me avisara antes. Corri para o banheiro, já tinha me depilado, vesti a camisola e deitei, esperando-o. Normalmente, não o vejo pelado, ele apaga a luz e tira as roupas antes de deitar embaixo dos cobertores comigo.

Ele se ajeita sobre mim, sinto a pressão da

NACIONAIS - ACHERON

penetração, e então ele começa a se mexer. Eu o abraço forte, fecho os olhos e começo a ofegar. Muito bom. É uma boa sensação, perdura até ele se enrijecer e respirar pesadamente, dá-me um beijo e rola para o lado. Terminou. Eu também respiro fundo, satisfeita.



Essa noite, mais uma vez, não consegui dormir. No escuro, olho para o teto e vejo meu reflexo ali na cama, solitário.

Admirador secreto — penso. Minha boca curva-se em um breve sorriso. Que idiota ele é — sorrio mais. Levanto-me, visto-me e vou ao banheiro. Ludovico ainda dorme. Caminho na ponta dos pés pelo quarto, guiada apenas pelas sombras dos objetos. Pego meu celular no criado-mudo e volto

para o banheiro. Ligo e constato que há duas mensagens.

***Número Desconhecido:** Meu dia foi pesado hoje. Quando vamos marcar um encontro? Quero tanto ver você... Largue seu marido e venha ficar comigo, Oly. Prometo cozinhar, fazer massagem e um sexo bem gostoso.*

Balanço a cabeça. Às vezes, me acho bipolar. Hoje, fiquei furiosa com as insinuações dele. Agora, sorrio com a proposta indecente desse devasso. Visualizo a próxima.

***Número Desconhecido:** E não venha dizer que*

não dá para se encontrar comigo. Tenho uma solução perfeita. Na verdade, foi ideia do meu irmão. Depois conto o que é. Agora, fique com um vídeo solo que fiz para você. Boa noite, gata.

Leio novamente o “boa noite, gata”. Ele me acha bonita. Leio de novo e mais uma vez. Isso me deixa tão para cima. Depois do dia que tive, receber um pequeno elogio, mesmo que seja de um anônimo obscuro, é legal.

Com minha pulsação a mil, a mesma sensação que eu sentiria se, possivelmente, estivesse prestes a assaltar um banco, meu dedo paira sobre o botão de aceitar o arquivo que ele mandou. Vídeo solo? Como assim? Meu lábio dói por estar sendo mordido. Olho para trás, a porta está trancada. Ludovico tem um sono pesado. Fecho a tampa do

vaso sanitário e sento-me. Num rompante de coragem, abro o arquivo. Respiro como cachorro, três vezes seguidas, bem rápidas. O vídeo começa. Abaixo o volume rapidamente e quase caio para trás.

O vídeo começa com uma pessoa ajeitando uma câmera ou celular em alguma superfície. Depois, se afasta. É um homem. Não dá para ver o rosto. Está usando calça social, camisa social e suspensórios. Fico impressionada em como a calça se adéqua perfeitamente a suas pernas grandes e fortes.

Mexendo-se de um jeito provocante, ele tira as alças do suspensório e começa a desabotoar a camisa. A pele morena clara, com uma leve camada de pelos, começa a aparecer. A camisa sai pelos ombros fortes, e eu gelo ao ver o peito rijo, os braços grandes e musculosos. Não do tipo ‘homem

musculoso de concurso’, mas sim bem malhado, que cuida do corpo. Eu diria que tem trinta anos, mas ele são trinta e cinco.

Imagine o que estou vendo: o peito muito bem esculpido, com o estômago reto, tanquinho, não é muito cabeludo como Ludovico, é liso e com ralos pelos negros que descem em direção ao umbigo e somem na calça que pende nos quadris, exibindo o elástico da cueca.

“Se você me quiser, Olivia, terá tudo isso e mais um pouco.” Ele diz e passa a mão pelo peito bem devagar. O belo relógio está lá de novo, no pulso. Ele tem belos pulsos e antebraços marcantes, viris, eu diria. Estou paralisada, sem piscar, porque ele desabotoa o botão da calça e desce o zíper, mostrando um pedaço maior da cueca branca.

Nesse instante, sinto um calor inexplicável.

NACIONAIS - ACHERON

Algo que acerta meu estômago e desce como uma eletricidade pungente para minhas pernas. Esfrego uma na outra. Ele desce a calça, e eu fico boquiaberta. A mão que segura o celular treme, e meu coração falha uma batida. Isso tudo é dele mesmo?

Dentro da cueca, há um volume bem extenso. Cheia, bem recheada. Vislumbro o formato do membro dele por causa da cor da cueca. Ele não usa cuecas como as de Ludovico, a do admirador é estilo boxer. Abaixo meus olhos pelas coxas fortes dele. Coloco a mão na minha garganta, chocada é apelido, estou muito pasma, sem conseguir desviar a atenção.

O admirador segura o pacote, enche a mão grande e fala: Se quiser ver o que tem aqui dentro, encontre-se comigo. Ele se aproxima da câmera e

mira em seu rosto.

Minienfarte é o que eu quase tenho. O meu admirador secreto é muito bonito. É, constrangedoramente, bonito, é como Kate diria: uma falta de respeito. Tem cabelos pretos cortados baixos, um queixo quadrado e um nariz reto, a barba bem recortada por fazer. Os lábios são bem desenhados e os olhos, maliciosos; o sorriso ajudou a fazer algo molhar entre minhas pernas.

Sorrindo, ele complementa: Diga sim, e eu ajeito tudo para nosso encontro. Dá uma piscadinha, manda um beijo e o vídeo acaba.

Estou toda trêmula, sem conseguir levantar do vaso. E, provavelmente, agora que não durmo mesmo. *Eu estou mesmo cogitando me encontrar com ele? Desde quando fiquei louca? E como um homem desses está interessado em mim?* Ainda não

PERIGOSAS

tenho essas respostas. O que sei é que quero ver o vídeo mais uma vez. Aperto play, cruzo as pernas e o vídeo recomeça.

NACIONAIS - ACHERON

OLIVIA

— Gostou do vídeo que mandei?

Apesar de ter batido o pé, ignorado as chamadas e colocado o celular no silencioso, acabei desistindo e atendendo ao telefone. Eu tenho um admirador teimoso, não dá trégua. Com um balanço no peito, penso que talvez eu esteja encrocada — para não dizer ferrada.

Assim que apertei o botão verde e soltei um “alô” seco, ouvi um suspiro do outro lado e a voz rouca, preguiçosa e sexy invadiu meu ouvido, deixando-me arrepiada. Estou no chão.

— Não. Nem vi para ser sincera — minto seca e distante, olhando minhas unhas como se elas fossem mais importantes. Será que consegui transparecer isso na voz?

— Gostou, sim, Olivia. Posso sentir no timbre da sua voz. — Ou seja, não consegui mostrar indiferença na voz. Como é mesmo que se chama aquela coisa que não sei usar nenhum pouco? Ah, lembrei: desdém.

— Romeo, não é isso? — elaboro como se estivesse tentando recordar seu nome.

— Sim.

Cruzo minhas pernas e enrugo minha testa, mirando um azulejo na cozinha.

— Será que é tão difícil entender? Não vou trair

meu marido, e você fica me mandando coisas indecentes. Posso denunciá-lo, sabia?

— Meu corpo é indecente? — Oi? Ele prestou atenção na minha ameaça em denunciá-lo? E para que usar essa risada pachorrenta enquanto faz uma pergunta?

— O teor do vídeo é — respondo simulando tédio. Conversar com esse homem, ouvindo essa voz, não é tédio nenhum. O proibido é tão emocionante. Vou arder no inferno.

— Então você viu. — O tom dele é algo como: Rá! Peguei você na mentira. Você viu o vídeo! — Gostou?

— Gos... — balanço a cabeça rápido; maldita boca sem filtro, quase confessei. — Não, claro que não. Eu apaguei.

Romeo solta uma risada malandra que provoca algo em mim. Raiva ou excitação? Vai saber. Ele é tão cheio de si.

— Apagou depois de ter visto quantas vezes?

— Será que não consegue ouvir sua presunção?
— grito, colocando o celular na frente da minha boca. — Odeio isso — completo ralhando.

— Mas, pelo que vejo, você não tem problema em ser a empregada doméstica, submissa e controlada por um homem que tem idade para ser seu pai e ainda a trai.

— Chega, tchau. — Desligo na cara dele e jogo o celular na bancada de granito. Quem ele acha que é para acusar meu marido? O celular toca de novo. Não atendo.

— Arrogante, mentiroso, filho de uma lhama — berro para o aparelho. Bato minhas palmas suadas no meu colo e as esfrego contra a saia do meu vestido. Meus nervos estão em frangalhos por causa dessa ligação.

Ele está certo. Vi o vídeo quatro vezes antes de apagá-lo. E se gostei? Estou me sentindo uma despudorada safada por ter gostado dessa saliência mundana. Romeo é tudo que eu nunca vi na vida. O primeiro contato com um homem que eu tive foi Ludovico. Mas homem bonito, aparentemente bem-sucedido, de corpo escultural, sorriso arrasador e voz cativante não era real para mim até ontem, quando eu vi. E o pior: me querer. Como eu pude me tornar alvo de alguém assim? E agora que esse intrometido veio com essas obscenidades para minha vida, minha mente começa achar isso uma bela novidade.

O celular não para de tocar. Pink me olha com o pescoço de lado, assistindo como se fosse uma novela. Deve estar pensando: ela vai atender ou não? Reviro os olhos para a cadela e apanho o celular. É ele, lógico.

— O que foi? Já não dei tchau?

— Oly, converse comigo. Estou matando cachorro a grito por sua causa. Deixe-me preparar nosso encontro, será discreto, ninguém irá perceber.

— Não, Romeo. Esqueça. — Falo o nome dele e parece que isso o torna mais real.

— Fale de novo — pede baixinho, quase em um sussurro.

— O quê? Falar para você esquecer o encontro?

— Meu nome. — Droga. Ele percebeu a mesma coisa que eu.

— Escute, — começo — eu tenho mais o que fazer. Tchau.

— Espere, não desligue. — O volume da voz aumenta, dando-me um susto. — Prometo me comportar no primeiro encontro. Prometo não levar flores e nem livros nem nada que você terá dificuldade de esconder em casa. Prometo só tocar na sua mão, como as pessoas do seu século fazem. Dezenove, não é isso?

Ele, ainda por cima, é metido a engraçadinho. Daqui posso notar que ele está de boca aberta, rindo. Adoraria vê-lo sorrindo.

— Não irei fazer isso. — Nego com a cabeça, como se ele pudesse ver.

— Você acha mesmo que ele merece o sacrifício? — Ele? Ele quem, meu bom Jesus? — Será que não vê que está presa, sem poder sair de casa, sem se divertir, sem conhecer lugares e sem sentir prazer?

Calo-me. Pela voz, parece um pouco nervoso, revoltado eu diria. Acabou o tom brincalhão em um estalo. Ficamos em silêncio ouvindo a respiração um do outro. Ele parece tentando se acalmar ou esperando minha resposta. Ouço do outro lado, ele esbarrando em algo e logo em seguida um palavrão sussurrado.

— Descobri que seu pai está arrumando casamento para sua irmã — ele fala, e eu estremeço aterrorizada. Olho para Pink e tenho a impressão de vê-la dar de ombros antes de se enrolar nos meus pés e deitar. Estou ficando doida.

— Como você sabe? — Faço círculos com o dedo no granito. Minha voz sai esganada, perplexa.

— Oly, admiradores secretos fazem pesquisas — Romeo explica bem calmo. — Mas descobri por acaso. Sei quem é o cara, e foi por ele que descobri.

— Sabe quem é? Pode me contar? — Ajeito-me animada.

— Claro. Quando podemos nos encontrar para eu lhe dar a ficha completa do sujeito? — Casualmente, como quem está negociando, ele propõe sutilmente.

— Não pode me encontrar.

— Por que não? O mundo tem sete bilhões de pessoas. As pessoas se encontram o tempo todo, vivemos em um mundo laico. O que impede de nos

encontrarmos?

— Eu escolho com quem quero sair.

— Ou seja, com ninguém. — Ele critica abertamente, rindo ainda por cima. — Nem mesmo com aquele pau murcho que você chama de marido você sai.

— Como você é imbecil. Como pretende sair com uma mulher falando assim?

— Estou falando dele, não de você.

— Vou desligar — aviso, mas não desligo.

— Vou pensar em algo e falo como será. Ok? — Ele simplesmente não me ouve. Por que não quer entender que não quero vê-lo?

Bom, na verdade, quero, sim, vê-lo, nem que

seja do outro lado da rua. Curiosidade, sabe? Mas querer não é poder. Cadê meu senso de moralidade? Não quero ceder a esse arrogante safado. Eu já falei com ele, já vi a foto dele e sei o nome. Ainda assim, é perigoso? É. Mas posso escolher um local movimentado. Será rápido e ninguém ficará sabendo. Ninguém desconfiará de mim. Sou a esposa modelo.

Não acredito na minha ousadia ao cogitar encontrar com ele. Um tacho de água quente espera-me no sufoco eterno do inferno. Bom, mas, já que estou encaminhando para isso, vou ao menos fazer uma loucura nesses meus vinte e três anos. Que Deus, Ludovico e minha família me perdoem.

— Cinco minutos, você me cumprimenta, entrega as informações do homem e vai embora — proponho com a respiração suspensa;

surpreendendo até a mim. Minha voz é um nada, uma lastima.

Pink, o que eu fiz? — questiono mentalmente olhando para a cadela nem ai pra mim. Romeo parece ofegante. Acho que ele está paralisado de olhos arregalados. Merda o que eu fiz?

— Dez minutos, nos cumprimentamos com um beijo, entrego a informação e dou mais um beijo. — Como eu esperava, ele tenta negociar. A voz é de alguém que acabou de ganhar na loteria.

— Sem beijos. Cinco minutos. — Eu ainda tive forças de falar isso?

Safada vadia! — meu inconsciente me condena.

Vou apodrecer no limbo. Bato na minha testa várias vezes. Poderia ter me arrependido da

primeira proposta, desligado, tacado o telefone no vaso e ajoelhado aos pés de Ludovico, mas ainda estou aqui, negociando um encontro com um desconhecido.

— Dez minutos e um beijo. — Ele contrapropõe muito animado.

— Sem beijos, Romeo. — Estou de cabeça baixa com a mão na testa. Devotada e recatada? Eu? Sou uma sem vergonha, isso, sim.

— Um beijo de leve, comportado e dez minutos.
— Ele é irredutível.

— Tudo bem. Vou pensar em um lugar e te falo. Serão dez minutos de encontro. Um beijo comportado na bochecha e a entrega de informações sobre o noivo da minha irmã.

— Oly, minha gata, você não tem ideia de como me fez feliz. Será o melhor beijo comportado da minha vida. E o único, claro.

— Até logo, Romeo — falo rápido, suprimindo um sorriso idiota que não deveria estar nos meus lábios.

Depois que eu desligo, levanto-me aflita e começo a andar na cozinha sacudindo as mãos. Estou encrencada. Estou muito encrencada. O que eu fiz? Que força maligna foi essa que me possuiu para eu fazer isso?

O telefone toca, e eu corro já descabelada, quase doida de pedra. Vou desfazer tudo. Vou negar, mandá-lo se afastar. Mas então vejo no visor que não é ele. É Kate. Será que já chegou de viagem e quer vir me ver? Ela estava em Minas Gerais visitando uns parentes dela.

— Oi, Kate. — Fico feliz por minha voz ter saído despreocupada, apesar de sentir a fadiga da culpa pesando sobre mim. — Voltou de viagem? — Sorrio nervosa para o fogão.

— Menina, quem é o gostoso devastador que veio atrás de mim para saber sobre você?

Cambaleio. Quase caio dura no chão. Pink se assusta e me olha de orelha em pé. Merda, merda! Isso não. Kate não poderia saber disso. Todos, menos Kate. Ela odeia Ludovico, odeia minha família, ela seria capaz de ajudar um desconhecido a me sequestrar só para me manter livre do meu casamento. Coloco a mão na base do celular, tampando para ela não ouvir minha respiração acelerada e desnorteada. Respiro muitas vezes, pisco, abano o rosto, pigarreio e volto a falar.

— Quem?

— Olivia, não se faça se sonsa. Sei que está fazendo os truques para manter a voz firme. — Droga. Esqueci que Kate me conhece melhor que eu mesma. Ela me ensinou esses truques para tentar burlar minha família. — Eu ainda estou trêmula, amiga — ela fala. — Precisei tomar um medicamento para dormir. Por favor, diga que é seu amante.

— Não sei do que você está falando. Poderia ser mais específica? — Com o coração batendo na garganta, dou uma de desentendida.

— Sim, poderia. Tive uma necessidade gritante de ver aquele Deus pelado. Eu enfartaria.

Oi? Alguém poderia me explicar por que senti isso dentro de mim ao ouvir Kate falar dessa maneira de um cara que, provavelmente, é o Romeo?

— Não estou perguntando isso. — Desconsidero seu comentário. — Quero saber o que esse desconhecido queria saber sobre mim.

— Várias coisas. E ele disse que é um amigo seu, então você o conhece. Desembucha.

— Ele foi hoje?

— Ontem. Só agora encontrei o carregador do meu celular para te ligar. — Kate e a baderna que ela chama de lar.

— Olivia, sei que está olhando para Pink, ela não vai ajudá-la. Conte-me, amiga — suplica quase chorando.

— Tá. Por favor, segredo absoluto — peço em um murmurar.

— Ai, senhor! Você traiu o vovô? Diga que sim,
NACIONAIS - ACHERON

diga que aquele puto gostoso a deixou dolorida.

— Kate! — grito com ela apavorada e, com certeza, de bochechas rosadas.

— Então o que aconteceu?

— Nada e nem vai acontecer. Eu estou recebendo ligações e mensagens de um número desconhecido. O homem se autodenomina meu admirador secreto, sabe muitas coisas sobre minha vida. Creio que deva ser ele.

— Jesus. É ele, Olivia. Tenho certeza. Ele me perguntou sobre sua infância, sua adolescência...

— E você contou?

— Devo ter contado. Estava muito impressionada com os olhos dele — fala casualmente, como se minha vida pudesse ser
NACIONAIS - ACHERON

partilhada com estranhos. Kate sabe tudo sobre mim, nossa amizade perdura desde a quinta série.

— E o que mais ele fez? O admirador? Sabe o nome dele?

— Não — minto. Não vou contar mais nada para Kate.

— Nenhuma foto?

— Uma orquídea, chocolates, um livro e um vídeo — deixo escapar.

— Vídeo? — Kate grita. — Vídeo do quê?

— Kate, passe aqui em casa depois para pegar o livro que ele mandou para mim. Ludovico viu e disse que não quer que eu leia.

— Por quê? É “Cinquenta tons”? — De novo

com isso de “Cinquenta tons”?

— Não, “Um amor para recordar”.

— Ludovico não quer que você leia Nicholas Sparks? Olivia, esfaqueie esse imprestável. O mundo vai agradecer.

Reviro os olhos e olho no relógio. Oito e meia.

— Kate, preciso desligar. Logo vou começar o almoço.

— O patrão chega que horas? — fala cheia de sarcasmo.

— Que patrão? — retruco com rispidez.

— Ludovico.

— Tchau, Kate.

— Não mesmo. E o vídeo? Que vídeo foi esse?

— Um vídeo dele tirando a roupa. Eu apaguei
— revelo com ar bem natural.

— Você o quê? — grita desconsolada,
totalmente injustiçada. Afasto o telefone do ouvido.
— Olivia, você sabe como é difícil receber um
nude em vídeo? Por que apagou?

Nude? De novo isso? Nude, então, é pessoa
pelada? Deve ser.

— Por que sou casada. Passe aqui depois para
tomarmos café, e eu te entregar o livro. — Faço
pouco caso do escândalo dela.

— Olivia, estou com muito ódio de você.

— Beijos, Kate. — Desligo e me levanto. Pink
acompanha-me até os fundos. Reabasteço as duas
NACIONAIS - ACHERON

vasilhas dela, dou uma olhada na orquídea e sento-me à sombra da árvore para poder olhar o jardim e pensar. Ele foi atrás de Kate. Será que Romeo sabe que ela é uma forte aliada e, por isso, foi atrás dela?

Penso em ligar para ele e afirmar que não haverá encontro de dez minutos coisa alguma. Ou melhor, não ligarei, como fiquei de marcar um lugar, darei um gelo nele.

Volto para a cozinha. Pego a moranga e coloco sobre o balcão. Hoje Ludovico quer comer moranga recheada com camarão. Nunca fiz, minha mãe me deu umas dicas e vou tentar fazer. De dedos cruzados para dar certo, para que Ludo não se zangue.



Termino de cozinhar e orgulho-me do resultado.
NACIONAIS - ACHERON

O cheiro está ótimo, a cor e o sabor também. Fico de pé, como das outras vezes, esperando ele provar.

— Você vai pegar o jeito — ele fala. — O recheio está insosso e aguado. Mas o sabor está bom.

Engulo seco e sento-me muito chateada comigo mesma. Nada é mais gratificante do que um elogio quando a gente se empenha, gastei minha manhã inteira fazendo tudo, cronometrado e medido. E, mais uma vez, fracassei.

Conversamos pouco. Na verdade, eu fiquei calada ouvindo-o avisar que a festa importante está chegando e que ainda vai pedir a secretária que me compre um vestido. Falou também que os filhos virão jantar aqui em casa, e ele me comunicará o dia. Fiquei tensa. Um dos filhos dele já deu em cima de mim e a filha não parece ir com minha

NACIONAIS - ACHERON

cara.

Depois do almoço, fiquei sozinha novamente e acabei pegando no sono. Decidi dar um tempo, principalmente, do admirador. Não liguei o celular. Quando acordei, parecia que havia dormido a vida inteira. Na verdade, foi mais ou menos uma hora de descanso, o que me despertou foram umas batidas longínquas. Levantei e olhei pela janela do quarto. Nelson, o jardineiro, martelava algo. Deixei a cortina tampar a janela de novo e me espreguicei. Desci e fui em busca do celular. Com certeza, teria ligações ou mensagens de Kate e Romeo. Para meu espanto, nenhuma mensagem de Kate e apenas uma do admirador.

Número Desconhecido: Olá, Oly. Espero que goste de mim tanto como gostei de você à primeira

vista. R.

Fico sem entender o que ele quis dizer. Será que já está na expectativa de um encontro que nem sei se vai acontecer? E, dessa vez, ele assinou um R.

Estou prestes a sair da cozinha para ir separar a roupa suja para a lavanderia quando dois toques na porta de vidro da cozinha me fazem virar. Me Aproximo-me e, pelo vidro, vejo que é o jardineiro. Abro a porta, e ele sorri. Está com um chapéu de palha, um macacão jeans por cima de uma camisa manga comprida e botas pretas de borracha.

— Desculpe, senhora Olivia, precisamos de um pouco de água.

— Oh, claro! — exclamo, lembrando-me de que esqueci de colocar água no frigobar que fica no
NACIONAIS - ACHERON

armário da área externa. Penso bem e tenho quase certeza de que coloquei, sim. Mas se ele está falando...

Vou até a geladeira, pego água e gelo, coloco em uma jarra e apanho um copo. Espero, pacientemente, ele beber a água e me entregar o copo em seguida.

— Obrigado.

— Logo vou reabastecer o frigobar — digo a ele.

— Meu ajudante também quer um pouco de água. Vou chamá-lo, espere aí, por favor — ele fala, não espera minha resposta e sai rápido. Fico de pé na porta, com a jarra e o copo na mão. E então, alguém vem da lateral da casa. Encho o copo com água e gelo. O homem se aproxima de cabeça

baixa, está de boné e também usa um macacão jeans. E só. Nenhuma camisa por baixo. Noto que é alto e não é velho como Nelson. Quando fica à minha frente e levanta o rosto, o copo cai da minha mão, espatifando-se no chão.

Não sai um grito do meu âmago nem nada. Estou sem batimentos, apenas morta, de pé. Aterrorizada. Aqui, à minha frente, está ele, de sorriso largo, muito bonito, ele tira o boné e passa a mão nos cabelos, esbanjando sensualidade e uma virilidade impressionante em um corpo poderoso, alto, moreno. O bíceps salta com o movimento e meus olhos nem piscam.

— Oi, Oly. — Romeo cumprimenta com sua voz sexy, mansa, preguiçosa. Não consigo respirar, imagine responder. — Enfim, cara a cara.

— Ro... — começo a gaguejar, mas me
NACIONAIS - ACHERON

interrompo. Ele descansa as mãos na cintura casualmente e ainda sorri. A água molha meus pés, e eu não consigo fechar a boca.

— De admirador para jardineiro. Espero que logo possa ser seu amante. — Ele diz na maior naturalidade. Que droga! Nosso encontro será todos os dias? Na minha própria casa? Sabia, estou encrencada.

ROMEO

Eu sempre tive um perrengue com Ludovico. Por quase dez anos, nossos caminhos não haviam se cruzado. Mas não pense que eu apenas deixei o passado de lado. Mantive-me informado por alguns anos depois do que aconteceu. Sei o que ele fez com as ex-esposas e os filhos. Sei como todos foram joguetes nas mãos dele, principalmente, nos negócios. Ainda não gosto de pensar no que houve entre a gente tempos atrás; isso é combustível para minha raiva. Entretanto, agora que conheci Olivia, não adianta, volta e meia, penso de novo.

Estou mesmo fascinado, besta por ela. Claro que o passado do marido me deu um ânimo a mais.

Juntei a vontade de me vingar com meu desejo por ela. Olivia não merece ser usada, não mais. Nunca vou usá-la para atingir a vingança. Estou onde estou, de frente para ela, na casa dela, por que eu a quero para mim e ponto.

Ela ainda está estática, olhando-me, prestes a desmaiar. É linda. Nunca fiquei tão abismado assim por uma mulher, meu corpo todo ferve, meu peito sacode e meus nervos ardem por causa dela.

— Posso entrar? — indago já colocando um pé na porta e passando por ela. Se eu for esperar o sim de Olivia, eu não saio do lugar. Temos só dez minutos, não será nada mais que isso. Gosto de cumprir minha palavra e preciso mostrar a ela que sou confiável, e não um estranho invadindo seu território.

Ela ainda está calada. Na verdade, em choque.

NACIONAIS - ACHERON

Os belos olhos parecem que vão pular no chão. Olho em volta. É uma enorme cozinha, muito bem arrumada, nada fora do lugar. O filho da puta tinha razão: Olivia é muito organizada.

De mãos na cintura e ainda mostrando um sorriso educado, viro-me para ela.

— Oi, Oly. — Coloco o envelope que eu trouxe na bancada.

Vejo ela se balançar; a jarra de água treme em sua mão.

— Dê-me isso aqui. — Dou dois passos em direção a ela e pego de suas mãos. Ela segura firme. Olho bem em seus olhos. — Solte, está tudo bem. — De lábios entreabertos, ela solta a jarra e tenta passar por mim para fugir. Eu não permito.

Coloco a jarra no balcão e trago-a de volta, Olivia recosta-se na parede, encurralada, mais ofegante que uma maratonista. Ela olha para a minha mão em seu braço e depois volta a olhar para cima, em meus olhos.

— Você... não pode ficar aqui... — balbucia lindamente. Tiro a mão de seu braço e a espalmo levemente em sua garganta. Com a outra mão, seguro na altura de sua fina cintura.

— Shhh — murmuro. — O beijo de cumprimento. Foi assim que planejamos. — Lembro-a e avanço meu rosto em direção a ela. Sinto que ela para de respirar, acaricio o pescoço delicado, a pele é macia, morna, cheirosa. Fecho meus olhos e aspiro profundamente. Algo como erva-doce. — Ah, Oly! Você me deixa tão doido... — Subo minha mão para o queixo e minha boca

chega. Planto um beijo lento, casto e singelo no canto dos lábios dela. Demoro um pouco mais que o necessário até que, surpreendentemente, Olivia entreabre os lábios, fecha os olhos, e eu afasto-me. Solto-a completamente.

Olivia fica sem saber o que fazer, abre os olhos surpresa e fica sem graça, está desestabilizada, posso ver, cruza os braços e alivia um pouco a expressão, encarando-me.

— Temos dez minutos — digo olhando no relógio em meu pulso. — Quer dar uns amassos bem gostosos? — pergunto na maior cara de pau, ela franze o cenho, percorre os olhos pelo meu corpo, acha que eu não estou percebendo, mas posso vê-los mexer, pararem um pouco na altura do meu pau e analisarem com cuidado meus braços.

— Gosta do que vê?

— Lógico que não. — Soa mais falsa que um gato latindo.

— Eu gosto muito do que vejo. — Dou uma piscadinha. Ela desvia o olhar e pigarreja, tentando não parecer nervosa.

— Olha o que temos aqui — exclamo. Já sabia que ela tinha um cachorro, é mais bonito do que na foto que recebi do detetive: é um Golden Retriever de pelos fofos e claros. Estalo os dedos, e o cachorro vem até mim, abaixo-me apoiado em um joelho. — É uma menina? — pergunto, levantando os olhos para Olivia.

— Sim. Chama-se Pink. — A cadela já está alvoroçada, recebendo meus carinhos, tenta me lambar enquanto afago seu pelo macio.

— Gostou de mim — observo. Olho de novo

para Olivia. — Assim como a dona gostou.

— Quem disse que eu gostei de você? — Mais uma vez, ela tenta parecer fria e verdadeira. Foi um fracasso.

— Seu corpo, o brilho nos seus olhos... — Volto a atenção para a cadela que esfrega-se em mim louca por atenção. Faço mais uns carinhos, fico de pé e pego o envelope. Tiro uns papéis de dentro e os entrego a Olivia. É o levantamento que fiz sobre Benjamim, possível noivo da irmã dela. — O cara é filho de um empresário no ramo de importações. — Ela recua e demora um pouco antes de receber o papel e olha nos meus olhos meio desconfiada. — Tem trinta anos e está prestes a tornar-se presidente da empresa, mas, para isso, o pai exige que ele se case e tenha um filho. — Recosto na bancada de frente para ela; Olivia começa a ficar mais calma.

— O cara é o maior comedor da cidade, *piranho* de carteirinha. Só perde mesmo para o Magno, meu irmão. — Ela não lê o papel, presta atenção ao que digo.

Sim, eu o conheço, Benjamin Caldeira Duarte é parceiro de Magno nas noites de libertinagem, o conheci em uma festa na cobertura do meu irmão. Ele que contou sobre as negociações do casamento entre o pai dele e o pai de Olivia, disse que ainda não conhecia a garota e rezava para que não fosse uma tiazona de quarenta anos. Ele acha que será tranquilo, vai se casar, fazer um filho na mulher e continuar sua vida de putaria.

— Por que você o conhece? — ela indaga de olhos semicerrados.

— Não é uma coincidência — aviso. — Conheço grande parte do mundo financeiro, NACIONAIS - ACHERON

corporativo e executivo da cidade. Frequentamos os mesmos círculos sociais.

— O que você faz? — questiona curiosa, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Tenho uma empresa. Tem mais alguma dúvida sobre o sujeito? Está tudo aí. — Aponto para o papel. — Só não deixe seu marido pegar.

— Por que ele tem que casar? Ele não vai, de qualquer forma, herdar tudo do pai?

— Não. Ele é filho único, e o velho, o conhecendo, tem medo de que ele torre tudo em duas semanas. Tudo será passado para o nome do neto, Benjamin só poderá ter de volta toda a fortuna quando o menino completar dezesseis anos. Assim, ele não poderá se separar nem abandonar a criança. Agora, deixe esse cara de lado, vamos falar

da gente. Quando aumentaremos o encontro para vinte minutos?

— Eu quero que você saia. — Sustenta meu olhar em uma pose austera. — Não vamos mais nos encontrar — ordena meio sem convicção. Ela anda e vai para o outro lado do balcão, deixando-o entre a gente.

— Sabe que eu não vou desistir assim, não é?

— Romeo, sou casada, essa é a minha casa, você é um intruso.

Sei que será difícil. Olivia foi criada achando que o mundo é isso que ela vive. Ela não tem lazer, não tem prazer nem descanso, foi doutrinada durante toda sua vida.

— Diga-me as coisas que você faz para você

mesma, que a fazem feliz; e não vale lavar roupa ou limpar a casa. O que mais gosta de fazer, Olivia?

— Por que está querendo saber isso?

— Por que você ainda não me respondeu. Fale três coisas que você gosta muito, então prometo que a deixarei em paz. Nunca mais a perturbo. — Ela fica inerte. Está pensando.

— Por favor... vá embora... — murmura quando enfim percebe que não há resposta.

— Diga-me, Olivia. — Aproximo-me, e ela não corre. — Você não é máquina nem um animal de carga. — Chego mais perto. De olhos chorosos, ela me encara. Estamos agora frente a frente, a palmos de distância. — Você é uma mulher muito linda, nova e cheia de vida, precisa ter, ao menos, três coisas que interessem. Diga-me quais são.

Levanto o braço e toco nos cabelos dela. Meus dedos descem pelos fios lisos, castanho-claros e chego ao braço dela. Passo os nós dos dedos e sinto sua pele se arrepiar com minha carícia. Não desgrudamos o olhar.

— Vai ao cinema? — indago. É só um sussurro.

— Não — responde no mesmo tom.

— Tem uma seleção de livros e sagas?

— Não...

— Segue canais de vídeos no YouTube e fica horas assistindo?

— Por favor... deixe-me... — A voz dela é um fio sofrido; inquieta, esfrega a mão no braço que toquei. — Eu não preciso dessas coisas — alega, os olhos estão úmidos. Não me afasto.

— Quais os dias que você e seu marido saem para comer uma pizza à noite ou para passar a tarde na praia? Ou até mesmo sentar juntos sem nada para fazer, tendo um momento feliz?

— Romeo... — adverte fracamente, os dedos limpam uma lágrima que desce pela bochecha rosada. Não me detenho, se eu não continuar, quem vai abrir os olhos dela?

— Quais programas vocês gostam de assistir enrolados no sofá depois de um dia cheio? Quais os dias que você chama suas irmãs para bater perna no shopping e tomar milk-shake?

Como a música que mandei para ela, tento destruir essa casca que foi colocada nela, desconstruindo essa realidade absurda em que vive. Eu passei a vida observando minha mãe ser submissa ao meu pai. Ela o amava demais e fazia

NACIONAIS - ACHERON

tudo por ele, comprou uma briga eterna com Lorenzo porque não podia tomar o lado do próprio filho, teve que apoiar meu pai mesmo estando errado.

— O que gosta de fazer, Olivia? Diga-me que é feliz, e eu sumo para sempre — questiono a última vez, e ela começa a chorar encolhida no canto, com as costas apoiadas no armário. Puxo-a para meus braços. Ela tenta me afastar, fica aflita, absurdamente aflita, mas eu a abraço apertado e a deixo aconchegada em meus braços. Cabe perfeitamente, como se fosse moldada para meu corpo.

— Vá embora... — murmura com a voz abafada.

— Eu já tenho trinta e cinco, rodei metade do mundo, experimentei tantas coisas nessa vida e

NACIONAIS - ACHERON

queria fazer tudo de novo com você, para lhe mostrar... Não queria apenas um caso. — Ela levanta o rosto, olhando-me triste, limpa as lágrimas e abana a cabeça.

— Você nem me conhece.

— E seu marido? Ele a conhece? Ludovico já quis saber como foi seu dia, ou já perguntou se queria ir almoçar em um restaurante com ele? Estou falando de coisas simples, Olivia. — Ela não responde. Limpa o restante das lágrimas dos seus olhos. Ela levanta a mão lentamente, meio constrangida, sem me olhar, passa a ponta dos dedos pelo meu bíceps, sobe até meu ombro e retira os dedos rapidamente, como se tivesse levado um choque.

— Você é muito bonito, não precisa ficar correndo atrás de uma pessoa como eu. Eu acredito

NACIONAIS - ACHERON

no que vivo... Eu não posso me sentir mal por não ter essas coisas, eu nunca as tive.

— E não tem interesse em experimentar?

— Eu não posso... Há coisas que a gente não precisa entender, só aceitar.

— E se seu marido não devolver na mesma moeda? E se ele não for devotado como você? Você deve a si mesma, Olivia. Ninguém pode fazer outra pessoa feliz se não é feliz.

— Você não pode dizer isso... — ela engole — sobre ele...

— Posso, pena que não posso provar.

Ela tenta sair dos meus braços, mas eu a seguro.

— Vou embora, mas antes vou beijá-la. Depois,

voltarei para vê-la. Todos os dias pela manhã. — Ela fica sem resposta, abaixo meus lábios em direção a ela e os toco superficialmente em um beijinho tímido. — Relaxe, Oly. — Trago seu corpo para mais perto, ficamos espremidos um contra o outro. Sinto meu pau crescer e pressionar o ventre dela. Olivia arfa, fechando os olhos. Volto a tocar seus lábios, dessa vez, com minha língua. Ela estremece toda e então, a beijo. Abocanho seus lábios em um beijo esfomeado, um beijo que acaricia e devora ao mesmo tempo, quente e molhado, um beijo ainda receoso por parte dela.

Ela geme, aproveito e rolo minha língua para a boca macia. Oliva a recebe prontamente, abrindo mais os lábios e deixando-me dominar a situação. Acho que ela nem percebe que segura meus braços bem forte. Com uma mão atrás de sua nuca, inclino-a para um ângulo perfeito, minha boca a

degusta sem pressa, puxando o lábio, sorvendo e chupando a língua. Ela geme quase entorpecida. Está mole em meus braços.

Com cuidado, aos poucos, vou interrompendo o beijo até pará-lo por completo. Afasto meu rosto para observá-la: está rosada e ofegante, os olhos bem arregalados não conseguem desviar da minha boca. Levanto meu polegar e acaricio seu lábio bem devagar. Ela faz menção de avançar, depois se afasta. Puxo-a novamente para um beijo. Mais que depressa, Olivia agarra meus braços novamente, apertando, acarinhando, sentindo minha pele e meus músculos. O beijo me deixa tão fogofo que quase gozo, nunca tive um tesão tão potente como esse. Nos afastamos mais uma vez.

— Pense no que eu disse. Pense que você tem escolhas e uma vida para viver. Pense se seu

marido já deu momentos bons o suficiente para impedi-la de deixá-lo..

— Não vou deixá-lo — ela adianta.

— Mas vai dar uma chance para você mesma. Eu vou voltar. — Tiro um celular do bolso do macacão e entrego a ela. — Esse é só para falar comigo. — Olivia olha o celular e depois levanta os olhos para mim.

— Até logo, Oly. Foi muito bom ter te encontrado. — Dou um rápido beijo em seus lábios, viro-me e caminho rápido para a porta, deixando-a parada, sem reação.



Quem é Ludovico Durval? Um cara reservado, amuado e sério? É o que parece, não é mesmo?

Para a esposa dele, Ludovico é um homem respeitado, guardador da moral e dos bons costumes. Mas a mim ele não engana.

Tivemos um rolo no passado, e eu não me surpreendi quando ele bateu à minha porta anos depois; agora, pedindo ajuda. Ele, simplesmente, age como se não existisse nada no passado. Estávamos em um almoço de negócios, ele está em busca de uma fusão com minha empresa e começamos a negociar há mais ou menos um mês, a mesma época em que conheci a mulher dele.

Em uma roda de grandes homens da economia do país, empresários, magnatas e executivos, ele bebeu um pouco demais e nos deu uma pequena prévia de como a sua vida é movimentada.

— Casei por duas coisas: — exibiu um sorriso confiante que conferiu a ele a pose de um homem
NACIONAIS - ACHERON

do alto escalão — mulher nova e retorno financeiro. O pai dela praticamente vendeu a filha — afirmou orgulhoso.

— No fim, você se deu bem. Vi sua esposa, é linda — alguém disse, permaneci recostado, só observado.

— Que nada. Ela é mesmo só para eu me exhibir. É fria para cacete na cama, não sabe de nada, é toda vergonhosa, um porre. Eu a como só para deixá-la satisfeita, afinal a putaria mesmo rola na rua. — Os caras riram, e Magno me olhou de canto, o olhar dele dizia para eu continuar na minha. E eu fiquei.

— Mas ela tem suas prendas — ponderou, falando mais baixo para os interessados. — Cozinha bem, eu só não digo. Sempre coloco um defeito, pois se elogiarmos demais as mulheres, elas crescem e tomam conta.

— Cara, se minha mulher sonha que eu estou ouvindo umas paradas dessas, eu estou morto. — O pessoal do Banco AMB estava presente, quem disse isso foi Enzo Brant, um dos banqueiros, perplexo.

— Cara, não me venha dizer que tem medo de mulher? — Ludovico ironizou Enzo. — Dá uma prensa nela e mostra quem manda. Você é homem, porra.

— Você está errado, Ludovico. Mulheres precisam ser elogiadas, elas ficam mais apaixonadas e gratas — outro cara, também casado, retrucou.

— Se a minha esposa fizer comida, e eu colocar defeito, acho que serei obrigado a comer a panela toda sozinho — Davi Brant, irmão de Enzo, comentou.

— A minha é bem capaz de tacar na minha cara e mandar eu ir fazer melhor. — o parceiro deles, Max, também banqueiro da AMB, completou e todos riram. Ao menos os três me deixam mais calmo, aliviam meu desejo de assassinar esse filho da puta.

— É porque vocês são uns trouxas, paus-mandados de mulher. Sejam homens, mostrem quem manda em casa.

— Não estou a fim, não, cara — Enzo falou. — Minha mulher está esperando nosso primeiro bebê. Nem quero pensar numas coisas dessas.

— E eu estou com três para criar — Max comentou e se levantou. — Vocês dois vêm? — chamou os parceiros.

— Claro. — Os irmãos Brant se despediram, e

eu levantei para ir com eles até a saída do restaurante.

— É esse o cara que está procurando investimento? — Enzo perguntou na lata.

— É. Vai dificultar as coisas pra ele? — Foi mais um pedido da minha parte do que uma pergunta.

— Lógico — Davi interveio depressa. — Pode contar com a gente. Vamos enrolar bastante as contas dele.

— Sobre aquilo que comentei, segredo,- tá? — Estava referindo-me a Olivia. Comentei com eles sobre o assunto, não falei que estou atrás dela, mas que estou bem a fim. — Sei que pode ser errado o que estou fazendo, mas...

— Errado é o cacete, precisa agir logo — Enzo aconselhou.

— Estou agindo.

— Afinal, quem nunca armou para comer a mulher dos outros? — Max ironizou e olhou de relance para Enzo.

— Vão se danar — resmunguei, virei as costas e segui para meu carro. Os três caminharam conversando e rindo para a SUV Branca estacionada. Há cinco anos, quando entrei no banco deles, estava com pé atrás achando que eram desses idiotas tipo Ludovico e os outros. Enganei-me completamente sobre os três, tornaram-se grandes amigos.

Essa conversa aconteceu dias atrás, agora estou de volta à empresa, ainda vestido de jardineiro.

Dentro do meu carro, pego minha roupa no banco traseiro e começo a me trocar, não posso levantar suspeitas entrando na empresa com um macacão jeans e botas pretas.

Arrumo a gravata, pego o terno e saio, chego à empresa com meu costumeiro porte de CEO. Aprendi que, nesse novo mundo dos negócios, você não tem apenas que ser, tem que mostrar que é. Minha posição exige muito e não posso transparecer insegurança. Nossa empresa é de fusão e aquisição. A vida não é feita só de amigos, se não mostrarmos implacabilidade e firmeza, muitos podem nos atingir.

Provocar temor. Essa é a primeira regra no mundo dos negócios.

É incrível como ternos disfarçam as pessoas. Ninguém pode imaginar que por trás de um

NACIONAIS - ACHERON

caríssimo Armani, bem cortado, esconde-se um ex-militar depravado que, à noite, transforma-se em um prostituto de classe. Olhe ele ali, todo sério, conversando com um grupo de homens da alta cúpula. Magno, meu irmão do meio, parece ter nascido em trajes de gala.

Quem pode imaginar que uma bela gravata preta, cabelos bem penteados e rosto sério escondem uma rebeldia sem limites, cicatrizes internas e uma malícia obscena? Passo pela sala de reuniões e, pelas grandes janelas de vidro, posso ver Lorenzo, o caçula, assentindo, recostado, com uma caneta na boca, prestando atenção ao que um cara explica em um data show. Aceno para ele, um gesto para que venha até minha sala depois.

Entro, e meu assistente vem correndo atrás de mim. Diante da janela, fazendo-a de espelho, ajeito

o terno.

— Romeo, você tem três ligações importantes para retornar antes das dez da manhã.

— Já tem os documentos da propriedade dos Fernandes?

— Sim, já estão aqui na sua mesa, precisamos apenas que aprove o projeto.

Caminho até minha mesa e olho a pasta. Há tempos que estamos em negociação para comprar a propriedade de um senhor que tem uma granja falida. O lugar está chamando a atenção de investidores e compradores de peso. A vista é uma beleza; o dono só não pode saber que tem tanta gente querendo ou o preço aumentará.

— Cinco milhões? — indago pasmo ao ver a

quantia que o dono pediu. Observo o rapaz moreno, de terno e porte elegante à minha frente. Saulo foi escolhido em uma seleção de trinta candidatos, o garoto é um prodígio, está terminando a faculdade de administração.

Ele meneia a cabeça e faz bico.

— Também acho que não vale isso tudo. Magno aprovou.

— Vou dar uma lida mais tarde. Mais alguma coisa?

— Aqui está — ele me entrega outra pasta. — Acabou de chegar do banco AMB. Sento-me e recebo a pasta. Como eu previa, chegou a tempo. Lorenzo está pra ficar doido à espera de respostas, mas pedi que fosse entregue a mim.

— Por enquanto é isso. — Saulo acena e se retira, deixando-me sozinho analisando o projeto da granja. Posso comprar por cinco milhões e usar dois milhões para a reforma completa: destruir o prédio velho e criar uma boa paisagem; vender por oito ou nove. Preciso pechinchar. Se eu conseguir que o velho abaixe para quatro milhões, teremos três de lucro.

Deixo o arquivo de lado e pego a pasta da Mademoiselle, a fábrica de roupas que é do interesse de Lorenzo. O parecer do pessoal do banco está bem claro e coerente: é um bom investimento. A marca precisa de uma injeção de ânimo, dinheiro no caixa, podemos dar isso a eles, mas não comprar o lugar. Eles ainda não estão falidos o suficiente para vender como Lorenzo quer. Meu pensamento parece atraí-lo. A porta se abre, e ele entra nervoso.

— Chegou? — questiona, mostrando que eu sei do que ele está falando. Aponto a cadeira à minha frente, e ele se senta. — E aí? — Se essa aflição toda não for por vingança, eu não sei de mais nada.

— Como eu previa, podemos fazer uma parceria com a empresa, investir e ter lucro mais tarde, mas não comprá-la. — Entrego a pasta a ele.

— Como assim? — Meu irmão nem olha para os documentos, encara-me transtornado. — Tudo está à venda, Romeo. Ainda mais uma droga daquela. — Uma droga daquela que está de pé há décadas e exporta para grandes metrópoles internacionais.

— Lorenzo, eles ainda têm condições de manter a empresa da família. Não podemos obrigá-los a vender. Eles procuram por um investidor, e não um empréstimo ou comprador...

— Espera. — Ele faz sinal para eu parar. — Eles não querem um empréstimo? Por quê? Eles precisam de dinheiro, é a maneira mais fácil de conseguir.

— Porque, segundo a diretora da marca, Angelina Velasco, alguém que você conhece muito bem, um empréstimo seria o mesmo que assinar um atestado de morte da empresa, já que tem os juros e as prestações altas.

A expressão dele se fecha ao ouvir o nome dela, as narinas inflam e o maxilar enrijece. Posso ouvir as engrenagens da mente dele se movendo. Elas não são nem um pouco enferrujadas, não existem engrenagens que trabalham mais que as de Lorenzo.

— Vou falar com os caras — reflete pensativo.

— Cara, deixe sua gangue de mercenários fora disso. Chega de problemas. — Ele me olha como se só então percebesse que eu estou presente. Sim, ele tem uma gangue do colarinho branco, composta de executivos, advogados e juízes. Não praticam crimes, apenas ajeitam as coisas para sair da maneira deles.

— Quero aquela merda de empresa. Quero toda para mim — diz com uma calma psicopata, os olhos paralisados no nada. Reviro os olhos. A mesma coisa aconteceu tempos atrás quando Magno colocou na cabeça que salvaria o clube que frequentava, agora pertence a ele.

O Dama de Copas ia fechar após o dono ter sido preso por falcatruas, deixando um rombo de milhões no caixa. Não é apenas um clube para ricos passarem a tarde de domingo, é algo de

mais ou menos um hectare, afastado da cidade e que tem todo tipo de sacanagem que possa imaginar. Desde o mais leve, como strip-tease, até o favorito BDSM. O clube já foi processado milhares de vezes por instituições feministas e dos direitos da mulher, isso porque todo mundo acha que as mulheres são exploradas lá dentro.

Eu não tomo partido, fui umas vezes me divertir, mas não é para meu bico. Não estou a fim de transar com gente assistindo do vidro como se fosse uma TV ao vivo. Mesmo que tenha quartos privados, a ideia é desconcertante.

— Isso vai ficar comigo. — Eu puxo a pasta da frente dele. — Eu o proíbo de se intrometer nesse caso, Lorenzo. Está me ouvindo? — Ele assente. A cabeça em outro mundo.

— Você não está me dando ouvidos — constato

NACIONAIS - ACHERON

já indignado. — Se vier problema para a empresa, eu acabo com você — ameaço, mas ele nem liga.

— Fique tranquilo, mano. — Ele dá um sorrisinho meio de lado, a malícia em pessoa. O trambiqueiro que existe dentro dele acordou, sei que não haverá escapatória para a Mademoiselle, Lorenzo vai aprontar. E o pior é que ele tem juízes e advogados para encobri-lo. — Vamos deixar os Velasco de lado — fala ironicamente, levanta-se, bate continência para mim e sai.

Abano a cabeça. O que eu posso fazer? O cara já tem trinta anos e não dá sossego. Eu poderia pegar o telefone e ligar para Angelina, dizendo para tomar cuidado. Mas não vou fazer isso. Tenho coisas melhores para resolver. Se ele fizer coisa errada, eu intercepto no último momento.

Olho no relógio. Quase dez horas. Saulo

NACIONAIS - ACHERON

comunicou que tenho três ligações antes das dez, pego meu celular, mas não efetuo nenhuma delas. O beijo de Olivia não sai da minha cabeça. Ela tem um poder desgraçado de mexer comigo. Estou doido por aquela mulher. No terceiro toque, ela atende o novo celular.

— Não consigo parar de pensar em você — digo de imediato. — Quero você para mim, Olivia, só para mim. — Minha voz é dolorosa, pois é assim que me sinto. Dolorido de desejo. Posso ouvir a respiração dela acelerar. — Não precisa dizer nada ou me responder. Só quero que saiba que isso não pode ficar assim, precisamos resolver isso.

Ainda continua muda.

— Por favor, não me culpe se eu roubá-la para mim — sussurro, e ela arfa do outro lado. Ficamos calados, ela suspira e funga.

PERIGOSAS

— Estou dolorida, Romeo. Mas não é dor na carne. — Com uma voz bem fraca, quase sem vida, enfim, ela fala. — Você ficou me dizendo aquelas coisas... Estou me sentindo culpada por fazer isso com Ludovico e minha família...

— Você em primeiro lugar — corto-a, lembrando. — O que você quer? Esqueça ele e sua família.

— Essa é minha maior dor. Você não podia ter feito isso comigo. — A voz dela vai sumindo, bem tímida, um pouco medrosa. — Não consigo parar de lembrar... de sentir...

— Mas podemos resolver essa situação. Deixe-me cuidar de tudo.

— Sinto muito. Não vou arriscar minha vida de casada, minha integridade, com você.

NACIONAIS - ACHERON

— Oly...

— Não! Escute-me. Eu não tenho ninguém no mundo, só minha família. Eles não podem me odiar. Não posso arriscar isso por um casinho.

— Não vou discutir isso por telefone. Amanhã, estarei aí para conversamos, tudo bem? — Ela não responde. — Tudo bem, Olivia? Será uma conversa longa, mais de dez minutos.

Ela desliga na minha cara. Irrito-me, mas não tento outra vez. Quem cala, consente. Amanhã, estarei, mais uma vez, vestido de jardineiro. Mostrarei a ela que nada disso é apenas um casinho.

— Roubo essa mulher ou não me chamo Romeo. Custe o que custar — digo a mim mesmo.

PERIGOSAS

No final, não sou nem um pouco diferente de Lorenzo. Ele quer a fábrica, e eu uma mulher. Acho que posso entender essa necessidade dele. Ludovico já perdeu a esposa e ainda não sabe.

OLIVIA

Um amante!

Soa tão promíscuo e sedutor ao mesmo tempo. Promíscuo e sedutor. Encaixa-se perfeitamente em Romeo, meu candidato a amante. Nunca achei que homens poderiam ser tão... bons... gostosos... viciantes.

Desde que me visitou hoje mais cedo, eu praticamente perdi a noção do tempo e espaço. Nunca tinha beijado um homem antes de Ludovico e os beijos que troco com meu marido não são nem perto do que Romeo fez com sua boca.

Ah! Aquela boca... Fico toda arrepiada e tensionada só de lembrar como foi gostoso. Ah, sim! Gostoso! Essa é a palavra ideal. Delicioso como a melhor das frutas e, por mais que pense numa seleção extensa de guloseimas e comidas, nada se compara ao que provei hoje. Passo meus dedos trêmulos nos lábios e na minha bochecha. Jesus! Aquela voz, aquele sotaque, o porte elegante e o brilho nos belos olhos. Ainda sinto a barba dele arrastando-se preguiçosamente na minha pele. Posso sentir seus braços fortes e seu cheiro de homem. Uma indecência. Resumindo: estou assim, paralisada, sentada no tapete da sala, pensando, remoendo e desejando mais.

Sim, sei que sou uma perdida descarada por querer mais. Quem cansa de coisa boa? É incrível como a tentação deixa a gente cega e propensa a querer mais. Antes, eu tinha a ideia de não trair

Ludovico. Agora, não consigo pensar em mais nada que não seja sentir o beijo de Romeo mais uma vez. Uma vezinha só, e eu envelheceria e morreria feliz.

Pela primeira vez desde que casei, eu queimei a comida e isso me deixou arrasada. Primeiro, não tive cabeça para fazer o peixe assado que Ludo queria. Foi tudo no improviso, no automático. Mesmo assim, consegui queimar o arroz, mesmo estando ali perto. Meu corpo estava ali, não meus pensamentos.

Joguei o arroz fora, pois eu não poderia servir aquilo para ele. Cozinhei outro e conseguir deixar igualmente horrível: papado. Não dava mais tempo de fazer um terceiro. Tentei preparar uma macarronada, mas o macarrão cozinhou demais, fritei bifes e fiz o feijão de caldo mesmo. Comida simples, tipicamente brasileira, que Ludovico

odeia.

Romeo. Esse é o nome do furacão que entrou na minha vida e me deixou sem nenhuma direção. Estou totalmente perdida. Todos meus ensinamentos e convicções, de repente, não fazem mais sentido.

Também não deu tempo de tomar banho e trocar de roupa. A porta se abriu, Ludovico entrou, e eu nem estava ali para recebê-lo. O pior dia, o pior momento. Sou uma lástima. Chego ofegante perto de Ludo a tempo de conseguir pegar seu terno. Ludovico me envia um olhar intrigado, mas não diz nada, mal responde a meu cumprimento.

Vou conversar com ele. Estou decidida. Vou contar tudo quando terminarmos de almoçar. Vou falar de Romeo e pedir para que ele converse com esse homem para que me deixe em paz. Eu gostaria

NACIONAIS - ACHERON

muito de beijá-lo de novo, mas olha o que ele faz comigo? Olha a bagunça que fiz na minha casa e na minha rotina, não posso dar vazão aos meus desejos. Ludo senta-se, e eu lhe sirvo o vinho.

— Querido, tive uma enxaqueca forte, não deu para eu fazer o peixe. Prometo fazer algo maravilhoso para o jantar — minto. Motivo de doença sempre é uma boa saída.

Ele deixa a taça de lado, fita-me de rabo de olho e, em seguida, crava os olhos na comida. Engulo seco. Ele sempre me critica. Outra desaprovação não vai me matar.

— Que comida é essa, Olivia? Por que fez isso? — indaga calmamente, de cenho erguido, deixa transparecer o tom de raiva. Pego o prato e começo a servi-lo. — Sem feijão, por favor. Por que fez essa comidinha? — Olho de relance. Ele cruza os

NACIONAIS - ACHERON

dedos magros e longos debaixo do queixo, dissecando-me com seriedade.

— Eu disse... uma enxaqueca... — Entrego o prato, e Ludovico o observa, quase como nojo.

Ele corta o bife, coloca na boca, mastiga e meu coração acelera. Ele come uma garfada de arroz e, nesse momento, é como se estivesse comendo feno. Estou com vontade de chorar. Ele limpa a boca e empurra o prato.

— Que porcaria é essa? O que acha que sou para comer isso?

— Desculpe-me. Só ficou um pouco papado, mas está com um bom sabor.

Ele fica de pé e bate as mãos na mesa. Não teve um bom dia hoje, detecto imediatamente.

— Eu trabalho o dia todo, você sabe o perrengue que estou passando com pessoas inescrupulosas que não sabem fazer negócio! Chego em casa e só espero encontrar uma comida descente.

— Desculpe-me, acredita que apareceu aqui...
— Resolvo contar o real motivo e ficar livre de Romeo, mas sou interrompida.

— Vá fazer outra — ele ordena quase gritando.
Eu gelo, os olhos saltados, mirando-o.

— Como?

— Vou para o escritório e você vai voltar para aquela porcaria de cozinha e preparar algo que preste. Se é que pode algum dia cozinhar algo decente. — Ele vira as costas e sai, subindo as escadas, deixando-me paralisada com os olhos

lacrimejantes e os dedos fechados, segurando firme a toalha da mesa. E pensar que estava considerando contar sobre Romeo...

Completamente tensa, volto para a cozinha, abro a geladeira e reflito sobre o que posso cozinhar em pouco tempo. Meu coração martela descompassado. Respiro fundo várias vezes e fecho os olhos tentando me acalmar.

E suas opiniões e desejos? A voz de Romeo ecoa na minha mente. Fico estática dentro da geladeira, pega de surpresa pelas minhas próprias lembranças. Você não é máquina nem um animal de carga. Você é uma mulher muito linda, nova e cheia de vida. Precisa ter, ao menos, três coisas que interessem...". Quando eu tive uma escolha na minha vida? Quando eu não fui uma máquina? Primeiro, para meu pai e, agora, para meu marido.

Romeo tem razão. E eu? Onde eu fico?

Fecho a porta da geladeira enfurecida. É isso, nada de chocada ou magoada, enfurecida. De punhos cerrados, sigo para o segundo andar. Mas sabe quem foi sempre a primeira culpada? Eu mesma, pois permiti que me controlassem.

Não bato à porta do escritório como sempre tenho que fazer, Apenas entro. Ludovico está falando ao celular, um sorriso nos lábios e a voz mansa, posso ouvi-lo dizer: Só um carro? Achei que você fosse mais cara. Meu coração até falha uma batida ao ouvir isso. Ele para de falar e me olha espantado e desliga o celular.

— Não vou fazer outra comida. Se quiser comer aquela, coma, se não quiser, fique com fome. — A adrenalina corre a mil por hora no meu corpo. Sinto minhas veias pulsarem muito rápido.

NACIONAIS - ACHERON

— O quê? — Ele se levanta com o rosto distorcido de raiva.

— Isso que ouviu — continuo firme. — Estou cheia de tudo isso. Eu passo o dia aqui trabalhando como uma louca na tentativa de agradá-lo. Você mal conversa comigo, você não me deixa sair, você...

— Olivia! — ele grita me repreendendo.

— Cale a boca — grito mais alto ainda. — Eu não posso nem ter um filho! Que marido acha que a esposa vai dar o golpe da barriga por querer engravidar? Você não me pergunta se eu gostei do sexo e nem se estou disposta. Você não pergunta se eu tive um dia de merda ou se tive uma novidade. Você me trata como uma empregada não remunerada. Por isso, não vou fazer outra comida.

Dou um giro e corro para o nosso quarto, deito-me em posição fetal e choro. Muito. À medida que as lágrimas vão caindo, minha consciência vai voltando, e eu penso no que fiz. Droga. O que eu fiz? Eu gritei com meu marido. Um arrependimento me toma.

Fico remoendo por alguns minutos que se arrastam lentamente. Então, a porta se abre e Ludovico entra. Ele vem caminhando até a cama com as mãos no bolso. Um desejo ferrenho me toma, um desejo de que ele me abrace e peça desculpas e diga que, daqui para frente, tudo irá mudar. Acho que é isso que ele vai fazer. Ele senta perto de mim, tira uma mexa de cabelo do meu rosto. Ensaio um sorriso.

— Olhe para mim — pede com uma voz baixa. Eu olho. Os dedos dele se fecham com brusquidão

PERIGOSAS

no meu cabelo, na lateral da minha cabeça, puxando muito forte. Dou um grito de dor e seguro na mão dele.

— Ludovico... — Ele levanta minha cabeça segurando nos meus cabelos muito forte e rosna:

— Nunca mais levante a voz para mim — fala bem perto da minha boca. — Você me deve respeito, sua mimada. O dia que isso acontecer de novo, eu não vou chamar sua mãe, eu mesmo vou resolver o problema. Se eu disser que é para pular, não pergunte a altura. Pule. Se eu disser que é para cozinhar a porra de uma comida, então cozinhe.

Eu só derramo lágrimas. Minha cabeça dói muito; só uma mulher sabe como é doloroso ter o cabelo puxado. Mas as lágrimas nem são tanto de dor. São mais devido a humilhação.

NACIONAIS - ACHERON

— Levante-se daí, lave essa porcaria de rosto e desça que sua mãe está chegando. — Ele termina, me joga com força no colchão, sacode os cabelos que ficaram em sua mão e sai batendo a porta.

Sento-me horrorizada. Ele mostrou sua face. Tudo que eu pensava sobre Ludovico ser uma vítima e ser um homem bom cai por terra. Toco na parte da cabeça onde ele puxou, limpo as lágrimas e continuo sentada, olhando para a frente. Nem estou acreditando no que acabou de acontecer. Ele me agrediu e nem ligou para o meu desabafo? Ele nem se importou.

E por que chamou minha mãe? Contou para ela que fui desrespeitosa? Se ele contou a versão dele, eu estou em maus lençóis. Toda tremendo, levanto-me, vou ao banheiro e me olho no espelho. Meu rosto está vermelho e uma parte dos cabelos,

amassado. Passo os dedos ajeitando e lavo o rosto. Respiro fundo e saio para enfrentar a fera.

Fico sentada na cama, esperando. Penso em pegar o celular e mandar mensagem para Kate. Ou para Romeo. Mas fico apenas congelada. Então ouço duas batidas à porta e voz da minha mãe.

— Olivia — ela chama. Pela voz, sei que vem sermão. Vou tentar expor meu lado.

— Entre — digo, a porta se abre, e ela entra.

Minha mãe é nova. Sempre está com os cabelos claros presos em um belo penteado e roupas bem alinhadas sem decotes. Ela é elegante e tem uma bela pele. Casou nova, aos 16 anos. Ela acabou de completar quarenta e meu pai, cinquenta e dois. Às vezes, fico pensando como meus avós permitiram que ela se casasse com um homem doze anos mais

velho. Ela era quase uma criança. Mas, naquele tempo, isso era bem comum. E o que posso falar? O meu marido é trinta anos mais velho que eu.

— O que pensa que está fazendo com sua vida?

— Parada à minha frente, olhando-me com ódio, ela é direta.

— Mãe... eu explodi, não aguentava mais...

— Você não se casou para explodir — ela grita, me interrompendo. — Você não tem que contestar, se seu marido mandou...

— Não — grito. Pela primeira vez, estou levantando a voz contra minha mãe. — Está errado. Ele não é meu dono...

— Calada — ela dá um grito que me assusta. — Você não tem o direito de gritar comigo nem com

ele. A sua única obrigação é preparar uma comida descente para ele e respeitá-lo, será que é difícil fazer isso?

— E ele? — Levanto-me da cama. — Ele me respeita? Ele queria me obrigar a cozinhar de novo.

— Era o que devia ter feito quantas vezes fossem necessárias, até que ele estivesse satisfeito, como uma esposa de verdade.

É impossível discutir com ela sobre Ludovico. Minha mãe sempre vai ficar do lado dele.

— Não vou mais ser besta — murmuro. — Não vou — reafirmo. Então, sem esperar, recebo uma tapa bem forte no rosto que me faz rodar e cair sentada na cama. Com a mão no local do tapa, olho-a chocada. Já apanhei dos meus pais,

entretanto, eu já sou adulta e foi um tapa sem motivo.

— Seu marido precisou ligar para mim, pedindo ajuda — minha mãe berra descontrolada. — Onde já se viu uma coisa dessas? Não a criei para essa vergonha.

— Me criou para me vender! — devolvo, ficando de pé e gritando mais alto que ela. — Para sorrir e servir. Você e meu pai estão lucrando com as filhas. Não fomos educadas nem amadas, fomos ensinadas como animais, como escravas. — Recebo outra bofetada, e mais outra. Meu rosto queima, meus olhos queimam pela vontade de chorar, mas não paro. Minha mãe está com as narinas infladas de raiva, os olhos são duas chamas de pura ira, maciça.

— Você, alguma vez, me perguntou o que eu
NACIONAIS - ACHERON

achava desse casamento? Você ao menos quis saber quais meus medos como mulher, ou meus desejos e sonhos? Você sabe o que eu gosto de fazer? — Dou um passo em direção a ela e rosno. — Quer saber a novidade, mamãe? Nem eu sei o que eu gosto de fazer. Não tenho três coisas que mais gosto na vida, pois fui criada para satisfazer, e não para viver.

— Acha o que, Olivia, que fui apaixonada pelo seu pai e o amo loucamente? Isso é coisa de romance, não existe na vida real. Eu nunca o amei porque isso é loucura de gente sem noção. Eu fui firme e soube levar meu casamento nas costas mesmo sabendo que seu pai procurava vadias por fora, que exigia mais que o limite dentro de casa. Nunca reclamei porque sempre soube meu lugar.

— Seu lugar. Não o meu. — Cruzo os braços, encarando-a. Apesar de abalada pela revelação,

mostro-me imparcial. Eu sempre soube que meu pai vivia com a gente por obrigação. Por aparência apenas. Ele sempre foi frio, distante e muito rígido. Ele sempre disse coisas horríveis para nós: eu, minha mãe e minhas irmãs. Isso não é uma novidade. Só é novidade minha mãe ter confessado.

Minha mãe assente. Parece tentar tomar fôlego, limpa uma lágrima e sacode a cabeça como se negasse.

— Você não vai me decepcionar. — Ela assente de novo, como se estivesse se convencendo. — Você vai pensar com muito cuidado e ir fazer aquele homem feliz. Ele merece, você não vai nos decepcionar. Está ouvindo? — Não respondo. E ela não parece incomodada com minha falta de resposta. — Espero que tenha entendido de vez — fala, vira as costas e sai.

Joana D'Arc, Aretha Franklin, Carmem Miranda, Cecília Meireles, Frida Kahlo. Estudei sobre todas no colégio. Essas são algumas das personalidades femininas que sobressaíram na sociedade do seu tempo e mostraram que mulher não pode ser subjugada por ninguém. Cada uma lutou da sua forma para ter o que queria.

Meu pai insultou uma obra de Clarice Lispector quando me viu lendo. Eu tinha quinze anos e, segundo ele, a mulher escrevia insanidades para corromper a mente de outras mulheres. Ele tomou o livro das minhas mãos e só não rasgou porque era da escola.

Sim, eu despertei de repente sobre tudo que está acontecendo. Extravasei minha raiva, mas agora estou me sentindo de outra forma. Depois do que vi minha mãe falar, eu me pergunto: o que eu serei

daqui a vinte anos? Uma mulher vazia como ela, que aceita até mesmo traição do marido? Eu quero ser assim? Essa foi a vida que pedi por tanto tempo?

E quanto ao amor? Sei que existe, ela está errada. Minha mãe só não teve a oportunidade de conhecer esse sentimento. Tornou-se cética. Como eu serei daqui a vinte anos afirmando que o amor não existe.

Kate tem a mesma idade que eu, faz as próprias escolhas, está quase terminando a faculdade de arquitetura e mora sozinha em um apartamento que o pai deu. Ela namora quem quer, viaja sempre com os pais e, se perguntar quais as três coisas que ela mais gosta, ela dirá mais de dez. Kate vive intensamente e, por isso, meus pais e Ludovico a odeiam.

Eu não tenho ainda em mente se quero fazer alguma coisa. Estou abrindo os olhos aos poucos para a realidade que me cerca. Essa afirmação da minha mãe, não sai da minha cabeça. Não sei o que faço, mas sei o que quero.

Depois que ela saiu, deixei o quarto cabisbaixa, calada, fui para cozinha, fiz uma lasanha à bolonhesa perfeita. Estava muito concentrada. Bati no escritório do Ludovico e o chamei.

— Fiz uma lasanha — disse em tom baixo. Ele me olhou, meneou a cabeça e deu um sorriso cínico.

— Coma. Estou sem fome.

Ele me fez preparar outra comida para dizer que está sem fome? Que espécie de pessoa é essa? Saí, preparei o quarto para ele descansar. Enquanto ele

dormia, arrumei a cozinha, joguei a comida simples fora e guardei a lasanha na geladeira. Também não almocei.

À tarde, depois que Romeo me ligou, eu desliguei o celular, pois não queria que ele mandasse mensagem. Ele ficou falando coisas, e eu estava magoada demais, até mesmo para conversar com ele. Desliguei na cara, pois a voz dele me fazia sofrer mais ainda. Ele estava me mostrando algo que eu jamais poderei ter.

À noite, eu terminei de arrumar a cozinha, lavei toda a louça suja do jantar e fui me deitar. Nem vi a hora que ele veio. Ou se veio. Eu queria, na verdade, sair da cama nessa noite, apenas nessa noite. Ainda estou muito abalada por ele ter me agredido. Estou com repulsa de Ludovico, lembrou-me quando apanhava do meu pai.

Acho uma extrema covardia um homem bater numa mulher. Eu apanhava calada porque, naquela época, eu sabia que deveria ser assim e que ele era meu pai, podia fazer o que quisesse. Mas Ludovico? Nunca achei que ele pudesse fazer isso. Naquela hora, era um homem que eu não conhecia. Como de costume, acordei cedo, preparei o café, tudo na mais completa perfeição. Quando ele sentou à mesa eu disse o costumeiro: Bom dia, querido, e ele resmungou algo.

Agora, às oito e meia da manhã, estou sentada, tomando café na cozinha quando ouço duas batidas à porta. Deixo a xícara e a revista de lado e levanto-me. Pink corre na frente já latindo. Destranco e abro. Não me espanto ao ver o homem alto, forte, lindo, muito lindo, com um sorriso fascinante nos lábios. Está como ontem, vestido de jardineiro. Eu já comentei que chega a ser indecente?

— Oi, Oly, posso entrar? — Romeo indaga com sua maravilhosa voz, seu sotaque hipnótico e o brilho nos olhos. Eu afasto, ele passa e vai fazer carinho em Pink.

Farsa. Não são todos que consegue manter uma boa farsa de pé. Apenas aqueles que foram treinados, ensinados a estar sempre sorrindo, mesmo com dor, dizer as coisas certas nos momentos apropriados e calar quase sempre; não desobedecer e nem mentir.

Se eu consigo manter uma farsa? Lógico. Minha vida é isso. É só continuar seguindo-a, mantendo meu marido enganado, achando que nada mudou. Minha revolução silenciosa.

Dou um sorriso para Romeo quando ele se levanta, deixando Pink de lado. Agora é uma questão de honra descobrir quais as três coisas que

NACIONAIS - ACHERON

mais gosto. É uma questão de honra não mais abaixar a cabeça. Não para pessoas que são rudes, agressivas, que não me ouvem e não me respeitam. — Está contente hoje? — Romeo indaga, aproximando-se e me tomando em seus braços. — Espero que seja por minha causa.

No momento, você é a única certeza que eu tenho — penso. Ao menos, tenho certeza de que ele quer algo comigo, carnal ou não, ele quer. Eu não o conheço, mas ele foi sincero e disse de cara o que queria comigo. Não tentou me enganar, já foi logo ao assunto. Devolvo o abraço, aperto-o forte. Estou confortável. Sinto o cheiro e o calor dele e fecho os olhos, respirando fundo. Sinto-me protegida, apesar de nem conhecer esse homem. Eu precisava tanto de um abraço.

— Por que não respondeu minhas mensagens?

— pergunta, erguendo meu queixo com um toque leve de dedos.

Levanto os olhos e o encaro.

— Não sei se você quer só se aproveitar de mim, não sei se quer apenas sexo com uma jovem dona de casa, tola e sem noção. Vamos marcar um horário, eu quero ir pra cama com você. Não importa que seja uma única vez, só importa que seja tudo que eu nunca tive. — Meu tom, apesar de firme, é quase implorando. Romeo fica paralisado com seus belos olhos bem abertos. Por que propus isso assim, na lata? A revolução silenciosa.

Não vou envelhecer como minha mãe, ranzinza, sem provar nada de diferente na vida. Sem me conhecer. Afasto-me, cruzo meus braços e tento parecer casual, como se todos os dias eu aceitasse ir para a cama com um estranho. Miro os olhos dele e

NACIONAIS - ACHERON

sustento. Apesar do nó na minha garganta, eu falo:

— Eu quero ter três coisas para gostar, Romeo.
E você poderia me mostrar...

ROMEO

Dizem que o que vem fácil, vai fácil. Eu nunca tive nada de mão beijada, sempre batalhei para conseguir meu mérito, desde que eu era cozinheiro chefe do meu próprio restaurante até agora, que assumi o cargo de CEO da Orfeu.

O restaurante foi algo fruto do meu puro suor. Eu estudei, eu trabalhei como garçom, trabalhei em vários outros restaurantes para conseguir o dinheiro e construir o que era meu. Meu pai não me ajudou, pois não era o que ele queria para mim. A mesma coisa foi com Jaqueline. Batalhei para ficar com ela, mas não era para ser. Lembrar do passado, do acidente... as luzes e sirenes da ambulância... os

NACIONAIS - ACHERON

chuviscos gelados da chuva, tudo ainda me apavora. Prefiro deixar isso bem adormecido na minha inconsciência.

E agora com Olivia, eu a fito de olhos semicerrados, há algo muito errado, está sendo fácil demais. Ontem ela não queria me ver, hoje eu chego e ela já quer transar? — Retraio-me e, assim como ela, também cruzo meus braços. Olivia acabou de me propor sexo ou aceitou o que eu já tinha proposto. Está de olhos saltados, esperando minha resposta. Quer parecer indiferente, mas posso sentir sua tensão a metros de distância.

— Conte-me o que houve — peço.

— Não houve nada... Só estou atraída por você.
— Olivia é a pior pessoa para mentir. Ela gagueja, pisca rápido e desvia o olhar. Dessa atração eu já sabia. Não é falta de modéstia, mas eu senti ontem

como ela ficou nos meus braços. O corpo e os olhos a denunciaram.

— E o que aconteceu de ontem para hoje para você aceitar isso? Um milagre? Uma possessão de espírito? Uma possível bipolaridade? — Estou sendo sarcástico e recebo um olhar repreensor como resposta.

— Por que precisa tanto saber? Você não estava a fim de transar comigo? Estou aceitando. — Agora ela agita as mãos. — Vamos fazer.

O tom dela chega a ser grosso. É nítido que algo aconteceu para fazer Olivia agir assim. Pelo olhar e os lábios meio trêmulos, possivelmente, ela está tentando se afirmar ou vingar.

— É uma vingança? Descobriu algo do seu marido e quer se vingar?

Ela não responde, mas olha-me bem nos meus olhos. Comprime um lábio no outro e volta a cruzar os braços. Quem entende um pingo de leitura corporal sabe que braços cruzados são sinal de proteção, uma forma inconsciente de proteger a mentira.

— Sim. Eu descobri. Ouvi ele ao telefone — confessa sem demonstrar muita emoção.

— E você o confrontou? Arrumou confusão?

— Não — resmunga olhando fixamente para a cachorra no chão.

— Ouviu ele ao telefone, não confrontou e quer transar comigo para se vingar?

Ela balança a cabeça assentindo. Dou um tempo esperando mais alguma manifestação, mas esse

balançar de cabeça foi sua resposta definitiva.

— Não quero mais. — Ergo os ombros com naturalidade. Minha negativa faz ela se abalar.

— Oi?

— Quero que transe comigo porque gostou de mim. Não para apenas vingar do seu marido, mesmo eu pensando seriamente em me voluntariar ao cargo de objeto de vingança. Quero você por inteira, Olivia, não pela metade. — De boca aberta, ela me encara por algum tempo, depois joga as mãos pra cima, grita “Grrr” e dá um giro. Volta a me fitar.

— Você é inacreditável, mas, tem razão. Seria mesmo um erro, Não posso me entregar cem por cento. — Sinto um calafrio.

— Por causa do seu marido? — indago, aproximando-me dela novamente. Olivia me olha com feições encrespadas e dá dois passos rápidos para o outro lado.

— Eu não achei que você iria querer tantas explicações. — O timbre da sua voz é urgente, atropelando as palavras. — Eu só achei que iríamos para a cama uma única vez e você iria embora. É só isso que quero.

— Então eu escolho a parte de ir embora. Por que sei que, se formos para a cama, não vou mais querer parar de te comer. Não vou descansar até ter você toda só para mim. Entende agora meu lado?

— Por que isso? — As bochechas dela enrubescem. — Achei que você fosse desses que não se apega. Não estou procurando compromisso, Romeo. Eu já estou em um, lembra? — As

NACIONAIS - ACHERON

sobrancelhas dela se juntam em um sinal de revolta.

— Também não acho necessário um compromisso no papel, mas eu sou meio depravado e obsessivo. A partir do momento em que você se entregar, não vou querer dividi-la com ninguém, muito menos com seu marido.

— Então, acabamos aqui. — Ela bate o pé e me olha meio enfurecida. — Você pode se retirar.

— Sério mesmo? E o papo de querer ter três coisas para gostar? Posso te mostrar muito mais de três.

— Santa Mãe de Deus! Como acha que eu posso ficar com você e meu marido e impedir que ele me toque?

— Só dizer que não quer. Você vai ter um homem de primeira categoria que nunca vai deixar faltar nada a você na cama. — Apesar da minha arrogância momentânea, ela não parece notar. Balança rápido a cabeça, negando.

— Falar é tão fácil...

— Difícil é não tomar uma atitude, Olivia. Saia de casa. Posso alugar um apartamento para você...

— Poupe-me Romeo! — insultada, ela esbraveja. — Está querendo me desmoralizar, me tratar com uma vadia bem paga?

— Deixe sua mente arcaica fora do nosso acordo por um instante. Você pode trabalhar e pagar o próprio aluguel se isso a incomoda — devolvo no mesmo tom.

— Ou uma vez, ou nada! — De punhos fechados, Olivia dá a palavra final..

Eu entro em modo de ataque, e ela não corre quando eu a pressiono contra o balcão da pia. Não toco nela, apenas fico bem perto, de frente.

— Eu não posso acabar meu casamento assim, do nada, sem lugar para ir, sem um centavo no bolso — contesta. — Meus pais vão me odiar.

— Você pode morar com sua amiga. Conversei com ela e sei que vai recebê-la.

— A propósito, por que foi ver a Kate?

— Porque eu queria entender um pouco sobre você e sua vidinha mirrada. — Sem que ela esperasse, eu a ergo do chão e a coloco sentada no balcão. Olivia se debate.

— O que está fazendo? — Luta arduamente. Mas eu fico de pé no meio das pernas dela, impedindo-a de descer. — Vamos mudar de assunto. Temos apenas vinte minutos e não quero conversar.

— O que pensa que... — Tenta me empurrar inutilmente. — Deixe-me sair, praga!

— Seu marido nunca te contou que balcões, mesas e pias servem para muitas coisas além da sua função original? — Seguro na cintura dela e descanso a outra mão em sua coxa macia, está de vestido folgado, meus dedos empurram de leve o tecido, e Olivia tenta tirar minha mão.

— Meu marido não é um pervertido como você.

— Então está explicado por que você se porta assim. Safadeza é o que falta nesse casamento de

merda.

Olho para baixo e vejo a maravilha da pele dela sob meus dedos. Arfo involuntariamente. Vou empurrando o vestido para cima, ao passo que minha mão sobe pela cintura e estaciona, sutilmente, abaixo do seio dela. Olivia está paralisada, , mesmo sentada no balcão ainda fica centímetros mais baixa que eu. Bastou eu avançar milímetros para capturar a artéria pulsante no delicado pescoço em uma chupada poderosa, dessas de ir com a boca toda, e sentir o gosto da pele feminina. Meu coração acelera e meu pau sacode na cueca.

— Romeo... deixe-me... sair... — ela começa a implorar fracamente, o pescoço meio curvado, dando-me mais acesso. Minha mão chega bem perto da calcinha, e a outra ainda rodeia devagar o

seio esquerdo. — Pai do Céu! O que está fazendo? — ela segura firme a mão que tenta invadir o meio das suas pernas, que não podem fechar, pois estou no meio.

— Te mostrando, Oly — murmuro quase como um sopro antes de segurar de leve sua garganta e trazê-la para minha boca. Ela geme quando meus lábios começam a se movimentar contra sua boca. Logo Olivia está entregue, apertando meu braço e abrindo a boca ainda de forma tímida para eu continuar a saboreá-la. Minha mão chega a sua calcinha e começo a usar o polegar, subindo e descendo lentamente por cima do tecido, acariciando sua boceta que começa a responder. Os dedos dela que tentavam segurar meu pulso, ainda estão no meu braço, mas em um aperto folgado.

— O que... o que está fazendo...? — torna a

perguntar, abobalhada de excitação.

— Queria comer você aqui. Mas você merece mais que uma foda no balcão. — sussurro um segundo entre o beijo. Ela não responde, encara-me com olhos anuviados, ofegante. Não me demoro, volto a beijá-la.

Ela começa a perder a timidez, sobe as mãos pelos meus braços, bem lentamente, sentindo cada parte, apalpando, indo para meus ombros. Deixo os lábios, esfrego minha barba no rosto dela para ela sentir a textura de um macho de verdade, e ela segura forte meus cabelos, jogando a cabeça para trás e gemendo por causa da minha boca que chupa seu pescoço.

E então, minha mão sobe para seus cabelos, mas, quando toco em uma parte perto da têmpora, ela reage assustada e se afasta.

— O que foi? Te machuquei? — Afasto o rosto para encará-la. Olivia coloca a mão no lugar onde toquei e abaixa a cabeça.

— Não... eu só me assustei. — Semicerro os olhos fitando-a de modo investigativo.

— O que houve? — torno a perguntar.

— Nada Romeo, deixe-me sair. — Empurra meu peito, mas eu não me movo. Chego mais perto e dou uma olhada. Não há nada aparentemente nesse ponto da cabeça dela.

— Está doendo aqui?

— É, eu bati a cabeça na... — ela gagueja, para, e olha em volta; encara a geladeira e volta-se para mim — na geladeira.

Torno a analisar — contra a vontade dela — o
NACIONAIS - ACHERON

ponto dolorido. Ela bate na minha mão e tenta se afastar.

— Estranho, não tem hematoma nem mesmo um galo. O que houve? Conte-me? — E ela fica muda de cabeça baixa.

Sorte a minha que sei ler esses sinais. Uma mulher submissa ao marido quando é agredida nega o fato para outras pessoas. E homens da sociedade não querem ser alvo de escândalos; então, eles aplicam um tipo de agressão bem familiar: puxar os cabelos e bater no rosto, são lugares que não deixarão marcas. Como eu sei disso? Digamos que meu pai não gostava que minha mãe o contrariasse.

— Foi ele, não foi? — minha voz sai bem rouca, quase um arranhar de garganta. Antes mesmo de ela levantar os olhos para mim, eu já sabia que sim. Senti meu corpo ferver bruscamente de uma raiva

descontrolada. Minha vontade é sair daqui, entrar no escritório dele e acabar com aquela cara de merda. Mas não posso, Ludovico não pode imaginar que eu estou cercando a mulher dele.

— Não é dor... Eu só me assustei quando você tocou — ela explica. — Mas eu tive culpa. Eu gritei com ele... Não deveria...

— Shhh! — Coloco um dedo nos lábios dela. — Nunca, em hipótese alguma, se culpe por ter sido agredida. — Puxo-a para mim e descanso minha testa na dela.

— Romeo...

— Espere! Dê-me uns segundos. — Minha voz está tremula. — Estou apenas me controlando para não matá-lo. — Ela levanta meu rosto para que eu a encare.

— Em briga de marido e mulher...

— Eu meto a colher, sim — rosno feroz, completando o ditado que ela estava prestes a falar.
— Caralho, Olivia, não é segredo o que sinto por você. Isso está me matando, essa espera dos infernos, e então, fico sabendo que um filho da puta está te agredindo...

Ela me empurra e pula do balcão.

— Você não tem o direito de se intrometer — avisa, o dedo em riste. — Não importa que está atraído por mim ou sei lá o quê. Eu sou esposa dele, eu devo cuidar da situação.

Estou com tanta raiva que solto uma risada. Ela fecha a cara.

— Foi por isso que quis transar comigo para se

vingar dele? Não quer que eu intrometa, mas quer fazer de mim uma arma para vingança? Ok, eu aceito.

— Ahn? — resmunga,- olhando-me sem entender.

Dou dois passos e a pego de novo. Olivia bate com força contra meu corpo e nem tem tempo de impedir o meu beijo. Seguro a mão dela e a coloco por cima da minha calça, no meu pau. Ela fica assustada e tenta se afastar. Continuo segurando-a ali para que sinta o que faz comigo.

— Você me deixa assim. Chega de espera, vamos acabar com isso.

— Mas eu...

— Sem desculpas. Eu me intrometeria em um

casamento feliz sem me importar de ser rotulado como vadio destruidor de lar. Imagina se não vou me enfiar em um casamento fodido como o seu. Não posso bater no seu marido, mas posso ajudá-la a se vingar dele.

— Não posso sair para ir em algum lugar...

— Vou resolver tudo. A próxima vez que eu vier, é para irmos além. — Voltamos a nos beijar após minhas palavras e, dessa vez, não fui eu apenas que avancei. Olivia também veio para cima de mim, segurou forte meu pescoço, de pés meio levantados e seios colados no meu peito.

— É tão errado, Romeo... — ela murmura, sorrindo de leve. — Mas tão tentador — emenda em seguida, passando os dedos pelo meu rosto. — Você é tentador — conclui, olhando-me abismada.

— Venha aqui, não canso da sua boca. — Ataco novamente os lábios inchados e rosados de Olivia.



— O Matusalém filho da puta bateu nela — falo e viro uma taça de vinho, tomando o máximo que consigo. Termino e olho para Magno que está com uma sobrancelha levantada, encarando-me.

— Vai dar uns ensinamentos nele? — Lorenzo pergunta. Estamos reunidos, almoçando em um restaurante. Temos que voltar em pouco menos de quarenta minutos para uma reunião de pauta importante. Enfim, vamos fechar contrato com mais uma empresa que terá uma ótima fusão com a Orfeu.

Balanço a cabeça negando.

— Se eu der indícios que tenho ao menos falado com ela, coloco tudo na bosta. Preciso ir com calma.

— E nada melhor que se vingar dando uma surra de pica nela a dar surra de punho no velhote — Magno, com seu distinto vocabulário, constata, fazendo Lorenzo soltar uma gargalhada. Nós dois olhamos de testa franzida para o caçulinha rindo.

— Está pegando uma gostosa? — Magno indaga. Ele acha que motivo de alegria é pegar gostosa. Maníaco.

— Digamos que, enfim, a sorte olhou para mim. Deixou vocês dois de lado e veio me fazer uma visitinha. — Lorenzo analisa, recostado na cadeira, estilo Boss.

— Ainda está com tara naquela putaria de

empresa falida? — Magno questiona o que eu já estava prestes a indagar.

— Negócios, meu irmão. Não é isso que fazemos? — Ele abre os braços numa pose muito cheia de si. Lorenzo está com os planos dando certo.

Magno olha para mim.

— Vai deixar o cara fazer o que quer? Você é CEO cacete. Nunca lhe pedi nada.

— Eu já disse o que tinha que dizer sobre essa empresa. Se ele quer arriscar... — Dou de ombros. Tenho coisa melhor para fazer do que ficar me preocupando com birra desses dois.

— Diabos! — Magno se manifesta feroz. — Nossos futuros filhos nem vão precisar torcer para

o São Paulo para sofrer com aquela antiga piadinha: Seu Pai Fabrica Calcinha — SPFC — porque será a verdade. Fala sério, Romeo! Vamos fabricar vestidos? Seremos a porra de alfaiates?

— Pare de ser infantil, Magno. Nem mencionaremos a Orfeu. Deixe tudo comigo — Lorenzo gesticula os braços na mesma ferocidade, defendendo seu projeto maligno.

Magno balança a cabeça não gostando nem um pouco disso. Tira do bolso uns cartões retangulares, me entrega um e outro, a Lorenzo.

— Só não me inclua nessa. O clube vai fazer outro leilão. Papa fina, coisa de primeira. Vão lá apreciar a festa e beber champanhe de verdade.

Olho para o cartão marfim com belas letras pretas e vejo que, na verdade, é um convite restrito.

Os leilões que Magno e a galera dele promovem são algo beneficente e sexual ao mesmo tempo. Só a nata do país é convidada. Sete solteiros, com idade entre dezoito e vinte e quatro anos, são leiloados. Três rapazes e quatro moças. Se tiver uma virgem no meio, o preço se eleva a milhões de reais. Mas é tudo consentido, os leiloados se inscrevem, assinam um pré-contrato e, logo depois, firmam outro com a pessoa que arrematou. Já vi homens arrematando garotos e outros pagarem quase cinco milhões para levar duas para casa. Ricos e suas esquisitices.

Parte do dinheiro arrecadado vai para o leiloadado, que fica com cinquenta por cento, e o resto, para os cofres do clube.

— A festa da Orfeu está chegando — lembro-o.

— Está tranquilo. O leilão será mais pra frente.

Estamos fazendo o processo seletivo dos candidatos.

— São realizados quantos desses por ano? —
Lorenzo se mostra interessado.

— Uma ou duas vezes por ano.

— Qualquer um pode se inscrever?

— Sim, desde que seja maior de idade —
Magno responde olhando-o torto. Lorenzo dá um sorriso homicida e fica viajando em pensamentos enquanto olha, sem piscar, o cartão. Quem consegue descobrir o que passa nessa mente?

— Esse cara é um fanfarrão. — Magno observa Lorenzo. — O que está planejando agora?

Ele não responde, se levanta, pega o celular e, depois, o terno que estava no espaldar da cadeira e
NACIONAIS - ACHERON

joga por cima do ombro.

— “Vingança é um prato que se come frio” — Lorenzo recita e vai embora, dizendo, por cima dos ombros, que estará na empresa fazendo umas ligações.

— E a garota que você quer roubar? — Magno volta para mim após ficamos olhando Lorenzo se afastar. Tomo mais um pouco de vinho.

— Está se encaminhado — confesso, pensando no que conversei com Olivia.

— Você está ligado que essa mulher não é dessas que pega, come e pronto, né?

— Sim. E quer saber? Estou achando isso bem maneiro.

— É cada uma que ouço. — Ele estala a língua

NACIONAIS - ACHERON

ironicamente. — Eu morro, mas não passo por isso. Onde já se viu deixar um cardápio de gostosas para ficar só com uma? Nem me peça para entender.

— É, você não entende.

— Romeo! É como recusar fazer um pornô com a Sasha Grey porque não rola sentimento com ela. Vá se danar, você é rico e pode ter quem quiser.

— Espero que seja verdade, ter quem eu quero. Pois, no momento, só tenho olhos para uma.

Faço um sinal para um garçom, ele vem e entrego meu cartão a ele.

— Só tenha cuidado para não pagar a língua — aviso. — Vou soltar uma caixa de foguete o dia em que o inabalável João Magno se apaixonar perdidamente.

Ele dá uma sonora gargalhada, se levanta, pega o terno, bate no meu ombro e sai. Recebo de volta meu cartão e a nota. Pego minhas coisas e deixo o restaurante. Até pouco tempo, eu era como Magno, até ver minha fantasia encarnada em realidade. E depois disso, todo mundo está vendo como eu estou: doidão por Olivia.

10

OLIVIA

“Será que posso falar?” — Olho para os lados. Estou arrepiada, toda mole de algo que sinto e não sei nomear. Na minha cara, o mesmo sorriso que dei quando recebi meu diploma do colégio. Olho-me no espelho do banheiro, estou de bochechas rosadas, ofegante e sorrindo. Romeo acabou de sair.

— Ca-ra-lho! — falo em voz baixa e coloco a mão na boca, olhos arregalados — Ai, meu Deus! — Rio e aperto os olhos. — Caralho! Que homem! — falo um pouco mais alto. — Sou uma devassa e vou para o inferno — afirmo. Não consigo parar de sorrir. Abano meu rosto com as duas mãos.

Céus! As pessoas podem ser condenadas por se sentirem felizes? Nunca tinha me sentindo assim. Nunca uma pessoa tinha me deixado assim. Ninguém, nem mesmo Kate.

Meu coração parece que vai sair pela boca, meu corpo todo ainda está feito gelatina. Aquelas mãos grandes, o corpo viril, firme e cheiroso... E o beijo? Por que uma boca tem que ser tão gostosa? Minha mente reproduz a todo instante o sabor dele e fico tentada a querer mais. Eu ouvia Kate classificar os homens como gostosos e não entendia. Mas é isso, são homens como Romeo. Gostosos.

Bato os dedos muito eufórica e lavo o rosto antes de sair e ir para a cozinha. Preciso rezar para não queimar a comida de novo. Vou fazer o peixe que não fiz ontem.

Antes de amarrar o avental na cintura, eu corro,
NACIONAIS - ACHERON

pego o celular que Romeo me deu e que estava escondido, ligo-o para deixar na cozinha. No fundo do meu peito, uma esperança que ele mande uma mensagem.

Eu não sei o que está acontecendo, ele acabou de sair daqui e eu já estou querendo mensagens.

— Vergonha na cara, Olivia — peço a mim mesma.

Mas estou focada em descobrir mais sobre a vida, sobre mim. Os tapas da minha mãe e o puxão de cabelo que Ludovico me deu serviram para abrir meus olhos. Nem tudo é cor-de-rosa como minha mãe me fez acreditar. Romeo acabou me mostrando que um relacionamento requer troca, só eu dou aqui e não ganho nada. Ludovico parece que age como se tivesse obrigação comigo e não por gostar de mim.

Pode ser que eu meta os pés pelas mãos e faça uma bagunça na minha vida, pode ser que eu me decepcione e acabe magoando as pessoas a minha volta, mas eu sairei experiente disso tudo e um pouco mais vivida.

O peixe não é fresco. Nem tem como ser, afinal, Ludovico não quis que eu fosse fazer compras; ele acha que é um tipo de punição. Tenho que rir da cara dele. Temperei o peixe ontem e deixei descansando para hoje. Vi certinho no caderno da minha mãe, segui cada passo para não ter erro.

Ajeito o peixe grande na forma, cubro com papel alumínio e levo ao forno já preaquecido. Cronometro o tempo sento-me cansada no banquinho do balcão. Preciso começar a preparar o molho, Ludovico não come peixe sem molho. Solto o ar e massagueio as têmporas. Vou continuar

servindo-o, é o que tenho que fazer enquanto morar aqui, enquanto for casada com ele. Será que um dia ele vai ver meu valor? Ou serei vazia e fria como minha mãe se tornou por causa dos pais e do marido dela? Ludovico está, possivelmente, me traindo. Sim, eu o ouvi mesmo ao telefone. E como eu me sinto? Nada do que eu esperava sentir. Nada de ciúmes ou lágrimas de dor. Eu apenas sei e nada está acontecendo comigo. Como minha mãe sempre soube das escapadelas do meu pai e pronto.

Pego o celular e olho. Nenhuma mensagem. Nunca enviei uma mensagem para Romeo. O que eu falaria? A campainha toca, e eu deixo o aparelho de lado. Levanto-me, descarto o avental e vou ver quem está na porta. Olho-me no espelho da sala, estou um bagaço. Meus cabelos desarrumados escapando do coque, a testa meio suada pelo tempo que passei perto do forno e sem maquiagem, quase

nunca uso.

Abro a porta, atravesso o jardim, chego ao portão e na minha frente está uma bela mulher aparentando ter uns trinta anos, em seus saltos altos, saia bem alinhada estilo secretária e um cabelo perfeito. Antes de fitar os olhos verdes, passo os olhos pelos seios saltados do decote, bem volumosos. Usa uma maquiagem impecável e parece uma capa das revistas Manequim que eu leio. Sinto-me nanica e muito inferior diante dela. Abre a boca em um sorriso, exibindo belos dentes.

— Olivia, não é isso? — cantarola cheia de si.

— Sim. Sou eu — confirmo num fio de voz.

— Sou Karina, secretária de Ludovico. — Ela faz um sutil sinal e um belo homem de terno me entrega uma caixa. Recebo e ainda fico pasma

olhando-a. — Fiquei encarregada de comprar a roupa que você vai usar na festa no próximo sábado. — Ela passa os olhos pelo meu corpo, encolho-me com vergonha do meu chinelo de dedo meio gasto e meu vestido florido abaixo dos joelhos, era da minha mãe, ela reformou e me deu. — Espero que tenha acertado seu estilo e seu tamanho, mas Ludo disse que você é costureira e pode arrumar o vestido se ficar largo.

Oi? Ludo? Como assim? Sinto-me mais inferior ainda. Fico sem resposta e, ainda com um sorriso cínico, ela continua:

— Ele disse para eu mandar trazer, mas eu decidi dar uma passadinha pessoalmente. Até mais. — Acena, mostrando belos anéis e unhas perfeitas. Faz um sinal e o homem se apressa para abrir a porta de trás e corre para a direção do carro. Eu fico

boquiaberta. Assim que o carro se afasta, eu fecho a porta e fico um pouco recostada, apenas absorvendo tudo. Seria ela a pessoa que ele falava ao telefone? Sinto meu coração acelerar, mas não de raiva, foi mais de surpresa.

Ando até o sofá e me sento com a caixa no colo. É grande, retangular e na cor verde-clara. Abro e deparo-me com um vestido de cetim branco. Ludovico sempre pede à secretária para comprar as roupas que vou usar nos eventos, segundo ele, eu não saberia o que escolher. As sacolas sempre vêm por um motorista da empresa e sempre são roupas feias, fora de moda, sem um pinga de bom gosto. Esse não é diferente. Para começar, é de duas cores. A parte de baixo é preta, de um pano fino com um forro mais grosso, a parte de cima é de cetim branco. A gola alta é seguida por uma fileira de botões simples, pretos. É longo e de mangas longas.

Levanto-me e coloco na frente do copo. É grande e largo para mim. Não tem um ponto que marque a cintura, ou seja, um hábito de freira. Uma raiva me fere. Recordo-me da roupa sexy e elegante da secretária, e eu vou ter que parecer uma senhora? Embolo o vestido, coloco na caixa sem nem ter o trabalho de dobrar e o jogo no quarto de costura. A festa é na semana que vem, nem sei se vou. Lembro do peixe. Ah, merda! Desço correndo. Para meu alívio, ainda está tudo sob controle.

Pego cebola, tomate, salsa e começo a cortar para o molho. O celular apita na mesa, e eu deixo tudo de lado, seco minhas mãos e vou ver a mensagem que acabou de chegar. Romeo, claro, só ele tem esse número.

***Romeo:** Pensando em mim?*

Sorrio e confirmo balançando a cabeça.

***Eu:** Pensando no ponto ideal do molho.*

***Romeo:** O meu ponto ideal seria estar suando e gemendo em cima de você. ;)*

Leio e releio. Solto o ar pela boca bem lentamente. Fecho os olhos e acaricio meu pescoço tentando não imaginar essa cena. Agora que eu o vi, que eu o senti e toquei, imaginar cenas ficou cada vez mais frequente e real. Como seria fazer

amor com ele? Será mesmo que amanhã é o grande dia que descobrirei? Será que quero descobrir isso?

***Romeo:** Já posso ver a cena. Você olhando fixamente para minha mensagem sem saber o que dizer. Tudo bem, saiba que amanhã o que eu disse vai se concretizar.*

***Eu:** Chega de papo. Tenho coisas para fazer.*

***Romeo:** Saindo pela tangente, Oly? O que seu amado marido quer comer no almoço?*

Olha só para mim: sentada, conversando no celular e com um sorriso gigante nos lábios. O que esse homem está fazendo comigo, meu Deus?

***Eu:** Peixe assado. Salada para acompanhar, arroz branco e molho.*

***Romeo:** Preciso provar sua comida. Como fez o peixe? Salmoura?*

***Eu:** Sim. Temperei ontem. Coloquei azeite, salsinha, limão, e eu mesma pisei o tempero com alho e coentro.*

***Romeo:** Está no forno? Tire uma foto e me mande.*

Não penso duas vezes. Agora estamos conversando pelo aplicativo. Ainda é difícil mexer nisso, demoro um pouco para descobrir como anexar a foto e enviar a ele.

***Romeo:** Está muito bonito. Fiquei com água na boca. Pegue uma concha, e comece a regar o peixe com o caldo da forma.*

Deixo o celular na bancada e faço o que ele falou. O peixe está cheiroso, brilhando, a cor perfeita. Hoje não tem como Ludovico colocar defeito.

***Eu:** Por que deixou a cozinha de lado?*

Aguardo a resposta, observo a tela: Romeo está gravando um áudio... Sinto meu pulso acelerar, pois vou ouvir sua voz grave e mansa. Aperto em ouvir.

Romeo: *Meu pai faleceu num acidente há uns cinco anos. Deixou dívidas e uma empresa prestes a falir. Se eu não tivesse arregaçado as mangas e pegado o touro pelo chifre, hoje eu teria meu restaurante, mas me sentiria culpado de ver a empresa que meu avô abriu despedaçada ou nas mãos de outra pessoa.*

Eu: *Foi um sacrifício corajoso. E se não tivesse dado certo? Você teria ficado sem os dois.*

Romeo: *A vida é cheia de escolhas, Oly. Você nunca saberá se não tentar, foi um sacrifício em conjunto. Meu irmão mais novo deixou a carreira de pugilista, entrou numa faculdade e veio me ajudar. Meu outro irmão saiu do exército e dispensou um cargo de delegado na Polícia Federal. Ele viu nosso sufoco e veio unir forças.*

Eu: *Nenhum de vocês se arrepende?*

Romeo: *Não. Estamos muito bem de vida; foi a escolha certa. Na verdade, estávamos, anteriormente, realizando nossos sonhos. Mas, hoje em dia, isso se tornou apenas um detalhe. Conte-me, você teve vontade de ser algo na vida?*

Eu: *Não necessariamente. Nunca tive pretensões. Mas eu sei desenhar roupas. Crio e costuro meus próprios vestidos.*

Romeo: *Como assim? Você confecciona suas roupas?*

Eu: *Sim. Não por obrigação, apenas por lazer mesmo.*

Romeo: *Tem alguma criação? Mande uma foto.*

Olho para o cronômetro do peixe, vejo que
NACIONAIS - ACHERON

ainda dá tempo e corro para meu atelier no segundo andar. Aqui tenho três máquinas de costura, uma mesa para cortar e uma prateleira com muitos tecidos que compro quando saio com minha mãe. Também tenho dois manequins e três bustos.

Em um busto, está minha mais nova criação. Sei que nunca vou vesti-lo. É extravagante demais para mim. Darei a Kate para vender, e eu terei uma graninha extra. Faço isso com vários vestidos que desenho e costuro. Pego minha pasta de desenhos, tiro uma foto do desenho do vestido e encaminho para Romeo.

***Eu:** Esse é o projeto. — Escrevo na legenda da foto.*

Depois, fotografo o vestido pronto no busto que uso como molde. É um modelo sereia. Corpete de renda dura, tomara que caia e decote nas costas. O único forro é na parte dos seios, o resto do vestido desce bem colado e abre em ondas finas na parte inferior.

***Romeo:** Caralhooo! Você fez curso, Olivia? Isso está extraordinário. Precisa mostrar esse seu talento ao mundo. Você é uma artista. Não é uma roupa, é uma obra de arte.*

Fico rosada de um sentimento que se parece com vergonha ou orgulho. Orgulho de mim? Nunca tive. Minha mãe achava meus desenhos um horror, Ludovico vira um modelo que eu havia feito, mas desaprovou e pediu para que eu o tirasse. Nunca

NACIONAIS - ACHERON

mais ousei vestir algo meu para sair. Sempre uso aqui em casa mesmo.

Será que Romeo está me elogiando tanto dessa forma apenas para dormir comigo? Prefiro as pessoas honestas.

***Eu:** Não precisa mentir, Romeo. Sei que você quer apenas ser simpático e me agradar.*

***Romeo:** Claro que não, Olivia. De verdade, é perfeito.*

***Eu:** Tá. Eu tenho que voltar a cozinhar. Falamos depois.*

***Romeo:** Oly, não se rebaixe. Se você não acreditar em você, quem vai? Olhe direito seu trabalho, veja o que você fez sozinha. Nos falamos*

depois, um beijo. Estou cada vez mais louco por você.

Antes de descer, faço o que ele aconselha: analiso o vestido. É lindo. Eu achei fantástico. Por que tudo que eu faço não é bonito ou bom o suficiente para Ludovico? Desolada e meio irritada comigo mesma, saio do quarto e volto para a cozinha. Termino o almoço em modo automático. Minha mente fervilha com várias coisas e nem vejo o tempo passar.

Calada, recebo Ludovico. Estou muito ansiosa, doida para vê-lo comer o peixe e falar o que acha. Tenho certeza de que não haverá como criticar, está delicioso. Depois de sair do banheiro, ele vai para a sala de jantar, mas não se senta, fica de pé, olhando-me.

— Fiz o peixe que você queria — digo e mostro o belo peixe.

— Hum... — ele pondera e faz uma careta. — Não quero peixe.

— Não? — Meu coração acelera. Começo a entrar em pânico. Será que ele pediu outra coisa ontem e eu não lembro? — Está muito bom, querido, prove um pedaço. — Tento convencê-lo já pegando um prato.

— Não estou no dia de comer peixe, Olivia. Quero carne de panela. Faz lá enquanto eu vou trabalhar um pouco. — Fico boquiaberta. A mesa já posta com toda a comida pronta. Passei a manhã quase toda para deixar o peixe no ponto.

— Ludo, eu faço a carne no jantar. Prove o peixe — peço com delicadeza.

— Já falei que não quero peixe, droga! — grita.
— Vá fazer logo a merda da carne que eu estou com fome. — Ele vira as costas e caminha em direção à escada.

Apoio as mãos na mesa, estou ofegante. Fico de cabeça baixa recobrando o fôlego. Minha vontade é de sair correndo e não voltar mais. Com lágrimas nos olhos, começo a retirar a mesa. Não vou protestar, ele quer isso. Mas não vou brigar. Uma hora depois, termino a carne e vou chamá-lo. Ele está falando novamente ao celular. Despede-se da pessoa e me olha.

— A carne está pronta — aviso.

— Pode almoçar, acabei de ser chamado para um almoço de emergência — ele fala, desliga o computador e vem em minha direção.

— Me obrigou a fazer carne e não vai almoçar?
— exclamo num fio de voz.

— Sim. Por quê? O que tinha de melhor para fazer a não ser cozinhar? Acha que eu engoli sua birra de ontem, Olivia? Ainda estou engasgado.

— Mas eu...

— Você nada. Eu já avisei para você fazer o que eu mandar. — Ele segura bem forte no meu queixo e sorri muito arrogante. — Ainda é novinha, vai aprender com o tempo. A vida ensina. — Me dá um beijo rápido nos lábios e passa por mim. — A noite não quero nem a carne nem o peixe. Sabe que não como comida requentada — relembra com ar prepotente enquanto se afasta.

Se eu caí no chão chorando, com um grito de dor, muito humilhada? Não mesmo! A vida me

ensina, querido. A vida está me ensinando. Com os punhos cerrados, louca de ódio, os dentes trincados que fazem meu maxilar doer, eu saio do escritório e vou para o quarto sem derramar mais nenhuma lágrima, chorar, agora, só se for de ódio.

Entro no banheiro e olho-me no espelho, noto meus cabelos desganhados. Passo o pente rapidamente e o prendo em um rabo-de-cavalo; troco de roupa e alcanço minha bolsa. Desço as escadas, pego o celular na cozinha e saio de casa com um endereço anotado. Não tenho dinheiro para táxi, preciso pegar um ônibus. Meio sem graça, muito amedrontada e com taquicardia, caminhei até o ponto de ônibus e cutuquei o ombro de uma mulher para saber informações sobre que ônibus eu deveria pegar para chegar ao endereço. Engoli em seco, entrei suando frio, totalmente aflita. Durante todo o trajeto até a Gávea, refleti sobre o que está

acontecendo, como minha vida é catastrófica, e eu nem percebia. Não foi difícil encontrar a casa grande e bonita, casa de gente rica.

Romeo não pode estar errado, é o que vai garantir minha confiança nele, será o divisor de águas, saberei agora se meu admirador secreto falou a verdade. Já muito aflita, toco no interfone e espero. Meu coração bate na garganta, estou trêmula e quase voltando correndo. É agora ou nunca. Não vou voltar atrás.

A porta abre e uma mulher elegante, esguia, de roupa preta vem andando até a grade onde estou parada. O cabelo loiro preso em um elegante coque.

— Pois não? — ela pergunta me olhando dos pés à cabeça. Olho o nome no papel que eu anotei e pigarreio antes de falar.

Deus! Romeo estava errado. Essa mulher não parece triste ou ofendida. É elegante, bela e nova. Ela mora em um bairro bom e numa casa boa. Agora acho que Ludovico foi mesmo a vítima de tudo. Será que Romeo inventou a história das ex-mulheres? Já odeio essa cara de arrogante dela.

— Senhora Núbia? — Encaro-a.

— Não. Quem gostaria de falar com ela?

— Não é você? — Sinto o ar faltar.

— Não. Sou funcionária dela. Em que posso ajudar?

Meus olhos arregalam. Não é ela. Uma das ex de Ludovico. Penso se quero voltar ou seguir em frente. A mulher ainda me olha, meio impaciente.
— Pergunte a ela se pode me receber um minuto.

Sou Olivia Bragança, atual esposa de Ludovico.

A mulher não se abala visivelmente, mas pude notar sua postura enrijecida. Não contesta e nem vai perguntar a patroa se quer ou não falar comigo. Ela faz sinal para um homem de terno que está afastado, ele abre a grade, e a mulher de cabelo loiro bem penteado faz um aceno leve para mim.

— Venha. Núbia está esperando por você há um ano, desde que você se casou.

11
OLIVIA

Ouço o clique da grade atrás de mim, seguro firme na alça da bolsa e sigo a mulher para dentro da casa. Deparo-me com uma sala enorme, os sofás são de madeira, bem antigos, com acentos bege e almofadas douradas. Um tapete persa preenche o espaço entre eles. Olho para três quadros lindos, não entendo de quadros, mas sei que são cópias de Van Gogh. Ou até mesmo originais, não sei.

— Venha, por aqui. — Ouço a mulher me chamar e só então noto que estou parada, admirando a bela sala rústica.

Ela me leva a uma ampla sala, rodeada de

janelas enormes, do chão ao teto, que permitem a entrada de muita luz natural e revelam um belo jardim que cerca a casa. O ambiente é maravilhoso. Um piano preto, algumas cadeiras de couro acolchoadas estrategicamente posicionadas e uma escada curva compõem a clara sala.

Sigo a mulher para o outro lado e saímos para a área externa da casa, onde posso ver uma fonte de água. Dois cachorrinhos pequenos e brancos brincam ali perto. Há som de pássaros, borboletas nas flores e o vento é muito fresco. Quase um paraíso. Atravessamos o gramado por um caminho de pedras e já posso ver alguém abaixo de uma árvore. Um pouco mais afastado há um homem de terno, parado como um segurança.

Assim que me aproximo, noto que ele está protegendo a pessoa sentada em um conjunto de

cadeiras para jardim. É uma mulher. O homem fica em alerta e vem em nossa direção. Ele olha para meu vestido por algum tempo e depois estende a mão.

— Posso segurar sua bolsa, senhora?

— Claro. — Percebo que ele está apenas desconfiado.

A mulher loira fala baixinho com a mulher que está sentada na cadeira, ela vira e me olha. Assim que recebo permissão, me aproximo quase apavorada, temerosa com tudo ao meu redor. Sinto minha boca seca e minhas pernas moles.

A poucos passos de distância, paro e olho para a mulher. Bem magra e acabada. Os cabelos, quase todos brancos, estão firmes em um penteado como o da loira. Ao lado da mulher, há um cilindro de

oxigênio conectado a uma mangueirinha fina presa ao nariz dela. Ela chama o segurança, ele se aproxima prontamente.

— Wagner, por favor, querido, peça a Leandra que venha aqui imediatamente.

— Sim, senhora — assente, pega um celular no bolso e sai de perto.

— Não se assuste — ela fala comigo. A voz frágil, mas, nitidamente, feliz. — Sente-se aqui. — Indica uma cadeira ao seu lado; estou constrangida. — Bianca, querida, traga algo para Olivia beber. — Ela é minha única família. — Aponta para a loira que se afasta. Depois volta a me olhar. — Você é tão novinha. — Inclina para frente e segura minha mão. — Tão nova, Olivia. Graças a Deus, veio rápido. Muito prazer, sou Núbia, a primeira esposa de Ludovico. Leandra, a segunda esposa, veio até

NACIONAIS - ACHERON

mim com cinco anos de casada. Sônia veio com três anos... — ela para de falar, leva a mão à boca e respira fundo — Eu e Leandra nos culpamos até hoje de não termos conseguido salvá-la. — Limpa uma lágrima quase imperceptível.

Levo a mão ao meu peito tentando buscar sentido nas palavras dela.

— Você me conhece? Quem é Sônia?

— Se a conheço? Querida, estou no fim da vida. Leandra ainda tem forças para lutar, mas as minhas estão acabando. Meu coração não funciona mais como devia, comprometeu minha respiração e meu sistema imunológico. Eu sei tudo sobre você, desde o dia em que soube da notícia do seu casamento e quero muito ajudá-la antes de partir dessa vida.

— Quem é Sonia? — Minha voz soa trêmula,

quase um balbuciar. A mulher se recosta, passa os dedos finos na testa e tenta esconder algo como terror.

— A terceira esposa de Ludovico.

— O quê? Terceira? — Minha voz é quase um grito esganado. Como assim? Eu sou a terceira. Meus pais... falaram... Ai, Deus! Meus pais me enganaram?

— Você é a quarta. — Núbia parece ter lido meus pensamentos. — Há, mais ou menos, um mês, eu recebi a visita de uma pessoa que me contou sobre você. Romeo. Você o conhece?

Estou confusa, cheia de perguntas e essa mulher está dando voltas, mudando de assunto.

— Sim, eu conheço. Mas me conte sobre essa

Sônia. Como ninguém sabe dela?

A mulher ri, apesar da dificuldade que tem ao fazer isso.

— Você não sabe dela. Sua família sabe, toda a alta sociedade sabe. Sônia, aparentemente, sumiu no mundo, da noite para o dia, deixando tudo pra trás, o namorado e a nova casa em que estava morando. Ninguém, nunca mais, a viu, nem mesmo a família. É como se ela tivesse... morrido.

Sinto meu corpo gelar. O mundo roda, e eu fecho os olhos. Massageio as pálpebras, abro os olhos, Núbia está recostada na cadeira, olhando-me com interesse.

— Como assim, morrido? E se ela apenas fugiu com um amante? — questiono.

— Primeiro, o novo namorado dela estava desesperado. Já se passaram quase sete anos, e ele ainda busca respostas. E segundo, um mês após o desaparecimento, Leandra e eu invadimos a casa de Ludovico para ver nossos filhos e lá estava, no quintal nos fundos, um monte de tralha queimada, dava para perceber que eram roupas femininas. Pude ver sapatos. E, quando analisamos o jardim, vimos que a terra tinha sido remexida no tamanho de uma cova. — Ela parece entalar. — A pobrezinha só tinha vinte e sete anos. — Núbia para de falar de novo, torna a limpar o olho e, em um fio de voz, prossegue. — Quando os investigadores foram atrás, não havia nada. Nada mesmo. Nem mesmo a terra remexida.

— Está insinuando que Ludovico...

— A matou — afirma categoricamente. —

Aquele homem é o Satanás. Ele acabou com minha vida.

— Núbia, isso é muito...

— Querida, saia enquanto é tempo. Ou melhor,
— ela interrompe quase gritando — não saia ainda. Isso! Não o abandone. O erro de Sônia foi tê-lo confrontado e saído de casa. Fique como está. Consiga uma proteção, pelas costas dele, antes de sair de vez.

A loira chega com uma bela bandeja de prata e dois copos. Recebo um, e Núbia pega o outro. Tomo um gole, é uma laranjada bem gelada. Descanso meu copo na mesinha e olho para ela.

— O que ele fez com você? — Olho em volta e dou de ombros. — Você parece bem de vida.

— Pensa como todos, não é? — Ela dá uma risada sofrida. — Tenho quarenta e oito anos. Isso tudo que você vê é sofrimento. — Ela começa a chorar e respirar mais rápido. — Eu não vendi meus filhos, eu comprei minha vida. Se eu não tivesse assinado... Ah, Deus! — Núbia coloca a mão na boca e chora mais. — Aquele advogado... colocou uma arma na minha cabeça... foi tão cruel...

Rapidamente, Bianca interrompe a conversa, agachando-se perto da cadeira.

— Núbia, você está ficando tensa. Acalme-se, Olivia pode vir te ver outra hora.

— Não. — Núbia respira fundo algumas vezes, ajeita-se melhor e fala um pouco mais calma. — São gêmeos, Ricardo e Jaqueline. Tinham apenas sete anos quando ele os tirou de mim. Meus filhos

NACIONAIS - ACHERON

me odeiam hoje porque Ludovico afirma a todos que eu vendi meus próprios filhos porque sou gananciosa, e ele tem minha assinatura como prova. Acredite em mim, Olivia, são minhas únicas riquezas. Não quero partir sem ganhar ao menos um abraço de cada um. Já faz vinte anos, e eu ainda tenho esperança.

— Eu sempre ouvi o contrário — afirmo morta de pena, chocada com a revelação. — Como ele fez isso?

Núbia bebe um pouco de suco, espera se acalmar antes de continuar a narrar.

— Eu não queria mais continuar com ele. Não dava mais. Em oito anos de casamento, Ludovico estava sugando toda minha vida. Eu apenas trabalhava e trabalhava, nunca tinha meu trabalho reconhecido, sempre era criticada, ele nunca

NACIONAIS - ACHERON

aprovou uma comida que fiz. Então, começaram as agressões e as traições. Ele nem fazia mais questão de esconder os casos. — Ela olha longe, pensativa. — No dia em que saí de casa com as crianças, consegui provas de sua traição e ganhei a guarda dos dois. Mas ele fez uma manobra e me ameaçou. No contrato, eu passaria a guarda para ele, ganharia dois milhões e meio de reais e teria direito de visitar as crianças. A parte do dinheiro ele cumpriu, afinal, todo mundo precisava ver que eu tinha mesmo recebido o dinheiro, como se eu tivesse vendido meus filhos. Com a grana que ganhei, contratei um advogado e tentei tomar a guarda dos dois. Mas era tarde demais. Ambos já me odiavam. Tenho meus direitos legais, mas nenhum quer me ver nem pintada de ouro. Isso dói tanto — ela termina de contar, abaixa a cabeça e volta a chorar copiosamente.

— Núbia, por favor — Bianca torna a pedir preocupada. Núbia faz um sinal para ela esperar.

Eu nem sei o que dizer uma hora dessas. Apenas calo-me, recordando tudo o que sei e conheço sobre Jaqueline e Ricardo. Não vou com a cara de nenhum dos dois. E ela, a Jaqueline, já deixou claro que não gosta nada de mim.

Passam alguns minutos, um silêncio reina entre nós. Ela está de olhos fechados, recuperando-se. Bianca traz um comprimido, um copo de água e Núbia toma o remédio. Nesse instante, outra pessoa chega, ela vem quase correndo. Uma mulher morena, alta, elegante, veste um conjunto discreto de calça e terninho. Ela se aproxima e, meio abobalhada, me olha.

— Já contou a ela? — pergunta a Núbia que balança a cabeça. — Núbia, você deveria ter me

NACIONAIS - ACHERON

esperado chegar para não se esforçar.

— Estou bem, Lea. — Núbia tranquiliza a mulher e, em seguida, aponta para mim. — Olivia, essa é Leandra. Leandra, essa é Olivia, a quarta esposa.



Eu saí da casa em aflição profunda, praticamente aterrorizada. Leandra também contou sua história: como Ludovico usou a mesma tática para arrancar o filho dela; também chorou muito ao falar do filho e de Sônia. Tudo o que as duas mulheres contaram que ele fizera está acontecendo comigo: elas não podiam trabalhar fora de casa; tinham que apenas servir a ele; sempre eram criticadas e agredidas.

Sinto-me terrivelmente fadgada. Estou com
NACIONAIS - ACHERON

medo, presa, sem poder fazer nada. Se eu sair desse relacionamento, posso morrer... Leandra e Núbia me fizeram prometer que eu não vou sair da casa de Ludovico, assim, da noite para o dia. Pediram para eu aguentar um pouco mais, tentar agir como se ainda fosse a escrava dele. Enquanto isso, eu começaria a agir sem que ele percebesse. Eu já sabia exatamente a quem recorrer. Romeo me mandou para cá porque já conhecia essa história e, com certeza, está disposto a me ajudar. Se ele não se prontificar, sobrará apenas Deus e Kate. Volto para a casa e tento parecer o mais tranquila possível apesar de estar devastada.

— Malditoooo! — grito chorando e jogo um vaso contra o espelho do meu quartinho de costura. Os vidros se espatifam em milhões de caquinhos. — Que ódio!

Agora, sim, eu caio no chão em lágrimas, destruída com tudo o que eu vi, com o que, possivelmente, aconteceu. Com um ódio me consumindo viva, fazendo meu corpo todo balançar, eu me levanto. Sinto minhas unhas quase perfurando as palmas. Esse desgraçado não vai me usar como as usou, como já fez por todo esse tempo. E se meu pai estiver a par de toda essa cachorrada do Ludovico, juro que jamais o perdoarei.

Após o banho, visto uma roupa de ficar em casa. Sou a Olivia de sempre, ao menos por fora. Não preciso mostrar a ele minha ira e nem posso, para o meu próprio bem. Ele chega, eu o recebo como se nada estivesse acontecendo. Ele é frio? Ok! Eu também sou. Para viver com pais como os meus, eu precisei aprender isso, a frieza. Preparo o banho de banheira dele, ajeito a roupa para ele vestir e, em

seguida, levo chá mate ao seu escritório, como foi solicitado.

— O que quer para o jantar, querido? — indago mansamente. — Ainda está bravo comigo? — Ele me olha por cima dos óculos. Está escrevendo em uns papéis.

— Não estou mais bravo, espero que tenha aprendido. Quero frango assado. Sabe como eu gosto, não é?

— Sim, eu sei. Acompanhamento?

— Molho, mas não o de cedo. Faça outro.

— Tudo bem. Venho chamá-lo quando estiver pronto. — Ele nem está olhando para mim, voltou a escrever. — Ludo, — chamo — obrigada por não estar bravo. Você não se arrependerá. — Ele me

fita por um tempo, calado, depois abaixa os olhos, e eu saio.

Não se arrependerá mesmo. Amanhã, será meu dia de liberdade. E de fazer o que essas três mulheres deveriam ter feito: enfeitar a cabeça dele com um chifre antes deixá-lo.



No dia seguinte, tomo um banho após Ludovico sair às sete, dizendo que quer almoçar macarronada com almôndegas. Arrumo meus cabelos, nunca demorei tanto para deixá-los perfeitos, tenho cabelos lisos e de uma cor bonita, mas, hoje, queria algo especial. Visto uma roupa que desenhei e costurei: um vestido de cintura alta com o comprimento um pouco acima dos joelhos. Não queria pensar que me aprontava para ir para a cama

com outro homem, me arrumava para ir fazer minha vingança pessoal ou conhecer mais um pouco do mundo, apesar de ter mais a ver com desejo que com vingança.

Às oito em ponto, ouço alguém bater à porta da cozinha. Com o coração aos pulos, eu desço e a abro. Romeo está parado com um lindo sorriso em seus belos lábios. Ele me olha, e noto um brilho intenso e verdadeiro em seus olhos.

— Oi, Oly. — Curva-se e planta um beijo carinhoso na minha boca. — Você está linda.

— Obrigada — agradeço encantada. Todos meus problemas desaparecem quando ele se aproxima.

— Acredita que está mesmo bonita? — pergunta surpreso.

— Sim, — balanço o pescoço numa certeza absoluta — acredito. — Os lábios dele repuxam para cima, de leve.

— Que horas Ludovico chega?

— Meio-dia e meia. — Passo a mão na saia do meu vestido. O nervosismo me consome.

— O que ele quer comer hoje?

— Macarrão com almôndegas — respondo sem entender por que ele quer saber.

Romeo assente, pega um celular bem bonito, digita e faz um sinal para eu esperar. O anel de pedra azul brilha em seu dedo.

— Pierre? Romeo falando. Preciso de um prato para duas pessoas, entregue ao meio-dia. Pode reservar para mim? Claro, amigo... Macarronada
NACIONAIS - ACHERON

com almôndegas, aquela que só você sabe preparar. Está bem, outro. Eu passo aí e pego. Abraços.

Romeo desliga e me fita ainda esbanjando um sorriso que me faz querer pular nele. Quero beijá-lo de novo.

— Já tomou café, Oly?

— Não — murmuro.

— Então, venha comigo, — ele estende a mão — vamos tomar um café em um bom lugar. Depois, vou lhe dar algo que será a sua coisa preferida na listinha de três coisas que a Olivia mais gosta.

Sorrio, coloco minha mão na dele, seus dedos longos e fortes abraçam os meus. Piso para fora da cozinha, um passo para a liberdade. Como diz a famosa frase: Um passo para o homem, um salto

PERIGOSAS

para a humanidade.

— Estou pronta. Quero conhecer tudo, Romeo
— afirmo convicta. Que a velha Olivia fique dentro
dessa casa.

NACIONAIS - ACHERON

12

ROMEO

Quando Olivia entrou no carro da empresa de jardinagem que eu peguei emprestado para vir, já sabia que algo acontecera. Não era só desconforto pelo momento ou timidez por sair de casa com um homem que não é seu marido. Ali, naqueles olhos meio saltados e rosto lívido, tinha algo a mais, e eu pude detectar.

— Estou tão contente que tenha vindo — digo, solto uma mão do volante e seguro a mão pequena e delicada dela; está gelada. Olivia corresponde e aperta seus dedos contra os meus. Não fala nada, e eu não espero que fale, o olhar dela diz que, apesar do constrangimento, ela quer estar aqui.

Sabe, eu não sou o tipo de cara que meus irmãos e os amigos deles costumam ser. Se gosto de sexo? Muito. Quer sexo? Então falou com o cara certo, sou eu. Mas prefiro um sexo bem íntimo, bem feito, em que há o tesão corporal e mental. Nem sempre sinônimo de solteiro significa viver para foder.

Magno, o especialista em envolver-se com mulheres comprometidas para fugir de compromisso, acha um absurdo eu estar todo esse tempo sem sair com mulher alguma, sem nem uma punhetinha humilde, só esperando por Olivia. Tentou até fazer uma campanha no meu twitter: *#TacalePauRomeo*; interceptei a tempo. Já Lorenzo é como gavião: pega a presa, leva para não sei onde e ninguém fica sabendo.

Dirijo o carro até um hotel subsidiário à nossa empresa. Entro pela lateral sem sair do carro,

apenas abro o vidro para me identificar e liberar minha entrada.

— Fique tranquila. Escolhi esse local por ser discreto, ninguém vai saber.

— Tudo bem — Olivia assente, a voz fraquinha.

— Ei, está tudo bem. — Empurro uns fios de cabelos que estavam na testa dela. Aproximo-me e dou um beijo leve nos lábios entreabertos. Minha mão desce, eu pego a mão dela e levanto na altura de nossos olhos. — Podemos tirar isso? — Aponto para a aliança. — Você se sentirá mais leve.

— Claro. — Ela anui, retira a aliança e coloca dentro da bolsa. Desço rápido do carro, abro a porta para ela e a conduzo abraçando sua cintura até o elevador. Pego a chave, rodo no painel e aperto o

botão da cobertura. Seguro a mão dela, firmemente, dentro da minha.

— Eu gosto muito de lugares naturais. Minha casa é no chão, tem um grande jardim, árvores frutíferas e uma boa piscina — conto a ela. Olivia me olha atenciosa, ainda meio encolhida; a mão continua gelada. — Mas esse é o lugar urbano que mais gosto.

— O hotel é seu? — pergunta. — Sei que você tem algum cargo elevado e vi como os homens da entrada o reconheceram, mesmo estando vestindo assim. — Olha sutilmente para meu macacão cinza.

Eu ainda não quero contar a ela sobre minha empresa. Tenho quase certeza de que ela sabe que Ludovico está tentando a fusão com a Orfeu, Olivia pode confundir as coisas, achar que eu estou

NACIONAIS - ACHERON

usando-a. A ideia de ser dono do hotel caiu como uma luva. Mais tarde, revelarei tudo a ela.

— Olha só, — sorrio para ela — você é uma observadora. O que fez você pensar que eu tenho um cargo elevado?

— Várias coisas. Você me deu um celular, usava um anel e um relógio aparentemente caros na foto que me mandou, como os que usa agora, e foi ver Kate em um terno e carro de luxo.

— Sim, sou sócio desse hotel. Por isso, eu disse que pode ficar tranquila, está segura aqui.

— É nisso que trabalha? Ramo hoteleiro? — Odeio mentiras, mas vou falar algo mais ou menos perto da verdade.

— Faço outros negócios. Mas, sim,

basicamente isso. — Ela assente, olha para os números passando no visor e fica rígida, ereta ao meu lado, claramente tensa. Ergo a mão dela que está entrelaçada a minha, levo à boca e planto um beijinho. Olivia olha e sorri, ao mesmo tempo em que solta o ar em um exalar comedido.

O elevador para, saímos, e eu passo o cartão na fechadura. O quarto que nos espera não é apenas um quarto, é quase um apartamento. Em estilo contemporâneo, com cores claras predominantes e uma vista deslumbrante do Rio, a cobertura é, sem dúvidas, um ótimo lugar para encontros íntimos e para passar um tempo sozinho.

— Nossa, é bem bonito aqui. — Olivia repara, passando os olhos abismada pelo ambiente. Eu já estou ao telefone pedindo um café da manhã completo. Ficamos frente a frente, ela me olha

receosa, achando que já partirei para o ataque, mas Olivia não é qualquer mulher, não é qualquer sexo, não é somente sexo. Pego a mão dela e seguro firme; os olhos cor de mel levemente arregalados não desviam dos meus.

— Sente-se aqui. — Conduzo-a calmamente para o sofá. — Conte o que está errado? — peço sem largar a mão dela.

— Como? — sei que ela entendeu, entretanto, indaga assim mesmo.

— Sei que está nervosa por estar aqui comigo, você foi criada sob uma ideologia bem restrita, diferente da maioria das mulheres. Reconhece que, apesar de tudo, é um peso estar aqui, prestes a trair seu marido. — Faço a rápida análise. — Entretanto, há algo a mais. Conte-me, o que ainda a deixa nervosa?

Ela fica de cabeça baixa, olhando para nossas mãos e começa a acariciar meus dedos e apertá-los, em seguida, levanta os olhos me encara.

— Meu nervosismo é tudo, menos peso por trair Ludovico. — Essa afirmação me surpreende. Eu achei que ela o venerava.

— Não?

— Eu conheci Núbia e Leandra — explica, meu coração bate depressa, trazendo impulsos fortes de adrenalina a cada parte do meu corpo. Sei que é meio caminho andado, mas ela não está totalmente às cegas.

Então é isso. Olivia está aqui porque conheceu a verdadeira face do marido; por isso, não sente remorso em traí-lo.

— Venha aqui. — Puxo-a, ela não se detém e aceita meu abraço. Olivia necessita de apoio para suas escolhas e busca por proteção, como uma gatinha assustada. Fica nítido na maneira em que ela segura forte em mim toda vez que a abraço.

— Como se sente em relação a isso? — questiono e acaricio os cabelos macios, mantendo o rosto dela no meu peito.

— Muito mal — sussurra. — Sinto-me tão mal, Romeo, suja, como se eu tivesse feito ou se fosse cúmplice de todas aquelas coisas que aconteceram com as... com as ex-esposas.

— Você é só uma vítima, mas saiba que não está sozinha. Eu estarei aqui para ajudá-la em qualquer coisa. — Ela se afasta do abraço para me olhar. Seus olhos lacrimejam.

— Eu sinto muito. Raiva, tristeza... alegria por descobrir a tempo, por não ter levado adiante a ideia de ter um filho dele. — Passo o polegar em seu rosto, limpando a lágrima.

— Não ter um filho torna tudo mais fácil para você. O que pretende agora?

— Não sei. Não sei se meus pais tinham conhecimento das atrocidades de Ludovico. As mulheres disseram para eu não abandoná-lo imediatamente para que não se enfureça.

— Você deve largá-lo, Olivia. Fique aqui nesse quarto desse hotel. O quarto é meu, não estarei pagando nada. — Fico doente em pensar que ela pode estar em perigo. Ludovico começou a agredi-la, a situação pode piorar.

— Não. Isso, não — nega rapidamente. — Nós

ainda estamos nos conhecendo. Estou pensando em ir morar uns meses com a Kate.

— Aqui você teria mais segurança. Com Kate, vocês duas estariam em perigo. Por favor, deixe-me ajudar. — Ela se cala, olhando-me. A dúvida impera. Mesmo estando aqui com o propósito de fazer sexo, ela ainda teme, mesmo sabendo que o marido é um desgraçado, ela ainda teme largá-lo.

Por muitas coisas, eu a entendo. Olivia foi criada e programada para ouvir e obedecer, principalmente, aos homens. Ela não conhece outra vida, ela precisa se libertar aos poucos. Abrir a mente é o primeiro passo de querer se libertar, e isso ela já fez.

— O que sabe sobre Sônia? — pergunta depois de um tempo. Então, Olivia está a par da história toda ou Núbia não contou tudo? Será que sabe

NACIONAIS - ACHERON

também sobre Jackeline? Com certeza, não sabe toda a história sobre Sônia e Jackie, ou não estaria aqui agora, não iria querer mais falar comigo.

— O que você sabe? — devolvo a pergunta. Preciso saber se há minas no terreno antes de pisar nele. Eu acho sacanagem ter que omitir, nada se constrói a base de mentiras e omissões. Sinto um comichão, mas não há outra alternativa, estou em um momento de conquista, nada pode sair errado.

Ela ergue os ombros.

— Que ela é a terceira esposa de Ludovico e, na verdade, eu sou a quarta. Ela desapareceu há uns sete ou oito anos. Núbia acha que Ludovico a matou. — Tento não parecer mexido com o que ela diz. Até dou um leve sorrisinho para disfarçar.

Olivia espera o que eu tenho a falar, olha-me

avidamente.

— Sim, por isso, eu disse para você ir visitá-la. Estou ajudando Núbia e Leandra para que elas revejam os filhos depois de tanto tempo, mesmo aqueles miseráveis desgraçados não merecendo o amor das mães, eu estou fazendo por elas.

— Você os conhece? Você passou a conhecê-los por minha causa?

Não tem jeito, preciso encaixar outra mentira. Olivia ainda não pode saber sobre minhas negociações com Ludovico e, muito menos, que nos conhecemos anos atrás. Tenho certeza de que ela vai à festa da Orfeu no próximo sábado, até lá, preciso contar toda a verdade.

— Sim. Quando eu a vi na festa e soube que era casada, passei a investigar seu marido. Os filhos

dele foram criados na mesma ideologia do pai. São todos farinha do mesmo saco.

— E como vai fazer para convencê-los da verdade?

— Não sei ainda. Seu marido é escorregadio e os três filhos acreditam cegamente no pai. Eu só queria que Núbia partisse com a alma em paz. A mulher desenvolveu problemas cardíacos por causa do sofrimento que Ludovico a fez passar. — Ela fica sem fala, com as mãos na boca; o horror nos olhos. Puxo-a de novo para um abraço. Olivia se aconchega, respirando descompassadamente. — Vamos deixar um pouco esse assunto de lado? — Minha pergunta é mais como uma afirmação. Ela assente, mexendo a cabeça. Segurando o rosto com as duas mãos, eu faço ela me olhar. — Não canso de olhar para você — falo e beijo os lábios dela

levemente. — Queria tê-la conhecido um ano atrás, assim, você seria só minha, eu quero muito ter você só para mim. — Olivia abana a cabeça, não acreditando em mim. Tenta se afastar, mas eu a prendo. — Não acredita? — Com o indicador, ergo o queixo dela.

— Romeo, você já tem o que quer. Estou aqui, prestes a ir para cama com você. Não há necessidade de... — De tentar ludibriá-la com palavras bonitas. Sei que ela quis dizer isso.

— Não estou mentindo.

— Você é muito bonito, rico e novo. Minha mãe sempre disse que homens assim não dão valor a uma única mulher. Onde alguém como eu — ela fita sua simples roupa — pode ser interessante para alguém como você? Olhe para mim, Romeo.

Uma fúria sem tamanho me consome. É incrível como as pessoas possuem a capacidade de controlar outras mentalmente. Os pais e o marido de Olivia a têm em suas mãos. É como aquela frase: Uma mentira dita cem vezes se torna verdade. Eles mentiram tanto para essa mulher que hoje ela só sabe se rebaixar.

Pego sua mão, levanto-me e puxo-a. Caminho com ela pela enorme sala, vou para perto de um espelho, coloco-a de frente e posiciono-me atrás.

— Eu estou olhando para você, Olivia. Agora, é sua vez. — Pego os cabelos lisos dela e trago-os para as costas. — Olhe para si mesma. Veja esse rosto jovem que não precisa de maquiagem para se revelar. — Envolver uma mecha do cabelo dela nos meus dedos. — Observe esses cabelos que você mesma cuida sem precisar ir ao salão, belos e

macios. Note seus grandes olhos cor de mel. Olhe, agora, dentro deles e veja a mulher forte, carismática e amável. — Ela abre a boca para falar, protestar com certeza, mas eu faço um gesto negativo. — Quem não consegue enxergar todo esse seu brilho tenta apagá-lo, como Ludovico e seus pais. — Viro-a para mim. — Você está disposta a se entregar de corpo e alma a uma nova vida?

— Eu... — incerta, ela foge dos meus olhos — não me acho feia. Gosto do meu rosto, meu corpo e meus cabelos. Mas... você é bem mais que eu.

— Olivia — exaspero de leve. — Estou falando sério. Olhe para sua vida e veja que você tem as opções. — Espero poucos segundos. Ela reflete com a testa franzida, olhando para os pés e, depois, sobe o rosto para me olhar.

— Sim — responde convicta, o olhar compenetrado.

— Acredita em mim? Acredita em si mesma e no potencial que está aí escondido?

— Sim — torna a afirmar.

— A partir de hoje, prometa-me que a única pessoa que pode rebaixá-la é a própria Olivia. Não importa se a mulher é magra, gorda, alta ou baixinha, se ela quiser ser bonita, ela será, independente do que os outros achem. O otimismo a fará mais bela que qualquer modelo por aí.

Recebo um sorriso de leve, há um brilho exultante em seus olhos.

— Eu prometo — quase inaudível, afirma.

É disso que Olivia precisa: palavras que elevem
NACIONAIS - ACHERON

sua autoestima.



O nosso café chega em seguida. Pedi para levar para a varanda, onde poderíamos ver toda a cidade. O clima está agradável, o cheiro dela, algo como hidratante, toma conta do lugar.

Olivia fica de pé.

— Quer café ou suco? — indaga já pegando o bule.

— O que está fazendo? — Olho para ela sem entender.

— Servindo. — Empurro a cadeira para trás, levanto-me e tomo o bule térmico da mão dela.

— Sente-se ali, Olivia. — Aponto para a

NACIONAIS - ACHERON

cadeira. Ela fica estremecida, olha entre mim e a cadeira.

— Você não vai comer? — indaga com a testa franzida.

— Vou. Mas eu posso me servir. Ou melhor, vou servir você. Quer café ou suco? — Ela se sobressalta.

— Romeo! Não é necessário. — Espantada, ela tenta se levantar bruscamente.

— Sente-se, Olivia. — Seguro no ombro dela e a empurro gentilmente. Despejo café na xícara diante dela. A mulher está pálida, petrificada. — Ninguém nunca fez isso por você, não é?

— Não — murmura fracamente sem me olhar. Empurro a xícara para ela. Recebo um olhar de

relance, e seus lábios esboçam um sorriso. —
Obrigada.

— O que quer comer?

— Eu... — Ela estremece aflita. — Sente-se, por favor. Eu posso...

— Diga o que quer — insisto, mostrando a mesa repleta de coisas.

— Bolo — murmura. — Não precisa fazer isso.
— Muito tensa, ela me observa pegar um prato. Corto um pedaço do bolo e entrego a ela. Com mãos trêmulas, ela recebe e fica com os lábios comprimidos um contra o outro, olhando-me com as bochechas rosadas. Sorri e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— É tão estranho... Obrigada.

Ficamos calados comendo. Observo e analiso cada movimento tímido dela, aos poucos, desabrocha, é como um bebê dando os primeiros passos.

— Devo parecer uma doida para você.

— Não — afirmo depressa.

— Comecei a servir a mesa na minha casa aos doze anos. Minha mãe fazia a comida e eu levava para o meu pai. Eu tinha que ficar de pé, esperar ele provar e aprovar. Se ele não gostasse, eu retirava aquela comida e voltava para a cozinha, onde minha mãe mandava outra coisa. Ela sempre preparava dois tipos de comida. — Com um pingo a mais de coragem, levanta o rosto e prossegue. — Fui acostumada a sempre servir. É estranho ter alguém servindo café para mim. — Dá de ombros. — Ainda mais um homem.

Estou notavelmente abalado com a confissão repentina. Eu já desconfiava que a criação dela fora truculenta, mesmo assim, ainda surpreendo-me. Vou arrancar cada um desses maus costumes. Vou mostrar a ela a verdadeira Olivia. No final, ela vai se relacionar com alguém que ela escolher. E só posso torcer para que me escolha.

Quando terminamos, levantamos, e eu a levo para o quarto. Abro a porta e mostro o ambiente.

— Uau! — Olivia exclama entrando e passando os olhos demoradamente por tudo ao redor. Fico no mesmo lugar, admirando-a. Noto como ela fica desconcertada quando os olhos pousam na enorme cama *king size*.

Vou para perto dela, seguro em seus ombros. Olivia me encara, meio assustada, meio interessada.

— Estamos certos disso, não é? — indago, querendo ter certeza de que ela não está sendo obrigada a nada.

— Sim. Eu quero isso. — Ela soa bem convicta.

— Está tomando algum tipo de anticoncepcional?

— Não... — assustada, ela faz uma pausa — deveria, não é? Quer dizer que não podemos?

— Podemos — garanto rapidamente. — Posso marcar uma consulta para você com uma ginecologista? Ou já tem a sua?

— Não. Eu não... posso ir...

— Tudo bem. Ela vai até você. É só para saber qual o melhor anticoncepcional para você usar. — Olivia me olha estática. — Essa não será a única

vez, Olivia. Depois de hoje, não irei mais deixá-la, precisa entender isso. Vou querer lhe comer a todo instante, estarei na sua cola, sempre por perto e nem vai adiantar querer me afastar. Entende o meu grau de apegão?

Ainda sem fala, lívida e pasma, ela apenas balança a cabeça em concordância.

— Vou mostrando a você aos poucos, tudo bem? Quero que olhe para mim, toque no meu corpo e sinta prazer como eu sentirei. O prazer tem que ser mútuo, se você não goza, eu não fico satisfeito. — Passo a mão no ombro dela e puxo uma alça do vestido para baixo. Ela engole em seco, mas continua me encarando. A pele macia e alva vai aparecendo, encosto minha boca e mordo devagar, passo o nariz na curva do pescoço dela e beijo ali. Olivia já está tremendo mais que

terremoto. — Relaxe — sussurro.

Passo minha língua na pele arrepiada, desço os lábios pelo ombro e torno a dar uma mordiscada. Abro os três botões frontais do vestido. O sutiã de algodão aparece. A curva dos seios me deixa salivando, meu saco já começa a reclamar. Os seios dela são bonitos e esse sutiã normal deixa tudo mais excitante. Estar sem transar há tantas semanas é foda. A qualquer estímulo, posso colocar tudo a perder, gozando antes da hora.

Encosto minha boca na dela, Olivia abre para arfar e puxo seu lábio com os meus, testando-a, provocando. O arfar sai contra minha boca, suas mãos me seguram forte. Passo minha língua pelo canto de sua boca, deslizo pelo lábio inferior e torno a afogá-los com os meus. Ela não beija esplendidamente, ainda é retraída, a boca é gotosa

demais e essa falta de experiência deixa tudo mais satisfatório. Pauso e passo meu polegar nos lábios rosados dela.

— Como diz Enrique Iglesias: Beijar sua boca merece um aleluia — digo e volto ao beijo. Minha língua rola para dentro da boca dela, e Olivia move seus lábios, exigindo um beijo amplo, quente e molhado.

— Oh! Sim, um aleluia — exclama ofegante quando me afasto. Rio, dou mais um beijo simples e começo a subir o vestido dela; ela ergue os braços e levanto o tecido vagarosamente, revelando, aos poucos, sua delicadeza feminina. Não pode ser depressa, coisa gostosa a gente come devagar, saboreando.

Olivia é linda. Ludovico deveria venerar essa mulher, ele é um filho da mãe sortudo e não sabe

NACIONAIS - ACHERON

disso; sorte a minha. Descarto o vestido, deixando-a apenas de calcinha e sutiã, ela está muito nervosa, muito incomodada.

Dou um passo para trás sem desviar os olhos dos dela, desafivelas as alças do meu macacão, revelando meu peito. Ela não desgruda os olhos, morde o lábio e segura firme uma mão na outra, apertando os dedos. Enfio a mão no bolso, tiro dois preservativos e jogo-os na cabeceira. Desabotoo a lateral do macacão, arranco as botas pretas e termino de tirá-lo, ficando de cueca.

Agora Olivia ofega, envia um olhar para baixo, para minha cueca volumosa por causa do meu pau nada modesto. Ele se assanha fácil, nada posso fazer para controlar.

— Olhe bem para mim, Oly, acostume-se comigo. Não tenha medo, será tudo para você.

Venha aqui. — Estendo minha mão, ela olha por alguns instantes e então, segura, eu a puxo para meu corpo. Um gemido baixinho escapa dos seus lábios quando nossos corpos se tocam. Beijo-a, abraçando-a para que possa sentir minha pele. Ela passa os dedos pelos meus braços e sobe para meu pescoço. Nunca gostei tanto de sentir pele com pele enquanto nos beijamos..

— Hoje, é para você me conhecer. — Alcanço o fecho do sutiã e retiro a peça. Olivia fica perturbada, mas eu a mantenho nos meus braços. — Quero começar por aqui. Enrosco meus dedos na parte de trás dos cabelos dela e dou um puxão, fazendo seu rosto levantar, o pescoço fica exposto, seguro e chupo ali, abaixo do queixo, desço a boca. Minha mão desce junto e rodeio devagar a palma contra um dos seios.

Olivia geme, esfregando as pernas quando passo minha língua no mamilo pontudo todo arrepiadinho. Ela tenta falar, mas não consegue, minha boca já está a todo vapor chupando o seio dela. Continuo mantendo os cabelos presos na minha mão e saboreando devagar, com leves mordidas e chupões, cada um dos seios. Assim que ela se entrega totalmente, eu a deito na cama.

— Romeo! — Arfando, ela fica sem saber o que fazer. Empurro-a gentilmente para que fique deitada contra as almofadas. Abro gentilmente as pernas dela, puxo a calcinha e deito-me com o rosto na boceta dela, meu pau amassado contra o colchão. Dolorido e babando. Ela tenta se levantar. — O que está fazendo? — Olivia começa a chutar, assustada, tentando se soltar. Seguro firme as pernas dela.

— Olivia, quero chupar sua boceta.

— Não! — ela grita. — Isso é coisa de gente depravada.

— Ok. Sou depravado. Agora deite e deixe-me fazer o que gosto.

— Romeo... pensei que iríamos... Não quero isso... é contra... — ela tenta, a todo custo, tapar sua vagina com a mão.

— É contra nada. Deixe eu encostar minha língua aí que você não vai querer outra coisa, exceto meu pau. — Empurro-a de volta, ela tenta resistir, mas eu consigo fazê-la deitar; seguro em seu ventre para prendê-la na cama. Abro suas pernas, Olivia ainda reluta temerosa, mas não consegue me afastar a tempo, dou uma lambida delirante. Ela se contorce mais ainda, e eu faço de

tudo para domá-la.

Caio de boca nessa delícia, doce e rosadinha. Ela está devidamente depilada, ainda mantém poucos pelos, deixando-a ainda mais succulenta. Ela vai parando de resistir e começa a se contorcer de prazer. Ouço uns grúidos e sei que tenta falar. O prazer que lhe dou está entalando em sua garganta. Com uma mão, mantenho o quadril dela no lugar e começo, com a outra, a ajudar minha língua nas carícias. Olivia vai se acalmando e solta um gemido. Inalo o cheiro, sentindo todo meu corpo implorar, torno a lambe e chupar de leve, sem introduzir a língua. Preciso do gosto dela em minha boca, preciso que todas minhas células se lembrem desse sabor.

Ela ergue o quadril da cama e geme, agora não mais em protesto, é puro prazer. Olho para cima,

vendo-a de olhos fechados e lábios abertos. Preciso comê-la logo. Meu pau já está quase furando o colchão.

— Ro... Romeo... Céus! O... o que está fazendo? — ela choraminga, e eu rio. Enfio minha língua no buraquinho e tiro, repito o processo, fodendo-a com minha língua. Meu polegar massageia devagar o clitóris.

Ela começa a gritar quando as investidas da minha língua vão se tornando mais constantes. Às vezes, paro de foder com a língua e beijo a vagina com toda minha boca, chupo toda, cada lábio, cada dobra, sugo o clitóris nos meus lábios e volto a meter com a língua. É fascinante ver os músculos dela reagirem, as pernas se debaterem e o corpo se agitar. Ela vai gozar.

Olho para Olivia de soslaio e vejo-a revirando

NACIONAIS - ACHERON

os olhos, a boca forma um “ah” sem som e, por fim, ela grita. Meus cabelos doem porque ela conseguiu segurá-los, e eu rio enquanto chupo forte, sentindo o sabor do orgasmo dela. Ela se contorce de olhos arregalados e grita desesperadamente, foi o melhor, o mais delicioso orgasmo que consegui provocar em uma mulher.

Apavorada, Olivia consegue, não sei como, sair de cima da cama, ela ainda sente espasmos e cai no tapete, arrasta-se com os olhos saltados, pálida e muito trêmula; senta-se no canto do quarto, meio desesperada e coloca a mão espalmada em cima da boceta. De olhos fechados, ela ofega e tenta se controlar. Uma lágrima desce do seu olho.

Não teve como eu não me assustar. Por que ela ficou dessa forma? Como se o orgasmo a tivesse quase matado, como se fosse algo... desconhecido?

Olivia agiu como se...

— Olivia? — Chamo, e ela me olha assombrada. Pego-a do chão e a trago para a cama. Ela fica deitada, mordendo as costas da mão, soluçando, sem querer me olhar. — Nunca sentiu um orgasmo? — Tiro os cabelos da testa dela e tento um contato visual. Ela ainda gagueja, procurando por voz. Não é possível, ela é casada. Isso não teve como ser encenação. Eu vi nos olhos dela, não dá para encenar uma coisa dessas, os lábios dela ainda estão brancos. — Diga-me, Oly...

Ela tampa os olhos sem conseguir me encarar. Sei que é possível ter sido o primeiro orgasmo dela, mesmo já tendo vida sexual ativa. Muitas mulheres não conseguem chegar ao orgasmo e há homens que simplesmente não se preocupam em levar a mulher ao ápice. Eu sou o tipo de cara que, se a

mulher não grita e goza comigo, eu me sinto um banana.

Tiro o braço dela dos olhos. Está... enrubescida?
Mas que porra...

— Romeo... eu... Céus! Romeo... eu não sabia que...

— Seu marido nunca lhe deu isso?

— Eu achava que era apenas aquilo... Eu sentia prazer... Era bom, legal... mas nunca igual a isso.

— Ela limpa uma lágrima. — Isso aqui foi tão... devastador. Como fez isso?

— Isso é um orgasmo, Olivia. E fico mesmo muito honrado em saber que fui eu que apresentei a você.

Sim, apesar de ter me assustado, agora estou
NACIONAIS - ACHERON

excitado. Eu dei a ela o primeiro orgasmo e darei os outros muitos que virão.

— Eu me sinto uma burra... achei que tudo que tive no meu casamento... Até nisso eu fui enganada.

— Não se sinta assim. — Puxo-a para um abraço. — Ainda tem muito mais por vir. Você nem sentiu o que é gozar com uma boa trepada. — Seguro o queixo dela e trago o rosto para perto de mim e a beijo. — Quer que eu mostre?

— Sim — ela diz sem titubear. Dou mais um beijo, pego um dos preservativos, fico de pé e, rapidamente, arranco minha cueca. Ela olha para meu pau que salta duro da peça. Olivia entreabre os lábios e arregala os olhos. Não teve como não me sentir orgulhoso.

Rapidamente, visto o preservativo, subo na

cama e deito sobre ela, entre suas pernas. Eu estava pensando em um sexo bem safado, mas, após saber do primeiro orgasmo, vou começar no modo fácil, depois, partiremos para o modo avançado.

Ela segura forte nos meus braços e colamos nossos lábios em um beijo calmo, quer dizer, era para ser calmo, mas ela me agarrou toda afoita. Parece que estava há anos na seca, há sinais evidentes de uma mulher solteira e sozinha, não parece alguém casada.

Esfrego meu quadril para cima e para baixo, fazendo com que meu pau encapado passe superficialmente entre as pernas dela, atingindo o clitóris, empurrando-o fracamente de um lado para o outro em uma carícia torturante.

— Oh, Romeo... — ela murmura entre o beijo.

— Relaxe, Oly. Estamos quase lá. — Desço uma mão entre as pernas dela. Dou umas dedadas breves e confirmo que ela está prontinha, lubrificada. Ela é tão apertadinha que me faz querer ficar horas com o dedo ali, enfiado, sentindo a carne quente e macia se apertar em torno dele.

— Relaxe — digo mais uma vez, seguro meu pau pela base e o empurro. A cabeça faz uma pressão na entrada, ela geme, segurando-me forte, e eu entro. Deslizo continuamente, sem parar, até estar quase todo atolado.

— Tudo bem?

— Oh! — ela grita alto e passa a unha no meu ombro. — Romeo... está apertado. Está... doendo. — Começa a empurrar meu peito na tentativa de me fazer levantar.

— Shhh! Relaxe. — Ajeito-me melhor dentro dela, afundando mais, paro e começo a acalmá-la com minha boca, chupo o seio, subo para o pescoço, passo a língua no queixo e chego aos lábios. Assim que começamos a nos beijar, sinto-a relaxando, ficando mais molhada e permitindo que meu pau deslize mais um pouco. Ela geme, e o puxo um tantinho para fora. Soco de novo, devagar e torno a trazê-lo quase todo para fora, deixando só a cabeça; não paro de beijar e acariciar os seios pontudos e rosados, cabem perfeitamente na minha mão. Ela geme no meu ritmo que já ganhou uma velocidade gostosa.

— Melhorou? — pergunto.

— Sim — balbucia. Dou um beijo carinhoso em sua testa e outro nos lábios, como um selinho.

— Está gostoso agora, não é?

— Muito... — Os olhos brilham. — Ah, Romeo! É muito bom.

Ela se abre mais, e eu mando ver, sentindo-a toda melada, escorrendo, chupando-me para dentro. Mesmo com camisinha, a sensação é deliciosa.

Levo-a a um patamar alto, ergo-me nos cotovelos e começo a aprofundar as penetrações, ora rápido, ora devagar, vamos gemendo e ondulando juntos. Olivia geme alto, me segura forte, morde meu ombro e começa a estremecer.

— Pare, Romeo! — grita. — Está vindo de novo! — Ela me dá uma série de tapas, não é agressiva, mas desesperada. Eu continuo socando, segurando-a para não escapar.

— Goze, Olivia. — Alcanço a boca e a beijo.

— Não! — Ela se sacode toda. — Oh, Céus! O que faço? O que tenho que fazer, Romeo? — berra, tentando levantar os quadris para uma metida mais profunda, e eu dou isso a ela. Mexo meus quadris de um jeito delicioso para fazer o orgasmo dela prolongar, nem lento, nem rápido, deixo-a desnorteada.

— Não precisa fazer nada, relaxe e deixe que eu faço.

— Ahhh! — Ela se debate, aperta minha bunda, segura-me pelos braços, chupa meu pescoço. — Mais! Me dê mais, então! Está vindo de novo! Me dê mais!

Minhas estocadas se intensificam, meu pau já entra forte, inchado, profundamente e então, ela treme, se contrai, e eu seguro o rosto dela sem parar de mover.

— Olhe para mim, Oly — ofego. — Veja eu a fazendo gozar. — Ela abre os olhos, grita sem desviar o olhar, unhando-me desesperada enquanto eu arremeto cada vez mais fundo, até perder o controle e sentir a camisinha encher. Gozamos intensamente.

Merda! Foi chocante. Foi foda demais. Estou com o coração na mão. Meu pau não quer mais outra coisa. Fico com Olivia presa em meus braços. Nós dois ofegantes, beijo o alto de sua cabeça e fico quieto, esperando.

— Merece mais que um aleluia — balbucio. Ela não fala nada, continua com o rosto enfiando no meu peito. Empurro a cabeça dela e a faço me olhar. — Tudo bem? — Dou um beijo em seu nariz.

— Sim.

— Ficou dolorida? — Arrasto meu pau para fora e passo meus dedos de leve, em uma carícia.

— Um pouco. Nunca tinha sentido assim. Você... é bom.

— Obrigado. Você que é maravilhosa. Vai querer repetir?

— Sim, eu quero.

— Que bom. — Beijo a testa dela. — Achei que precisaria te persuadir.

— Você já me persuadiu. — Ela me abraça mais forte e volta a encostar o rosto em mim, suspira fundo, levanta os olhos para me fitar e sorri.

— Gosto tanto quando me abraça. Gosto dos seus braços e de como você é sempre cheiroso.

— Você é mais cheirosa — digo e aspiro no pescoço dela. Ela levanta a mão, acaricia a minha barba rala e encosta os lábios na minha bochecha.

— Quando vamos fazer de novo? — pergunta com um brilho carinhoso e safado nos olhos.

— Agora se você quiser.

— Agora? Homens não conseguem apenas uma vez por dia? — Olivia pergunta assustada. Dou uma gargalhada.

— Meu recorde são cinco. Meu irmão quase foi parar no pronto socorro após conseguir oito em um pernoite no motel. O homem funciona assim: se não goza, consegue transar várias vezes, mas, se gozar, precisa de uns minutinhos para se refazer.

— Oito em uma noite? — Ela ergue o rosto

horrorizada.

— Ninguém se baseia nele. Magno é anormal.

— Nossa, eu achava que... sei lá, tenho poucas informações sobre isso. — Olivia volta a deitar, me abraçando. — Mas, no meu tempo de colégio, eu escutava as conversas das meninas, elas diziam que os garotos conseguiam apenas uma vez.

— Isso porque elas não conheciam meus irmãos e eu — ironizo orgulhoso.

— Você fala bastante dos seus irmãos. São bem unidos? — questiona interessada.

— Sim, sempre nos viramos praticamente sozinhos. Nossos pais viviam viajando.

Não quero me aprofundar em assuntos da minha vida. Isso vou deixar para depois. Abraçando-a,
NACIONAIS - ACHERON

viro-me, fazendo Olivia ficar por cima.

— O que está fazendo? — Ela olha meio surpresa, fica sem jeito em cima de mim.

— Abrace-me. Se não estiver muito dolorida, podemos fazer de novo, agora, com você dando umas cavalgadas bem gostosas. O que acha? — Ela fica lindamente rosada, envergonhada.

— Eu não sei assim... nunca fiz.

— Ah, que legal, isso está cada vez melhor! — Puxo-a, fazendo deitar em cima do meu peito. — Mais uma primeira vez comigo. Vou mostrar agora um dos significados da expressão “Jóquei de Jiboia”.

Dou um beijo nela e sinto meu pau crescer encostado na boceta dela. Nós dois já éramos.

PERIGOSAS

Nunca mais seremos os mesmos depois de hoje.

NACIONAIS - ACHERON

13

OLIVIA

— Eu só posso me perguntar: como perdi isso todo esse tempo? Não só os orgasmos, mas... — inclino e faço uma voz de sussurro — guarde segredo, por favor: transar por cima! Nossa mãe! Transar em cima dele é... delirante, ainda não decidi qual das duas posições é melhor. Certo, eu prometo não ficar mais falando isso. — Faço uma pausa e torno a falar. — Será que já comentei que o beijo dele é mais que bom? É extravagante, delicioso... Ah, sim, já falei. — Ajeito os pratos na mesa e volto para a cozinha para pegar os talheres. — Mas garanto que não contei como ele é atencioso, como ele me provoca de um jeito tão

doce. — Pink late. — Ah, é verdade. Já falei isso também.

Abaixo e faço um carinho nela.

— Sei que já falei cinquenta vezes, mas vou falar de novo. — Faço uma concha com a mão perto da boca e murmuro perto do focinho dela: — Tive quatro orgasmos. — Volto a ficar ereta e coloco a mão no peito. — Ah, Céus! Quase me partiu ao meio, Pink, nunca tive algo tão delicioso. Você se sente partindo em mil pedacinhos, aí, depois, quer se partir de novo, e de novo. Ele me amou como se eu fosse única, foi carinhoso, foi sexy, foi tudo que um dia eu poderia querer, mas não conhecia para desejar.

Com o rosto queimando, sinto um calor me tomar. Ainda estou dolorida entre as pernas, mas não uma dor incômoda, algo bom, gostoso, que me

NACIONAIS - ACHERON

faz lembrar dele. Quando eu ando e me mexo, sinto as provocações deliciosas das marcas que Romeo deixou.

— Eu queria contar agora sobre as partes baixas dele, mas você é criança — falo com Pink, dou um giro, e ela me segue. Ajeito a mesa, pensando nas partes baixas dele. Ca-ra-lho! Nunca achei que uma coisa assim, tão pornográfica e depravada, fosse me encantar. Sim, me refiro ao pênis. — Pink late, olhando para mim. Percebo que falei alto. Estou com o prato contra o peito pensando alto sobre os dotes de Romeo.

— É, Pink, eu sei que é só uma parte do corpo humano, mas aquilo soa tão indecente... — Penso um pouco e sorrio. — Indecente, mas muito gostoso. Ai, que safada sem vergonha estou sendo! — grito, colocando o prato na cara. — Ele tem um

bem grande, Pink! E sabe usar com muita agilidade. Pink, amiga, como Kate diz: estou no chão.

Termino de ajeitar a mesa e vou para a cozinha pegar a comida que Romeo encomendou. Já tirei das embalagens do restaurante e coloquei em minhas panelas, com certeza é a melhor macarronada que já provei. Sem defeitos.

Depois que tudo estava certo, Romeo me pegou, eu o abracei imediatamente e fomos tropeçando pela cozinha enquanto nossas bocas estavam grudadas em um beijo apavorado que molhou minha calcinha. Sim, porque ele não apenas beija, ele me segura forte, de um jeito gostoso, prende meus cabelos em sua mão, chupa e morde meu pescoço, apalpa meus seios, mantendo-me presa contra o corpo.

Ainda cheirávamos a sexo. Não tomamos banho porque Romeo disse que o banho era um evento a parte. Se o sexo na cama foi aquilo, quase me causando um enfarte, imagina fazer essas coisas com ele todo molhado, forte, apetitoso, abraçando-me... — Amanhã eu volto — sussurrou.

— Sim — concordei.

— Vou levá-la a outro lugar.

— Tudo bem.

Ele me deu um último beijo bem devasso, deixando-me ensopada. A língua é um fenômeno, ele domina totalmente minha boca, embriagando-me com o seu gosto. Depois se afastou, fez um carinho em Pink que se jogou aos seus pés (ele encanta até os animais) e ficamos paradas na cozinha, vendo-o ir embora. Senti um vazio...

Assim que ele se foi, subi, tomei um banho, me vesti e desci a tempo de preparar a mesa e esperar Ludovico entrar. Respiro fundo, faço uma cara simpática e vou recebê-lo. Minha felicidade, pela descoberta e prazer recebido, é demais, nada pode tirá-la.

— Oi, querido — cumprimento. Ele responde com um murmúrio. Pego seu terno, a pasta e guardo-os enquanto ele vai lavar o rosto e usar o banheiro.

Por que só agora consigo ver como esses gestos são tão abusivos, trata-me como um nada? Sou a esposa dele, custava apenas se curvar e me dar um beijo na bochecha? Não que eu queira um beijo dele. No momento, minha mente está toda ocupada, sem espaço para mais nada, apenas para um tal admirador não tão secreto.

— Fiz a macarronada, como me pediu. — Destampo a panela, e ele olha o conteúdo. Meneia a cabeça, senta, apresso-me em lhe servir o vinho. Fico de pé ao seu lado, recordo quando Romeo me serviu hoje cedo. Eu me senti um tantinho valorizava, coisa que nunca fui. Ele aprova o vinho, lhe sirvo uma taça pela metade e pego o prato para colocar o macarrão. — Eu mudei de tempero — aviso logo. A comida não é minha, vai que ele percebe. — Espero que goste. — Entrego o prato a ele e fico esperando. Ele enrola o macarrão no garfo, come, corta um pedaço de almôndega, mastiga e limpa os lábios.

— O macarrão está duro e a almôndega malfeita. Espero que acerte da próxima vez. — Ouço com atenção a costumeira crítica e gargalho por dentro. Casei com um idiota. Está comendo uma das melhores comidas da cidade. Só agora

percebo que, todo esse tempo, eu preparava tudo corretamente, mas ele sempre me manteve no meu lugar, sempre abaixo de nada, como meu pai ainda faz com minha mãe.

Sento-me, sirvo para mim e como, mastigando com gosto. Estou faminta de verdade, como se eu tivesse corrido uma maratona. Mas só Deus e Pink sabem onde foi a maratona. Nunca achei que transar duas vezes seguidas e ter quatro orgasmos abriria assim meu apetite. Noto que estou sorrindo enquanto mastigo.

Céus! Sinto-me, de verdade, uma vaca safada! Pensando sacanagem na mesa com meu marido, onde já se viu? Terei lugar reservado no inferno, essa é minha certeza.

— Olivia.

Esfrego uma perna na outra, sinto a dorzinha gostosa e mordo os lábios. Dizem que ao se arrepender dos pecados terá perdão. Não vou nem passar diante de um confessor pelos próximos anos. Como posso me arrepender de algo que me deixou tão maravilhada e me sentindo assim, tão bem? Sem falar que não posso me arrepender de algo que quero fazer de novo.

— Olivia!

Assusto-me com a voz de Ludovico. O garfo chega a cair da minha mão.

— Onde está sua aliança? — ele pergunta, e eu começo a tossir desesperada, alcanço o copo e o viro quase todo na boca, tomando vários goles de suco. Nunca soube mentir. Agora danou-se. Olho para ele e depois para meu dedo. Ludovico está me observando sério, olhar investigador, apavoro-me.

— Você está diferente. Seu cabelo... — Ai, que merda, esqueci de prender meus cabelos. Estão soltos.

— Foi isso — falo mais alto que o necessário.
— Dei uma geral no meu cabelo e tirei a aliança, está no banheiro, lá em cima.

— Hum... — ele assente, fica me olhando ainda por alguns instantes, mas depois volta a comer. — Vá agora pegar e colocar no dedo. Você é minha mulher, se isso acontecer de novo, terei que tomar uma providência.

Balanço a cabeça ainda tremendo do susto, levanto-me e corro para buscar minha aliança na bolsa. Foi até bom ele ter mandando eu colocar, afinal, imagina se ele entra no banheiro e percebe que não há aliança alguma? Para conter a tensão, paro no alto da escada e respiro fundo. Sento-me de

NACIONAIS - ACHERON

novo, e ele resmunga.

— Como eu já disse antes, meus filhos vêm almoçar aqui. Prepare algo bom — avisa de cabeça baixa.

— Quando? — indago, passando um rápido guardanapo na mesa, limpando a bagunça que fiz ao tossir engasgada.

— Talvez almoçar amanhã ou jantar hoje à noite.

— Prefiro que venham jantar — falo depressa, lembrando-me do meu encontro com Romeo, não quero adiar. Ludovico mastiga devagar, olhando-me sério.

— Não é você que decide, são eles — ele me poda.

— Sim, eu sei. Mas, querido, o jantar é melhor, ninguém precisa correr para trabalho depois, sem falar que é mais elegante. — Ele anui. Os olhos não desgrudam do meu rosto. O que ele tanto vê em mim? Será que há algo errado?

— Vou falar com eles. Ver o que acham de vir hoje à noite.

— Certo — assinto com um sorriso largo.

— Kate veio aqui? — Ludovico indaga.

— Não. — Ele assente e volta a comer.



Depois do almoço, Ludovico vai deitar, e eu vou logo amarrar os cabelos para reduzir os danos, mas, quando chego ao banheiro, olho-me no espelho e

constato por que Ludovico não parava de me olhar. Eu lavei meus cabelos e estão jogados de lado, já secos, mas de um jeito sexy. Meus lábios estão rosados e meu rosto tem mais cor. Sem falar nesse brilho nos meus olhos que quase diz: transei muito! Estou feliz. Mas fico tranquila. Só porque ganhei uma aparência boa, não quer dizer que ele descobrirá.

À tarde, eu ligo para Kate, mas está cai na caixa postal. Ludovico me comunica que os filhos dele virão hoje à noite e que devo preparar dois tipos de carne, mas não me preocupo com isso. Tem algo que não sai da minha mente: Romeo. Estou destemida, nada mais de mensagens, quero ouvir a voz dele, então não penso muito, pois acabaria desistindo. Romeo atende no segundo toque.

— Oi, Oly! Não consegue esquecer também?

— Eu... é... — começo a gaguejar. — Nossa, isso é bem estranho, não é?

— Estranho como? — Ouço uma cadeira sendo empurrada e o som de um clique da porta se fechando. Romeo deve estar em um escritório. No hotel ainda?

— Eu não consegui esquecer — murmuro categoricamente.

— Ainda me sente entre suas pernas? — Nossa! Em uma única frase, ele me deixou em chamas.

— Sim. — Minha voz é um sopro.

— Por mim, eu ficaria o dia todo com você naquela cama. — A voz dele fica rouca instantaneamente.

— Para quebrarmos o recorde do seu irmão? —

Apesar do nervosismo, tento descontraír. Romeo ri, e eu fecho os olhos saboreando a risada.

— Sim. Sairíamos quase em coma, mas felizes. Estou bem contente, você está?

— Sim... muito. Ludovico percebeu que estou diferente.

— Percebeu? O que ele disse? — O tom dele aumenta, o assunto o interessou.

— Nada de mais, ficou me encarando, disse que meu cabelo está diferente.

— Se ele quiser transar com você, não aceite. Pode fazer isso?

— Não sei. — Fecho os olhos. Não quero nem pensar nisso.

— Não sabe? Você quer transar com ele?

— Não — respondo mais rápido do que deveria.

— Então pronto. Resolvido.

— Romeo, ele é meu marido. Não tenho para onde correr.

— Tem, sim, Olivia. Você tem a mim agora, fique só comigo, por favor.

— Não é tão simples.

— Escute, você quer continuar nossos encontros? Eu não penso em outra coisa.

— Eu quero. Estou decidida. Não vou voltar atrás.

— Ótimo, fico aliviado. Invente alguma coisa.

Diga que está com dor de cabeça. Logo você sairá dessa casa.

— É. Vou dar uma desculpa — aceito o conselho, levanto-me e caminho pelo quarto. — Romeo, onde vamos amanhã?

— Está curiosa? Eu mal posso esperar para chegar amanhã.

— Olha só no que você me transformou. Uma prevaricadora. — Romeo dá uma gargalhada, e eu acabo rindo com ele. Queria gravar essa risada para escutar depois.

— Você está sendo feliz, Oly, e me fazendo feliz também. Não tem que se culpar. Gosto de ver você agindo assim, por conta própria, fazendo o que quer.

— Eu nunca achei que teria essa força para quebrar regras...

— Mas tem. Sempre estive aí dentro. Fique firme, ainda tenho muito para lhe mostrar.

— Eu vou adorar. Agora vou desligar, tenho que começar a preparar o jantar. Os filhos de Ludovico vêm jantar hoje.

— Os filhos? Por quê?

— Não sei. Ele convidou.

— Não toca no assunto das mães, ok?

— Tudo bem. Não vou falar.

— Prepare um jantar dos deuses para que ninguém possa colocar defeito. Um beijo, Oly, até amanhã, mal posso esperar, vou precisar de

calmante para dormir.

Rio, despeço-me e desligo o celular. Fico com o aparelho pressionado contra o peito, sonhando acordada. Relembro cada momento de hoje cedo; a voz de Romeo só avivou as lembranças: o toque dele; a sensação de ficar abraçada após fazer amor. Ludovico nunca me abraçara daquela forma, e eu nem esperaria por algo parecido. Romeo é único.



Quando a noite chega, eu já estou enlouquecendo. Além de ter que terminar sozinha o jantar, preciso servir Ludovico que me chama a todo instante. Preparei frango desossado recheado e lombo assado, as duas carnes que Ludovico pediu. O jantar é para oito pessoas: Ludovico, eu, os três filhos e seus cônjuges. Sim, dois já são casados e o

mais novo, filho de Leandra, tem vinte e cinco e está noivo.

A mesa já está pronta, as bebidas no freezer, a sobremesa pronta e falta eu ir me arrumar. Subo na velocidade da luz, tomo um rápido banho, ajeito meus cabelos, passo uma leve maquiagem, apenas em um blush nas bochechas e me visto. Desço a tempo de ver Juliano e a noiva chegarem. Droga! Olho para Ludovico e fico pálida. Ele abriu a porta, eu deveria estar aqui para recebê-los.

— Oi, sejam bem-vindos — eu cumprimento o simpático casal. Os outros dois filhos de Ludovico são problema.

— Olivia, providencie algo para bebermos. — Eles acomodam-se na sala.

— Claro — assinto. — O que querem beber?

Fiz um drinque de frutas vermelhas, pode ser?

— Sim — os dois concordam, e eu saio rápido, antes que mudem de ideia.

Chego à cozinha, amarro o avental na cintura e pego as taças para começar a montar os drinques. Essa noite não tenho tempo nem de pensar. Entretanto, estou meio dormente, agindo no automático, sem ligar para estar de servente essa noite.

— Olivia! — Ouço Ludovico me chamar, pego a bandeja e corro para a sala. — A porta. — Ele aponta, eu sirvo as bebidas e vou abrir.

Ricardo e a esposa me cumprimentam, e eu engulo em seco quando Ricardo me dá um rápido abraço, apalpando minha bunda. Ele sempre aparece com essas insinuações. Dou um passo para

trás, fico de cabeça baixa segurando a porta, esperando os outros que vêm mais atrás.

Jaqueline, filha de Ludovico, casou há um ou dois anos, não sei, não fui ao casamento. É a cara de Núbia, jovem, bela, elegante, mas é uma chata. Tem a natureza do pai e não gosta nada de mim. Ela me fita com arrogância, passa os olhos pela minha roupa e puxa o marido, permitindo que ele me dê ‘olá’ apenas de longe, sem me tocar. Estou horrorizada! Ela achou que eu daria de cima do marido dela? Fecho a porta, todos já estão sentados.

— Vou trazer um drinque para vocês — digo aos que chegaram recentemente. Não espero eles responderem nada e retiro-me apressada. Preparo os drinks que faltam e corro para a sala, sirvo-os e, um pouco exausta, sento-me em uma cadeira ao lado de Ludovico.

PERIGOSAS

— Dá próxima vez, não coloque gelo. Ele derrete e fica aguado — Jaqueline fala, criticando meu suco. Eu balanço a cabeça assentindo.

Eles conversam sobre o mundo deles, eu fico de fora, apenas ouvindo. Jaqueline fala sobre o bebê que está a caminho, Ricardo conta que está vendo um novo recurso para a empresa e Ludovico comenta que ainda está difícil conseguir alguma coisa com a tal empresa Orfeu.

Pelo que entendi, o CEO da Orfeu — que é uma empresa de fusões e aquisições — fez Ludovico assinar um termo de compromisso, impedindo-o de fazer negócios com outros, a Orfeu requisitou exclusividade. Só que agora parece que esse CEO não quer mais negociar com Ludovico, está dando para trás. Logo agora que as outras empresas não estão mais interessadas em fusões.

NACIONAIS - ACHERON

Ricardo está revoltado com o tal CEO, refere-se ao homem como desgraçado filho da puta. E disse que, se ele quebrar o contrato de fidelidade, pagará a indenização a Ludovico. Juliano pontuou que o valor da indenização não fará nem cócegas no bolso do tal empresário. Rapidamente, eles mudam de assunto. A última frase de Ludovico é: Se ele me abandonar, o farei pagar. Não conheço esse empresário, mas já simpatizo com ele, apenas por afrontar Ludovico.

— Vá preparar a mesa — rosna de canto para mim, levanto-me de prontidão.

— Vocês querem me ajudar? — Querendo ser amiga, eu sorrio, olhando para as três mulheres. As noras de Ludovico fazem menção de se levantar.

— Somos visitas, Olivia. Onde está a boa etiqueta? — Jaqueline indaga, sorrindo

NACIONAIS - ACHERON

cinicamente.

— Ah, claro. Eu só achei que vocês gostariam de ter uma conversa mais feminina.

— Estamos bem. Pode ir fazer seu trabalho — ela retruca, eu assinto e saio. Ouço as gargalhadas atrás de mim e um deles diz: Ela é movida à pilha, pai?

A humilhação me corta ao meio. Isso sempre aconteceu, mas, quando estamos de olhos abertos, é mais fácil enxergar, mas não me deixo abalar, penso na expressão libertadora que aprendi com um certo admirador secreto: Foda-se!.

Todos acomodam-se à mesa e, sem dar um pio, começo a colocar as bandejas com a comida. Preparo-me para sentar, Ludovico me repreende com o olhar, e eu fico de pé meio sem graça.

— Olivia, sirva-nos vinho — ordena. Sirvo a todos, menos para Jaqueline, já que está grávida. Ainda continuo de pé, até ele fazer um leve gesto, indicando que posso me sentar.

O jantar transcorre normalmente, recebo algumas críticas sobre a comida e, por fim, levanto-me para retirar os pratos e servir a sobremesa. Praticamente, não comi, pois precisava estar à disposição para servi-los e, a todo instante, alguém solicitava algo. Vou para a cozinha e, de repente, alguém me agarra por trás. Abro a boca para gritar, mas uma mão apertada fecha meus lábios. Ricardo.

— Shhh! Quieta. Eu vi como ficou me olhando. Está doida para dar esse rabo, não é, safada? — Não consigo gritar nem me mexer. Ele me aperta bem forte. Sinto asco e ódio. — Ainda vou ter a oportunidade de mostrar a você o que é um homem

de verdade. Meu pai não está fazendo o serviço certo.

Mordo o dedo dele, ele solta um gruído, mas sem gritar, afasto-me, tentando correr, mas ele me puxa pelos cabelos e me agarra de novo.

— O que é isso? — Ouço a voz de Ludovico e assusto-me. Ricardo me solta, eu apoio no balcão e recomponho-me rapidamente. Olho para Ludovico, ele faz um sinal de queixo, mandando Ricardo sair.

O quê? Não vai fazer nada com o filho? Engulo em seco sem conseguir desviar os olhos dele. Ludo vem até mim.

— Ainda bem que você chegou. Ricardo me agarrou... — começo a falar, mas ele me segura pelos cabelos. — Ai! — choramingo, segurando o pulso dele. Ele me traz para perto de seu rosto.

— Acha que sou cego, Olivia?

— Eu não fiz nada, ele que veio... — protesto.

— Ele é homem! Se ele a agarrou, é porque você deu abertura, vestindo esse tipo de roupa, abraçando-o quando ele chegou. Provoca e depois não quer que ele avance?

— Não. Ele é o culpado, Ludovico, seu filho é um cachorro. — Ainda agarrado aos meus cabelos, ele segura, também, meu queixo.

— Escute aqui, estou de olho em você, está mudada esses últimos dias, não é mais a mesma, está avoadada, deixando a comida queimar. Se você me trair, Olivia, eu acabo com você. Está me escutando?

— Eu não vou...

— Não vai mesmo — ele afirma, a boca bem perto da minha. — Eu sei a maneira certa de colocar mulher safada em seu devido lugar. Vou marcar você, impedir que fique dando mole para meu filho ou qualquer outro.

— Ludo, eu...

— Amanhã, marcarei um horário na clínica, fará todos os exames para a inseminação. — Meu sangue todo para, sinto minhas veias gelarem. — Vou engravidá-la, Olivia. Vai ser bem mais obediente quando tiver um filho que eu possa tomar — ele dá o veredito, me solta e sai da cozinha.

Fico recostada no balcão, de cabeça baixa, as lágrimas pingando. Agora estou perdida.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

— O quê? Ficou louco, Romeo? Para que alugar um trambolho desses?

— Assunto meu, Magno. Apenas dirija. — Olho meu celular para ver se há mensagens novas.

— Que porra de lugar é esse que está indo? Isso fica aonde? — Ele olha pasmo para mim.

— Aqui do lado, no Rio mesmo — respondo com a mente já em outro lugar.

Ah! Chegou mais um dia. Quase nem dormi direito essa noite, pirado de desejo, morrendo de vontade de estar com Olivia. Sem falar no ciúme

NACIONAIS - ACHERON

que senti a noite toda, só em pensar nela lá na cama com aquele filho da puta. Na prática, eu que sou o amante, ele é marido, não devia me sentir assim, mas não escolhi, tive que encher a cara de vodca e acordar com uma puta dor de cabeça. Os óculos-escuros no rosto são para não ver o sol. Estou parecendo um vampiro.

Ah! Vampiro. Doido para morder Olivia todinha.

Transar apenas duas vezes com ela não foi o suficiente, foi o iniciozinho, preciso de mais, de uma quantidade ilimitada de tempo com ela.

— Já consegui a aparelhagem que pediu —
Magno fala, tirando-me do devaneio. Olho para ele.
— Para que você quer aquilo? Vai espionar quem?
— Ele intercala a atenção entre mim e a rua.

Magno está falando sobre os microfones e gravadores que pedi para ele arrumar, tudo coisa de primeira, tecnologia militar. É hora de colocar lenha na fogueira. Ludovico já começou a cair, pois, na última reunião, eu dei o recado: a Orfeu não está mais interessada em investir na empresa dele, em fazer a fusão que ele tanto quer.

Eu sei que fui antiético no início, o obriguei a assinar um contrato de exclusividade, assim, ele não poderia pedir apoio em outros lugares. Esperei uma boa crise chegar quando ninguém mais fará negócios para jogá-lo no fundo do poço. Sem apoio, a empresa Durval cairá em ruínas.

Maléfico? Não o tanto que ele foi com algumas pessoas.

Não creio que ele perderá tudo, Ludovico deve ter uma reserva bem gorda em algum lugar. Por

NACIONAIS - ACHERON

isso, partirei para o segundo ataque. É hora de mostrar para aqueles três desgraçados o pai que eles têm.

— Ainda é treta com o Ludovico? — Magno pergunta. Curioso que só ele.

— Sim, ainda. Agora, com Olivia envolvida, eu não posso me descuidar mesmo. — Coloco o celular no bolso e olho para ele.

— Cara, você sempre rebobinando a mesma ladainha. Pare de ouvir a mesma canção. Vai mexer de novo com esse velhote? Já não basta aquela putaria que aconteceu? Jaqueline ainda deve o odiar.

— Ela é o de menos. Estou cagando para a Jaqueline.

— Então deixa essa Olivia pra lá. Faça como eu, pego mulher dos outros, mas ninguém fica sabendo e tem a regra de apenas uma vez. Duas ou mais vezes o bagulho já ferve. Mulher se apegando facilmente — avisa como se fosse especialista.

— Deixar a Olivia está fora de cogitação. Ela não tem nada a ver com o passado. Estou com ela porque quero, eu a quis antes mesmo de saber quem era.

Espero Magno zoar, mas ele ergue os ombros e tamborila os dedos no volante.

— Eu posso entender. — Olho para ele com um sorriso sarcástico banhando meu rosto.

— O quê? O grande João Magno que usa técnicas militares com as mulheres tem uma amada?

— Não é uma amada, vê se não fode. É uma inalcançável tipo a Megan Fox. Vemos pela TV, batemos uma em tributo a ela, mas não podemos ter.

— Bate punheta para celebridades, Magno? Grandes descobertas, hein?

— É uma violoncelista. Acompanho os passos dela há tempos. É brasileira, mas, há uns doze anos, vive viajando. Já está em uma turnê mundial por cinco anos seguidos.

— Eu sei. — Estalo os dedos. — Já comentou sobre ela, é a Lavínia Torres, não é?

— Sim. Aquela morena ferve meu sangue. Daria um rim e um testículo, — ele faz uma pausa — quer dizer, testículo, não, uma córnea; um rim e uma córnea para poder comê-la.

— Aí você comeria e ficaria por isso mesmo? E sua lei de não comer duas vezes?

— É a vida. Uma vez seria o suficiente. O pior é que a desgraçada nem posa nua para eu poder me esbaldar.

— Está parecendo adolescente se masturbando olhando revistas.

— Eu não vivo minha vida obcecado. Tenho minhas mulheres, tenho meu clube, está tudo certo. No caso de Lavínia Torres, é só mesmo amor de pau, como qualquer cara tem por uma mulher famosa.

— Mas que tem vontade de ver aquela gostosa tocando violoncelo pelada isso você tem, não é?

— Pare, rapaz! — ele me corta. — Não me mate

de desejo. — Magno breca o carro em frente à empresa de jardinagem onde eu tenho uma “parceria”. — Só queria poder tirar uma foto sua vestido de jardineiro. Malandro. — Ele zoa quando eu pulo para fora do carro.

— Cuide de tudo na empresa, volto depois do almoço. E, pelo amor de Deus, não vá armar cena com Lorenzo. Vocês são patrões, deem o exemplo.

— Deixe comigo. Lorevaldo vai comer pianinho na minha mão. — Rio, abanando a cabeça, olhando o SUV arrancar cantando pneus e sumir na esquina. É arrumar confusão de morte chamar Lorenzo de Lorevaldo. Nosso avô preferia Lorevaldo a Lorenzo quando o bebê nasceu. Por isso, ficou o apelido.

Como sempre faço, Nelson me guia até um quartinho, me troco, vestindo meu costumeiro macacão, coloco um chapéu de palha bem grande,
NACIONAIS - ACHERON

tampando o rosto e saio pelos fundos, de cabeça baixa. Entro em um dos carros e vou para a casa de Olivia. Ao chegar, desço do carro com a maleta de ferramentas. Assim, se algum vizinho fofoqueiro vir, eu serei apenas o jardineiro.

Hoje, ao invés da caixa de ferramentas, trago uma caixa bem embrulhada. Entro rápido, ainda bem que eles não têm porteiro e Nelson tem a chave do portão lateral. Quando dou um toque na porta, Olivia me atende com uma expressão de alívio.

— Oi, Oly — cumprimento, mas ela não responde. Dá dois passos e se joga em meus braços, Olivia me abraça forte com o rosto em meu peito e fica, por alguns instantes, assim, antes de se afastar meio enrubescida. Eu entro, coloco a caixa no balcão, recosto o quadril e a puxo para mim. — O

que aconteceu? — questiono.

— Eu só queria um abraço. — Ela levanta os olhos com um sorriso de desculpas. — Não tenho muitas pessoas a quem abraçar.

— Sei que queria um abraço. Mas não é só isso. Ontem foi a tal visita dos filhos do Ludovico. O que houve aqui? Conte-me. — Passo meus dedos na bochecha dela e tiro uma mexa de cabelo da testa.

— Nada que eu já não imaginasse. Mas... — Ela engole em seco e revela tudo.— Engravidar? — Já estou afastado de Olivia com as mãos na cintura, encarando-a nervoso. — Por quê? Não entendi a lógica dele.

— Segundo ele, se eu estiver grávida, não vou ficar com nenhum homem e, depois que o bebê

nascer, ele pode me controlar através do meu filho, como fez com as outras.

— Ele a agrediu, Olivia?

— Não. — Ela abaixa os olhos.

— Está mentindo. Pode me contar. Você é minha mulher agora, vou acabar com o desgraçado que tocar em você. O que ele fez?

Ela me olha boquiaberta, mas não devia estar surpresa por eu dizer isso. Eu expliquei, desde o início, que, depois da nossa primeira vez, não teria mais volta. Ela seria minha e pronto.

— Eu só não quero encrenca, Romeo. Estou muito aterrorizada com o que ele fez com as esposas. — Seguro-a pelos ombros. Olivia me encara, mordendo o lábio.

— Você tem a mim. Não vai acontecer nada com você.

— Eu não quero um filho dele, Romeo — ela implora, e eu a puxo novamente para um abraço.

— Não vou permitir. Nem em um milhão de anos.

— O que faço? — Afasto-a e beijo sua boca. Olivia suspira e, quando o beijo termina, está sorrindo.

— Estou pensando. Sente-se aqui. — Apoio minha mão nas costas dela e mostro o banquinho do balcão. Olivia me olha sem entender. Mesmo assim, acomoda-se. Pego a caixa e a abro. — Olha o que eu trouxe. Vamos tomar café?

— Nossa, parece delicioso. — Ela olha para a

caixa de bombas de chocolate que trouxe. Vou para trás do balcão e olho o armário.

— Tem café pronto?

— Sim, na garrafa térmica. — Ela pega a garrafa prateada perto dela.

— Onde ficam as xícaras?

— Eu pego. — De olhos arregalados, ela se levanta em um pulo.

— *Shh!* Sente-se, Olivia. Enquanto estiver comigo, você não será empregada.

— Eu só...

— Apenas fale, eu pego e a sirvo.

— Romeo, por favor, eu fico sem graça.

— Certo, vou ter que abrir porta por porta — digo, abro a primeira e lá estão. Pego duas xícaras e coloco sobre o balcão. — Sabe, Oly, qualquer mulher pode ser dona de casa, não é vergonha nenhuma. Uma médica, uma advogada ou professora podem ir para a beira do fogão cozinhar ou ir para o tanque lavar roupa, cuidar do seu lar, dos filhos e do marido. Zelar, essa é a palavra. — Despejo o café nas xícaras enquanto continuo explicando. — E, se a determinada mulher não morar sozinha, o homem e os filhos devem, sim, ajudar. A casa é da família, não só dela. — Empurro a xícara para Olivia, dou a volta e sento-me ao seu lado. — Uma coisa é zelar pelo lar e ter uma vida própria para cuidar, outra coisa é não poder fazer mais nada que não seja servir.

— Desculpe. É difícil mudar hábitos adquiridos desde a infância.

— Não me peça desculpas. Você não fez nada.
— Pego uma bomba de chocolate, mordo um pedaço e o recheio escorre. Passo a língua no meu lábio. — Abra a boca, Oly — peço e ela fica rosada, mas abre. Encosto a bomba, e ela morde. — Bom? — pergunto interessado na boca dela.

— Muito.

— Vai ficar melhor, quer ver? — Antes de assimilar o que eu disse, vou para frente, levo uma mão até a nuca dela, puxando-a para mim e beijo sua boca com gosto de chocolate. Olivia segura forte na alça do meu macacão, mesmo depois do beijo, ela ainda a segura. Arfa e solta o ar pesadamente.

— E então? — Já estou sorrindo, de volta ao meu lugar.

— Tem razão. Muito melhor — ela ajeita os cabelos na testa e ri.

— O que foi? — Pego uma nova bomba na caixa e dou a ela.

— Ai, Romeo, sou uma safada, traindo Ludovico na cozinha dele.

— O que acha de trair na cama dele? Por favor, diga que sim, Oly.

— Deus! Nem diga uma loucura dessas. Você não passa da cozinha. — Ela morde um pedaço da bomba.

— Pois deveria me deixar batizar a cama dele. Pense como seria uma vingança boa. — Ela abana a cabeça discordando.

— Não vamos sair hoje? — Morde mais um

NACIONAIS - ACHERON

pedaço do doce, sei que está mudando de assunto, mal posso esperar para mostrar meus planos a ela.

— Sim. — Olho no relógio, oito e meia da manhã. — Temos tempo de sobra para ir, voltar e matarmos a saudade em um sexo gostoso. Quase não dormi à noite doido de tesão.

Ela fica me olhando muito envergonhada. Toma um pouco de café e, quando afasta a xícara, os lábios estão úmidos e vermelhinhos.

— Ah, Jesus! Venha aqui, Oly. — Avanço de novo, meu pau lateja espremido na minha cueca, seguro na nuca dela e a beijo, dessa vez, com gosto café, chocolate e creme de avelã. Caramba! Quero comer essa mulher aqui na cozinha.

Olivia me afasta cansada, como se tivesse corrido a meia maratona.

— O café... — ela gagueja — vamos tomar café.
— Aponta meio trêmula para minha xícara. Dou uma risada e balanço a cabeça em concordância. Ela está com medo de que eu avance, sabe que não pode me parar. Voltamos a comer. — Ainda não me deu uma ideia do que fazer quanto a Ludovico querer me engravidar. Você está tão tranquilo, estou desesperada.

— Estou tranquilo porque tenho tudo sob controle. Pode ir ao tal exame com ele hoje ou o dia que ele marcar. Não se faz uma inseminação da noite para o dia.

— E o que vai acontecer? — Coloco mais café para mim e abocanho metade de uma bomba.

— Eu poderia engravidar você agora mesmo, assim, essa barriguinha aqui já estaria ocupada com um legítimo espanhol. — Toco no ventre dela.

Olivia está quase em choque. — Mas é você que decide se quer ou não ter filhos e de quem quer tê-los, por mais que me deixe zoadado de ódio imaginar você escolhendo outro. — Ela está sem resposta, o rosto pálido. — O médico descobriria, você já estaria grávida e, antes de Ludovico fazer alguma coisa, eu apareceria e a levaria embora. E fim. — Gesticulo em um movimento de “óbvio”.

— Mas... — ela começa, pigarreja, evita me olhar. Prende a xícara nas mãos. — Você não vai fazer isso, não é?

— Não. Estamos começamos a nos relacionar. Quero você, Oly, tenho muito a mostrar. Por enquanto, só você e eu. — Os olhos dela brilham com minhas palavras. Sorri formando covinhas na bochecha. — Ah, merda! Você acaba comigo, garota. — Puxo-a de novo para mais um beijo.



Terminamos o café e saímos. Eu ainda estou pensando no que farei quanto a essa novidade de gravidez. Pretendo libertar Olivia desse bunda mole, não vou permitir que ele faça mais nada contra ela. Ontem mesmo fiz umas ligações, consegui um instrutor de voo e estou agora no carro, levando Olivia para o local marcado, a uns trinta minutos de carro de onde estávamos. Uma bela planície, ao natural, lugar propício a voo de...

— Balão? — Olivia exclama boquiaberta ao chegarmos ao campo e se deparar com o balão já armado nos esperando. É enorme, colorido, muito bonito.

Toco nas costas dela e dou um beijo em seus cabelos.

PERIGOSAS

— Voo é o que mais gosto. Lembra que eu te disse? — Ela me olha ainda pasma. Segure a saia do vestido pois o lugar tem uma corrente de vento forte.

— Sim, lembro. — Os cabelos dela voam em seu rosto. — Vamos voar nisso? Estou com medo.

— Na verdade, eu gosto de voos mais radicais, parapentes, paraquedas. Mas, para você, precisa ser algo lento, você vai gostar. Venha. — Começamos a andar até o homem que está parado ao lado do enorme cesto. O balão inflado.

— Romeo? — O homem grisalho sorridente estende a mão para mim.

— Sim. Pedro, não é isso?

— Ao seu dispor.

NACIONAIS - ACHERON

— Essa é minha namorada, Olivia. É a primeira vez dela no ar. — Noto Olivia prender a respiração e me olhar de relance, acho que porque eu disse que é minha namorada.

— Bom dia, dona Olivia. Não precisa ter medo. Controlo esses bebês há quase vinte anos. — Ela assente tensa. Ele dá algumas instruções de segurança e nos ajuda a entrar na enorme cesta. As cordas são soltas, o ar quente é ligado e o balão se desprende do chão. Olivia fica agarrada ao meu corpo enquanto o balão eleva-se ainda mais.

— É lindo daqui de cima — ela murmura se aventurando a espiar, mas sem desgrudar de mim.

— Vamos ali perto. — Aponto para a beirada do cesto.

— Não, Romeo! Não ande. Fique aqui comigo!

— As unhas dela cravam-se em meus braços. O balão sobe mais, e Pedro ri, nos levando na mesma direção do vento. Ao chegar a uma certa altura, o balão voa livremente, sem ganhar altitude, indo em direção a uma planície, onde iremos pousar. Os cabelos de Olivia balançam ao vento. Ainda estão presos, mas mechas teimosas brincam em seu rosto, deixando-a tão bela e inocente, natural. Retiro-as do seu rosto, e ela olha para cima, mirando meus olhos.

— Oi. Está gostando?

— É maravilhoso. Sou uma medrosa, não é?

— Uma linda medrosa. — Abaixo meu rosto em sua direção, e ela fecha os olhos, ansiando pelo beijo. Magno pode até me zoar mais tarde por estar sendo romântico, dane-se, o brilho que sempre vejo nos olhos dela a cada novidade que descobre é um

NACIONAIS - ACHERON

belo pagamento.

Chego de volta à casa de Olivia às onze horas. Passamos no restaurante para comprar o salmão com risoto e a salada que Ludovico quer comer no almoço. Esse cara é um boiola bundão. Que homem fica com essas frescuras? Não tem coisa melhor que um mexidão com tudo que sobrou do almoço esquentado em uma panela na hora da janta. Aposto que ele torceria o nariz se me visse com uma dessas panelas, jogado na sala com uma cerveja, comendo e assistindo TV. Macho não tem estômago, tem centrífuga.

Só dei conta de colocar as embalagens do restaurante na mesa e sair atropelando tudo com Olivia nos meus braços, a garrafa de champanhe na minha mão. Hoje mais cedo, quando o balão fez a primeira parada, nós descemos, abri um champanhe

que levei em um isopor e despejei em copos descartáveis.

— Eu não bebo — advertiu logo.

— Nenhum gole? — Fiquei desapontado. Ela se mexeu meio inquieta.

— Por quê? — indaguei. — Não gosta de champanhe?

— Nunca bebi.

— Nunca bebeu champanhe? Por que não quer provar?

— É feio mulher beber. — Reviro os olhos e bufo de raiva.

— É feio você ficar dando ouvidos a bobagens.
— Entreguei o copo a ela. — Beba, Oly. O que é

feio, para qualquer um, homem ou mulher, pobre ou rico, é se embriagar, arrumar vexame ou ficar caído por aí. Sabia que até Jesus, autoridade divina, bebia? — Ela me fita, mordendo os lábios. — O vinho era a bebida da época dele. Ele pregava contra a embriaguez e o vício; uma prova disso é a Santa Ceia.

— Mas era sem álcool.

— Não. Para o vinho preservar, tinha que ter uma boa fermentação. Daí, o teor alcoólico. — Ela olhou para o copo, depois para mim. Sorriu.

— Você sabe de muitas coisas. — Fica sem graça, mas continua. — Sei lá... — Ergue os ombros e olha ao redor.- — Fala coisas com sentido... É bem legal... aprender coisas novas.

O jeito que ela fala, deixa-me tocado, como a

simplicidade de uma menina. Ela é quase uma menina. Tem apenas vinte e três anos e é pouco vivida, cercada de paradigmas e regras. Tomei-a em meus braços, em seguida, me afastei e levantei meu copo.

— Beba, prove champanhe comigo. — Ela volta a olhar para o copo, depois o levanta e leva aos lábios. Tomou um gole sob meu olhar atento. Afastou o copo, sentiu o gosto e respirou fundo.

— Uau! É delicioso. As bolhinhas... É muito bom, Romeo!

— Nada de vício! — exclamei, fazendo-a rir e voltar a beber.

Estou em combustão. Olivia tenta me deter, mas não pode parar o furacão que começou a se formar desde ontem dentro das minhas calças.

PERIGOSAS

— Romeo! — ela interrompe meu beijo alvoroçado. Já estávamos na sala.

— Machuquei você?

— Não. Aqui em casa... é estranho.

— Oly, por favor. Só teremos outra oportunidade amanhã. Eu não vou aguentar. Tem quarto de hóspedes?

— Sim, mas... — Antes de terminar de protestar, entrego a ela a garrafa de champanhe, ela segura sem entender, e eu a pego no colo. — Romeo! Minha nossa!

— Só me diga onde.

— Escada — murmura. Eu subo correndo. Chego a uma ala aberta, com algumas portas e um corredor. A casa do velho é enorme. — Essa porta.

NACIONAIS - ACHERON

— Ela mostra a primeira porta. Entro com ela no colo e vejo um quarto normal. Tem uma cama de casal, simples, uma TV, armário, cortinas brancas e poltronas. Deixo-a descer do meu colo e já começo a desabotoar as alças do meu macacão. Ela não desvia o olhar muito interessado, intenso. — Ah, meu Deus! Estou encrocada — diz antes de me abraçar e receber avidamente minha boca com língua e tudo. Minha mão segura o champanhe, porque as mãos dela estão ocupadas, passeando pelo meu peito e braços.

— Nunca que aquele filho da mãe vai mexer no que é meu — rosno contra a boca dela. — Você é minha, Olivia. Ele não pode te tocar. — Bebo mais, e ela se apressa em abrir a boca para receber meu beijo alcoólico.

— Romeo! Que droga. — Olivia corta o beijo.

Estamos ofegantes. — Você quer me libertar da minha vida, mas está me prendendo mais a você. O que está fazendo comigo?

— Dando motivos para querer ser feliz. —
Pego-a no colo, sento-a na cama, meu pau quase no rosto dela. Afasto-me um pouco para ela me ver melhor. Desço minha mão pelo meu peito, passo pelo abdômen, virilha e pego meu pau. Dentro da minha mão, eu o manipulo devagar. Ela está perplexa, sem conseguir desgrudar os olhos.

— Olhe para mim, Oly, me conheça. É tudo seu.

— Caramba! — murmura. Eu continuo a punheta lenta e levo a garrafa de champanhe aos meus lábios. Ouço um gemido e abro os olhos para vê-la quase em um orgasmo.

Subo o queixo de Olivia com o indicador e dou

uma lambida do pescoço, passando pelo queixo, até chegar à boca e afundo-me em um beijo quente. Empurro-a para se deitar na cama, puxo o vestido para cima, mostrando a calcinha rosa e pronto: estou onde eu queria.

Intercalando champanhe e lambidas em seu delicioso sexo quentinho, eu a levo à loucura. Olivia grita, se contorce, e eu não tiro a boca dali. Sinto o clitóris bem inchado rolando na minha língua, meus dedos afastam cada dobra dela para eu ter mais acesso, deixando-a aberta, pulsante, cheirosa.

E ela goza. Tenta se sentar desesperadamente, debatendo-se enlouquecida. Eu a mantenho na cama enquanto as ondulações não cessam. Depois, visto a camisinha e a faço ficar de pé. Olivia ainda treme, agarra-se ao meu corpo para não cair.

— Enrosque as pernas na minha cintura. — Dou um tapinha na coxa dela. — Segure bem. — Abraçando-me, eu levanto a bunda dela e deslizo para dentro. Ela está toda molhada e me recebe em uma voracidade que me faz arrepiar.— Essa é uma nova posição — digo. — Temos milhares para experimentar. — Equilibrando-me de pé, com ela nos meus braços, eu defino a velocidade, ela está se acostumando comigo, posso aumentar a intensidade gradativamente até estarmos fodendo forte.

— Tudo bem? — pergunto, parando um pouco, movimentando-me lentamente.

— Sim... muito... bem... — ela ofega, sorrio e a beijo novamente.

Firmo-a bem e sigo um ritmo gostoso, indo rápido, atingindo-a no fundo. E ela goza mais uma vez. Com a boca em meu ombro e os dedos me

NACIONAIS - ACHERON

apertando, ela chacoalha no meu colo, se derretendo inteira. Espero ela terminar, beijo-a lentamente, acalmando-a com carícias suaves.

— Aguenta mais um? Posso terminar? — pergunto no ouvido dela.

— Nossa. Estou mole... — ela murmura.

— Tá. — Beijo-a. — Vamos deitar. — Levo-a para cama com meu pau ainda todo socado. Deito-a de costas, Olivia ainda me segura forte, ajeito-me por cima e começo a provocá-la com estocadas profundas e bem lentas.

— Ai! Isso, Romeo! É tão bom...

— Nunca mais precisa ter menos que isso — prometo, olhando-a nos olhos. Ela sorri e me puxa para um beijo.

— Eram três coisas. Agora preciso saber apenas duas que mais gosto. A primeira, é você — murmura quase sem voz, a respiração descompassada após gozarmos juntos.

15
OLIVIA

Com Romeo, sexo não é apenas sexo. Tem várias etapas e, cada uma delas, me deixa delirando de excitação.

Ah... excitação! Ou tesão, na linguagem da Kate. Isso era mito para mim. Um mito mesmo, ela contava sobre passar noites em claro com homens lindos, sobre como o novo vizinho a deixava furiosa e excitada ao mesmo tempo, e eu não entendia nada disso. Que coisa era essa de molhar a calcinha que ela sempre falava? Agora eu sei.

Conheço o que é "pirar de tesão", "soluçar de prazer", "molhar a calcinha" e "me sentir toda

quente e ofegante". Romeo me faz tocar estrelas. Como é bom! O que eu tinha com Ludovico não poderia nunca ser chamado de sexo comparado ao abalo sísmico que Romeo provoca em mim.

Depois do sexo, ele me abraça. Ah, como eu amo ficar agarrada, ao corpo grande, as pernas entrelaçadas com as minhas, os braços me aninhando, nosso suor, as peles quentes e o cheiro muito bom de homem.

E, por fim, ele levanta e vai se vestir. Nunca achei que ver um homem se vestir pudesse ser tão interessante. Romeo anda, despreocupadamente, pelado, olhando o quarto ao redor. Eu puxei o lençol, me sentei coberta e fiquei olhando-o sem piscar. Tem um traseiro grande e rijo, pernas firmes e fortes, noto os músculos ali nas coxas enquanto ele se move. Ele não é peludo, mas tem pelos nas

coxas e em uma parte do abdômen, o deixando com um ar mais rústico. Os cabelos são baixos, um pouco mais raspados na lateral, ele é uma visão esplendorosa.

— É um belo quarto. Onde fica o seu? — Ele vira-se para mim, sem nem ligar por estar pelado. Fica parado com a mão na cintura, olhando-me.

— É... o... meu... — Droga! Gaguejando, tento me concentrar apenas no rosto dele. — No... fim do corredor.

Romeo vem andando em minha direção, coloca um joelho sobre a cama e se inclina para mim. Toca meus lábios com os seus.

— Queria levá-la para a minha casa. — Ele passa a mão tranquilamente pelo meu pescoço, desce e puxa o lençol que cobre meus seios para

baixo. Estou embasbacada, encaro o lábio dele que está sendo mordido de um jeito tentador fixamente. — Posso dar uma olhada em seu quarto?

— Não! — berro. — Você precisa ir embora. Ludo está chegando. — Romeo levanta os olhos para mim.

— Pare de chamá-lo de Ludo. É muito íntimo, me deixa com ciúmes.

— Ele é meu marido, Romeo — explico sem muita ênfase. Estou pasma por ele ter ciúmes de mim.

— Apenas no papel. Eu sou seu homem a partir de agora.

O que falar em uma hora dessas, com essa declaração? Nada! Escolho o silêncio, pois estou

PERIGOSAS

sem voz, apenas emitiria fracos monossílabos mesmo. Pareço uma chaleira, ele me beija sedutoramente para reafirmar o que disse e, quando se afasta, eu solto o ar pela boca pesadamente. Romeo sorri, beija meu nariz e se afasta, indo pegar a cueca. Nunca que vou desviar meus olhos e perder uma cena dessas.

O tecido branco da cueca sobe pelas coxas, fazendo um belo contraste com a pele morena, ele sabe que o observo, exhibe os lábios levemente curvados em um sorriso malicioso. Cobre o traseiro com a cueca, ajeita o pênis e passa os polegares no elástico na cintura, deixando a cueca na altura ideal.

Levanto-me também e apanho meu vestido, Romeo aproxima-se rapidamente e me pega. Daquele jeito! Senhor! Que abraço! E por trás!

NACIONAIS - ACHERON

Estou sem movimentos. Ele afasta meus cabelos, meu ombro fica exposto, e ele morde de leve, o pacote da cueca encostado na minha bunda.. Sinto cada um dos meus poros acordarem com a forte eletricidade.

— Ainda temos um banho agendado. — Ele sobe a boca pelo meu pescoço, lambendo, mordendo. — Esse será o ponto do próximo encontro.

— Romeo...

— Mas pode ir se preparando, antes do banho de chuveiro, teremos o banho de gato. — Ele morde um pouco mais meu pescoço, puxa meu rosto, fazendo-me olhar para trás e, assim, me aperta em seu corpo e enfia a língua na minha boca. Um ataque certeiro. Já estou de pernas bambas.

Meus olhos estão parados, respiro entrecortado. Romeo vira-me de frente para ele e pega o vestido da minha mão.

— Levante os braços — ordena, e eu faço. Passa o vestido pela minha cabeça.

— Banho de gato? — indago.

— Só para pontuar, eu sou o gato. — Ele dá uma piscadinha. Ajuda-me a colocar o vestido, sem sutiã mesmo, pega minha calcinha, mas não me entrega, eu fico com a mão estendida.

— O quê? — questiona.

— Minha calcinha.

— Pegue outra. Essa é minha. — A afirmação dele me faz arregalar os olhos, ele dá de ombros, prende a calcinha nos dentes e veste o macacão.

— Romeo... o que vai fazer com minha calcinha? — Ele tira dos dentes e a enfia no bolso do macacão.

— Vou levar todas as suas calcinhas, uma por uma, até você ter que ir buscar e eu a prender de vez na minha casa. Minha mulher, minhas calcinhas. — Ele abotoa apenas uma alça do macacão e gesticula com o dedo indicador para eu ir até ele. Olho no relógio e solto um grito.

— Romeo! Saia daqui! — Corro e tento empurrá-lo. Ele não se move.

— O que está fazendo?

— Ludovico está chegando. Meu Deus! Você tem que sair. — Ele bufa de raiva, fecha os olhos por dois segundos e, quando abre, está um pouco mais calmo, apesar de ter uma certa sombra nos

olhos escuros.

— Tenho que lhe contar uma coisa, Oly, é coisa séria. Amanhã eu venho à tarde, tenho compromisso de manhã.

— Está bem. Que coisa tem para me falar? Diga logo. — Olho amedrontada. Será que quer terminar nosso caso? Não deve ser isso.

— É papo longo. Hoje não dá mais tempo, — ele constata no elegantíssimo relógio de pulso — mas fique tranquila, não é nada que possa interferir entre a gente.

— A gente? — questiono pasma, feito uma tola. Então, existe mesmo ‘a gente’?

— Sim, você e eu. — Ele dá um toquinho no meu nariz. — Não acha mesmo que vou deixá-la,

né?

— Não acho. — Ele me abraça. Preciso ficar de rosto levantado para olhá-lo.

— Por isso, quero fazer tudo certinho. Amanhã, eu venho à tarde, ligue-me e diga quando eu puder chegar.

— OK! E sobre a inseminação, o que devo fazer?

— Atualize-me a todo segundo, estou pensando em uma saída. Por enquanto, você não pode fugir de casa, tem que ficar para não criar encrenca. Mas vamos usar o plano de Ludovico contra ele.

— Como?

— Você vai falar com ele que só aceita se entrar sozinha no consultório para os exames e que quer
NACIONAIS - ACHERON

uma médica, e não um médico. — Balanço a cabeça assentindo. — Quando sair, minta para ele. Comente com Ludovico que ela pediu que ficassem sem sexo por algum tempo. — Meus olhos saltam. É uma saída para Ludovico não me tocar. Já estava em pânico pensando nisso. — Ele está focado na gravidez, vai aceitar. E se tiver amante, como nós supomos, ele nem vai ligar. Pode fazer isso?

— Claro. Vou fazer.

— Ótimo. Depois, diga-me quem foi a médica. Enquanto isso, você precisa ir encenando, como se nada tivesse acontecido. Continue servindo-o. Estou arrumando uma saída definitiva para você.

— Tudo bem — assinto e o abraço, sentindo meu corpo e mente acalmarem, é como se perigo nenhum pudesse me atingir. Sei que, enquanto Romeo estiver por aqui, eu estarei segura.

Descemos a escada, ele segurando minha mão. Nunca segurei a mão de um homem dessa forma, como namorados. Eu nunca namorei para ser mais exata. É um toque novo para mim, simples e muito bom.

Chegamos à cozinha. Ele me ajuda a colocar a comida do restaurante no forno e a colocar a mesa. Já são meio-dia e meia. Fico enlouquecida porque ele não quer ir embora. Posso apostar que Romeo quer é isso mesmo.

— Ah! Se Ludovico sonha que seu amante está ajudando a colocar a mesa para ele comer... — comenta enquanto ajeita os copos na mesa. Sorrio encantada. A cada sorriso que ele dá, eu me desmancho.

— Você já cuspiu na comida? — pergunta com ar travesso.

— Não! Claro que não.

— Olivia, o que está esperando? — questiona com ar injustiçado.

— Eu também vou comer! — contesto.

— Foda-se, é sua saliva mesmo. Cuspa lá! — Ele aponta para a cozinha. — Ou melhor, cuspa no copo dele, é você que o serve, ele nem vai ver.

— Não vou fazer isso — falo e saio rápido, voltando para a cozinha. Retiro as vasilhas do forno e deixo no balcão.

— Cuspa, Olivia, vai fazer bem a você quando ele a criticar, como ele faz toda vez, até com a comida do restaurante.

Olho para ele e percebo que Romeo não está brincando. Na minha frente, está o salmão. Ele sorri

NACIONAIS - ACHERON

e balança as sobrancelhas, encorajando-me. Rio, balanço a cabeça e cuspo. Sim, cuspi e me arrependi. Mas então vejo outra cuspidinha.

— Romeo! — Olho chocada para ele. — Você cuspiu!

— E daí, Olivia? Você já beijou minha boca várias vezes, não será um problema para você.

— É nojento! — exclamo, observando o salmão.

— Mas assim não é nojento. — Ele me puxa e já toma minha boca. Nem tenho tempo de protestar. A língua quente, os lábios macios e carnudos me dominam em dois segundos. Nesse momento, ouço a porta se abrir. Paro o beijo abruptamente. Quase enfarto, mas Romeo ainda parece calmo.

— Ok! — ele diz. — Vá distraí-lo enquanto eu

ajeito isso aqui. — Aponta para as embalagens do restaurante. Estou em desespero, Ludovico já está em casa e Romeo aqui numa boa na cozinha.

— Saia! — imploro, mexendo os lábios.

— Respire fundo, — ele passa a mão no meu peito, como uma massagem cardíaca — não deixe que ele perceba. — Saio rápido da cozinha. Ludovico verifica as correspondências que chegaram na sala. Graças a Deus! Respiro fundo, tento parecer tranquila e caminho até ele.

— Bom dia, querido.

— Bom dia — ele responde com um humor melhor. Tira o terno e me entrega junto com a valise, como sempre.

Plaft! Algo cai na cozinha, e Ludovico desvia os

olhos das correspondências. Quase faço xixi nas pernas de tanto medo. Se ele descobrir, eu corro eternamente.

— O que foi isso? Kate está aí? — pergunta de testa franzida.

— Pink. — Encenando, reviro os olhos. O sangue pulsa nos meus ouvidos.

— Não me faça dar uma lição nela — ele resmunga, sai de perto e vai para o banheiro, como sempre. Eu o espero sair com a toalha já pronta, em seguida, encaminha-se para a mesa.

— O salmão acabou de sair do forno — anuncio, sirvo o vinho e saio para ir buscar a comida na cozinha. Romeo está na porta, eu quase dou um grito.— Até amanhã — despede-se e sai depressa em seguida, colocando o chapéu e levando

consigo a caixa de bombas de chocolate. Tudo está arrumado, exceto pelo copo quebrado no chão. Pego as comidas que Romeo arrumou nas travessas de servir e corro para a mesa.

— Nelson veio agora pela manhã? — questiona, deve ter visto o carro da jardinagem.

— Sim, veio. Mas já está de saída. — Ele assente enquanto eu o sirvo.

Tudo está perfeito, mas ouço com atenção a crítica dele, dizendo que o salmão está úmido. Será possível que Romeo cuspiu mais? Que malandro! Respiro aliviada e começo a comer.— Está corada, agitada e parece mais animada ultimamente. Por quê?

— Não sei. — Eu dou de ombros desviando os olhos de Ludovico.

— Onde estão seus sentimentos, Olivia? —
questiona intrigado. — Ontem à noite você foi
humilhada por todos, não questionou quando puxei
seus cabelos, não reclamou de nada.

— Não sei do que está falando, Ludo.

— Hum... sei. — Ele volta a olhar para o prato,
corta o salmão e coloca na boca. — Vou presumir
que você me ama e que eu a faço muito feliz.

Uma raiva me consome pelo tom de ironia. Ele
sabe o que faz comigo, ele sabe como eu me sinto
em várias ocasiões e está apenas tripudiando.

— Eu tenho uma boa casa, como e visto do
melhor, meu marido é rico e logo estarei grávida. O
que mais posso querer? Você me faz feliz
Ludovico.— digo friamente. Ele assente e parece
convencido.

— Se aquelas vadias fossem como você, eu não teria tido tantos problemas com divórcio — fala mastigando e aponta o garfo para mim. Aperto meus dedos por baixo da mesa ao lembrar de todo o mal que ele fez com aquelas mulheres e o que pode fazer comigo se eu não obedecê-lo.

— Vou marcar sua consulta hoje — anuncia recostando e empurrando o prato. Comeu tudo. Acho que não sou só eu que gosto da saliva do Romeo.

— Mal posso esperar — digo sorridente. — Vou ter um bebê. Estou fascinada.

— Não vai achando que vai ter direito a tudo que é meu. Ele será meu herdeiro, não você.

— Nunca pensei nisso. A vida dele é o que importa.

— Assim que a consulta estiver marcada, eu te falo. — Ele toma mais vinho e faz um barulho nojento com a língua nos dentes, tirando resíduo de comida.

— Ludo, queria te pedir apenas duas coisas.

— Fale. — Já me olha de cara feia. — Nem venha querer escolher nomes, eu que sempre escolho.

— Não é isso. É sobre a consulta. Marque com uma médica, por favor. Você sabe como eu sou tímida, não quero outro homem me tocando e me olhando. — Outro que não seja Romeo, minha mente completa.

— Claro que eu não permitiria isso — ele vocifera, ainda fazendo o barulho com a boca. Balanço a cabeça assentindo.

— A outra coisa é que eu queria conversar com ela em particular. Pode me deixar entrar sozinha?

— Faça como quiser. Não estou interessado em papo de mulher. Quero ver o resultado: meu filho aí dentro. — Ele levanta e joga o guardanapo na mesa. Jamais, penso com uma sede de algo que não conheço. Raiva maciça. — Leve um café para mim no escritório — fala, dando as costas.

Kate é alta e loira, seus cabelos tem mechas coloridas aqui e ali. Ela sempre está com uma cor diferente, mas a tonalidade natural é como a minha, castanho-claro.

Kate ama ler. Nasceu recitando Clarisse Lispector. Ela acha a coisa mais absurda do mundo eu não ler, pois, segundo meus pais e Ludovico, a leitura corrompe a mulher. Apenas homens são racionais e capazes de separar fantasia da realidade.

Só agora percebo como isso é um horror. Ela pretende escrever um livro, mas nunca concretiza essa ideia. . E olha só que genial: o pai dela sempre fora dono de livraria. Por isso, desde pequenininha, ela conhece títulos e mais títulos de diferentes nacionalidades.

Entretanto, por causa de dívidas, o pai dela resolveu se desfazer do prédio em que funciona a livraria, Kate não pensou duas vezes, arregaçou as mangas, trancou a faculdade e foi tentar salvar o pequeno negócio da família. Para reduzir gastos, Kate saiu do apartamento alugado na Barra e foi morar em um dos apartamentos em cima da livraria, colocando os outros dois restantes para serem alugados.

Hoje, assim que Ludovico saiu às duas e meia para trabalhar, eu liguei para Kate e a convidei. Ela

fez corpo mole, dizendo que estava com preguiça. Então eu disse que tinha novidades sobre o admirador secreto bonito. Ela apareceu trinta minutos depois.

— Bicha, a senhora é destruidora, hein? — Kate grita batendo palmas quando conto que ele se chama Romeo, veio me ver e cedi à tentação. — Meu Deus, Olivia! Você é sortuda, amiga.

— *Shh*, fale baixo. Quer que os vizinhos saibam? — interrompo a comemoração dela.

— Quero. Eu quero anunciar é na rádio FM. Por favor, deixe eu estar no dia em que você contar para Ludovico. Nunca te pedi nada, Olivia. Mande seu amante gostoso vir também, vocês dois, divos, olhando para aquela cara de abacate murcho. — Dou uma risada e preparo a cafeteira para fazer um café. — Prefiro suco. Só doido toma café nesse

NACIONAIS - ACHERON

calor do Rio. — Kate não é daquelas visitas que falam: não precisa se incomodar; ela faz o contrário, pede e ainda diz como quer.

— Suco de manga? — pergunto.

— Deus me defenda! Chupei uma sacola de manga ontem, estou empanzinada. — Reviro os olhos e vejo os limões. Não pergunto se quer ou não, já levo para a pia. Ela aproxima-se de mim. — Agora, conte, passo a passo, tudo que vocês fizeram. Teve sexo? — Olho para ela, depois para os lados e balanço a cabeça confirmando. — Ai, Deus! Estou passando mal. Conte-me, Olivia, como ele é? Gostoso, dotado, safadão...

— E carinhoso — completo morta de vergonha.

— Safado e carinhoso? — pergunta incrédula. Mordo meus lábios. — Conte, Olivia! — berra.

— É tudo que eu não tive, Kate — solto de repente. Deixo os limões de lado e a encaro. — Tive orgasmo pela primeira vez.

— Conte uma novidade. Eu sabia que aquele maracujá murcho não dava mais no couro. Como se sentiu? Ele fez o que para você gozar?

— Ah, Kate...

— Oly, mulheres falam essas coisas, somos quase irmãs. — Prendo um riso. Abaixo a cabeça recordando o momento em que eu descobri como é gostoso.

— Foi com a boca.

— UOUU! Boca na periquita? — ela grasna, e eu bato no braço dela.

— Sim, foi. — Balanço a cabeça
NACIONAIS - ACHERON

categoricamente. — E depois tive mais três.

— Três?

— Só em um dia. E hoje tive mais três.

— Piranha! — grita fazendo algazarra. —
Olivia, você viciou no gato.

— Sim, vicieu muito. Ele é muito... Sei lá.

— Gostoso — Kate completa.

— Tem algo a mais. Ele fala coisas bonitas, ele diz que eu sou a mulher dele e não permite que eu o sirva, hoje trouxe bombas de chocolate para mim e me levou para voar em um balão. — Kate me ouve com um sorrisinho apaixonado nos lábios.

— Que lindo, Oly. Ele é romântico. Não quer só aproveitar de você e seguir em frente.

— É. No início, esse era meu medo. Mas Romeo quer me tirar daqui, ele quer que eu vá morar com você e que comece a ser independente, que eu tenha meu próprio emprego e que possamos nos encontrar sem nos esconder de ninguém.

— Ele está certo. Ele é o homem para você. Minha casa estará sem de portas abertas para você. Agora, diga o mais importante: esse cara tem irmãos?

— Sim. Dois.

— Ai meu coração. — Kate coloca a mão no peito. — Solteiros? — Ela cruza os dedos. — Diga que sim.

— Pelo que ele fala, acho que sim. — Inclino-me para perto dela e confidencio: — Romeo mencionou que um dos irmãos fez sexo sete ou oito

vezes seguidas, não me lembro, em uma noite.

— O quê? Cavalo! Separe esse pra mim, vou levar. — Damos uma gargalhada juntas.

— Pare, boba. Nem conheço o homem.

— Mas vai conhecer e me apresentar.

— Não sei. Estou vivendo o agora. Não sei o que será daqui para frente com Romeo.

— Você está feliz? — Levanto os olhos para ela.

— Eu nunca fui feliz, Kate, você sabe. Apesar de ter uma vida material completa nessa casa, faltava algo que eu não sabia o que era.

— E Romeo está mostrando o que faltava, né?

— Sim. — Suspiro com um sorriso besta na cara. — Eu me entreguei e não estou arrependida, ele não deixa que eu me arrependa. Vem todo dia aqui me ver.

— Sério? Assim, na cara dura, de carrão e terno?

— Não. De jardineiro.

— Jardineiro? — Kate está, cada vez mais, eufórica e perplexa.

— Sim. Com macacão e tudo.

— Ah, Oly, tire uma foto para eu ver?

— Não! — Começo a rir.

— Está com ciúmes? — Kate questiona com um largo sorriso, me cutucando.

— Sim. Ele também disse que tem ciúmes de mim, que não é para eu chamar Ludovico de Ludo.

Volto ao suco e vou contando a ela cada detalhe, ouvindo as risadas, as frases de moda que ela vê na internet e os olhares perplexos. contei até sobre a investigação que Romeo fez sobre o noivo da minha irmã. Sinto-me muito bem durante as pouquíssimas visitas de Kate: mais jovem, mais feminina. Meu mundo precisaria apenas de Kate e Romeo, e eu estaria satisfeita. Até minhas irmãs não me compreenderiam se eu contasse, achariam um absurdo e diriam que mereço a morte por trair um homem como Ludovico. Isso por que ninguém conhece o Romeo. E se conhecerem e não aprovarem, não ligo. Chega de esconder minha felicidade para obedecer aos desejos de outras pessoas.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

Essas noites, desde que comecei a me encontrar com Olivia, tem sido as melhores e piores para mim. Melhores, pois sempre durmo aliviado e na expectativa de vê-la na manhã seguinte. São as piores noites, pois preciso engolir o desejo de me agarrar a ela e dormir aninhando-a.

Mas essa noite, especificamente, eu demorei a dormir. Fiquei vagando na minha casa, andando de um lado para outro pensando em uma saída para meus problemas, que consistem em: ter Olivia comigo, tirá-la daquele verme.

Sabe o que os médicos sempre pedem? Para que

os familiares não demonstrem desespero diante de um familiar em estado grave, pois, isso pode afetar o enfermo e a autoestima baixa dificultará a recuperação. Eu usei algo parecido hoje com Olivia. Quando ela me contou da ideia de Ludovico engravidá-la, eu queria gritar, abrir um buraco na geladeira com meu punho, tirá-la à força da casa, mas me contive. Demonstrei calma, mudei de assunto, mesmo que, por dentro, estivesse fervendo de ódio.

Por isso, para mim, essa noite não foi legal. Dormi mal, acordei cedo e comecei a verificar alguns projetos. Isso foi às cinco da manhã. Serviço é também conhecido como uma maneira eficaz de manter no foco na mente de um homem.

Seis e meia, após analisar as propostas, noto que Mademoiselle não está entre elas, Lorenzo desistiu?

Respiro fundo. Provavelmente, não. Assinei documentos e revi planilhas, saí do meu escritório, tomei um banho e fui para a cozinha preparar um café. Bebi recostado na pia, pensativo, com o assunto de Olivia me encucando. Ouço a porta dos fundos e sorrio ao ver Vilma entrar. Ela cuida de tudo aqui para mim. Limpa a casa e, às vezes, cozinha. Eu gosto de cozinhar e, geralmente, já deixo tudo preparado, no freezer. Bifes, peixes, frango, tudo temperado, pronto para ir para a panela.

— Bom dia, Romeo. Não esperou o pãozinho?

— Levanta a sacola para mim.

Vilma trabalhou na casa dos meus pais, ela é prima da minha mãe, praticamente criou o Lorenzo. Ela era a única a quem ele obedecia nos momentos de rebeldia extrema. Meus pais faleceram em um

acidente em uma de suas constantes viagens, e ela passou a morar com a gente. Ela vem aqui em dias alternados; quando não está aqui, está na casa de Lorenzo. Magno abriu mão dela, pois disse que gosta de privacidade. Vai saber onde ele amarra as mulheres dele...

— Bom dia, Vilma. Acordei cedo para trabalhar e fiz um cafezinho.

— Amo seu café. Vou aproveitar — ela lisonjeia já ajeitando os pães italianos no cesto. Puxo uma cadeira e me sento. Em um instante, xícara, manteiga, faca e queijo são ajeitados à minha frente. Olho em volta, vejo um bolo e também biscoitos de nata, ela sabe que gosto, pesco um.

— Separou a roupa? A lavanderia passará hoje para pegar — fala sem olhar para mim, concentrada

NACIONAIS - ACHERON

em passar manteiga no pão.

— Sim. Estão no chão do quarto. Os ternos são aqueles na cama.

Nós crescemos sob os cuidados dessa mulher, pois nossa mãe foi muito ausente, meu pai viajava demais e ela fazia questão de acompanhá-lo. Eu sabia que, no fundo, era apenas uma maneira de não permitir suas traições, vigiando-o.

Um dia antes de morrer, meu pai conversou comigo ao telefone. Ele estava bravo, as ações da Orfeu estavam caindo, os negócios iam de mal a pior, e ele queria que eu investisse, que ajudasse de algum modo, por ser o primogênito, almeja que eu estivesse à frente da empresa, não se conformava com a minha escolha, uma profissão de mulher, segundo ele. Eu era um cozinheiro. Não discutimos, eu o tranquilizei, afirmei que

NACIONAIS - ACHERON

encontraria uma solução para ajudá-lo a colocar a empresa nos eixos. E ele me fez prometer que cooperaria. Na manhã seguinte, recebi a ligação sobre o acidente.

Minha mãe demorou a partir, e ela queria ir. Ficou no hospital lutando pela morte. Era tão nova, cheia de vida, vaidosa... Abriu os olhos e disse que não suportaria viver sem meu pai, ela o amava incondicionalmente. Então, solicitou ver Lorenzo, pediu perdão por tê-lo negligenciado, suplicou nossa benção para que a deixássemos partir, faleceu naquela noite. Antes, nos assegurou que Vilma estaria ali para continuar sendo a mãe que ela não foi.



Terminei o café, me arrumei, dei um beijo em

Vilma e corri para a empresa. Tenho uma reunião às dez, nem pude ver Olivia... Estou palpitando de ansiedade, triplamente ansioso. Primeiro, para saber como ficou o caso da inseminação; segundo, porque eu não posso vê-la agora; terceiro, porque estou pensando em contar umas coisas para ela hoje e não sei como ela reagirá.

Claro, faço uma breve ligação, não conseguiria me concentrar sem falar rapidamente com ela.

— Oi, Oly.

— Olá, Romeo — responde contente. Todo meu corpo se acende ao ouvir a voz dela.

— Teve uma boa noite?

— Mais ou menos. Fiquei preocupada. E você?

— Minha noite foi uma merda. Queria que

estivesse comigo. Estou com saudades, Oly. — Ela não responde, mas noto a respiração mais pesada.

— Também estou. E isso me deixa amedrontada — sussurra depois de algum tempo.

— Por querer estar comigo?

— Sim... É estranho dormir pensando em você. — Sinto uma dor aguda na barriga ao imaginá-la deitada com o matusalém e pensando em mim.

— Pra mim, também é diferente, estranho. Mas já aceitei esse fato: você é a única que quero. — Troco o celular de ouvido e olho meu relógio no pulso. — Estou indo trabalhar agora, a que horas posso ir ver você?

— Depois das duas, quando Ludovico sair, eu envio uma mensagem.

— Tudo bem. Pode me esperar na porta? Eu estarei no meu carro. As pessoas podem desconfiar do carro da jardinagem todo dia na sua porta e você entrando nele. Se virem meu carro, podem achar que é do seu marido.

— Tudo bem, estarei esperando.

— E o exame?

— Ludovico ainda não marcou, mas aceitou minhas imposições.

— Perfeito. À tarde, estarei aí com você. Um grande beijo. Estou todo aceso só em falar com você. — Ela ri. Com certeza, enrubesceu.

— Um beijo, Romeo — responde e desliga.



Não preciso atravessar toda a cidade para chegar à sede da Orfeu, temos um prédio aqui. As outras filiais encontram-se espalhadas pelo país: São Paulo, Porto Alegre, Brasília e Belo Horizonte. Ainda há as empresas subsidiárias. A Orfeu é especialista em comprar empresas quase falidas para levantá-las, assim como em fusões temporárias ou arrendamentos, como Ludovico quer. Nesse caso, há uma parceria pelo período de cinco anos, após esse prazo os laços são cortados e a empresa caminhará com suas próprias pernas, é como uma transfusão de sangue.

Chego ao prédio e já dou de cara com os irmãos Brant na recepção. Enzo e Davi, do banco de Consultoria e Investimentos AMB, estão conversando com dois homens. Aproximo-me e os cumprimento. Os dois homens retiram-se, e eu tenho a atenção dos irmãos.

— E aí, o que manda? — pergunto e, antes da resposta, emendo: — E esse joelho? Bom para outra partida? — falo com Enzo que dá de ombros.

— Aqui é tutano puro. Pode convocar o pessoal, estou no pique. — Como sempre, ele se recusa a dar o braço a torcer.

— Eu jurei ter visto uma lágrima em seu olho no último sábado. — Davi comenta, relembrando o dia em que o irmão machucou o joelho na nossa pelada.

— Eu também — concordo. Nós três andamos emparelhados em direção aos elevadores. — E o Max? — procuro saber, afinal, os três estão sempre juntos. Aperto o botão do elevador e mais pessoas se juntam a nós para esperar.

— Época de vacinação — Davi explica. — Max

alugou uma van e foi ajudar a esposa a levar as crianças. — Sei que ele está apenas de chacota, Max é pai de trigêmeos.

— Pai de primeira viagem — zombo. O elevador chega e nós entramos. — Como ele está lidando com os trigêmeos?

— Max perde um parafuso a cada dia. Os pestinhas já têm três anos. Aprenderam a falar, e agora Max e Julia estão tentando ensinar a ficarem calados. É uma barulheira infernal — Enzo comenta. Eu rio imaginando a cena.

Até os trinta anos, eu não sonhava ser pai. Deus me livre de ter que me responsabilizar por uma pessoa pelo resto da vida. Mas, agora, com trinta e cinco, vendo meus amigos casados e com filhos, questiono se não é a hora de estacionar. Penso em Olivia, engravidá-la e fazê-la minha por toda vida é

NACIONAIS - ACHERON

uma proposta a pensar e seria uma saída para o problema dela. O elevador se abre e saímos.

— Reunião de última hora? — indago após rememorar minha agenda.

— Não, está agendado. — Enzo olha no relógio de pulso. — Agora, às nove.

— Nove? Não tenho reunião nesse horário.

— Bom, ligaram para o banco há dois dias, marcando uma consultoria — Davi me olha intrigado — sobre a Mademoiselle. Já até pesquisei tudo.

Fecho os olhos e balanço a cabeça. Lorenzo.

— Venham comigo. — Caminho com os dois na minha cola, cumprimenta meu assistente de longe e sigo até uma porta no fim do corredor.

Lorenzo Lafayette – Diretor Administrativo.

Abro a porta, Lorenzo levanta os olhos e, quando me vê acompanhando dos irmãos, ele congela. Pego no flagra! Achou mesmo que se criaria aqui dentro da empresa sem eu saber? Se quisesse segredo, poderia ter ido ao banco AMB.

— Sentem-se. — Aponto as cadeiras para as visitas, eles acomodam-se em poltronas posicionadas em frente à mesa enorme de pinho. Lorenzo está atrás dessa mesa, em sua pose de barão, bem vestido, bem penteado, com olhos vorazes direcionados a mim, esperando para contra-atacar.

— Então, temos uma reunião — questiono enquanto abro minha bolsa despreocupadamente. Retiro de dentro as seis pastas que estava estudando mais cedo e coloco-as sobre a mesa.

NACIONAIS - ACHERON

— Davi, pode me dizer qual empresa o banco acompanhará?

— Mademoiselle.

— Oh! Que interessante! Não há esse nome aqui. — Encaro meu irmão. — Projeto clandestino, Lorenzo?

— Vá se ferrar, Romeo.

— Eu sou o presidente, todos os projetos precisam passar por mim.

— É coisa minha — contesta.

— Então por que a reunião aqui?

— Quer saber? Não vou usar o nome da empresa. Eu só não quero ser visto visitando o banco. — Ele me deixa de lado e olha para Davi.

— Tem respostas?

Enzo e Davi me olham sem entender. Resumo brevemente para os dois a rixa de Lorenzo e sua sede de vingança.

— De vingança ele sabe. — Enzo aponta sutilmente um polegar para o irmão. Davi ignora.

— Então, eu vi que a empresa em questão ainda consegue caminhar com as próprias pernas. — Ele entrega uma pasta a mim e outra a Lorenzo. — Mademoiselle não está à venda, não pode ser adquirida como você quer.

— Caralho! — Lorenzo resmunga. — Então dinheiro não compra tudo...

— Mas... — Enzo fala alegremente, fazendo Lorenzo tirar os olhos dos papéis e encará-lo. —

Mexi uns pauzinhos, fiz umas ligações para o representante da bolsa de valores e *tcharam!* Página três, parágrafo dois. — Ele aponta para os relatórios que nos entregou. Leio com atenção.

— Começar a adquirir pequenas ações da empresa antes da cacetada final? — Olho para os dois. — Estão pensando em quê?

— Em sabotar — Davi fala calmamente.

— Sabotar? Isso não seria ilegal? — questiono perplexo.

— Não. Seria feio, inescrupuloso, mas não ilegal — Enzo me corrige com certo pingão de orgulho. — Não da forma que pensamos.

— E que tipo de sabotagem é essa? — Lorenzo pergunta interessado.

— Eu só não quero sujar o nome da Orfeu —
alerto.

— Calma, — Davi mostra a mão aberta para mim — vamos usar o sobe e desce da bolsa de valores para arrematar a fábrica inteira. — Coça a barba me fitando e depois olha para meu irmão. — Em dois tempos, você será majoritário na Mademoiselle, podendo mandar e desmandar. — Um sorriso malévolo brota nos lábios de Lorenzo.

— Conte tudo que está pensando. — Ele se empolga. — Por isso que eu amo vocês.

— Por isso somos os mais requisitados. — Enzo ajeita a gravata mais uma vez, sem deixar latente o tom arrogante.

— Primeiramente, vamos ficar de olho na NYSE^[2]. — Davi se levanta e nós três viramos
NACIONAIS - ACHERON

para ele, assistindo a apresentação.

— Você não quer ter seu nome divulgado, pode dar uma procuração para o nosso banco fazer as transações por você — Enzo completa, e Lorenzo assente.

— E a seguir? — pergunto ainda incrédulo.

— Lorenzo, você não pode comprar metade das ações de uma vez só, precisa comprar pedacinhos.

— Isso eu já fiz.

— Certo. Aqui consta que você tem 15% das ações da Mademoiselle. Precisa de, mais ao menos, 40% para se tornar presidente.

— Não posso comprar dos outros?

— Não. Você precisa atingir o alvo principal, a

diretora da empresa, ela tem o poder maior. O próximo passo é contatar nosso agente. Ele trabalha como corretor diretamente na NYSE, será o intermediário entre as ações e você.

— E ninguém da Mademoiselle saberá dessas transações? Eles não querem vender a empresa. — Ainda incrédulo, penso onde está o golpe.

— É aí que entramos com a parte inescrupulosa e antiética. — Enzo sana minha curiosidade.

— Os corretores atuam atentos às notícias envolvendo a empresa. Você, Lorenzo, precisa arrumar um boato para jogar o nome da empresa na lama.

— Jogar o nome na lama?

— Um lamaçal fácil de você drenar

futuramente. Tem que ser uma notícia que pegue todos desprevenidos, que faça as ações irem para o chão e que faça os outros acionistas ficarem com um pé atrás. Ninguém terá interesse em comprar ações da empresa e todo mundo vai querer vender o que tem a preço de banana.

— E então eles venderão para mim?

— Sim. Você vai ter que desembolsar sem dó. Com as ações em baixa, eles venderão sem pensar duas vezes se o seu lance for alto; não pechinche. Em dois dias, você terá mais de 50% das ações.

— Mas e a diretora da Mademoiselle? — Lorenzo está quase pulando da cadeira de empolgação.

— Não se preocupe. Ela será pressionada pelo conselho da empresa que a obrigará a se desfazer

de suas ações.

— Coitada — resmungo pensando nela e no quanto está lutando pela empresa da família. Olho para os três, mas eles não parecem compartilhar de meu sentimento.

— Por último, o corretor de Nova York faz a ponte com o representante da Mademoiselle e você compra o que falta: será justamente a parte dessa diretora. — Davi verifica o papel. — Angelina Sousa Velasco.

— Com tudo prescrito, assinado, o Dow Jones estabilizado e o martelo batido, cabe a você, o novo dono, fazer as determinações e começar a limpeza.

— Ótimo! Consegui. — Lorenzo soca o ar como quando ganhou um skate aos doze. Reviro os olhos, não quero me envolver nisso. — Quando

começamos? — Meu irmão sorri de orelha a orelha.

— O mais rápido possível. Temos que aproveitar essa má fase da Mademoiselle. — É impressionante como ninguém aqui se sente culpado pelo que vão aprontar. Parecem meninos planejando roubar a bola do vizinho.

— Matheus vai elaborar uma procuração para a AMB ser sua representante. Enviaremos para você assinar. — Enzo acaba de implicar Matheus, o bom advogado, nessa malandragem toda.



Depois de ter resolvido tudo na empresa, adiantado algumas coisas e ter dado uma bronca em Lorenzo, eu fui para casa. O cara nem se importou. Está mesmo focado na vingança e achou dois para darem apoio a ele. Lavei as mãos. Não vi Magno,

NACIONAIS - ACHERON

ele está envolvido com a organização da nossa festa nesse sábado. Ele sempre cuida disso. Vilma havia preparado o almoço. Sou simples, não dispenso, de maneira alguma, arroz com feijão, bife, fritas e salada. Claro que como comidas mais luxuosas, sei criar cardápios espetaculares, mas a comidinha caseira me apetece.

— Humm! O cheiro está indo lá fora. — Dou um beijo no rosto de Vilma, está na pia cortando tomate. Pego uma batata frita e jogo na boca.

— Receber elogio de um cozinheiro profissional não é para qualquer um — responde com humor. — Sente-se, já vou servir. — Aponta a faca para a mesa.

— Não, vou tomar um banho rápido. Você vai ficar aqui à tarde?

— Quero dar uma passada no Lorenzo para pegar as roupas dele para mandar lavar. Por quê?

— Vou trazer uma pessoa. — Fico parado com um meio sorriso nos lábios, esperando a reação dela. Vilma para de cortar e me envia um olhar de poucos amigos.

— Então vou sair antes. Trazer essas aproveitadoras para torcer o nariz para mim? Estou fora.

— Essa é diferente. Você vai gostar dela. Fique até chegarmos, quero que a conheça.

— Por quê? O que uma riquinha mimada vai querer com alguém como eu? — Ela me dá as costas, voltando a cortar o tomate. — Vai me tratar como empregada.

— Não mesmo. Vou tomar banho e venho contar tudo sobre Olivia.

Eu estou decidido a ter algo sério com Olivia. Assim que ela assinar o divórcio, será minha namorada, daí em diante, a gente vê o que acontece. Por isso, preciso trazê-la para a minha vida: conhecer minha casa, Vilma e, mais tarde, meus irmãos. Não agora, só mais tarde. Eu confio no meu taco, mas não quero que ela se assuste com aqueles dois.

Depois do banho, eu desço vestindo apenas uma bermuda. A mesa está posta. Sirvo-me e sento na cozinha com Vilma.

— Ah, Vilma! Você me coloca no mau caminho. — Mastigo o bife suculento de olhos fechados. Uma delícia. Ela ri, coloca um copo duplo na minha frente e me serve suco natural.

— Sem alcoolismo no meu turno — explica a falta de vinho ou cerveja. — Conte sobre a fulana — pede em seguida.

— Não a chame assim — contesto. — Olivia é casada.

— O quê? — Ela para com o garfo no ar. Depois, deixa no prato e me olha de testa franzida. — Meu filho... não faça uma coisa dessas!

— Calma. Vou contar tudo e você vai entender. Lembra-se da Jaqueline? — Vilma respira fundo, soltando o ar pela boca, abismada e agora passando a revoltada.

— O que tem aquela praga? — Começo a contar a ela tudo sobre Olivia. — Cruz credo! — Vilma murmura quando termino de relatar. — Coitada da menina. Vinte três anos a pobrezinha?

— Sim. Estou arrasado de não poder salvá-la tão depressa. Gosto dela de verdade, Vilma. — Ela sorri para mim com olhos brilhantes.

— Estou vendo paixão por aí — exclama de mãos juntas.

— Talvez seja. — Dou de ombros. Sou racional e, se for paixão, eu aceito. Não sou desses caras que se debatem em convulsão se tiverem suspeita de que estão apaixonados.

— Ah, senhor! Agora estou preocupada. Sei o que aquele Satanás é capaz de fazer. Tome cuidado, meu filho, aquele Ludovico não presta. E quando ele descobrir?

— Já será tarde, Vilma. — Limpo os lábios e mexo os ombros em desdém. — Estou agindo por debaixo dos panos. — Tomo um gole de suco. —

Não vou deixar ele fazer com Olivia o mesmo que fez no passado... com a Sônia.

— Coitadinha, que Deus a tenha. E essa Olivia, gosta de você?

— Sim. Ela gosta e quer se livrar do cativoiro, pois aquilo não é casamento. Ele a agrediu, Vilma. Precisei me segurar para não ir acabar com ele.

— Não bata de frente com ele ainda — aconselha. — Lembra da época de Jaqueline? Ele fez um inferno na sua vida.

— Foi. Estou me prevenindo agora, não por medo dele, mas para preservar Olivia. — Ela balança a cabeça anuindo. Prendo meus olhos na jarra à minha frente e reflito sobre tudo isso.



À tarde, já vestido, esperava Olivia me dar o sinal. Duas e meia, ela mandou uma mensagem dizendo que Ludovico tinha ido trabalhar, encaminhei-me para a casa dela. Em meu Cadillac CTS, estilo sedã, parei em frente à mansão e, rapidamente, o portão se abriu. Olivia o fechou e correu até mim, foi como se ela estivesse ali, espiando, nem tive tempo de pegar o celular e mandar uma mensagem para ela. Abri a porta por dentro, os vidros escuros impediam a visão do interior. Aproximou-se e ficou me olhando sem entrar.

— Oi, Oly. Entre. — Ela fica confusa, olha para os lados e entra. Fecha a porta, e eu arranco com o carro para não ficar muito tempo aqui na rua, em frente à casa dela. O clima pesa um pouco dentro do carro. Regulo o ar e a fito. Olivia está muito desconfortável, morde o lábio e olha as unhas. Tiro

uma mão do volante e seguro a dela. — Tudo bem? — Recebo seu olhar, comedido, assustado. Passa os olhos pelo meu corpo e balança a cabeça positivamente. — Não fique tensa. Sou eu. — Sorrio para confortá-la — Só não estou de jardineiro. — Ela sorri e torna a balançar a cabeça anuindo.

— Só é estranho. — Faz uma pausa, olhando para seu colo e depois comenta: — É um belo carro... — aponta o painel — e você está bem bonito.

— Você está mais bonita. — Beijo a mão dela e volto a atenção para o trânsito.

— Para onde vamos?

— Aqui perto, moro logo ali, em Ipanema.

— Uau! — murmura.

— Você vai gostar.

Moro em um condomínio. Estaciono, não em uma garagem, em um local no meu jardim. Abro a porta para Olivia e ela desce, olhando abismada o lugar. Gosto da natureza, como já disse. A casa é de design moderno, com suas enormes janelas panorâmicas e teto bem recortado, é adornada com madeira para ter uma aparência mais rústica sem perder a modernidade.

— Minha casa. — Abro os braços mostrando o ambiente. Olivia olha para mim pasma.

— Me trouxe a sua casa? — As duas mãos estão no peito, chocada.

— O que tem? Eu não vou sempre na sua?

— É, mas... — Caminho até ela, passo meu braço em seu ombro e a conduzo pelo caminho.

— Olivia, eu não tenho mais mãe e pai. Morreram há algum tempo em um acidente. — Ela para de andar e me olha triste.

— Eu sinto muito. Você tinha me contado por mensagem.

— Pois é. Já faz tempo e não tínhamos uma relação estreita. Minha mãe sempre foi muito ligada ao meu pai, sempre nos deixou de lado para segui-lo. Mas tem uma pessoa que sempre esteve ao nosso lado, ajudou a mim e meus irmãos e a temos como uma segunda mãe. Quero que a conheça.

— Sério? Romeo... Não posso. — Ela já tenta correr. Seguro-a pelo braço a tempo.

— Por quê?

— Deus! Romeo, eu sou casada! Você é meu amante. O que ela vai pensar de mim? — Olivia sacode as mãos em desespero. Eu seguro seus dedos.

— Ela não vai julgá-la, acredite. — Beijo os dedos dela. — Confie em mim.

— Por que fez isso? Estamos nessa coisa incerta e...

— Não é incerto para mim, Olivia. Poxa, eu achei que já tinha certeza do que queria.

— Eu sei o que quero. Mas... é estranho.

— Não é nada estranho. Apenas confie. — Ela morde o lábio, curvo-me para frente e a beijo, ela retribui ainda muito arredia.

— Seus irmãos estão aqui?

— Não. Apenas ela, chama-se Vilma. Você vai gostar.

— Tá bom! — diz após refletir um pouco.

Apresento a primeira sala.

— Gosto dessa sala, assistir filme aqui é uma loucura à noite, de luzes apagadas, quero fazer isso com você. — Ela olha ao redor, fixa os olhos na televisão que apontei e sorri deslumbrada. — Veja como é enorme.

— É linda. — Sorri. De mãos dadas, vamos entrando. Olivia estuda o ambiente atentamente.

— Vilma? — grito.

— Aqui na cozinha. — Seguimos o som da voz.

A mão de Oly está fria, os dedos agarrados aos meus. Entramos e Vilma vem ao nosso encontro. Ela para, olha para Olivia e sorri com as mãos juntas. — Oi. Você deve ser a Olivia.

— Sim... sou eu — Olivia murmura muito sem graça.

— Romeo me falou sobre você, seja bem-vinda, querida, não poderia estar em melhor companhia, esse é um homem em um milhão, acredite. — Olivia sobe os olhos para meu rosto e volta a observar Vilma. Parece mais tranquila, até sorri.

— Eu sei.

— Quero que fique à vontade. Adorei conhecê-la, queria poder ficar aqui e bater papo, mas fica para outra vez, estou de saída.

— Ah, não vá! Por mim... pode... — Olivia começa a gaguejar inquieta.

— Não. Romeo tem um assunto importante a tratar com você. E eu tenho que ir à casa do irmão dele. — Mortificada, Olivia assente. — Mas podemos marcar um almoço. Romeo gosta do meu bife, posso fazer para vocês.

— É o melhor que já provei, Oly — complemento.

— Ele é um puxa-saco. — Vilma ri e abraça Olivia, despedindo-se. — Fiz torta, está na geladeira. Aproveitem.

Enquanto Olivia admira toda a minha cozinha, encantada e curiosa, eu abro a geladeira, pego um champanhe que preparei mais cedo, as taças e estendo a mão a ela.

— Vou ter tempo para mostrar a casa, venha, vamos até a sala. Quero te contar uma coisa. — Olivia não contesta. Segura na minha mão e me segue até o sofá. Abro o champanhe, coloco nas duas taças e dou uma a ela. — Para você se acalmar. Está muito nervosa. Eu não vou devorá-la. — Cravo meus olhos nos dela, faço um timbre bacana, rouco e voraz, e pisco. — Ao menos, não agora.

A taça balança na mão dela. Olivia respira como se doesse fazer isso e coloca a mão no peito.

— Isso, respire — incentivo

— Desculpe. É tudo muito novo. Até mês passado eu jamais pensaria que hoje eu estaria... assim...

— Assim como? — Ela dá de ombros e me fita

com firmeza.

— Gostando de outro homem que não seja meu marido, vivendo tudo isso.

Estamos no mesmo sofá, bem próximos. Curvo-me, beijo de leve os seus lábios. Olivia entreabre a boca, beija-me de volta e morde, timidamente, minha boca. Sorrio. Eu decidi contar a ela sobre eu ser CEO da Orfeu.

Por que fazer isso e correr o risco de perdê-la? Porque eu quero firmar algo com ela e sei que com omissões tudo pode piorar. Por isso, a trouxe aqui e apresentei a Vilma. Não quero que ela se sinta apenas como um desafio para o solteiro rico, quero que ela compreenda que isso é sério. Mas vou contar tudo aos poucos.

— Eu também nunca imaginaria estar gostando

tanto de uma mulher. Você não é um desafio para mim, é uma conquista. O canto dos lábios dela repuxa brevemente, os olhos brilham, as bochechas tornam-se rosadas. Um sorriso de rosto inteiro. Após mais um beijo, espero ela beber o champanhe, tomo coragem e pigarreio.

— Oly, você sabe que seu marido está fazendo negócios com uma empresa, não é?

— Sei, sim. Estão tendo uns desentendimentos, não sei bem ao certo.

— É sobre isso que quero falar. — Espero ela assentir, tenho toda a atenção dela. Para contar um segredo, precisa ser breve, nada de enrolação.

— Meu nome é Romeo Roriz Lafayette. Sou mesmo espanhol e tenho uma empresa aqui no Brasil. Chama-se Orfeu, eu sou o CEO. — Os

olhos dela saltam. Já deve ter compreendido o rumo dessa conversa. Seguro a mão dela firmemente. — Meus irmãos e eu comandamos essa empresa, e sou eu que estou dificultando os negócios do seu marido.

— Ah, Meu Deus! — exclama já aflita.

— Por isso, eu estava naquela festa. Eu a quero, porque gostei de você desde aquele dia, não tem nada a ver com seu marido. Acredita nisso? — Ela não responde. Fica parada, me encarando. Pálida, estática.

17
OLIVIA

Ainda confusa, puxo minha mão com força, mas parece travada pelos dedos de Romeo.

— Solte-me — sussurro.

— Ei, olhe para mim. Pergunte o que quiser. Nada de surtar e sair por aí. — Ele é um pouco áspero, como se estivesse prestes a perder a paciência.

— Solte-me, Romeo — peço, e ele me larga. Levanto-me do sofá.

Olho em volta sentindo-me perdida em um lugar estranho, sentindo-me enganada. Ele é o inimigo de
NACIONAIS - ACHERON

negócios de Ludovico? Isso é pura coincidência ou uma armação? Merda! Ele mentiu para mim. Não mentiu. Só não contou esse detalhe e agora está contando, uma parte da minha consciência tenta amenizar.

Sinto que Romeo aproxima-se por trás, segura nos meus ombros, e eu fico mais dura ainda, retesada, sem querer me sentir relaxada ao toque dele, duelando dentro de mim para que eu não amoleça. E se ele estiver comigo só para provocar Ludovico? Sim, claro que é isso.

— Quero ir embora, Romeo. Leve-me para casa — murmuro, sabendo que ele está ouvindo meu apelo quase mudo.

— Deve estar pensando que foi enganada e que não reconhece mais esse cara aqui — Romeo sussurra junto a minha orelha. Não respondo, a

NACIONAIS - ACHERON

dúvida está me corroendo. Sem falar que sussurrar na orelha é golpe baixo. — Você não foi enganada. Estou revelando sobre mim aos poucos, como qualquer casal faz. Estou contando a verdade porque quero sua inteira confiança em mim, Oly.

Ainda permaneço muda. As palavras dele são tocantes, mas minha mente borbulha confusa. Ele me vira gentilmente, e ficamos de frente. Eu não faço nada para impedir que ele me mova, apenas giro os pés, olhando para o chão.

— Olhe para mim, Olivia — pede com sua costumeira voz macia. Rouca, máscula, mas macia. Eu olho e, quando encontro seus olhos, Romeo me lança uma intensidade fervente em seus olhos escuros. Castanho-escuros ou dourados? — Pergunte o que quiser — encoraja. Sem piscar, não desgrudo dos olhos dele. — Vamos, Oly. Fale

comigo. — Eu balanço a cabeça assentindo. Penso bastante. Eu estou com dúvidas, então preciso perguntar.

— Você já conhecia Ludovico antes de me ver?

— Sim — responde sem titubear. — Ludovico sempre falou que tinha uma esposa, mas nunca imaginei que fosse você. Por isso, quando a vi na festa, não sabia de quem se tratava.

— Como sabe tudo sobre mim?

— Investiguei — responde rápido, certo, assim, à queima-roupa. Perco o ar. — Está tudo bem. — O lábio dele curva-se lateralmente. — Eu só queria saber quem era a bela jovem que estava acompanhando Ludovico.

— Então decidiu começar as mensagens?

— Sim. Eu queria tanto você, Oly, e ainda quero. Você quase não saía de casa, não tinha como abordá-la enquanto passeava no quarteirão com a Pink, eu sabia que você não daria bola para um estranho. Então veio a ideia das mensagens anônimas.

— Por que está tentando detonar Ludovico? Sei dos negócios que estão dando errado, ele comenta comigo. Isso é por minha causa?

— Também. Isso é um problema para você? Se for, eu paro e faço a parceria que Ludovico tanto quer.

— Claro que não, não ligo para os negócios dele. Nem me importo na verdade... Eu só estou confusa...

— Fale, não sairá daqui com dúvidas. —

Estamos tão próximos, ele está me mantendo perto, suas mãos em meus ombros. Ninguém fica confortável para discutir assim, com esse calor e essa força que emana dele. O corpo dele é eletricidade pura, energia poderosa.

— Eu só quero ter certeza de que não está comigo apenas para provocar Ludovico. Quero ter certeza de que eu não sou o prêmio entre homens brigando por negócios.

— Entendo sua preocupação, mas, se fosse disputa entre homens, eu não estaria contando quem eu sou e onde trabalho. Eu estou contando, pois não há mais volta, Oly. Eu não vou deixar você fazer uma besteira e me abandonar.

Nesse instante, quero falar: caralho. Mas opto pelo direito de me calar e apenas olhar essa beleza espetacular à minha frente. O que eu fiz para

NACIONAIS - ACHERON

merecê-lo?— Quer falar mais alguma coisa? — Ele ajeita meus cabelos.

— Não.

— Então está tudo bem entre a gente?

— Sim.

— Ótimo. Mesmo que você dissesse que não, eu teria que fazê-la mudar de ideia, lá na minha cama, em uma trepada de nos deixar desidratados — fala na maior naturalidade, recebo um beijo casto na boca, e ele afasta-se com um belo sorriso, deixa as taças e o champanhe sobre a mesa. — Espere aqui, volto em dois tempos. — Ele nem espera eu responder. Sai rápido da sala e caminha em direção à enorme porta de vidro, onde fica a cozinha. Volta rápido, segurando alguma coisa. Nem deu tempo de xeretar as coisas na sala. A única coisa que pude

ver mais de perto, foi uma foto grande junto a alguns quadros na parede.

— A nossa primeira à frente da empresa. Meus irmãos. — Ouço ele falar atrás de mim. Romeo tirou os sapatos, segura um potinho marrom e uma colher. — Magno. — Ele aponta para um dos homens. — E esse é Lorenzo, o caçula.

— São muito bonitos — elogio pensando em Kate, os homens são extravagantes de tão belos. Se eu não tivesse vendo um aqui, ao vivo, diria que é montagem.

— Bonitos? Já vou arrancar essa foto daí. — Romeo faz uma cara como se estivesse mesmo cogitando isso.— Com ciúmes? — questiono sentindo-me a maravilhosa.

— Estou, sim. É melhor parar de ver essa foto.

— Ele me faz virar para ele.

— O que é isso? — Minha atenção recai para suas mãos.

— Algo que faz todo mundo relaxar. Você está tensa. — Balança o potinho na frente dos meus olhos.

— Nutella. — Leio.

— Venha, sente-se aqui comigo. Vamos fazer uma lambança. — Ele segura minha mão, e eu o sigo até o sofá. Retiro a sapatilha e acomodo-me ao lado dele, Romeo fica bem pertinho, quase me coloca em seu colo. Ele abre a tampa, pega uma quantidade do creme marrom e, ao invés de me dar, coloca na própria boca, demorando um tempo desnecessário para lamber a colher. Eu engulo saliva com desejo.— Não vai me dizer que nunca

comeu? — indaga com sorriso de menino traquino, come mais um pouco e lambe a colher paulatinamente, está me provocando.

— Sim. Já comi na casa de Kate, mas não compro, Ludo não gosta de doces e, se eu colocar na lista de compras, ele risca. —Romeo revira os olhos.

— Primeiro, não é Ludo, — aponta a colher para mim — deixe de intimidade. Segundo, proibir uma pessoa de ler um livro e comer Nutella é uma abominação. Aquele cara é um pau no cu. — Ele enfia a colher no pote, pega uma quantidade e coloca perto da minha boca. — Abra. — Eu abro, e ele enfia a colher. — Comigo você pode tudo, Oly. — Ainda estou com a boca cheia quando ele toma meus lábios em um beijo faminto. Eu resisto, mas ele é insistente e abre meus lábios com os dele,

começo a arfar, e ele já me queima toda, mergulhando a língua na minha boca, fazendo uns movimentos de me deixar louca, até solta um gemido rouco durante o beijo. Foi rápido, profundo e muito gostoso. Estou arrepiada. Quero essa língua dentro da minha boca de novo! Ele passa o polegar no meu lábio, os olhos vidrados na minha boca, lambe o dedo e sorri. — Achei que você não deixaria eu provar Nutella em sua boca. — Pega mais uma colherada, come, enfia de novo no pote e me oferece. Ficamos parados, compenetrados um no outro. Ele com um risinho besta, curvando de leve os lábios.

— Você parece bem mais jovem do que realmente é — observo, vendo cada traço do rosto dele, assim, de perto.

— Como?

— Sua idade.

— É um problema? — A língua dele brinca na colher.

— Estou dizendo que você é moderno, fala coisas engraçadas e tem uma postura jovem em sua casa; suas roupas e seu modo de agir são de um homem que vive a vida intensamente. Você não parece ter trinta e cinco.

— A idade quem faz é a gente. Está em nossas mentes. Você é um exemplo reverso, tem vinte e três anos, mas, até dias atrás, portava-se como se tivesse sessenta.

Abaixo a cabeça abalada com essa verdade. Eu era uma prisioneira, um vegetal. Se Romeo não aparecesse, eu não vivenciaria nada.— Xiu! Deixe a depressão para lá. — Romeo levanta meu queixo.

— Abra a boca. Tem Nutella e Romeo de sobra para lhe ajudar.

Volto a comer, mas meu celular apita. Afasto-me, abro minha bolsa rapidamente e confiro o visor. Uma ligação perdida da minha mãe. Droga. Daqui a pouco, ela bate lá em casa.

— Romeo, preciso ir — digo apressada, levantando-me.

— Ir para onde?

— Para casa. Já são quase quatro.

— Não vá. Você acabou de chegar. E o nosso banho?

— Fica para outro dia. — Pego a bolsa. Romeo se levanta em um pulo, toma a bolsa de mim e me segura.

— Romeo, minha mãe ligou. — Recupero a bolsa e seguro firme em minha mão. — Eu não atendi. e ela pode querer ir até minha casa.

— Ah! Só por isso? Relaxe. O que ela vai fazer? Detoná-la para seu marido e correr o risco de ele largá-la? Sua mãe não é besta, Olivia. Venha, conhecerá meu quarto.

— Romeo...! Ludovico chega às seis e... — Ele me pega no colo e começa a andar em direção a um corredor.

— Seis horas, eu prometo que você já estará na sua casa, bela, cheirosa e bem-comida.

Deparo-me com um quarto gigante rodeado de janelas que permite vislumbrar o extenso. Os móveis são negros e cromados. Há uma TV em frente à ampla cama; do outro lado, uma porta de

vidro de correr dá acesso a um closet imenso, com uma quantidade exorbitante de roupas à mostra. Uma parede toda pintada de azul-escuro com fotos, quadros e pinturas compõe a decoração.

— Olha só os meus prêmios de gastronomia. — Ele aponta para alguns papéis emoldurados. Vejo os certificados e noto uma foto pequena, meio escondida.

— Meus pais — explica. — Gosto dessa foto, pois é assim que quero lembrar deles. Felizes, apaixonados. Apesar de tudo, o velho amava minha mãe.

— Você é a cara dele.

— É. Muitos dizem isso. — Romeo já arrancou a camisa. Está apenas de calça. — Agora, venha aqui, temos assuntos para resolver. — Puxa-me, eu

esbarro no peito forte, quente. Deixo minhas mãos ali, fingindo apoiar. Ôh, Jesus, eu adoro o peito dele. — Já fez as contas de quantas horas temos? — pergunta, passando o nariz no meu.

— Uma? — Aspiro profundamente, sentindo o cheiro da pele dele.

— Mais ou menos isso. Vou deixar você bamba para, quando for dormir hoje, ainda conseguir me sentir aqui. — Escorrega a mão para dentro das minhas pernas e apalpa, beijando-me em seguida. Vira-me de costas sem aviso e começa a mexer nos meus cabelos. — Prenda-os em um coque — pede e sai de trás de mim. Vai para a cama, arranca o edredom azul que a cobre enquanto eu arrumo meus cabelos.

— Perfeito. — Já está de volta, esse homem é uma visão. Dá vontade de mordê-lo inteirinho. —
NACIONAIS - ACHERON

Agora, vamos retirar esse vestido. Quero você nua e gostosa só para mim.

— Romeo... — Tento me retrair. Ele segura meu rosto entre as mãos e me beija. Um beijo terno, um singelo toque de lábios.

— Oly, não tenha vergonha de mim. — Ele guia minhas mãos até seu peito musculoso. Com nossos olhos travados um no outro, ele as conduz por toda extensão de seu abdômen bem definido, pele quente e esticada sob potentes músculos e, por fim, para minhas mãos abaixo da sua cintura.

— Isso tudo é seu. E também quero o seu como troca. O que acha? — Estou simplesmente sem fôlego. Por isso, o inferno vai ter mais gente que o céu; se o pecado for tão gostoso como Romeo, eu dou razão a tanta gente que faz loucuras. Sorrio com meus pensamentos.

— Rindo de mim? — Ele endurece as feições de brincadeira. — Na verdade, não tenho coragem de dizer que ri do meu pensamento condenatório.

— Você me coloca no mau caminho, Romeo.

— Eu adoro colocar você no mau caminho. — Ele me beija e, em seguida, olha nos meus olhos. — Pronta para se despir para mim?

— Sim — afirmo convicta.

— Posso apreciar? — Ele se afasta e senta na cama, as mãos firmadas no colchão. Olho para seus braços, bíceps avantajados, antebraços cheio de veias, mãos grandes e o relógio ainda está lá, o relógio e o anel. Acho tão sexy quando ele fica pelado, mas ainda mantém os acessórios.

Meu vestido amarelo tem um zíper lateral,

puxo-o, segurando a saia e começo a tirá-lo pela cabeça. Isso não é nada sensual, imagino-me um pouco desajeitada, mas quando jogo-o de lado e olho para Romeo, o noto muito concentrado, a pontinha do lábio preso nos dentes, um brilho nos olhos e a respiração um pouco mais acelerada.

— Nua. Quero você nua, Oly — exige, e eu não contesto. Tiro meu sutiã, o melhorzinho, escolhi para vir a esse encontro. Depois, engolindo seco, com uma vontade de cobrir meus seios, eu tiro a calcinha. Não é fio-dental, nunca tive. Ludovico sempre disse que mulher tem que ser composta.

Não fico dois segundos sozinha. Romeo levanta-se, vem até mim e coloca, gentilmente, uma mão em cada um dos meus seios.

— Você é linda! Meu Deus, como eu tenho sorte! Você é linda, Oly.

Nossa. Sinto-me nas alturas. Sempre ouvi da minha mãe que sou magra demais, e Ludovico nunca falou nada. Minha autoestima eleva-se com os elogios dele. Romeo ainda continua me acariciando.— Seus cabelos são tão macios... Queria poder acordar com eles na minha cara, sentir seu cheiro pela manhã. — Ele olha em meus olhos. — Eu quero ter você logo, Oly, sem limite de tempo.

— Eu também — respondo em um sussurrar igual ao dele. Ele me pega no colo, os lábios grudam nos meus, nos beijamos enquanto ele caminha até a cama. Romeo me coloca sentada no meio da cama, vai até o grande closet e sai de lá com camisinhas e algo preto em suas mãos.

— Não se vire — diz e posiciona-se atrás de mim, eu fico quieta, apenas ouvindo. Ouço o zíper

descer e deduzo que está tirando a calça. Então sinto o peso no colchão e sua proximidade. — Ajoelhe-se, Oly — pede, eu ajoelho e ele me segura por trás, também ajoelhado. Sinto algo nas minhas costas. É seu pênis, ele está nu.

— Vou colocar uma coisa em seus olhos. Quero que confie em mim. Relaxe e apenas sinta, tudo bem? — Santa mãe! Ele fala tão baixinho, soprando, me tentando. Balanço a cabeça em concordância. Como negar? Estou queimando de tanta excitação e expectativa.

Algo preto tampa os meus olhos. Minha pulsação acelera, nunca latejei entre as pernas dessa forma. Um braço dele me envolve, apertando-me o suficiente para eu ficar toda entregue, é um aperto gostoso demais, quente, sentindo os músculos dele contra minha pele. A outra mão, então, segura meu

pescoço e o inclina suavemente.

— Agora, vou te dar um banho de gato antes de te comer — sussurra.

Ai, minha vagina! Está encharcada e pulsante. Levo minha mão um pouco para trás, encontro sua coxa musculosa e seguro ali quando sinto a primeira lambida indo do meu pescoço ao ombro. Chega à ponta do ombro, morde, chupa e volta a lambe em direção ao meu pescoço. Aperto forte sua coxa e solto um gemido.

— Vou deixar um chupão — avisa, lambe meu pescoço, passa os lábios e escolhe um ponto, lambe mais um pouco, apertando seu braço em torno de mim e faz uma sucção que me deixa toda ondulante por dentro, como uma gelatina. Os lábios quentes chupam ali, no mesmo lugar, por um bom tempo. Estou delirando de prazer, não ver nada, apenas

NACIONAIS - ACHERON

sentir, é muito gostoso.

— Uau! — Afasta-se e passa o dedo onde chupou. Chupa mais um pouco e torna a se afastar. — Minha marquinha.

Romeo repete todo o processo de lambidas e chupões do outro lado do pescoço. Distancia-se um pouco das minhas costas, me empurra um pouco para frente e leva sua língua úmida, quente e tentadora da minha nuca até meu bumbum, em um processo lento, demorado, como ele falou, um banho de gato. Retira a máscara e me beija selvagemente. Quase não consigo acompanhar sua luxúria.

— Está gostando? — indaga segurando meu queixo. Nossos olhos se encontram.

— Sim — murmuro. Quase desfaleço quando

olho para baixo e vejo como ele está duro e enorme. Ele morde meu queixo, beija minhas bochechas, lambe meus lábios e me empurra para que eu deite na cama.

Romeo paira em cima de mim, sorridente, olhar predador, malicioso. Abaixa a boca e captura um dos meus seios. Eu vibro. Puxa o biquinho com os dentes e solta. Arfo. Depois volta ao tal banho de gato, passando a língua por entre os seios. Rodeando cada um, sem chegar à auréola, apenas ao redor; chupa um pouco e mais um pouco, no mesmo lugar; acho que está deixando outra marca. Depois sobe pela minha clavícula, empurra meu pescoço, lambe todo, junto com o queixo e, por fim, os lábios de novo.

— Ah, cacete! — murmura. — Estou quase gozando — amaldiçoa, mas não se detém, continua

com suas carícias, segue seu caminho ventre abaixo, umbigo e... levanta o rosto, dá uma piscadinha e abre minhas pernas. — Não toque nos seios. Eu cuido deles — avisa e abaixa a cabeça. — Ahhh! Isso é muito bom! — ele murmura, lambe ao redor da minha vagina e chupa o meio em seguida, ignorando meu clitóris dolorido, implorando pela boca dele.

Até pouco tempo, eu sabia que existia um clitóris, mas não sabia tudo que eu poderia sentir apenas com esse pequeno pontinho. Romeo sabe o que fazer com ele, já me mostrou algumas vezes e depois que descobri, quero, preciso da boca dele bem ali.

— Oh, Romeo!

— Oly, você está tão gostosa, molhadinha, cheirosa. — Abaixa a boca e abre, enfim, os lábios

NACIONAIS - ACHERON

contra meu clitóris, sorrio em um misto de alívio e prazer. Minha vagina está escaldante, uma pontada gostosa percorrendo minha espinha, rodeia meu ventre intensamente e, quando ele levanta as mãos e pinça meus mamilos, uma corrente espalha-se, destroçando-me, por fim, alcanço a libertação em um orgasmo potente.

Abro os olhos ao som do pacotinho laminado sendo rasgado. Olho, ainda com a visão turva, Romeo segurar seu pênis e empurrar o anelzinho de borracha, desenrolando-o por toda a extensão. É uma cena hipnotizante.

— Vamos experimentar outra posição. Depois dessa, você estará pronta para me aguentar de quatro.

Ele me ajeita na cama, posicionando-me de barriga para baixo, passa a mão na minha bunda e

NACIONAIS - ACHERON

desfere um tapa em seguida. Fico gelada de susto e, no segundo tapa, não tenho a mesma reação, apesar dos meus olhos arregalados. Ele bateu na minha bunda e eu achei o formigamento gostoso?

Romeo abre minhas pernas, passa a mão entre elas, alcançando meu sexo pulsante e molhado ainda pelo orgasmo, ajeita-se em cima de mim e logo exerce uma pressão contra minha entrada, arrancando um suspiro de mim. Ele está de joelhos, meio inclinado, montado nas minhas costas, me mantém apertada contra a cama enquanto me preenche por completo. Em seguida, deita em cima de mim, seu peito encosta nas minhas costas.

— Ai, Romeo! — Forço minha bunda para trás.
— Está... apertado...

— Calma, acostume-se comigo nessa posição.
— Ele não se move, beija minha nuca, chupa meu

pescoço e passa a língua no meu ombro. Nesse instante, meu celular começa a tocar estridente na minha bolsa..

— Meu celular! — grito. Romeo, estica o braço, pega minha bolsa e me entrega, mas não sai de dentro de mim.

— Romeo, É a minha mãe, preciso atender.

— Atenda. Eu espero.

— Saia... — peço. Ele desliza seu membro para fora sensualmente, mas quando está quase no fim, enterra-se profundamente, me fazendo gemer.

— Romeo...

— Shhh! Atenda logo, não vou sair. — Ele rebola. — Quero fodê-la bem gostoso, Oly. Termine logo com isso.

— Romeo... — Ele pega o celular da minha mão, atende e me entrega.

— Olivia, onde você se meteu que não me atende? — minha mãe grita. Romeo está em cima de mim, me beijando e fazendo círculos com os quadris, de leve. Sua espessura me abre e, automaticamente, sinto meu interior o abraçar.

— Eu... ai... — gemo entorpecida.

— O quê? — grita novamente.

— Mãe... estou... ai... — gemo de novo. Ele chupa meu pescoço e mexe mais o pênis dentro de mim.

— Olivia...

— Estou bem, mãe! Oh, Deus! Estou muito bem, mãe. — Minha voz está derretida, e Romeo ri

NACIONAIS - ACHERON

no meu ouvido. Cínico. Não para de entrar lentamente. Meu coração começa a palpitar junto com minha vagina.

— Olivia, deixe de brincadeira.

— Eeu estooou assando um booolo, mãe. — Droga, minha voz parece de bêbada, arrastada, extasiada. Romeo me abraça e mexe o quadril de um lado para o outro, mordendo minha orelha.

— Certo. Vou deixar você em paz. Ludo odeia bolo queimado. Ligue-me quando terminar — ordena.

— Está bom. — Romeo bate um pouquinho mais forte. — Ai, que delícia!!

— Dê graças a mim por ensiná-la a cozinhar — fala. — Tchau — despede-se. Eu desligo e jogo o

celular longe.

— Seu cretino, safado! — Tento bater nele, ele ri, segura meus braços e me domina de novo.

— Se sua mãe soubesse o bolo que você está assando, Oly, safada! — ironiza.

— Nessa posição, eu terei o controle das estocadas, você só precisa relaxar e aproveitar, certo? — Ergue-se, voltando a ficar meio de joelhos. Balanço a cabeça assentindo. — Fale comigo, Oly. Tudo bem?

— Sim.

— Ok. — Ele fecha um pouco minhas pernas, sem tirar o pênis de dentro e abre as dele; seu quadril bate na minha bunda, firme, mas não forte. Retira seu membro e recebo uma nova estocada. A

cada investida, minhas entranhas se contorcem em uma sensação inigualável, um prazer louco para a liberação.

— Tudo bem? — me pergunta.

— Sim, continue! — imploro. A sensação de tê-lo me preenchendo dessa forma é viciante. — Ai... Oh!! Delícia!! Romeo... — começo a gritar, e ele intensifica os movimentos, quase impiedoso, e enlouquecida, preciso de mais, já consigo acomodá-lo, até sinto seus testículos.

— Cacete! Essa boceta me deixa louco. Você me tira o juízo, Olivia! — Romeo rosna potente, segurando firme minhas costas, nos deixando agonizados de tanto delírio. — Não tem mais volta. Você é minha e pronto — ele fala mais alto e deita sobre minhas costas, me puxa, posicionando-me de lado e me abraça em uma conchinha. Está suado,
NACIONAIS - ACHERON

nós estamos suados, sinto seu cheiro e seguro forte em seus braços enquanto ele mete por trás, eu começar a me balançar desesperadamente.

— Isso! — ele grita. — Agora, Oly.

E me libero. Ele me aperta forte sem parar de entrar e sair, rosnando alto e também chega ao clímax. Eu queria estar vendo seu rosto, viril, másculo, com todas aquelas expressões sexies de quando está chegando ao ápice.

— Me abraça — murmuro, é uma das parte que mais gosto. Romeo arranca o preservativo, joga do outro lado e me puxa para seus braços. Agarro-me forte a ele. Está tão quente e suado... delicioso. Nunca estive tão feliz.

— Isso fica cada vez melhor? — pergunto.

— Sim. Comigo, sim.

— Convencido — zombo.

— Você ainda não viu nada. — Ele beija meus cabelos, afasta-se e sai da cama. — Fique aí, volto em dois minutinhos. — Entra em uma porta que suponho ser o banheiro. Ouço barulho de água e levanto-me na cama, olhando ao redor, sinto uma dozinha gostosa. Caminho até as enormes portas de vidro que separam o dormitório do imponente closet, algo me chama atenção, dou um passo para dentro: um quadro grande está escondido atrás dos ternos; é uma foto. Consigo ver um lado do rosto de Romeo. Chego mais perto, toco nos ternos e começo a empurrá-los para ver a fotografia inteira. Ao lado de Romeo há outra pessoa, uma mulher.

— Oi. — Romeo está atrás de mim, solto os ternos antes de ver o rosto da mulher. — Venha. É
NACIONAIS - ACHERON

hora do banho. — Esqueço a foto ao vê-lo gloriosamente nu, uma perdição. Chego a um enorme banheiro preto com detalhes em aço escovado. Há uma enorme banheira cheia, na superfície, uma espuma branca; na borda, velas aromatizantes, vidros de sais e o relógio dele.

— Já tomou banho de banheira? — questiona.

— Sim. Sozinha.

— Vai ver como é gostoso acompanhado. — Romeo entra, segura minha mão e me leva para dentro também. Senta-se encostado na borda e me posiciona de costas para ele, no meio de suas pernas. — Hum... agora sim! — murmura. — Peitos ao meu alcance. — Abraça-me por trás e apalpa meus seios.

Escoro a cabeça no ombro dele enquanto Romeo

molha meus seios e passa as mãos, apertando-os como se massageasse. Passo minha mão no braço dele, até chegar aos dedos. Encontro algo, abro os olhos e seguro a mão de Romeo. Olho o anel que ele não tirou.

— O que representa?

— Era do meu pai, ganhou do pai dele. Um símbolo de família. Olha dentro da pedra. — Vejo, dentro da pedra, um símbolo, algo como uma harpa em forma de L.

— O que significa?

— Orfeu Lafaiette Chaves. Meu avô.

— Que legal — exclamo ainda analisando o anel dele.

— A harpa é porque, na mitologia grega, Orfeu
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

era um tocador de harpa que tinha o dom de encantar com sua música. Diz a lenda, que ele se apaixonou perdidamente por uma mulher, aí ela morreu, e ele usou sua harpa para ir ao submundo, encantando os seres terríveis, para resgatar a amada, a música foi capaz de fazer Hades, o rei das trevas, chorar lágrimas de ferro derretido. Mas Hades o enganou. Orfeu morreu e foi enterrado no Monte Olimpo. Os rouxinóis passaram, então, a cantar docemente, pois, na morte, Orfeu se juntou a sua amada.

— Nossa, que triste — digo pensativa. — É quase como a história de Romeu e Julieta. Odeio finais tristes — murmuro apertando a mão dele contra meu peito.

— Mas nem todos os finais são tristes. Para Romeu e Julieta, por exemplo, foi um final feliz.

NACIONAIS - ACHERON

Eles ficaram livres das opressões e, enfim, descansaram juntos. É triste para quem fica e presencia.

— Ainda bem que no mundo atual as coisas são mais práticas, né?

— Claro.

Ele volta a passar as mãos pelo meu corpo, deito a cabeça em seu ombro e eu fico pensativa. Sim, no mundo real essas coisas não acontecem.

ROMEO

— *Dessa forma, eu vou engordar, Romeo. — Olho para a bela mulher sentada na mesa da cozinha do meu restaurante. Dou um sorriso e volto a preparar a sobremesa.*

— *Você me coloca no mau caminho — ela fala depois, saboreando um pedaço da torta.*

— *Adoro te colocar no mau caminho — provoco.*

Ficamos calados enquanto ela come. Elegante em seu vestido preto, saltos e joias caras, os longos cabelos escorridos soltos. Estou apaixonado.

— *Papai me alertou de novo... — ela murmura sem me olhar. Está de cabeça baixa.*

— *Ele foi agressivo de novo? — Limpo minhas mãos e viro para ela.*

— *Não. Dessa vez, Ricardo me protegeu. Papai está à beira da loucura, Sônia, aquela vaca, está deixando-o doido.*

— *Não fale assim dela. Eu a conheci, é uma boa...*

— *Pare Romeo — me corta. — Se for proteger de novo aquela interesseira...*

— *Jackie, você precisa ouvir os dois lados da história. Nunca nem quis escutar o que Núbia tem a contar.*

— *Leve-me para casa! — ela grita pegando a*
NACIONAIS - ACHERON

bolsa.

— *Jackie... você precisa saber ouvir outras opiniões.*

— *Eu já te disse para não se meter nesse assunto! — Leva o dedo na minha cara. — Seu tapado! Será que não entendeu da primeira vez? Minha família, meus assuntos!*

Desligo o fogo, retiro o avental e saio da cozinha.

Revivo as lembranças em minha mente. Estou acordado. Mais uma vez, acordei cedo demais. Está escuro, ainda é madrugada, cinco da manhã. Sento na cama, passo a mão nos meus cabelos e empurro os lençóis. Pego a cueca no chão, visto e saio do quarto. Recosto-me pensativo no balcão da cozinha enquanto bebo água. Lembro-

me do quadro e de Olivia ontem à tarde.

Terminamos o banho, e eu levei Olivia para casa. Enquanto estávamos na banheira, dei a ela mais um orgasmo, claro, não deixaria a oportunidade passar. Dar prazer a ela me dá prazer também. Vê-la se contorcer gozando é forte e intenso demais. Ainda transamos mais uma vez na cama, saiu da minha casa com um resultado de quatro orgasmos. Chegamos em sua casa, e eu não entrei, a beijei dentro do carro, esperei que entrasse e saí para não dar mais motivos para fofocas.

Voltei para casa, ouvi os recados das chamadas que desvio para o telefone residencial, esquentei o restante do almoço que Vilma fez, tomei duas cervejas e sentei na sala para assistir uns episódios de Investigação Discovery. Depois, peguei o notebook, revi alguns relatórios, respondi uns e-

mails e enviei algumas coisas para Saulo, meu assistente. Em seguida, resolvi ir dormir. Entrei no quarto e recordei de Olivia olhando o meu closet, peguei a foto que, por pouco, ela não viu.

Vilma já disse, centenas de vezes, para eu destruir isso, mas não sei por que nunca o fiz. Levo-a para a cozinha e fico observando um bom tempo. Jaqueline e eu estávamos viajando, foi quando nos conhecemos. Eu fazia um curso na França e ela estava a passeio.

Jaqueline. A primeira mulher que me deixou de quatro. Fui perdidamente apaixonado por ela, mas nem toda minha paixão foi capaz de sobreviver ao pai, Ludovico, aos irmãos e a ela mesma. Jaqueline tem o rancor impregnado dentro dela, creio que por causa do suposto abandono da mãe, o qual ela acredita cegamente. Explodia facilmente, era

mesquinha e não esforçava-se para pensar o lógico. Quando Ludovico armou toda a confusão entre mim e a Sônia, ela foi a primeira a me recriminar, disse barbaridades, e eu a deixei. Acabou naquele momento qualquer apreço que eu tinha por ela.

Nunca foi comprovado que Ludovico inventou os boatos, eu que suponho. Jaqueline odiava a terceira madrasta e, quando ficou sabendo de um possível caso entre nós dois, veio com tudo para cima de mim. Eu nem sabia o que estava acontecendo. Estávamos em um carro no momento da briga, o que culminou em um acidente, e ela quase perdeu a perna.

Sônia saiu da casa de Ludovico e foi morar com o namorado dela, ele é meu amigo e ainda sofre pela perda da namorada, ainda busca por justiça. Ludovico disse que a esposa fugiu com um amante,

mas temos certeza de que ela está morta. Nunca mais nossos caminhos se cruzaram, até mais ou menos dois meses atrás quando ele entrou na minha sala como se nada tivesse acontecido, como se nem lembrasse quem eu sou. Inclusive até se apresentou cordialmente. Ou ele é doido, ou muito esperto.

Após rememorar esses momentos, rasguei a fotografia, joguei na lixeira e ateei fogo. Fiquei ali, olhando o fogo destruir cada pedaço do rosto de Jaqueline, tão linda por fora, mas oca por dentro.

Tomei uma ducha e caí na cama, o cheiro de Olivia continuava impregnado. Bateu uma saudade urgente. Nunca quis tanto ter uma mulher na minha cama, à noite comigo, como quero Olivia. Pergunto-me o que, de verdade, sinto por ela. O que realmente está acontecendo entre a gente? Ela não parece estar mergulhada nessa história, é como

PERIGOSAS

se apenas fizesse o que eu peço, sem formar uma opinião. É evidente que ela quer estar comigo, eu não a forçaria, mas questiono se eu não estou me entregando demais a um relacionamento que pode ser falho e me deixar mal, como há anos.

Às cinco da manhã, estou desperto, visto um short de academia, calço um tênis e vou me exercitar um pouco na pequena academia que montei em minha casa. Subo na esteira, programo a velocidade e começo a correr. Nas caixas acústicas, um rock pesado ressoa alto. Meus pensamentos parecem acompanhar a melodia do solo de guitarra, em uma sincronia perfeita.

Que garantia eu tenho de que Olivia não vai dar para trás? Como eu posso tirar uma mulher de um casamento para não dar certo comigo? Eu preciso ter certeza antes de tudo.

NACIONAIS - ACHERON

Corro alguns quilômetros, dou umas porradas no saco de pancadas e saio, desligando o som atrás de mim. Estou molhado de suor. No relógio, já são quase sete. Vou para o meu quarto, tomo uma ducha fria, me arrumo e desço disposto a tomar café na empresa. Tem alguém que pode me ajudar a clarear as ideias ele não sabe nada sobre relacionamentos, mas conhece as mulheres.

— Aline, Magno chegou? — indago para a secretária do setor de Magno. Os olhos dela saltam e ela quase pula da cadeira, alarmada com minha presença.

— Sim, senhor — minha admiradora responde sorridente. Aline me olha de um jeito que chega a ser desconcertante. Magno fica com raiva, pois ela não dá mole para ele, já para mim, vive de sorrisos e indiretas. Lorenzo e eu não pegamos funcionárias

de jeito nenhum. Magno, por sua vez, é forçado a resistir. Eu já o avisei centenas de vezes que aqui na empresa não. Ele já chegou ao ponto de demitir uma funcionária só para comê-la à noite.

— Bom dia — aproximo-me da mesa dela —, vou dar uma palavrinha com ele.

— Bom dia para você, Romeo. Pode entrar, sempre — ela responde meio rosada. Agradeço com um aceno e entro na sala do meu irmão.— Muito trabalho? — questiono, dando uma olhada. O sofá de dois lugares está repleto de pastas e arquivos.

— Estava procurando o arquivo de um cliente. Parece que tivemos um probleminha com impostos.

— Sério? — Vou para o sofá e dou uma passada de olhos nas pastas.

— Nada grave, pedi a Lorenzo para verificar. — Ele olha para mim — E você? — Magno acomoda-se em sua cadeira, e eu me sento à sua frente, praticamente deixo meu corpo cair e solto um suspiro. Passo a mão na testa. Eu sou o mais velho, entretanto, costumo pedir conselhos a Magno.

— Conheço esse lamento. É mulher — ele analisa de imediato. — Levou um fora?

— Não. Só estou pensando.

— É mulher — ele confirma. — Quer ajuda em quê? Ainda é sobre a mulher do Ludolixo? — Dou uma risadinha ao ouvir “Ludolixo”.

— Só estou com um pressentimento, Magno. Estou cada dia mais envolvido com ela e...

— Já comeu? — ele me interrompe.

— Sim, várias vezes.

— Então, mete o pé. Para que ficar nessa *vibe* de comer a mesma por tanto tempo? — Ele recosta na cadeira com o olhar de especialista estampado em seu rosto. — Cara, mulher tem que saber seu lugar. Se você der munição, ela o fuzila.

Enrugo a testa, mostrando que não entendi. Esqueci que ele evita relacionamentos, pois vive contra a mulher. Para ele, as mulheres querem ver o fracasso dos homens, querem dominar tudo, querem ter direitos superiores. Magno é machista, confesso. Já tentei explicar que não é nada disso, que, se ele parasse de seguir grupos de machos orgulhosos na internet e pensasse com as próprias ideias, veria o quanto a mulher ainda é injustiçada.

— Estou dizendo que tem que ser prático como eu. Não dou moral mesmo. Eu que termino, dou um anelzinho e pronto — ele diz disposto a me explicar.

— Se odeia, por que fica louco por elas? — Faço uma jogada irônica, seu semblante torna-se carrancudo.

— Odeio as atitudes feministas. Eu amo mulher. De verdade, é a coisa que mais gosto no mundo, depois do meu pau, claro. Mas para que vou querer uma mulher, senão para transar? É simples, porra! Comigo ninguém se cria. Se eu for me envolver, ela vai se achar o máximo e me pisar.

Se uma mulher ouvisse isso, Magno seria capado.

— Olivia não está pisando em mim — contesto.

— Mas já está te deixando assim. Mulher só é problema para quem é besta. Por que eu vivo tranquilo, fodendo o dia que quero, saindo com quem quero, bebendo o quanto quero... Sou livre, cara. Sou feliz, entendeu?

— O conceito de felicidade é diferente para cada um — intervenho. — Eu só estou pensando muito, como sempre. Teve Jaqueline, e Olivia não pode nem sonhar com isso. Eu estou muito envolvido e foi o mesmo com a Jackie. Eu fiquei mal quando ela me culpou, não quis me ouvir. Estou sentindo que a história pode se repetir.

— Já colocou anel no dedo dessa Olivia? Não, né? Já engravidou? Também não. Então vaza, mano — Magno aconselha — É justamente isso que vai acontecer. Ela vai crucificá-lo quando souber da Jaqueline e aí você vai ficar só o bagaço.

— Você tem os conselhos mais desgraçados — observo, dando uma risada. Apesar de tudo, ele está certo. Olivia não me perdoará facilmente.

— Conselhos práticos. Olhe Lorenzo aí pelos cantos, matutando, remoendo, planejando. Anos e anos e nosso irmão permanece imerso nesse mundo de mágoa por causa daquela vadia infeliz.

— Nisso você tem razão — aponto o dedo para ele, concordando. — Lorenzo foi um cabeça dura. Eu já sabia, logo de cara, que aquela sem-vergonha não era do bem. Mas quanto a Olivia...

— Quanto a Olivia nada. Ouça, Romeo, pare um pouco e tenha um tempo para você. Desde que a viu na festa, você não ficou com mais ninguém, ficou obcecado, todos os dias deixa compromissos importantes para ir ficar com ela, está submergido por essa mulher, ela está lhe afogando, como

NACIONAIS - ACHERON

Jaqueline fez.

Estou de cabeça baixa, pensativo. Deus! Magno tem toda razão. Eu não penso em mais nada nos últimos dias que não seja estar com Olivia. Estou cego, entregando-me sem reservas. Que homem em sã consciência faz isso? Talvez seja melhor agir com cautela.

— E o que sugere? — Levanto a cabeça, olhando-o. Magno ergue uma sobrancelha compenetrado e pensa um pouco

— Fale com ela que não vai vê-la hoje — aconselha

— Por quê? Em que está pensando?

— Porque você precisa dar um tempo para o seu pau. Vá à noite ao clube comigo, como homem

solteiro. Você não namora, não é casado e não tem filhos, sem compromissos. Quando foi que tomou um porre e fez umas sacanagens?

— Isso não me falta.

— Não importa. Apenas faça o que eu digo. Vou chamar o Lorenzo, será a noite dos irmãos. Se depois de hoje, você ainda não se curar dessa mulher, aí você vai ter que jogar a real para ela: Olivia, ou dá, ou desce.

Se eu contestei? Não. Magno pode falar umas coisas nada a ver sobre o mundo feminino, mas, às vezes, tem razão. Eu tenho que me prevenir para o que vir por aí e saber ao certo o que estou sentindo.

Mandei uma mensagem para ela, dizendo que não poderia ir hoje, que eu estaria em reunião o dia todo. Ela compreendeu e pronto. Tentei não sentir

peso na consciência por causa da minha mentira.

Passei o resto do dia encarando o celular, nenhuma mensagem. Mesmo querendo deixar para lá, não consegui. Trabalhei pesado, repensei meu último encontro com Olivia e meu passado com Jaqueline. Eu não experimentei essa sensação de posse com Jaqueline, mas Olivia me deixa enciumado, com sangue nos olhos. Ela sente o mesmo? Ludovico vai surtar quando descobrir que estou com a mulher dele.

Lorenzo apareceu à tarde animado para ir com a gente. Porre e putaria em plena quinta-feira, segundo ele, são uma vantagem para poucos. Eu fui. Como um robô, eu fui com meus irmãos ao clube, meio travado, sentindo-me estranho, saímos às nove da noite. Como Magno disse, eu não tenho compromisso, mas o que ele não sabe é que não

PERIGOSAS

precisamos de um papel, rótulo ou anel para um compromisso, de palavras, de sentimentos. Olivia não me prometeu nada, mas eu afirmei várias vezes que ela é minha e pronto. O que eu estou fazendo aqui?

O clube fica em um local afastado, quem passa por ele e vê os portões de ferro com uma placa esculpida grafada *Dama de Copas*, não imagina que é um clube de luxo, sete estrelas, exclusivíssimo, não há como entrar facilmente, os membros precisam ser convidados e, se aceitarem, devem assinar uma parceria atrelada a um acordo de sigilo. Mas como são convidados? Os sócios ficam atentos ao alto nível da sociedade e enviam convites discretos. Membros e sócios podem indicar pessoas, mas elas serão investigadas pela alta cúpula do clube antes de receberem o convite.

NACIONAIS - ACHERON

O clube localiza-se em uma antiga fábrica restaurada, é uma enorme construção de quatro pavimentos com ar vitoriano, mas possui toques de modernidade: luzes de LED; ornamentos de aço escovado; móveis de última geração e boa música.

Lorenzo e Magno descem do carro e me esperam, vim sozinho no meu. Dois seguranças nos cumprimentam com um sutil maneio de cabeça. Temos acesso liberado a qualquer momento, garantido por nossas digitais arquivadas no moderno sistema de identificação. Entramos na primeira ala, denominada *sala de estar*, nesse ambiente os sofás são dispostos como em salas residenciais e o bar é sossegado, a música é baixa e agradável. Hoje o clube não está cheio.

— Vamos ver a pista. — Lorenzo sugere. Deixo de observar as pessoas em conversas aparentemente

inofensivas e apenas os sigo. Magno vai à frente, sendo cumprimentado pelos presentes.

Sei que aqui há um *salão de confraternização*, em que a orgia rola solta, lá há um bar enorme, a música é alta e cheira a sexo. Você pode se sentar e apenas observar, pode ficar no bar ou se juntar a um grupo e fazer sexo na frente de todos. Não conheço todos os pavimentos, tem dois que nunca visitei, o máximo que faço é utilizar bar e o quarto privativo.

— Vou ficar no bar — grito quando entramos no *salão de baile*.

Peço uma cerveja.

— Preferência? — o atendente pergunta.

— Stella? — indago, ele assente e volta com

uma taça, abre a garrafa de Stella Artois e a despeja de forma profissional, empurra um porta-copos e coloca a taça em cima.

— Mais alguma coisa, senhor? — Sinalizo, com a mão, que não e o homem se afasta para atender outra pessoa.

— Carmo, mande outro drink daquele que a mulher de vestido roxo está bebendo, diga que é por minha conta. — Ouço a voz ao meu lado e nem me mexo. Bebo três goles de cerveja. O barman assente. — Não acredito que veio para meu antro só para tomar cerveja. — Desinteressado, olho para Magno do meu lado. — Pirou, Romeo?

— Acha que eu vim para quê?

— Pegar mulher, porra. É um clube de sexo, se fosse para beber, iríamos a um barzinho.

— Apenas me deixe, Magno. — murmuro, fico olhando o líquido amarelo e escutando a música pulsante.

— Espere aí. — Ele sai de perto de mim. Penso que me livrei, mas, dois minutos depois, ele volta. Jogo mais cerveja na taça e levo um pequeno susto ao ver uma mulher ao meu lado.

— Romeo, essa é minha amiga Lorena. — Olho para a mulher ao lado de Magno. Ele sorri orgulhoso com cara de cafetão. Dou um sorriso para a bela loira mignon em um microvestido e saltos altíssimos. Os lábios são carnudos e bem vermelhos. — Lorena, esse é meu irmão Romeo, ele quer pagar uma bebida para você. — Ela se abaixa para me dar um beijinho no meu rosto.

— Trate-o com carinho — Magno sugere, dá um tapa na bunda dela e sai.

PERIGOSAS

— O que vai beber, Lorena? — pergunto educadamente já fazendo sinal para o barman.

— Um Chardonnay — ela diz, e o homem assente. — Então é irmão do Magno. Nunca o vi por aqui — ela fala, cruzando as pernas de forma provocante e passando a ponta do sapato em minha perna.

— Sim, o mais velho.

— Mais velho? — Ela passa o olhar em mim enquanto a língua percorre o lábio. — Quantos anos, posso saber?

— Trinta e cinco.

— Uau! No ponto. — Joga os cabelos de lado, exibindo brincos enormes. O barman deixa a taça de vinho perto dela.

NACIONAIS - ACHERON

— E você, vem sempre aqui? — pergunto para tirar o foco de mim.

— Sempre. — Ela esconde os lábios sorridentes pela taça.

Entramos aos tropeços em uma das suítes do clube. Já estou meio tonto, não sei o que houve, bebi apenas duas cervejas. Ofego quando Lorena abre os botões da minha camisa, passando a boca pelo meu pescoço. Apalpo sua bunda enorme, vou subindo pela cintura e chego aos seios.

— Isso, gostoso! É tudo seu. — Ela começa a cantarolar, como se tivesse ensaiado. Seguro forte nos cabelos dela, puxando-os para trás e beijo-a na boca. Ela agarra firme meu pau por cima da calça, a boca tem gosto de vinho e algo como tabaco. Ela é fumante.

— Quero esse pau enorme! Ai, delícia, me coma, quero que me coma todinha — pede enquanto eu abaixo minha boca pelo seu pescoço. Ela se contorce, esfregando-se em mim, abre depressa o cinto e desce minhas calças. — Que delícia! Que rola enorme! — Passa a mão na frente, na minha cueca.

E, nesse momento, algo acontece.

— Não dá. Já deu. — Afasto-a imediatamente. Ela me olha assustada enquanto subo minha calça e abotoo o cinto.

— Romeuzinho... — Provocante, tenta me tocar. — Você está nervoso, acalme-se.

— É Romeo apenas — corto-a e dou um passo meio trôpego para trás enquanto volto a abotoar minha camisa.

Tentei porque Magno pediu. Eu vim, bebi e busquei ir em frente com outra mulher. Não dá. Desde que cheguei, não consigo parar de pensar na Olivia: no rosto dela; no sorriso encantador; na forma como me beija; na maneira como ofega enquanto eu a acaricio; na fome sensual que vejo em seu olhar. Ela é minha e agora, revendo tudo, certifico-me de que Olivia me quer da mesma forma.

— Romeo... O que.. — Lorena começa a falar de novo intrigada. Fecho os olhos e coloco os tapo com as mãos.

— Não é você — tranquilizo-a.

— Essa não cola — ironiza com um sorriso malicioso. — “Não é você, sou eu”. Desculpa velha, Romeo! — Já se mostra indignada.

— Quer a verdade? — Paro diante dela. — Tem razão, o problema é você.

— Eu? — grita, colocando a mão no peito.

— É. O problema é que você não é Olivia. — Saio correndo do quarto, ficando mais tonto a cada passada. Desço as escadas e passo pela pista de dança.

— Ei, cara! — Ouço a voz de Lorenzo. — Olha lá, Magno, sua cobaia — ele avisa. Não paro. Magno me encontra já na porta e me segura.

— Deixe-me em paz. Quero ir embora!

— E a Lorena?

— Foda-se a Lorena, porra. Deixe-me.

— Está virando boiola, cara? Lorena é uma das

minhas melhores serventes.

Tento puxar meu braço, me debato e quase caio. Ainda bem que uma parede à minha frente impediu minha queda.

— Tenho que ir! — falo, sentindo a aflição me corroer. — Quero ver a Olivia. Preciso vê-la agora.

— Ver Olivia? Está doido? — Magno me ajeita contra a parede, estou bambo. — Olhe as horas. Onze da noite.

Acalmo-me sabendo que ele tem razão. Passo as mãos várias vezes no rosto.

— Por que estou tonto? Bebi só duas cervejas.

— Lorena. Ela tem artimanhas, deve ter colocado coisa na sua bebida para deixá-lo mais calmo. Venha, vou te levar.

Lorenzo chega perto da gente.

— Não está bem? Enfiou o pé na jaca? — pergunta, achando que estou de porre.

— Romeo está se comportando como um Romeu. Apaixonou-se — Magno dá o diagnóstico.

— Eita, porra. De novo? — Lorenzo exclama tenso. — Por quem? Lorena? — Magno me guia para fora. Lorenzo nos segue.

— Não. A tal Olivia, mulher do Ludovico. — Magno joga a chave para Lorenzo que destrava o alarme do meu carro ao longe.

— Cara, você é foda, hein? — Lorenzo me cutuca. — Quer porque quer as mulheres do velho. Era a filha, e agora a esposa.

— Olivia é minha mulher — rebato, sentindo
NACIONAIS - ACHERON

minha língua enrolar e minha voz ficar mais grogue. Chegamos ao carro, Lorenzo abre a porta do passageiro. — O que aquela prostituta me deu? — pergunto a Magno ao ser colocado no banco do meu carro.

— Prostituta, não, funcionária nível platina. Acho que ela exagerou no calmante. Ela costuma usar apenas um terço do comprimido para os casados indecisos.

— Deesgraçadaaaa — murmuro, descansando a cabeça no encosto do banco. Sinto Lorenzo em cima de mim, prendendo cinto de segurança.

— Pare, porra! — Tento bater nele. — Eu sei colocar. — Ele não briga. Abotoa o cinto e fecha a porta.

— Vá embora com meu carro — Magno sugere

a Lorenzo. — Não volto hoje.

Não vejo nada. Estou de olhos fechados, apenas sentindo tudo dormente. Como aquela otária queria fazer algo comigo dopado desse jeito?

— Parece que o efeito piora a cada minuto — murmuro.

— Se for usado em grande quantidade, ele tem um efeito forte. Você vai ter características de ressaca amanhã. — Sinto o carro manobrar e sair.

Magno me ajudou a entrar em casa. Eu estava bem consciente, mas trombando as pernas, a boca seca, o coração não mais acelerado, sentindo-me um pouco melhor.

— Tire a roupa. Não vou terminar minha noite sem sexo e ainda tirando calça de marmanjo — ele

ordena enquanto liga a ducha.

Eu tirei, tomei uma ducha fria e caí na cama mais sóbrio. Magno deixou água para mim na cabeceira e foi dormir no outro quarto.



Acordo sobressaltado com batidas na minha perna. De olhos arregalados, eu vejo Magno já vestido.

— Peguei uma roupa sua, já são nove da manhã, me atrasei, fui dormir tarde — explica.

— Nove? — Sento-me e coloco a mão na testa.

— É, nove. Cubra-se, por favor — fala, caminhando até o espelho para ajeitar a gravata. — Já acordo de manhã vendo pau duro na minha

frente — murmura meio irônico, meio revoltado. Olho-me e percebo que estou nu.

— Cara, minha cabeça vai explodir.

— Vilma está aí, tem café. Vista-se que eu te dou uma carona — Magno fala, sai do quarto, e eu permaneço sentado na cama, as têmporas latejando. Não quero nem lembrar de ontem à noite.

Olho em volta, vejo meu celular e a carteira na cabeceira. Pego o aparelho, desbloqueio e vou em mensagens. Uma mensagem não lida. É de Olivia, de ontem à noite. Bem cedo. Meu coração acelera, sinto minha garganta apertar como se tivesse uma mão segurando. Toco em abrir e meus lábios se curvam em um sorriso, ao mesmo tempo que sinto-me bem sujo, terrível.

Olivia: Muita saudade. Sua Oly.

Observo a mensagem por um tempo e, depois, caio de costas na cama, encaro o teto, relembrando a minha quase transa com a funcionária nível platina de Magno.

Merda! Merda!

Não sei se sorrio por causa da mensagem ou me amaldiçoo por causa da noite. Deixei de ver Olivia ontem o dia todo para provar o quê? Nem mesmo falei com ela. Estou muito arrependido. Deixo o celular e corro para o banheiro. Não vou para a empresa. Preciso vê-la.

19

OLIVIA

Termino de ajustar os últimos detalhes do vestido, afasto-me e o olho no manequim. Ficou perfeito! Kate é doida, me dá cada ideia. Esteve aqui ontem, na verdade, eu a chamei de novo. Romeo não veio, e eu fiquei avoadada, não sabia como proceder, como encarar o dia.

Foi um dia mentalmente cansativo. Ludovico marcou a data da consulta com a médica, estava bruto por causa das coisas que não iam bem na empresa e, ainda por cima, a filha dele ligou e, quando eu atendi, ela foi rude e desligou na minha cara. Fico um longo tempo observando o vestido que Ludovico comprou e mandou a secretária me

NACIONAIS - ACHERON

entregar e refletindo. . Reformei, Kate sugeriu algumas modificações, mas precisaria ser doida para usar. Ainda bem que eu pensei melhor, refiz o projeto e agora está comportado, como sempre foi, entretanto, molda meu corpo e tem cintura. Minha amiga queria que eu o transformasse em um tomara que caia tubinho só para me vingar do Ludovico. Não faço isso, não, ele nem me deixaria sair de casa para início de conversa.

Ouçó um barulho de carro, olho pela janela e vejo, no fim da rua, o carro da jardinagem. Nelson veio ontem à tarde sozinho, fez o trabalho dele e foi embora. Então, esse só pode ser o Romeo. Já são dez da manhã, e eu ainda nem comecei o almoço. Agora que ele chegou, eu não vou cozinhar mesmo.

Desço as escadas às pressas e chego à cozinha. Pink levanta as orelhas quando me vê. Corro para o

micro-ondas, ajeito meus cabelos, espremo um lábio contra o outro, como se espalhasse o batom e dou beliscadinhas na minha bochecha. Passo as mãos no meu vestido e fico posicionada perto da porta, parada, observando através do vidro fosco, o coração disparado batendo no pescoço. Percebo sua aproximação e, em seguida, escuto duas batidas. Arrepio-me toda. A simples presença dele do lado de fora me deixa em alerta. Nunca tinha sentido essa necessidade de ver a pessoa, essa expectativa. Espero um pouco, ainda parada, para parecer que eu estava fazendo outra coisa. Depois que ele bate mais uma vez, eu abro. Pink já está perto de mim, latindo.

— Oi, Oly — Romeo me cumprimenta sem o costumeiro sorriso. — Oi para você gatona. — Ele abaixa, acaricia Pink e dá um passo para dentro, eu fecho a porta e faço menção de me aproximar, mas

recuo, torno a me impulsionar para frente, paro de novo, depois, crio coragem e o abraço. Encosto a cabeça no peito dele ouvido seu coração descompassado. Romeo deixa os óculos e o costumeiro chapéu caírem ali, num canto, e me prende forte em seus braços.

— Sentiu saudade? — ele sussurra no alto da minha cabeça.

— Sim. — Lógico que senti. Quase nem dormi à noite, penso entorpecida.

— Eu também — fala. — Passei o dia pensando em você. — Posso senti-lo suspirar. Parece estranho. Levanto o rosto e olho em seus olhos. Está preocupado.

— Preciso te contar uma coisa — ele diz baixinho, ajeitando umas mechas do meu cabelo.

Ele tem mãos lindas e leves.

— Fale — peço já preocupada também.

— Vamos nos sentar.

— Claro. — Afasto os braços dele e caminho para perto das cadeiras da cozinha.

— Sei que ainda não temos compromisso formal — Romeo diz sério, cuidadoso com as palavras. — Não somos casados ou namorados. Mas isso não quer dizer que não estamos juntos. — Balanço a cabeça assentindo. Não sei onde ele quer chegar, só sei que tudo dentro de mim está pulando em aflição. — Ontem à noite, eu acabei saindo com meus irmãos, fomos a uma boate e aconteceu uma coisa — ele fala compassadamente, bem mansinho, de olho no meu rosto.

Ai, meu Deus! Estou com a sensação de que receberei uma notícia ruim. Parece que o mundo parou junto com meu coração para ouvir o que ele tem a dizer, só penso o pior. Será que ele encontrou alguém melhor que eu e veio aqui falar? Com certeza, existem milhares de mulheres fantásticas, modernas que poderiam ser namoradas dele sem problemas. Será que Romeo não me quer mais? Se for isso, eu morro. Ontem eu passei o dia com saudade dele, quase nem dormi de tanta expectativa para vê-lo hoje. O que eu farei se ele me abandonar com Ludovico?

— O que está querendo... — tento perguntar, mas ele levanta a mão gentilmente para que eu espere, Cobre minha mão com a sua e meus olhos pousam na pedra azul do anel em seu dedo. O anel de Orfeu. — Romeo... — meus lábios emitem um som fraco.

— Magno me apresentou a uma pessoa e... —
Quando ele fala isso, eu já me levanto trêmula, uma
mão na garganta, as lágrimas prestes a cair. Eu só
não quero chorar na frente dele. Seria humilhante
levar um fora e cair em lágrimas. Ele levanta rápido
e vem atrás de mim.

— Oly, não aconteceu nada. — Viro-me e olho
para ele.

— O que está querendo falar? — gaguejo.

— Meus irmãos acham que eu entrei em um
beco sem saída com você. Um deles empurrou uma
mulher para mim, conversamos, nada interessante,
bebi duas cervejas e a maldita acabou me drogando.

— O quê? — Meu grito é esganiçado.

— Calma, não houve nada. — Ele coloca as

mãos nos meus ombros. — Começamos a nos beijar, eu estava tonto, mas aí me lembrei de você e saí correndo, queria vir aqui ontem à noite.

— Você a beijou? — indago em um fio de voz, horrorizada e me queimando de ciúmes. Apoio na mesa e tento reestabelecer minha respiração.

— Estou contando poque quero sinceridade entre a gente.

— O que aconteceu depois? — Agora que ele já deu o primeiro chute, eu quero saber de tudo.

— Não passou de um beijo. Eu saí correndo, meu irmão me interceptou e me levou para casa. Eu estava grogue, sem condições de dirigir.

Estamos a alguns palmos de distância. A cozinha está em silêncio. Eu não posso cobrar nada

dele, pois ainda não somos nada oficialmente. Claro que eu o quero só para mim, mas não posso impor nada. E se ele está me contando, é porque não houve nada mesmo. Ele está aqui, não me trocou por ninguém. Sinto um toque na minha mão e fito a mão dele em cima da minha. Levanto os olhos para Romeo.

— Fui um idiota, né? Não quero que fique zangada comigo.

— Não estou — afirmo rapidamente.

— Não? — As linhas de expressão na testa dele se intensificam.

— Não temos um relacionamento sério, mas estou aliviada por ter me contado a verdade e por não ter me abandonado... por um momento, eu achei que... — Não termino de falar, deixo

subtendido.

— Eu não vou te abandonar. — Assim que ele fala, eu o abraço. Os braços fortes dele me aninham em uma gentil força. Levanto meu rosto e entrego meus lábios a ele.

Romeo me beija calorosamente. Nossos corpos estão colados, sem espaço. Ele puxa minha perna, prende contra sua cintura e, em um impulso, me suspende. É tão excitante, tão sem regras.

— Gostei muito da sua mensagem — ele comenta enquanto passa a boca no meu queixo, descendo para o pescoço.

— É como eu me sinto... — entalada de prazer, murmuro. — Sua — emendo. Ele para de morder meu pescoço e me fita com um sorriso safado que chega aos olhos, fazendo-os brilhar ainda mais, e

começa a andar comigo presa em seu corpo.

— Também sou seu.

Chegamos à sala, estamos aos beijos, mas ele não vai em direção à escada. Noto, para meu desespero, que Romeo caminha em direção ao sofá.

— O que está fazendo? — Olho para os lados.

— Ainda não fizemos nada em um sofá. Aprendizado, Oly, esqueceu?

— Romeo, aqui é a sala. Ludovico, minha mãe ou meu pai podem chegar, ou um dos filhos dele, sei lá... — Ele não se importa com meus protestos, se senta no sofá e, por consequência, eu fico em seu colo, acomodada bem em cima do pacote nas calças.

— Esse povão entra aqui sem bater? Bando de
NACIONAIS - ACHERON

desocupados. — Ele enfia a mão nos meus cabelos e puxa um pouquinho, me fazendo erguer o rosto e morde meu pescoço.

— Ludovico mora aqui, Romeo. — Eu tento empurrá-lo e fugir do seu colo.

— Estou cagando para o Ludovico. Se ele nos pegar, é até bom, eu tiro você daqui logo. Agora relaxe e me deixe matar minha saudade. — Eu o empurro de novo quando tenta me beijar.

— Romeo! Eu não fiz almoço. Tenho que cozinhar.

Ele rola os olhos impaciente, se mexe no sofá sem me soltar, sem permitir que eu escape, consegue pegar o celular no bolso e digita rápido.

— O que ele quer hoje?

PERIGOSAS

— Frango ao molho madeira, salada e arroz.

— Velho fresco — ele murmura. Mais uma vez, Romeo faz o pedido no costumeiro restaurante.

— Onde paramos?

— Vamos lá para o quarto? — peço muito temerosa.

— Não — a resposta é seca e definitiva.

— Por favor, eu não vou me sentir à vontade. — Ele para de beijar e morder meu ombro, fica olhando nos meus olhos, pensando.

— Só se você me fizer um agrado — propõe com o seu melhor sorriso galanteador, malicioso e muito sexy. Excito-me só em vê-lo e imaginar o que pode ser.

NACIONAIS - ACHERON

— Fazer o quê? — indago curiosa.

— Estou louco para sentir sua boca, Oly — Ele estuda meus lábios de forma gulosa, meu cenho franze sem entender, Romeo enterra os dedos com gosto nos meus cabelos, me puxa e sussurra —, no meu pau.

Meu coração salta, minha vagina contrai e meu ventre dá um giro.

— Co... como? — Ele sorri e passa o polegar nos meus lábios.

— Você tem uma boca deliciosa... Vamos para o quarto, o sofá fica para depois.

Ele levanta comigo em seu colo, prendo minhas pernas em sua cintura, sentindo seu corpo grande e firme se movendo enquanto ele caminha. Fico

excitada só com a possibilidade de conhecer outras safadezas. Será que é o que estou pensando? Aquelas coisas que Kate sempre fala, aquelas que, até pouco tempo atrás, para mim, eram asquerosas, mas minha opinião mudou quando conheci Romeo, porque tudo nele me atrai de uma forma descontrolada. Não me reconheço quando estou com ele.

Entramos no quarto, ele me coloca na cama, sentada, como da outra vez. Afasta-se rápido e, preso em meus olhos, começa a se despir. Ele tira as botas pretas, o macacão e fica só de cueca, não perco nenhum movimento. Olho para baixo e, involuntariamente, passo a língua de leve no meu lábio ao ver o tamanho do volume se formando. Cresce apenas com meu olhar. A cueca adere ao corpo como uma segunda pele, bem recheada, evidenciando belas coxas e um quadril invejável.

— Oly, é hora de me conhecer por inteiro. Venha aqui. — Eu atendo sem pestanejar, caminho até ele. Romeo segura minha mão e leva a seus lábios. Beija meus dedos e coloca sobre seu peito. — Eu quero sua boca no meu pau. Mas, antes, você precisa conhecê-lo — ele fala assim, na lata, sem rodeios. Era o que eu imaginava.

Desço os olhos e pouso na cueca dele. Está volumosa, posso ver o contorno grande, esticado. Ele é todo proporcional. O desejo bate feroz e repentinamente. Torno a olhar nos olhos de Romeo.

— Nunca fiz...

— Eu sei. É mais uma primeira vez comigo. — Ele ainda segura minha mão, a arrasta, puxa a cueca e coloca minha mão dentro.

— É todo seu.

Eu arfo congelada, na verdade, pegando fogo. Estou em contato direto com um pênis. Claro que não é novidade, já fiz sexo com Romeo, mas tocar... Nunca tinha pensado. Meus dedos ficam paralisados, a ponta de cada dedo sente a carne quente e dura. Estou sem ação, completamente excitada e confusa, sem saber como fazer.

Ele sorri descaradamente, inclina-se, segura meu rosto nas mãos, beija meus lábios, acho que para me dar coragem, e cruza as mãos atrás da cabeça, é uma visão abençoada. Romeo não me dá mais instruções, apenas me olha. Um tom turvo preenche seus olhos, as pupilas crescem, e eu percebo que ele também está instável.

Tento controlar com a respiração, inspiro e expiro, soltando o ar pela boca e tomo coragem. Não quero tirar a mão de dentro da cueca dele,

quero senti-lo. Então, meus dedos se mexem, e eu o seguro. Arfamos juntos.

— Ai, caramba! Oly... — ele murmura. Eu mordo os lábios e movimento os dedos, apalpando sem medo. Acaricio até embaixo, toco em seus testículos e noto que são grandes, têm uma consistência macia e poucos pelos. Volto para o pênis, rodeando-o com meus dedos e o aperto.

Romeo crava os polegares no cócs da cueca e empurra, abaixando-a, eu fico deslumbrada com todo aquele tamanho, grosso e potente, em minhas mãos.

— Você é lindo — murmuro sem tirar os olhos, sem parar de mover meus dedos em torno.

— E você tem mãos de fada.

Dou uma risadinha desinibida. Romeo me puxa pela cintura e tasca um beijo gostoso na minha boca, sua mão desce nas minhas costas e se enfia embaixo do meu vestido, roçando minha calcinha, fecho os olhos e gemo me derretendo.

— Quero sua boca, Oly — Romeo sussurra o pedido junto aos meus lábios.

— Eu não sei como fazer... — só balbucio. As carícias dos dedos dele, bem em cima da minha vagina latejante, estão me deixando sem pensamentos lógicos.

— Eu te ensino. Deixe-me experimentar sua boca. — Há quase uma necessidade na voz dele.

— Eu quero — falo de imediato, quero experimentar tudo, cada pedacinho do Romeo.

Rapidamente, começo a retirar o vestido, ajudando-o. Romeo parece alucinado. Arranco o sutiã e desço minha calcinha enquanto ele termina de tirar a cueca. Nos abraçamos pelados, meus seios espremidos contra o peito dele, os pelos ralos fazendo cócegas em minha pele, a mão grande em meu bumbum em uma carícia suave.

— Isso é estranho para mim — choramingo abalada de tanto prazer.

— O quê? O sexo?

— Não, gostar tanto de uma pessoa.

Seus dedos sobem pelo meu rosto, acariciam ternamente minha bochecha e nossos lábios se tocam.

— Ah, Oly! Ainda bem que você tem

consciência de que é só minha. — Nem tenho tempo de responder. Ele me pega nos braços e caminha em direção à cama, posicionando-me cuidadosamente de maneira que minha cabeça fique próxima à beira da cama.

Ele se afasta, pega algo e joga perto de mim, vejo o preservativo. Romeu puxa minha cabeça um pouco mais para a ponta da cama, meus cabelos soltos pendem para o chão, e ele está de pé. Quase chego a um orgasmo só de ver esse homem enorme, de pé, perto da minha cabeça, seu membro paira duro, grosso e viril, uma visão que não há como expressar. Eu sei o que estar por vir, passo a língua nos lábios, meu coração bate mais que tambor, meu estômago salta, meu corpo nunca latejou tanto, meus seios, minha vagina, tudo se contorce em expectativa.

Romeo abaixa o rosto na minha direção e me dá um beijo, nossas bocas em lados opostos, morde meus lábios e, em seguida, chupa. Ele acaba comigo nesses beijos... Nossas línguas se encontram em um movimento sensual, lento, degustativo. Estou quase chegando ao ápice.

— Hoje você vai apenas experimentar. Depois, vai ficar no controle. Relaxe o maxilar e chupe, sem segredos. — Ele volta a se erguer, ficando de pé. Abre as pernas e se aproxima mais da cama. Toca gentilmente meu queixo, seus dedos passam pelos meus lábios e minha bochecha, o pênis bem próximo à minha boca. Romeo se curva um pouco e, assim, após esse movimento, o membro bem duro toca meus lábios.

Bem devagar, vou abrindo a boca, ele não deixa de acariciar suavemente meu rosto enquanto vai se

ajeitando entre meus lábios. A cabeça é enorme, fecho a boca, respiro fundo para me acalmar, abro novamente e coloco a língua para fora.

— Relaxe, Oly. Pode senti-lo sem pressa.

A primeira lambida não me traz nenhum tipo de desconforto, ao contrário, meu corpo eletriza-se pela maciez dura que experimento. É liso, deslizante e não há gosto. Na verdade, apenas um toque salgado, como se fosse qualquer outra parte do corpo, há ainda vestígios de cheiro de sabonete, como se ele tivesse tomado banho há pouco. Passo a língua de novo, e de novo, cada vez mais ousada.

Romeo inclina-se mais sobre minha boca e apoia o corpo na cama, ao lado da minha cabeça. Agora que gostei do contato pênis-língua não canso de lambê-lo, passando a língua em volta da ponta grande, latejante. Romeo geme baixo, rouco e isso

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me excita ainda mais. Ele segura na base e me ajuda, passa o membro por toda minha boca para umidificá-lo. Depois, enfia com cuidado a ponta enorme, rosada e pulsante na minha boca e, assim que ela está afogada com minha língua e minha saliva, eu chupo.

Timidamente, faço uma sucção rápida, ele geme. Chupo de novo e Romeo lamenta, um rosnado cheio de tesão, não consigo ver seu rosto daqui, mas sei que ele está contorcido de prazer. Ele me pega quando menos espero.

— Sente-se, Oly — pede, e eu me sento na cama. Ele fica de pé diante de mim. — Segure nele, Olivia — Romeo incentiva. Meio sem jeito, eu seguro, e ele geme, coloca as mãos na cintura, está com uma expressão bem sexy, rosto sério e contraído.

NACIONAIS - ACHERON

— Caraca! Sua boca é a melhor — murmura abismado.

Eu já peguei o jeito de manusear o pênis e consigo, agora, por causa da posição, ir praticamente até a metade. Tiro o membro todo babado da minha boca, chupo a pontinha em uma sucção gostosa e torno a aprofundar. Faço isso várias vezes.. Nunca achei que fosse fazer isso, nunca achei que fosse excitante. No meu entendimento, era uma prática unilateral, o prazer concentrava-se apenas no homem. Mas só em ter domínio sobre o órgão dele, em ver esse homem, alto e grande, todo mole, tremendo de prazer por causa das chupadas, o tesão se amplia, eu fico excitada.

— Por hoje está bom — Romeo fala e pega uma camisinha. — Depois, você pratica mais. —

Abaixa, me dá um beijo e volta a ficar de pé. — Eu vou querer foder sua boca livremente e quero que sintas meu esperma. Uma coisa de cada vez.

Sentada, tremendo e ondulante, observo ele abrir o pacote e colocar o preservativo, desenrolando-o até o final. Romeo aproxima-se de mim, me puxa e me coloca de pé. Eu o agarro imediatamente, abraçando-o sem timidez alguma. Ataco sua boca sexy em um beijo profundo, erótico. Agora eu sei beijar, agora nossas bocas se moldam ao simples toque dos lábios. Sabemos exatamente a sincronia do beijo.

Mais rápido do que eu poderia raciocinar, ele me empurra contra a parede. Com facilidade, prende meu corpo com o dele. Romeo imobiliza meu rosto com a mão e dá uma lambida no meu queixo, passando pelos meus lábios e subindo para

minha bochecha. Estou terrivelmente abalada com tanta excitação. O rosto dele tem pequenas gotas de suor e os olhos ferosos, cheios de promessas do que está por vir.

— Quero te comer de pé, Oly. — Ele me aperta forte, sua voz embargada, o semblante carregado. — Quero te mostrar todo meu tesão, mas não quero te amedrontar.

— Mostre-me. — Agarro forte a cintura dele. Meus dedos apertam seus músculos com força.

Romeo cola nossos corpos quentes, preenche todo o espaço entre um e outro. Segura minha perna próximo à sua cintura e recebo a introdução forte. Ele mete tudo dentro de mim sem avisar. No mesmo momento, ele toma meus lábios com um beijo molhado, puramente libidinoso, a testosterona emana de cada poro desse homem. Ele me segura e

NACIONAIS - ACHERON

começa a bater o quadril contra mim.

— Ah! Romeo! — grito com o rosto em seu ombro.

— Estou te machucando? — ele para ofegante e pergunta.

— Não! Está muito bom. — Dá um olhar aliviado, me beija, morde meu lábio e volta e se movimentar. As estocadas aumentam, a pegada dele me prendendo fica mais forte, e começo então a sentir como é um sexo selvagem, com a força de um homem sobre meu corpo. A cada arremetida rápida, vigorosa, me dilatando e me arremessando em um espaço delicioso de prazer, eu grito desvairada, sem o controle do meu corpo; ele tem o domínio sobre mim, o que preciso fazer é apenas sentir esse homem grande, forte, me domando com uma força deliciosa.

Seu corpo todo viril se molda ao meu com facilidade quando ele me pega no colo e me leva para a cama. Romeo se senta na ponta comigo encaixada, recheada pelo membro grande e melado. Nem temos tempo para respirar, ele já começa a mexer os quadris daquele jeito que faz qualquer uma se afogar de paixão. Chega a ser ilícita a forma como ele faz amor. Nos beijamos violentamente e, sem nenhuma inibição, forço meu quadril para baixo no colo dele, sentindo tudo dentro de mim se dissolver com a força bruta e grossa, masculina.

— Ai, caralho! Que boceta... Oly, você é muito gostosa! — Romeo geme, e eu não paro de ir contra o colo dele, também gritando, com meus cabelos jogados para trás. Estamos em sincronia, buscando um ritmo muito depravado, agonizante de tão gostoso.

Encostamos nossas testas e, bem grudados, chegamos juntos ao clímax. Eu tive um orgasmo surpreendente, como sempre.



— A consulta foi marcada para segunda-feira —
falo baixinho, aninhada nos braços de Romeo,
estamos pelados no meio da cama. Seus dedos
percorrem preguiçosamente minhas costelas, sobem
até o seio e descem de novo.

— Qual o nome da médica?

— Ele não disse — digo pensativa, lembrando
que Ludovico não quis me dizer nada mais a
respeito da consulta. — Na verdade, não quis dizer
— conserto a frase.

— Não tem problema, você será apresentada a

ela, depois me conta quem é. Quero conversar com ela.

— Conversar? O quê? — Levanto a cabeça.

— Ainda estou pensando. — Ele coloca a mão na minha nuca e me faz deitar de novo. — Mas fique tranquila, vou encontrar uma saída. — Ficamos calados, nos acarinhando.

— Quando acha que devo sair daqui? — indago.
— Queria ir conversar logo com meus pais e pedir o divórcio a Ludovico.

— Não é necessário conversar antes com seus pais. Vou conversar com meus advogados e logo que os papéis do divórcio estiverem prontos, eu trago, você deixa aí para ele assinar e sai de casa.

— Quanto tempo isso vai demorar? Uma

semana?

— No máximo. Quer ir para onde depois? —
Antes que eu responda ele emenda: — Fique
comigo, Oly.

— Não mesmo. Não vou morar com um homem
que não é meu marido. — Romeo me olha
contrariado.

— E quem liga pra isso? Já fazemos coisas bem
piores que apenas morar juntos. — Ele fica de
lado, encarando-me sério. Tão belo expondo-se
desse jeito.

— Por enquanto, é melhor eu ficar no meu
canto. Deixe o divórcio se concretizar, meus pais se
acalmarem, daí pensaremos no nosso futuro.

— Como assim, pensaremos? Eu não tenho

nada a pensar, você tem?

— Não.

— Então pronto. Você vai ficar com Kate e vai avisar aos interessados que tem um novo namorado. — Acaricio o rosto dele pensando o que será de mim quando sair daqui: caminhar com minhas próprias pernas; conhecer um mundo que ainda não conheço; ser uma mulher normal de 23 anos e já divorciada. Romeo está querendo me proteger e me manter perto, mas não deixo de notar o tom autoritário em sua última frase. Não quero mais ser controlada por um homem, quero ter as rédeas da minha vida.

— Romeo.

— Oi. — Ele me olha.

— Quer mesmo ser meu namorado?

— Sim. De admiradora jardineiro, a amante e o próximo patamar é namorado. — Dou um sorriso satisfeito, encantada com seu jeito brincalhão e carinhoso. Safado e carinhoso, uma combinação perfeita, como Kate disse. Mas isso não quer dizer que esqueci da minha dúvida.

— Romeo, você é controlador obsessivo?

— Um pouco, não do jeito obsessivo abusivo. Gosto das coisas do meu jeito, na verdade, gosto de manter a ordem, tanto no trabalho, como na minha casa e na minha vida em geral. Até mesmo na vida dos meus irmãos — responde sinceramente, encarando para o teto, mantendo-me junto a ele com seus braços.

— E quanto a mim?

— Quanto a você o quê?

— Você conhece a minha história, não quero mais um homem me controlando. — Ele se vira por completo, quase deitando em cima de mim, sua perna jogada sobre as minhas, me olha com nossos rostos bem próximos.

— O que você quer dizer com controlar?

— Decidir onde devo trabalhar ou se não devo trabalhar, onde tenho que morar, o que vestir e como me portar.

— Esse é o tipo de controle Ludovico. Oly, você escolhe tudo na sua vida, que rumo tomar, o que vestir, o que comer. Só não pode escolher me deixar de lado. Isso eu não aceito. Não estou só te salvando de Ludovico, estou te roubando para mim.

— Uma palpitação do bem me toma. Fico bem

derretida!— Obrigada. — Sorrio e beijo seus lábios. Romeo me encanta a cada minuto que passamos juntos. Apaixono-me mais por ele. Não é apenas sexo, não é convivência, é carinho, proteção, sentimento puro. Onde estava esse homem quando precisei dele? Na verdade, ele sempre esteve por aí, esperando o momento certo para me salvar.

— Vamos por isso a limpo? — ele propõe.

— O quê?

— Nossas vidas e as regras.

— Tudo bem. — Nossa! Uma promessa de uma vida a dois no futuro, um namoro firme com ele é, sim, o que quero.

— Você pode trabalhar, mas não pode impedir

PERIGOSAS

que eu a ajude quando precisar.

— Eu aceito. Desde que não se intrometa no meu trabalho.

— Desde que esse suposto trabalho não seja perigoso — retruca de imediato.

— Defina perigoso — peço.

— Garçonete em locais noturnos. Fora de cogitação.

— Uma atendente de livraria?

— Perfeito. O emprego é seu.

Dou uma risada, Romeo retribui sorrindo, se mexe e me acomoda deitada em cima dele, debruçada em seu peito, está de barriga para cima com as mãos cruzadas atrás da cabeça, tirando

NACIONAIS - ACHERON

minha concentração com tanta beleza.

— Você quer estudar?

— Sempre tive vontade de fazer algo como corte e costura, o que sei minha mãe me ensinou. Queria me profissionalizar.

— Claro que vai estudar, mas vai ter que aceitar que eu encontre vagas nos lugares certos. Tenho meus contatos.

— Tudo bem. Isso eu posso relevar.

— E sobre moradia? Vai morar com Kate até quando, deixando-me sozinho naquela casa enorme, acordando e dormindo sozinho naquela cama enorme? Já estou revoltado só em pensar.

— Vou morar com ela até ter dinheiro o suficiente para alugar meu próprio apartamento.

— Você aluga, e eu móbio. O que acha?

— Não. — Ele pensa um pouco e sorri quando, aparentemente, encontra uma boa ideia.

— Então vamos dividir um apartamento? Como colegas de quarto. — Dou uma gargalhada.

— Isso seria o mesmo que morarmos juntos.

— É diferente. Você pode escolher o lugar, desde que seja em um bom lugar da cidade. — Semicerro os olhos para ele.

— Deixaria sua casa por um lugar que, possivelmente, tenha que subir escadas ou pegar elevador?

— Sim. Podemos dividir as despesas em um apartamento menor. A casa fica para passarmos o final de semana.

— Você dividindo despesas? — Rio mais.

— É o preço que tenho que pagar para ter minha garota comigo, na minha cama todas as noites.

Ah, coração, já era. Ele sabe fazer qualquer uma se derreter. Estou, de verdade, apaixonada.

— Não sei. É estranho. Um milionário dividindo aluguel, gás, água e luz com uma assistente de livraria.

— Você não permitiria que eu pagasse tudo sozinho. — Dá de ombros. Depois me agarra e me beija de leve. — Já estou de pau duro por minha Oly feminista. Está resolvido, um mês com Kate e o resto comigo.

— Não está resolvido — protesto. Ele já tateia a cama e encontra um preservativo. Tento sair do seu

braço, mas é em vão. Romeo consegue me prender firme com um braço só. Ou sou eu que não quero muito sair daqui?

— Está resolvido, sim. Pode começar a escolher o apartamento. Vamos foder tanto que vou bater o recorde de Magno, minha gata selvagem.

Depois de transarmos de novo, Romeo levantou para se vestir, pois ele tinha que ir embora. Na verdade, eu o empurrei para fora da cama. Mais uma vez, pegou de novo minha calcinha e, oferecendo um olhar desafiador, cheirou a calcinha e colocou em seu bolso. Fiquei rosada de vergonha.

Depois fomos para a cozinha, Romeo, com a maior tranquilidade, afagou Pink e abriu a geladeira.

— Romeo, você precisa ir embora.

PERIGOSAS

— O que é isso? — Ele pega uma forma e cheira.

— É o resto da torta de frango que fiz ontem à noite.

— Ótimo. Estou faminto. — Ele fecha a geladeira. — O que tem para beber? — pergunta já programando o micro-ondas.

— Romeo, você precisa ir embora.

— Depois. Tem cerveja?

— Não. Ludovico não bebe cerveja.

— Não bebe? Cacete! Dorme com máscara, não dá assistência a uma mulher gostosa como você, tem frescuras para comer. A cada vez tenho mais certeza de que estou diante de um caso de bicha sênior enrustida.

NACIONAIS - ACHERON

Não teve como segurar a risada. Pego na geladeira a garrafa de vinho aberta, sirvo numa taça e empurro para ele. Ele pega a taça bebe um pouco e assente de modo afirmativo.

— Ao menos, para vinho, ele tem bom gosto. — Sento-me com Pink aos meus pés enquanto Romeo come a torta. — Você é uma cozinheira excelente, daremos muito certo quando estivermos dividindo um apartamento.

— Não é pra tanto.

— Deixe de modéstia. Você é muito gata, muito gostosa e cozinha bem demais. E eu sou um homem de sorte. — Meus lábios abrem um enorme sorriso de pura paixão.

Depois que a comida que Romeo pediu chegou, ele foi embora, dando-me um beijo de despedida

arrebatador. Senti um vazio tão grande ao vê-lo partir e ter que encarar a vida real é terrível, é como se eu tivesse lendo um livro e acabasse de fechá-lo.

Ele mal saiu, e eu já quero vê-lo de novo, doida para que chegue logo amanhã. Não nos veremos pela manhã, Ludovico vai estar em casa, mas nos veremos à noite, na festa. Será horrível não poder tocá-lo.

Kate queria ir comigo na festa, ainda tem esperança de conhecer um dos irmãos de Romeo. Mas eu não tenho coragem de levá-la. Eu irei com Ludovico, tenho que ser muito discreta. Sem falar que Romeo comentou que os irmãos dele não são favoráveis ao nosso romance. E se os irmãos dele não gostarem de mim? E eu ainda vou apresentar minha amiga tarada? Não mesmo.

Ludovico chega, sirvo-lhe a comida, ouço as
NACIONAIS - ACHERON

críticas, dizendo que o frango passou um pouco do ponto e que o arroz está insosso. Ele estava muito nervoso com o CEO da Orfeu; xingando, gesticulando.

— Mas eu sei o que pode ser. Aquele cara está querendo levar para o lado pessoal — acabou dizendo.

— Lado pessoal? — Paro de comer e olho para Ludovico sem entender.

— É. Tenho certeza que o sujeitinho quer ferrar comigo. Ele não esqueceu o que eu fiz. — Meu coração acelera.

— E o que você fez?

Ludovico me olha como se tivesse acordado de um transe; eu acho que ele estava falando para ele

mesmo.

— Nada. Volte a comer.

Fiquei aflita, louca de curiosidade. O que Ludovico fez para que Romeo estivesse disposto a se vingar? Com certeza são negócios. Balanço a cabeça me confortando. Sim, só poderiam ser negócios. Só não quero me envolver nesses problemas. Volto a comer; Ludovico, calado, olha para o nada, pensativo.

— É hora de começar a investigá-lo mais a fundo. Preciso ter algo contra aquele filho da puta — murmura, e eu sinto o sangue deixar meu rosto.

20
OLIVIA

É sábado de manhã. Ludovico está em casa agora, não foi trabalhar, está dormindo. Eu acabei de chegar do passeio de meia hora com Pink, ainda estou de moletom e suada. Sento-me na cama do quarto de hóspedes e pego o celular enfiado atrás da cabeceira, é só entrar aqui que me arrepio, rememorando os bons momentos com Romeo. Já sinto saudade.

Deito-me, observando o celular, pensando se envio uma mensagem para ele ou ligo. Ligar é mais complicado, Ludovico pode escutar. A não ser que eu... Saio do quarto correndo, desço as escadas e ligo para ele. Corro para a cozinha e fico recostada

NACIONAIS - ACHERON

na mesa, esperando. Dois toques, três toques, quatro toques e nada do Romeo atender.

Desligo, espero um pouco e torno ligar. Nada. Será que está dirigindo? Acho que não, isso não o impediria de atender. Olho no relógio, são oito da manhã. Não deve ter ouvido o celular tocar. Olho em volta, está tudo pronto para o café que servirei a Ludovico. Só falta colocar na mesa. Como ele ainda não acordou, tomarei um banho rápido.

Passo no quarto de hóspedes, deixo meu celular no esconderijo e volto para meu quarto. Ludovico ainda está na cama, ele abre os olhos preguiçosamente e se espreguiça vendo o relógio ao lado. Essa noite foi um tormento. Ele queria sexo, eu falei que estava indisposta, com dor de cabeça, mas ele foi irredutível, disse para eu tomar um analgésico que ele esperaria eu melhorar. Eu apelei

para o bom senso dele, ele aceitou e deixou o sexo para hoje. Já está sendo ruim dormir na mesma cama, ainda mais sabendo que ele quer transar comigo. E eu nunca achei que poderia um dia me ver nessa condição: rejeitando meu próprio marido.

Entro no banheiro e tomo uma rápida ducha, apenas para tirar o suor da caminhada com Pink, pensando nas coisas que estão prestes a acontecer. Eu quero sair daqui. Não é só por Romeo, é por mim mesma. Agora que já conheci um pouco da vida e vi que eu sou capaz de ter o controle da minha vida, não tenho dúvidas de que não quero mais estar aqui, ser controlada, submissa, sem opiniões e desejos.

Quando saio do banheiro, Ludovico já está se vestindo. Olho-o de costas em sua cueca comum, meio folgadinha. Nada de coxas musculosas e

bumbum firme. Nada de cueca boxer. Nossa! E pensar que tempos atrás eu o achava bonito. Dou uma risadinha e saio de perto, ele me viu pelo espelho e ficou intrigado. Ludovico é esperto, ele está raciocinando, desconfia que há algo errado comigo. Ele só não pode descobrir nada até semana que vem. Preciso ligar para Romeo para alertá-lo que meu marido vai investigá-lo.

Deixo-o no quarto e sigo para a cozinha, pego meu celular, o oficial, não o clandestino que Romeo me deu. Coloco a mesa do café e encaro o celular novamente. Nenhuma ligação. Romeo deve ter ligado para o outro lá enquanto eu estava no banho. Continuo a ajeitar o café da manhã, Ludovico ainda não desceu, então pego, mais uma vez, o celular. Digito rápido e o coloco no ouvido. Fico atenta aos passos na escada. Novamente, Romeo não atende. Muito estranho, normalmente,

já teria me atendido.

E, em estado de alerta, arriscando-me horrores, vou até o quarto de hóspedes. Tenho que fazer tudo na velocidade da luz: ligar o aparelho e ver se tem mensagem, nem sento na cama de tão aflita. Sim, há uma mensagem. Estou com um olho na tela e outro na porta. Toco para visualizar, não é o número de Romeo. Com o coração saltando, eu leio:

***Número Desconhecido:** Olivia, sou eu, Romeo. Esqueci meu celular no sofá da sua casa. Pegue imediatamente.*

Meus olhos arregalam, minhas mãos tremem, e eu ouço Ludovico me chamar lá em baixo. Céus! E se ele encontrar o celular? Desligo o clandestino, enfio de novo no esconderijo e desço tão rápido que fico com medo de cair.

NACIONAIS - ACHERON

Não vou para a cozinha, onde Ludovico ainda me chama, corro para a sala e começo a tatear o sofá, minha visão dilatada, minha garganta seca. Jogo as almofadas e encontro, ali, o celular preto.

— Obrigada Deus! — sussurro enquanto beijo o celular.

— O que está fazendo? Que celular é esse? — Ouço-o atrás de mim e quase tenho um começo de derrame. Juro que senti uma dor fina na cabeça, o susto foi tanto que senti os cabelos da minha nuca arrepiarem, minhas pernas cederem, viro-me e Ludovico está me olhando de cenho franzido. Ele olha para o celular preso em minhas mãos espremidas contra meu peito. Nem pisco, meus olhos parecem que vão saltar no chão. — Que celular é esse? — torna a perguntar bem sério. — Posso vê-lo? — Estende a mão para que eu lhe

entregue.

— É de Kate. — Minha fala é quase um grito esganiçado. Ele exhibe uma expressão de insulto. — Ela acabou de ligar dizendo que deixou aqui.

— Está recebendo puta na minha casa, Olivia?

Ai, senhor! Se ele desconfiasse que a puta mora com ele...— Ludo... ela veio buscar... o livro — digo em um estalo. As palavras vieram surgindo na minha boca sem eu ter planejado. Seguro firme o celular do Romeo na minha mão. Se ele toma esse celular, eu estou perdida. Já estou preparada para resistir e lutar. Ludovico dá um passo em minha direção.

— Eu já te avisei e vou falar de novo: se eu vir essa vadia ao menos encostar aqui, se eu sonhar que você está de papinho com ela, eu tomo

providências sérias. — Olha de novo para o celular na minha mão, meus dedos o apertam involuntariamente, seu semblante está carregado — Agora, vá servir logo meu café. — Ele dá as costas.

Ufa!

Essas coisas que ele fala não me atingem mais. Não quando sei que tenho um amante lindo que me faz mulher de verdade e, além de tudo, -me com respeito. Ah, Romeo! Suspiro interiormente soltando o ar pela boca. Corro para a cozinha, ele senta-se à mesa da sala, e eu lhe sirvo o café, ele não come na cozinha, segundo ele, apenas mulheres e empregados podem comer lá.

— Fala com ela para vir buscar o celular. Eu estarei aqui e vou entregar pessoalmente. — Passa um olhar torto por mim e dá um gole no café. — E
NACIONAIS - ACHERON

vê se pare de encher o café de açúcar.

— Tudo bem — concordo como uma linda esposa boazinha. Bela, recatada e do lar.

Vou para a cozinha, mando urgentemente uma mensagem para Kate e explico rapidamente o que está acontecendo e peço que ela fique com o celular até Romeo ir buscar na casa dela. Volto para a sala e fico de prontidão, caso Ludovico queira mais alguma coisa. =

— Estarei lá no escritório. Quando sua amiga chegar, eu vou descer — Balanço a cabeça assentindo.

Como eu já disse: tenho certeza de que Ludovico está desconfiado de algo. Eu simplesmente não consigo esconder muito bem, como foi no caso do chupão que Romeo deixou.

Ludovico não viu, mas ficou olhando para mim, por causa dos cabelos soltos. Dificilmente, uso cabelos soltos dentro de casa. Agora teve essa coisa do celular e logo surgirão os comentários do carro de jardinagem que sempre aparece na minha porta, e eu entro. Sem falar na conta do celular no próximo mês, se ele ver o número de Romeo, vai perceber tudo. Ainda bem que eu não estarei mais morando aqui.

Kate chega uma hora depois. Assim que a campainha toca, Ludovico já desce e caminha rapidamente, na minha frente, para abrir a porta. Fico logo atrás dele. Os dois se encaram. Kate cruza os braços e firma o olhar. Estou mais mole que pudim.

Não provoque, Kate! Não provoque, recito mentalmente em uma tentativa de passar esse

pensamento para ela. *Apenas pegue o celular e suma daqui*, imploro com os olhos.

— Olivia, o celular — ele berra furioso. Kate apenas olha indiferente, sorri e acena para mim como se nada estivesse acontecendo. Eu tremo muito e entrego o celular do Romeo nas mãos de Ludovico. Céus! Se ele soubesse que tem nas mãos tudo que precisa para desvendar o inimigo, o tal CEO encapetado que está tirando seu sono. Se ele ao menos sonhasse que eu, sua esposa, tenho um caso com o tal CEO...

— A próxima vez que você encostar na minha casa...

— Ah! Poupe-me, Ludovico. Vê se me erra — Kate corta na hora a ameaça que ele nem chegou a proferir.

Droga, Kate, ele ainda está com o celular, não brigue. Estou quase chorando, caindo de joelhos e fazendo um milhão de promessas a Deus e todos os santos que existem.

— Continue — ele fala com um sorriso maldoso. — Sabe quem sofre as consequências? Sua amiga. Ou melhor, ex-amiga. Ela minha mulher, faz o que eu quiser e o que eu quero é que ela não se aproxime de vadias baratas como você. — Ele arremessa o celular, cai no jardim; Kate olha para trás, vê o celular, ignora e volta olhar para ele.

— Cara, você deveria andar de joelhos, beijando os pés dela. Olhe para você, agora olhe para ela. Nada a ver. Olivia é linda e jovem, devia ter um cara novo, bonitão e gente boa. Não um velho babaca com cara de abacate. Tchau.

Ela se vira, pega o celular na grama e vai
NACIONAIS - ACHERON

embora. Eu caio sentada no sofá, só o trapo, e ele bate a porta com força.

— Que isso tenha servido de sinal. — Levanto os olhos quando Ludovico grita em cima de mim, até cospe. Estou amedrontada, mas aliviada por ele não ter descoberto.— Eu sei... Ela não virá mais aqui. — Ele segura com força meu queixo, levantando meu rosto.

— É o que espero, Olivia. Vou olhar seu celular todos os dias e mandar seguir todos os seus passos. Se eu souber que esteve na mesma rua que essa puta vagabunda, quem sofrerá as consequências será você.

— Tudo bem, eu prometo — concordo, pois não quero encrenca, logo sairei daqui e pronto. — Não vou mais me encontrar com ela — afirmo.

— Assim é melhor. Não pense que seu pai vai ficar por fora disso. Vou relatar esse acontecimento a ele agora mesmo. Agora, vá para a cozinha, passou da hora de começar o almoço. — Ele me solta e sobe as escadas. Recosto no sofá de olhos fechados descansando.

Posso esperar, amanhã, em pleno domingo, que minha família em peso venha para cá me dar sermão. Até mesmo minhas irmãs me chamarão de ingrata.

Mais uma semana, Olivia, aguenta só mais um pouco, eu recito interiormente. Levanto-me obedientemente e subo ao segundo piso para saber o que ele quer comer no almoço.

Só mais uma semana.



Antes de meter a tesoura, eu fiquei muito tempo analisando a roupa que Ludovico mandou comprar para mim. Duas cores, muito folgada, sem nenhuma silhueta. A única coisa que eu achei bonita foi a parte de baixo, a saia do vestido. Tecido fino e movimento leve.

Nada de tubinho como Kate queria, mas que tal causar de um jeito elegante e sexy? Joguei o vestido na mesa de madeira e arranquei a parte de cima que parecia uma camisa masculina branca. Peguei uma renda preta que eu tinha, fiz um rápido rascunho no papel, recortei e costurei uma blusa simples de renda com as costas abertas. Prendi a nova blusa na enorme saia e pronto. Ficou cinturado e ainda coloquei um cinto. Mas, depois de olhar meu trabalho pronto no manequim, eu sabia que Ludovico não me deixaria sair de casa vestida assim, decotada na frente e com as costas

nuas. Olhei para a antiga parte de cima e sorri, achando a solução.

Agora, estou a caminho da festa da Orfeu. Ludovico está ao meu lado e um homem dirige. Calcei saltos e preendi meus cabelos em um penteado estratégico. Mal posso esperar para chegar e fazer o que vim planejei o dia todo. Quero encontrar Romeo e quero que ele me veja como uma mulher linda, à sua altura. Eu posso ser essa mulher. Romeo me disse, certa vez, que a mulher pode ser linda se quiser. Então, aqui vou eu.

— Lembre-se das três regras — Ludovico fala.
— Estou te levando como minha esposa, não é uma convidada da festa, lembre-se disso. Qualquer conversa não cabe a você. Entendeu?

— Sim — murmuro, prendendo os dentes de raiva, sem olhar para ele. Só quero saber de
NACIONAIS - ACHERON

encontrar Romeo... meu Romeo. Mesmo que eu fique muda a festa toda.

— Os anfitriões são três irmãos. Estou em negociação com o mais velho, o CEO da Orfeu. Não precisa saber mais nada sobre eles. — Ludovico continua as instruções. — Não sorria demais e nem se feche muito, responda com monossílabos se alguém perguntar algo e não saia de perto de mim. Se eu tiver que me afastar, não saia do lugar até eu voltar.

— Claro — concordo como um robô.

— Seu pai também estará na festa e deve respeito a ele. — Meus pais estarão lá? Eu não sabia. Minha mãe não disse nada. Andamos por mais ou menos trinta minutos até chegarmos a uma enorme mansão. O jardim está todo iluminado, há pessoas com roupas finas e em carros
NACIONAIS - ACHERON

maravilhosos. Um homem de terno aproxima-se rapidamente e abre a porta do carro.

Como consegui sair de casa com meu novo vestido? Estou usando a antiga parte de cima, com mangas longas, como um casaco.

— Que lugar lindo — exclamo encantada com as luzes, as plantas e uma fonte enorme também iluminada.

Ludovico não fala nada. Apenas me puxa em direção à entrada. Outro homem nos intercepta e, ao lado dele, uma jovem sorridente diz:

— O convite é em nome de quem?

— Ludovico Durval — ele responde. O homem ao lado dela confere a lista.

— Sejam bem-vindos.

Entramos e meu coração acelera quando a primeira coisa que vejo é um quadro enorme no hall de entrada. É uma família. Pai, mãe e três filhos. Reconheço logo Romeo aos dezoito ou vinte anos. Céus! Era um belo rapaz.

Ludovico cumprimenta umas pessoas, e eu fico aflita. Ainda não é hora de ver Romeo.

— Ludo, posso ir rapidamente ao toalete? — suplico. — É emergência.

— Oliva! Mal chegamos e já está criando problemas? — Dá até a impressão de que eu sou a filhinha e ele, meu pai.

— Por favor — peço. Ele me olha feio, mas, antes de falar alguma coisa, um casal vem em nossa direção sorrindo.

— Ludovico! Quanto tempo! — o homem fala.

— Vá. Dois minutos. — Estipula o tempo. — Estou aqui esperando. — Ele me libera, eu viro as costas imediatamente e corro até uma recepcionista na porta.

— Onde ficam os toaletes, por favor?

— Nesse corredor, siga reto, segunda porta à esquerda. — Assinto e corro, equilibrando-me nos saltos. A adrenalina corre em meu sangue e sinto-me uma malandra, minha primeira armação na vida. Entro no banheiro; como é início de festa, não há ninguém. Fecho a porta, corro para a pia e abro minha bolsa.

Tudo bem, Olivia. Chegou a hora. Arranco a camisa de cetim branco de manga longa, embolo e jogo na lixeira com as mãos trêmulas. Santo Jesus!

Meus seios parecem enormes, só posso estar louca para expor esse decote.

Pego as maquiagens que Kate me emprestou. O batom é vermelhão, queria um mais claro, porém ela disse que precisava ser bocão. Passo o batom com cuidado; ele é desses sequinhos, não sai facilmente. Aplico o rímel nos olhos, tentando não tremer muito para não borrar. Ensaiei várias vezes sozinha no banheiro lá de casa. A sombra não aprendi muito, mas Kate me ensinou o básico. Preta para a noite.

Termino e olho meu reflexo no espelho. Meu Deus! O que estou fazendo? Ouço batidas na porta e acordo para a realidade. Solto meus cabelos do penteado provisório, ajeito as mechas, passo os lábios um no outro e pego minha bolsa. Olho-me uma última vez e mal posso acreditar nessa mulher

que vejo.

Tentando não suar e não cair no chão, vou ao encontro de Ludovico, ele ainda conversa com o casal; ergo o queixo e, bem confiante, coloco minha mão no ombro dele. O homem fica parado me encarando e, quando Ludovico se vira e me olha, a cor, nitidamente, some do seu rosto e algo como pavor banha seus olhos.

Não digo nada. Ele me disse para não falar. Só quero ver se ele vai me apresentar como sua esposa, sua amante ou sua filha. A surpresa dele se transforma em cara feia. Sinto vontade de dar de ombros. Tenho vinte e três anos, querido, não vou me vestir como sua mãe. Só penso isso, é o suficiente.— Acho que vocês ainda não conhecem minha esposa, Olivia. — Enfim, Ludovico me apresenta. Sorrio estilo tímida. — Estes são Raul e

a esposa dele, Lúcia.

— Oi Olivia. — A mulher sorridente parou de sorrir e está incrédula.

— Oi — cumprimento-a, depois faço o mesmo com o homem e me calo.

Ludovico apressa a conversa, despede-se, segura no meu braço e me puxa. Entramos calados em um salão enorme. Vejo, ao longe, um dos homens da foto da casa do Romeo. É Magno, irmão dele. Ele me vê, semicerra os olhos para mim, mas não sai do lugar. Será que já me conhece?

— O que pensa que está fazendo? Que palhaçada é essa? — Ludovico aperta forte meu braço e me joga num canto afastado. — Que porra é essa, Olivia?

— O que queria? — Encaro-o e dou um passo para trás — Que eu viesse como uma freira? Por que não comprou logo uma burca e mandou entregar em casa?

— Você faz o que eu ordeno, Olivia. Está parecendo uma prostituta. Estou envergonhado. — Uma raiva me sobe.

Cega de tanto aguentar calada, já vislumbrando minha liberdade, eu me atrevo a retrucar:

— Estou me vestindo como uma mulher da minha idade. Lembre-se que tenho vinte e três anos, não cinquenta e dois como você.

Ele me olha intrigado. Nunca o respondi. Eu estou surpresa comigo. Afasto-me, respiro pesadamente e abano meu rosto que está pegando fogo.

— Não me desafie. Você não me conhece —
avisa.

Fico calada, ele me ameaçou, e eu não vou colocar mais lenha na fogueira. Ele coloca a mão nas minhas costas e andamos entre as pessoas. Alguns cumprimentam Ludovico, ele para, conversa com outros, só fico muda ao seu lado, tensa por ainda não ter visto Romeo. Fico sabendo que essa casa foi dos pais de Romeo e que hoje será vendida, ainda haverá um leilão, anexo à venda da casa.

Ludovico me guia em direção a um grupo de pessoas e só então noto a presença do meu pai ali, mas não vejo minha mãe. Ele cumprimenta a todos, eu esboço um sorriso modesto. Olho para meu pai, e ele me fita com uma raiva instantânea, passa os olhos pelo meu vestido e tenho a impressão de que

ele vai avançar e me bater aqui. Eu também o encaro muito horrorizada. Ele está acompanhando por uma jovem que deve ter minha idade. Ela a segura possessivamente.

— Onde está a mamãe? — questiono em um fio de voz raivoso.

— Olivia. — Ludovico me repreende baixinho.

— Não posso conversar com meu pai? — indago sem nem me virar para ele.

— Querido, o que está acontecendo? Quem é essa? — A jovem questiona meu pai. Os outros estão calados, apenas assistindo a situação embaraçosa.

— Sou filha dele — a respondo. Os olhos azuis da garota se abrem ao limite, os lábios vermelhos

também.

— Venha comigo. — Meu pai segura no meu braço. — Espere-me aqui — rosna para a garota de olhos azuis.

— O que pensa que está fazendo? O que deu em você para ousar falar na frente dos meus amigos? Viu a situação em que me colocou? Seu marido é um frouxo que não lhe dá um ensinamento.

— Mamãe sempre falou e nunca acreditei, ou melhor, nunca quis acreditar. — Começo mansa e, com cara de nojo, emendo: — Ludovico e você são escórias.

Ele levanta a mão para mim.

— Bata, pai. Aqui, no meio de todo mundo. Mostre a eles o verdadeiro homem que é. Bata

enquanto eu grito que sou sua filha e você deixou sua esposa em casa para vir a uma festa com uma garotinha.

— Vai pagar por cada palavra inconveniente. — Ele aperta muito forte meu braço. Puxo-o de sua mão com muita força e consigo me soltar.

— Já paguei. Você me fez pagar me vendendo para um verme em um casamento arranjado. E estou pagando mais ainda vendo como você pode ser baixo. Estou enojada. — Passo por ele empurrando-o com o ombro e vou para outro lado. Ludovico me pega no meio do caminho.

— Mas que porra você está...

— Você viu meu pai com uma garota e acha que tenho que ficar calada? — Meu sangue ferve.

— Você não tem direito de...

— De quê? Sou mulher e devo aceitar as cachorradas de cafajestes como ele?

Eu deveria ter medo dessa cara. Ludovico está transtornado, como nunca estive. Mas não tenho, estou com raiva também. Sei que ele só me trouxe porque sou nova.

— Você está passando dos limites — avisa em um tom ameaçador.

— Eu já passei do limite há muito tempo, querido, eu só guardei para mim. — Vejo meu pai se afastando com a garota, engulo a raiva e caminho com Ludovico de volta para perto do pessoal.

E então, eu o vejo e todo o rancor que sinto é

esquecido na hora. Romeo nem está disfarçando, olha fixamente para mim. Ele está paralisado no meio do povo, observando-me muito pasmo, quase de boca aberta, perplexo. Ludovico não percebe, está conversando com as pessoas. Fico aflita querendo vê-lo ainda mais e, quando direciono meu olhar, ele ainda está parado, no mesmo lugar, mas agora sua expressão é diferente. Um leve, quase imperceptível, sorriso nos lábios, os olhos prometendo coisas pervertidas. Sim, é uma cara de safado, acabo sorrindo. Sinto um calor percorrer meu corpo, meu coração, como de costume, salta feliz. Romeo se move, caminhando em nossa direção. Finjo que não o vi e, quando ele chega perto, Ludovico percebe. Abre um sorriso enorme para Romeo.

— Romeo! — exclama com muita falsidade. Os dois se odeiam.

— Ludovico. Que bom que veio. — Ele aperta a mão do meu marido. Amante e marido frente a frente, sou um ser humano maldoso por estar gostando disso, é como uma vingança muda para Ludovico. Que Deus me perdoe, mas opto pelo amante.

Romeo cumprimenta as outras pessoas pelo nome, todos babando nele, claramente puxando-saco e então, ele me olha.

— Sua filha? — Ca-ra-lho! Pink latiria de felicidade. Romeo não presta. Ludovico fecha a cara, engole o choro e sorri de volta.

— Não. Ela não é minha filha. Creio que já teve a oportunidade de conhecer minha filha de verdade.
— Romeo franze o nariz e faz uma cara de pensativo. Depois dá de ombros.

— Devo me lembrar vagamente — responde com um sorriso amistoso. Receio ter visto os dois trocando farpas.

— Olivia, minha esposa. — Ludovico mexe no nó da gravata. — Olivia, esse é Romeo Lafaiette, o...

— O que é isso? — Romeo intercepta. — Por favor, eu me apresento. — Ele toma minha mão e, forçando para não sorrir muito, fala:

— Romeo, CEO e seu... anfitrião, ao seu dispor.

— Obrigada — murmuro apaixonada.

— Ludovico fala muito de você. — Ele já deixou meu marido de lado e está com toda sua atenção em mim.

— Sério? — pergunto em um sussurro, Ludovico que está desconfortável.

— Sim. Ele fala da comida que você prepara.

— Ah... eu não cozinho muito bem. — Levanto os olhos para Ludovico. — Não é, querido?

— Ainda está aprendendo — concorda.

— Ela também está com você na empresa? — Vibro feliz com essa pergunta de Romeo, Ludovico mostra-se confuso, franze a testa em sinal de incompreensão. — Ela trabalha com você? — Romeo refaz a pergunta.

— Não.

— Hum... É indiscrição se eu perguntar onde você trabalha? — Agora ele se dirige a mim. Posso sentir meus lábios lutarem para não esboçarem um
NACIONAIS - ACHERON

sorriso, posso ver os de Romeo lutando também. Quem aqui percebeu que estamos em um joguinho secreto? Quero beijar esse homem!

Olho para Ludovico como se pedisse permissão a ele, bem baixo, eu murmuro.

— Eu cuido da nossa casa.

— Certo. Tem filhos?

— Ainda não. Estamos preparando — Ludovico se adianta.

— Venham comigo beber alguma coisa — Romeo propõe. Olha-me com um exuberante sorriso. — Seu marido e eu estamos negociando. Coisas de homens, mas prometemos não entediar você com esses assuntos. — Assinto com um sorriso.

Nós o seguimos até outra ala onde há um palco e uma banda estilo anos cinquenta em que uma mulher canta com uma voz firme. Durante vários minutos, ele conversou trivialidades. O assunto se estendeu mais a Ludovico. Eles beberam champanhe, e eu preferi um suco de frutas cítricas. Depois, Romeo saiu para apresentar o evento, teve uma rápida premiação do grupo de empresários e, em seguida, um leilão em que os fundos seriam arrecadados para instituições não governamentais.

Ludovico doou, para o leilão, uma raríssima coleção de vinhos de uma safra antiga. Ele ficou todo envaidecido quando seu nome foi citado e os vinhos arrematados por cinquenta mil reais. Mas Ludovico baixou a bola quando, posteriormente, foi anunciando que Romeo ofertou um carro edição de colecionador do ano de 78. Todo mundo fez “ohh”. O carro foi arrematado em meio milhão de reais.

Romeo também arrematou um prêmio: um cruzeiro romântico de três noites pelo litoral brasileiro com direito a acompanhante, cortesia de Max Mayer Ferraz, anunciado como sócio do banco AMB. Fiquei inquieta, pois Romeo olhou diretamente para mim quando o martelo bateu em 25 mil reais.

Depois que o leilão acabou, alguns casais foram dançar, e eu quase desmaiei na mesa quando Romeo se aproximou e tocou no ombro de Ludovico.

— Foi um belo exemplar de vinhos, Ludovico. Pena não ter conseguido adquirir.

— Em outra ocasião.

— Mas eu quero adquirir outra coisa sua —
Romeo prosseguiu educadamente.

— O quê?

— Sua esposa — respondeu na lata, sem desmanchar a cara de malandro. Apesar de quase ter morrido ali, estatelada na mesa, eu quis abraçá-lo bem apertado. Droga! Estou bem apaixonada. Todos da mesa ficaram olhando sem entender. Fiquei estática, esperando só o barraco começar. — Calma. — Romeo deu uma risada. — Quero-a para uma dança. Sou o anfitrião e me sinto no dever de dar atenção a todos. — As pessoas na mesa riram e todo mundo se tranquilizou.

— Ela não dança — Ludovico afirmou sem nem me perguntar.

— Eu ensino. Olivia, me dê a honra? — Estende a mão para mim. Não pego, fico esperando autorização. Então Ludovico, vencido, assente, sorrindo falsamente. Flutuando, eu levanto, toco na

NACIONAIS - ACHERON

mão de Romeo e sou guiada até o centro do salão.

Romeo enlaça minha cintura, puxa-me para perto dele e começa a se mexer lentamente, me levando com ele a cada passo lento em sincronia com os arranjos da música.

— Oi, Oly — murmura. Quase nem dá para ver seus lábios se mexerem. Seu olhar é bem compenetrado. — Você está acabando comigo, bem devagar — completa, no mesmo tom.

— Eu? — indago tentando não sorrir. Sei que Ludovico está olhando.

— Eu achava que você não poderia ficar mais linda. Dentre todas essas, você é a única. Meus piores instintos estão ativados, doido de ciúmes e desejo. Pode me entender?

— Posso — murmuro. — Eu sinto tudo isso também.

— Quando sair de casa, fique comigo uma semana só, antes de ir para a casa de Kate. Eu preciso muito ter você comigo, Olivia, só para mim, ao menos, por um tempo. — ele pede, a voz quase sofrida, continua me levando em seus braços, bem lentamente. Meus pés parecem voar. Está tão cheiroso que fico alucinada.

Sorrio de leve.

— É um assunto a se pensar. Algo me diz que há segundas intenções nesse cruzeiro que você arrematou.

— Não há segundas intenções, apenas uma certeza. Você e eu, três dias e três noites juntos, com muita sacanagem.

— Mal posso esperar — sussurro fixada nos olhos dele. Conversamos mais um pouquinho

— Sinta-se beijada, Oly. — Escorregou sua mão imperceptivelmente e tocou bem em cima do meu sexo. — Na boca e aqui. — Estremeci, e ele se afastou segurando minha mão e levando-me de volta para a mesa.



Quando cheguei, assim que botei os pés dentro de casa, Ludovico segurou meus cabelos por trás, deu um puxão tão forte que eu caí de joelhos e, como estava de salto, meu tornozelo torceu. Gritei de dor, ele continuou puxando meus cabelos e me fez ficar de pé na marra. Achei que arrancaria tudo. Assim que fiquei de pé, ganhei uma bofetada igualmente forte que achei que meu maxilar tinha

deslocado.

— Isso é para nunca mais me desobedecer. — Jogou-me contra a parede da sala, a parte de trás da minha cabeça bateu abruptamente na parede, ele acertou outra bofetada violenta no meu rosto. Veio com outra, e eu me defendi. O punho dele acertou meu pulso.

— Ludovico! — gritei já cheia de dor. — Pare!

Insaciável, ele veio em cima de mim, segurou no meu decote e puxou, rasgando meu vestido. Tentei impedir, já em lágrimas, bati meus braços, o chutei, mesmo com o pé doendo, mas não teve jeito. Ele arrancou o meu cinto, rasgou toda parte de cima e segurou meus cabelos com as duas mãos.

— Quer se portar como uma puta, não é? Pois é

assim que será tratada. Eu vi como ficou de olho naquele filho de uma égua. Eu vi como aquele desgraçado queria te comer. Mas só por cima do meu cadáver. — As mãos dele apertavam tanto meus cabelos que senti uma leve tontura. — Eu mato você antes que crie asas. — Quando disse isso, eu levantei meu joelho com muita força. Não foi no pênis como eu esperava, mas foi na virilha. Ele me largou, e eu aproveitei para me distanciar. Pink começou a latir descontrolada.

— Pink, aqui. — Chamei-a. mas ela estava furiosa, rosnando para Ludovico. Em questão de segundos, ele pegou um vaso e acertou a cabeça da cachorra. Dei um grito bem alto, com as duas mãos na boca. Ela ficou tonta, e ele aproveitou para dar um chute, acertou a pata dela. Pink gritou, mancou e caiu do outro lado, gemendo alto, havia sangue, e eu me desesperiei. Sem pensar, eu fui para cima

dele, comecei a dar chutes e socos, e ele me derrubou no chão. Subiu em cima de mim, desferiu um soco na minha cara e começou a tentar rasgar minha saia.

— Não! — disse enquanto me debatia. — Solte-me!

— Cale a boca! Você é minha mulher, sua vagabunda. — Acertou-me outro tapa na cara e começou a desabotoar o cinto.

— Por favor, faço tudo que você quiser. Só me deixe em paz — pedi aos gritos, em lágrimas, e ele me deixou. Saiu de cima de mim e me olhou com asco. O cinto já estava em sua mão, encarava-me cansado, enfurecido. Estalou o cinto no ar e acertou minhas pernas. Depois, mais uma vez, e eu defendi com os braços, mais uma vez, e outra. Eu apenas gritava e me defendia. Ele parou, limpou a boca

NACIONAIS - ACHERON

babada e se afastou. Arrastei-me e fiquei recostada, toda rasgada e dolorida, no sofá, chorando.

— Amanhã, trarei seu pai aqui. Fiz minha parte como marido, a ensinando. Se não quer por bem, tem que ser a base de pancada. Vou desejar que seu pai a deixe moída no chão para aprender a não ser mais insolente. E vai dormir aqui. Se eu vir você subindo essas escadas, o castigo será pior.

Ele subiu bufando de raiva. Eu só conseguia chorar e soluçar. Engatinhei até onde Pink estava deitada, coloquei a cabeça dela no meu colo e a abracei chorando. Havia sangue. Entrei em desespero. Bem consciente, ela lambeu com urgência minhas mãos e gemeu baixinho.

Não havia mais como morar nessa casa. Fiquei na sala, no escuro, com Pink em meu colo, até que, mais ou menos, às duas da manhã, eu criei

coragem, me decidi e levantei, Pink levantou comigo. Abri a porta e nós duas, mancando, saímos sozinhas, ela ensanguentada, e eu toda rasgada, cheia de hematomas, andando sem rumo pela noite.

21
OLIVIA

Eu tinha andado, aproximadamente, dois quilômetros. O medo me consumia mais que a dor. Sei como a violência na cidade aumenta a cada dia, ainda mais para uma mulher sozinha de madrugada, sem chance alguma de defesa e nem de correr. Não estou mais conseguindo andar de tanta dor no pé, já está inchado, tive que tirar o sapato. Estava sem dinheiro e sem celular.

Depois de andar muito, parei porque Pink parou. Ela gemeu, mancou até o meio-fio e deitou ali. Sentei-me com ela, abaixando a cabeça e chorando. Apenas esperando algum perigo nos surpreender. Flagro-me repensando se foi uma boa

NACIONAIS - ACHERON

saída abandonar a casa de Ludovico. Eu poderia ter esperado, ao menos, o dia amanhecer e ligar para Kate. Mas a dor e a humilhação me fizeram ter certeza da minha decisão. Posso morrer nas ruas, mas ele não terá mais poder sobre mim. Penso nos meus pais e em como reagirão quando souberem, é bem possível meu pai ficar do lado de Ludovico, já que, na festa, ameaçou me bater.

E então, como obra dos céus, ouço um barulho de carro e os noto os faróis sobre o meu rosto. Levantei a cabeça e o reflexo das luzes vermelhas bateram em meu rosto. É uma viatura policial.

— Ei, moça! Algum problema aí? — o policial pergunta.

Pink se levanta meio cambaleante e fica à minha frente, rosnando. Limpo as lágrimas, fico de pé, e espero ele sair do carro e vir em minha

NACIONAIS - ACHERON

direção. Seguro bem firme contra meus seios os pedaços da roupa.

O policial me olha intrigado e fica a uma distância segura.

— Precisa de ajuda? — indaga, a mão no coldre da arma.

— Sim, preciso — balbucio. — Ele se aproxima mais. Outro policial desce do carro e caminha também em minha direção.

— Eu só preciso de uma carona — falo um pouco mais alto, olho para Pink ao meu lado. — É minha cadela, ela não é perigosa. — Afago a cabeça de Pink. Minha Golden Retriever dá um passo para trás, ainda rosnando. — Quieta, Pink — ordeno.

— O que aconteceu com vocês? — pergunta, observando abismado o pelo branco de Pink todo cheio de sangue.

— Eu só preciso fazer uma ligação ou ir à casa de uma amiga. — Não respondo a pergunta dele.

— Isso está com cara de 157. — Um cochicha para o outro.— Você foi assaltada? Agrediram você? — o primeiro que me abordou indaga.

— Não... eu... — Fico sem fala. Estou com muito medo, não quero me envolver mais com Ludovico, não quero ter que me aproximar dele de novo.

— Pode falar. Você está protegida — o policial incentiva. — Continuo calada, de olhos baixos.

— Está protegendo alguém, dona? Namorado, marido...

Lágrimas começam a descer quentes, molhando meu rosto. Passo as mãos bem depressa e olho para eles.

— Apenas me ajude a chegar à casa da minha amiga.

— Você não tem casa?

— Tenho.

— E onde fica? Podemos te levar lá.

— Não! — dou um grito esganiçado. Um policial olha para o outro, e eu acho que eles já perceberam tudo.

— Você sabia que no país existe lei contra

agressão à mulher? Está protegida, pode dizer.

Tudo passa em minha mente: a experiência do meu casei; a forma como eu vivia dominada por um pai rigoroso; a esperança ao descobrir que nem todos os homens são ruins. Romeo me provou que ainda pode-se acreditar no melhor do ser humano.

— Foi meu marido — sussurro sem olhar para eles. — Estou fugindo de casa, não quero voltar.

— A lei ordena que ele saia da casa. Vamos à delegacia.

— Não quero nada dele. A casa é dele, eu quero apenas descansar.

— Se você não denunciar, ele pode voltar a ameaçá-la. Com a denúncia, ele terá a prisão preventiva decretada, uma ordem judicial para ficar

longe de você e ainda pode pegar, em média, de um a três anos de cadeia.

Penso sobre isso. Não é questão de vingança, e sim de justiça. Ele foi mal não só comigo, mas também com as ex-esposas. Sei que Ludovico é rico, não tenho chance alguma contra ele, mas não custa tentar.

— Não quero vê-lo — peço.

— Claro, venha. Na delegacia, você pode ligar para alguém.

Eu os sigo, junto com Pink. Entramos atrás, eles sentam na frente, e o carro sai.

Kate chega rápido. Muito rápido mesmo. Veio com o pai dela. Eu já tinha prestado depoimento ao delegado, e ele mandou uma viatura à casa de

Ludovico. Estava em uma sala sentada com Pink aos meus pés, ela estava bem fraca e mal conseguia levantar a cabeça. Eu agora serei levada para fazer exame de corpo de delito, pedi para que aguardassem Kate chegar para que ela me acompanhasse.

Uma policial ficou comigo o tempo todo. Ela arrumou uma roupa para mim e ligou para um veterinário, para atender Pink. Eu não falava nada, apenas tremia muito, com muito frio. Como se tivesse com muita febre.

O delegado fez muitas perguntas. Questionou se existia a possibilidade de eu voltar com meu marido, e eu respondi que não, jamais. Ele disse também que mandaria uma escolta policial me acompanhar para eu poder pegar minhas coisas, já que eu não queria continuar lá. Mas eu não quis. Eu

não quero nada daquela casa. Ele também pediu que eu arrumasse testemunhas para provar que Ludovico seria capaz de me agredir. Eu tinha apenas Kate para depor a meu favor. Segundo a policial, meu marido tinha grandes chances de escapar impune, por se tratar de um homem influente e de boa índole perante a sociedade.

Assim que Kate chegou, já correu para perto de mim, me abraçou e chorou. Eu disse que estava tudo bem, mas Kate disse que estava com muita raiva, de Ludovico e de mim, por aguentar tanta humilhação e não sair antes de casa. Prometi a ela e a mim mesma que nunca mais me deixaria subjugar. Eu tenho o poder de escolha, eu posso escolher meu caminho. Ela me contou que vira Romeo um pouco antes da festa, quando ele foi pegar o celular. Sei que Kate tocou no nome dele apenas para dizer que ele tinha que ficar a par

disso. Pedi a ela, implorei que não contasse, não queria ver o Romeo, não queria que se envolvesse nisso e nem que me visse desse jeito. Deplorável.

Entretanto, ninguém pode com a Kate, ela prometeu que não falaria com ele, mas, assim que vieram me buscar para levar ao exame, ela pegou o celular, observou um cartãozinho e digitou. Antes de falar ao telefone, olhou para mim com a sobrancelha baixa, cheia de culpa.

— Desculpe, Oly.

— Kate! — contestei, mas ela já estava de costas, afastando-se.

— Romeo, é a Kate, amiga da Olivia. Ela precisa de ajuda, estamos na delegacia. — Escutei Kate dizer enquanto se distanciava de mim.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

— Magno, preciso de um álibi. — Foi o que disse ao telefone para meu irmão quando desliguei a chamada de Kate. Eu não pensava em ir ver Olivia, em contatar um advogado ou qualquer outra coisa. Minha mente estava focada apenas na surra que eu daria naquele filho da puta. Kate me contou rapidamente que Olivia fora agredida e estava na delegacia prestando depoimento, temia que Ludovico se vingasse dela se ela o denunciasse. Fiquei cego na mesma hora. Em pouco tempo, eu já estava vestido e nem me vi fazendo isso.

— Álibi para quê? Está bêbado? — Magno fala com a voz arrastada. Estava dormindo. São três e
NACIONAIS - ACHERON

meia da manhã e estou saindo de casa.

— Vou descer a porrada em um desgraçado e pode ser que eu o deixe em coma.

— Romeo! Está caçando confusão na madrugada? Vá dormir, cara — ele resmunga bocejando.

— Eu só preciso — pauso — que você diga — pauso — que eu estava com você. Pense em alguma coisa; estou saindo de casa agora. — Vou até a sala, pego as chaves do carro e saio correndo com o celular no ouvido.

— Calma. Quem é o cara que você quer bater? Agora que já me acordou, explique.

— Ludovico. Ele bateu em Olivia. Acabo de saber.

— Eu deveria ter desconfiado — Magno ironiza. — Ele descobriu sobre vocês? Sabia que você não tinha técnicas para ser um bom amante.

— Não. Eu não sei por que ele se enfureceu, mas vou descobrir logo.

— Que cara mais desgraçado — Magno vocifera. — Tá certo que sou contra algumas atitudes frescas de mulheres, mas bater em uma delas... — Ele faz uma pausa. — Vou ligar para nosso advogado. Fique aí, não vá a lugar algum.

— Sem chance. — Já dentro do meu carro, aperto o controle e abro o portão da garagem. — Apenas diga o que pedi caso os policiais comecem a investigar.

— Então vá. Bata nele para ele ferrar seu namorico com essa mulher.

Com o carro ligado, eu não saio. Apesar da cabeça estar latejando pelo sangue circulando rapidamente, eu paro e ouço Magno.

— O que disse?

— O que ouviu — Magno fala calmamente. Ouço barulho de copo. — Ou você esqueceu que tem rabo preso com ela? Está escondendo sobre Jaqueline. Mostre-se agora ao velhote como amante dela e colocará tudo a perder. Vingue-se por fora.

Desligo o carro e exalo profundamente, revoltado. Com a testa no volante, penso no que Magno está falando. É verdade. Se eu for agora bater no Ludovico, ele não vai medir esforços para contar sobre Jaqueline. A não ser que eu o mate... ou conte logo para Olivia, correndo o risco de ela, nesse momento de fragilidade, achar que eu sou apenas mais um mentiroso em sua vida.

— Sem falar, cara, que você não pode sujar seu nome. É uma figura pública, é o nome à frente da nossa empresa; um escândalo desses seria um prato cheio para muitas pessoas. Um CEO que quase assassinou um homem, mesmo que, supostamente, ele tenha merecido.

— Supostamente, não. Ele merece. O que eu tenho que fazer? Ficar parado observando ele ser denunciado e conseguir um habeas corpus três dias depois?

— Ele pode escapar da justiça, mas não de você. Acabe com a empresa dele. Use esse deslize dele como motivo para cortar contato definitivamente e faça uma ligação para bancos e outras empresas aliados a nós, pedindo que não ajude Ludovico. Sem empréstimo e com a empresa dele do jeito que anda, ele entrará em falência em

pouco tempo.

— Cara, isso não é suficiente. Porra, Magno! Quero vê-lo sangrar muito.

— Tá. Vá à delegacia ver a garota. Vou ligar para Lorenzo, ele conhece gente da pesada. Ludovico será preso por, pelo menos, uns cinco dias, porque, com certeza, depois disso, vai conseguir responder o processo em liberdade.

— O que está propondo?

— Sei lá. Um policial ou um detento pode, acidentalmente, quebrar o braço dele e dar o recado que isso é por ter batido na esposa. O que acha?

— Coisa de bandido.

— E vir me ligar pedindo para formular um álibi falso enquanto você invade a casa do cara e dá

NACIONAIS - ACHERON

uma surra nele não é coisa de bandido? Vá ver a garota, fique com ela, ela vai precisar de proteção agora.

Magno sempre elabora as manobras rasteiras, e eu achando que Lorenzo era o cérebro maquiavélico.

— Você não parece ter servido ao exército. —
Analiso seu comportamento. Magno dá uma risada.
— Mesmo assim, valeu — agradeço.

Kate havia me dito em que delegacia elas estavam, a 15° DP da Gávea, perto da minha casa. Durante o trajeto, enquanto eu estava de testa suada, mesmo com o ar do carro ligado, eu me perguntava por que diabos Olivia não me procurou. Por que não veio até a minha casa ou me ligou? Se bem que ela ter ido à delegacia e ter tido coragem de denunciar foi muito bom. Essa atitude me

NACIONAIS - ACHERON

surpreendeu.

Ela foi criada para obedecer e servir, sem poder se expressar ou fazer algo por conta própria. Não achei que ela poderia se rebelar e ir à polícia. Os pais dela e os filhos de Ludovico virão para cima como um vespeiro. Mas como eu disse antes, Olivia não é como as ex de Ludovico, elas estavam sozinha, Olivia não.

Chego à delegacia e, na recepção, sou informado que Olivia foi encaminhada ao IML para o exame de lesões corporais. Peguei o endereço e saí rápido, a tempo de ver — já dentro do meu carro — Ludovico chegando em uma viatura e um carro parando logo atrás, com o filho mais velho dele. Tive que me segurar muito para não ir até ele e massacrá-lo, deixá-lo se alimentando de canudinho por um mês. Mas ele já está sob custódia

da polícia, não há mais nada que eu possa fazer. Pelo menos, não agora.

Como não havia trânsito, em quinze minutos cheguei ao IML. Antes de entrar correndo, um senhor na porta me parou.

— Romeo?

— Sim. Sou eu. — Com um sorriso educado, estendeu a mão para mim.

— Sou o pai da Kate. Ela pediu para avisar que espere um pouco, Olivia está assustada e revoltada por minha filha tê-lo chamado.

— Como é que é?

— Precisa dar um tempo a ela. — Ele se coloca à frente.

— Tá, vai esperando! É bem capaz de eu aceitar. — Dou dois tapinhas no ombro dele e entro.

Entro quase voando e ouço-o dizer:

— Ela já foi atendida, já está saindo.

Não estou nem aí. Com ele na minha cola, procuro saber onde Olivia está. Recebo a informação e corro, sem pensar em nada, apenas agir. Chego à sala de exames a tempo de ver a porta abrir, e ela sair amparada por Kate.

Quando Olivia me vê, ela se detém, fazendo Kate parar. O pé está enfaixado e ela não pode andar sozinha. O desconforto é visível no rosto dela, até perdeu a cor. Olivia está com uma roupa estranha, parece uma presidiária, os cabelos estão presos e há hematomas em seu rosto. Sinto uma dor

finda ao vê-la assim, tão desamparada, machucada, não só fisicamente. Está humilhada cortada por dentro, pude ver no seu rápido olhar. Imediatamente, abaixa o rosto sem querer olhar para mim. Percebeu a pena que sinto dela nos meus olhos.

— Oly. — Eu mesmo quase nem ouvi meu sussurro. Minhas pernas travam, meus punhos fecham e acho que meu sangue triplicou de quantidade, sinto minhas veias quase explodindo, estou com um bolo de ódio preso em minha garganta.

— Vamos, Kate — ela fala também bem baixinho. Kate me olha como se dissesse: Não vai tomar providência? Minhas pernas se movem e dou um passo.

— Por favor, deixe-me Romeo — Olivia pede

NACIONAIS - ACHERON

num lamurio doloroso.

— Olivia, isso não vai acontecer — afirmo.

Ela olha para mim. Está envergonhada. Os olhos estão lacrimejando, dando um brilho sofrido. Não espero, encurto nossa distância em dois passos e a puxo para meus braços. O médico conversa com Kate, eu nem presto atenção no que ele fala. Olivia está resiste ao meu abraço.

— Largue-me! — pede, tentando me empurrar.

— Olivia! — sussurro já um pouco bravo. — Pare de tentar. Não vou largar!

— Não quero ficar aqui, não quero que você me olhe! Largue-me, droga!

— Kate, Olivia vai comigo. — Levanto o rosto para Kate. Ela assente, balançando a cabeça.

— Não vou com você! — Olivia se sacode e, já em lágrimas, implora. — Deixe-me em paz! Eu quero ir com Kate, eu não quero estar com você... Estou mal.

— Por que não quer estar comigo? — questiono, tentando manter a calma. Levanto o queixo dela, e ela me olha, enxugando depressa os olhos.

— Preciso ficar sozinha... Estou destruída, será que não vê?

— Ok. Ouvi sua explicação, agora me ouça: sabe que a essa hora os filhos de Ludovico já devem estar sabendo que o pai está preso, não é? — Não espero ela concordar, continuo meu raciocínio. — Seu pai também saberá em poucas horas. Está com saco de ouvir conversa fiada desse povo? Pois eles irão para cima de você, exigindo que retire a

NACIONAIS - ACHERON

queixa, fazendo o inferno. Quer isso?

Ela me olha assustada. Os lábios estão brancos, sinto vontade de não esperar ela decidir, pegar ela no colo e levá-la à força comigo. Mas ela acabou de ser agredida. Não vou ser um bruto.

— Não quero, mas... — ela tenta retrucar num murmúrio.

— Nada de “mas”. A casa de Kate é o primeiro lugar que eles vão te procurar. — Olivia não responde, mas parece ter entendido meu ponto de vista. Vou tomar isso como uma resposta.

— Kate, você e seu pai precisam de carona?

— Não, pode ir. O doutor disse que o laudo será encaminhado para a delegacia e depois Olivia e as testemunhas serão chamadas para mais

depoimentos.

— E a Pink? — Olivia olha para a amiga.

— Pink está em recuperação numa clínica veterinária. Eu a pego amanhã — Kate tranquiliza.

— Está tudo bem, Oly, vá com ele.

Olivia olha para mim, mordendo o lábio, como se pensasse no assunto.

— O que está fazendo? Não há que você pensar, querida. Você está sob meus cuidados.

— Não quero que outra pessoa tente mandar em mim — envergonhada, ela murmura, mostrando que estava pensando nisso, e não decidindo se vai ou não comigo. Isso me atinge em cheio. Não vou fazer isso com ela, mas, nesse momento, eu estarei à frente, Olivia tem que entender isso. Não vou

deixá-la decidir sozinha a própria vida sendo que até pouco tempo atrás ela não entendia nada do mundo. Vou ensiná-la, ajudá-la a entender as coisas. Depois, eu mesmo estarei ao seu lado enquanto ela toma suas decisões.

— Mandar é diferente de cuidar. Ludovico nunca cuidou de você, apenas se aproveitou. —
Pego-a no colo.

— Romeo! — Olivia reclama, mas eu já estou caminhando com ela para fora. Ela sabe que eu não vou parar, então esconde o rosto no meu ombro. Kate já está lá fora conversando com o pai dela, assim que nos vê, vem em nossa direção.

— Abra a porta do meu carro, por favor —
peço, apontando com o queixo para meu carro. Ela corre na frente, abre e coloco Olivia no banco do passageiro.

— Quanto tempo vou ficar na sua casa? — pergunta enquanto abotoa seu cinto de segurança, ainda evita me olhar.

— Já vejo que sou um péssimo hospitaleiro. Nem chegou e já quer ir embora? — Sorrio, mas ela não retribui.

— Estou sem nada, Romeo. Nem documentos eu tenho.

— Relaxe, gata. Apenas relaxe.

Despeço-me de Kate, Olivia também se despede antes de eu sair com o carro. Olivia permanece ao meu lado tensa e paralisada. Em meio a isso tudo, eu tento encontrar o lado bom. Tudo sempre tem um lado bom. Rapidamente, eu encontro. Nem preciso pensar muito e isso faz diminuir minha raiva, minha vontade incessante de

matar Ludovico. O lado bom é que Olivia está livre agora. Acabou, saiu daquela droga de prisão. Tomado por esse alívio, tomo a mão dela e beijo. Olivia olha para mim.

— Estou envergonhada, Romeo. Sentindo-me impotente. Sempre fui impotente na verdade.

— Agora você está recomeçando, encare assim. E, se quiser, posso estar com você nesse recomeço. O que acha? — O cenho dela franze. Depois, o lábio curva-se de leve, e Olivia semicerra os olhos.

— Está pedindo permissão para ficar comigo?

— Só cumprindo, educadamente, o que é de praxe. Você já era minha quando estava naquela casa, imagina agora?

Enfim, ela dá um sorriso, fraco, mas é um

sorriso que chega aos olhos. Não responde, puxa a mão da minha, olha a outra mão e mexe na aliança. Depois, retira e olha para o anel de ouro.

— Recomeçar — murmura para si própria, abre o vidro do carro e joga a aliança. Não olha para mim, fica presa nos próprios pensamentos, recostada no banco.



— Essa roupa foi uma policial que me deu — Olivia diz quando eu trago uma caneca com leite morno para ela. Estava muda desde que jogou a aliança fora. Entrego-lhe a caneca e um Advil para a dor no pé. Sento-me ao seu lado. — A minha, aquele vestido da festa, estava toda rasgada — explica antes de beber o remédio e dar um gole no leite.

— Ele rasgou? — indago, referindo-me a Ludovico. Interiormente, meu corpo sacode de fúria. Caralho! Meus músculos ardem, implorando para vibrar na cara daquele desgraçado. Nunca senti uma raiva desse tamanho. Olivia abaixa os ombros e balança a cabeça confirmando. Fico calado, olhando ela tomar o leite calada.

— Eu não me arrependo... — ela fala, encarando a caneca e ergue uma sobrancelha. — Pela primeira vez, fiz o que quis e fui agredida por causa disso. — Ela ajeita o cabelo e limpa mais lágrimas.

Merda! Tudo menos ver uma mulher chorando. Ainda mais quando essa mulher é a Olivia. Meu coração dispara, quero abraçá-la e fazê-la esquecer isso de alguma forma. Mas dizem que uma mulher precisa que seu namorado ou marido escute seus

problemas. Quero apenas que ela desabafe.

— Era um belo vestido. — Ela pensa um pouco, olha para mim rápido e volta para o copo. — Fiquei orgulhosa de poder criar algo assim e isso ele não conseguiu rasgar junto com a roupa.

— Ele não conseguiu arrancar nada de você, Oly. Ainda está aí, forte, determinada e tem todo seu orgulho. — Ela anui. Ficamos mais um pouco calados. Ela limpa mais lágrimas, chorando quieta. Depois, mira em meus olhos.

— Será que meus pais vão ter a coragem de ficar contra mim?

— Se eles ficarem, é porque não merecem um pingaço do seu afeto. Depois pensamos mais nisso e em suas roupas — intervenho, mudando de assunto, está machucando-a mais e me deixando mais

furioso, querendo sair ali e ir fazer minha vingança violenta — Está com fome?

— Não. Só quero descansar. — Entrega-me a caneca. Olho no relógio, quase cinco da manhã.

— Claro. — Levanto-me e a pego no colo.

— Pode deixar, eu vou andando... — Olivia pede inquieta.

— Você vai ter muito tempo para andar. Vou colocá-la na cama. — Sigo para o quarto, a acomodo e acendo a luz. Olivia se senta, meio constrangida. Vou para meu closet, escolho uma camiseta e uma das minhas calças de moletom e levo para ela. — Não vai dormir com essa roupa grossa. Vista isso. — Ela não contesta. Tira a roupa parecendo um macacão. Achei que ela pediria para eu sair ou iria ao banheiro, mas calmamente

descarta a roupa no chão, sem ficar de pé.

Apresso-me, pego minha camiseta branca e enfio na cabeça dela. Olivia aceita minha ajuda. Deixo a calça ao lado, ela não precisa disso para dormir. Sento-me ao lado dela e começo a desamarrar seus cabelos, ela não protesta. Afago os fios e ela me olha.

— Desculpe-me por ter mandando você sair lá na delegacia... Fiquei com vergonha que me visse... naquele lugar e desse jeito. — Puxo-a para perto de mim e beijo seus lábios.

— Deveria saber que eu sou bem teimoso. Não sairia de lá nunca. — Ela sorri de novo, seus olhos não mais chorosos, exibem um brilho admirado. Ela avança e me abraça, enlaçando seus braços no meu pescoço.

Eu a levei ao banheiro, emprestei minha escova de dentes e depois fui me trocar, ou melhor, me despir. Fiquei só de cueca e deitei com ela.

— Não pensei que a primeira vez que dormiria com você fosse assim — Olivia murmura se aconchegando no meu abraço.

— Desconsidere. Afinal, não é mais noite, é início de dia. Amanhã, será nossa primeira noite juntos. Ansiosa? Meu pau está. — Ela ri. Não só um sorriso. Ri de verdade.

— Quer saber, Romeo? Eu adoro ouvir suas sacanagens.

— Então prepare-se: vai ouvir sempre a partir de agora.

Dou um beijo nos cabelos dela e ela beija meu

peito. Não demorou muito para já estar ressonando baixinho enquanto eu pensava na desgraça que vou fazer na vida daquele miserável.



Já passa das oito da manhã. Magno e Lorenzo acabaram de chegar, e estou preparando café para Olivia que ainda dorme. Eles vieram me colocar a par de suas armações. Nosso advogado já está à frente do caso, representando Olivia, Magno pediu que não contasse que nós éramos os interessados por trás dele. Segundo ele informou, Ludovico já está encarcerado e o advogado dele já entrou com o pedido de habeas corpus, alegando que Ludovico é um homem direito, nunca teve registros de agressões contra mulheres e não tem ficha criminal. Mesmo assim, foi obrigado a assinar uma ordem judicial para manter-se afastado 300 metros de

Olivia. O filho de Ludovico estava mais furioso que o pai, foi preso por desacatar o delegado.

— Já fiz uns contatos — Lorenzo fala, pegando uma caneca e colocando café para ele. — Ludovico vai receber um susto, como você quer.

— Na verdade, eu queria ter o gosto de dar uns tapas nele. — Tiro da chapa mais dois mistos quentes e jogo na travessa diante deles. Coloco mais dois na sanduicheira.

— Algum policial vai bater nele? — Magno pergunta a Lorenzo que já está de boca cheia, mastigando. — Não vai sobrar para ele ter que se explicar?

— Não. Um policial vai deixar alguém na cela com ele por descuido. Cadê o ketchup Romeo? — Abro a geladeira, pego o vidro e jogo para Lorenzo

que apara no ar.

— O cara vai dar o recado? — Interesse-me nas armações criminosas do meu irmão. — Vai falar para o bosta por que ele está apanhando?

— Vai. Quer ter rola grossa para bater em mulher, que tenha também para bater em homem.

— Cara, eu estou bem revoltado, viu — Magno diz, e eu me surpreendo. Mas convenhamos, ser machista é diferente de ser covarde. Ele bate nas mulheres apenas se elas aceitarem e daquele jeito, no couro, com chicotes e cordas.

— Também estou. Apesar de ter apenas uma mulher que me dá vontade de dar uns tapas ou um bom corretivo — Lorenzo confidencia, termina o sanduiche e passa a mão em outro.

— Vai comer tudo é? — reclamo. Ele nem liga, joga ketchup e abocanha quase a metade.

— Mas você sabe que, se bater na Angelina, suas bolas serão arrancadas, porque ali é mulher cruel, está ligado? — Magno decide lembrar ao nosso irmãozinho que a vaca não é brincadeira.

— Por isso mesmo. Nem ferrada a mulher dá para trás. Mas vou deixá-la no chão, embaixo dos meus pés, vocês vão ver — avisa. Eu tenho mesmo certeza disso. O cara está realmente tentando tomar a empresa dela.

— Espero que seu plano dê certo. — Levanto minha caneca para ele em sinal de brinde. — No meu caso, só quero resolver logo o divórcio de Olivia.

— E depois disso? O que vai fazer? — Magno

olha para mim, mas não espera eu responder. Em um tom cínico, completa. — Vai pegar a mulher para criar mesmo? Pense muito, mulher já é problema, essa aí já vem com um bagageiro inteiro nas costas. — Ele e Lorenzo riem, mas param e, no mesmo instante, ficam sérios e de olhos meio saltados. Lorenzo pigarreia e me olha. Viro para a porta, e Olivia está lá sem saber para onde correr. Ela se vira para sair correndo. Jogo uma maçã em Magno e corro até ela.

— Oi. — Seguro em seu pulso. — Você levantou. — Há alguns hematomas em seu rosto, nada muito sério. Rapidamente, ela tampa com o cabelo.

— Desculpe, eu... — ela tenta falar, mas está gaguejando e rosada de vergonha. Está maravilhosa na minha calça muito larga dobrada nos pés,

camiseta branca e com os cabelos soltos. Agora que já está aqui, não adianta mais escondê-la desses dois filhos da mãe.

— Está com fome?

— Eu... — ela olha para Magno e Lorenzo parados — vou ao banheiro.

— Venha aqui rapidinho. — Abraço-a e a levo para a cozinha. Lorenzo limpa a boca e fica duro como estátua. Nitidamente, tenso.

— Os dois babacas são meus irmãos: Magno e Lorenzo. Babacas, essa é a Olivia.

— Ah... Oi — fala timidamente. — Romeo me falou de vocês.

— Romeo é um doce. — Lorenzo pisca cinicamente para mim. Reviro os olhos. Magno, o
NACIONAIS - ACHERON

mais atrevido, levanta-se e vem galante em direção a ela.

— É um prazer conhecê-la pessoalmente. Meu irmão fala de você também, só não comentou certos detalhes. — Ele dá uma olhada descarada para o corpo dela. Quero matar Magno. — Agora eu sei por que o Romeozinho está louco por você.

— Ah, vá se foder, rapaz! — Dou uma cotovelada nele. Olivia fica mais rosada ainda.

— É, não ligue para o que ele fala. — Lorenzo fica do meu lado. — Mas que você é gostoso... quer dizer, bela, isso é verdade.

— Oly, pode ir ao banheiro enquanto expulso esse pessoal da minha casa? — Ela sorri para mim e depois volta-se para eles e dá um tchauzinho.

Esperamos ela se afastar completamente, mancando. Então olho para eles.

— Sumam!

— O que foi cara? Só por que elogiamos a garota? — Magno contesta.

— Cantou ela na minha cara. Não é para o bico de vocês.

— Eu ficaria arriado por uma gostosa dessas — Magno avalia. — Retiro tudo que disse sobre você estar apaixonado. Olivia é melhor pessoa.

— Melhor pessoa mesmo — Lorenzo concorda com o pervertido.

Depois que faço os dois irem embora, dizendo que não vou trabalhar agora pela manhã, eu subo correndo para o quarto. Olivia está saindo do

NACIONAIS - ACHERON

banheiro. Ela olha ente mim e a porta, verificando se havia mais gente.

— Eles já foram. — Ela cruza os braços diante dos seios e dá de ombros, curiosa, intrigada.

— Aquilo que ele disse... sobre eu ser um proble...

— Não. Nem venha com essa história, Olivia. — Coloco um dedo nos lábios dela. — Magno é um imbecil. Apenas um por cento do que ele diz é de bom proveito. — Esfrego a testa dela para tentar diminuir as rugas de expressão. — Esqueça. Minha opinião é o que vale.

— Certo!

— Certo mesmo?

— Sim. Peguei sua escova de novo — explica,
NACIONAIS - ACHERON

apontando para o banheiro. — Abraço-a, enfio minhas mãos por dentro da calça e acaricio a bunda roliça dela.

— Ok. Quer tomar café comigo ou quer tomar um banho comigo?

— Eu quero ver Pink — fala preocupada.

— Posso te levar até ela. Mas qual é sua decisão? Banho ou café? — Olivia sorri e relaxa, abraçando meu pescoço.

— Vamos acabar tendo que fazer os dois, não é?

— Sim. Foi só uma pergunta de praxe. Venha, eu deixo você ensaboar meu corpo. — Pego-a nos braços. Olivia passa o nariz no meu pescoço e beija meu queixo.

— Acordar às oito, ensaboar um homem e tomar café que eu não fiz... — Com um brilho divertido, Olivia reflete — esse, sim, é o começo de dia que sempre pedi a Deus.

— É só o primeiro — afirmo, entrando com ela no banheiro.

— Você os conheceu?

— Sim.

— Pessoalmente? Tipo olho no olho?

— Sim, Kate.

— Como é o das oito seguidas? Gostoso? —
Fico rosada de vergonha, mesmo estando sozinha
na sala de Romeo falando ao celular.

— Ah, Kate... — Olho minhas unhas.

— Pare, Olivia. Você é mulher, tem um

gostoso aos seus pés, sabe me falar isso.

Penso nos irmãos de Romeo. São bem bonitos, de verdade. Nem imaginava que homens tão lindos existiam. Quer dizer, eu já tinha visto alguns, o filho mais novo de Ludovico é um pouco bonito, mas a idiotice o deixa horroroso.

— Sim, eles dois são e são bem atrevidos. Ficaram me... sei lá, elogiando na frente do Romeo.

— Descaradamente? — Kate grita eufórica no meu ouvido. — É dos meus.

— Sim. Fiquei envergonhada.

— Só você mesmo. O que eles disseram?

— Nada Kate. Coisa que homens dizem. — Ouço um barulho alto e Kate xingar. — O que
NACIONAIS - ACHERON

houve?

— Fechei a janela. O novo inquilino está me deixando pirada, Oly. E só tem duas semanas que mora aqui. Meu pai que arrumou esse sem-vergonha. Acho que é um velho tarado. Eu flagrei a sombra dele me espreitando ontem pela janela.

— Cruzes. Você nunca o viu?

— Ainda não tive a oportunidade. Ele sai o dia todo e, quando volta, é só para fazer barulho. Mas conte-me amiga, quando vai me inserir na sua nova roda de amigos gatos?

— Eu não tenho roda de amigos gatos. Preciso de um favor — corto imediatamente esse assunto.
— E eu preciso de um favor seu — Kate resmunga, depois faz uma pausa e se rende. — Deixe pra lá. Eu arrumo meus próprios garotos. O que quer que

eu faça?

— Tenho uma ordem judicial para ir buscar minhas coisas na casa do Ludovico. Quero que vá com meu advogado. Sei que, se ele não estiver lá, um dos filhos deve estar...

— E eu sei lidar melhor com aqueles entojados. Beleza, eu vou. Quer o quê? Suas roupas?

— Sim. Pegue também tudo que puder do quarto de costura, meus documentos estão em uma bolsa preta com um broche dourado.

— E como está aí com Romeo?

Vê isso brincando nos meus lábios? Chama-se sorriso. Ainda não acredito que estou em uma nova vida, parece que, a qualquer momento, eu terei que voltar para a casa de Ludovico, mesmo tendo

passado por algo que ainda me causa calafrios, eu estou feliz ao extremo... ainda mais hoje. Romeo cuidou de mim, tomamos banho e ele preparou café. Ele me falou do divórcio e perguntou se é minha vontade. Aceitei na hora. Não quero carregar o nome de Ludovico. Romeo já mandou preparar os papéis e trará para eu ler e aprovar. Olha só isso: eu, Olivia, tendo uma opinião. Ele quer que eu leia e aprove. Quando eu pude aprovar alguma coisa na minha vida? Nunca.

— Olivia? Desmaiou? — Kate me acorda do meu sonho real.

— Está tudo bem. Ele foi à empresa e disse que volta logo. Compramos comida no almoço, e ele prometeu preparar o jantar. Estou animada. Nunca ninguém cozinhou para mim.

— Nunca ninguém fez nada por você. Estou

NACIONAIS - ACHERON

feliz com sua liberdade. É ótimo recomeçar com um cara como Romeo. Ele a ama.

— Ah! Sem essa, Kate, sei que ele gosta de mim, mas não tanto...

— É por que você não é acostumada ao amor. Eu vi nos olhos dele quando chegou à delegacia. Você não viu? — Lembro do horror doloroso nos olhos dele e do brilho de algo como alívio ao me ver. Será?

— Kate, o que eu faço se ele... sei lá, se declarar?

— Pule em cima dele e o faça ver estrelas. Mas só confesse de volta se, verdadeiramente, sentir o mesmo.

Eu estava para dizer a Kate que eu acho que

estou apaixonada sem nem mesmo ter estado apaixonada para reconhecer os sinais. Mas então, ele entrou na sala. E está acompanhado.

— Kate, vou desligar. Romeo chegou.

— Certo. Ligue-me mais tarde, um beijo. — Desligo o celular que Romeo deixou para mim e coloco as mãos na boca.

— Olhe quem está aqui — ele fala e solta a guia que prende a coleira de Pink. Mancando, com a perna enfaixada, ela vem correndo até mim. Meio sem jeito, ela pula no sofá, e eu a abraço.

— Oi, meu amor. Você está bem? — Afago o pelo macio e cheirando a xampu. Deram banho nela na clínica. Romeo vem e senta com a gente enquanto Pink me lambe desesperada, soltando pequenos gemidos de saudade.

— Ela estava fraca, perdeu sangue — Romeo explica passando a mão no pelo dela também. — Mas já levou uns pontinhos na cabeça e está tudo bem. Na pata, foi só uma torção.

— Graças a Deus. — Respiro aliviada.

Deixamos Pink ficar mais um pouco, depois, apoiei em Romeo, e fomos levá-la para descansar. Romeo tem uma bela casa, ele ainda não me mostrou tudo, mas sempre dou de cara com um novo lugar que me tira o fôlego. Saímos por uma porta na cozinha e me deparei com uma bela área de recreação. Há uma parte coberta; do outro lado, uma piscina com espreguiçadeiras e um enorme gramado. Pink vai mancando se divertir, conhecer o ambiente, e Romeo me abraça.

— Como está se sentindo? O pé ainda dói?

— Um pouco. — Passo a mão no ombro dele, meneio a cabeça de lado. — Estou bem, mas ainda sem graça por estar aqui dando trabalho.

— Ignore essa parte. A casa é minha, você é minha, não entendo o problema. Venha, massagear seu pé. — Ele se curva, enfia um braço nas minhas pernas e me ergue do chão.

— Romeo!

— Nada de andar. — Não há o que fazer senão encostar no ombro dele enquanto sou carregada para dentro. Romeo deixa a cozinha, a sala e vai em direção ao quarto. Sou colocada na cama dele, rapidamente, tento me sentar, mas ele me empurra de volta para os travesseiros.

— Quieta, Olivia. — Sentado, ele descarta os sapatos e as meias. Depois levanta e começa a se

despir.

— O que está fazendo? — questiono, vencida e recostada nos travesseiros.

— Vou fazer uma massagem.

— E precisa ficar sem roupa?

— Preciso. — Recebo um sorriso sexy.

Ele fica só de cueca preta, a ajeita nas pernas e vem para a cama, exibindo toda sua masculinidade suculenta. Mordo o lábio involuntariamente, não canso de vê-lo sem roupa, de admirar cada parte desse enorme corpo todo esculpido.— Vamos tirar essa roupa? — Ainda estou com a camiseta dele, ele nem espera eu dizer sim ou não e já vai subindo-a, levanto os braços para ela passar pela minha cabeça. — Ninguém recebe uma massagem

vestida — alega. Empurra-me mais uma vez, me fazendo deitar.

— Mas é no pé — contesto.

— Mesmo assim, Olivia. É regra, eu sou o massagista, digo o que fazer, você precisa aceitar.

— Ele me deixa só de calcinha.. Coloco, sutilmente, um braço sobre os seios, e Romeo senta na cama, puxando meu pé para o seu colo. Ao seu lado, noto um vidro de óleo.

— Vou arranjar umas roupas para você.

— Não precisa, Kate vai pegar as minhas hoje.

— Ele assente e foca no meu pé.

Romeo desenrola a faixa do pé, deixa de lado e analisa como se fosse médico.

— Parece menos inchado — constata, pega o

vidro de óleo e joga alguns pingos nas mãos, esfrega uma na outra e começa a massagear bem de leve, só passando as mãos quentes. — Tudo bem? — Olha-me interessado.

— Sim.

— Fale se doer. — Balanço a cabeça anuindo. As mãos grandes dele abraçam meu pé.

— Tomei a liberdade de marcar uma consulta para você — ele fala para meu pé.

— Consulta?

— É, ginecologista. Ela vem aqui — ele olha no relógio — ainda hoje. Não se preocupe. — Ouço a notícia e tento me levantar, desconcertada. Fico meio sentada.

— Romeo... por que fez isso?

— Para deixá-la à vontade.

— Como assim? — À vontade? Estou tremendo, extremamente constrangida. Ele sorri e agora me fita, ainda massageando meu pé.

— Comer você sem nada entre nossas peles, Olivia. Entende agora? Volte a deitar para eu continuar meu trabalho.

Uau! Ele é bem direto. Intenso de um jeito delirante.

— Eu... nunca tomei isso. Pílulas.

— Talvez a injeção seja mais prática, como você não tem costume, pode se atrapalhar e esquecer.

— Mas Romeo... — pigarreio, ajeito os cabelos atrás da orelha e o encaro — soa tão... inadequado.

— Relembro as doutrinas da minha casa, tudo que meu pai sempre abominou, como por exemplo, pílula e ligação de trompa. Minha mãe falava o mínimo de sexo comigo, mas certo dia eu flagrei, nas coisas dela, uma tabelinha de dias férteis, pois ela não podia utilizar nenhum método contraceptivo.

— Inadequado por quê? Eu não tenho problema de saúde e, segundo um exame de fertilidade que fiz, sou bem potente, modéstia à parte. Muito fértil, eu quero dizer. E ainda não queremos um bebê. — Ele força os dedos no meu pé, de olho em mim. Um olhar muito devasso, que promete coisas delirantes, sinto um arrepio. Ofego e ele completa. — Por isso, quero deixá-la à vontade para transar comigo sem se preocupar com nada.

Como isso é possível? Estou em chamas, de calcinha molhada só em ter ele tocando meu pé e me falando essas coisas de maneira técnica. Romeo, de alguma forma, percebe minha condição e alivia as pressões no pé, indo para a canela.

— Quer que eu massageie algum outro lugar?
— sussurra.

Quase pedi: meus seios. Droga, nunca tinha sentido meus seios endurecerem de expectativa, pura excitação. Ele se levanta, noto que o volume em sua cueca está bem maior. Como eu ainda não me acostumei? Ele é lindo! Romeo pega uma sacola, pega algo dentro e volta para a cama. Ele passa uma pomada onde está um pouco inchado e abre uma nova bandagem. Enrola com cuidado no meu calcanhar e olha satisfeito para seu trabalho bem feito. Tira todas as coisas da cama, vai ao

criado-mudo, pega um preservativo e o balança para mim.

— Será que eu sou muito desalmado por já querer te devorar?

Não respondo. Como? Cadê minha voz? Estou excitada demais com esse homem tentador como o pecado, só de cueca, ao meu lado, insinuando que quer coisas comigo. Uau! Que calor terrível.

— Tudo bem. Eu estou sendo mesmo precipitado — diz com os lábios bem perto dos meus, — Só quero que saiba que estou aqui de pau explodindo, cheio de carinho para dar. — Ele joga o preservativo em cima do móvel e vem para a cama, pairando, cada mão em um lado do meu corpo, sustentando seu peso. — Estou com necessidade de te dar carinho, Oly. — Ele abaixa o rosto e dá um beijinho acima dos meus seios. —

Acha que posso usar minha boca para isso? — Ele segura de leve meu queixo e o empurra para cima, assim, meu pescoço se expõe e ele vem arrastando a língua até meus lábios, abocanhando-os num beijo farto, de boca inteira, forçando-me a entregar a ele minha língua e meus lábios.

Ah, Romeo! Você pode usar tudo o que quiser.
Ele afasta-se do beijo, deixando-me em chamas contra os travesseiros. Como eu sou fácil.

— E então? O que me diz? Tenho sinal verde ou quer ficar sozinha.

Ah, Jesus! Olhe esses lábios bem desenhados, úmidos pelo beijo.

— Não! — grito, segurando firme nos braços dele. Romeo ri. — Não ouse sair. Estou sentindo umas coisas que você tem que dar um jeito.

— Estou aqui para isso — ele fala e volta a me beijar. Que dor de pé que nada. Nesse instante meu corpo é egoísta, quer saber apenas de acabar com esse tumulto aqui dentro, envolvendo ventre, vagina e estômago, não quer mais nada. Tem gente que precisa tomar álcool para esquecer alguma coisa, eu preciso só do Romeo nessa cama para esquecer meus problemas e pensar em me reerguer. — Você é uma loucura. — Puxa meu braço sobre os seios. — Tire o braço, nada no caminho do Romeo. — Olha meus seios livres, mordendo os lábios. — Vamos lá. — Ele abaixa as mãos e segura os dois de uma vez.

— Uau! Oly! — Geme para si mesmo e abaixa, beijando cada um deles. Depois, lambe um mamilo de cada vez e chupa em seguida. Ah, que alívio! Ele não demora muito ali, vai descendo e chega à minha calcinha. Descarta a peça e abre minhas

pernas. Já sei o que vai acontecer, seguro mais forte nos lençóis, sinto um bolo na minha garganta e meu coração acelera.

Quando a boca dele toca ali, meu quadril, instantaneamente, se ergue e meu grito sai sem eu perceber. Romeo sorri e continua satisfeito pelo que acabou de causar em mim. Lambe, chupa, manipula cada dobra, com seu dedo, acaricia meu interior, deixando-me pirada, cada arremetida lenta do seu dedo dentro de mim, me faz gemer, me contorcendo. Ele continua chupando, segurando minha perna com uma mão e com a outra, fazendo loucuras. O orgasmo se aproxima, eu conheço o desespero se formando, o delicioso prazer dolorido implorando por libertação e então, ele para.

Eu estou trêmula, coloco a mão na minha vagina e tento gesticular. Minha voz falha e ele fica

sorrindo, impiedosamente.

— Rome...o!

— Apresento seu primeiro orgasmo suspenso.

— Por que fez isso?

— Se importa se eu terminar o serviço usando meu pau? Estou bem necessitado aqui. — Ele quase implora.— Eu choraria se não usasse — exclamo, surpreendendo-me pela minha resposta ousada.

Ele também fica momentaneamente surpreso, mas se recompõe rápido. Romeo levanta em um pulo, fica de pé ao lado da cama, tira a cueca e me deixa babando pelo seu órgão vistoso e grosso com a ponta melada. Ele é um espetáculo. Romeo abre o pacotinho sob meu olhar, desenrola o preservativo e já sobe na cama, abaixa o rosto e chupa, mais um

pouco, minha vagina que escorre enlouquecida, em seguida, ajoelhado sob as pernas, começa a forçar o pênis contra minha entrada. Sinto a pressão, a cabeça entra, ele rosna, e eu relaxo, segurando firme nos lençóis. Romeo avança e me preenche, eu piro. Ele acha um ângulo bom, se ajeita entre minhas pernas, deita em cima de mim e me beija.

— Abrace-me, Oly. Vamos balançar — avisa, eu o abraço, sentindo seus músculos. Adoro abraçá-lo e adoro quando ele começa a se mover enquanto me beija. Perdendo o controle, eu elevo meu quadril, levantando da cama para senti-lo mais fundo, ele sorri e geme ao mesmo tempo, deixando-me enlouquecida, ele fecha os olhos, suas expressões na face são de puro prazer, é lindo vê-lo concentrado assim em cima de mim. Balança o quadril para os lados, faz círculos e começa a sair e entrar. Desço minha mão, seguro a bunda dele e me

arrepio, ficando ainda mais excitada. Tudo isso junto me faz entrar em um entorpecimento delirante, e eu me acabo em espasmos junto com Romeo, que está vibrando em cima de mim.

Nos abraçamos forte, restabelecendo a respiração. Já comentei como amo abraçá-lo, assim, meio suado, depois do sexo? Ah, sim, já comentei.



Bem mais tarde, a médica chega, e Romeo explica que eu estou machucada e não quis ir ao consultório dela. Apresenta-me como sua namorada, e a senhora de cabelos negros sorri caminhando em minha direção.

Romeo nos deixa a sós, e a mulher faz todo tipo de pergunta. Nunca me senti tão envergonhada. Ao menos algumas coisas eu sabia muito bem

responder. Como ciclo menstrual, o meu é estável e não sofro muito com cólicas. Fiquei vermelha como um pimentão quando ela me perguntou se Romeo era um parceiro fixo. Assenti na mesma hora. E ela esclareceu que é porque, se eu tivesse outras pessoas, mesmo com o anticoncepcional, eu teria que me proteger.

Depois de responder as perguntas, ela me examinou brevemente e perguntou se eu tinha preferência, e eu, em um sussurro disse que uma injeção seria bom. Ela fez o receituário, para dois tipos: injeção ou pílula, para que eu decidisse. Aconselhou-me em como proceder com o uso de anticoncepcional. Ela se despede, Romeo a leva até a porta e volta-se para mim.

— Um café seria bom? — propõe, sentando ao meu lado. — Estou faminto.

— É, pode ser.

— Tudo bem? — Ele segura na minha perna.

— Sim.

— Bem mesmo? — Dou de ombros.

— É meio estranho para mim. Estou mergulhando de cabeça. Você está me puxando, na verdade, em um mergulho... — engasgo e não termino. Ele assente.

— Está arrependida?

— Não. Assusto-me, porque você... é o que quero a cada segundo.

— Então não tem por que ficar preocupada. Eu também não estou conseguindo me manter longe de você. Estamos fazendo bem um para o outro.

— É — concordo. — Ele ri e me beija.

— Gosto mesmo de você, Oly. Não há a possibilidade de você fugir de mim. Tem noção disso, não é?

— Ah, Romeo! Sou tão fácil para você. Você nem precisa se esforçar muito.

Ele ri e me puxa para seus braços.— Você é minha gostosa fácil. Roubar você para mim foi minha melhor escolha.

— Eu fui roubada? — Levanto o rosto para olhá-lo.

— Sim — afirma na maior cara de pau. — Você está em cativeiro, é minha, toda minha. — Encosto o rosto no peito dele.

— Que Deus me perdoe, mas adorei ser
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

roubada do meu lar.

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

Olho para Olivia e ela não está com uma cara boa. Eu não vou me irritar com isso, ela não tem razão dessa vez. Está indignada por que Kate trouxe para cá, as coisas dela.

— Kate, eu não moro aqui — Olivia bufou revoltada. Evitei contestar, deixarei para mais tarde, quando estivermos sozinhos.

Kate nem liga, está mais interessada em olhar tudo a sua volta e falar mais que vendedor de carro usado. Já me elogiou na cara, já ficou de boca aberta diante da minha foto com meus irmãos e quis apontar o celular para tirar uma foto da foto.

Enquanto, ao fundo, soava a voz envergonhada de Olivia que só dizia: Para, Kate!

Eu desconversei sobre meus irmãos porque eu acho Kate uma pessoa legal. Ela é alegre, extrovertida, cheia de vida e não merece as sacanagens de Lorenzo e Magno. Lorenzo tem um foco, uma missão a cumprir. Então, se ele pegar a Kate, vai ser só por pegar. O rancor que ele guarda é maior que o espaço para qualquer apego. E, quanto a Magno, ele tem suas especificações: prefere as comprometidas, pois sabe que elas são mais discretas e tem mais limitações para começar a persegui-lo. E, dificilmente, fica com uma por mais de duas noites. Apresentar uma garota como Kate a ele, seria dar uma ovelha na boca de um leão.

Agora elas estão na cozinha enquanto eu

termino o jantar que tinha começado quando Kate chegou.

— E como estão as coisas com o Ludovico? Ainda preso? — Kate indaga, sentada à mesa com Olivia. Já servi vinho a ela e estou de costas, preparando um rápido macarrão.

— Tudo aconteceu ontem, não há muitas novidades — falo. — Meu advogado está cuidando de tudo. — Penso também que Magno e Lorenzo estão cuidando para que outro tipo de justiça seja providenciado.

— Divórcio? — Kate quase grita.

— Sim, claro. — respondo. Olivia está muda. — Não vou permitir que ela tenha qualquer pingão de relação com ele.

— Posso cortar alguma coisa, Romeo? Eu poderia ajudar... — Parece que Olivia está mais preocupada em querer cozinhar.

— Não, Oly, estou bem. Fique aí quietinha.

Ela parece inquieta, desconfortável, acho que ainda não absorveu esse clima, como se ela morasse aqui. Eu ainda não falei com ela que não vou deixá-la partir facilmente e ir morar com Kate.

— Eu achei que você ia dar um cacete no velho. — Olho por cima do ombro nem um pouco surpreso com a sinceridade da amiga de Olivia. Kate bebe o vinho sob o olhar surpreso de Olivia.

— Kate! — Oly esbraveja.

— O que foi, Olivia? Vai defender aquele verme?

— Não. Mas falar essas coisas com o Romeo...

— Por que você não bateu nele Romeo? —
passando por cima do constrangimento de Olivia,
Kate pergunta diretamente.

Sinto meu corpo enrijecer. Não posso dizer a verdade, o porquê de eu não ter batido nele, planejo contar sobre o meu namoro com Jaqueline depois do nosso cruzeiro romântico, o que eu arrematei no leilão.

— Eu ia mesmo, Kate, mas, quando cheguei à delegacia, ele já estava em poder da polícia. Sem falar que, se eu o pegasse, acabaria matando-o. —
Pego os pratos e levo para a mesa onde elas estão.

— Eu ajudo. — Instintivamente, Olivia se coloca de pé.

— Sente-se, Olivia. — Coloco ela de volta na cadeira e beijo seus cabelos. — Garota teimosa.

— Ai, que amor! — Kate suspira. — Deus não dá asa à cobra, se fosse comigo... — Olivia revira os olhos, aparentemente sem forças para reclamar com a amiga.

— Eu acho que Ludovico não vai se negar a dar o divórcio, ele não vai perder nada. Olivia não quer nada dele.

— Não sei, Romeo. Como eu disse, o filho dele está bem indignado, ele me falou absurdos, ficava atrás de mim, xingando enquanto eu pegava as coisas de Olivia. E acabei falando demais.

— O que disse? — Eu e Olivia falamos ao mesmo tempo, pasmos, olhando para ela. Esperamos impacientes ela tomar o vinho.

— Ele insinuou que Olivia tinha um amante, e eu falei: Quer saber? Tem mesmo, um cara bem mais novo e que dá conta do recado.

— Kate! Meu Deus! — Olivia abaixa o rosto nas mãos.

— Só isso? — questiono.

— Sim. Nenhuma menção a você. — Respiro aliviado.

— Calma Oly, ela só falou verdades. Dou mesmo conta do recado. O macarrão está pronto.

— Eba! — Kate grita. — Relaxe, amiga, ouviu o gato, eu só falei verdades. — Vejo Kate fazer um carinho na mão de Olivia que não consegue segurar um sorriso.

Nos sentamos, as sirvo e ralo o queijo por cima

NACIONAIS - ACHERON

de cada prato.

— Hum...! Parece bom. — Kate olha o prato por algum tempo, eu fico esperando elas provarem. Olivia come um pouco e arregala os olhos para mim.

— Está bom? Ou apimentado demais?

— Você cozinha muito bem... Eu... nunca achei que um homem... quer dizer, segundo meu pai, um homem não faz esse tipo de coisa. Está uma delícia.

— Seu pai é um frouxo, Oly — falo, sabendo das coisas que ele pratica por aí. — Olivia não contesta, comprime os lábios e fica olhando o prato.

— Isso está muito bom mesmo! — eufórica, Kate exclama. — Oly, amiga, você me mataria se

eu dissesse que amo seu...

— Como está o cara que vai casar com minha irmã? — Olivia quase grita interrompendo a amiga, ela previa uma pergunta constrangedora. Olho para Kate, ela abana a mão, como se dissesse: deixe pra lá. Volto-me para Olivia que recobra, aos poucos, a cor original. Estava vermelha como pimentão.

— Está empolgado. Segundo Magno, ele gostou da sua irmã.

— Claro que gostou. — O tom de Kate é mais que irônico, é maldoso. — Ela é linda, vinte anos, inocente e virgem. Sinto pena dela.

A garota só fala verdades mesmo. Magno e Lorenzo precisam de um choque de realidade assim.

— Já foram apresentados? — Olivia ignora a amiga, está de olhos arregalados para mim. Amo quando ela fica assim, perplexa. Olivia é tão expressiva, cada sentimento transborda feito neon em seu rosto.

— Sim. — Franzo o cenho. — Você não sabia?

— Não tenho muito contato com minhas irmãs... Sou casada, e meu pai achava que eu poderia contar coisas a elas antes da hora.

— Você era casada — corrijo. — E agora que está comigo pode interferir na vida da sua irmã. Quer isso?

— Como eu faria isso?

— Vou pensar em algo. Agora coma. — Aponto para o prato dela.

Depois que Kate foi embora, eu fui para a sala com Olivia ver as duas malas e algumas caixas com as coisas dela. Como Pink ainda está zonza pelos analgésicos, ela fica só deitada no tapete, olhando para a gente. Abaixo, ficando de cócoras diante das malas.

— Posso ver? — pergunto, já puxando o zíper.

— Ver o quê?

— O que você tem aí.

Abro a mala e encontro uma enorme quantidade de vestidos. Pego um, dois, três, vou empilhando na minha perna, apenas vestidos. Recordo-me que, sempre que eu a via, ela estava de vestido. São bem parecidos, floridos ou sem estampas, mas todos com mangas, sem decote e abaixo do joelho. Ela geme ao ajoelhar do meu

lado.

— Você não tem muitas opções de roupa — analiso, deixando os vestidos de lado e indo para a outra mala. Encontro blusas e saias. — Não tem jeans? — Continuo olhando, ela não responde e nem precisa. A maioria das roupas são desgastadas, como se ela fosse uma mulher sem condições, entretanto, o marido é rico.

— Eu fazia a maioria das minhas roupas — ouço o murmúrio dela e deixo a mala de lado. — Minha mãe comprava minhas roupas, e eu evitava isso, ela comprava para mim o mesmo que escolhia para ela, sempre disse que eu deveria andar como uma mulher casada. — Balanço a cabeça anuindo.

Alcanço uma bolsa pequena, de festa. São poucas bolsas, três apenas, e menos de meia dúzia de pares de sapatos. É triste saber que uma mulher

NACIONAIS - ACHERON

nova não tinha vaidade alguma e ainda era desencorajada por ser casada. Olivia arranca a bolsa da minha mão antes de eu abri-la. Está eufórica.

— Oh, Deus! É a bolsa que eu usava na festa.
— Ela abre rápido e vê ali dentro um celular. Ela fica olhando o aparelho e depois me olha muito assombrada.

— O que foi?

— Romeo... esqueci de pedir a Kate que pegasse o celular clandestino.

— Clandestino? — Sorrio, levantando as sobrancelhas para ela.

— O que você me deu. — Olivia agita as mãos, em desespero. — Se Ludovico pegar...

— SÉrio? Onde ele ficou? Não está aqui? —
Aponto para uma das caixas.

— Não. Eu o mantinha escondido no quarto de hóspedes, aquele que a gente... — Ela evita falar, deixa subentendido, e murmura terminando —
Atrás da cabeceira da cama.

— Fique calma. Ninguém vai mexer em nada lá. Ninguém vai mudar móveis ou fazer faxina, ainda mais em um quarto que ninguém ocupa. Ludovico vai ficar algum tempo preso e, se um dia alguém encontrar, foda-se, não terá mais o que temer. Todo mundo já estará sabendo que você é minha mulher. — Ela exhibe uma bela carreira de dentes em um sorriso encantador. Meio tímida, com bochechas rosadas, ela concorda.

— É, eu sou.

— Minha mulher? Concorde fácil assim? —
Olivia não para de sorrir e nem desvia o olhar dos meus.

— Eu já superei, Romeo, aceitei ser arrastada para um mundo de pecado.

Solto uma gargalhada, levanto-me e a puxo pelos braços, fazendo-a ficar de pé, bem pertinho de mim. Tiro uma mecha do olho ainda um pouco roxo, meu sangue ferve de raiva mais, mas, quando olho para os lábios macios e adoráveis, eu deixo pra lá.

— Mundo de pecado, é? — Pego Olivia nos braços e caminho para o quarto. — Seu diabo aqui vai te colocar na cama.

— Diabo? — Olivia ri.

— Sim, quem coloca os inocentes no mau caminho.

Evitei o sexo. Já tivemos hoje porque eu não consegui me segurar, mas tenho que dar um tempo a ela. Então, apenas deitamos abraçados e dormimos. Olivia dorme quietinha, bem agarrada ao meu corpo, como se buscasse segurança. Senti-me confortável com o corpo quente e delicado enrolado ao meu.

Acordei primeiro, como sempre, não consigo ficar muito na cama. Queria, dessa vez, poder ficar muito tempo ali, na verdade, fiquei mais que o normal. Acordei às seis e fiquei trinta minutos acordado, apenas abraçando-a.

Tive que resolver umas coisas, então me levantei, tomei um banho rápido e fiz umas ligações. Ligo para Saulo, meu assistente, e peço

NACIONAIS - ACHERON

para suspender meus compromissos da tarde, precisarei da tarde livre para o que tenho em mente. Respondo uns e-mails, espero dar sete horas e ligo para Magno, que já está de pé. Para minha alegria cruel, ele conta que Ludovico recebeu o recado e foi levado ao hospital ainda em custódia da polícia. O advogado não conseguiu ainda o habeas corpus.

— Foi grave assim o recado que o velho recebeu? — Ligo a cafeteira e espero recostado com o celular no ouvido.

— Mais ou menos. Ferdinando, o carteiro, entregou direitinho o recado. Ludovico fraturou o braço em dois lugares, alguns hematomas e uma costela quebrada.

— Vixi! Foi muito.

— Que nada. Logo ele se recupera. Ferdinando

disse que ele ficou gritando que não queria confusão, que poderia dar dinheiro e, no final, quando soube porque apanhava, ficou quieto, com cara de vingança.

— Isso tenho certeza que ele não poderá fazer. Olivia está comigo, daqui a pouco, estará divorciada e pronto.

— Também acho que ele não fará nada quando se recuperar e sair da prisão. Ele estará mais preocupado com a empresa se diluindo — Magno concorda comigo, tranquilizando-me mais. — Quando vai dar o golpe de misericórdia?

— Assim que ele estiver bom o suficiente para aguentar meu veredito de que não o quero mais associado ao nome da Orfeu.

— Beleza! Me chame no dia, quero ver.

Olho para a porta e vejo Olivia aproximando-se. Ela também é acostumada a acordar cedo. Quando lembro que aquele filho da puta a fazia acordar às cinco da manhã para fazer pão, meu coração incha de raiva.

— Ok. Estarei daqui a pouco na empresa. —
Desligo e dou a volta para recebê-la.

— Já de pé? — Abro os braços para ela. Olivia abraça minha cintura e cola o rosto no meu peito.

— Gosto da sua cama, gosto do seu cheiro nos travesseiros e do calor, mas fica ruim sem você lá.
— Ela levanta os olhos para mim.

Noto que ela avança um patamar de cada vez. Olivia está, aos poucos, derrubando as próprias barreiras. Com a liberdade que dou a ela, com a intimidade que estou proporcionando, ela está

confiando mais em mim e confessando, de modo ainda involuntário, tudo o que sente. Coisa que ela nunca foi ensinada a fazer.

— Queria poder passar o dia com você lá. Ainda devo uma foda matinal, nossa primeira. — Ela enrubesce, mas sorri, abana a cabeça como se dissesse que eu não tenho jeito e volta a descansar o rosto no meu peito.

— Nunca achei que um dia ouviria alguma coisa assim e gostaria. — Ela levanta os olhos por cima do meu ombro, espiando a cozinha. — Está fazendo café?

— Sim. Venha, sente-se ali. Depois, vou te levar para a cama e te dar um pouco de carinho e gritos. — Olho ela andando comigo e meus olhos pousam em seus pés. — Já pode andar numa boa?

— Já. — Olivia senta-se no banquinho, e eu vou fazer o café.

— Quero te levar num lugar hoje à tarde, mas não vou dizer. É surpresa.

— Eu não sei... se posso sair com você. É cedo demais, Romeo.

— Não se preocupe. Tomaremos cuidado.

Tiro os pães italianos que estavam esquentando no forno, levo manteiga e leite para onde ela está sentada. Olivia está de olho no meu tablet. Volto para pegar o café.

— Ai meu, Deus! Romeo, mexi em alguma coisa aqui. Acode!

Olho por cima do ombro e a vejo aflita, mostrando-me o tablet. Vou para perto com as duas

NACIONAIS - ACHERON

canecas de café despreocupado. Não há nada que ela possa descobrir aí. Empurro uma caneca para ela. Olivia havia ligado acidentalmente o aparelho que ainda estava na minha página do Instagram.

— É meu insta.

— Insta? — Fita-me mais confusa ainda. Eu empurro o dedo pela tela e mostro a ela o nome da rede social, ela lê e me olha com uma interrogação pulando na cabeça.

— Basicamente, é uma rede onde se posta fotos, compartilhando com os seguidores. Esse é meu número de seguidores.

— Oitocentos mil? — Olivia me olha bem horrorizada.

— É. Menos que o Magno. Mas eu não

PERIGOSAS

costumo postar muita coisa. — Ela fica olhando para a tela, quase sem piscar. — Olhe minhas fotos. — Passo o dedo e entrego a ela.

— Nossa! É você? — O sorriso dela abre, admirando uma foto em que estou com um gorro e de cara lisa. Estávamos no estádio, assistindo a final da copa do Brasil.

— Sim. Sem barba.

— Nossa! Fica muito diferente — constata olhando entre mim e a foto.

— Prefere com barba? — Ela tira os olhos do tablet e me fita.

— Gosto de você de qualquer jeito. — Bem inflado pelo que ela diz, inclino-me e dou um beijo em seus lábios.

NACIONAIS - ACHERON

— Também prefiro você de qualquer jeito. Até sem roupa. — Cutuco ela com o cotovelo. Olivia sorri de lado, olha a foto mais uma vez e pega a caneca de café.

Assim que terminamos, eu a puxo para meu colo, impedindo que lave os pratos. Eu tenho que ir trabalhar, e ela não está cooperando, pois, antes de sair, preciso dar um pouco de amor a ela. Caminho com Olivia até a sala e nos joga contra o sofá. Ela grita e já cai em cima de mim.

— Romeo! Estamos na sala!

— Ainda não será nossa foda de sofá planejada, Oly, essa não será a oficial, será apenas uma rapidinha de bom dia. — Mesmo com ela batendo nas minhas mãos, consigo arrancar a camiseta e me deliciar com os seios belos, nem grandes, nem pequenos, são meu número exato.

— Meu Deus! Romeo! — Ela empurra minha cabeça quando estava prestes a chupar os seios empinados. — E se chegar alguém? A Vilma, seus irmãos...

— Ela não vai chegar. — Seguro as mãos dela atrás das costas. — Eu já liguei para ela não vir, para deixar você à vontade. Oly, não discuta comigo, deixe-me dar o que você merece. — Com as mãos dela bem seguras, aproximo minha boca e ataco seus lábios. — Tudo bem? — Ela balança a cabeça confirmando. — Ótimo. — Dou um giro, a jogo no sofá e abaixo minha calça, já deitando por cima. Seguro firme na garganta dela, e chupo um seio de cada vez. Olivia aperta meus bíceps e choraminga. Puxo a calça de moletom que ela veste, e está maravilhosa, sem calcinha.

Dou uma atenção especial a cada um dos

biquinhos rosados, arrepiados e esfrego meu pau bem duro contra a maciez pulsante. Olivia geme, continuo excitando-a nos seios até senti-la bem molhadinha. Sacolejo minhas pernas para a calça sair, a pego e tiro uma camisinha do bolso, já tenho que andar preparado, ao menos, até ela tomar o anticoncepcional. Encapo meu pau e começo a deslizar para dentro. Levanto o rosto e solto o ar em forma de um gemido. Olivia também geme e me aperta mais forte. Tocamos nossas testas, descanso um pouco, arfando juntos.

Dou algumas metidas bem suaves, fazendo-a se acostumar com o vai e vem, depois a pego, sento-me e deixo Olivia no meu colo.

— Sexo no sofá, Oly, você comanda. — Ajeito as pernas dela. Sinto meu pau bem no fundo e me arrepio.

— Como...

— Assim, olhe. — Seguro na cintura dela, ajudo-a a se levantar e descer, fitando seus olhos sem piscar. Olivia morde os lábios e sua expressão é de puro prazer quando desce até o fim. — De novo, lá vai. — Ela geme, suas unhas cravam nos meus ombros. — Vou entrar todo, Oly, aguenta aí. — Desço-a mais um pouco, forçando minhas mãos na cintura, e ela pira, tenta levantar, mas eu mantenho-a abaixada, aninhando todo meu pau. Olivia choraminga tremendo, apertando meu peito, e eu a puxo para me beijar e acalmá-la. Seu interior quente e apertadinho pisca em torno do meu pau. — Ok. Segure nos meus ombros — peço, e ela atende imediatamente. Faço-a ficar ereta de novo, sentada sobre mim. — De novo, está bem?

— Sim. — Ela sopra tremendo.

— Ok. — Seguro na cintura dela, forço minhas pernas e, com os pés no chão, eu impulsiono para cima, socando tudo e retirando rápido. Ela grita com o susto, e eu repito o movimento. Apoio meus pés e subo meu quadril, batendo contra ela. Meu pau entra todo e sinto-a escorrer de tanta excitação. Olivia geme, apertando as unhas no meu ombro, e eu começo um ritmo bacana, segurando-a firme, continuo socando, forte, firme e fundo. Repetidas vezes, bem rápido, as socadas começam a fazer um barulho alto junto com os gritos dela. Até que ela espalma as mãos no meu peito e me olha quase em desespero. — Tudo bem, já passou. — Paro meu pau dentro e a puxo para beijar. Fui muito rápido, muito intenso, e ela ainda não está acostumada.

Sem fala e ofegante, ela mostra o indicador para mim, como se pedisse um minuto. Rio e a puxo contra meu peito para me abraçar. Beijo-a até

senti-la se acalmando, meu pau entra em ação mais uma vez, bem lento, suave.

— Vai gozar agora, tudo bem?

— Por favor — ela implora, mantenho-a bem apertada contra meu peito, começo a socar de novo, numa intensidade mais baixa, e ela goza. Eu encho o preservativo em seguida, em potentes liberações, bem satisfeito. Mas não nos largamos. Já percebi como ela procura por contato ao fim do orgasmo. E eu dou isso a ela.



Deixei Olivia em casa sozinha enquanto fui para empresa. Na volta, comprei almoço para a gente e dividimos uma deliciosa refeição, só nós dois. Falamos de tudo, depois fomos para o quarto e dormimos um gostoso sono da tarde.

No fim da tarde, tomamos banho juntos, sem sexo. Estou tentando manter minha loucura um pouco contida para não sufocar Olivia. Sei que vou querer sexo à noite, então apenas tomamos banho, nos arrumamos, e eu convenci Olivia a vir comigo ao shopping. Ela passou um pouco de maquiagem no rosto para tampar o leve tom arroxado perto do olho. Eu vesti um casaco, coloquei um boné, óculos-escuros e fomos. Meu objetivo era fazer compras para ela, andar, sair de casa, mostrar novas coisas. No fim, acabei frustrado.

Olivia se recusou veemente a entrar em qualquer loja comigo. Ela olhava, com um brilho intenso nos olhos, para as roupas nas vitrines, mas dizia que ainda não estava preparada para entrar em lugares assim. Como ela já passou por algo traumatizante e viveu a vida sem opinião, resolvi aceitar. Mas de uma loja ela não escapou, a livraria.

PERIGOSAS

— Já adianto, Oly, que esse não foi nosso passeio oficial no shopping, já que você está decidida a boicotar meus planos. Já entrou em uma livraria?

— Sim.

— Gosta de ler?

— Você sabe, nunca tive como ler.

— Mas gosta de ler?

— Sim. Muito. — Paramos na porta, retiro os óculos-escuros.

— Vamos entrar, pegue o que quiser. Leve o tempo que for para escolher — falo.

— Mas...

NACIONAIS - ACHERON

— Nada de ‘mas’, Olivia. Deixe-me te dar, ao menos, alguns livros. Vamos. — Já irritado, entro com ela na livraria.

— Olá. — Uma jovem acena atrás do balcão.

— Minha namorada quer uns livros — digo sem largar a mão de Olivia.

— Romance? — a jovem pergunta para Olivia que está meio rosadinha.

— Sim, romance. — Olho para ela e fico satisfeito em ver a tentativa dela de ser comum, como se entrar numa livraria com o namorado fosse normal.

Enquanto ela e a jovem vão para um lado da livraria, eu dou uma volta, analisando o que posso levar.

— Romeo? — Olho de lado e vejo uma mulher, a que nos atendeu está de volta ao balcão, deixou Olivia escolhendo.

— Oi. — Fito a elegante mulher de cabelos curtos e bem lisos, de um loiro quase branco. — Ela olha o livro nas minhas mãos e semicerra os olhos.

— Não está me reconhecendo? — Viro o rosto, Olivia está distraída, lendo as costas de um livro.

Eu não sou como Magno e Lorenzo que não recordam os nomes das mulheres. É claro que lembro, uma das minhas ex. Só está um pouco diferente.

— Vanessa. Claro que lembro. — Ela abre os braços e sou obrigado a receber seu abraço. Afasto-me rápido.

— Nossa, há quanto tempo. — Ela passa a língua pelos lábios. — Você continua igualzinho. — Analisa-me de cima a baixo, sem tirar a mão do meu ombro. — Ainda está com a nojenta da Jaqueline?

Olho rápido para Olivia do outro lado, e ela está parada observando-me. Torço para que ela não tenha ouvido, se ela ouviu, eu estou lascado.— Não. Já terminamos — respondo num tom mais baixo.

— Oh! — Vanessa solta um gritinho e bate palmas. — Está solteiro de novo? Por que não me ligou? Eu jurava que você se casaria com ela.

— É. Não casei.

— Então vamos marcar e... — Ela para de falar e olha para meu lado, vejo Olivia empalidecida sem

saber ao certo o que está fazendo, querendo correr, querendo ficar.

— Oi? — Vanessa a olha intrigada. — Algum problema, flor?

— Não. — Olivia responde com a voz trêmula. Depois, vira para mim. — Amor, eu já escolhi.

Putá que pariu. A Olivia? Brigando por território? Olivia? Mesmo? Não consigo manter o sorriso fora do rosto e acabo encorajando-a a sorrir também. Estou pasmo.

— Ah, Vanessa, respondendo sua pergunta, não, eu não estou livre. Essa é minha namorada, Olivia. — Abraço Olivia pelo ombro. A boca de Vanessa vai ao chão. — Oly, essa é Vanessa, ex-namorada — falo a real para já cortar assunto.

— Oi — Olivia cumprimenta e continua ali, plantada ao meu lado.

Vanessa responde um ‘oi’, depois um ‘até logo’. E, em seguida: Foi bom revê-lo.

— Estou desmaiando de vergonha. Desculpe, tá?!

— Desculpar por quê? — Faço ela me olhar. — Por ver minha garota brigando pelo que é dela?

— Está vendo, Romeo? Você me faz fazer coisas impensáveis. Meu rosto está fervendo de constrangimento.

— E eu estou fervendo por você. — Vou para a ala de romance abraçando-a. A mão dela ainda gelada.

— Uma ex então... — ela murmura pensativa.

— Isso. — Levanto o queixo dela. — Uma ex significa passado, não interessa mais. — Ela anui, aceita meu beijo e faz uma pausa, olhando para mim. — Tudo bem? — questiono.

— Sim. Só estou pensando como te contar.

— Contar o quê? — Agora estou intrigado.

— Dois. — Ela mostra dois livros ali, separados. — Vou torrar seu dinheiro. — Olivia me encara com um olhar de culpa. Dou uma gargalhada, e ela fica sem entender. Puxo-a para meus braços ainda rindo.

— Ah, Oly, você me mata de paixão.

Depois de brigarmos no shopping porque Romeo queria que eu levasse a livraria inteira, e eu escolhi apenas mais dois livros, passamos em uma farmácia com a receita da médica e acabei trazendo os anticoncepcionais em comprimido, pois o injetável tem que ser tomado no primeiro dia da menstruação. Naquele momento, olhando para Romeo ao meu lado, eu tentei não refletir sobre o que estou fazendo.

É demais para meus princípios me proteger de gravidez e poder fazer sexo tranquilamente com um homem que não é meu marido. Mas então, eu me pergunto: que princípios são esses que devo seguir

NACIONAIS - ACHERON

que me fazem sofrer? Ele não é meu marido, mas é meu amante, namorado e amigo. Eu estou feliz onde estou, por mais que seja morando com um homem sem laços de matrimônio, eu estou sendo mais feliz do que quando tinha uma aliança no meu dedo. Eu não devo seguir uma doutrina que me colocava como submissa a minhas vontades e opiniões só por que meus pais acham certo. Tirei isso da cabeça e fui embora tranquila, em paz comigo mesma.

Durante o caminho de volta, estávamos calados. Ele ainda não aceitou o fato de eu não ter aceitado entrar em nenhuma loja para comprar coisas para mim. Não quero ser acusada de ser interesseira, assim que eu tiver trabalhando, compro minhas próprias coisas. Romeo já está fazendo muito por mim.

Assim que chegamos, por volta das sete da noite, ele disse que precisava fazer umas ligações e depois tomaríamos um banho juntos. Eu não me atrevi a sair do sofá. Não vou andar por aí sem conhecer o ambiente. Fiquei algum tempo olhando meu celular que Kate conseguiu resgatar, o que estava na bolsa de festa. Na tela, há notificações das milhares ligações da minha mãe. Fico pensando no quanto meu pai já deve tê-la feito chorar, culpando-a por eu ter deixado Ludovico e ainda o colocado na cadeia. Não posso negar que, apesar de tudo, estou preocupada com ela. Vou dar uma chance a minha mãe, vou ligar para ela e, se vier com quatro pedras para cima de mim, eu desligo. Ligo para a casa. E logo minha irmã atende.

— Oi... — digo baixinho.

— Olivia! — ela grita. — É você?

— Sim, Virginia, sou eu. Mamãe está?

— Meu Deus! O que houve? Onde você está? O que você fez com seu marido? Papai está espumando de tanta raiva.

— O que eu fiz? Como assim? — Coloco a mão no meu peito horrorizada. — Ele que fez comigo. Ele me bateu, e eu o deixei. Simples.

— Como assim, simples? Ele é seu marido poxa, ele dá tudo a você...

— Escute aqui, Virginia, eu não vou permitir que você me julgue por algo que não sabe.

— Não preciso saber. Ele teve um motivo. Se um marido chega ao ponto de agredir, é porque ele teve um motivo. — Nossa, essa vai sofrer na mão do pervertido que estão arrumando para ela. Vai

andar até na coleira.

— Dispensó sua ideologia retrógada. Já me libertei, sou outra mulher e, se depender de mim, aquele traste apodrece na cadeia.

— Olivia! Não fale assim dele. Não vai retirar a queixa?

— Não vou! Ele bateu na Pink. Isso não tem perdão. Meu advogado está ajeitando o divórcio. — Minha irmã solta um grito de terror.

— Divórcio? Como conseguiu um advogado?

— Virginia, apenas chame a mamãe. — Ainda com o fone na boca, ouço ela gritar: Mamãe, é a Olivia.

— Olivia, onde você está? Papai foi atrás da sua amiga doida, mas ela não sabe... — Ela não
NACIONAIS - ACHERON

termina de falar, minha mãe arranca o telefone da mão.

— Olivia. Onde você está?

— Estou descansando em um lugar, mãe. Só liguei para avisar que estou bem.

— Conte-me o que aconteceu! Por que saiu da sua casa e envolveu a polícia? — A voz dela vai ficando esganiçada. — Seu marido está no hospital, foi agredido na prisão.

— Ex-marido para começo de conversa, mãe — corrijo-a. — Ele foi agredido? — Coloco a mão na boca perplexa. Então a justiça veio cedo? Não comemoro, mas também não fico com pena.

— Sim, coitado. Um bandido bateu nele. Passou por uma cirurgia hoje e vai precisar fazer

fisioterapia.

— Coitado? Ele me agrediu, me machucou.

— Escute com atenção, Olivia. Você não pode tomar essa decisão assim, no calor do momento. Tem noção do que isso pode fazer com nossa família? Podemos ficar mal falados. Uma filha separada, meu Deus. — Prevejo minha mãe na sala clamando aos céus enquanto minhas irmãs caladas sofrem com ela.

— Mãe, eu não ligo para o que as pessoas falam. Eu sofri demais naquela casa, sendo empregada daquele asqueroso. Não quero ver aquele homem nunca mais na minha vida.

— Seu pai não vai perdoá-la. Ele está furioso, isso pode interferir nos negócios dele.

— Que bom. Essa é uma boa notícia, mãe. Quero mesmo que isso aconteça. Deus me perdoe pelo que vou falar, mas quero que o papai pague.

— Pagar o quê, Olivia? Só escute, não foi isso que a ensinei.

— Sim, você me ensinou a calar e aceitar, como você. Mas eu tenho uma vida toda pela frente e não posso entregar todo meu fôlego a um velho que me trai, me trata como uma empregada e ainda me bate. — Ela fica calada. Penso que desligou, mas posso ouvir a respiração acelerada. — Mãe...?

— Eu aguentei isso por vinte e cinco anos. Casei aos vinte e sempre soube qual era o meu lugar — murmura em um tom cortante.

— Na festa que fui com Ludovico, eu vi o papai. — Eu não ia contar, mas, talvez, ela até já

saiba — Ele estava com uma garota como acompanhante, alguém da minha idade. Mãe, a senhora tem quarenta e cinco anos, tem uma vida pela frente, dá tempo se libertar como eu. Não se destrua em revolta, mágoa e não abaixe a cabeça para quem não a merece.

— Não é assim que funciona, Olivia. Pensar com emoção não leva ninguém a lugar algum.

— Não ficou surpresa com o que eu contei sobre o papai?

— Sim, fiquei. Estou, na verdade. Mas o que vou fazer? Apenas volte, Olivia. Tire seu marido da cadeia e faça a coisa certa.

— Estou fazendo a coisa certa, mãe. Ludovico tem força para bater numa mulher, então deve ter força para suportar uns dias na cadeia. Logo ele

sairá, deve ter advogados bons. Até mais, tchau.

Desligo o celular e fico paralisada, pensando na maneira como minha mãe estava. Não me atacou como eu esperava, até estranhei. Apesar de ter insistido para eu voltar atrás, não foi de maneira rude. Pink entra na sala, ela tenta pular no sofá, mas eu a faço descer.

— Pink, não estamos em casa, pare com essa intimidade — dou um sermão. Ela deita no tapete, perto do meu pé. Fico tempos pensando em tudo que está acontecendo.

— Oi. — Viro para trás e vejo Romeo. Tento disfarçar a tensão nos meus olhos e sorrio para ele, traz um notebook aberto e senta-se ao meu lado.

— Tudo bem? — Olha em alerta para meus olhos.

— Sim. Tudo bem.

— Quero lhe mostrar uma coisa. — Ele se aproxima e aponta a tela do computador. Quero saber algumas coisas sobre você, conhecê-la melhor. Posso?

Sem saber onde ele quer chegar, eu balanço a cabeça imediatamente. Eu achava que ele já sabia tudo sobre mim.

— Eu vi suas roupas e fiquei curioso, já que você disse que sua mãe que sempre escolhia, quero conhecer seus gostos, Oly. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu não sei do que eu gosto...

— Por isso, eu busquei na internet esses catálogos de roupas e sapatos. — Ele empurra o

notebook para meu colo. — Quero que marque as roupas que você gostaria de usar para conhecermos seus gostos. — Olho para a tela e muitas imagens de roupas aparecem. — Vamos começar pelo que você mais conhece e está acostumada, que são os vestidos. — Mordendo os lábios, encaro Romeo e depois o computador. Eu nem sei mexer direito nessa coisa. — Apenas aponte quais as que mais a agradam — eu concordo e começo.

Os vestidos são lindos, cada um mais bonito que o outro. Assim que termino de marcá-los, ele passa para saias, depois para blusas e chega a calças. Até que foi divertido. Falar sobre roupas é uma coisa que amo fazer. Romeo é paciente e me ouviu com atenção enquanto eu dava minhas opiniões sobre algumas peças.

— Eu não uso calças — falo, levantando os

olhos para ele.

— Nunca usou?

— Sim, já. Não muito, mas já.

— Quer ver quais você usaria? Qual é seu estilo?

— Eu acabei me acostumando com saias, então não sei muito sobre calças. Mas acho que gostaria de algo assim, como essa, leve e folgada. — Aponto uma calça de alfaiataria. — Não sei se me sentiria bem com jeans.

— Tá. Vamos ver os sapatos?

— Sim. — Sorrio, esfregando as mãos em expectativa. Enquanto passamos várias páginas de sapatos, eu comentava sobre nunca ter tido muitos, ele ia marcando os que eu gostava. Até esqueci o
NACIONAIS - ACHERON

telefonema para minha mãe. Em seguida, apontei minhas bolsas favoritas.

Vendo tanta coisa bonita, eu fiquei com uma dorzinha, com uma vontade de ter ao menos um ou de costurar um desses. Preciso de tecido para costurar, mas não vou pedir ao Romeo, claro. Ele fecha o computador, joga ali na mesinha da sala e me puxa para seu colo.

— Doeu? — ironiza, referindo-se a falar dos meus gostos.

— Não. Adorei falar sobre roupas. — Sinto-me mais desinibida e abraço seu pescoço.

— Você gosta mesmo disso, não é? Moda...

— Sim, gosto mesmo. Minha mãe me deu de presente uma assinatura de revistas Manequim. Era

meu maior passatempo.

— Manequim?

— Sim. — Ele assente e encosta o rosto no meu pescoço, aspira e afasta, dando um beijinho no meu queixo.

— Está com fome?

— Um pouco. — Passo a mão no pescoço dele, sentindo a pele quente e desço para os ombros fortes.

— Com fome de Romeo?

— Também. — Ele se levanta comigo agarrada em seu corpo.

— Eu sempre estou com fome de você — diz mansinho, de um jeito sedutor, me beijando em

seguida, enquanto caminha para o quarto.

Entramos no banheiro do quarto dele e já estou sentada no balcão da pia. Ele vai até a banheira, liga duas torneiras, quente e fria, e volta, abrindo minhas pernas e ficando de pé entre elas.

— Vamos tomar um banho, e eu vou fazer comidinha para a gente. — Começa a desabotoar os três botões do meu vestido. Em seguida, arranca a própria camisa.

— Liguei para minha mãe. — Romeo para com a mão no cinto e olha para mim.

— Ligou? E aí?

— Tentou me fazer mudar de ideia, disse que eu tinha que voltar. Ludovico está no hospital.

— Hospital? — Romeo volta a atenção ao
NACIONAIS - ACHERON

cinto. Não parece tão surpreso agora.

— É. Parece que alguém o agrediu na prisão.

— Há problema para você? — Ele descarta a calça junto com meu vestido. Vira as costas e vai mexer na banheira. Romeo está dando pouca importância a isso. Eu achei que ele ficaria sei lá... feliz?

— Não. Claro que não é problema. — Ele volta e leva as mãos até minhas costas, desabotoando meu sutiã.

— Ele teve o merecido, não é?

— Sim. Acho que a justiça chega uma hora ou outra. — Coloco as mãos nos seios assim que eles ficam livres. Romeo me olha de cara feia e puxa meus braços.

— Ficou doida? Não pode me privar de vê-los.
— Ele toca meus seios com uma admiração extrema nos olhos. — São lindos.

Eu não protesto, afinal, já fiquei nua para ele várias vezes. Romeo conhece meu corpo mais do que eu mesma. Nunca achei que um dia eu ia ficar tão à vontade nua na frente de um homem. Com Ludovico, era tudo tão comedido. Ele puxa minha calcinha, levanto o corpo para ajudá-lo. Romeo arranca sua cueca e me tira do balcão. Entra primeiro na banheira e segura minha mão para que eu entre também, depois nos sentamos, eu recostada nele, entre suas pernas. Romeo sobe as mãos entre minhas pernas, acaricia de leve e, em seguida, espalha água pelo meu ventre e meus seios.

— Está tudo certo agora? Falou com sua mãe

tudo o que pensa?

— Sim, falei. Disse que não vou voltar para ele e que o divórcio já está sendo preparado. A propósito, obrigada pelo advogado, eu não sei como pagar.

— Pagar o quê? Olivia, estamos namorando, é mais que meu dever ajudar, é um prazer para mim.

— Namorando? — Viro o rosto bem rápido para olhar para trás.

— Sim. Eu não pedi formalmente, mas já estamos morando juntos e até já fui chamado de amor hoje à tarde. Pensa que eu esqueci? — Ele segura meu pescoço, me beija de leve e me faz virar de volta e tornar a descansar a cabeça em seu ombro.

— Romeo... — Fico incomodada, tento me livrar do abraço dele. Essa coisa de novo relacionamento tem que ser conversado, não decidido assim, eu ainda estou, tecnicamente, casada.

— Está bom, Olivia, se faz tanta questão, vou fazer do jeito certo. — Ele se mexe e me coloca no seu colo, de frente para ele. — Oly, quer ser minha namorada, oficialmente?

— Eu...

— Sim — impaciente, ele não espera eu pensar. — Eu sei que já somos namorados. Não tem mais como fugir do seu homem grudento. Isso é só formalidade mesmo. — Fico muda. Seu membro bem grande e duro pulsa apertado no meio da gente.

— Tecnicamente, eu ainda sou casada —
murmuro.

— Nem vem com essa historinha, não aceito, Olivia. Sou ou não seu namorado? — Ele não me deixa pensar sossegada, fica passando a mão pelo meu pescoço com esse olhar esfomeado, como se eu fosse comida.

— Se eu disser que não? — o desafio.

— Aí, você vai continuar aqui, dormindo comigo, tendo que aguentar meus mimos e meu constante tesão. Estou doido para ficar um dia todo com você, pelado na cama. — Ele encosta os lábios no meu seio e puxa o biquinho de leve com os dentes. Tento não gemer. Eu acho que ele quer me distrair.

— E se for sim?

— Aí, se a resposta for sim, você vai continuar dormindo comigo, aguentando meus mimos e meu constante tesão.

— Como assim? Vai acontecer a mesma coisa? Não tenho escolha então.

— Basicamente, isso. Decidiu? Estou louco para levá-la para a cama.

— Decidir o quê? Só ter o rótulo de namorada?

— Vamos ver por outro lado? Responda com sinceridade: gosta de mim como pessoa?

— Sim.

— Gosta da minha casa? — Pondero.

— Sim.

PERIGOSAS

— Gosta de transar comigo?

— Sabe que sim. — Oh, Deus!
Definitivamente, sim!

— E gosta de dormirmos e acordarmos juntos?

— Sim.

— Então pronto. O rótulo será apenas rótulo, nada vai mudar. Seja minha namorada, Oly.

— Vai querer mandar em mim, não vai?

— Não mandar, mas orientar, veja por esse lado.

— Como assim, Romeo?

— Vai ter que aceitar que vou mimá-la muito e vou brigar para cacete para manter você sempre

NACIONAIS - ACHERON

perto de mim. E aí? Qual sua decisão?

— Tudo bem. Eu quero ser sua namorada.

— Quer mesmo ou alguém está te forçando? — murmura ironicamente já com a cara entre meus seios. Dou uma risada e o abraço, me sentindo confortável com a melhor decisão que já tomei.

Na manhã seguinte, eu acordei, e Romeo já estava vestido. Ele disse que ainda não era hora do sexo matinal, pois esperaria o dia em que não precisasse mais usar preservativo. Ele foi trabalhar, e eu fiquei na sala com Pink, lendo um dos livros que comprei.

E, quando ele chegou, foi o momento em que a confusão se formou. Romeo entrou com um homem e ambos carregavam de sacolas e caixas. Muitas. Eles precisaram dar três viagens para

trazerem tudo para a sala. E, quando o homem saiu, Romeo teve a cara de pau de dizer:

— Suas coisas. — Abriu os braços exibindo as coisas com um sorriso orgulhoso.

— Que coisas? — Olhei aterrorizada para aquela enorme quantidade de sacolas e caixas.

— Comprei roupas para você, Oly. E só as que você escolheu.

— Como assim, Romeo? — Pulo do sofá e abraço meu corpo. Acerto-o com meu olhar intrigado.

— Ontem fiz umas ligações para umas lojas que conheço, pedi catálogos e você marcou todas as roupas que gostaria de usar.

— Não — grito. — Você disse que era uma
NACIONAIS - ACHERON

pesquisa, e não que eu estava comprando.

— Olivia, — ele segura meus ombros — você é minha namorada, não vou permitir que ande com esses vestidos de senhora. Você é jovem, bonita, precisa usar coisas bonitas.

— Não vou aceitar, Romeo. — Noto o sorriso dele desaparecer e uma linha de expressão se formar na testa.

— Claro que vai. Eu quero te dar tudo, poxa. Deixe-me te presentear em paz.

— Não! Olha o tanto de coisa. Quanto você pagou por isso? Como eu vou usar isso sabendo que você deve ter... Deus! Deve ter sido uma fortuna.

— Garanto, o dinheiro que gastei não fez nem

cócegas no meu bolso. Fique em paz com isso. Vamos ver suas compras?

— Não. — Afasto-me dele e me sento no sofá de cabeça baixa com as mãos na cabeça. — O que seus irmãos vão pensar de mim? Que eu estou te extorquindo. — Ouço-o rindo.

— Eles me sorririam se eu não te desse nada. Aceite, Oly, vai ficar ainda mais linda em cada uma dessas roupas. Deixe sua antiga vida de lado, venha ser minha namorada, viver novas experiências.

— Eu já estou vivendo novas experiências. Mas isso — eu aponto para a mercadoria — vai contra tudo que eu...

— Contra tudo que você aprendeu. Diga que está tudo bem. — Olho as coisas no chão e volto para ele. Como negar? Ele está tão perto, amoroso,

com esse olhar... Avanço e abraço Romeo.

— Só não faça isso mais, por favor.

— Prometo. — Ele continua me abraçando, beijando sem parar meus cabelos. Somos interrompidos pelo celular dele, e Romeo afasta-se para ver quem é.

— Magno — fala e ergue um dedo para mim, pedindo para eu esperar. Levanto-me e vou para perto de uma das caixas. Abro e deparo-me com um sapato de dar inveja. Perfeito, salto alto, meu número. Por dentro, leio o nome Louboutin escrito sutilmente. Perco o ar. Sei como essa marca é cara, via nas revistas Manequim.

Romeo termina a ligação e vem até mim, levanto e fico de pé. Está tenso, com um olhar preocupado.

— Problemas? — questiono.

— Três notícias. Duas boas e uma mais ou menos.

— O quê? Para mim?

— Sim. A boa é que os papéis do divórcio estão prontos. Já vão ser enviados para Ludovico.

— Ah, que bom! — exclamo. — Eu vou precisar vê-lo?

— Só no dia da audiência. — Balanço a cabeça assentindo.

— E as outras notícias?

— Sim. A notícia mais ou menos é que Ludovico conseguiu um habeas corpus. — ele fala de uma vez. — Vai responder ao processo em

liberdade assim que sair do hospital.

— Ai, meu Deus! — grito e tapo a boca com a mão. Ele me abraça. — E agora, Romeo? Ele virá atrás de mim, ele vai...

— Não. Não vai — garante com convicção. — A outra boa notícia é que você não vai a lugar algum, vai continuar aqui, comigo, escondida, sem ninguém saber onde está.

— Isso é a outra boa notícia? — Olho sem entender.

— Sim, ué. É uma boa notícia para mim, que não vou me afastar da minha garota. — Reviro os olhos, nervosa com essa notícia do Ludovico, Romeo ri e me faz encostar o rosto no seu peito.

26
OLIVIA

Romeo pediu para Vilma vir e arrumar as coisas novas junto com as roupas dele. Fiquei uma fera, revoltada. Sei que mês passado eu vivia sem condições de opinar, debaixo do teto de Ludovico, mas então, surgiu um admirador secreto que abriu meus olhos, mostrou o quanto eu estava sendo tola e, agora, quer fazer o mesmo: não está ouvindo o que eu digo.

Ele está me trazendo para a casa dele sem me perguntar nada, desde o início, eu falei que não sou mulher de morar com um homem sem termos laço algum. Mas ele agora é meu namorado, eu disse sim a ele. Mas namorados não moram juntos. E isso

de não me perguntar como eu quero as coisas está acabando com minha paz. Ele se torna até mesmo invasivo, sem querer discutir certos assuntos comigo. Eu perguntei que medidas ele está tomando para manter Ludovico distante, e ele não quis comentar, falou para eu não me preocupar. Mas pediu meu celular e disse que tinha que destruir, já que eu liguei para minha mãe e poderiam rastrear. Tudo bem, perdi meu celular e continuo aqui, presa, escondida.

Romeo também comprou roupas caríssimas para mim sem eu saber, na verdade, eu escolhi, mas ele não poderia ter me escondido uma coisa dessas, nem quero imaginar a fortuna que ele gastou. E agora vem isso: a mulher que é quase mãe dele vem arrumar minhas roupas no closet dele. O que ela deve estar pensando de mim? Mal cheguei e já ganhei um guarda-roupas de luxo. Uma golpista,

com certeza.

— Você está bem calada — Vilma observa, arrumando um monte de vestidos novos nos cabides. — Adorei esse. — Ela passa a mão em um vestido azul-piscina. Pior que é mesmo lindo.

— Romeo sempre foi teimoso, Vilma? Eu não queria roupas e olha o tanto que ele me comprou.

— Romeo, teimoso? — Ela dá uma risadinha — Nunca. Teimosia tem mais a ver com Lorenzo.

— Então ele costuma dar esse monte de roupa para as namoradas?

— Não. Romeo nunca dividiu o closet dele com ninguém. Você é a primeira e estou adorando ver meu menino se acomodando na vida. — Ela termina com os vestidos e olha para mim. — É

sério da parte dele, agarre, porque é um partidão.

Um partidão que está me deixando doida. Por que ele apenas não me deixa tranquila? Eu não posso nem mesmo cozinhar, ele não permite. Alega que eu já cozinhei muito na vida e que quer me dar descanso.

— Santa Mãe! — Vilma exclama, abrindo a tampa de uma caixa e dando de cara com um dos sapatos que me fez ficar com a mesma cara. — É lindo, Olivia. Ele escolheu? — Balanço a cabeça que sim. — Ele tem bom gosto. — Ela pega o par de sapatos altos, pretos lustrosos, olha por mais um instante e guarda em um lado do closet próprio para sapatos. A cada caixa que abríamos, eu sentia um calafrio, e Vilma soltava um “oh”. Cada um mais perfeito que o outro. Saltos de todos os tamanhos, sandálias baixas e até uma bota. — Está

devidamente instalada — fala quando termina de arrumar tudo. — Vamos descer? Vou preparar um lanchinho.

Já são cinco e meia da tarde, Romeo deve chegar a qualquer momento. Fico calada, recostada no balcão, enquanto Vilma começa a ajeitar coisas para fazer suco. Ela pega laranjas e um mamão.

— Então... Romeo já tem trinta e cinco anos e nunca namorou sério? — pergunto. — Ela me olha e vira-se rápido de novo para a pia, cortando as laranjas ao meio.

— Sim, já namorou, mas não acho que eu deva fofocar. Romeo que tem que contar essas coisas. Aliás, acho que isso nem é importante. Passado é passado.

— Posso ajudar em alguma coisa? — indago,

indo para perto dela.

— Não. Já passei na padaria e comprei algumas coisinhas.

— Então ele já teve outras namoradas e nunca dividiu a casa com elas?

— Na verdade, não foram ‘elas’. Sério mesmo, que eu me lembre, foi apenas uma. Depois dela, Romeo ficou com um pé atrás e tem relacionamentos esporádicos. Como eu disse, depois dela, você é a primeira a vir morar aqui.

— Eu não estou morando aqui...

— Não? — O tom de Vilma é de surpresa. — Eu achei que...

— Romeo nem me perguntou nada e...

— É namoro sério?

— Sim. Eu aceitei o pedido dele.

— Então relaxe, querida. — Vilma parte o mamão e, sem me olhar, emenda: — Não vá machucar o coraçãozinho do meu menino como aquela outra miserável fez. — Romeo não parece um homem ferido ou traumatizado. Ele nunca mencionou nenhuma ex que foi tão intensa na vida dele.

— Foi tão grave assim?

— Sim, foi.

— O que houve?

Vilma enxuga as mãos e vai pegar o espremedor de frutas. Ela olha para mim, abre a boca para falar, mas o interfone toca na parede da

NACIONAIS - ACHERON

cozinha.

— Um momento — pede e corre para atender.
Em seguida, volta sorrindo.

— São os meninos.

— Que meninos? — Entro em pânico com vontade de correr.

— Meus meninos. Você já os conhece? Acho que vou precisar de mais laranja e um pouco de vodca para Magno batizar o suco dele. — Sorridente, ela abre a geladeira e pega mais laranjas enquanto eu fico trêmula e imóvel, como uma planta, mas com vida. Tenho vontade de sair correndo e me trancar num quarto. O que os irmãos de Romeo vão pensar quando descobrirem que ele me deu aquele monte de coisas?

A porta da cozinha abre e ouço vozes antes de ver duas belas figuras masculinas entrando. Eles param e olham para mim. Dou um sorriso sem graça.

— Ah! Olha quem está aqui. Cunhada. — Antes de vir até mim, cada um dá um beijinho no rosto de Vilma.

— Lembra da gente? Magno. — Aponta para ele mesmo. — E ele, Lorenzo. — Com o polegar, indica o irmão. Ele fala comigo com esse belo sorriso, deixando-me roxa de vergonha.

— Sim, lembro.

— Olá, Olivia. — Lorenzo aproxima-se. Nenhum dos dois toca em mim, e eu agradeço. Se segurarem na minha mão, saberão como estou tremendo e gelada. — E Romeo? — ele pergunta,

olhando em volta.

— Ainda não chegou. — Não fui eu que respondi, foi Vilma. — Sentem-se, estou preparando um suco.

Continuo de pé, estática, enquanto Magno puxa um banquinho e Lorenzo vai para perto de Vilma.

— Como assim, não chegou? Ele já saiu da empresa. — Magno pega o celular no bolso. — Vou ligar para ele.

Olho os dois de relance. Lorenzo, de pé, perto de Vilma, conversa animadamente e Magno está concentrado com o celular no ouvido. Uau! Os dois são lindos. Prefiro o Romeo, claro, mas não posso negar que os irmãos devem fazer muitas mulheres suspirarem. Magno me flagra de olho nele, e eu sorrio sem graça. Ele desliga o celular.

— Não atende. — Deixa o celular no balcão.
— Conte-nos, Olivia, Romeo está te sufocando?

— Não — murmuro.

— Nem um pouco? — Dou de ombros e mordo o lábio.

— Bom, eu acabei me mudando para cá sem saber. Romeo não quer me deixar ir embora — de cabeça baixa, confesso.

— Já quer fugir dele? — Lorenzo entra na conversa. — Ganhei, passa pra cá os quinhentos paus. — Estende a mão para Magno.

— Vocês apostaram de novo? — Vilma exclama horrorizada. Eu estou mais surpresa ainda. Tenho vontade de rir e chorar. Se eles apostam, é por que isso acontece com frequência. Romeo traz

mulheres para cá e as sufoca? Será que Vilma mentiu para amenizar a situação do filho?

— Não ligue — Lorenzo cochicha perto de mim. — As outras nós apostamos quanto tempo levaria para ele se dar conta de que não precisava delas. Já você, estamos querendo saber quando vai fugir, pois nunca vi meu irmão mais obcecado. — Sinto um certo alívio. Vilma assente para mim, concordando com o que ele falou.

— Como você está lidando com tudo? Romeo contou sobre Ludovico?

— Sim, contou.

— Pode ficar tranquila, ele não vai te perturbar
— Magno afirma.

— Eu estou. — Mais aliviada e até tranquila,

respondo Magno com um sorriso.

Uma jarra de suco com gelo é colocada na mesa. Vilma corre e pega um bolo com cobertura na geladeira e traz para a mesa.

— Venham comer, meninos. Venha, Olivia, sente-se com eles. Podem ter cara de maus, porém são dois ursinhos. — Lorenzo ri e aponta para o irmão que está cultivando uma bela barba.

— Acho que ela insinuou quem é o ursinho aqui.

— Vá se danar. — Eles dois vão para a mesa, eu não me mexo. Magno puxa uma cadeira e pisca para mim.

— Sente-se aqui. Estou sendo um cavalheiro.

— E isso é raro — Lorenzo pontua. Sem outra
NACIONAIS - ACHERON

escolha, eu me sento na cadeira que ele puxou para mim.

— Vilma, meu amor, tem tempero na geladeira de Romeo? — Ele vira o pescoço olhando Vilma do outro lado. Ela abre a geladeira e volta com uma vodca. Ele recebe, joga um pouco no copo e completa com suco. Lorenzo agradece e não batiza o dele. Eu também recuso com um gesto.

— Não bebe?

— Sim, pouco. Vinho apenas.

— Vinho não é suficiente para mim. — Magno bebe um gole, vê se está bom e lambe os lábios. Encara-me. — Olivia, teve um dia que eu...

— Não. Pare de contar suas histórias para minha namorada. — Viramos para a porta para ver

Romeo entrando. Quase caio da cadeira, ele não está sozinho. O que Kate está fazendo aqui com as mãos cheias de sacolas?

Ela não se mexe. Parece que viu um fantasma. Não desgruda os olhos da mesa, ou melhor, dos dois homens. Romeo olha os irmãos com um ar intrigado, vem até mim e me beija de leve.

— Tudo bem?

— Sim. — Balanço a cabeça.

— Tudo mesmo? — pergunta mais uma vez.

— Vilma, há quanto tempo eles estão aqui?

— Trinta minutos — ela fala, servindo um pedaço de bolo para cada um. Magno e Lorenzo estão encarando Kate, assim como ela está de boca aberta, ainda parada na porta. Era o que me faltava,

me envergonhar publicamente.

— Nenhum desastre? — Romeo ainda investiga, claramente sem acreditar que está tudo bem comigo na presença dos irmãos.

— Só apostando, como sempre — Vilma fala e olha Kate. Levanto depressa. Mas, antes de apresentá-la, Romeo olha feio para Magno.

— Rapidinho, os dois aqui comigo. — Ele sai da cozinha e os irmãos o seguem sem falar nada.

— O que está fazendo aqui? — Olho para Kate e suas mãos cheias de sacola.

— Eu... uau! Oly! Você viu aquilo? Os dois... — ela para de falar e olha Vilma. — Oi, sou Kate, amiga de Olivia.

— Oi, Kate, sou Vilma, mãe dos meninos.

— Oh! Nossa, você é minha ídolo. Como pode dar à luz a três monumentos desses?

— Kate! — grito, e Vilma ri.

— Na verdade, sou como mãe, mas de criação.

— Ah! Mas tudo bem. Eles são lindos do mesmo jeito.

— É, eu sei. Sente-se com a gente para tomar um suco — Vilma convida por educação.

— Claro! — Ela joga as sacolas no balcão e corre para a mesa. — São suas, Oly. Romeo me ligou, precisava de ajuda. — Olho para as sacolas brancas de papel.

— O que é isso?

— Veja depois no quarto e faça um desfile para

ele — aconselha já sentada, olhando o cabelo e os lábios pela tela do celular. Nem tenho tempo de discutir. Os três voltam e Kate se levanta num pulo. Um sorriso quase como de palhaço. Não posso acreditar.

— Kate, esses são Lorenzo e Magno, meus irmãos. — Romeo se adianta e apresenta. — Essa é Kate, amiga de Olivia.

— Oi — Lorenzo é o primeiro a cumprimentá-la, com um aperto de mão, mantendo distância. Magno vem com seu sorriso matador.

— Oi, Kate — fala com essa voz grave e meio cantante, com um leve sotaque como o de Romeo. É a primeira vez que vejo minha amiga corar. Ele se inclina e beija o rosto dela.

— Oh, Meu Deus! Estou no chão — fala, e eles

se entreolham. *Cale a boca, Kate!* Peço mentalmente. — Eu já tinha ouvido muito sobre vocês dois.

— É? — Lorenzo pergunta casualmente, de mãos nos bolsos, olhando para Romeo e depois para mim. Deve estar achando que eu sou a fofoqueira.

— Pois é. — Olha para Magno. — Principalmente, de você. João Magno, não é?

— Sim, sou eu.

— Nossa... — Ela coloca a mão no peito, e eu na minha testa, pressentindo que lá vem bomba. — Nem imagina como fiquei quase uma noite inteira procurando sem parar seu perfil em algum lugar. Não encontrei, é arroba o quê?

— Kate! — repreendo. — Magno ainda sorri, mas agora um pouco retesado.

— Ficou procurando?

— Pois é. Não é todo dia que encontramos amigos de amigas solteiros por aí. — Ela pisca para mim. Está se jogando em cima do homem. Kate não tem mentalidade.

— Bom, sente-se. Enfim me conheceu.

— Sim, conheci. — Ela senta sem conseguir esconder a felicidade. — O que você faz, Magno?

— Sou presidente da empresa da família.

— Não é o CEO?

— Romeo. — Ele aponta para Romeo que assiste com um sorriso debochado.

Os três conversam animadamente, na verdade, apenas ela fala, contando da livraria, depois fala de mim, como eu vivia com Ludovico e de como ela agradece Romeo por ter me tirado de lá. Parece íntima dos três irmãos. Eles sorriem educadamente, mas eu sei que, assim como muitos caras que ela conhece, estão achando estranho a euforia dela. Kate está nervosa e, quando fica nervosa, fala demais.

Logo, eles vão embora, levando Vilma. Romeo chama um táxi para Kate. Não sei como ela não pediu o número de Magno, mas insinuou, e ele apenas respondeu: Nos vemos por aí?

— Claro, com certeza nos vemos — concordou um pouco mais comedida. Que safada. E, quando foi se despedir, vi ela apalpando descaradamente o braço dele.

Só espero que ela não se machuque. Kate se entrega demais aos relacionamentos. Na verdade, ela já está bem apegada a um desses irmãos. Isso é preocupante.

— Venha comigo. — Romeo já está com as sacolas nas mãos.

— O que é isso? — indago curiosa.

— Venha ver — fala, saindo da cozinha. Não me resta outra coisa a não ser segui-lo. A curiosidade está me deixando doida.

Ficamos sozinhos e Romeo me olha sorridente. Estou de cara feia.

ROMEO

— O que é isso? — Olivia pergunta de cara feia quando começo a jogar o conteúdo das sacolas na cama.

Eu vi a necessidade de tornar a vida de Olivia muito melhor do que ela pode imaginar. Dei as roupas e sapatos, mas não pareceu suficiente. Na verdade, nada do que eu faça parece suficiente. Eu fico pensando nela enquanto estou na empresa, fico doido para chegar em casa e vê-la, saber se está tudo bem. Tenho medo a todo instante de Olivia ter um surto e querer voltar atrás, ainda mais depois que ela ligou para a mãe.

Saí mais cedo da empresa e liguei para Kate me encontrar. Se eu renovei o guarda-roupas de Olivia, precisava renovar também as roupas íntimas. Ela olha chocada para a cama repleta de embalagens de calcinhas e sutiãs, camisolas e biquínis que eu comprei.

— Eu não sei seus gostos, na verdade, nunca comprei isso para ninguém; então fiquei meio perdido.

— E por que teve que comprar? — Ela ergue os olhos para mim.

— Oly, eu só quero te dar muita coisa e...

— Eu não estou precisando disso, Romeo. — O tom que ela usa é um pouco alto, impaciente.

— Calma. — Dou um sorriso reconfortante e

acaricio os ombros dela. — Chamei Kate, ela conhece seus gostos. E pedi que escolhesse peças não muito sensuais, para você se sentir mais à vontade.

— Romeo! Pare com isso. — Ela se afasta, os olhos cintilantes de revolta. — Eu não quero que compre essas coisas para mim! Que homem compra calcinha para a namorada?

— Homens normais que não existiam no seu mundo — rebato no mesmo instante. — Abra a mente, Olivia, você está em uma nova vida.

— E você está me sufocando! — acusa, e eu me reteso no mesmo instante.

Noto, então, que Olivia está furiosa. Não compreendo, eu não imaginava que uma mulher fosse se sentir tão insultada por ganhar lingerie. As

atendentes da loja ficaram suspirando quando Kate contou que eu estava comprando roupas para minha namorada.

— Sufocando?

— Pediu Vilma para arrumar as roupas no seu closet! No seu quarto! Por que fez isso sem me falar?

— Claro, as compras não ficariam jogadas na sala.

— Eu não moro aqui, Romeo. Esse quarto não é meu.

— É nosso — corrijo-a. — Estamos namorando, Olivia, é uma convivência boa, fazemos bem um para o outro e quero ver você feliz.

— Eu não fui criada para ser uma madame mimada. Não faço nada o dia todo nessa casa.

— Você lê, fica com a Pink... Mas, se quiser fazer alguma coisa, tudo bem, eu só queria que você recuperasse seu pé e suas emoções.

— Eu continuo na mesma vida, sem o poder de escolha. — Ela está irredutível, ainda querendo brigar. — Não posso escolher onde morar, eu queria ficar com a Kate, mas você me trouxe para cá, já arrumou minhas coisas no seu armário e está me controlando como o...

— Não! — grito já puto de raiva. — Não ouse me comparar ao seu marido. — Ela me olha com os belos olhos arregalados. — O seu ex-marido e seu pai, homens que você conhecia, não davam presentes as esposas, mas enchiam as amantes de joias e roupas caras. Eu faço diferente, quero

NACIONAIS - ACHERON

agradar você, que é minha mulher. Ao invés de apontar minhas falhas, devia olhar todo o respeito que tenho por você. Se você parasse para pensar um pouco, veria o esforço que estou fazendo para tentar recompensar tudo o que perdeu na sua vida.

Dou meia volta e ando para a porta, depois paro e dirijo-me a ela que está feito um defunto, de pé, no meio do quarto. Olho a quantidade de lingerie espalhada pela cama.

— Quer saber de uma coisa? Não ia contar, mas parece que você está em dúvidas sobre quem é o vilão da história. Kate já recebeu várias ameaças por telefone e internet; estão todos procurando por você. Ela também teve duas visitas inesperadas dos filhos de Ludovico. Kate não está mais no apartamento dela porque está com medo. Você está aqui comigo porque, se estivesse lá com ela, já teria

sido agredida de novo.

Saio do quarto muito revoltado, sinto minha testa suar. Sei que ela está confusa, o ambiente ainda é estranho, mas vir me enfrentar... Ela viveu sendo submissa do pai e, depois, do marido, sofria coisas piores e aguentava de cabeça baixa. Por tudo que faço por ela, não mereço esse tipo de comparação.

Desorientado, vou para meu escritório e sento-me atrás da mesa, refletindo, revoltado com injustiça que Olivia está cometendo. Não estou tentando fazer ela se sentir comprada, mas se acha isso, mandarei devolver todas essas coisas que comprei. Penso no que Magno me contou quando cheguei. Pego o telefone e ligo para ele. Demora um bocado para atender.

— Que hora para ligar hein, cara. — Ele ofega.

Não tem nem uma hora que meu irmão saiu daqui e já está na safadeza. Mas não posso dizer nada, pois minha ideia era chegar aqui em casa já arrancando a roupa e atropelando Olivia, pelado, ali na sala mesmo.

— Está no clube? — pergunto.

— Não. Estou em casa. Choveu na minha horta.

— A amiga de Olivia?

— Não. O que quer?

— Podemos colocar o plano em prática. Vou fazer e me mandar com a Olivia naquele cruzeiro.

— Para amanhã?

— Ligue para Ludovico e veja quando ele

pode.

— Tá. Assim que eu terminar aqui, eu ligo. Não me perturbe mais. Não posso deixar as meninas amarradas para vir atender telefone. — E ele desliga. As meninas? Esse cara é doente.

Bato os dedos na mesa, criando um barulho oco. Esqueço-me de Magno e desse assunto de Ludovico. Já tenho tudo planejado para desmascarar o velho, entretanto, com Olivia, tudo ainda é novo e imprevisível. Não vou atrás dela, não vou ao quarto. É por isso que muitos casais brigam demais. Se na hora de discussão uma das partes recuasse, como eu recuei, não haveria as constantes trocas de acusações e farpas. Estou me controlando aqui para não subir, sacudir Olivia e fazê-la enxergar que eu quero o bem dela. Que mulher cabeça dura!

Mas, em uma parte, ela está certa. Olivia nunca foi mulher de ficar parada de pernas para o ar sem fazer nada, diante de uma TV, sendo mimada. Vou cuidar disso agora mesmo. Ligo o computador e, após uma pesquisa, encontro o que eu precisava. No relógio, são sete e meia. A pessoa atende, eu peço as informações que necessito, anoto em um bloquinho, agradeço e desligo.

Cansado de enrolar, vou para a cozinha, pego suco com vodca e caminho para a sala. Sento-me em frente à TV, minha mente presa a Olivia. Não consigo mais ficar longe dela. Minha excitação por ela se transformou em admiração que se transformou em desejo incurável que passou a ser paixão e agora pura obsessão.

Tomo todo o suco batizado e, nesse instante, pelo canto dos olhos, vejo um vulto. Olivia senta no

mesmo sofá que eu, não olho para ela. Está bem distante. Continuo calado, olhando a TV.

— Sabe, é tudo tão intenso para mim... tudo muito rápido. — Aperto forte o controle da televisão na mão, agora olho para ela. Olivia está com os lábios trêmulos e os olhos grandes lacrimejantes. — Eu não quis compará-lo a ele, jamais...

Balanço a cabeça, deixo o controle de lado e abro os braços para ela. Nem preciso dizer nada, Olivia vem depressa, e eu a coloco no meu colo. Ela me abraça apertado, beija meu peito, passa o nariz na minha pele e aconchega-se na curva do meu pescoço.

— Meus pais sempre pregaram que amor e paixão são coisa de gente sem o que fazer — ela começa a falar baixinho. Continuo apertando-a

NACIONAIS - ACHERON

contra meu corpo. — Eu acreditei nisso a vida toda e agora me sinto perdida, sem saber como proceder, como encarar isso. — Empurro-a de leve para olhar em seu rosto.

— O que quer dizer? — Olivia fica desconfortável, tenta sair do meu colo, mas eu não deixo. — Fale, Oly.

— Eu não sei. Eu nunca soube o que as pessoas sentem quando se apaixonam. — Ela desvia o olhar, fica encarando meu peito. — Mas eu fico, a todo instante, querendo estar perto de você e gosto tanto de você... — Levanta os olhos tímidos para os meus. — Gosto quando me abraça, e gosto de sentir sua pele, e seu cheiro. E agora que brigamos, me senti tão mal, nunca me senti assim, muito mal, me deu medo, Romeo, pela primeira vez, tive medo...

— Medo?

— De você ficar com muita raiva de mim. Eu estou um pouco apaixonada — fala, escondendo um breve sorriso.

— Um pouco, só? — Eu, ao contrário, sorrio por completo.

— É. Vai se assustar se eu disser que estou muito apaixonada?

Como posso me assustar se passei tanto tempo, desde que a conheci, querendo saber sobre os sentimentos dela? Eu sou rico, solteiro e bom de cama, ouvir ‘eu te amo’ de namoradas, sempre aconteceu. Mas, em nenhum caso, me deixou mais ferrado de tesão do que agora, com Olivia. Mesmo sem dizer diretamente, era tudo que eu queria.

— Não. Não vou me assustar. — Passo a mão para trás da nuca dela e a puxo para minha boca.

Olivia abre os lábios, me recebendo com ânsia. — Você é minha namorada, Oly, e não sinto nada menos do que isso que você sente. — Falo bem perto da boca dela, os olhos brilhantes fixos nos meus. — Não há como você tentar parar um homem obcecado. Aceite logo que eu vou te mimar, te adorar e te desejar. Senão vai ter que ser à força. Você quer à força?

— Como é à força? — pergunta arfando, apertando mais o abraço. — Levanto com ela no meu colo e caminho para o quarto. — Sabia que meu quarto tem paredes acústicas? Ninguém vai ouvir eu te obrigando a me aceitar como seu homem.

— Mas...

— Nada de ‘mas’, Olivia. Sou seu namorado, quero lhe presentear, o dinheiro é meu e foda-se o NACIONAIS - ACHERON

que o povo acha. Foda-se se seus pais disseram que não poderia morar com namorado ou receber presentes de homens. — Deixo-a sentada na cama e começo a tirar minha calça diante do olhar dela. Olivia sobe os olhos para os meus e volta imediatamente para minha cueca aparecendo.

— Vai andar, sim, como uma mulher nova, bonita e que é amada. Entendeu, Oly? — Acaricio a bochecha dela. — Diga que entendeu, que você está mexendo com um cara linha dura. Quero ver você andar por aí e as pessoas falarem: Aquela é a mulher do Romeo.”

— Linha dura? — balbucia. Ainda alterna o olhar entre meus olhos e minha cueca.

— Acha o quê? — Agora minha mão acaricia o pescoço delineado, macio. Olivia inclina a cabeça de lado em direção a minha mão e fecha os olhos.

— Que vai só desfrutar desse corpão aqui? Não mesmo. — Apalpo meu pau por cima da cueca. — Com toda essa delícia, vem obrigações. Roupas dignas, closet compartilhado e uma profissão que você deseja. — Ela não responde. Perdeu a fala quando abaixei minha cueca e meu pau pulou duro, rente ao rosto dela.

— Olivia Mente Pequena ficou para trás, agora você é Olivia Nova Mulher. — Continuo acariciando o lábio dela. — Uma nova vida? — indago.

— Uma nova vida — concorda.

— Abra a boca para mim, Oly. — Com o polegar, puxo o queixo dela para baixo, e ela abre. Seguro na base do meu pau e encosto a ponta nos lábios dela. — Relaxe. — Passo o dedo no maxilar dela. Ofegante, ela fecha os olhos e abre mais a

NACIONAIS - ACHERON

boca, deixando a cabeça entrar. Arrepio-me todo com o simples contato com a boca quente. Puxo de leve para fora e pego a mão dela, fazendo-a segurar o meu pau.

— Está tudo bem?

— Sim. — De rosto levantado, ela me olha, respirando rápido.

— Sim mesmo? Quer continuar?

— Sim.

— Então faça o que quiser. — Abro minhas pernas, coloco minhas mãos na cintura e deixo por conta dela. Olivia olha meu pau em sua mão e encosta os lábios novamente na cabeça inchada e latejando.

— Ah, Oly! — Fecho os olhos e mordo meu
NACIONAIS - ACHERON

lábio inferior. Ela está estudando meu pau, chupa um pouco, tira da boca, olha, lambe um pouco a extensão e volta a chupar a ponta, matando-me aos poucos. Olho para baixo e encontro seus olhos me mirando. Meu pau em sua boca sendo sugado com desejo, e ela me olhando. Fico tonto de tanto tesão.

— Quero foder sua boca, Oly! — Tiro a mão dela do meu pau e posiciono suas duas mãos atrás, nas minhas cochas.

— Segure firme, abra a boca e relaxe. — Noto a respiração dela ficar mais acelerada, o pulso bate depressa no pescoço. Olivia abre a boca, e eu deslizo meu pau para dentro. Ela mexe a língua em torno dele, e eu sinto meu saco contorcer de prazer. Contraio os dedos dos pés para me controlar, meus dentes estão trincados. — Respire pelo nariz, abra a garganta, me deixe deslizar. — Ela abre os olhos

para mim, seguro nos cabelos dela e começo a me movimentar. A pressão dos dentes no meu lábio aumenta. O gozo já ferve em volta do meu pau. Meto mais um pouco, e Olivia arfa.

— Calma, vou devagar — prometo a ela e faço isso. Mesmo que esteja quase morrendo aqui, sentindo até minha bunda tremer, continuo indo devagar com meu pau. Minhas pernas começam a fraquejar. Nenhum outro boquete me fez ficar tão mexido assim. Ela me toca, e eu fico em ebulição. Aperto um pouco minhas mãos dentro dos cabelos dela, Olivia pressiona os dedos abaixo da minha bunda, e eu jogo o quadril para frente, entalando-a com meu pau. Ela não engasga. Vou com calma e aprofundando-me cada vez mais, um dia faremos um oral bem feito, agora é só aprendizado. Sei que ela já está pronta, estico o braço e alcanço um preservativo na cabeceira.

— Tire a calcinha. Prometo recompensá-la depois. — Mais que depressa, Olivia tira a calcinha e, sem paciência, puxa meu pulso para eu cair em cima dela. Não vou antes de ajudá-la a arrancar o vestido e o sutiã que quebrou com minha selvageria. Deito em cima dela, seguro seus braços acima de sua cabeça e a penetro. Gememos alto, juntos, quando meu pau, mesmo encapado, entra em contato com a carne quente e molhada dela. E eu preciso atacar a boca dela enquanto bato os quadris, atolando-me cada vez mais fundo, numa fome desvairada. Ela já me aguenta, molda-se muito bem ao meu pau e consigo ir até a base.

Olivia afasta a boca da minha, grita e morde meu braço. Solto as mãos dela e, rapidamente, ela me abraça, passa as mãos pelo meu corpo, arranhando meus braços, apalpando meus músculos, e eu meto forte, com minha mão

embaixo de sua bunda, levantando-a para sentir mais meu pau, deixando-a num ângulo propício para que sinta mais prazer.

Estamos transando enlouquecidos em cima das calcinhas que comprei para ela. Jogo algumas embalagem longe, rolo com Olivia me abraçando, consigo me sentar com ela no meu colo, as pernas na minha cintura e a boceta engolindo avidamente meu pau.

— Romeo! Droga! Eu te amo muito — ela berra. — É amor, eu sei que é. — Abaixa a cabeça e morde meu ombro.

— Ai! Olhe para mim, Oly — peço, e ela obedece. Vejo o tesão brilhando em seus olhos. — Diga... Quero ouvir de novo.

— Eu te amo!

Paro os movimentos, tiro os cabelos dela do rosto, estamos ofegantes, ela fica sentada no meu colo, meu pau latejando dentro dela.

— Que todo os resto se foda! Somos só nós dois. — Abocanho os lábios dela e afasto só para rosnar: — Também te amo pra... cacete! — Ela sorri deslumbrada.

— Que tudo se foda entãoaaaao! — grita no fim da palavra quando eu meto mais forte, e rolo por cima dela.

— Amooo! — grita enlouquecida com minhas batidas velozes, socando tudo que tenho direito, fazendo minhas bolas baterem com força na entrada dela. Faço-a gozar rápido, abaixando meu rosto e abocanhando sem dó os seios dela, chupo um e o outro, intercalando entre os dois. Assim que ela balança toda debaixo de mim, descontrolada e

NACIONAIS - ACHERON

berrando, pirada, eu me convulsiono alucinado entre os braços dela.

— Ahhh! Caralho! Que delícia! — Tiro o preservativo e jogo ele ali, no chão. Viro de costas para o colchão, trazendo Olivia para ficar deitada em cima de mim. Ficamos calados.

— Pensa em fazer uma faculdade? — murmuro depois de um tempo.

— Sim — responde sem sair da posição.

— Moda e designer?

— Sim. Kate disse que tem faculdades boas aqui no Rio.

— Tem. Hoje, um pouco mais cedo, fiz uma pesquisa e já entrei em contato com uma faculdade.

— Já? — Ela levanta os olhos para mim.

— Sim. A próxima turma começa no segundo semestre desse ano. Quer se candidatar e fazer a prova? — Olivia está surpresa, mas é uma surpresa boa. Vejo um leve sorriso em seus lábios inchados pelos meus beijos.

— Quer que eu... estude? — Lembro-me das transações de Lorenzo. Ia comentar com ela, mas encubro sobre meu irmão estar metido com as negociações. Ele quer tudo bem secreto.

— Quero que seja alguém na vida. Tenho conhecidos negociando uma empresa de moda. Quando tudo estiver pronto, arranjarei um emprego para você lá. Conhece a Mademoiselle?

— Na Madde? — Ela se levanta com a mão na boca. Os olhos saltando das órbitas.

— É assim que chamam?

— Sim. Clientes, leitoras da Manequim, mulheres em geral.

— Guarda um segredo?

— Sobre a empresa? Sim! — Ela está mais perplexa ainda. — Nem para Kate eu conto.

— Isso é segredo de estado. Conheço um cara que está conseguindo umas ações nessa empresa, logo ele estará na diretoria. Gostaria de trabalhar lá? — Olivia solta um gritinho de susto. Está pálida.

— Se quero trabalhar na Madde? Deus! Romeo, nem que fosse varrendo o chão onde a Angel pisa.

— Angel? — indago curioso. Ela está eufórica.

Fico me perguntando onde Olivia vê essas coisas, já que as únicas informações dela vem de uma revista de moda. Ela parece ler meus pensamentos.

— Minha mãe sempre leva outras revistas para mim. Em quase todas, a Angel está presente. — Ela se curva um pouco em minha direção e confessa: — Já mandei uma carta para ela. Hoje em dia, tudo é no e-mail, mas eu não tinha como, né? Ela me respondeu, ganhei o dia. Li a carta duzentas vezes — explica, e eu ainda estou pasmo por ela conhecer a vaca mor pelo nome íntimo. — Angel é a diva da moda. Ela é a rainha da Madde. Se eu a conhecesse, eu morreria.

Merda! Não acredito. Olivia é fã da mulher que Lorenzo quer destruir.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

— Sobre aquilo que falamos um para o outro...
— Olivia sussurra. O rosto no meu ombro. Já é noite, e estamos acomodados para dormir. Não estamos mais ofegantes e o suor já começa a secar. Sexo antes de dormir é de lei.

— Falamos?

— Sobre... amor.

— Ah! Continuo com a mesma declaração — esclareço.

— Eu também — garante imediatamente em um tom de alívio. Olivia me abraça forte, sua perna

entre as minhas e os seios contra meu tórax. Beijo o alto da cabeça dela e ficamos curtindo o silêncio, o calor um do outro.

— Do que vamos nos chamar agora? — A voz dela está um pouco sonolenta, os olhos fechados.

— Como?

— Sei lá, namorados se chamam de alguma coisa. Amor... Querido... Meu bem.

— Querido, não — intervenho imediatamente.
— Acho que querido é para casal com tempo de estrada, como meus pais. Vou chamá-la de Oly.

— Você já me chama de Oly.

— Por isso mesmo. Nada muda, não importa do que eu a chame, nada muda.

— Então eu o chamarei de Romeo. Meu Romeo. — Seguro o rosto dela e faço-a me olhar. Olivia abre os olhos, curvo-me para frente para beijar-lhe os lábios.

— Amo você mais que Nutella — murmuro e os olhos dela se iluminam. — Se você ousar esquecer disso um dia, eu vou lhe matar de tanto beijar até você se lembrar.

Olivia arregala os olhos, fitando-me, os lábios esboçam uma tentativa de sorrir, mas estão paralisados.

— Vou falar, espere — murmura.

— Falar o quê? — Rio para ela que prepara para dizer alguma coisa.

— Ca-ra-lho! — Olivia sibila de olho na minha

boca.

— Precisa se preparar para falar caralho?

— Sim. Você fala umas coisas bonitas. Deixa-me com uns negócios estranhos...

— É, eu falo mesmo, agora vamos dormir antes que meu tesão aumente muito e eu tenha que tomar uma atitude.

— Gosto quando toma atitudes. — Lança-me um olhar pidão cheio de ousadia. Beijo os lábios dela, abaixo seu rosto de volta e dou um tapa na bunda, sei que está cansada.

— Vá dormir, Oly. — Ela ri e suspira. Não demora muito para cair no sono.



Estou de barriga para baixo, a primeira coisa que sinto é uma pressão gostosa nas partes baixas, uma ereção, percebo antes de mesmo de abrir os olhos. Meu pau dolorido, exprimido contra o colchão. Jogo meu corpo para o lado, rolando na cama, mas abro os olhos ao notar que um corpo quente e feminino não está ao lado para ser soterrado pelo meu. Apenas lençóis e um travesseiro. Olho em volta. Estou sozinho na cama. Estou sozinho no quarto.

— Oly? — chamo, percebendo a porta do banheiro entreaberta. Ela deve estar lá dentro. — Olivia! — chamo de novo, já jogando as pernas para fora da cama. Ando até o banheiro e não há ninguém lá dentro. Encosto a testa no batente da porta, fazendo uma rápida prece para que Olivia não tenha feito nenhuma loucura. Imagino-a saindo escondida para ir procurar Kate ou ir à casa dos

país.

Entro no banheiro calmamente, -posiciono-me em frente ao vaso sanitário, inclino-me e apoio uma mão na parede, segurando meu pau com a outra. Urino, diminuindo um pouco a minha ereção. Escovo os dentes e saio esperançoso. Ela foi dar comida a Pink. Sei que não fez nenhuma bobeira, quero acreditar.

Saio do quarto, são sete e quinze, desço rápido as escadas. Se ela não estiver por aqui, aí fodeu. Acalmo-me assim que ouço barulhos na cozinha e um cheiro delicioso de café e algo frito. Recosto o ombro no batente na cozinha, assistindo Olivia encostada no fogão, tirando algo de uma panela e colocando em uma vasilha.

— Certo, eu sei que contos de fadas não existem. Mas como explicar isso aqui? Diga-me!

NACIONAIS - ACHERON

— Semicerro os olhos. Olivia está falando sozinha? Então ouço um latido e vejo Pink ali, perto dela, sentada e olhando para cima, como se prestasse atenção no que ela diz.

Ela deixa a vasilha no balcão, pega um biscoito, noto que são biscoitos fritos, vê se está frio e abaixa para dar a Pink.

— Prove e veja se está bom de sal. — Rio baixo, involuntariamente. Ela corre para o outro lado, joga o conteúdo amarelo do espremedor de frutas em uma jarra de vidro, mexe, prova e assente para ela mesma. Então, ela me vê e para assustada.

— Oi — cumprimento. Ela continua paralisada, engole seco e pisca rápido.

— Oi — responde num fio de voz.

— Perdeu a noção do perigo? — Caminho para perto dela. — É sério que me deixou sozinho e veio cozinhar? — Seguro Olivia pelos ombros, vou para beijá-la, mas ela se afasta.

— Romeo. A panela no fogo. — Ela consegue se soltar, passa o olhar pelo meu corpo e corre para o fogão.

— Estava fofocando a essa hora da manhã, Pink? — pergunto ironicamente enquanto afago seu pelo. Olivia fica vermelha e se vira rápido para o fogão, fico de pé e a sigo, posicionando-me atrás dela no fogão. Não a abraço, apenas esfrego, de leve, o volume da minha cueca contra a bunda dela, como se tivesse sido sem querer.

— O que está fazendo? — Olho para a panela, por cima dos ombros dela.

— Senta ali para eu não acabar te queimando — pede, apontando a mesa, sem querer olhar para mim.

— Quer me queimar? — Aspiro a nuca dela. Olivia está com os cabelos amarrados no alto da cabeça, num coque mal feito.— Fritando... biscoitos. — Olho para a mão dela segurando uma escumadeira, está trêmula. Sei que ela não quer me olhar para não cair em tentação e se distrair. Vi como ela ficou quando me olhou só de cueca. Eu sei que sou uma distração para a pobre Oly. Eu amo essa mulher. Passo a mão na cintura dela e vou subindo até chegar a um dos seios e acaricia-lo superficialmente por cima da blusa. — Parecem apetitosos — sussurro no ouvido dela. Bato de leve meu quadril, e Olivia geme.

— Romeo! — Ela se afasta rápido.

— Oi, Oly. Diga. — Elaboro uma cara inocente.

— Eu preciso terminar de cozinhar. — Ainda está longe de mim. Olhando para o óleo borbulhante na panela.

— Ok, então. Mas depois vai me pagar caro, aqui mesmo, no balcão, por ter boicotado nossa foda matinal. É biscoito de quê? — Pego um e vou me sentar. — Hum... polvilho. — Detecto ao morder.

— Balcão?

— É, esse aqui. — Dou um tapinha no balcão. — Ainda não fizemos ousadias nessa cozinha. — Olivia arfa e vira as costas para mim, indo ver a panela no fogo.

— Óleo morno para eles não estourarem? — indago. O biscoito está delicioso, lembro-me da minha avó. Ela costumava preparar assim que chegamos aqui, no Brasil.

— Sim. Já fez desses?

— Já. Demorei para acertar o ponto.

— Aprendi com minha mãe — comenta, termina de tirar os últimos e desliga o fogo. Eu já coloquei café em uma caneca para mim, Olivia vem e senta ao meu lado. — Gosto da sua cozinha. É prática, consegui mapeá-la facilmente.

— Um cozinheiro conhece o próprio ambiente. Minha cozinha foi desenhada para eu poder praticar. Assim como o quarto. — Pisco para ela. Olivia enrubesce, mas não deixa de sorrir.

— Oly, isso está gostoso demais. Não acredito que aquele filho da puta tinha coragem de criticar sua comida. — Ela dá de ombros e abaixa a cabeça.

— Águas passadas.

— Aqui você não precisa se preocupar. Os elogios rolam soltos. Você é gostosa, sua comida é gostosa... Sou um sortudo — falo, sorrindo. Ela avança em minha direção, tomando a iniciativa, e me beija.

— Obrigada. — agradece sinceramente. Beijo o nariz dela.

— Quer viajar comigo?

— Para onde?

— Um cruzeiro. Viajar três dias em um navio de luxo.

— Quando? — questiona e bebe um pouco de café.

— Final de semana. Tudo bem? — Ela pensa um pouco e ergue os ombros.

— Eu vou.

— Eu sabia — constato feliz e beijo os lábios dela, quentes pelo café.



Cheguei um pouquinho atrasado na empresa. Olivia fugiu de mim, não queria fazer sexo na cozinha, e acabamos no quarto mesmo. Tive que me vestir rápido, sem nem tomar banho, é até bom, porque fico com o cheiro dela na minha pele.

Assim que saio do elevador no meu andar,

quase sou atropelado por Lorenzo.

— Oi, espere aí. — Bato a mão no peito dele.

— Estou conseguindo cara — anuncia de olhos saltados. — Estou a um passo de conseguir. Davi acaba de me ligar, as ações da vaca despencaram.

— Vaca? — pergunto, mesmo sabendo a que ele se refere a ex dele. Lorenzo estupra o botão do elevador, apertando mil vezes. — Isso não vai fazer o elevador ter superpoderes e despencar na velocidade do Flash. O que vocês estão aprontando?

— Davi Brant vazou na internet uma notícia maligna e mentirosa sobre a Mademoiselle. A vaquinha deve estar arrancando os cabelos desesperada.

— Isso não é criminoso? — O elevador chega, e ele bate no meu ombro.

— Conto tudo depois. Fique tranquilo, a Orfeu não vai se sujar.

— É o que espero. — Viro-me e sigo em direção a minha sala. Já tentei impedir, argumentar, fazer de tudo. Lorenzo não me ouve. Ele está bolando isso desde aquele dia fatídico há uns seis ou sete anos atrás.

Passo pela mesa de Saulo, dou um bom dia, e ele vem correndo atrás de mim. Desabotoo o terno, sento na minha cadeira, e ele se posiciona à frente da mesa.

— Seus compromissos de hoje, Romeo. — Toca no tablet e vai enviando, nota por nota, para o meu computador. Não me dou bem com agendas de

papel. No computador é mais fácil, eu abro o calendário, clico no dia da semana e vejo meus compromissos.

— Vou viajar sexta-feira, Saulo, preciso adiantar algumas coisas, vê aí o que pode adiantar.
— Ele olha o tablet.

— O que acha de mudar para as dez a visita ao prédio do senhor Duarte? Assim, eu posso espremer um cliente para hoje ainda.

— A empreiteira já ligou?

— Sim. Precisa da sua visita para começar o orçamento.

— Então faça isso. Nove horas tenho o quê? —
Ele olha no relógio de pulso.

— Bom, faltam vinte minutos para as nove. Até
NACIONAIS - ACHERON

lá, você precisa retornar essas ligações. — Ele estica o braço e cola um papelzinho amarelo de nota na minha tela. — Depois, tem que espremer o horário para dois clientes até as dez.

— Ok. E Ludovico?

— Marcou para duas e meia, eu remarquei para as quatro, como me pediu.

— Ligue agora e confirme a presença dele, peça para vir sozinho. — Saulo pega o telefone na minha mesa, liga, conversa um pouco e desliga.

— Sim. Ele confirmou e vem sozinho. — Balanço a cabeça anuindo. Saulo termina de colocar meu dia em ordem, sai da minha sala, e eu recosto na cadeira, pensando na visita do Ludovico. Ele mal saiu do hospital e já está querendo cuidar do que ele é dele. Mal sabe o que o espera. Faço as

ligações para os números que Saulo deixou, tento ser o mais breve possível. Termino às nove e cinco. Antes de receber um dos clientes, pego o telefone na mesa e aperto um botão. Magno atente.

— Ocupado?

— Um pouco.

— Pode vir aqui dois minutos?

— Sim. Já vai ajeitar os equipamentos?

— Isso. — Desligo e aperto outro botão.

— Saulo, não deixe ninguém entrar ainda. Tenho que trocar uma palavrinha com meu irmão.

— Ok — ele responde, e eu desligo. A porta se abre e Magno entra.

— Ele confirmou a reunião?

— Sim, hoje às quatro.

— Então vamos lá. — Ele abaixa perto da minha mesa, mexe na escuta que plantou. Depois, vai até a estante e mexe em outra.

— Pronto o bagulho está tinindo. As câmeras também estão ligadas. — Ele aponta para os cantos que colocou câmera. — Vou controlar da minha sala. Tudo o que rolar aqui estará filmado e gravado em áudio.

Magno arranjou para mim uma aparelhagem de ponta. Eu estava esperando uma oportunidade para desmascarar Ludovico e hoje será perfeita. Meu plano é agir com naturalidade e até horrorizado quando ele contar a versão dele dos fatos, tenho certeza de que vai pintar Olivia como a vilã. Então

darei a ele todo o apoio e a corda que ele precisa para se enforcar. Farei ele lembrar das outras esposas e pronto. Estará no papo. Todo o material gravado será encaminhando para os três filhos, para eles saberem o pai que têm. Depois, darei o golpe de misericórdia, ele ficará sozinho e sem nada.

Magno puxa a cadeira e senta.

— Acha que vai dar certo?

— Estou torcendo para isso. Se ele vier com um dos filhos, aí fodeu tudo. — Ele concorda comigo num balançar de cabeça.

— E Olivia? O que acha disso?

— Nada, ela não sabe — falo baixo, como se desconversasse.

— Não?

— Cara, não vou contar essas paradas para ela. Já está com a cabeça confusa demais.

— Está dando problema? Eu sempre avisei que boceta fixa é problema constante. — Esfrego o rosto sem paciência.

— Bilhões de homens comprometidos no mundo e só você tem problema, o diferentão — alfineto, e ele faz um gesto de desdém. — Olivia pensa demais, ela saiu de uma vida abusiva. Passou a vida toda vivendo de um modo extremamente rigoroso. Agora acha tudo estranho. Comprei calcinha para ela, e a garota pirou.

— Sério? Compro calcinha sempre, mas, no meu caso, é porque rasgo calcinhas demais, aí tenho que pagar.

— Eu só queria estudar essas mulheres e ver o

que elas têm na mente para ainda aceitarem ficar com você.

— Eu sei deixar minha marca. E não são elas que têm que me aceitar, eu que seleciono a lista de espera que vou pegar.

— Espero que a Kate, amiga da Olivia, não esteja nessa sua lista.

— E não está. Ela foi reprovada.

— Sério? Por quê? — Curvo-me para frente interessado. Acho que a mente dele precisa ser estudada, e não a das mulheres.

— É gostosa, confesso que meu pau se animou quando a vi. Fiquei com uma vontade de segurar forte aqueles cabelos loiros e rosa dela, parece a Arlequina. Mas não costumo comer fãs, Romeo. A

garota já me queria antes de eu a conhecer, encontrou meu perfil e já curtiu todas as minhas fotos na internet. Imagina se eu dou a ela uma dose de Magno? Não vai querer me largar nunca mais. E você sabe que eu não tenho paciência para mulher no meu pé.

— Kate é diferente, cara, talvez ela seja a mulher que você precisa para...

— Não — ele me para bruscamente, meio nervoso. — Nem venha falar em consertar. Pra porra com isso. Não estou quebrado para precisar de mulher para me consertar. — Agora ele está puto de verdade. — Odeio quando me falam que o que preciso é de uma mulher na minha vida.

— É o mesmo que muitas mulheres sentem quando alguns homens dizem que o que elas precisam é de uma rola grossa. — Magno sorri,
NACIONAIS - ACHERON

enfim, bem malicioso.

— Mas convenhamos que uma rola grossa deixa qualquer mulher bem calminha. É, sim, remédio para muitas dessas feministas.

— Não existem feministas, Magno, existem mulheres que lutam por direitos iguais e reconhecimento feminino.

— Ah, Romeo! Vá se foder. Mais feio que mulher feminista é homem feminista.

— Não sou feminista. Estou dizendo que a mulher é injustiçada, sim, olhe a Olivia por exemplo, passou a vida sob regras descabidas de homens; em pleno século vinte, ainda existem mulheres que sofrem esse tipo de abuso. — Ele se levanta. E ajeita o terno.

— Não vou discutir isso. Você está enfeitiçado por uma mulher. — Reviro os olhos e me levanto também. Caminho com ele para a porta.

— Mudando de assunto, já contou sobre Jaqueline para Olivia?

— Não. Ainda não é o momento.

— Se ela descobrir por conta própria, você estará na bosta — avisa com a mão na maçaneta.

— É, eu sei. — Estou ciente disso, mas contarei no momento certo.

— Tudo bem. Apesar de tudo, estou feliz. É melhor ver meu irmão enfeitiçado por uma mulher do que por outro homem. — Ele abre a porta. Estou rindo. Será que Magno nunca vai mudar? Ou melhor, será que meus irmãos nunca tomarão jeito?

— Ah! Se a amiga de Olivia perguntar por mim, diga que estou namorando. — Ele se vira e sai da sala. Silenciosamente, torço para que, um dia, essas palavras se tornem reais. Quem se deu bem foi a Kate por ter se livrado de um ignorante feito Magno. Olho para Saulo e faço um gesto para ele trazer o primeiro cliente.

Assim que termino tudo na empresa, voo para a casa, ligo antes e descubro que Olivia já fez almoço, então não preciso comprar. Eu não vou impedir que ela faça comida, se ela quer cozinhar, então não vou me impor. Ao menos vai se sentir mais tranquila sem colocar caraminholas na cabeça.

Ao chegar à cozinha vejo Olivia em estado de calamidade correndo com uma panela na mão, indo para a pia.

— Droga! Deixei queimar — avisa assim que

NACIONAIS - ACHERON

me vê. Deixo a carteira, chaves e celular na mesa e vou para perto dela.

— O que você fez?

— Comida simples: purê de batata. — Olha preocupada para mim — Gosta?

— Muito. O cheio está maravilhoso. — Olho a panela, Olivia joga o conteúdo em uma vasilha de vidro. — Nem está queimado, só grudou no fundo. — Enfio o dedo e provo. — Hum! Está uma delícia. O que mais fez? — Vou para perto do fogão. Tem arroz branco, feijão, grandes bifes com cebola e perfeitos ovos fritos. Meu estômago ronca. Estou salivando.

— Vilma me contou que você gosta de comida simples. Eu também amo o básico. Então, eu fiz.

Olivia coloca a vasilha de purê coberto de molho no balcão perto da pia, abre a geladeira e pega suco. Eu tiro o terno e vou pegar os pratos e talheres. E, pouco depois, eu estava com um prato enorme à minha frente, saboreando, sinto-me, mais uma vez, sortudo.— Isso aqui está muito bom — elogio, cortando o bife e provando. Está macio, suculento e muito bem temperado. — Ah, Olivia! Já era para você. Nunca vai se ver livre de mim. — Ela ri e não come, fica me olhando comer. Olho para ela e vejo os olhos brilhantes, o sorriso de boca fechada. Pego a mão dela e aperto os dedos. — Adoro você, *tá*? Não é só pela sua comida, não.

— Eu sei. — Ela suspira e aperta meus dedos de volta.

Voltamos a comer. Fico pensando o que ela vai fazer quando eu contar sobre Jaqueline. Não é nada

demaís, eu acho. Ela é só minha ex-namorada, a única que eu quase casei e, por causa do pai dela, tivemos que nos separar. Eu terei que contar tudo, tudo mesmo. E Olivia pode entender que eu a roubei do Ludovico só para me vingar. Por isso, essa conversa deve ser planejada. Muito bem planejada, na hora certa.

Depois do almoço, fomos para o quarto descansar e saí às duas, ansioso para às quatro da tarde, minha reunião com Ludovico. Cheguei à empresa e fiquei perplexo ao ir visitar Lorenzo. Sorridente, ele me contou as boas novas. Mal consegui trabalhar, via o relógio se mover lentamente. Olhava a cada cinco minutos. Já estava despenteado, com a camisa por fora da calça, desabotoada e sem gravata. Um calor me fazia suar, apesar do ar estar na temperatura de vinte graus.

Dez para as quatro, ligo para Magno dizendo que se prepare. Arrumei minha roupa coloquei o terno e a gravata e passei os dedos nos cabelos. Saulo entra e avisa que Ludovico está me esperando. Não atendo de imediato. Faço ele esperar um pouco. E assim que ele entra, eu nem olho.

— Um minutinho, Ludovico — falo e digito rápido no computador: *fjsjskskfjskshdkshflsjd*. Assim que “termino”, olho para o homem à minha frente. Involuntariamente, arregalo os olhos. O homem está um caco, foi surrado sem dó. Não sei se rio ou sinto pena. Levanto-me e estico a mão. — Ludovico. Há quanto tempo. — Olho para o braço dele preso em uma tipoia, o olho roxo, um corte na testa e uma bengala na outra mão. Ele vem mancando, coloca a bengala de lado e aperta minha mão.

— Olá, Romeo. — Antes que ele invente que foi um acidente, eu digo:

— Soube que você foi preso. Sente-se, por favor. — Mostro a poltrona de couro à minha frente, e ele se senta.

— Então já soube? Notícias assim se espalham rápido.

— É. Espalham. — De dedos cruzados na mesa, olho fixamente, esperando que ele me conte.

— A vadia da minha esposa armou para mim — rosna com muito ódio na voz. — Fui para a cadeia e um desgraçado me agrediu. Ela vai pagar por isso que ele me fez. — Um ódio quase mortal me toma. Tento pensar que ele não está se referindo a Olivia para eu não ter que terminar o serviço do cara que bateu nele.

— Armou? Como? — Ele me olha e solta o ar em um gesto vencido.

— *Tá*, eu acertei ela. Só uns tapinhas.

— Bateu nela? — Estou surpreso por ele ter confessado. Mas o grande erro de Ludovico sempre foi confiar demais nos colegas empresários— Sabe como é, né? Mulher se você não controlar, sai dos trilhos. — Olho meus dedos brancos por causa da força que estou fazendo.

— O que ela fez?

— Enfrentou-me, e perdi a cabeça.

— É, eu entendo. Algumas saem dos trilhos. Mas e então? Outro divórcio? — sondo.

— Não. Eu não darei o divórcio. Se ela acha que vai me roubar, está enganada.

— Como suas ex-mulheres? — Encaro-o, tentando não demonstrar um olhar frio. — Mas essa não tem filhos para o extorquir.

— Que nada, as outras também não me extorquiram. Eu apenas me vinguei delas.

— Verdade — dou uma risada forçada —, nos contou sobre os cinco milhões. — Continuo sorrindo, mostrando a ele que estou gostando do que estou ouvindo. — Como foi? Cinco para cada?

— Não. Dois milhões e meio para cada uma, fiz elas assinarem um documento me dando a guarda dos filhos.

— Seus filhos, o Ricardo por exemplo, não gostam da mãe, não é?

— Eles acham que elas os venderam. Como eu

já mencionei, eu apenas contei a eles uma história diferente, e eles têm os documentos assinados por elas, para corroborar minha história. — Pronto, já tenho a confissão que eu precisava.

— Bom, vamos deixar assuntos pessoais de lado, vamos falar de negócios — falo calmamente, e ele sorri aliviado.

Vou deixá-lo imaginar, ficar esperançoso, achar que sua vida financeira está a salvo. Eu viajarei na sexta com Olivia e deixarei a cargo de Magno dar a notícia a Ludovico, a Orfeu cortará todas as ligações com a empresa dele, pois os jornalistas já estarão sabendo que ele agrediu a esposa. Magno ficará encarregado de espalhar a informação para a mídia. Portanto, sairei por cima, como se não tivesse nada a ver com a história. Um dia ele saberá de meu envolvimento com Olivia, mas não agora.

Só depois que ela estiver devidamente divorciada.

Chego em casa já atropelando Olivia na sala.
Na minha mão, um champanhe.

— Romeo! — Ela tenta me parar, assustada.
Jogo a garrafa no sofá e tiro minha camisa.

— Vamos beber e foder muito, minha gostosa.

Ela fica boquiaberta e nem me para quando ataco a boca dela, empurrando-a com meu corpo para o sofá. Estamos comemorando, sem ela saber. Na verdade, eu estou comemorando sozinho. Mais uma porra de uma batalha que venci, a próxima é ver Olivia livre e mostrar a todo mundo quem é minha nova namorada. Apresentar Olivia à sociedade e ver a cara de Ludovico e dos filhos quando virem a minha mulher.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

OLIVIA

Amanhã viajaremos. Estou muito ansiosa, mas de um jeito bom. Eu vou estar com Romeo em uma viagem romântica, minha primeira viagem em um navio. Já pensei bastante sobre essa viagem. Até pouco tempo, isso para mim seria impensável: viajar com um homem que é apenas meu namorado, mas eu não estou mais naquela época, eu sou uma nova mulher e estou adorando viver cada um desses momentos.

Já separei uma pilha de roupas que pretendo levar para a viagem. Ainda é estranho pegar essas roupas, todas novas, ainda com etiquetas. As calcinhas nem peguei ainda. De que Romeo trouxe,

NACIONAIS - ACHERON

eu ainda não abri as embalagens. Vou abrir e perguntar quais ele mais gosta. Sim, eu, Olivia, farei isso. Ouço passos atrás de mim e me viro. Romeo entra no quarto.— Terminou? Quero você lá embaixo. — Ele me abraça por trás e descansa o queixo no meu ombro. Sinto um leve cheiro de bebida, cerveja talvez.— Estou separando as roupas que vou levar — respondo, tentando transparecer normalidade.— Esses são os que vai levar? — Ele me solta e toca num monte de roupas.

— Não. Vou levar essas aqui. — Mostro a pilha de roupas dobradas.

— Só isso, Oly? — Uma bela linha de expressão o deixa mais gato.

— Sim. Não são três dias e três noites?

— Sim, mas precisa levar ao menos uma roupa

de noite e biquínis.

— Escolhi um maiô. Tudo bem? — Olho interrogativamente para ele.

— Claro. Vista o que a deixe confortável. Por que esse não vai? Não gostou? — Ele pega um vestido lilás no monte que não vou levar.

— Gostei. Quando eu o vi no catálogo que me mostrou, eu pensei que, se ele fosse meu, adicionaria depois alças ou mangas. — Romeo abre o vestido e olha. Ele é lindo, tem um bom comprimento e é tomara que caia.

— Não é tão decotado — analisa. — Não gosto de tomara que caia, tenho medo de ter que suspendê-lo a todo instante.— Você que sabe. Não entendo nada sobre moda. Só sei que você fica gostosa de qualquer jeito. Venha, desça comigo. —

Ele sorri.

— Ainda tenho as lingerie...

— Nisso eu vou te ajudar. — Ele segura a barra da sua camiseta e a puxa para cima, retirando-a, e me deixa estatelada. — Venha, quero que veja algo. — E lá está mais um sorriso matador. Chegamos à sala, Romeo solta minha mão e vai para sua estante, onde tem uma TV enorme, daquelas fininhas quem eu nem sei o nome, parece de cinema. Ele pega um controle, a tela fica azul e uma lista aparece. Ele escolhe um dos nomes e, no mesmo instante, a sala se enche com uma música. É uma voz rouca, de homem. E logo reconheço. É uma música antiga.

— *Forever*, do Kiss. Embalou minha juventude. — Romeo pega duas taças na mesinha de centro. — Lembra que te disse que gosto de rock? Esse é um dos anos 80. Um mito. — Olho

NACIONAIS - ACHERON

para o vinho em minha mão e volto a encará-lo. Sei que ele consegue ler minha expressão de: O que é isso tudo? — Kit tombada. — A boca dele dá uma repuxada sacana para cima.

— Como é que é? — Semicerro os olhos sem entender.

— Rock internacional anos 80, um Malbec tinto de dois mil e oito com quatorze por cento de álcool e, para completar, não menos importante, eu, Romeo. Juntando isso tudo, apresento o kit que vai deixá-la tombada.

Dou uma risada, já toda arrepiada. Ele continua, sem falar nada, um meio sorriso nos lábios, olhos instigantes, como dizem por aí, está me comendo descaradamente com os olhos.

— Beba, Oly — fala baixinho e passa a língua

no lábio. — Quero você doida pulando em cima de mim.

— Quer me embebedar?

— Não. — Ele passa o polegar pelo lábio inferior, como se secasse. — Quero te tombar para valer. Acha que vai ser mamata morar aqui? Vai ser difícil. — Romeo dá uma golada no seu vinho, deixa a taça na mesinha, dá um passo, leva sua mão para trás da minha nuca, me puxa e chupa meus lábios em um beijo bem pervertido, bem gostoso. Meu corpo amolece e meu peito sacode com as batidas, a língua quente dele invade minha boca, sensual e deliciosa.— Difícil? — exclamo, respirando o ar cheirando a vinho perto da boca dele.

— É, difícil. Tem que beber comigo, dançar rock antigo comigo e o mais importante: uma foda
NACIONAIS - ACHERON

como tombo final. Fico em silêncio, olhando-o, fixada nos olhos cinza-escuros. Uma pontada me atinge em cheio, emociono-me tocada por isso tudo, por ele em si, por ter tido a oportunidade de conhecer Romeo, e ele ter mudado minha vida. Começo a rir, mas acabo derramando lágrimas. Acho que de felicidade, não sei, nunca chorei de felicidade, na verdade, nunca fui tão feliz.— Ei, o que foi? — Romeo levanta meu rosto e, quando vê minhas lágrimas, ele se preocupa. — Oly... eu não quis dizer que vou oprimi-la, foi brincadeira.

— Eu sei. — Olho para a taça trêmula na minha mão. Ele toma a taça e coloca junto a dele. — Eu sei, Romeo, e não quero que mude. Amo você assim. Já disse que gosto das coisas que você fala. Você faz tudo ser único... a cada dia. A música, o vinho... todo o kit... Eu adorei. — Agarro-o em um abraço apertado. Romeo começa a

nos embalar na sintonia da música e cantarola baixinho.— O que diz a música?

— Que eu estou louco por você. — Ele me beija devagar, depois afasta o rosto. — Você vai entrar em uma aula de inglês também.

— Inglês?

— Sim. Vamos viajar muito por aí. Não quero que fique tão perdida.

— Nossa...

— Não recuse — alerta. — Tem que aceitar, Oly. Senão vamos ter um problema: vou ter que ensinar inglês na cama. Vai ter que dar duro para aprender. — Sinto meu rosto enrubescer. Ele olha satisfeito.

— Eu gostaria de trabalhar, assim pagaria
NACIONAIS - ACHERON

muitas das minhas despesas.

— Vai trabalhar. Mas antes tem que ter preparação. Por falar em preparação, que tal tomar o vinho? Como eu disse, quero você doida, pulando em cima de mim.

Ele pega a taça, me entrega e, enquanto eu dou um gole, ele fica à minha frente, abrindo o botão da sua calça jeans. Não desgruda os olhos dos meus. Desce o zíper e posso ver que está sem cueca. Perco o fôlego. Romeo não tira a calça.— Não pare de beber. Vou adiantar o serviço.

Ele olha minha blusa, acho que estudando como abrir. Em poucos segundos, Romeo entende, puxa o laço na cintura e a blusa abre em duas partes.

— Olha só isso. Eficiente. — Ele fica abismado

com minha blusa transpassada. — Quero mais dessas, Oly. Tão prática.

— Tenho mais algumas assim e dois vestidos.

— Ótimo. Use para mim. Beba mais — pede, as mãos já rodeando meu seios cobertos pelo sutiã. Eu bebo um gole, a taça treme na minha mão.

Concentrado, Romeo puxa o zíper da minha saia rodada e o tecido desce pelas minhas pernas. Romeo o acompanha, fica agachado à minha frente e concentra-se na minha calcinha.

— Quando for escolher as calcinhas, vista cada uma para eu ver. Sou como um parâmetro de qualidade. — Ele levanta os olhos para mim. — Beba mais, Oly. Ainda está nervosa.

Eu bebo e solto o ar quando ele aproxima o

nariz na minha calcinha, aspira, beija, engancha os dedos no elástico e a puxa para baixo.

— Abra as pernas, Oly. Preciso ver você. — Eu abro, ele se ajoelha e passa o dedo nos lábios externos. Sim, não toca diretamente, apenas acaricia com o polegar, lambe o dedo e torna a passar.

— Romeo... — sinto que estou muito molhada

— Olivia, sua boceta tem muito tesão acumulado. — Sem avisar, ele se aproxima e pincela a língua, lambendo do início ao fim. Sem controle, deixo a taça no tapete, espalhando o restante de vinho.

— Ai, meu Deus! — grito sobressaltada. — O tapete!

— Deixe o tapete, Olivia. Abra as pernas e segure firme. Não caia. — Ele encosta de novo a boca ali, passando a língua sem pressa. Seguro na cabeça dele, firmo as pernas e me controlo, mordendo o lábio. Sinto o dedo de Romeo rodeando a entrada enquanto ele suga cada parte até atingir meu clitóris. Contorço-me, meu corpo todo balança, e eu aperto meu seio dolorido e, como se não bastasse, ele enfia o dedo e chupa ao mesmo tempo.

— Aguenta, Oly — murmura e faz tudo que tem direito. Sinto tudo dentro de mim sacolejar, uma potência brota com muita força rumo ao meu sexo, estou quase desmontando, ou tombando, como ele disse. Romeo não para, sorri e me olha quando eu grito e puxo forte seus cabelos.

— Fico careca, mas não te largo — fala e volta

a me torturar deliciosamente. E nem eu quero que ele pare. Quando cheguei ao orgasmo, quase caí para frente. Romeo me segurou com as duas mãos, eu continuei inclinada, gemendo enlouquecida, quase caindo e ele com a boca voraz colada entre minhas pernas. Ele se coloca de pé, me puxa para seus braços e desce a calça só um pouco.

— Tremendo ainda? — Ri debochado.

— Ah, Romeo... — Quase nem tenho voz. Ele me dá um beijo molhado de boca toda, sugando desde minhas forças até minha alma.— Tomou hoje a pílula? — Ele ofega também.

— Sim.

— Ótimo. — Ganho mais um beijo dele e, antes que eu diga que poderíamos esperar mais um ou dois dias, sou surpreendida, ele levanta minha

perna e se posiciona contra minha vagina, sinto a pressão de seu enorme pênis, eu tento falar, mas já está deslizando fácil até o fundo. Jogo a cabeça para trás, Romeo puxa meu pescoço e nos beijamos.

— Você devia ter bebido mais — reclama e bate o quadril contra mim, me deixando sem forças para articular a resposta. — Não está pulando no seu namorado. — Romeo sai de dentro de mim, protesto com um gemido de lamentação. Ele começa a andar, me empurrando de costas, pega a garrafa de vinho na mesinha e, quando minhas pernas batem no sofá, ele me segura. — Abra a boca, Oly. — E eu abro, quero vinho, Romeo e música antiga.

Ele vira a garrafa na minha boca e, em seguida, na dele. Escorre um pouco pelo meu queixo, desce

pelo meu pescoço, e eu sinto meus seios molharem.

— Vinho bom não se pode desperdiçar — alega e lambe cada gota de vinho, aproveitando e chupando cada um dos meus seios. Recebo mais um gole, engulo e tomo mais outro. Romeo deixa a garrafa de lado, no chão, me dá um beijo arrepiante e toca no meu ventre, me empurrando, me afastando de sua boca.

Caio no sofá. Ele pega a garrafa, caminha tranquilamente, nu e com o pênis duro feito rocha, vai até a enorme tela e escolhe uma música. Jesus! Misericórdia! O homem é absurdamente bonito. Estou quase pulando nele e pedindo para tê-lo dentro de mim. Só em olhá-lo, meu interior todo se alerta, eu me sinto pulsante, implorando para tê-lo me preenchendo repetidas vezes.

— Já que não está pulando em cima de mim, eu
NACIONAIS - ACHERON

que vou pular em cima de você. Ajoelhe-se no sofá, de costas para mim — pede e eu faço na hora. Fácil mesmo. Não quero nem pensar em nada. Sou doida por ele, quero-o logo e a expectativa de uma nova posição me deixa quase em calefação. Minha vagina ferve.

Sinto a mão de Romeo atrás, no meu bumbum, ele desce e sobe, está no meio. Então os dedos dele tocam minha entrada molhada e latejante, e eu estremeço. Em seguida, sinto ele bater, certo, o pênis contra mim, deixando-me em êxtase..

— Segure-se! — fala e me penetra. Romeo ajoelha-se atrás de mim, no sofá e me abraça por trás, minhas costas tocam em seu peito grande, largo.

— Ah, Oly! Não só amo te comer mas também não me canso disso, porque te amo pra danar. —

Viro o pescoço para trás, ele captura minha boca e começa a bater a pélvis contra mim, mantendo-me firme de joelhos, trêmulos por sinal, satisfazendo cada desejo desesperado meu, indo e vindo com força, fazendo-me sentir toda sua grossura e extensão. Começo a ver estrelas.

Pela primeira vez, sinto-o jorrar dentro de mim. Depois que cheguei a um orgasmo arrebatador, gritando alto, ele acompanhou, se enrijeceu, segurou forte minha cintura e pronto. Eu estava toda cheia de seu líquido cremoso e quente.

Romeo me abraça bem apertado e cai comigo no sofá. Ficamos muito tempo assim, bem grudados, ele de olhos fechados, respirando devagar, se recuperando, e eu acariciando seu braço que repousa sobre meus seios. Passo a mão e encontro o relógio. Desço mais um pouco e toco o

anel.

— Amo de verdade seu anel. Gosto muito da lenda de Orfeu.

— Também gosto, representa muito. Foram três joias. Meus irmãos e eu somos os únicos netos por parte de pai. Então, meu avô mandou fabricar as três joias especificamente para nós.

— Sério? Três anéis? — Ele fica olhando o anel em seu dedo.

— Não. A de Magno é um broche e a de Lorenzo são abotoaduras.

— Hum... Que pedra é essa? As deles têm a mesma pedra?

— Sim, a mesma pedra. Safiras. — Estou doida para saber mais da vida dele, tudo na verdade.

Elaboro a próxima pergunta.

— Onde seus pais moravam?

— Aqui, no Rio.

— Nessa casa?

— Não.

— Ah... na casa da festa, não é? Desculpe por estar perguntando demais.

— Sem problemas. Sou seu namorado, tem mesmo que saber tudo sobre mim. Achamos por bem vender. Ela estava fechada há anos, não entrávamos muito lá. — Balanço a cabeça assentindo, Romeo é muito sincero.

— Romeo...

— Oi.

— Vilma me contou que você teve uma namorada.

— Tive várias, você sabe. — O tom dele é rápido e despreocupado.

— Sim, eu sei. Mas ela me contou sobre uma que era bem sério. Você a amava? — Ele se vira no sofá para me olhar nos olhos.

— Não, Oly. Eu achava que sim, mas, se fosse amor, eu teria ido até o fim por ela.

— Não quer falar sobre ela?

— Não, não agora. — Ele senta, levando-me em seu colo. — Vamos tomar um banho, não vamos falar do meu passado. Você está aqui comigo, no agora. E agora é você que amo. — Dou

um sorriso largo.

— É. Deixemos esse assunto de lado —
concordo e deito o rosto no seu ombro enquanto ele
caminha para o quarto comigo.

ROMEO

Magno e eu estamos na frente e Olivia no banco de trás do carro. Estamos indo para o porto, onde embarcaremos no cruzeiro. Magno chegou cedo, almoçou com a gente e combinei, as escondidas, que fizesse a reunião com Ludovico hoje mais tarde ou amanhã cedo. Vai acontecer assim: Magno dará o veredito a Ludovico e, quando eu estiver de volta na cidade, irei atrás dos filhos dele e jogarei a bomba sobre quem, na verdade, é o querido papai. Olivia não precisa ainda saber sobre nada disso, por enquanto, a única coisa que ainda me preocupa é meu passado com Jaqueline.

— O que tem para fazer nesse barco? —

Magno indaga com cara de tédio enquanto esperamos o sinal verde do semáforo.

— Navio — corrijo. — Dá para fazer de tudo.
— Olivia atrás presta atenção na conversa. — Tem uma noite de gala, piscina, balada, entre outras coisas e duas paradas, já que são apenas três dias de viagem.

— Onde vai parar?

— Ilhabela e Santos.

— Hum... — ele assente e continua pensativo.
— E o que mais pode fazer lá?

— O que quiser. — Ele dá duas buzinas violentas porque o sinal está verde e o carro à frente ainda não se moveu.

— Nas cabines pode tudo? — Magno continua
NACIONAIS - ACHERON

interessado.

— Tudo que não seja ilegal.

— Tem que levar acompanhante como você está levando ou eu poderia pegar alguém lá dentro?

— Reviro os olhos e dou uma olhada de relance para trás. Olivia despista, fingindo que não está ouvindo.

— Não pode pegar ninguém lá, ao menos nesse cruzeiro, já que, teoricamente, é um cruzeiro romântico e, provavelmente, terão apenas casais.

— Melhor ainda. Acho que vou com vocês.

— Eu até ficaria com receio, mas as reservas já estão esgotadas.

— É. Acho que, para mim, não dá mesmo. Vou esperar acontecer o cruzeiro da putaria. — Magno

olha para Olivia e dá uma piscadinha, em seguida, leva um soco no braço, como um alerta para respeitar minha namorada.

— Foi mal, cara — fala rindo.

— Peça desculpas a ela.

— Foi mal aí, Olivia.

— Sem problemas — baixinho, Olivia aceita as desculpas.

Chegamos ao local de embarque e já havia centenas de pessoas diante do gigantesco navio branco. Desço rápido, abro a porta traseira e Olivia sai boquiaberta, observando tudo a sua volta, principalmente, a enorme embarcação. Eu só me interessei em olhar para ela, está magnífica com um desses vestidos longos, de pano leve. Os cabelos

estão amarrados num rabo de cavalo e os óculos-escuros, no alto da cabeça.

— Gostou? — Aperto a mão dela e Olivia olha para mim.

— É lindo. Muito... lindo.

— Isso porque você ainda não viu por dentro.
— Beijo a mão dela.

— Pegue nossas malas — peço a Magno, apontando para o carro.

— Ah, tá! Espere sentado. — Ele está de boa, de braços cruzados, recostado no carro, apenas ali, como um gavião, olhando um grupo de mulheres que já notou a presença do cara de óculos-escuros e expressão depravada analisando-as.

— Ajude-me ao menos — falo e vou para trás
NACIONAIS - ACHERON

do carro. — Abre aí, Magno. — Ele se move, enfia a mão pela janela, pega a chave e destrava o portamalas para mim.

— Ele é bem descarado — Olivia observa após Magno ir até as mulheres.

— Sim, muito. — Nós dois ficamos esperando Magno conversar com elas, todo sorridente. Por fim, tira um cartão da carteira e entrega para uma delas, dá um até logo e volta para perto do carro.

— Deixo vocês aqui. — Ele dá um aceno para mim, beija dois dedos, joga para Olivia e entra no meu carro.

— Cuidado com meu carro. Cuide de tudo aí pra mim.

— Pode deixar — grita antes dos vidros

subirem e o carro arrancar.

— Vamos? — falo com Olivia.

— Deixe-me puxar uma. — Ela pega a mala menor, segura no meu braço e caminhamos lado a lado, em direção à rampa de embarque do navio.

Antes de chegarmos a fila, nos deparamos com um pequeno aglomerado em volta de algumas pessoas. Uma mulher com um vestido vermelho espalhafatoso e muitas joias nos intercepta. São ciganas e estão fazendo sucesso com os passageiros do cruzeiro.

— Olá, sou Josephine, fomos contratadas pela companhia do cruzeiro para fazer previsões aos passageiros. Vocês não pagarão nada, a companhia já nos remunerou.

— Ah... Muito obrigado, mas... — paro de falar e olho para Olivia. Está de olhos saltados. — Não vamos aceitar, obrigado — completo.

— Temos cartas e quiromancia — a mulher fala. Paro de andar porque Olivia está parada e a olha com curiosidade.

— Quiromancia? — pergunta intrigada.

— É. Leitura de mãos.

— Eu... posso tentar? — Olivia sussurra para mim, meio receosa.

— Claro — falo. A mulher sorri para Olivia e estende as duas mãos. Olivia olha para mim, aparentemente fascinada e então entrega a mão para a mulher.

— Como vocês fazem isso? Nunca acreditei —
NACIONAIS - ACHERON

falo para desarmar a cigana.

— Filho, as mãos, geralmente, têm três linhas principais. Você nasce e morre com elas. Mas há outras, essas pequeninas, entrelaçadas, que são mutáveis. — Ela acaricia a palma de Olivia.

— Vejo uma grande força. Força que foi capaz de quebrar um elo forte.

— Um elo? — pergunto.

— Sim. Um elo, mas não emocional, um elo como aqueles de correntes.

— Isso é ruim? — Olivia não parece ter entendido.

— Filha, o que acontece quando se quebra um elo de uma corrente? — O rosto da mulher se ilumina e, por um instante, penso se ela não está

NACIONAIS - ACHERON

certa...

— A corrente se quebra? — Olivia responde a mulher, o rosto igualmente iluminado. Consigo ver um pingo de satisfação nos olhos de Oly.

— Sim. Vejo aqui: independência e paixão. Sua mão mostra uma grande felicidade na sua vida atualmente, apesar da inércia que existia até pouco tempo. É como se você estivesse apenas parada no tempo.

Olivia olha para mim, sorrindo, surpreendida porque a mulher está acertando. Eu ainda acho que tem truque, apesar das coincidências. Fico pensando se Magno não pagou essa mulher para vir falar coisas com a gente.

— E daqui para frente? Pode ver o que vai acontecer? — Olivia está quase saltitante.

— Você é destemida e está com o peito cheio de amor. — Olivia sorri para mim, como se quisesse dizer: Olha! Ela está acertando! — Aqui... Deixe-me ver. — A mulher fica calada, olhando a mão. Pede a outra mão, estuda as duas, olha de alguns ângulos e seu semblante fica carregado. Ela está séria.

— Alguma coisa? — Olivia também está séria, aflita.

— Eu não sei. Você é a primeira que não consigo fazer previsões exatas. Parece um dia chuvoso, um dia nublado. — A cigana torna a se calar e volta a analisar a mão de Olivia.

— Vocês... estão juntos? — A mulher olha para mim. — São muito ligados?

— Sim. Somos namorados — respondo.

— Eu vejo apenas um vulto, como se esse vulto fosse responsável pela falta de futuro que vi aqui. Como se esse vulto estivesse... sei lá, entre vocês. Não sei se é um homem ou uma mulher.

— Tudo bem, já chega. Isso é balela. — Puxo a mão de Olivia. Está gelada. Quem essa mulher pensa que é para falar que Oly não tem futuro?

— Não, espere. — A mulher segura meu pulso — Espere, por favor.. Deixe-me ver a sua. Será muito rápido. Talvez a sua complemente a dela...

— Não. — Puxo minha mão com um toque de rudez.

— Espere. — Ela faz um gesto para mim com sua mão aberta. Olha para trás e acena para um senhor que se veste espalhafatoso como ela. Ele demora um pouco para se aproximar, anda devagar

usando uma bengala. Deve ter uns oitenta anos.

— Esse é meu pai. — A cigana morena com pulseiras barulhentas gesticula. — Ele me ensinou a quiromancia. — Ela apresenta o senhor que acena sério para mim. — Pai, dê uma rápida olhada na mão dela. Veja as previsões para ela.

O velho estende a mão trêmula, Olivia fica receosa, mas, no fim, entrega a mão a ele. Ele fica olhando, olhando, depois levanta os olhos para mim, torna a olhar para a mão suada de Olivia e abana a cabeça em gesto negativo. Sem me perguntar ele segura meu braço e, como é um idoso, eu deixo que olhe minha mão. — Incerto. Tudo escuro. — Ele olha rápido para Olivia e depois me encara. — Vão em paz.

— Vamos Oly, não coloque essas coisas na cabeça. Cada um faz o próprio futuro. — Ela não

NACIONAIS - ACHERON

contesta, mas posso sentir sua mão fria segurando a minha. Embarcamos calados. Olivia está muda, posso sentir a apreensão dela e sei exatamente por quê. Por mais que eu não acredite nessas coisas de adivinhações, a coisa foi bem arrepiante. O que poderia acontecer que turvaria meu futuro com Olivia?

— Aqui está. — O homem uniformizado para diante de uma porta, abre com um cartão e entra, levando as malas. Olivia e eu entramos em seguida. — Parabéns! Vocês escolheram uma das melhores. — Ele pega um controle, aponta para as janelas e as persianas correm. É uma vista espetacular, quando estiver no mar, será fascinante.

— Aqui está o itinerário e o horário das refeições. — Ele mostra os cartões na mesinha de centro. — Também tem um explicativo de todas as

coisas que vocês podem usufruir no cruzeiro.

— Ok. — Eu caminho com ele até a porta.

— Tenham uma boa viagem — o rapaz fala antes de sair.

— Meu Deus! Romeo... isso é... Você viu a varandinha ali fora? — Olivia sorri boquiaberta.

— Gostou de tudo? — Aproximo-me sorridente por causa da felicidade dela. Oly não responde, continua encantada. — Venha, vamos ver o navio partindo. — Levo-a para fora da suíte, na sacada é, absolutamente, foda. Abraço Olivia por trás, e ela relaxa, encostando a cabeça em meu ombro. — Sente como eu estou bem interessado? — Esfrego de leve contra a bunda dela. Olivia ri.

— Nem saímos ainda. Quero conhecer o navio.

— E eu quero conhecer aquela cama ali. Você sabe que eu vou trancá-la nessa suíte o resto do dia, não é?

— Como assim? — Olivia vira o rosto para mim.

— É, Oly, temos que descansar. Vamos ficar aqui, comer aqui, comer muito.

— Por que eu pressinto que não está se referindo à comida? — Aperto-a com um braço e subo minha mão pelo seu ventre, passo pelos seios e agarro o pescoço dela, dou uma mordidinha na orelha, e Olivia geme.

— Essa é minha garota. Traduz direitinho minhas indiretas. — Viro-a de frente e empurro-a até encostar na grade de proteção. Aproveito o volume grande na minha cueca, dou duas

batidinhas de quadril contra ela. Olivia geme.

— Oly, você está presa, tem o direito de permanecer pelada, tudo o que não fizer poderá ser usado contra você na cama.

— Devíamos aproveitar o passeio — contesta, só fala, pois a mão já está acariciando meu peito.

— Você terá um delicioso passeio, da cama para o chuveiro, do chuveiro para o chão, do chão para essa varanda. Melhor itinerário que existe. — Ela morde o lábio e continua. — E claro, vamos adicionar muita bebida e muito Romeo.

— O kit tombada? — Ela sorri.

— Não. Esse será o kit bem-vindos ao mar.

— Não tenho direito a defesa? — indaga e, pela primeira vez, vejo um olhar malicioso surgir em
NACIONAIS - ACHERON

seu rosto. — Quer recorrer da sua sentença?

— Quero. — Ela tenta não rir.

— Então, senhorita réu primaria, qual a sua alegação?

— Condicional — fala, nós dois gargalhamos. Acho bem foda ela estar se desinibindo.

— Condicional?

— É. Presa o dia todo, mas, terei o direito de sair à noite.

— Sairá, mas com a supervisão de um agente da lei, no caso, eu.

— Topo — aceita na hora.

— Ótimo. Bato o martelo e fim de julgamento.

Estou doido para passar o dia, pelado, bebendo e te agarrando.

— Já está me deixando com água na boca —
murmura bem ousada.

Assim que o navio parte, saímos da varanda e corro para pedir o espumante que, segundo o panfleto, passageiros das suítes têm direito. Brindamos e cama. Foi sensacional, transamos tanto, eu retardei o máximo nosso gozo, Olivia começou a ficar irritada, mas eu não poderia gozar ainda sem ter experimentado várias posições.

Fiz ela gozar, quando me sentei na ponta da cama com ela no meu colo. Olivia, pela primeira vez, tomou a atitude de cavalgar por conta própria. A coitada não aguentava mais a vontade de gozar.

Depois do sexo, deitamos pelados, um ao lado

do outro, descansando. Levantei, peguei uma cerveja e me sentei na poltrona, olhando para Olivia,. meu pau subindo de novo. Isso só pode ser doença, acabei de ter uma trepada puta gostosa e meu garotão ainda pede mais. De repente, meu pau murchou, lembrei que tenho que falar sobre Jaqueline. Ainda não sei por onde começar, mas aqueles ciganos me colocaram medo. Olivia se mexe na cama e deita de barriga para baixo, deixando a bela bunda a vista. E lá se vai consciência pesada. Meu pau subiu de novo.

— Vai dormir? — pergunto.

— Um pouco, me acorde na hora do almoço.

— Quero essa sua bunda gostosa, Oly. — Ela vira o pescoço para me olhar. Sem entender. Deixo a cerveja ali, e vou para a cama. Subo e paio nas costas dela. Mantenho minha mão no meio das

NACIONAIS - ACHERON

costas para ela não se virar.

— Romeo... preciso...

— Eu sei que sua boceta precisa de um tempo. Já pensou em anal? — Acaricio de leve a bunda dela, admirado, louco para cair de boca e chupá-la.

— O quê? — Ela tenta se virar, mas eu empurro as costas dela, mantendo-a de bunda para mim.

— É. Eu acho que você não está pronta ainda para um anal bem gostoso e safado. — Deslizo minha mão por cada parte da bunda dela, dou um tapa, Olivia estremece, e eu levo meu polegar para acaricia-la, passo na boceta dela, vermelha e inchada pelo sexo recente e com pouco de resíduo do meu esperma. Quase gozo ao ver isso. Mas não demoro ali para não excitá-la, tenho que dar um

tempo. Subo meu polegar e passo devagar contra o ânus dela, que se contrai ao simples toque do dedo.

— Depois, vou te comer assim, de bunda para cima, estou com muito tesão. — Deito-me na cama e a puxo para mim.

— Amo você, Romeo — murmura já com a voz bem sonolenta.

— Também amo você — respondo no mesmo tom.

Quando acordo, já são uma da tarde. Peço o almoço e acordo Olivia. Passamos o dia assim, no quarto, pedindo coisas para comer e transando. Entre uma coisa e outra, dormimos mais um pouco à tarde, assistimos a um filme e, no início da noite, eu achei que já havia passado da hora de contar a Olivia sobre Jaqueline. Tomamos banho juntos, pedi um café para curar nossa ressaca antes de

NACIONAIS - ACHERON

sairmos para aproveitar a noite, quer dizer, eu nem sabia se eu teria noite. Só sabia que ela não tinha como fugir de mim aqui no navio. Por isso, deixei para contar quando estivéssemos em alto-mar. Sentei-me na cama, ela penteava os cabelos na frente do espelho.

— Oly, sente aqui comigo — peço, batendo a mão ao meu lado. Ela me olha e, assim que vê que estou sério, ela vem.

— O que foi?

— Oly, contei muitas coisas sobre mim, você conhece minha família, minha casa, sabe em que trabalho. Sabe até a história do anel, que não conto a quase ninguém.

— Sim, eu sei. E você também sabe tudo de mim.

— É. Mas tem algo que eu não contei. — Vejo o semblante dela cair totalmente.

— Ai, meu Deus! Você é casado?

— Não. — Dou um sorriso reconfortador. — Não mesmo. — Aliviada, ela leva a mão ao peito. — Quando eu a vi, não sabia quem era, só sabia que eu tinha que ter a mulher da festa. Então, pedi a um dos homens da Orfeu que investigasse quem você era. Quando ele me disse que era esposa de Ludovico, na mesma hora, eu a deixei de lado, não queria me envolver novamente com Ludovico.

— Por causa dos negócios, não é?

— Não. Não foi por causa dos negócios. — As sobrancelhas dela se juntam, está muito preocupada. Fita-me atentamente. Respiro fundo, tomando fôlego.

— Não deu para tirar você da minha cabeça, não conseguia mais nem transar com alguém. Então, mandei tudo pra porra e fui atrás do que eu queria.

— O que de verdade quer me contar, Romeo? Tudo isso eu já sei.

— Certo, vamos lá. Anos atrás, eu namorei uma garota, aquela que Vilma contou. Eu estava apaixonado, mesmo com o gênio difícil dela, mesmo ela sendo mesquinha e mimada, eu a queria. Eu estava disposto a me casar com ela, mas eu era apenas um cozinheiro, e a empresa do meu pai estava indo de mal a pior. E então, o pai dela se envolveu no nosso relacionamento e nos separou, o pior é que ela nem se importou muito. Apenas me deixou de lado.

— Ah, meu Deus, Romeo. — Olivia acaricia

NACIONAIS - ACHERON

meu braço, me consolando. Seus olhos sofrendo com minha história.

— Foi difícil, ele armou uma situação para que parecesse que eu traía minha namorada com a própria madrasta dela. — Olivia coloca a mão na boca, horrorizada. — E ela acreditou.

— Que tola — Olivia opina, e eu faço que sim com a cabeça. Nos calamos por segundos, ela ainda me encara com atenção. — O que eu quero contar é que nada do que temos tem a ver com isso, sou seu namorado, amo você, não há razão para querer resgatar qualquer coisa do passado, pois nem ódio sinto, é apenas indiferença.

— Romeo, está me deixando confusa. O que quer dizer com tudo isso?

— Você conhece a família de Ludovico, não é?

— Sim, conheço. O que tem? — Os olhos dela estão enormes. Pigarreio, tomo coragem e, após dar uma longa exalada, com medo, eu disparo:

— Minha namorada, essa que o pai interferiu, era Jaqueline, a filha de Ludovico.

O sangue some do rosto de Olivia.

31
OLIVIA

— Oly... você...

— A Jaqueline? — exclamo. — Aquela megera? — Estou desestabilizada com a notícia. Não sei o que pensar, me pegou desprevenida.

— Isso foi há muito tempo, hoje ela é casada e nunca mais a vi — Romeo explica calmamente. — É algo sem importância.

— Sem importância? — Levanto-me rápido e o encaro. — Como assim, sem importância? Por que está comigo Romeo?

— Por que estou com você? — A testa dele
NACIONAIS - ACHERON

enruga e os olhos ficam semicerrados. — Não entendi a pergunta.

— É vingança? É isso, não é? Está me usando para se vingar do Ludovico, para se vingar da Jaqueline. — Ele se levanta e, calado, vai para perto da mala. Abre e escolhe uma cueca. Olho para Romeo e vejo a dureza no rosto másculo.

— Olivia, depois de tudo, de todas as coisas que vivemos, recuso-me responder isso, fico até insultado.

— Insultada estou eu. Sinto-me enganada. — Ele volta para perto de mim.

— Oly, eu contei porque não quero nada entre a gente. Precisa confiar em mim.

— Conte-me tudo — peço já segurando as

lágrimas. Não vou ser tola e chorar.

— Jaqueline e eu namoramos, eu achava que era amor, como disse. Mas não era, constatei quando Ludovico armou toda a confusão, e ela não confiou em mim, nem me deu chance de explicar...

— Então agora você toma a esposa dele para se vingar, não é?

— Pare com isso, Olivia. Eu já disse que a quis sem nem saber quem você era.

Ele tenta me tocar, mas eu me afasto rápido.

— Não dá para acreditar. — Penso um pouco.
— Não dá, Romeo. Olhe todos os fatos, desde o início, você sabia tudo sobre mim, você me cercou mesmo conhecendo meu marido, você teve um passado com a Jaqueline, como quer que eu

acredite? Como? — Ando um pouco pelo quarto, apertando forte meu roupão. Volto-me e Romeo está muito nervoso, irritado, me fuzila com um olhar magoado. — Eu quero ir embora.

Ele solta uma risada irônica.

— Não dá para ir embora.

— Dá. Assim que tiver a primeira parada amanhã, você vai me levar para casa. Eu não vou mais morar com você.

— Vai jogar tudo para o ar, Olivia? — Levanta o tom de voz. — Vai me deixar por suposições do passado?

— Não são suposições — grito de volta.

— São suposições — rebate. — Você acha que quero apenas me vingar. Se eu quisesse me vingar

NACIONAIS - ACHERON

de Ludovico, eu não teria feito tudo por você.

— Está jogando na minha cara? — Já estamos aos gritos. Deus! Nossa primeira briga e estou odiando. Na verdade, estou odiando Romeo nesse momento, ele e Jaqueline. Aquela mulher tocou no Romeo e isso acaba comigo.

— Não, Olivia. Estou dizendo que, se fosse para atingir Ludovico, nem me importaria com você, não a protegeria, apenas comeria e a deixaria lá, na casa dele. Uma simples foto com você seria o suficiente para uma suposta vingança. — Uma lágrima desce do meu olho.

— Não acredito que disse isso. Como pode ser tão... baixo?

— Você está distorcendo o que eu disse, foi um exemplo, Olivia.

— Deixe-me em paz! — grito e corro para o banheiro, batendo a porta e fechando o trinco. Recosto na porta e me afogo em lágrimas.

— Oly... — ele bate devagar, me chamando.

— Deixe-me em paz — murmuro.

— Como você se sentiria se eu acusasse você de estar comigo só para salvar os negócios do Ludovico? — Pelo espelho do banheiro, vejo meus olhos arregalarem. Limpo as lágrimas e abro a porta. Romeo está recostado no batente, mais calmo.

— O quê?

— É. Você descobriu que seu admirador secreto não é ninguém menos que o homem que pode salvar a empresa do seu marido. Então, você

PERIGOSAS

aceita um caso comigo, entra de cabeça nisso para que eu seja a tábua de salvação para os bens que você vai herdar. Como se sentiria com essa acusação?

— Você é um... filho de uma... lhama! — grito de punhos fechados — Como pode pensar isso de mim? Eu não estou com você só para ajudar Ludovico.

— Então entenda que eu não estou com você só para me vingar de Ludovico. É como eu me sinto, Olivia. Logo você, duvidando de mim. — Ficamos nos olhando.

— Preciso ficar sozinha — murmuro.

— Ok. Vou dar o tempo que precisar. — Ele se veste e sai sem olhar para mim.

NACIONAIS - ACHERON

Fiquei, por um longo tempo, na porta do banheiro, perguntando-me se não fui longe demais. Entretanto, só em imaginar o absurdo de Romeo com Jaqueline fico louca. Mas tenho que colocar na cabeça que isso foi o passado dele. Eu confio nele? Até agora Romeo não deu motivos para eu desconfiar. Ele seria capaz de me usar só para essa vingança? E depois? Eu seria abandonada à própria sorte?

Droga! Jaqueline, não. Tudo menos isso. Aquela mulher é uma esnobe. O que ela pensaria se me visse com o ex-namorado? O que ela pensaria se soubesse que seu ex-namorado roubou a esposa do seu pai e que, no fim, ele acabou fazendo o que Ludovico inventou: Romeo acabou ficando com uma madrasta de Jaqueline.

Depois de pensar muito, eu chego à conclusão

de que nem Ludovico e muito menos sua filha têm nada a ver com minha vida. Eu estou prestes a me divorciar dele, estou morando com Romeo e não vou jogar isso para trás por causa dela.

Decido sair do quarto. Não faço ideia para onde Romeo foi. Bom, eu não tenho experiência nenhuma com muitas coisas, mas isso não significa que não sei raciocinar. Paro recostada perto do elevador e começo a fazer eliminações de possíveis lugares que ele está. Ele saiu de calça jeans, então acho que não deve estar na piscina e nem no salão de baile. Acho que ele pode estar no restaurante, mas, como combinamos de jantar juntos, creio que o lugar mais provável é o bar. Ah, Deus! Nunca entrei num bar, já estou tremendo.

Empurro a porta e não é bem o que eu esperava. Quando ouvia a palavra bar, eu sempre

pensava naquele monte de homens barulhentos, mesa de sinuca e cheiro de cachaça. Mas não foi isso que encontrei, o lugar é lindo. É meio tênue, escuro, mas com luzes espalhadas em uma harmonia perfeita, tem até um pequeno palco, onde um casal canta alegremente e, pelo que vejo, não são profissionais. Nas mesas, a maioria com casais, há descontração. As pessoas não estão fazendo barulho, o cheiro daqui é bom e sinto-me normal, como todo mundo. Diferente da tola que eu era tempos atrás.

Fico olhando por um bom tempo e não consigo encontrar Romeo. Ele não está por aqui. Mesmo assim, ando até o balcão, meio constrangida, aceno para um rapaz servindo as bebidas. Ele me vê e já vem sorrindo.

— Um Martini, certo? — Ele aponta o dedo

para mim.

— Oi? — Inclino-me para frente para ouvir melhor.

— Um Martini. Você tem cara de que vai pedir um.

— Ah! — Percebo logo que ele se refere à bebida. — Não. Não quero um Martini. Estou procurando uma pessoa. Ele é alto, tem cabelos pretos e baixos e...

— Olha, eu trabalho aqui, mas não percebo muito em homens — interrompe. — Além do mais, essas características são bem comuns.

— É, tem razão.

— Vai beber algo? — Mordo os lábios e olho em volta. Ao meu lado, tem duas mulheres, e uma
NACIONAIS - ACHERON

delas está bebendo algo amarelo. Ela presta atenção na minha conversa com o moço do bar.

— Ah... se eu pedir alguma coisa, tenho que pagar agora?

— Você pode mandar a conta para seu quarto.

— Tudo bem. Então vou querer um vinho. — Decido beber e torcer para que Romeo apareça por aqui.

— Tinto?

— Isso.

— Ok. — Ele se afasta, e eu me sento no banquinho, morta de vergonha.

— O *boy* deu um perdido em você?

— Oi? — Viro-me para a mulher ao meu lado. Noto que é nova.

— Seu homem a deixou sozinha? — Antes de eu responder, ela já julga. — Deve estar com outra nesses becos por aí. Esses homens são todos descarados.

— Quem deixou quem? — A outra perto dela inclina-se para saber da conversa.

— O bofe dela, deixou a coitada sozinha.

— Que safado! Vocês vieram juntos? — pergunta e, quando abro a boca para falar, ela já completa. — E ele a deixou no primeiro dia de cruzeiro? Merece morte.

O homem me entrega a taça de vinho e uma notinha. Pede para eu assinar e colocar o número

do quarto. Assino e ele se afasta. As mulheres me olham interessadas, querendo saber mais sobre minha vida.

— Ele não me deixou desse jeito que vocês estão pensando. Eu pedi um tempo para pensar.

— Pediu um tempo? Por quê? Você tem outro?

— Enquanto umas dispensam homens, eu estou precisando apenas de um — a morena reclama. Bate a mão no balcão e grita para o homem lhe dar outra dose. Tenho vontade de rir. Elas são como Kate, nem esperam eu explicar, já antecipam a história.

— Sou Bia — a morena se apresenta. — E essa é Darlene, aponta para a outra de cabelos curtinho.
— Viemos sozinhas, pois, no momento, estamos dando um tempo de homens.

— Oi. Sou Olivia.

— E então, Olivia, você pediu um tempo?

— É, mas não há outro. Nós brigamos.

— Aposto que foi por mulher. — Bia me olha bem interessada.

— Mais ou menos. A ex dele... — eu começo a falar, olhando para o vinho.

— Sabia! — grita e chega a me assustar. — Cuidado com as ex. São uma raça terrível. Eu falo isso porque sou ex de alguém — Darlene se levanta e corre para sentar no meu outro lado.

— Está falando do Caio, amiga? — agora elas conversam comigo no meio.

— É. Estou falando daquele desgraçado.

Agora, fala-me de você. — Bia me fita atentamente. — A ex está aqui, no navio?

— Não — falo depressa. Penso na Jaqueline com aquele nariz empinado aqui, no mesmo lugar que eu e Romeo. — Quer dizer... espero que não.

— Então... você não o pegou com ela?

— Não. Ele me contou sobre quem era essa tal ex.

— Bia! Ele leu a lista para ela. Safado! Já deve ter pegado o mundo e o fundo.

— Era alguém que você conhecia?

— Sim. — Dou de ombros. — Fiquei furiosa quando eu descobri.

— Quem? — as duas quase gritam. — Sua

irmã?

— Não. — Penso um pouco, balanço o vinho na taça e dou um gole. As duas mulheres estão com cara extrema de curiosidade. — Ele namorou a filha do meu ex.

— Cacete! Sua história é melhor que Grey's Anatomy. — Grey's o quê?

Alguma coisa me incomoda, como se sensor que me alertasse de que estou sendo vigiada. Olho para os lados e então, vejo Romeo lá na porta de olho em mim. Finjo que não o vi e volto a olhar para o vinho. Vou fingir que eu não vim procurá-lo.

— Olivia! Está ouvindo? — Darlene cutuca meu braço, e eu olho para ela.

— Oi?

— Quantos anos tem toda essa gente? Seu namorado, a ex dele, seu ex...

— Ele não namorou uma menor de idade, se é isso que estão pensando. Meu ex que era bem mais velho. — Ela olha para mim de cima a baixo.

— Mais velho? Tipo trinta?

— Não. Tipo cinquenta e dois.

— Ave Maria! — as duas exclamam.

— Seu ex tinha cinquenta e dois anos? Você tem o quê? Vinte e seis?

— Vinte e três. — Nem me preocupo de estar passando por um interrogatório.

Olho de novo para o lugar onde vi Romeo, e ele não está mais lá. Ele caminha, mas não em direção

a mim. Fico atônita quando ele sobe no palco. O que ele vai fazer? Por que ele está subindo ali?

Romeo conversa com um homem que apresenta a ele uma tela. Céus! Uma melodia começa a ecoar pelo bar, Romeo balança o corpo devagar e solta a voz. *Un poco de ti para sobrevivir, esta noche que viene fria y sola...* Sim, estou boquiaberta. Ele começa a cantar em espanhol e nem olha para a tela, olha para mim.

— Uau! — uma das garotas murmura, e elas estão focadas em Romeo cantando. — Que beleza.

— Nossa, me abana. Que homem é esse?

— É ele — falo deslumbrada, encarando-o. Romeo canta em espanhol para mim. — É ele, meu namorado.

— Esse? Ele é o cara que você pediu um tempo?

— Sim. — Olho para as duas. — Brigamos e acho que ele quer fazer as pazes.

— Caramba! Ele está cantando Enrique Iglesias para você. — E então percebo que ele canta a música do Enrique Iglesias, que recitou para mim tempos atrás, a que fala que beijar sua boca, merece um aleluia.

— Amiga, você é doida de dispensar um homem desses.

Já estou sorrindo para ele, como a tola fácil que sempre fui. Ele todo charmoso, exibindo uma boa voz, um bom espanhol, fazendo-me esquecer totalmente que eu estava magoada.

— Você vai perdoá-lo?

— Se não, me fala que eu vou investir pesado.
Vou consolá-lo.

— Eu também estou na fila.

Olho para elas e, apesar de achar engraçado, fico um pouco irritada, enciumada. Meu, ele é apenas meu e pronto.— Não vou perdoá-lo. — Viro o vinho na boca. — Já o perdoei antes mesmo de ele vir cantar. — Levanto-me e caminho para perto do palco, ele continua cantando, e eu fico ali, mais ou menos no meio do bar, parada, olhando-o sem piscar.

(...) Casi una experiencia religiosa

Contigo cada instante en cada cosa

Besar la boca tuya merece un aleluya (...)

De olho em mim, ele canta esse refrão mais algumas vezes, termina a música e nem espera os aplausos, desce de lá e vem rápido até mim. Romeo não espera eu dizer nada, me toma em seus braços, e eu aperto forte, bem forte. Quase querendo me dar uns tapas por pensar em deixá-lo.

— Tive palpitações quando voltei para o quarto e não a vi.

— Eu vim te procurar. — Passo o nariz no pescoço dele. — Onde estava? — Romeo afasta um pouco para olhar nos meus olhos. Segura meu rosto em suas mãos e me beija.

— Vamos para o quarto?

— Sim. — Aceito na hora. Ele me beija de novo e me abraça, aceno para as duas mulheres no balcão que estão olhando fixamente para nós dois.

— Onde você estava? — Torno a perguntar quando entramos no quarto.

— Dei uma de Rose e fui para a proa do navio me suicidar porque levei um pé na bunda.

— Suicidar? Quem é Rose?

— Nunca assistiu *Titanic*, não é?

— Não.

— Então esqueça o que eu disse. Você não está mais com raiva?

— Não. Eu confio em você. Desculpe-me por ter falado aquelas coisas. — Deito a cabeça no ombro dele.

— Esqueça isso. Jaqueline nem mesmo é um fantasma na minha vida. — Levanto o rosto para

olhá-lo de novo.

— Quero te falar uma coisa bem séria. —
Romeo afasta meus cabelos. — Eu fiquei muito
puto, Olivia. Você é minha mulher e não vou
permitir que tente se afastar. Precisa aceitar, não há
mais volta. Nem fodendo eu vou deixar você sair
por aí dizendo que não me quer mais ou que vai
embora da minha casa.

— Eu não quero ir embora.

— Mesmo se quisesse. Você escolhe o que vai
fazer da vida, em que trabalhar, se quer estudar.
Tem livre arbítrio, mas escolher se me quer ou não
está vetado. Você não tem esse poder. — Sorrio,
acariciando seu rosto. Sinto embaixo de mim, o
volume da cueca aumentar.

— Isso soa meio opressor.

— Você acha opressor? — Uma linha de expressão forma na testa dele.

— Não, mas se outras pessoas ouvissem isso...

— Foda-se a opinião alheia, Olivia. Eu só falei verdades.

— Você é bem intenso quando fala verdades.

— Tire essa roupa que vou mostrar como sou intenso. — Romeo já começa a puxar minha blusa para tirá-la pela cabeça. Quase caio do seu colo, ele me segura, e eu o ajudo a me despir. — E também vou puni-la por ter me dado um frio na espinha. Nunca tive esse medo do cacete.

— Vai me punir? — Não estou de olhos arregalados e pálida, estou sorrindo.

— Vou. — Ele termina de tirar minha roupa e
NACIONAIS - ACHERON

me joga na cama, pulando em cima logo em seguida, seu corpo forte me cobre deliciosamente. — Será a melhor punição, Oly. Você quase esgota minha sanidade e, em troca, eu vou esgotá-la na cama.

ROMEO

— Nossa, você é muito gostoso. — Olivia fala para o teto. Viro o pescoço para olha-la. Estamos lado a lado na cama, caídos, exaustos. Já são quase oito da manhã. Sinto minha boca ficar escancarada num sorriso.

— Estamos progredindo. Você me acha gostoso?

— Sim. Nunca achei que diria isso a uma pessoa.

— Você é a gostosona dessa cama, sempre. — Arrasto-me para o lado e abraço-a. — Gostou do

sexo matinal? — Ela percorre a mão pelo meu corpo, passa pelo meu braço e arranha com as unhas, de leve, meu pescoço.

— Foi a melhor maneira de acordar.

— Está conhecendo melhor as coisas boas da vida. — Abaixo o rosto contra os seios dela e aspiro. Essa mulher me deixa sem ar.

— Com meu namorado de quase quarenta. — Levanto meu rosto fitando os olhos dela assim que ouço isso.

— O que disse?

— Com meu namorado de quase quarenta — repete. Ficamos calados. Sinto meu queixo cair, totalmente incrédulo.

— Isso vindo de alguém que tinha um marido

NACIONAIS - ACHERON

de cinquenta anos... — Afasto-me dela e me sento na cama com os pés no chão.

— Meu amor, ficou com raiva?

— Não. Lógico que não. Vou me vestir, o navio vai parar. — Vou em direção ao banheiro, mas dou meia volta e paro perto da cama, onde Olivia está enrolada nos lençóis.

— Olivia, está vendo isso aqui? — Flexiono os braços dobrados, exibindo meus bíceps bem cultivados. — Agora olhe isso. — Bato no meu peito. — E isso — Aponto para meu pau. — Tenho cara de que estou prestes a me aposentar? Estou no auge.

— Eu sei. — Ela sorri. — Você é supernovo. Tem problemas com idade?

— Não, até você ter criticar, e eu me sentir um velho tarado comendo uma menina de vinte e três aninhos.

— Você ficou zangado. — Ela gargalha, se jogando contra os travesseiros. — Idade não é problema, Romeo. Você mesmo diz que idade está na mente das pessoas.

— E agora eu estou com vontade de transar com você sem parar, até eu completar quarenta anos e você ver o que é potência de um cara de trinta e cinco. — Arrasto-a da cama. Seguro os pulsos dela e a levanto para que me abrace. Olivia envolve minha cintura com as pernas e os braços no meu pescoço. — Vamos para o banheiro.

— Dá um sorriso para mim, Romeo — pede. Passa de leve os lábios pelo meu rosto. Dou um sorriso artificial e um tapa na bunda dela.

— Você me deixou bem bolado, namorada novinha gostosa.

Fiquei mesmo pensando sobre esse lance da idade, não da minha, sempre tive segurança do meu potencial, mas nossa diferença é grande, doze anos. Quando eu tiver sessenta, ela estará de boa com quarenta e oito. Tenho que me cuidar. Minha paixão por Olivia está, a cada dia, subindo um nível mais alto. Magno diria que o sentimento está no meu pau. Mas sei que não é. Minha paixão é dupla, de pau e de coração. Sou doido por ela.

Nos vestimos bem à vontade. Oly disse que fiquei muito bem de bermuda e, quanto a ela, nem preciso dizer que fica bem de qualquer forma. Ficou um mulherão naquele vestido solto que ela escolheu, um bagulho doido se formou dentro de mim. Ciúmes com orgulho. Queria que o povo

soubesse que ela está comigo e, ao mesmo tempo, pensei no monte de caras que eu iria querer matar.

— Minha mãe comprou o protetor, mas nunca tive oportunidade de usar. Não saia para lugar nenhum — fala espalhando o creme branco pelo rosto.

— Agora tem motivos. Muitos. Lá em casa tem piscina. Sabe nadar? — Sei não. Só consigo me manter viva dentro da água. — Dou uma risada. Está aí mais uma coisa que vou adorar ensinar.

— Já passou? — Ela aponta o protetor solar para mim.

— Não passo essas coisas. Na minha família, só Lorenzo tem essas bestagens. Homem não tem pele, tem couro.

— Meu homem tem pele. — Ela se vira de frente para mim, despeja um pouquinho na palma da mão, lambuza o indicador no creme branco e vem em direção ao meu rosto. Afasto-me bruscamente.

— O que está fazendo?

— Romeo, não quero você com o rosto todo enrugado daqui uns dez anos.

— Está insinuando coisas sobre minha idade?

— Em tom brusco, eu indago.

— Não estou insinuando nada. — Ela revira os olhos impaciente. Oly fica linda revirando os olhos.

— Eu li na revista que o protetor é uma medida preventiva contra câncer e envelhecimento precoce, por isso, pedi minha mãe para comprar um.

Está vendo isso, Brasil? Minha garota é cultura. — Tudo bem. — Olivia lambuza o dedo e começa a rebocar meu rosto. — Olhe para mim — pede, e eu a fito. Então ela começa a espalhar suavemente os pingos de protetor que deixou ali. — Ai, céus! — exclama rindo. — Sua barba ficou branca. — Olho-me no espelho e deparo-me com uma barba ensebada. Acabo rindo também. Olivia esfrega mais um pouco, tentando espalhar, mas ainda fica meio branca, eu nem ligo.

Decidi tomar café em terra firme, na praia de Ilhabela, onde o navio acabou de atracar.

— Nossa, que lugar lindo, Romeo. Nem parece que ainda estamos no Brasil.

— Aqui é só o início. Vou te mostrar muita coisa, o Brasil é um belo país. Ah! E precisamos providenciar seu passaporte, vamos meter o pé na NACIONAIS - ACHERON

estrada.

— Nossa, eu nem sei o que dizer Romeo. —
Olivia solta um longo exalar. — Não tenho nada
resolvido ainda.

— Como assim? — Paramos de andar, encaro-
a. Olivia olha para baixo.

— Eu não tenho nada, Romeo. Ainda estou
casada com Ludovico, nada na minha vida está
concluído. — Ela levanta o rosto. — Fico a todo
instante pensando naquilo que a cigana falou. —
Passo o braço no ombro dela e a puxo para mim.

— Pare com isso. Como assim, não tem nada?
Tem a mim. Pronto. — A expressão dela muda da
água para o vinho. O sorriso ilumina todo o rosto.

— É, ter você já resolve oitenta por cento dos

meus problemas.

— Então, fica apenas vinte para a gente resolver? — Franzo o cenho como se estivesse incrédulo.

— Sim.

— Fácil. Vamos tomar um café, e você vai me contar o que a aflige. — Abraçando-a, conduzo em direção a um restaurante bom.

Eu já estive aqui nessa praia, viemos mergulhar. Mergulhar é uma das atividades que mais acalmam Lorenzo. Magno e eu sabemos dos demônios que atormentam nosso irmão dia e noite, aquele garoto não tem paz. Então, fazemos muita coisa por ele. Levo Olivia a um restaurante que se parece um enorme quiosque. Sentamos do lado de fora e fazemos nossos pedidos. O lugar é fresco,

vento natural, não há muita gente e podemos ver o mar.

— Fale, Oly. Despeje tudo.

— É sobre a Jaqueline. — Olivia fala, olhando para a praia.

— O que quer saber?

— Não sei o que vai acontecer quando ela descobrir.

— Não vai acontecer nada. Você é a mulher que amo, Jaqueline que se foda. — Olivia assente e, após engolir um minisuspiro, fala: Também te amo.

— Eu pedi pressa na abertura do divórcio — comunico, afinal, ela é a principal interessada. — A primeira audiência é semana que vem. Quer que eu

NACIONAIS - ACHERON

vá com você?

— Você pode ir? Não atrapalhará seus negócios com Ludovico se ele souber que estamos... juntos?

— Eu não tenho nada a perder. Ele que precisa de mim, não eu dele. — Olivia assente, faz uma pausa e fica pensativa. Calado, espero ela pensar.

— Então... se você fosse comigo, teríamos que comunicar nosso namoro antes? — Recosto casualmente na cadeira e cruzo minhas mãos atrás da cabeça.

— O que acha de fazer uma visitinha a seus pais? Você e eu? — proponho e lá estão os costumeiros olhos assustados dela.

— Está louco? Não acho boa ideia. Meu pai

teria um ataque.

— Eu acho uma puta ideia. Acho que seu pai não ficará com tanta raiva quando vir que o novo genro tem mais dinheiro que ele e Ludovico juntos.

— Às vezes, você é presunçoso. — Apesar da crítica, ela sorri.

— Eu posso, né? — Dou um sorriso de leve, malicioso, bem esnobe.

Enquanto saboreamos um delicioso café tropical com direito a suco de frutas, ovos mexidos, torradas e pães de queijo quentinhos, Olivia decide que precisa saber mais sobre meu passado com Jaqueline. Ela pode ter me perdoado, transado comigo duas vezes depois que ficou sabendo, rir das minhas gracinhas, dormir me abraçando e tudo mais. Entretanto, sei que ela não engoliu totalmente

essa história.

— Pediu ela em casamento?

— Ela? Se refere a Jacqueline? — indago, pois a pergunta veio do nada, sem nenhum contexto.

— Sim — assente murmurando.

— Pedi, ela não aceitou. — Horrorizada, Olivia coloca a mão no peito.

— Jacqueline não aceitou se casar com você?

— Na época, eu não tinha muita grana, na verdade, estava afogado em dívidas e ainda pagando os equipamentos do meu restaurante. Eram dias difíceis, ela sabia disso.

— Ela não o apoiava?

— Não. Ela aceitava que eu fosse chefe de cozinha, mas não deixava de me atijar, dizendo que eu devia estar com meu pai na Orfeu.

— Que cretina! Desculpe-me Romeo, mas eu nunca gostei dela e agora gosto menos ainda.

— Não precisa se desculpar, Oly. Está no seu direito não gostar dela, assim como eu odeio Ludovico. Mas lembre-se: eu não tenho mais nada a ver com ela.

— Eu sei disso. Mas só o fato de... vocês dois... Nossa! — Ela esfrega a garganta. — Dá ânsia pensar nisso. Amo você, muito, Romeo, e detesto ela. — Para se distrair, Olivia toma todo o suco do copo e limpa os lábios delicadamente.

Terminamos o café e resolvemos ir dar uma volta por perto. Com o sol das dez a pino, eu

arranquei minha camiseta e a joguei no ombro. O olhar rápido de Olivia, mapeando meu peito, não passou despercebido. A atração esfomeada é bilateral, a mesma que sinto quando a vejo. Agarrei a mão dela e a levei para andar pela praia, com a água molhando nossos pés.

— Já falei umas cinquenta vezes, mas vou falar de novo. — Olivia saltita e olha para cima, em direção ao meu rosto. — Adorei ver você cantando.

— E eu adorei que não ter nenhum conhecido por perto.— Por quê? Foi tão lindo.

— Coisa de homem, Oly.

— Coisa de homem?

— Homens não gostam de ser pegos no flagra por outros caras enquanto estão fazendo “fofuras”

— faço aspas com os dedos — para as namoradas. Por precaução, preferimos demonstrar intimamente, eu prefiro demonstrar no quarto. — Roubo um rápido beijo nos lábios dela. — Só de falar em carinho no quarto, já estou aqui trincado.

— Trincado? — Olivia questiona curiosa. Continuamos andando. Dou uma risada, e ela me olha ainda séria, esperando explicações.

— Trincado e doendo.

— Romeo. — Ela me olha em um tom quase assombrado, achando que eu estou passando mal.

— Mas sou guerreiro e vou esperar até hoje mais tarde, depois do baile que vai ter no navio.

— Esperar?

— É, Oly, esperar. E você também tem que se
NACIONAIS - ACHERON

comportar até lá. Quero ter muita munição guardada para te metralhar todinha. Vou te deixar toda molhada, descabelada e suada. Será uma delícia. — Ela ri e balança a cabeça fazendo o rabo de cavalo balançar. — Está falando de sexo não é? — Agora eu que rio.

— Sim, ainda não superei nosso sexo de reconciliação que você me unhou todo. Foi gostoso demais. *Nossinhora!* — Olivia para de andar e segura meu braço, olhando minhas costas. Coloca a mão na boca quando vê os riscos rasos.

— Deus! Nem percebi. Então, essa coisa de metralhar é uma punição por eu ter te arranhando?

— Nunca. É agradecimento, você estava num fogo. Hoje à noite quero você brigando feio, viu? Enquanto eu te pegar de jeito, precisa usar essa boquinha para me chupar e morder. — Ela beija

meu braço e volta a segurar minha mão.

— Você fala umas coisas selvagens...

— Eu sou selvagem, gata, não estou vendo nenhum Santo Romeo aqui. — Um brilho divertido passa pelos olhos dela enquanto me encara avidamente. — Quando o pau e o coração falam a mesma língua acabamos nessas conversas doidas e obscenas.

— Ah, Romeo! — Oly tenta prender todo meu corpo em um abraço. — Amo você um pouquinho mais a cada hora.

— Também amo você, minha namorada aprendiz aplicada. — Pontuo cada palavra, pausando sensualmente, olhando em seus olhos, e termino prendendo a boca dela contra a minha. Olivia agarra meus braços, geme e se derrete toda

enquanto abre a boca esfomeada pelo meu beijo. É um beijo tão erótico que fico com medo de esporrar minha sunga e bermuda. Nem nos importamos com as pessoas na praia, apenas ficamos ali, debaixo de sol, agarrados como carrapichos, engolindo um ao outro.

— Oly, você fica de calcinha molhada quando eu faço e falo essas coisas? — Afasto nosso beijo só para perguntar.

— Como sabe?

— Como eu disse: não sou Santo Romeo, mas tenho meus truques.

Depois de conhecer uma pequena parte da ilha, pegamos um táxi e fomos para outra praia almoçar, em seguida, voltamos ao navio para tirar um cochilo. Agora, vamos ao baile. Vesti um terno

simples, Olivia está encantadora em um belo vestido, mas eu só consigo pensar na renda por baixo dele, na lingerie escolhi.

— Espero não passar vergonha. Estou em desespero, Romeo. — Caminho até ela, encosto meus lábios em sua boca, e ela entreabre os lábios, começando a me beijar. Depois de um longo beijo, limpo sutilmente os lábios dela.

— Está mais calma? — Ela não responde. Sorri como resposta.

Enquanto retoca o batom, eu abro minha mala, pego algo que comprei e trouxe justamente para hoje à noite.

— Oly. — Escondo minhas mãos atrás das costas. — Não quero birra, quero lhe dar uma coisa e você precisa aceitar.

— Ai, meu Deus! — murmura já amedrontada. Tiro a mão das costas e mostro a ela uma caixinha preta aveludada, abro, e Olivia fica boquiaberta. É um colar, ouro branco com uma pedra de safira no pingente, como meu anel.

— Romeo, isso é...

— Bonito? — Viro-a para o espelho, posiciono-me atrás para abotoar o colar. Ainda abismada, ela passa a mão na pedra. Ajeito o cabelo dela de volta no lugar e fico olhando, esperando a reação. — Gostou, Oly?

— Sim, é lindo mas...

— Nem venha com histórias, Olivia. Se gostou, eu fico feliz, se recusar, aí eu terei que te dar um ensinamento. — Os lábios dela abrem um sorriso.

— Você me ameaça a todo instante, já percebeu?

— Já. Quer que eu pare com as ameaças?

— Não, dá um frio gostoso na barriga. Estou doida para chegar logo o fim do baile.

— Então vamos logo apressar isso. Ir, comer, beber, dançar e voltar correndo. — Seguro a mão dela. Evito beijá-la para não borrar de novo o batom.

— Vamos. Adorei o colar Romeo.

— Esse é o primeiro de muitos.

E foi como imaginamos. Era um baile qualquer, oferecido aos casais da noite. Tinha música romântica, flores, carta de vinhos e um buffet que me fez comer como um urso. Olivia estava linda,
NACIONAIS - ACHERON

como naquele leilão que ela foi com Ludovico, mas dançou comigo. Foi naquela noite que tudo mudou para nós. Agora, está para nascer a pessoa que vai se meter entre a gente. Eu sou do tipo de cara que quando se apaixona fica bem grudado na pessoa e quero Olivia para mim, morando comigo sempre, quero acordar e dormir com ela, vê-la assinando Lafaiette no seu nome. Olivia Maria Lafaiette. É, eu não só quero, como preciso me casar com ela.

— Gosto desta música. Fala sobre o quê? —
Olivia olha diretamente nos meus olhos.

— Algo como: Não quero perder você.

— Sério?

— Muito sério. E eu concordo com a música.

— Somos dois.

Como planejamos, não demoramos no salão do baile. Voltamos para a suíte, e eu já tinha em mente tudo que o eu queria. Entramos, pedi que Olivia ficasse parada sem se mexer. Pelo telefone, pedi um champanhe e fui para cima dela.

— Pronta? — Acaricio os ombros roliços dela. A pele fina e cheirosa.

— Pronta — responde de imediato.

— Ok. Você não faz nada. — Levo-a para frente do espelho, posiciono-me atrás e começo a acariciar os cabelos dela. Há apenas uma presilha, tiro-a e deixo ali em cima. Olivia tem cabelos grandes, de uma cor bonita, algo como amarronzado-claro, mas, contra a claridade, fica um tom meio loiro. Encosto meu nariz, aspiro os fios e vou descendo rumo à nuca dela. Vejo ali um arrepio se formar. Sorrio comigo mesmo e continuo

NACIONAIS - ACHERON

apenas passando o nariz pelo pescoço dela, minhas mãos longe de seu corpo. Ela me olha fixamente pelo espelho.

Minhas mãos entram em ação abaixando o zíper do vestido dela, em seguida, descendo o tecido pelos ombros e costas. Tento não pirar vendo os seios cobertos pela renda. Com ela de salto, usando o colar e de calcinha e sutiã, eu a viro para mim.

— Está do jeito que passei o dia fantasiando. — Sinto a intensidade da minha voz, isso a deixa com os lábios entreabertos e olhos anuviados de tesão.

— Você não vai... tirar? — Ela passa a mão pelo meu terno.

— Não. Hoje você é o foco aqui. Eu fico para depois.

Seguro na mão de Olivia e caminho com ela para a cama. Faço-a se sentar na beirada e fico de pé diante dela. Ela mexe nos cabelos e noto os dedos trêmulos.

— Está nervosa, Oly?

— A expectativa me mata, Romeo. Você acaba comigo.

— Sim, acabo. Do jeito que você faz comigo.

— Acaricio a bochecha dela e desço meu polegar para os lábios. Passo meu dedo gentilmente em volta e, automaticamente, Olivia entreabre os lábios, enfio meu polegar e ela chupa, de olho em mim, respirando entrecortado.

— Por enquanto, não vou deixar você chupar nada. — Tiro meu dedo da boca dela. — Eu chupo, você observa. — Arranco minha gravata, tiro meu

terno e começo a desabotoar as mangas da minha camisa.

— Romeo... — Olivia protesta, os olhos grudados na minha calça que está bem volumosa. Passei o dia assim: de saco cheio.

— Se você encostar a boca aqui, eu perco meu controle, Oly.

Enquanto eu dobro as mangas da camisa, ela cria coragem e toca na minha calça. Eu paro e olho para baixo. Olivia passa a mão ainda um pouco retesada, eu abro as pernas e ela apalpa meu pau por cima da calça.

— Ah, merda! — Soluço, e ela olha para cima.

— O que vamos fazer Romeo?

— Eu vou te atropelar daqui a pouco. — Pisco

para ela e jogo meu quadril contra a mão dela. Olivia desce entre minhas pernas, passa a mão na minha coxa, volta a apalpar meu pacote e batidas ecoam na porta. Levanto um indicador, pedindo um tempo. Corro para a porta, recebo o champanhe e quero voltar correndo, entretanto, abro a garrafa, despejo em duas taças e levo uma para ela.

— Beba para se acalmar. — Ela toma a taça da minha mão, bebe tudo em três goles e me devolve. — Ótimo. — Rio, bebo a minha e coloco as taças no aparador. Tiro meu cinto, puxo as mãos de Olivia, ela se levanta e vem rápido para me abraçar, mas eu a empurro de leve, guiando-a de costas para a parede. E, quando a prendo ali, entre meu corpo e a parede, ela me agarra vorazmente, e eu permito. Ela quase pelada, e eu ainda vestido, deixando-a irritada com isso. Olivia tenta abrir minha camisa, mas eu não permito, seguro a mão dela contra a

parede. Ela tenta mexer na minha calça com a outra mão e acabo segurando as duas.

— Romeo!

— Espero que tenha tomado champanhe o suficiente, pois hoje será o dia da nossa foda com força. Nível hard. Você já está bem preparada.

Ela geme como resposta. Enrolo meu dedo na calcinha e puxo para baixo. Olivia abre as pernas, a calcinha fica meio baixa, e eu meto a mão. Bem molhada, mas precisa ensopar mais.

— Está na hora de você arranhar a parede — digo, dou um último beijo de língua nela, viro-a com a cara na parede, a bunda para mim. Caio de joelhos, abro as pernas dela e enfio o rosto ali, passando a língua de cima a baixo, degustando a boceta dela. Olivia joga a bunda para trás, a beijo

com a língua, chupando enlouquecido, sugando cada dobra, sorvendo cada pontinho, o clitóris é como uma balinha na minha língua. Como Oly está de salto, começa a tremer de pernas bambas, se debate, desce as unhas na parede, e eu seguro firme as pernas dela, ainda não está nem perto de eu deixá-la gozar. E, quando esse momento chega, eu paro, me levanto e agarro-a.

Olivia vira para mim e ataca minha boca, tentando balbuciar alguma coisa. Bem rápido, pego-a e jogo deitada na cama, desabotoo minha camisa, mas não tiro, abaixo minha calça com a cueca e já pulo em cima dela. Olivia me abraça e, em êxtase desesperado, passa as mãos pelo meu corpo, jogando a cabeça de um lado para outro enquanto eu passo meu pau contra ela, nem consigo prolongar muito isso. Estou fervendo, sinto fogo puro nas minhas veias, meus músculos triplicam de

tão tensionados e quase tenho um ataque de porra quando vou adentrando o interior molhado equentinho dela, eu começo a me movimentar em cima de Olivia.

— Ah, meu Deus! — grita e crava os dedos na minha bunda enquanto eu meto sem parar. Começando a aliviar meu tesão guardado desde de manhã.

— Está gostoso?

— Muito bom, Romeo... Muito gostoso! — Olivia grita e, com as mãos, faz o que aprendeu a fazer ultimamente: me apalpa bem forte, não fica um músculo do meu corpo sem ser tocado. Enfio minhas mãos para baixo das costas dela, e rodo a gente na cama, ficando por baixo.

— Sente, Oly. Tente acabar comigo.

Ela choraminga e desce contra meu pau, vai quase até o fim, o pescoço vira, ela joga os cabelos e sobe. Meu pau vai saindo, eu seguro a cintura dela e soco de novo.

— Aaauuu! — Não foi um grito. Foi um gemido de lábios sorridentes. Olivia aperta forte minhas coxas e grita conforme eu meto sem parar, indo todo, sem piedade, nível hard, como eu avisei. E ela, bravamente, aguenta toda extensão e largura do meu pau, nas socadas potentes. Olivia firma as pernas ao lado do meu corpo, inclina-se para frente, segura no meu peito e começa a me ajudar, abaixando a bunda contra meu pau.

— Ai, cacete! Porra! — eu grito ferozmente, os dentes trincados. Sinto as veias do meu pau, inchadas de tão duro que ele está. Sento-me no meio da cama com ela no meu colo. Arranco o sutiã

dela e caio de boca nesses peitos maravilhosos.

— Goze, Oly. Goze no meu pau. — Para ajudá-la, continuo as arremetidas e meto a boca nos seios dela e chupo cada um com cuidado, puxando com os dentes cada mamilo, depois elevo minha boca para o pescoço dela. Até Olivia gozar, meu estômago dá um salto triplo de prazer, e eu sinto as unhas dela nas minhas costas de novo. Assim que ela goza, dou um beijão em sua boca ofegante. Olivia ainda treme e coloca a mão na boceta inchada, quando acabo de tirar meu pau.

— Agora é minha vez. Depois, chuveiro e cama.

Sou um cavalheiro, esperei Olivia se acalmar, me levantei, terminei de tirar a roupa e fui pegar mais champanhe. Levei a garrafa e fiquei de pé, ao lado da cama. Virei na minha boca, derramando

NACIONAIS - ACHERON

algumas gotas pelo meu queixo e pescoço, Olivia sentada sob as pernas, olhava fixamente meu pau bem duro enquanto eu bebia na garrafa.

— Você faz essas coisas para me abalar, não é?

— Ela me dá um sorriso quase de adoração.

— Lógico — Coloco um joelho na cama e vou para perto dela. — Levante. — Peço, tocando no queixo dela. Olivia levanta o rosto, abre a boca, e eu jogo champanhe dentro. — Sou um líder, minha gata, tudo que faço tem um propósito. — Ela engole o champanhe e volta a olhar para baixo, para meu pau.

— Não vai chupar nada ainda, Oly. Vou acabar com você primeiro. Depois, você acaba comigo. — Viro a champanhe na minha boca, deixo a garrafa no chão e faço-a virar de costas para mim. — Fique de joelhos — comando, ela obedece. Eu de joelhos

também, posiciono-me atrás, ajeito meu pau entre as pernas dela, abraço-a, mordo o pescoço e meto bem forte. Ela estremece, se joga para trás, e eu a seguro firme.

— Tudo bem? — pergunto. Meu pau já todo dentro.

— Sim... Ah, Romeo! Sim! Muito... bem! — Sorrio satisfeito e começo a socar forte, ela está muito lubrificada e isso facilita muito a penetração até a base do meu pau. — Merda! Romeo... já vou gozar de novo — ela choraminga, segura forte no meu braço que a mantém presa ao meu corpo.

— Não, Oly. Aguenta mais.

— Não dáaaaaa.

— Dá sim. — Continuo socando, mordendo o

pescoço dela, minhas mãos acariciando seus seios. — Não pense em mim te comendo, pense em cachorrinhos.

Ela vai curvando para a frente, até que eu a jogo na cama, ela cai de quatro, ajoelho-me atrás na bunda empinada e mando ver, segurando seus cabelos e forçando a barra, provocando um barulho úmido, sons dos nossos corpos se batendo, meu quadril contra a bunda dela, meu pau inchando cada vez mais, ficando apertado dentro dela, muito mais saboroso. Agora eu já estou no limite.

— Goze, Oly. Chegou a hora. — Mais duas socadas fundas, e ela se dissolve toda em ondulações e gritos de prazer, juntando seu gozo potente com minhas jorradas quentes. Enquanto eu gozo, mantenho meu pau bem no fundo, todo atolado, apertando forte a cintura dela, e Olivia fica

muito satisfeita, empurrando mais sua bunda contra mim. Acabo caindo deitado em cima de Olivia. Abraço-a por trás, meu pau sai, mas continua ali, pressionado contra a boceta dela.

— Meu Deus! Não sinto minhas pernas — murmura em tom humorado. Consigo, por trás, alcançar a boca dela. Dou um rápido beijo e ajeito-me melhor na cama. Olivia fica pequena nos meus braços.

— Precisa fortalecer essas pernas. Ainda tem mais um round. — Ela ri, segurando firme meus braços que a envolvem.

— Você me faz feliz só com você mesmo, Romeo. O resto é consequência.

— Digo o mesmo, Oly. Tenho um puta amor por você, minha gostosa.



Quando voltamos do cruzeiro, Magno já tinha preestabelecido tudo para eu mandar ver no golpe contra Ludovico. Ele organizou uma reunião com o pessoal de Ludovico e soltou a bomba. Agora, o velho está, definitivamente, sem nenhum apoio financeiro e nenhuma ligação com a Orfeu. Pagamos uma multa pela quebra do contrato e fechou. Não tem como eu ficar mais feliz da vida. Essa viagem de três dias com Olivia foi magnífica. Desfrutei de uma boa companhia em um lugar luxuoso e bonito, e ainda cheguei em casa e encontrei boas novas.

Em seguida, virá a segunda parte da vingança contra Ludovico: fazer os próprios filhos ficarem contra ele. E não foi difícil trazê-los até a empresa, onde meu método de manipulação foi realizado

com sucesso. Claro que Olivia não estava sabendo, meus planos era contar depois que tudo estivesse pronto.

Deixei os três irmãos perplexos com a revelação, ouvido o próprio pai relatar na gravação tudo o que havia feito. Foi um golpe de mestre.

Sexta-feira...

Hoje é a manhã do quarto dia desde que voltamos do cruzeiro. Tudo está maravilhoso, minha convivência com Romeo parece mais íntima e estreita. Sinto nosso relacionamento mais firme e estável. Estamos fazendo tudo para não deixar nada interferir entre a gente. Decidimos, ontem à noite, que hoje Romeo e eu iríamos sair da toca. Vamos ver meus pais. Vamos chegar de surpresa, para não dar tempo de avisarem a Ludovico.

Concentrada diante do forno, regulo a temperatura e dou um pulo sobressaltada quando braços me puxam para um peito nu. Meu coração

bate depressa.

— Quem é a pessoa mais gostosa dessa casa?

— Romeo fala com o rosto nos meus cabelos, ele desce a boca e mordisca meu ombro, estou de camisola e robe.— Você — respondo de frente para ele.

— Resposta errada. Você. — Ele me dá um beijo. — Além de gostosa, é teimosa. Por que acordar tão cedo? — Recebo outro beijo antes de responder.

— Porque acostumei.

— Oly, você tem apenas duas opções toda manhã: ou me espera acordar você, ou me acorda se você abrir os olhos primeiro.

— Por quê?

— Porque é ruim demais acordar sozinho na cama e ainda de pau duro. — Ele faz questão de bater de leve o quadril contra mim, para eu poder senti-lo grande nas calças. — Venha tomar um banho comigo.

— Não Romeo. — Empurro-o; ele está muito gostoso, quentinho porque estava na cama e com uma bela calça de flanela, posso ver que sem cueca. Mesmo assim, empurro-o. — Estou preparando café. Você não cansa de querer sexo toda hora?

— Com você? Está longe de me cansar. O que está preparando?

— Estou requentando aqueles pães de queijo que fizemos ontem à tarde. — Franzo o nariz um pouco preocupada. — Tudo bem para você?

— Está ótimo. Vá sentar ali. — Ele segura atrás

no meu quadril e me empurra de leve em direção à mesa.

— Não. Sentar por quê?

— Porque vou te paparicar um pouco. Deixe-me continuar com café e servi-la.

— Está querendo ganhar algo em troca? — Sempre quero algo em troca. Mas, principalmente, porque você merece mimos infinitos. — Ele espera eu sentar, alcança minha orelha, beija a pontinha e sussurra: — Romeo ajuda quem cedo madruga. — Arrepio-me toda.

Ele liga a TV fininha que fica na cozinha, escolhe um canal de notícias e vai para o armário, pega canecas e coloca sobre a mesa.

— Receosa para hoje à tarde? — Ele serve café

nas duas canecas. Romeo se refere a nossa visita a minha família.

— Um pouco. Veja se esse café ficou bom. Acho que exagerei no açúcar. — Fico olhando ele bicar o café. — Delicioso. Então está um pouco receosa. De que tem medo? — Romeo recosta do outro lado do balcão, à minha frente.

— Ah, sei lá. Sobre tudo. Um mês atrás, eu era a esposa devotada, hoje eu estou foragida com meu amante.

— Que agora é seu namorado.

— Sim, meu namorado — concordo com ele.
— Vê como isso soa ruim para uma família como a minha? Eu vou apresentar um homem a eles, mas ainda estou casada e não dei as caras desde que tudo aconteceu.

Romeo não fala nada. Pega a luva térmica e abre o forno para tirar a forma de pães de queijo. Ele coloca o recipiente perto de mim e senta ao meu lado com sua caneca de café.

— Oly, mais cedo ou mais tarde, eles precisarão saber. Eu não pretendo deixá-la e quero estar com você na audiência. Então é melhor eles ficarem sabendo de uma vez e pela sua boca.

— E se eles forem hostis com você?

— E daí? Sou um ancião lembra? — Dá uma piscadinha para mim — Posso me defender. — Acabo sorrindo, me sentindo calma só em vê-lo sorrindo também.

— Você não é ancião. Pare de fazer drama. — Beberico o café e percebo que está bom. Recordo-me do tempo de Ludovico em que tudo tinha que

estar perfeito e, mesmo assim, ele criticava. Romeo me traz de volta à realidade quando pega um pão de queijo, morde um pedaço e traz o outro para minha boca.

— Está gostando de ficar aqui comigo? — Ele indaga de olho em mim, me encarando enquanto eu mastigo.

— Sim. Gosto muito.

— u também. Não tem por que a gente mudar isso, não é?

— Não podemos afirmar nada, Romeo.

— Claro que podemos. Eu curto muito estar com você, nunca tive tanta ansiedade para voltar para casa depois do trabalho. Não quero deixar você sair daqui. — Não respondo. Desvio o olhar,

pego um pão de queijo, parto no meio e mordo uma das bandas. — Nem vem achando que vai se safar fácil — Romeo decreta, olhando fixamente para o nada em sua frente.

— Está fazendo drama de novo. — Dou uma olhadinha de relance e Romeo está me encarando de cara feia. Descobri ontem, com os irmãos dele, que isso é uma coisa que mata Romeo de raiva: insinuar que ele está fazendo drama. — Estou brincando, amor. Não quero me afastar de você.

— Hum! — Ele bufa e volta a comer. — Só aprende o que não presta com aqueles dois. — Eu rio e ficamos comendo e assistindo ao jornal das sete.

— Vou fazer um pão com ovo frito. Quer um?

— Não. Já estou satisfeita.

— Com um pão de queijo e meio? — Ele me olha incrédulo e dou de ombros. Romeo assente e começa a ajeitar as coisas. Acende o fogo da frigideira, coloca margarina e quebra o ovo. Ele faz tudo muito rápido e profissionalmente. Quebra o ovo com uma mão apenas e tem uma agilidade impressionante para manusear a espátula. É um espetáculo vê-lo cozinhar, assim, com essa calça caindo nos quadris, contornando o traseiro.

— Você não tem gostos peculiares. Ludovico jamais comeria um pão com ovo frito.

— Já te disse que ele é um boiola. Eu me preocupo em encher minha barriga. — Romeo parte um pão desses italianos que ele gosta, coloca uma fatia de queijo, o ovo por cima e uma pitada de sal antes de fechar. Ele senta de volta ao meu lado. Me deu água na boca em vê-lo mastigar com tanta

vontade. — Pode pedir, Oly. Não fique com esses olhos gordos. — Ele encosta o pão perto da minha boca, e eu dou uma mordida.

— Muito bom mesmo.

— Estamos transando como coelhos. Precisamos de sustância — alega.

“A crise econômica ainda não atingiu todas grandes empresas brasileiras, mas algumas não tiveram a mesma sorte. As indústrias Durval continuam indo ladeira a baixo.” Olho petrificada para Romeo assim que o repórter começa a falar sobre a empresa de Ludovico. Romeo não reage, mastiga de forma indiferente.

“Depois que a Orfeu anunciou, na última sexta, o desligamento completo com a referida empresa, as ações da Durval caíram mais quinze

por cento e o dia ontem fechou com a maior baixa em trinta anos.” Eu estou com a mão no peito, olhando sem piscar. O jornalista caminha pelo estúdio e senta ao lado de um homem muito bonito. *“Vamos agora falar com o executivo financeiro, Enzo Brant, representando o banco AMB que é responsável pelas transações da Orfeu.”*

— Eu disse que ia me vingar — ele fala antes de eu perguntar alguma coisa.

— Você que fez isso?

— Fiz. Tem algum problema?

— Não. Lógico que não. Eu só... fiquei abalada. Sei o quanto os filhos de Ludovico brigam por essa empresa. — Volto a olhar a TV, onde eles mostram um gráfico, e o convidado explica cada número.

PERIGOSAS

— Os filhos não vão mais brigar pelo pai. Armei uma arapuca. — Olho bruscamente assim que ele fala isso.

— Armou arapuca? O que fez? — Romeo joga na boca o último pedaço de pão. Limpa os lábios e sorri vitorioso.

— Induzi Ludovico a confessar o que fez com as outras ex-mulheres, gravei e, assim que voltamos do cruzeiro, mostrei aos três filhos. Ludovico, nesse momento, deve estar sozinho, sem o apoio dos filhos e vendo seu patrimônio acabar.

— Romeo! — Coloco a mão na boca, sem acreditar no que estou ouvindo.

— Você precisava ver. Foi impagável a cara que os três fizeram. — Romeo ri.

NACIONAIS - ACHERON

— Os três... Viu a Jaqueline depois que voltamos?

— Foi necessário, Oly. — As sobrancelhas dele se juntam num gesto de desculpas.

— Necessário, Romeo? — Levanto depressa e saio de perto dele. Nem sei o que pensar nesse momento. — Você se encontrou com ela e agora me fala assim, como se não tivesse importância alguma?

— Mas não tem importância nenhuma. Ela estava com os irmãos dela, nós não trocamos nem meia dúzia de palavras. — De braços cruzados, olho de volta para Romeo, sem esconder a mágoa nos meus olhos.

— Como tudo aconteceu? — questiono.

— Com tudo ou só com ela? — continua praticamente inabalado.

— Com ela. — Estou com vontade de gritar. — Ele passa a mão pelos cabelos, exala profundamente e desliga a TV. Levanta e vem até mim.

— Certo. Nós conversamos um pouco. Ela veio com quatro pedras para cima de mim por ter cortado a ligação com a empresa do pai dela. Foi a primeira a chegar.

— Então ficaram sozinhos?

— Por uns cinco minutos.

— Que dia foi isso Romeo?

— Segunda-feira. Que diferença faz?

— E por que não me contou? — Agora estou quase gritando.

— Olha quem está fazendo drama agora. — Ele faz pose de engraçadinho. — Eu ia contar antes de irmos ver seus pais. Na verdade, Enzo comentou que estaria hoje nesse programa falando sobre a economia do país e que falaria sobre a Orfeu. Eu coloquei aí para você ver e eu ter como começar a contar.

Fico calada, olhando bem dentro dos olhos dele. Romeo sorri e massageia meus ombros.

— Oly...

— O que conversaram? Será que posso saber? — Continuo irreduzível. — Ela queria explicações, e eu disse que eram negócios. Gritou comigo que eu estava fazendo tudo isso só para me vingar do

pai dela, por ter acabado com nosso namoro. — Sinto uma raiva tão grande imaginando aquela sem-vergonha gritando de nariz em pé.

— E ela está certa, Romeo? — Ele já se aproximou demais de mim e, sutilmente, me puxa para um abraço. Continuo de braços cruzados, esperando a resposta.

— Sim, Oly. Ela está certa. Estou fazendo tudo isso por vingança. Ele mexeu com você, minha mulher. — Minha carranca cai na hora. Não tem como ficar emburrada quando ele fala essas coisas. Um sorriso começa a brotar nos meus lábios e eu tento abortá-lo no mesmo instante. — Pode sorrir, Oly. Sei que quer me matar de beijos. — Descruzo meus braços e abraço o pescoço dele.

— Você foi meio maldoso.

— É, eu fui. Sou meio vilão, cuidado comigo.

Romeo se curva e me enche de vários selinhos. Beijo-o de volta, avidamente.

— Mas não nego que gostei — Sussurro, — Fico feliz pela Núbia e pela Leandra, a verdade veio à tona.

— Sabia que ia me compreender.

— Quando a gente ama, compreende tudo, Romeo. — Beijo o peito dele e vou subindo de leve até minha boca alcançar a dele. — Mas você foi mexer com a mulher de Ludovico primeiro. Sabe disso, não é?

— E você está ficando bem espertinha. Pirracenta de primeira. Vamos para o chuveiro? — Dou uma gargalhada e um gritinho quando Romeo

me pega no colo e começa a andar para fora da cozinha. Acabamos em um caloroso banho. O sexo matutino é bom, pois me faz lembrar das pílulas. Então, assim que termino, já tomo uma.

— Venho almoçar com você — Romeo avisa em frente ao espelho do quarto, amarrando a gravata. — Vou trazer almoço para a gente.

— Eu faço — ofereço prontamente. — Não vou fazer nada a manhã toda, eu faço.

— Não. Você precisa se desintoxicar de fogão por algum tempo. — Vou até a cama e pego o terno dele. Passo a mão, verificando que está perfeito e caminho até Romeo.

— Assim como você gosta de cozinhar, eu também gosto. Não é sofrimento quando fazemos algo que gostamos. — Posiciono o terno atrás dele

e ajudo-o a vestir. Depois, vou para a frente e ajesto a lapela do terno e a gravata.

— Tem razão. Você está sem material de moda, não é?

— Sim, estou.

— Eu já providenciei para que, a partir da semana que vem, você comece a receber as revistas aqui.

— Que ótimo, já estava sentindo falta. Muito obrigada.

— Só isso? Achei que você fosse fazer birra. — Romeo coloca o relógio e, em seguida, o anel.— Se eu fizer birra, você faz drama. Então, é melhor aceitar. — Ele ri, me abraça e saímos do quarto.

— Você não presta, Oly.

Depois que Romeo foi trabalhar, eu fiquei na companhia de Pink, arrumei a cozinha e fui para a sala ver um pouco de TV. Romeo me ensinou mexer e comecei a me acostumar com as programações dos milhares de canais, já escolhi os meus preferidos.

É uma sala ampla, arejada e clara. As coisas de Romeo são muito arrumadas, ele é um homem tranquilo, organizado. Na estante, tem muitos filmes, todos em caixinhas de DVD. Muitos deles Romeo trouxe para a gente assistir. Vimos um ontem à noite. Daqui, de onde estou sentada, posso ver a academia do outro lado da piscina. Ela tem enormes janelas de vidro e consigo ver Romeo lá dentro, levantando peso e se exercitando. Depois, ele sai, entra numa ducha e pula na piscina. Daqui da sala tenho a visão de toda essa cena. Saí para olhá-lo certa vez, Romeo emergiu da piscina como

uma aparição, se apoiou na beirada e veio saindo numa beleza impressionante, ainda nem acredito que isso tudo é meu. E ele me abraçou molhado. Foi tão gostoso...

Respiro fundo sentindo-me em uma boba, como em um conto de fadas. Deus!

Tudo de Romeo nunca é demais. Os beijos são explosivos, muito quentes. O toque dele me desarma, sua mão sabe o que fazer. Não tem noção de como ele me dá prazer com aquela mãozona percorrendo minha pele, massageando meus seios ou penteando meus cabelos. E tem o pênis que não posso deixar de mencionar.

Cansada de apenas fantasiar, eu pego meu celular. Penso um pouco, sinto um sorriso matreiro na minha boca. Dígito rápido e, sem pensar, envio. Meu coração falha uma batida e fico com vontade

NACIONAIS - ACHERON

de sair correndo em desespero. Sou uma doida.

***Eu:** Estava aqui pensando em como adoro ver você se vestir e ajeitar o pênis dentro da cueca.*

De olhos arregalados, encaro o celular na minha mão. Estou me sentindo tão piranha, mandando uma mensagem pornográfica para um homem. Nunca fiz isso, e é tão excitante. Por dentro, fico meio arrependida. E se Romeo não gostar dessas safadezas? Minutos depois, uma mensagem chega.

***Romeo:** Só para te avisar, eu estou em uma sala com mais doze pessoas.*

Merda. Ele não curtiu a brincadeira. Eu também devo estar louca em ter feito isso. Que burra! Tenho que pedir desculpas. Pensando no que escrever, recebo outra mensagem.

***Romeo:** Acredito que seja mais excitante se você ajeitar o meu pau na cueca. Admirador secreto.*

Ele entrou na brincadeira. Soco o ar em um gesto de vitória. Esqueço completamente o que acabei de ponderar sobre ter sido burra. Estou me lixando para o fato de estar agindo como uma safada, ele é meu namorado. Com os dedos afoitos, digito uma revanche.

Olivia: *Vou te contar um segredo, admirador secreto. Eu quase tenho um orgasmo quando eu abaixo sua cueca e seu membro salta meladinho na ponta, duro e enorme.*

Sinto meu coração saltar nervoso contra a minha caixa torácica. Não estou acreditando que eu, Olivia, escrevi uma pouca vergonha dessas. É tão excitante, já estou num fogo... Romeo demora a responder. Coitado, deve estar entre a cruz e a espada. Tem uma reunião importante. Espero uma resposta. Sinto-me pulsando em expectativa.

Romeo: *Vingando-se de mim, Oly? Quer que eu passe vergonha na sala de reuniões?*

O tom da mensagem é de sermão, mas posso pressentir que ele está sorrindo. Meu Romeo não foge de uma sacanagem.

Olivia: Por que passaria vergonha?

Romeo: Pela condição que meu pau se encontra.

Uma imagem vem à mente: Romeo desconfortável, sentindo uma pressão dolorida entre as pernas e entendendo bulhufas do que está sendo dito na reunião. As pessoas estranhando o jeito que ele está lutando para não morder os lábios e como ele está prestando atenção no celular. Que

falta de respeito, Romeo, mexendo no celular enquanto outra pessoa fala. Dou uma risada e continuo.

***Olivia:** Como ele se encontra, amor? Conte-me.*

A resposta vem em seguida. Mas, para a minha surpresa, em imagem. Tremendo o dedo, eu clico em abrir e deparo-me com uma foto tirada sorrateiramente. O foco é a calça dele, está muito apertada, tem um volume enorme na frente. Olho para as coxas dele, para todo o conjunto e pronto: já estou molhada.

Romeo: Ficou molhada? Pois eu estou duraço!
Admirador secreto.

Olivia: Foi bom falar com você. Vou preparar
o almoço.

Romeo: Fugindo da raia, Oly? Começou,
agora aguenta. Mande uma foto sua.

Olivia: Não. Você está em reunião.

Romeo: Que se dane. Quero te ver.

Olho para os lados, um pouco constrangida.
Não vou enviar uma foto dos meus seios, se é isso
que ele quer. Afirmo isso em uma mensagem.

Romeo: Você é meio má às vezes, Oly. Vai me

deixar na mão?

Respiro fundo, saio da cozinha e entro na sala, olhando ao redor. Estou com medo de alguém chegar. Estou com medo de ficar mandando fotos para ele. Então, nada de seios ou outra parte assim. Entro na diversão, sento no sofá, ajeito os cabelos e *clic*. Tiro a foto. Até que ficou legal. Demoro uma eternidade para conseguir enviar.

Romeo: *Uau! Muito gata. Minha gata. Já coloquei como tela. Pra te ver toda vez que pegar meu celular.*

Olivia: *Obrigada. Agora, vá trabalhar. Espero você para almoçarmos. Te amo.*

Romeo: Sim, senhora. Também te amo.

Muito feliz da vida, fiz o almoço, corri, dei uma ajeitada no visual e voltei correndo. Se eu me arrumava para esperar o babão do Ludovico, porque não posso me arrumar para esperar meu lindo namorado?

Ele chegou quinze para meio-dia, já me atacando, me prendeu contra a parede e nos beijamos até quase perdermos o fôlego. Depois, ele tirou o terno e a camisa na sala e almoçamos juntos. Romeo me encheu de elogios. Despreocupados, subimos para tirar um cochilo e agora, às quatro, estamos saindo para ir visitar meus pais. Escolhi esse horário, pois acho que meu pai não estará lá.

Romeo está lindo, muito casual em um jeans

escuro e uma camisa de gola polo. Eu escolhi ser mais chamativa. Quero que eles vejam minha mudança, quero que vejam que sou uma nova mulher, em uma nova vida. Optei por um vestido justo de cor clara. Um pouco acima dos joelhos, sem decote, mas que contorna minha silhueta. Calcei sapatos de salto médio e respirei fundo, me olhando-me no espelho. Estava pronta para ir enfrentar a fera.

— Pronta? — Preocupado, ele vem até mim.

— Com medo, mas pronta.

— Você está linda.

— Obrigada.

— Lembre-se, não importa a opinião deles, você vai continuar em frente, seguir em frente com

suas determinações. Prometa-me.

— Prometo — respondo na mesma hora, certa que eles vão fazer alguma coisa pode me abater, mas não me parar.



Eu sabia que não seria fácil quando Virginia abriu o portão e deu um minigrito aterrorizado. Ela ficou feito estátua, paralisada, me olhando. Passou os olhos pelo meu corpo e acompanhou o movimento sincronizado que fiz tirando meus óculos-escuros modernos.

— Oi, Virginia.

— Olivia? Você... — ela nem começa a falar. Pousa o olhar em Romeo e, assim que seus olhos descem para nossas mãos juntas, eu penso que

minha irmã vai desmaiar.

— Virginia, avise a mamãe que estou aqui. — Dou um passo para entrar, ela dá dois passos para trás, como se eu fosse uma onça. Seus olhos enormes em Romeo. — Ele não morde, Virginia. — Dou uma risada, pois penso em Romeo me mordendo, ele morde, sim. — Esse é o Romeo, meu namorado.

— Namorado?

— É, namorado — Romeo fala e estende a mão para ela. — É um prazer conhecê-la. — Minha irmã pega nas pontinhas dos dedos de Romeo, nem fala nada. Se afasta rapidamente e corre na frente, deixando que eu a siga. Essa era eu há uns dois meses.

Romeo e eu entramos e, quando chegamos à

primeira sala da casa, minha mãe já está de pé bem no meio da sala, pálida e de olhos saltados. Ao lado estão Virginia e Joanne, igualmente espantadas, minhas irmãs. Somos as três Marias. Olivia Maria, Virginia Maria e Joanne Maria.

— Oi, mãe — cumprimento sem chegar perto. Ela não responde. Está olhando para o homem ao meu lado.

— *Tá*, apenas escutem — peço com uma mão estendida. — Eu sabia que seria difícil para vocês, mas eu não podia deixar que soubessem por outras pessoas.

— Soubéssemos o quê, Olivia? — fala entredentes. Noto que não está mais assustada, e sim com raiva.

— Mãe, podemos nos sentar? — Ela treme e

aponta o sofá de dois lugares. Romeo e eu nos sentamos. Ele pega minha mão e aperta na dele, em seu colo. Minha mãe e irmãs se sentam no outro sofá.

— Eu não estou mais com Ludovico, como é do conhecimento de vocês, pelos motivos que vocês também conhecem — começo a falar. — Meu divórcio já está quase pronto e estou aqui não por isso, mas para deixar claro que estou seguindo em frente, estou vivendo minha vida e vim apresentar a vocês meu novo namorado. — Olho sorrindo para o lado. Romeo sorri de volta para mim. — Romeo. — Ele olha para as três e acena.

— Senhora, senhoritas. É um prazer conhecê-las. — Ele usa um tom carismático junto com um sorriso charmoso. E foi certeiro nas minhas irmãs que sorriram juntas um tanto sem graça. Elas estão

envergonhadas. Já minha mãe...

— O que pensa que está fazendo, Olivia? Como... some assim, do nada? Onde está morando? Onde conheceu esse homem?

— Ela está morando comigo — Romeo acelera na minha frente e responde. Minha mãe o fuzila com o olhar.

— Perguntei à minha filha — ela rosna muito mal-educada.

— Mãe! — Esbravejo. — Eu estou morando com ele e o amo. Romeo me salvou daquele verme e pronto. É o que estou fazendo da minha vida. — Minha mãe se levanta.

— Você abandonou seu marido à própria sorte, o colocou na cadeia e ainda pede divórcio? Como

pode ser tão... — Minha mãe para de falar e me olha com asco, me sinto pequenina. — Como tem coragem de vir à casa dos seus pais mostrar... isso? — Ela aponta para minha roupa. — Por quanto está se vendendo? Eu a criei para se tornar uma garota de vida fácil? Vir expor essa pouca vergonha para suas irmãs inocentes e ainda...

— Ah, me desculpe, Olivia. — Romeo se levanta com uma expressão que não combina com ele, muito bravo. — Minha senhora, antes de tudo, tenha um pouco de respeito com sua filha. Era para você ter sido a primeira pessoa a apoiá-la quando o desgraçado do Ludovico bateu nela. Olivia é minha mulher, e eu exijo respeito, coisa que ela não tinha quando vivia como escrava naquela droga de casa. Vamos, Oly, já deu. — Ele estende a mão para mim. Não vou segui-lo porque ele mandou, mas porque é justamente o que eu queria ter dito.

PERIGOSAS

— Ele falou o que eu diria em belas palavras. Até mais, mãe, estarei sempre disposta a dialogar.

— Caminhamos para a porta e, antes de sair, Romeo se vira mais calmo.

— Desculpe-me mesmo. Se o pai dela quiser conversar comigo, de homem para homem, fale que Olivia está com o dono da Orfeu. Ele saberá quem é e onde me encontrar.

Entramos no carro, e eu fico de cabeça baixa, sentindo-me terrível. Minha mãe, em poucas palavras, me chamou de interesseira e prostituta. Sinto a mão de Romeo nas minhas costas.

— Desculpe-me. Odiei ouvir aquelas coisas sobre você — fala baixinho. Levanto os olhos para olhá-lo.

— Estou bem. Obrigada por ter me defendido.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você é minha namorada, eu a amo, não faria menos.

— Vamos para casa — peço, acariciando a coxa dele.

— Um kit tombada para te animar?

— Ah! Por favor. Vinho, música antiga e você, é tudo que preciso. Romeo me beija, colocamos o cinto, ele liga o carro e saímos dali. Sei que essa confusão está longe de acabar. Na verdade, está só começando.

ROMEO

— Caralho! Você afundou mesmo a empresa da menina, né, seu filho da puta? — Magno murmura, olhando a papelada à nossa frente. Olho para Lorenzo, e ele apenas sorri como se fosse o *boss* fodão, confirmando a crítica de Magno.

Ontem Olivia levantou antes de mim, me deixando sozinho na cama. Hoje foi minha vez de ter que sair bem cedo, às seis da manhã. Lorenzo ligou ontem à noite, pedindo auxílio nas contas da Mademoiselle. Já está quase tudo pronto, as ações estão lá em baixo, os bancos se recusam a dar empréstimos aos Velasco (aí tem dedo do pessoal da AMB) e os acionistas minoritários já venderam

NACIONAIS - ACHERON

suas ações com medo da empresa decretar falência e eles fiquem sem nada. Falta assinar a papelada para a empresa ser majoritariamente dele. Magno e eu tivemos que vir cedo ajudá-lo, pois,, às oito eu já tenho cliente. Meu dia hoje está sufocante. Preciso sair mais cedo, prometi levar Olivia ao cinema.

— Você comprou as ações com preço alto? — indago, olhando as transações extrapoladas. Lorenzo gastou uma grana preta. Eu sei que é errado fazer isso que ele está fazendo, mas é coisa dele, é sobre a vida dele. Magno e eu estamos aqui apenas como irmãos. Magno estende a mão, e eu entrego a pasta onde constam os valores das ações que Lorenzo pagou.

— Cacetada! Afanou os cofres da empresa né, Lorevaldo? — Magno acusa assombrado com os números.

— A grana foi minha, cacete! Sem falar que foi um incentivo para os acionistas. A ideia foi de Davi. As ações da empresa estavam caindo cada dia mais, o pessoal todo cortando prego de medo de perder dinheiro, aí, do nada, encontra alguém que quer comprar as ações como se fossem valorizadas. Eles não pensaram duas vezes.

— Davi e você fazem uma dupla perigosa — Magno observa. Ele empurra as pastas na mesa e levanta-se, inclinando para trás com as mãos na lombar. — Caralho, a noite não me favoreceu — reclama.

— Maratona no clube? — Lorenzo se vira na cadeira interessado. Eu deixo os dois conversando sobre as sacanagens de Magno ontem à noite e vou ver no celular se tenho uma mensagem. Ontem fiquei tão feliz e surpreso com as mensagens de

Oly. Ela está desabrochando, deixando-me mais fascinado a cada dia. Não há mensagem. Olho no relógio e já são quase oito. Em dois segundos, já estou com o celular na orelha. Olho para Lorenzo, prestando atenção em algo que Magno explica.

— Oi. — A voz de Olivia me faz virar e mirar um quadro na parede.

— Oi, Oly. Acordei você?

— Não. Levantei assim que você saiu. — A voz dela nem mesmo está preguiçosa.— Menina teimosa demais. — Sorrio como um besta. — Por que não ficou quietinha, dormindo até às nove?

— Sabe que sou acostumada a acordar cedo desde criancinha. E é muito ruim ficar na cama sozinha, depois que você levanta.

— Agora vê o que eu passo toda vez que você levanta sorrateiramente para ir cozinhar e me deixa lá, abandonado?

— Assim, vê? — Olho para Magno que está de pé, fazendo uma pose estranha para Lorenzo que olha interessado. — Você fica por trás e tem cuidado para não se esfregar muito no outro cara. — Mas que diabo esses dois estão falando?

— Amanhã prometo ficar até o último minuto aproveitando a cama com você. — Olivia fala, e eu ando para mais longe dos meus irmãos.

— Promessa é dívida, Oly.

— Eu sei. E sei que vai me cobrar essa dívida. — Ela dá uma risadinha e ouço Pink latindo perto dela.

— Ainda bem que me conhece. Estou pensando em cobrar hoje. O que acha?

— Romeo, não é assim que funciona. Precisa esperar para ver se vou quebrar a promessa.

— Vou torcer para isso, minha gata. Agora por que não pega o computador e vai procurar um filme legal para a gente pegar um cinema hoje?

— Não sei mexer nessas coisas muito evoluídas que você tem aqui. — Dou uma risada assim que ela fala em um tom de fadiga.

— Ok. Vamos escolher quando eu chegar aí.

— *Tá* bem. Espero você no almoço.

— Estarei aí. Mande um beijo para nossa filha.

— Ela já está aqui pulando e latindo, acho que

sabe que estou falando com você.

— Essas meninas me amam.

— Convencido — Olivia afirma. — Beijos, amor, tenha um bom dia.

— Beijos, terei, sim. — Desligo, guardo o celular no bolso e volto para perto da enorme mesa de reunião onde Magno e Lorenzo conversam.

— Não cara, um *gangbang* não é totalmente igual a uma orgia, tem regras — Magno, na sua vasta experiência pornográfica, explica a Lorenzo.

— Não é um monte de gente fodendo junto? — Lorenzo franze o cenho em dúvida.

— Sim.

— Então é orgia, sim.

— Vamos comer alguma coisa lá embaixo? Tenho quinze minutos — interrompo.

— Espere aí. — Magno levanta a mão para mim, sem tirar os olhos de Lorenzo. — No *gangbang*, é três contra um. Mas pode ser quatro, cinco ou mais contra um.

— Danou-se! Cinco fodendo um? — Lorenzo exclama pasmo.

— É como eu expliquei há pouco sobre a técnica de não relar em outro cara num ménage. No *gangbang*, geralmente, são três caras. Três homens comendo uma mulher. Ou três mulheres dando para um homem ou, no caso dos gays, um monte de homem em cima de um. Ontem, éramos quatro satisfazendo uma cliente.

— Que pouca vergonha é essa, Magno? —

indago.

— O sexo é um iceberg, Romeo. O que vocês, meros mortais, conhecem é só a pontinha. O *gangbang* é uma das coisas mais pedidas lá no clube, só perde para a crucificação.

— É uma perversão. Soa como estupro grupal. E nem quero saber que porra é uma crucificação.

— Nem venha com moralismo, Romeo. — Magno ergue a voz enquanto Lorenzo ri de modo pachorrento. — Temos um cardápio com todas as modalidades, não forçamos mulheres a entrar no clube, não forçamos elas a escolher. Cada uma escolhe o que fazer e com quem fazer. Se a safada quis quatro pirocas, ela teve quatro pirocas.

— Nem sei por que ainda pergunto. Vamos, estou indo comer. — Eles se levantam e me

seguem. Na recepção da minha sala, topo com Saulo chegando. — Vou tomar um café, volto em dez minutos — aviso.

— Ok. Já tem cliente às oito e meia — lembra, dou um ‘joia’ com o polegar para ele e saio com os dois.

— Mas espera. Eram quatro caras? — Lorenzo ainda continua interessado nos casos de Magno. — O que um fica fazendo?

— Como? — Magno não entende a pergunta. Nem eu entendi. Estamos no elevador, descendo para o térreo, onde tem um restaurante que é afiliado à empresa.

— Magno, vamos contar... — Lorenzo mostra os dedos. — Boca, cu e boceta. Três buracos, três rolas. Sobra um homem, o que ele fica fazendo?

— Reveza, Lorenzo. Dois na boca, bate punheta olhando, reveza com a câmera.

— Rola câmera também? — questiono sem conseguir ficar alheio ao papo, pensando o que tem na cabeça desse povo pervertido.

— É. Às vezes, as solicitantes pedem uma filmagem como lembrança. A de ontem era uma danada. — Magno descansa as mãos nos bolsos e dá um sorriso sacana relembando. — Queria que filmasse bem de pertinho a surra de pica na cara dela e depois o *bukake*.

Lorenzo e eu nos entreolhamos enojados. *Bukake* sabemos o que é.

— Já perdi o apetite — Lorenzo reclama. — Vou recusar qualquer coisa com catupiry.

PERIGOSAS

— Eu também perderia e optaria pela morte se a porra toda fosse na minha cara. — Magno responde, e eu acabo rindo com ele. Esse aí não tem jeito. Ele fala isso, pois o *bukake* consiste em vários caras gozando na cara de alguém.

No restaurante, sentamos à mesa e somos nada menos que donos do prédio todo. Em um segundo, já vem alguém anotar os pedidos.

— Senhores — o jovem cumprimenta.

— Já temos aquela torta? — Magno olha o relógio no pulso.

— Carne seca e palmito? — o rapaz pergunta.

— Isso.

— Sim. Acabou de sair.

NACIONAIS - ACHERON

— Uma fatia para mim e um daquele suco doido, duplo. — Sorrindo, o rapaz anota o pedido de Magno. De nós três, ele é o que mais frequenta esse lugar, então os atendentes aqui já sabem o que ele come.

— Para mim, waffles e um café gelado duplo.
— Ele anota meu pedido e olha Lorenzo.

— A torta de Magno, mas sem catupiry. — Magno e eu rimos da nossa piada interna, deixando o garoto que está notando os pedidos perdido, sem entender. — E um guaraná. — Lorenzo finaliza.

— Que diabo de suco é esse que pediu? — pergunto a Magno assim que o rapaz se afasta.

— O suco doido? — Ele recosta e ergue os ombros. — Beterraba, laranja, mel, guaraná em pó e mais uma porrada de coisa. Dá uma potência no

muque. — Ele bate no bíceps. — É um energético natural, eu preciso, gastei muita energia essa noite e tive que acordar cedo.

— Ferrou as costas por causa da noite em Sodoma e Gomorra? — pergunto.

— Para entrar numa sessão de *gangbang*, precisa estar preparado, ter boa forma física e saber umas piruetas. Infelizmente, ferrei de leve as costas enquanto estava numa posição.

— Imagina a mulher que teve que aguentar quatro homens — Lorenzo analisa, pensativo e sério, acariciando o cavanhaque.

Enquanto comia, Lorenzo nos contou como vai acontecer tudo a partir de hoje. Quem está cuidando de tudo é o banco AMB. É como se o banco estivesse comprando as ações da

Mademoiselle, assim, Lorenzo e a Orfeu permanecem escondidos. Quando estava quase terminando, Lorenzo recebeu uma ligação, falou rápido e desligou já de sorriso maldoso.

— Davi ligou. O advogado da bandida quer um acordo. Parece que ela aceitou vender, para valer, as últimas ações.

— Cara, é a empresa dela. Está fazendo uma puta marmelada — eu tento, ainda, contestar.

— Empresa dela é o caralho. — Ele se levanta e olha para Magno. — Hoje tem espetáculo? — Magno logo percebe e responde:

— Tem, sim, senhor!

— Hoje tem marmelada?

— Tem, sim, senhor!

— Tem Lorenzo patrão?

— Tem, sim, senhor! — Magno continua respondendo de sorriso aberto.

— E o Romeo o que é? — Lorenzo aponta para mim.

— É ladrão de mulher — Magno completa em tom de música. Reviro os olhos, bebendo tranquilamente meu café, assistindo o show infantil deles.

— Falou, manos. — Lorenzo bate a mão e sai correndo.

— Você não pode ficar dando corda — alerta Magno e levanto. — Lorenzo é mau caráter, ele não presta.

— Eu sei. Coitada de quem for fodida por ele.

— Magno vem atrás de mim, e eu percebo que, pela primeira vez, ele não se referiu a sexo.



Começo meu dia já com umas ligações e resolvendo algumas coisas antes do primeiro cliente das oito e meia. Teremos quase a manhã toda juntos, pois iremos visitar os imóveis que ele quer colocar para arrendar. Se for do interesse da Orfeu, ficaremos com os imóveis, faremos benfeitorias e passamos adiante. Preciso estar de volta antes das dez para o próximo compromisso.

O telefone toca na mesa, e eu aperto o botão do viva voz.

— Diga, Saulo.

— Romeo, tem um cara aqui fora querendo

falar com você. Para quando posso marcar? — Nem olho para o telefone, continuo concentrado na tabela à minha frente no computador.

— Ele não tem hora?

— Não.

— Para hoje não dá. Só segunda mesmo — dou o veredito.

— Ele está impaciente. Disse que quer falar com você agora. — Começo a perder a paciência. Se fosse urgente, eu saberia.

— Qual o assunto, Saulo?

— Um momento. — Continuo concentrado no computador enquanto Saulo vai saber mais detalhes. — Romeo, ele disse que é o pai de Olivia. — Tomo um susto desgraçado quando ouço.

Arregalo os olhos e encaro o telefone na mesa.

— Mande entrar, Saulo.

— Mas, Romeo, o cliente já está aqui.

— Não quero saber. Mande o pai de Olivia entrar. Diga ao outro que ele tinha um horário agendado.

— Você manda.

Levanto-me, visto o terno, passo a mão no cabelo, me sento de novo, pego o telefone na mesa, coloco entre o ombro e a orelha e a porta se abre. Saulo entra e, atrás dele, vem um homem que conheço muito bem. Ele me olha, e eu finjo que nem sei quem é. Coloco a mão no fone e falo baixo com Saulo:

— Peça para servirem um café para o senhor.

Tenho que terminar essa ligação. — Ligação porra nenhuma, só quero fazê-lo esperar, como fiz com Ludovico. Ele se acomoda à minha frente, e eu nem olho para ele.

— Tudo bem, eu peço para Magno dar uma olhada. — Finjo falar ao telefone. — Quer anotar aí o número do protocolo? — Finjo digitar no computador, falo um número aleatoriamente e continuo a encenação, falando com ninguém ao telefone. Mas quero fazer o pai de Olivia ter consciência de quem eu sou. — Com três milhões fica bom. Claro, aí dá para a gente fechar o acordo. Ok, vou ajeitar a papelada e enviarei. Isso, três milhões. Sem problemas, vou lançar agora. Até mais. — Desligo, escrevo em um bloco de papel: Espere aí sentado, me olhando, otário. Depois vou para o computador, clico em nada, digito *fsgshshshsjkskfljwjdjsls* e olho para o homem

sentado à minha frente. Levanto-me e estendo a mão para ele.

— Desculpe fazê-lo esperar. Meu dia está corrido hoje. Senhor...

— Antônio Gomes. — Ele aperta minha mão.
— O pai de Olivia.

— Hum... Ela não fala muito do senhor.

— E nunca falou de você — retruca. Está sério, com o semblante carregado. — Volto a me sentar e aponto a poltrona para ele se acomodar novamente.

— Na verdade, sua filha nunca teve oportunidade de falar sobre nada, né?

— Isso é uma crítica? — questiona já eriçado.

— Sim, é. Olivia nunca teve voz, em pleno

século vinte e um, uma mulher ser tratada como ela era, é inaceitável.

— Foi você, não é? Foi você que acabou com o casamento dela — acusa.

— Senhor Gomes, o casamento de Olivia acabou no dia em que ela se casou, ou melhor, nunca existiu um casamento.

— O que você quer rapaz, diga-me? — Ele dá um sorrisinho malicioso. — O que está planejando com tudo isso? — Cruzo os dedos sobre a mesa e o encaro de cenho franzido.

— Não entendi. O que eu quero? Não quero nada, você que veio até mim.

— Por que está com a Olivia? Já sei o que você fez com o Ludovico. Ele está quase em depressão

por sua apunhalada.

— Espere! — Estendo a mão para ele. — Está insinuando que estou com Olivia para me vingar de alguém?

— Claro! Um homem como você, novo, com todo esse império, com mil mulheres a seus pés. Sou homem também Romeo. Sei que minha filha não tem nada de interessante para alguém como você.

— Eu devia colocá-lo para fora daqui a chutes.
— Calmamente, levanto e vou até o minibar que tenho no meu escritório. Sirvo um pouco de uísque em dois copos e levo um para ele. — Serei mais civilizado e apenas falarei que é uma pena que um pai não possa enxergar toda beleza de uma filha. Não beleza como o senhor está acostumado: beleza de putas. Oly não tem silicone, não usa roupas NACIONAIS - ACHERON

vulgares insinuantes, não é carregada de maquiagem dia e noite, ela é linda naturalmente, quando sorri é sincero, quando vejo o brilho nos olhos dela a cada descoberta que ela faz estando comigo, percebo que homem nenhum precisaria de mais nada tendo ela por perto. Sorte a minha que Ludovico não deu valor, e eu estava por perto.

Ele fica calado encarando para o copo, não bebe, coloca o copo na mesa e me olha, nem um pouco abalado.

— Como a conheceu? Ludovico os apresentou?

— Isso não é relevante. Eu vi Olivia e, assim que soube como ela vivia, prisioneira de um velho que a traia sem pudores, eu entrei em campo.

— Ela está com você? Morando com você?

— Está. — Agora ele pega o copo e vira todo o conteúdo na boca. Bate o copo na minha mesa e me olha desafiador.

— Eu sou o pai dela, tem que acertar comigo.

— Acertar o quê?

— Fica com ela só se liberar capital para minha fábrica têxtil. — Dou uma gargalha sardônica. Não sei se rio de ódio ou de achar graça mesmo. Era o que me faltava.

— Um dote? Como na Índia? — indago com cinismo. — E o que vai acontecer se eu não ceder?

— Você não fica com minha filha. — É impressionante a pose dele, como se tivesse certeza de que tem algum poder.

— Como se você pudesse decidir isso. —

Caminho para a porta e abro-a. — Senhor Antônio, terminamos por aqui, prometo não pensar na sua proposta, agora, tenho muita coisa a fazer. — Ele se levanta, vem até mim e fica à minha frente.

— Pense bem, rapaz. Não fique achando que vai levar minha filha assim, na mamata. Tem que pagar por isso.

— Na verdade, já estou pagando, namorando Olivia e tendo que aguentar os pais dela. — Dou um até logo com um gesto, com raiva estampada na cara, ele sai da minha sala. Volto, tomo mais um gole de uísque, tiro os copos da mesa e pego o telefone.

— Saulo, mande o cliente entrar.

Sento-me e penso no que acabou de acontecer. É mesmo para rir. Quando penso que o pai de

PERIGOSAS

Olivia não me surpreenderia mais, ele vem e passa dos limites.

NACIONAIS - ACHERON

— E foi isso que aconteceu, Oly. — Agora, já terminei meu expediente, já almocei e estou sentando na sala com Olivia. Ela me olha chocada com o que acabei de contar sobre seu pai.

— Não acredito que meu pai teve coragem de ir pedir dinheiro.

— Eu sei que isso é bem constrangedor, só contei para não ter futuras encrencas entre nós. Talvez seu pai pudesse inventar história, dizer eu aceitei a proposta como se estivesse lhe comprando, essas coisas assim, aí você ficaria revoltada e, até eu provar que nariz de porco não é tomada, eu já teria me ferrado muito.

— Numa forma de se vingar de você?

— Isso. Mas não se preocupe, não vou mais recebê-lo no meu escritório.

— Isso, faça isso — assente rápido e se arrasta no sofá em minha direção e me abraça. — Que bom que me contou.

— Alguém aqui quer tirar um cochilo lá no quarto? — Ela levanta os olhos, já brilhantes, para mim.

— Quero. Quem não gosta de dormir depois de comer?

— Eu vou querer comer depois de dormir. O cochilo é só um descanso antes de eu te atacar.

— Sabi — grita quando a ergo no colo para irmos dormir.

Acho que meu sono durou em torno de meia
NACIONAIS - ACHERON

hora. Depois que acordei, continuei na cama, com olivia nos meus braços. Na minha mente, ainda rolavam os recentes acontecimentos. Entre eles, a notícia do nosso relacionamento. A uma hora dessas, Ludovico já está sabendo. Não tenho medo dele, ele não tem poder de me ameaçar. Mas sei o que aconteceu com Sônia. Ela está segura até certo ponto, enquanto estou aqui, mantendo-a comigo.

Mas Oly precisa viver, ela precisa sair, precisa ser independente. Como Sônia começou a ser assim depois que deixou a casa de Ludovico. Ela estava feliz, com um novo homem, começando a trabalhar e prestes a assinar o divórcio. Estava feliz até nunca mais ser vista. A mesma coisa está acontecendo com Olivia. E, nesse instante, eu me tremo todo ao relembrar as palavras daquela cigana: Sem futuro, tudo nublado. Não acredito nisso e, por não acreditar mesmo, estou disposto a fazer o

impossível para mantê-la segura.

Um pouco depois, Olivia se mexe e eu aperto-a, mantendo seu rosto no meu peito, abaixo o rosto e beijo o alto da cabeça dela.

— Não dormiu? — sussurra.

— Dormi.

— Hum... — resmunga preguiçosa, enfia o rosto mais contra meu peito e aperta os braços, me abraçando.

— Não vai voltar a dormir, não — aviso.

— Vou, sim.

— Vou te despertar.

— Deixe-me dormir, Romeo.

— À noite você dorme. — Começo a virar, coloco a perna em cima dela, vou rolando, apertando-a forte, até ficar deitado em cima dela. Olivia coloca a mão nos olhos e eu tiro. — Abra os olhinhos, Oly.

— Estou com sono, Romeo.

— E eu estou com tesão. — Com minhas pernas, afasto as delas, seguro uma coxa de Olivia perto da minha cintura e mordisco de leve o lábio dela, puxando-o bastante. Ela abre os olhos, rindo.

— Ai, Romeo! — Ela empurra meu rosto. Torno a avançar e agora mordo o queixo dela. — Meu Deus! Você está me mordendo.

— Estou. Quero devorar você. — Mordo mais, agora no pescoço. Ela geme e dá risadinhas, tentando me empurrar. Não cedo, continuo

descendo o nariz e a boca até chegar aos seios dela. Está sem sutiã, então só subo a blusa, um dos seios escapa, e eu o aparo com a boca. A mão dela vai para trás da minha cabeça e começa a acariciar meus cabelos na nuca.

— Acordar com mordidas. Gosto desse despertador.

— Que bom que gosta, pois não serão apenas mordidas. Sente isso? — Bato meu quadril contra ela mostrando minha ereção dentro da bermuda. As batidas são certas, bem em cima da vagina dela. Olivia geme, eu esfrego mais, sentindo a dorzinha gostosa do tesão. — Adivinha quem quer entrar na festa?

— Ele é muito bem-vindo — Olivia fala toda animada, segura na minha bermuda e já puxa ela para baixo. Nossas bocas se grudam num beijo

NACIONAIS - ACHERON

gostoso, erótico, me deixando numa dureza bela de se ver.

Olho para baixo para levantar a saia dela e vejo meu pau enorme, satisfação me define. Cabeçona, veias pulsantes, todo esticado pronto para entrar em ação. Continuo me satisfazendo dos seios dela, segurando os dois e intercalando a boca nos mamilos, mordendo, chupando e esfregando meu pau entre as pernas dela.

— Ah, Romeo! — ela geme, segurando forte meus cabelos, passando as unhas devagar nas minhas costas, arranhando em câmera lenta.

— Vou entrar, Oly — aviso, seguro meu pau com uma mão, posiciono a cabeça, ela aperta forte meus braços, morde os lábios e fecha os olhos, gemendo quando entro, os músculos dela me recebem úmidos e relaxados.

— Olhe para mim, Oly — peço, passando minha mão no rosto dela. Ela abre os olhos e me encara.

— Te adoro! — Olivia dispara.

— Eu também.

E fizemos amor. Muito, de todos os jeitos, lento no início, forte depois, suando muito, saindo da cama e indo pro chão, mordendo, arranhando e depois de pé contra a parede. Estávamos acabados, cansados, mas satisfeitos debaixo do chuveiro, tomando um banho relaxante e aproveitando para dar mais uns amassos. No chuveiro, Oly ganhou mais um orgasmo.



Como eu prometi, à noite nos arrumamos e

saímos para ver um filme. Queria pegar a sessão das sete para poder ter tempo de ir comer um hambúrguer depois. Eu queria ver *Batman VS Superman*, mas Olivia não entende muito dessas coisas, então decidi que deixaria para ir depois com Magno ou Lorenzo. Claro que ela conhece os heróis, inclusive questionou por que eles dois estavam brigando e qual era o sentido de fazê-los brigar em um filme. Em seguida, perguntou para quem eu torcia, e ela queria saber por que ele era meu preferido já que, segundo ela, o outro era mais bonito, tinha uma namorada e voava. Por isso, ela escolheu assistir a esse filme. Entramos na fila para o ingresso. Não tinha muita gente na nossa frente, mas havia outra fila para a pipoca.

— Por que não vai adiantando? — Abro minha carteira, tiro uma nota de cinquenta e dou para ela.
— Compre a pipoca para a gente.

— Tá. — Olivia pega o dinheiro. — O que quer?

— Um refrigerante grande. Acho que uma pipoca grande dá para nós dois — assente e se distancia. Começo a andar na fila e perco-a de vista.

Assim que consigo comprar os ingressos, saio apressado e, antes de dar mais dois passos, ouço uma voz.

— Oi, Romeo. — Antes de olhar, meu coração já acelera por reconhecer a voz. Viro-me e Jaqueline está parada com mais três mulheres. Ela parece a líder, na frente, encarando-me com o costumeiro nariz empinado.

— Ah... Oi, Jaqueline — respondo educadamente e olho para os lados, procurando

Olivia. Já fico preocupado, doido para impedir o encontro delas duas.

— Fez um inferno na minha vida, não é? Por quê? — Antes de eu responder, uma das mulheres pergunta:

— Ele é o tal estúpido? — Horrorizada, ela me olha de cima a baixo.

— É. Meu ex-namorado. Meninas, será que podem nos dar um minutinho?

— Claro, Jackie — elas atendem o pedido, olham para mim e já saem cochichando.

— Ainda não sei por que fez aquilo tudo, Romeo.

— Aquilo o quê?

— Sobre meu pai. Sobre nos mostrar o que ele fez com minha... com a Núbia e a Leandra.

— Tudo que ele aprontou com sua mãe.

— Não. — Revoltada, ela sacode os cabelos lisos. — Uma mãe não abandona o filho em hipótese nenhuma.

— Nem se estivesse ameaçada de morte?

— Nem assim. Meus irmãos são uns idiotas de terem ido correndo, chorando, implorar o perdão daquelas duas. Mas comigo não. Ela não me engana, nem você. — Dou de ombros. Ela sempre foi assim, irredutível. Impossível enfiar alguma coisa na cabeça dela, alguma coisa que vá contra a sua opinião. Por isso, não demos certo, ela não confiava em mim.

— Sua desconfiança só faz mal a você.

— O que meu pai fez a você? Hein, responda!

— Eleva o tom de voz — Foi por ter interferido entre a gente, não foi? Você ainda me ama? Você fez tudo isso para se vingar por que eu me casei com outro? Por que não segue sua vida e me deixa em paz? Deixe minha família em paz! — Então eu rio de jogar a cabeça para trás.

— Até mais, Jackie. Continue se iludindo. Magno sempre diz que se iludir é como tomar morfina, alivia as dores.

Antes de eu me virar e dar as costas para ela, vejo Olivia aproximando-se. Ela já viu com quem estou conversando e está pálida, de olhos saltados, mas continua caminhando em minha direção. Jaqueline olha quando Olivia chega e se prostra perto da gente. As duas se encaram. Olivia sem

NACIONAIS - ACHERON

fala, Jaqueline passando os olhos perplexos pelo corpo de Olivia. Ela está longe de ser aquela esposa maltrapilha. Ela está com um belo vestido, com a saia meio rodada que delineia seu corpo e mostra suas belas pernas.

— Olivia? — exclama com a mão no peito.

— Jaqueline...

— Onde se meteu todo esse tempo? — Jaqueline me deixa de lado e olha para a ex-madrasta. As mãos na cintura, os olhos cheios de ódio. — Tem noção do que fez com meu pai?

— Jaqueline. — Tento interceptar.

— Fique fora, Romeo. Você não sabe o que está acontecendo aqui — grita comigo sem desviar o olhar mortífero de cima de Olivia — E agora

ainda quer divórcio? Depois de ter colocado ele na cadeia, ainda quer divórcio? Acha mesmo que vai arrancar um centavo dele? Sua interesseira, vagabunda. Eu devia descer a mão na sua cara para deixar de ser tão sonsa.

Olivia não chora, não sorri e não mostra ódio. Está com olhos de pena para Jaqueline. Um olhar quase indiferente. Abro a boca para interferir, mas ela olha para mim, e eu recuo. — Ajude-me aqui, amor — pede, mostrando os refrigerantes em uma bandeja descartável. Respiro aliviado, pego os refrigerantes, e ela se vira para Jaqueline, que está uma defunta ao vivo. Olhos não podem saltar mais que esses, boca não pode abrir mais que essa. Filme de terror nenhum deixaria alguém tão aterrorizado. — Primeiro, — Olivia ergue o indicador — eu saí da casa do seu pai porque ele ousou levantar a mão para mim. Se é corajoso para bater em mulher,

precisa também ser para aguentar a cadeia — Olivia fala numa postura altiva, ergue outro dedo, indicando dois. — E segundo, como pode ver, — ela coloca a mão no meu ombro — não quero e nem preciso de um centavo do seu pai.

— Vocês... Como? O que está fazendo com essa mulher, Romeo?

— Jaqueline, Olivia é minha namorada. Eu gostaria de um pouquinho de respeito.

— Sua namorada? Essa piranha? — Olivia não revida, continua calada ao meu lado. — É por ela? — As amigas de Jaqueline se aproximam assim que veem ela gritando. — Está se vingando do meu pai por causa dela?

— É mais justo, não acha? Ele foi covarde com a Oly. Não quero fazer negócios com homens como

seu pai.

— Oly? Sério isso? — Ela ri histericamente. — Como pode descer tão baixo Romeo? Ela? Justo ela? Como ela conseguiu te seduzir? Foi a um jantar na casa do meu pai?

— Isso é irrelevante, Jaqueline. Agora, precisamos ir. Até mais. — Passo o braço no ombro de Olivia, mas Jaqueline entra na nossa frente.

— Ele é meu ex. Ele contou? Quase casamos. Ele ainda me ama. Romeo nunca conseguiu me esquecer. — Completamente fora da casinha, ela tenta, de alguma forma, provocar Olivia. — Está só se divertindo com você.

— Se ele a amasse, teria ido até as últimas consequências por você — Mais uma vez, numa voz suave e calma, Olivia responde. — Romeo

gostava mesmo de você, Jaqueline, mas sua amargura sempre foi tanta que não se permitiu ser amada. Nunca se permitiu pensar sobre sua própria mãe. Conversei com Núbia, ela está se acabando em sofrimento, você é só uma vítima de Ludovico, como eu fui.

Aterrorizada, ela olha para mim. Olivia e eu percebemos a interrogação pairando na cabeça dela, se perguntando se eu contei sobre nós para Olivia.

— Ele me contou — Olivia responde parecendo ler os pensamentos da outra. — Romeo sabe de toda minha vida, e eu sei da dele. Você está casada e vai ter um filho, seja menos rancorosa. Ah! Outra coisa: ele está mesmo se divertindo comigo, e eu me divertindo com ele. Nunca me diverti tanto. — Olivia vira o rosto para mim. — Vamos?

— Vamos. Até mais Jaqueline! — eu me despeço, mas, sem que eu me desse conta, sem que eu conseguisse impedir, ela avança na minha mão, pega um dos refrigerantes e despeja na cabeça de Olivia. Foi tudo muito rápido. O refrigerante desce, encharcando o cabelo e o rosto de Olivia, deixando-a com a boca aberta pelo susto, paralisada.

— Conheço sonsas como você. Sônia era assim. Vou acabar com sua raça. — As amigas dela gritam e aplaudem a gargalhadas.

— Jaqueline — eu berro com muita raiva. Todo mundo olha para Olivia, passando os dedos trêmulos pelos cabelos, sem saber o que fazer. Por um momento, penso que Olivia vai chorar de vergonha.

— Agora, sim, podem ir. E que fique claro: isso não acabou. E nem ouse fazer nada comigo, estou

NACIONAIS - ACHERON

grávida. — Ela pisca cinicamente para mim e sai para se juntar as amigas, que a recebem aos gritos de vitória, elas viram as costas e começam a andar.

— Oly... — murmuro, ajudando-a a tirar o cabelo molhado do rosto. Olivia levanta os olhos furiosa. Toma o outro refrigerante da bandejinha na minha mão e, praticamente, corre. Corre mesmo, como se estivesse perdendo um ônibus. As pessoas param para ver a cena, Olivia vai no meio do povo toda molhada, equilibrando na mão um copo de refrigerante e o balde de pipoca, eu nem consigo e nem quero impedir. Ela pega Jaqueline por trás e joga o refrigerante no cabelo dela. Ouço um grito agudo de susto, Jaqueline se vira, pasma, de boca aberta e recebe o balde de pipoca na cabeça. Muitas pipocas caem e ele fica enfiado na cabeça, como um chapéu.

— Fracassada! — Olivia grita. — Quis fazer isso desde o dia que criticou meu suco. Mal-amada escrota — emenda mais um xingamento e já se afasta, andando rápido, sem nem me esperar.

Tentando não rir, eu corro atrás dela para levá-la para casa, abraço-a e saímos do shopping apressados. Minha mulher está evoluindo, está até brigando na rua. Estou num orgulho danado.

Acordo espremida, bem apertada por braços e pernas. Faz calor, mas não um calor insuportável. Um calor aconchegante. Romeo está pelado, quase todo em cima de mim. A perna grande dele cobrindo as minhas e os dois braços me prendendo, a cabeça abaixo dos meus seios, como se eu fosse um urso de pelúcia que a gente abraça apertado.

Começo me mexer, tiro um braço dele da minha cintura e, bem devagar, tento tirar a cabeça dele de cima de mim. Puxo a parte do lençol que nos cobre, mas, quando começo a me arrastar para sair da cama, Romeo me puxa de volta.

— Nem pense nisso — murmura.

— Romeo...

— É sábado, vá dormir, Oly. — Ele volta a me soterrar com seu corpo. Seguro forte os braços dele e tento empurrá-lo.

— Romeo, estou com fome... deixe-me levantar. — Faço força para fugir, mas ele nem precisa de muito para me segurar.

— Feche os olhinhos e durma. Logo a fome passa. — Giro nos braços dele e ficamos de frente. Romeo entreabre os olhos, sorri muito sonolento e passa o nariz no meu. — Durma, amor, durma. — Ele beija minha testa e dá uns tapinhas de consolo nas minhas costas.

— Não vai trabalhar hoje?

— Hum, hum.

— Hum, hum, sim, ou hum, hum, não?

— Hum, hum, vou te comer se não me deixar dormir.

— Besta. — Passo o nariz pelo peito dele, subindo para o pescoço, sentindo o cheiro natural dele mesmo, assim, morninho pela manhã. Está mesmo muito quentinho e aconchegante ficar aqui deitada, mas meu estômago está roncando. Fico quieta, até sentir Romeo amolecer um pouco mais. Então, minutos depois, com ele já ressonando, afasto-me depressa e pulo para fora da cama. Romeo acorda assustado, olha em volta e quando me vê já de pé, ele deita de novo a cabeça no travesseiro, vencido.

— Ah, não, Olivia! — Ele bate o punho na

cama, com raiva. — Volte aqui.

— Desculpe, eu prometi ficar até o último minuto na cama, mas estou faminta. — Dou as costas para ele, visto minha camisola. Romeo pega o copo de água do lado, bebe e torna a deitar de olhos fechados.

— Está bem. Dê-me meu celular aqui, tenho que ligar para Lorenzo — pede com o braço nos olhos. Procuro em volta e vejo o celular em um móvel.

— Tome. — Estendo o celular e, em uma manobra muito rápida, Romeo puxa meu braço, e eu caio em cima dele.

— Romeo! — Dou um grito, mas já estou presa nos braços dele. — Você me enganou.

— E você também. Esperou eu dormir para fugir. Que feio, Oly! — Ele rola e, mais uma vez, estou por baixo. — O que eu disse que faria se não me deixasse dormir?

— Não sei... — Dou uma de desentendida.

— Não sabe? — Romeo segura forte minhas mãos acima da minha cabeça, seu peito largo e musculoso espremendo meus seios, e começa a se esfregar contra mim, seu pênis já bem duro. — Acordou a fera, agora vou te dar uma lição bem gostosa.

— Você fica tão sexy ameaçando com cara de sono. — Eu solto minha mão e passo pelas costas dele, apalpando a bunda e a coxa que me prende contra o colchão. — Por isso que o amo tanto.

— Ganho um tiro desse logo pela manhã. Você

sabe fazer seu homem feliz, Oly.

E lá formos nós dois em mais um delicioso e delirante sexo matinal. É viciante, a fome até sumiu. Enquanto preparávamos o café, depois de Romeo aplicar a tal lição gostosa por eu ter tentado levantar, acabei recordando uma questão que não sai da minha mente desde ontem, quando encontrei Jaqueline no shopping e tivemos aquela catastrófica confusão. Lembrando agora, eu fico envergonhada pelo que fiz, mas não me arrependo. Tentei ser civilizada até o último momento. Mas, quando ela perdeu totalmente o respeito por mim e ultrapassou todos os limites, eu fiquei cega e devolvi o ataque. Ela está grávida, não pode ganhar uns tapas, mas levar um copo de refrigerante gelado na cabeça é outra história.

— Hoje, aquele pão com ovo seria bem-vindo.

Nunca senti tanta fome pela manhã. — Abraço a cintura de Romeo.

— Então sente-se ali que vou alimentar minha gata faminta. — Ele aponta o banquinho do balcão. — Está queimando muitas calorias antes de dormir e ao acordar.

Sinto minhas bochechas corarem com a insinuação dele.

Não me sento. Coloco água para ferver na cafeteira. Não gosto muito de fazer café nessas coisas tecnológicas, prefiro a maneira tradicional, que envolve um coador de papel ou de pano. Mas, assim, na cafeteira, é bem mais rápido.

Romeo começa a pegar um monte de coisas na geladeira. No balcão, há uma grelha embutida. Ele já ligou e jogou um pouco de manteiga na grelha.

Romeo é um homem multitarefas, ele cozinhando é sempre um espetáculo. Acaba de jogar fatias de bacon, salsicha e presunto na chapa. Com duas espátulas, ele corta as salsichas rapidamente em rodela. O cheiro toma toda a cozinha. Terminei de fazer o café e me sento para assisti-lo. Foi nesse instante que me rememorei o acontecimento ontem no shopping.

— Jacqueline falou de Sônia com uma convicção... Como se ela tivesse mesmo certeza de que você dois tiveram um caso. — Romeo está de costas para mim, pegando os pães, tipo baguete.

— Ela tem mesmo certeza — confirma sem dar importância ao assunto.

— Romeo, se vocês tiveram alguma coisa, tudo bem, pode me contar. Não vou surtar. — Então ele vira para mim, franze a testa como se duvidasse do

NACIONAIS - ACHERON

que eu acabei de falar. Traz o café para o balcão e me encara.

— Não tive mesmo nada com Sônia. Mas Jacqueline prefere acreditar no pai. A armação foi conveniente para ele: colocou a esposa como uma vigarista e eu, como um desgraçado traíra. Fazer o quê? — Agora ele quebra dois ovos na chapa.— Hum... o cheiro está maravilhoso! — exclamo quando pego o prato com os pães que ele me estendeu. Romeo vem, se senta ao meu lado e coloca café nas canecas. Eu já tenho minha própria caneca nessa casa. Na verdade, sinto-me em casa como nunca senti morando em outro lugar. E não tem como ser diferente, já tenho até um lado da cama.— Acha que Jacqueline teve alguma coisa a ver com o sumiço de Sônia? — pergunto isso, pois, durante nosso encontro ontem, a raiva com que ela falava era como se fosse, sei lá, uma culpada.

— Não. Por mais que seja neurótica, ela não faria isso. Foi o pai dela. Falando nisso, eu contratei seguranças para ficarem aqui e acompanhá-la a qualquer lugar que precisar ir. E amanhã mesmo atualizarei o sistema de segurança da casa. Kate decidiu sair do hotel e vai ficar com os pais.

— Por que tudo isso? Não preciso de segurança.

— Precisa, sim. Se for ali, levar Pink para ver a rua, vai precisar de segurança, já que eu não poderei ficar vinte e quatro horas a protegendo. — Ele olha o sanduiche e dá uma mordida. Faço o mesmo com o meu.— Acha que Ludovico pode tentar algo conta mim?

— Sim, Oly. Lembro como Sônia sumiu de repente, sem deixar rastro.

— Mas ele pode ter feito aquilo com ela por medo de ela tomar alguma coisa dele. Eu não quero nada dele. — Romeo bebe um gole de café e me olha bem sério.

— Para ele, não será mais só sobre dinheiro. Eu fodi com a vida dele, acabei com a empresa, fiz os dois filhos se virarem contra ele e ainda roubei a esposa dele. É muito para um homem. Toquei no ego dele.

— Nossa, então vou ter que ficar até quando sendo seguida por seguranças e vigiada vinte e quatro horas?

— Não sei. Eu achava que você estaria livre após o divórcio, mas não quero arriscar. Vamos esperar para ver. — Ele me dá um beijinho e voltamos a comer, calados.



Passei o resto do dia com isso na cabeça. Depois do almoço, Romeo me chamou para me apresentar aos dois homens que serão os seguranças: Wagner e Odilon. Segundo Romeo, os dois são amigos de Magno. Ambos revezarão na parte da frente da casa. Se alguém, que não for Romeo ou Vilma, chegar, eles vão interfonar para a autorização da entrada da pessoa.

Fiquei muito constrangida diante dos dois homens muito altos e fortes. Senti-me amedrontada com toda essa situação, receosa. Depois que eles saíram, fiquei mais à vontade e, para relaxar um pouco, liguei para Kate vir nos fazer uma visita. Ela sempre me anima e está doida para me ver. Quando ela chegou, Romeo nos deixou sozinhas e foi para o escritório. Conteí para Kate as novidades recentes,

mas ela queria saber apenas sobre duas coisas: minha briga com Jaqueline e os dois seguranças.

— Será que o Romeo não filmou você correndo atrás da vaca lá no shopping? Meu sonho era ter visto.

— Não. Foi no impulso. Nem ele acreditou no que fiz.

— Eu que não acreditei quando você me ligou contando. O que posso dizer da égua que nem conheço, mas já odeio pacas? — Dou uma risada e me levanto do sofá.

— Venha, vamos para a cozinha, vou preparar coisas para a gente comer.

— Seria muito pedir coisa doce? Minha glicose está baixa só de olhar essa foto do Romeo e dos

irmãos dele. — Reviro os olhos sem ela ver.

Ela me segue, e eu lembro de algo que não devia contar, mas vou contar para mostrar que não sou uma amiga egoísta que não ajuda ninguém.

— Kate, sente aí. Vou contar uma coisa, mas você não me apareça aqui.

— O que é? Conta logo.

Olho para ela já ansiosa. Dou as costas e vou para a geladeira ver o que posso fazer.

— Olivia! Conta logo! — Começa a fazer birra. Coloco meu dedo na boca, pedindo para ela fazer silêncio.

— Romeo vai fazer churrasco amanhã, disse que é a especialidade dele, e adivinhe quem vem?

— Nem espero ela tentar adivinhar. — Magno e

Lorenzo. — Ela arregala os olhos e dá um sorriso medonho, psicótico.

— Ah, pode faltar carne nesse churrasco, mas eu não vou faltar.

— Kate, eu pedi para você não aparecer! — protesto.

— Por quê? Quer os três só para você? Não, né? Você já tem um. Então deixa eu cuidar da minha vida em paz.

— Não é isso, sua louca. Lembra da Vilma? É a mulher que eles consideram uma mãe, ela estará aqui. Não quero você se jogando em cima de um dos dois na frente dela.

— Vilma é *sussa*. Aquele dia, eu me joguei para o Magno, e ela ficou rindo.

— *Sussa?* — questiono sem entender o que é isso.

— Tranquila, sossegada. — Kate joga os cabelos de lado. — Agora, conte tudo sobre esse tal churrasco. Quero chegar diva, abafando.

— Kate, não vá fazer nada! Eu fico sem graça. Venha, mas prometa se comportar.

— Prometo. — Ela beija os dedos e dá uma piscada bem maliciosa.

— Por que eu não acredito em você, Kate? — Viro as costas para ela desanimada e vou pegar umas coisas para fazer um bolo de chocolate.



Magno apareceu bem cedo no domingo. Eu

contei a Romeo que Kate viria, e ele achou ótimo. Pedi desculpas, disse que não queria causar mal-estar, e ele me tranquilizou, dizendo que ela seria sempre bem-vinda. É um grande salto para mim, Ludovico proibia a ida de Kate em nossa casa, já Romeo, como um homem normal e decente, aceita minha melhor amiga. Porque Romeo é outro nível.

Eu e Romeo saímos para ir ao supermercado e, quando chegamos, Magno e Lorenzo estavam seminus à beira da enorme piscina. Os guarda-sóis estavam armados, as espreguiçadeiras abertas e Pink esparramada ali, na grama. Fiquei tão sem graça de ver aqueles corpões bronzeados, malhados, com apenas um short de banho cobrindo.

Magno se parece mais em corpo com o Romeo. Tem um pouco de pelos negros no peito, a cor da pele é parecida e a altura também. Já Lorenzo é um

pouco mais claro que os dois irmãos mais velhos e tem tatuagens. Nunca tinha visto um homem tatuado, assim, ao vivo, tão perto. Quer dizer, eu nunca tinha visto mais de um homem seminu, assim, tão perto.

— Mas quem é ela? A primeira que você pega por mais de um dia. — De onde estou ajudando Romeo com as carnes, perto da moderníssima churrasqueira, posso ouvir o papo dos dois. Essa é a voz de Lorenzo. Cada um já está com uma cerveja que trouxemos do supermercado.

— Pois é. É a primeira que pego mais de duas vezes — Magno responde com sua costumeira pose esnobe. — Mas já deixei de lado.

— Mais de duas? — Lorenzo berra com uma voz muito pasma. Até Romeo levanta os olhos e presta atenção na conversa. Pelo olhar dos irmãos,
NACIONAIS - ACHERON

parece que é mesmo uma coisa rara de se acontecer. É melhor esse cara ficar longe da Kate.

— Ela é gata, estava necessitada, tinha acabado de se casar e não sabia nada de nada. Aí, eu resolvi ensinar, fazer uma caridade, sabe?

— Uma desconhecida?

— É.

— Nunca tinha visto? — Lorenzo insiste, sem acreditar na situação. Eu também não acredito que alguém vá para a cama com outra pessoa assim, sendo desconhecidos.

— Não.

— Eu poderia imaginar. — Lorenzo abana a cabeça desdenhando. — Você só pega desconhecidas.

— Meu pequeno maninho caçulinha, ouça a voz da experiência: comer mulher desconhecida é igual mijar na rua. Você sabe que não deve, mas a vontade prevalece.

— Ei, vocês dois! — Romeo grita num tom de bronca. Eles olham para trás, em direção a gente.

— Oly, chega aqui, cunhada — Magno faz um gesto me chamando. — Venha beber um pouco, prosear, colocar um biquíni... está muito vestida.

— E sua cara está precisando de um olho roxo — Romeo esbraveja. — É Olivia para você. — Os dois riem da cara de Romeo que mantém, cara de poucos amigos. — Vou escorraçar os dois daqui.

— Desculpe, chefe. Vamos, Lorevaldo, dar um mergulho. — Magno se levanta, estica o corpo, os braços acima da cabeça, joga os óculos na

espreguiçadeira, tira o short, e eu quase saio correndo. Sei diferenciar uma sunga de uma cueca. E aquilo não é sunga. Ele ajeita as pernas da cueca boxer e pula na água num salto perfeito, seguido por Lorenzo, que preferiu continuar com o short.

— Quer dar um pulo agora ou vai me esperar?

— Romeo pergunta, sua atenção toda na carne que ele acabou de colocar na grelha da churrasqueira.

— Quando você for. — Não penso um segundo para responder. Lógico que não entro ali nem morta.

— Está com vergonha deles? — Ele sorri meio de lado, decifrando meus pensamentos.

— Um pouco.

— Eles parecem otários, mas são legais.

Sempre vêm nadar aqui porque eu sei cozinhar. Aí já viu, né? Carne, piscina e cerveja. Relaxando as minhas custas.

— Acho legal essa interação de vocês. Como irmãos, são bem unidos.

— É. Magno e eu somos mais vinculados. Isso tudo aí do Lorenzo é fachada. Ele é mais distante, coloca uma máscara de gente normal para viver em sociedade.

— Por quê? — Olho para Lorenzo lá na piscina e de volta para Romeo. Ele dá de ombros e fica calado. Puxa uma cadeira, se senta e puxa outra ao lado para eu me sentar. Abre um refrigerante, me entrega e pega uma latinha de cerveja para ele.

— Aconteceram coisas terríveis com ele. Coisas que nem me atrevo a falar. Dói só de pensar,

porque eu poderia ter tentado impedir, mas não fiz nada.

— SÉRIO?

— É... — Romeo suspira e me olha, depois volta a olhar fixamente para os irmãos mergulhando na piscina. — Esse cara aí tem tanta coisa dentro dele que acho forte para caramba ele continuar a vida, tentando disfarçar. A única pessoa que conhece as profundezas dele é Vilma.

— Credo, Romeo. Olha só, me arrepiei. — Mostro meu braço. — Teve a ver com a morte dos seus pais?

— Não. A vida dele começou a desandar aos trezes anos. Era criança ainda, ele teve uma depressão tão desgraçada na época que achamos que ia morrer, o motivo da depressão? O melhor

amigo dele... Ih, olha lá quem chegou. — Romeo para de falar e aponta para Vilma, vindo acompanhando Kate.

— Depois você me conta. — Bato na coxa dele e me levanto depressa. Vou receber Kate que já entra com cara de obcecada.

— Oly, amiga, me dê um chute, pois beliscão só não vai resolver. Estou vendo uma piscina cheia de homens gostosos nadando e nem estamos nas olimpíadas.

— Kate, você prometeu se comportar — murmuro bem perto do ouvido dela.

— Claro. Vou ser educada. Agora me dê licença que eu vou cumprimentar as pessoas, como minha boa criação manda. — Olho ela desfilar muito elegante, na sua saia curta e blusa bem

fininha por cima do biquíni, em direção a Romeo. Vou correndo atrás dela.

— Oi, Romeo — Kate cantarola.

— Oi, Kate. Sente-se, tome alguma coisa.

— Estou bem, obrigada. — Ela se vira para mim.

— Não acredito que estou num churrasco em uma mansão junto aos milionários. — Romeo escuta e ri, balançando a cabeça, prestando atenção nas carnes. Lá na piscina, os dois já estão cientes da presença de Kate. Lorenzo é o primeiro a sair. Balança os cabelos, passa as mãos pelo corpo e olha intrigado em nossa direção.

Ai, meu Deus! A cara dele não é boa. Será que não gostou da presença de Kate? Ele vem andando

e começa a sorrir, seu semblante se ilumina em segundos, então lembro o que Romeo me disse, ele coloca máscara para viver em sociedade. — Oi — cumprimenta Kate. — Kate, não é isso?

— Isso — responde tão feliz que é perigoso os lábios rasgarem com o sorriso.

— Dê-me licença um instante. — Ele se afasta e pega uma das toalhas dobradas em uma mesinha perto das espreguiçadeiras. Magno sai da piscina e noto os olhos de Romeo se arregalando. Acho que só agora ele percebeu o irmão de cueca. Magno vem todo molhado, galante, uma sobrancelha sugestiva e um meio sorriso sensual nos lábios. Kate está quase evaporando.

— De cueca? — Romeo sussurra, e Magno entende. Faz um gesto para Romeo como se não visse problemas. Em seguida, foca na minha amiga

NACIONAIS - ACHERON

que precisa de um babador.

— Oi — cumprimenta de mãos na cintura, exibindo-se de propósito.

— Oi. Sou a Kate, lembra?

— Claro que lembro. A *stalker* que queria saber meu perfil na internet. Descobriu qual é meu arroba? — Eu ouço isso e fico dura, provavelmente, sem um pinga de sangue. Romeo olha de lado para o irmão com um aviso expressivo nos olhos.

— Já encontrei — Kate murmura.

— Eu percebi. — E pronto. Os dois ficam calados, de sorrisinho, se olhando.

— Tenho sungas, vá pegar uma. — Romeo alerta Magno que parece aceitar a ordem e entra na NACIONAIS - ACHERON

casa.

E, graças a Deus, não tivemos maiores contratempos. Kate se comportou, não ficou se jogando em cima de ninguém, claro que também não deixou de ir puxar papo com os rapazes.

Depois de almoçarmos, eu toquei em um assunto que deixou o clima pesado entre os irmãos.

Não entendi por quê. Eu apenas disse:

— Kate, Romeo disse que pode conseguir um emprego para mim na Madde. Nesse instante, Lorenzo quase morreu engasgado. Magno deu uns tapas nas costas dele. Vilma, Kate e eu ficamos olhando alarmadas. Quando ele ficou bem, Kate gritou histérica.

— Naquele luxo? Com aquela tal que você

ama?

— É. A Angel, a diva da moda. Só vou precisar de dois segundos perto dela para falar o quanto eu a admiro, pelo trabalho, pela força e por tudo. Melhor pessoa do mundo. — Notei na hora que os irmãos se entreolharam e ficaram os três de cara fechada e, para meu espanto, Vilma também ficou de cara amarrada. Pouco depois, Lorenzo cismou de ir embora, Magno se despediu e foi logo em seguida, antes de sair, disse que estava sem celular no momento, mas pediu o número de Kate. Ela segurou a mão dele e escreveu o número ali. E ele nem deu o próprio número para ela.

Mais tarde, quando todos foram embora, eu perguntei a Romeo o que houve no almoço. Mas ele disse que não era nada, que Lorenzo gosta de dormir domingo depois do almoço e se apressou

por isso.

E quando estávamos sozinhos, pulamos na piscina. — Foi bom? — Ele me abraçou e eu abracei o pescoço dele para eu não afundar.

— Foi ótimo! Seus irmãos são muito legais.

— Só meus irmãos?

— Só seus irmãos, pois você está num patamar bem maior que ótimo.

— Te adoro muito — falou, me beijou e nos afundou na água. Eu nem fiquei apavorada, continuei beijando-o até subirmos de novo.

Kate disse que amanhã eu terei minha liberdade, mas eu já me sinto livre agora. Amanhã será apenas uma parte burocrática disso tudo, quando eu assinar e ficar legalmente solteira de

NACIONAIS - ACHERON

novo. Na verdade, me sinto livre desde o dia que comecei a abrir a porta para Romeo entrar lá na casa do Ludovico. Não importa nada que ele tente fazer, jamais poderá tirar esse maravilhoso sentimento de mim.

OLIVIA

Eu quase nem dormi direito à noite. E, pelo visto, Romeo também não. Ele levantou primeiro que eu. Às seis da manhã, eu abri os olhos, e ele não estava ao meu lado. Como é dia da semana, segunda-feira, achei que ele tivesse ido trabalhar, entretanto, após ver as horas, notei que ainda era muito cedo. Fiquei deitada, olhando para o teto, com o peito saltando de ansiedade. Hoje, provavelmente, será um dia longo. Hoje, verei Ludovico depois de todo esse tempo, também tenho que encarar meu pai e Jaqueline que estarão lá possivelmente.

Com vontade de ficar o dia todo na cama,
NACIONAIS - ACHERON

imóvel, só esperando esse dia acabar, eu rolo para o lado, sinto o cheiro de Romeo, abraço o travesseiro e, de olhos fechados, torço para que o otimismo seja maior que o medo. Lembro-me de Kate dizendo que estará lá para me apoiar. Bom, na verdade, ela disse que está indo ser meu carro de guerra. Só ela para me fazer sorrir. Ela e Romeo.

Levanto-me, visto a camisola, o robe e vou ao banheiro. Depois, saio para verificar se estou sozinha em casa, o dia ainda está meio escuro. Nem preciso procurar muito, quando desço as escadas e passo na sala, já posso ver, pelas vidraças, Romeo lá dentro da academia, como um louco, batendo no saco de pancadas. A música deve estar muito alta, pois está vindo aqui, mesmo com tudo fechado.

Abro a porta da sala, o ar frio da manhã me recebe, aperto o robe, passo pela área da

churrasqueira, pela piscina e abro a porta da academia. A música é barulhenta e em inglês, fecho a porta e caminho até ele me ver pelo espelho à sua frente. Na mesma hora, Romeo para de socar e encosta a testa no saco suspenso. O corpo todo dele se mexe por causa da respiração difícil. Está molhado de suor, usando apenas um calção largo, tênis e, nas mãos, um tipo de faixa. Eu nem penso dois segundos, o abraço por trás. Romeo tira algo do bolso, aponta para alguma coisa e a música para. Ele se vira e me abraça de frente, encosto o rosto no peito quente e suado.

— Você precisa se acalmar para eu não surtar também — peço. Os músculos dele parecem muito mais duros e estão tensionados, as veias saltadas.

— Eu só ficarei calmo quando a noite de hoje chegar e você for minha sem impedimento algum.

— Vai dar tudo certo. — Levanto os olhos e acaricio o rosto dele. — Eu não vou a lugar algum. Nem agora, nem à noite, nem amanhã.

Ele me beija de leve e volta a me abraçar forte. A testa grudada na minha. Romeo está abalado, o coração dele bate depressa, e eu sinto um medo palpável vindo dele. Arrepio-me toda, sinto um calafrio que vai certo na espinha. Sei do que ele tem medo, sei que ele não quer falar isso e nem eu quero, pois, se falarmos, a sensação é que parece mais real. Porém, ele tem medo de que Ludovico possa fazer algo contra mim... Não alguma coisa qualquer, mas alguma coisa como fez com Sônia, alguma coisa que cumpra o que a cigana viu: sem futuro.



Romeo chegou meio-dia e sentou ao meu lado no sofá.

— Oi. — Curva-se para me beijar. Sinto meu peito subir e descer por causa daquela respiração longa. — Demorei?

— Não. Me distraí aqui com a TV — minto. Estava contando os segundos para ele chegar. Ele olha para a televisão, pega o controle e desliga.

— Tem minha atenção?

— Claro. — Viro-me no sofá, ficando de frente para ele.

— Eu comprei comida, está ali na cozinha. Mas, antes, quero mostrar uma coisa.

— O quê?

Ele pega uma maleta alta, retangular, como uma caixa de maquiagens. É toda de veludo azul e tem um fecho muito bonito. Romeo coloca a caixa entre a gente.

— Oly, eu já te dei roupas, sapatos e lingerie...

— Romeo... eu não...

— Não, espere — interrompe meu protesto. — Eu não dei essas coisas a você porque quero comprá-la com presentes, ou em troca de alguma outra coisa. Eu já tinha você antes de dar qualquer sapato. Sabe disso, não é?

— Sim, eu sei.

— Eu dei todas aquelas coisas porque você entrou numa nova vida, e eu queria que viesse sem bagagens, material e emocional, uma nova vida,

com novas coisas.

— Não precisa gastar comigo. Sou uma pessoa simples, Romeo. Como eu já disse: ter você basta.

— Ele dá um sorriso muito lindo que me derrete, como sempre.

— Mas como eu também já disse, não é uma tarefa fácil, pois o Romeo aqui, vem com todos esses presentes, com essa casa, com um emprego para você na empresa que você mais ama. Quero dar tudo que perdeu nos seus outros anos, Oly.

E eu abro a boca chorando. Não copiosamente. Inclino para frente e enfio o rosto no ombro dele. Os braços dele me aninham num conforto que me faz derramar mais lágrimas.

— Ah, não faça isso — balbucio. — Eu nem lembro mais da minha outra vida. E nem quero me

lembrar. — Ele levanta o meu rosto e passa os dedos nas minhas bochechas, limpando as lágrimas.

— Chorona. — Brinda-me com o costumeiro sorriso, me beija e me faz ficar de coração na mão. Amo esse homem!

— Hoje é o dia que marca o fim de um ciclo para você. E, por isso, quero lhe dar isso. — Ele mostra a caixa. — Faz dias que eu encomendei e quero que você olhe para cada uma sabendo que eu tive o prazer de escolher pessoalmente peça por peça, cada uma, por mais pequenina que seja. — Ele abre o fecho e a caixa se abre em partes. É uma caixa de joias repleta. Com as duas mãos na boca, eu olho para tudo aquilo milimetricamente ajeitado. Anéis, pulseiras, dois relógios e alguns brincos.

— Romeo... Meu Deus, Eu... não...

— Olivia, dessa vez, será uma ameaça mesmo, se você não aceitar, eu a levo lá para a cama e farei você aceitar cada uma dessas joias aos gritos — promete numa voz macia, baixa, mas cheia de imponência.

Ainda com as mãos na boca, meu susto dá lugar a alegria sem fim. Sinto minhas bochechas forçarem pelo riso que vem vindo. Quero me fazer de durona, mas sou tão fácil, quero matá-lo de tanto abraçar e beijar. Não pelas joias, mas por ser tão meu quando mais preciso.

— Você, ameaçando assim, todo lindão de terno e gravata, não é menos sexy que me ameaçar de manhã com cara de sono. — Puxo a gravata dele para beijá-lo.

— Sua resposta, Oly. Preciso saber se vamos duelar lá na cama agora. Ver quem acaba com

NACIONAIS - ACHERON

quem primeiro.

— Eu poderia não aceitar essas joias só para ver esse tal duelo, mas sei que, aceitando ou não, vamos nos acabar na cama, então, eu vou aceitar.

— Ótimo. — Ele fecha a caixa, joga de lado e me empurra no sofá, caindo em cima de mim. — Uma rapidinha antes do almoço, tudo bem?

— Acho que é o que precisamos para relaxar.

Dez minutos para as duas saímos de casa. Calculando o tempo no trânsito, chegaríamos quase na hora. Escolhi um vestido lindo, azul-marinho, com mangas e sem decotes; bem comportado para não terem o que falar de mim. Coloco um relógio e uma pulseira que Romeo deu, deixei o cabelo solto, porque Ludovico precisa ver como eu sou nova, cheia de vida e como estou mais bela depois de ter

saído das garras dele. Durante o percurso, Kate nos ligou, dizendo que tinha chegado. Romeo e eu não falamos muito, estávamos nervosos.

Na verdade, nós poderíamos ter feito uma reunião, em algum lugar, sem precisar de juiz. Mas tenho uma ordem de restrição contra Ludovico, o caso envolve mais que apenas aperto de mãos. Entramos no local onde será realizada a audiência. De mãos dadas, Romeo e eu já encontramos Kate em um sofá logo na entrada. Ela se levanta e vem até a gente.

— Ludovico chegou com uma gangue — avisa. Sinto meu coração palpitar.

— E meu pai?

— Não vi. Acho que não veio. — Graças a Deus!

— Tudo bem. — Olho para Romeo. — Vamos?

— Vamos — Romeo assente e nós três andamos rumo às escadas.

Romeo pediu informação e fomos conduzidos a uma sala grande, de fora, eu já podia ver que era uma sala de espera e lá já estavam todos eles sentados, aguardando, prontos para um combate que não teria. Eu já vou entrar de bandeira branca. Segundo Romeo, eu devo aceitar qualquer acordo, ou melhor, não criar acordo algum. Entregar tudo, não exigir nada. E é justamente isso que quero. Kate disse que eu deveria arrancar tudo de Ludovico para ele pagar pelo que fez, mas ele já está pagando.

Romeo segurou forte minha mão, ergui minha cabeça, elaborei uma cara de poucos amigos e entramos. Na mesma hora, Ludovico se levantou.

NACIONAIS - ACHERON

Ele sorriu raivoso, trincou os dentes, mordeu a boca, transtornado de raiva. Seus olhos passaram pelo meu corpo, me viu de salto altíssimo, joias caras e vestido de marca. Estou maquiada e com um belo homem ao meu lado e, claro, com Kate, que ele odeia muito. Jaqueline também fica de pé, e eu penso que a raiva dela é maior, depois de ter levado refrigerante e pipoca na cabeça.

— Mas é uma pouca vergonha mesmo. Devia se dar ao respeito, interesseira — fala isso comigo, olho para Romeo, ele dá uma piscadinha para mim, me confortando, então viro as costas para ela e o pai e vou cumprimentar o advogado que Romeo contratou para mim.

— Olivia, a fulana falou com você. Não vai responder? — Essa é a Kate, não leva desaforo para casa.

— Está tudo bem, Kate. — Toco no ombro dela e me sento ao lado de Romeo. Ele pega minha mão, beija e segura no colo dele. Estamos de frente para Ludovico.

— Vejo que a galinha já está afiando as unhas na sua carteira, não é, Romeo?

— Gente! Ninguém vai dar na cara dela? — Kate berra descontente com nossa reação pacífica.

— Não vale a pena — eu cochicho para Kate.

— Ao menos tenho uma carteira para ela afiar as unhas — Romeo rebate. Acho que, assim como Kate, não ficou satisfeito com o que ouviu de Jaqueline. O silêncio reina até Ludovico resolver quebrar.

— Foi quando? Lá no baile quando dançaram?

— Ludovico pergunta. Está nos olhando sem piscar, com um olhar mortífero. — Eu e Romeo escolhemos o silêncio.

— Estiveram juntos na minha casa? — Ludovico grita e levanta. O advogado entra na frente dele. — Desde quando, Olivia?

— Não quer saber sobre isso, Ludovico — Romeo responde na mesma calma que respondeu Jaqueline. — Nunca ouviu dizer que um homem deve tratar a mulher como o mais delicado dos vasos? Repense, era assim que tratava a Olivia?

— Eu posso não dar o divórcio — grita desafiador.

— Isso não vai mudar nada, Ludovico — eu respondo em um sussurro. — Você nunca me ouviu, nunca quis saber o que eu sentia, ou

qualquer outra opinião minha. Eu estou, enfim, amando uma pessoa. — Aperto a mão de Romeo e olho para ele. Sorrimos com os olhos um para o outro.



A Juíza abriu a sessão, leu o processo e, antes do advogado de Ludovico, o meu advogado falou:

— Minha cliente quer apenas o divórcio. Ela abre mão de qualquer benefício, pensão ou lucro vindo do senhor Ludovico Durval, o atual marido.

— Meu cliente aceita — o advogado de Ludovico apressou-se a dizer.

— É. Eu aceito — Ludovico concordou de olho em mim. — Ela, essa vadiazinha, já deu o golpe em um otário mais rico que eu.

— Senhor Durval, respeite esse tribunal — A juíza ordenou em uma voz áspera. — E respeite, acima de tudo, ela, por ser sua esposa e ser uma mulher. Ambas as partes estão de comum acordo? — perguntou olhando para os dois lados.

— Sim — eu disse.

— Sim — Ludovico respondeu.

Ludovico e eu assinamos os papéis e, me sentindo liberta, me levantei. Meu sorriso ia de orelha a orelha. Quero só chegar logo em casa e ficar com Romeo, aproveitar minha vida de agora em diante. Saímos da sala, Jaqueline sai na frente sem olhar para trás, sem dizer nada a ninguém. Mas Ludovico dá uma última olhada para Romeo e, ao passar por nós, para um instante e sussurra para mim:

PERIGOSAS

— Cuidado ao atravessar a rua, senhorita opinião própria. — Eu finjo não escutar.

— Estou livre! O peso saiu das minhas costas — digo abraçada a Romeu.

— Nova vida, Oly — responde.

— É, nova vida! — Kate dá um gritinho, eu largo Romeu e a abraço. Saio de lá no meio deles dois. Ludovico não tem mais poder de fazer nada contra mim.

Muita coisa pode acontecer em um dia, dois, ou dez dias. Um mês então? Muita coisa acontece. Um mês são quatro semanas e trinta dias, dependendo do mês. Imagina então cinquenta e cinco dias de pura liberdade? Claro que estou contando. Fico louca para que chegue logo o segundo mês, o terceiro, o primeiro ano de divórcio. Não ouvi mais falar nele, muito menos em Jaqueline e nem quero ouvir. Entretanto, eu mantenho contato com Núbia e Leandra. Elas estão radiantes, pois toda a verdade veio à tona e os dois filhos foram até lá pedir perdão por todos os anos de afastamento. Essa era uma cena que eu pagaria para ver.

Minha vida mudou drasticamente, já iniciamos o segundo semestre do ano, e eu consegui uma vaga num curso de moda e design numa faculdade aqui do Rio. Sim, estou estudando, sou uma acadêmica de moda, não me aguento de felicidade e emoção. O meu primeiro dia de aula foi eufórico para mim e tenebroso para Romeo. Minhas aulas são matutinas e, naquele dia, Romeo acordou pirado.

Olhei do lado, ainda eram seis horas e estava sozinha na cama, descí só para constatar minhas suspeitas: Romeo estava acabando com seus punhos e o saco de pancadas lá na academia. — Está extravasando o quê? Raiva ou medo? — pergunto assim que me aproximo dele. Barulho de socos secos como resposta. — Romeo, eu falei com você. — Tento manejar o tom de voz.

— Os dois — responde. — Fico chocada com isso. Medo tudo bem, ele ainda está com medo de que eu saia por aí sozinha. Mas raiva? De quem?

— Está com raiva de mim? — Ele dá um último soco, se vira e vai andando em direção a uma mesa onde está uma garrafinha de água. Joga a água no rosto, bebe um pouco e joga mais na cabeça, começa a tirar as luvas e as faixas da mão. Eu o sigo. — Está com raiva por que eu estou indo para faculdade? Você que armou isso tudo para mim.

— Mas bem que poderia começar devagar, né? Para que estudar e trabalhar, Olivia?

— Porque eu quero ter meu próprio dinheiro. Já conversamos sobre isso, Romeo. — Ele rosna e sai. Eu corro atrás. — Romeo — grito, mas ele não para de andar. Vai até o outro lado, tira o tênis e o

NACIONAIS - ACHERON

short, fica pelado e entra na ducha. Depois, sob meu olhar atento, pula na piscina. — Isso será debatido. Você não vai me ignorar o tempo todo — falo quando ele emerge na água e começa as braçadas, indo de um lado ao outro da piscina. Corro até a ducha, pego no armário de madeira, uma toalha e vou para a beira da piscina. — Saia e me encare Romeo.

Ele sai, mas no tempo dele. Fico uns cinco minutos plantada ali, enquanto ia e voltava nadando rápido. Esse homem vai ter um ataque. Toma a toalha da minha mão e fica na minha frente, se enxugando, com os olhos parados em mim.

— Quer me ver presa aqui na casa? Eu era presa, lembra?

— Recuso-me a discutir isso — responde totalmente gélido. Passa por mim secando a cabeça,
NACIONAIS - ACHERON

mas eu o seguro e faço me olhar de novo.

— Mas vai me dizer o que faz você levantar de madrugada para vir se acabar aqui porque está com raiva. — Ele se enxuga mais e enrola a toalha na cintura.

— Você vai ficar o dia fora, Olivia. Vai chegar meio-dia da faculdade, almoçar e já sair correndo para o outro lado da cidade para trabalhar na livraria da Kate. Quero que comece uma coisa de cada vez.

— Por quê?

— Olivia, pelo amor de Deus! — Bate as mãos ao lado do corpo, exaltado. — Você ainda está em perigo, já vai sair de casa para ficar o dia todo fora? Como acha que vou trabalhar em paz?

— Romeo, não vai acontecer nada comigo. Tem os seguranças.

— Só isso não vai bastar, vou ficar ansioso. Você não precisa trabalhar poxa!

— Preciso! — retruco, falando mais alto que ele — Eu não quero depender de você para tudo. — Ele passa as duas mãos na cabeça, muito revoltado.

— Olivia, não fale isso, o que é meu é seu.

— Não é. Não é a mesma coisa. Entenda.

— Então espere o emprego na Mademoiselle que eu vou arrumar.

— Meu amor, nós já falamos sobre isso. Só vou ajudar Kate pelas próximas semanas. A reforma na livraria ficou pronta e vamos registrar, na loja, todos os exemplares que vão chegar. — Ele me
NACIONAIS - ACHERON

puxa e me abraça muito apertado. Enlaço seu corpo úmido, apertando bem os braços na cintura dele.

— Ah, Oly! Estou cortando prego de medo. Se alguma coisa acontecer, vai rolar um genocídio nessa cidade. Não vou aceitar. — Levanto os olhos e seguro o rosto dele.

— Pare de falar essas coisas. A vida está seguindo. Olha o tanto de tempo que já passou. Ludovico não vai me fazer nada, ele não vai arriscar ser preso de novo.

— É... não vai. — Romeo começa a me dar vários beijos, na bochecha, na testa, nos lábios. — Deixe para começar mês que vem... — pede com doçura, sem parar de me beijar. — Espere mais um pouco. — Beija mais. — Nunca te pedi nada, Oly. — E beija de novo, contornando a língua nos meus lábios. Está tentando me amolecer.

PERIGOSAS

— Não... Romeo.

— Duas vezes por semana então. Vá só duas vezes por semana...

— Romeo... — Espalmo as mãos no peito dele e tento empurrá-lo.

— Tudo bem, três vezes. Segunda, quarta e sexta. Eu te levo e te busco.

— Não vou negociar, Romeo.

— Olivia, dá um alívio para esse pobre homem.

— Vai ser assim? — Beijo o peito dele. — Só pedindo? Nada de me pegar de jeito na cama e me fazer concordar?

— Quer que eu te pegue de jeito? — As mãos dele sobem, uma aperta gentilmente minha

NACIONAIS - ACHERON

garganta e a outra se enrosca nos meus cabelos.

— Talvez uma ajudinha para eu decidir não seja tão mal assim. — Ele me pega no colo e começa a andar.

— Gostosa! Vai perder feio. Eu manjo nesses assuntos.

Depois dessa pequena discussão, conseguimos chegar a um consenso para ajeitar minha rotina. Fiquei duas semanas estudando sem trabalhar, não por minha vontade, mas porque Kate viajou, foi visitar um tio dela no interior de Minas. Kate estava um pouco revoltada e magoada por causa de Magno. Falta de aviso não foi. O homem não se apegava nem com reza. Os caminhos deles se desconstruíram a todo instante, e ela nunca conseguia fisgá-lo. Ele tinha o número dela, mas não ligou, não respondia as mensagens que ela

NACIONAIS - ACHERON

deixava na internet para ele e, com isso tudo, Kate acabou conhecendo outra pessoa e esquecendo o irmão de Romeo. Hoje, ela o vê como o bonitão babaca com o rei na barriga e mal se falam, ou melhor, eles mal se encontram. O mais importante é que ela está namorando um homem muito simpático. Ele ajuda a gente lá na livraria, é um amor.

Quando ela voltou de viagem, meu horário mudou. Saio às sete com Romeo. Ele me leva, me deixa na porta da faculdade e vai trabalhar. Como tem dias que saio em horários diferentes, Romeo comprou um novo carro. Nem acreditei quando ele chegou em casa com esse carro novinho em folha dizendo que era para ficar ao meu dispor. Eu não fiz birra, afinal, ele não me deu um carro, eu sabia que era para mim, ele sabia que era para mim, mas usou o jeito ‘Romeo manipulador’ de ser e disse

que era um carro para ficar à minha disposição. O segurança vai me buscar quando meu horário não é compatível com o do Romeo. À tarde, depois do almoço, Romeo me leva até a livraria de Kate e vai trabalhar. No final da tarde, ele passa e me pega.

Vilma vem dia sim, dia não cozinhar para a gente e, nos dias em que ela não está, compramos comida. Ou seja: estamos adequando horários e costumes. O ruim de tudo é que chegamos exaustos. Há dias que preciso praticar coisas da faculdade, estudar, mas a noite é nossa. Sempre, mesmo que estejamos com o nariz arrastando no chão de cansaço, a noite é sempre para ficarmos bem colados.

Romeo trouxe *Titanic* para eu assistir, como Kate diz: Fiquei passada na farofa, odiei, pois Jack morreu. Depois, optei por assistir *Moulin Rouge*,

outro filme que me fez chorar mais ainda, final desastroso. Também assistimos *Um amor para recordar*, filme do livro que ele me deu quando eu ainda morava com Ludovico e que me fez chorar o dobro que chorei no outro. Achei uma palhaçada da minha parte assistir esse monte de filme infeliz. E, por causa disso, comecei a ver vários outros tipos de filmes, mesmo minha paixão ainda sendo romance. Juntos, estamos acompanhando algumas séries ótimas.

Tudo está mudando mesmo e para melhor. Minha mãe ainda não veio aqui, mas me recebe muito bem lá em casa. Eu sempre vou sozinha para não dar problema. Estou conversando com elas, dizendo a minhas irmãs o que uma mulher independente faz, minha mãe não fica brava, ela fica calada, só escutando, sinto-me mais próxima da minha mãe e das minhas irmãs. Acho que, no

fundo, ela sempre teve vontade de fazer o que eu estou fazendo: amar quem eu quero e fazer o que quero na minha vida. Meu pai também não criou mais problemas, não foi mais perturbar Romeo.

Sabe, sinto-me mais evoluída, mais moderna e animada a cada dia. Kate fala que estou começando a entrar na alta cúpula. Conheci pessoas novas, estou mais íntima de Magno e Lorenzo, eles me respeitam muito, apesar das brincadeiras para provocar o Romeo. Conheci um pessoal, os amigos de Romeo. São engraçados, executivos, lindos de morrer, mas são casados, os três. E as esposas são umas doidas, como a Kate. Não resisti, convidei elas quatro e a Kate para virem à minha casa num sábado à tarde. Foi uma festa maravilhosa.

— Semana que vem é aniversário de quem? —
Romeo fala, é noite e estamos na banheira. Eu

PERIGOSAS

sentada entre as pernas dele, tomando um vinho, ouvindo um rock romântico antigo baixinho, usando e abusando de um kit tombada.

— Nem me fale. Vou ficar mais velha.

— Farei um festão e, à noite, a festa será minha —
— Romeo fala com um tom sério de garanhão. —
De manhã, você assopra vinte e quatro velinhas e, à noite, teremos vinte e quatro trepadas.

— Credo! — Olho para trás — Vamos bater o recorde de Magno?

— É. Vou te dar vinte e quatro orgasmos.

— Será meu aniversário de morte também, né? Haja boceta. — Romeo dá um pulo dentro da banheira, assusto-me.

— O que disse?

NACIONAIS - ACHERON

— Que será meu aniversário de...

— Não. Você, Olivia Maria, falou boceta?

— Falei. — Mesmo querendo sorrir, mantenho a boca fechada. — Estou me sentindo uma depravada.

— Isso é para ser comemorado. — Romeo me enche de beijos, está surpreso de uma maneira eufórica. — Meu Deus! Minha namorada falou boceta. Sabe falar pau também, Oly?

— Pau — digo já rindo muito.

— Pau de quem?

— Seu pau.

— Meu pau que é todo de quem?

— Meu.

— Então diga — pede. — Não, não. Espere. —
Bate o braço do lado, pega o celular dele que está
tocando a música e mexe, depois, aponta para mim.
— Diga, Oly, quero sempre ver isso.

— Vai me filmar? — Já fico aterrorizada com
a mão no peito.

— É. Será o primeiro de muitos filmes nossos.

— Ai que vergonha. — Tampe a cara.

— Só diga.

— Ok. — Preparo-me, ajeito o cabelo e paro
de sorrir. — O pau do Romeo é meu. Todo meu.

Ele joga o celular ali e me puxa para um beijo
daqueles, agarrados, molhados, pegando fogo,

como sempre. E eu me derreto em seus braços aconchegantes e fortes. Depois do sexo gostoso no banheiro, fomos para a cozinha comer alguma coisa.

— Quero ensiná-la a dirigir antes do seu aniversário — Romeo fala ao meu lado, estou no fogão, mexendo o arroz.

— Nossa senhora! Acho que não. Foi um desastre aquele dia. — Recordo do dia que ele cismou de me ensinar. Entrei em pânico, perdi o controle da direção, soltei o volante e coloquei a mão na cabeça.

— Nunca me diverti tanto. — Romeo parece relembrar de um modo diferente do meu.

— Você gosta de me ver pagando mico. A gente quase bateu.

— Como? Estávamos a dois quilômetros por hora. Você tirou a mão do volante e os pés dos pedais. O carro morreu. — Termino de mexer a panela, tampo e olho para Romeo.

— Não me imagino dirigindo. Saindo com um carro, estacionando na faculdade, acho que prefiro pegar ônibus.

— Faça-me rir. Imagine o que o povo vai dizer? Olha lá, a mulher do Romeo pega ônibus e metrô. — Ele faz uma voz estranha.

— Se importa com o que o povo diz?

— Nunca me importei. Mas colocar em dúvida o que sinto por você é outra coisa. Todo mundo vai achar que eu não me importo nem um pouquinho com você.

— Mas eu sabendo que você se importa é o suficiente.

— Não é. Vou mimá-la para todo mundo ver. Seu novo emprego já está quase resolvido. Será uma garota de sucesso. — Coloco a mão na boca, surpresa, de olhos enormes. Meu coração bate a mil por hora.

— Sério, Romeo? Você disse que eles estavam passando por uma crise e não estavam contratando ninguém.

— Conseguiram se reerguer. Eu já conversei com o pessoal, e eles vão marcar um horário para você conversar diretamente com a tal lá que você adora.

— Ai, meu Deus! — Tive uma palpitação forte. — Romeo, pelo amor de Deus, não brinque

comigo. — Ele dá uma risada, aparentemente, achando graça da minha cara de susto.

— Não estou brincando, Oly. Eu disse que ia dar tudo o que não teve nos anos passados. — Dou um pulo para cima dele e o abraço, ele quase cai para trás, pois foi pego de surpresa, mas se recupera logo e me abraça. Encho o rosto dele de beijos, um beijo para cada ‘obrigada’ que digo. Essa, sem dúvidas, é a realização que eu jamais imaginei alcançar. Não só trabalhar na Madde, mas conhecer Angelina pessoalmente.

— Estou tão eufórica que essa noite não o deixo dormir.

— *Nossinhora*, que delícia. Vamos jantar logo para adiantar essa noite mal dormida. — Agora eu gargalho e torno a encher ele de beijos. Ah! Como eu o amo, na verdade, ele é minha maior realização.

No dia seguinte, acordamos tarde, perdemos a hora. Nem deu tempo para fazer nada preguiçosamente na cama. Romeo e eu corríamos como baratas tontas pelo quarto, nos arrumando, saímos às oito de casa, e ele não pode me levar, pois já estava atrasado. Nos despedimos e cada um foi para um lado. Senti uma coisa estranha quando vi o carro dele se afastar. Meu coração pareceu falhar uma batida, e eu queria correr e dar mais um beijo em Romeo. Entrei no carro com o segurança e fui para a faculdade. Estava tudo normal, mandei uma mensagem para Romeo, ele disse que estava em reunião e que faria de tudo para poder ter tempo de almoçar comigo.

Dez e meia da manhã a faculdade ficou sem energia e minha turma foi dispensada, pois precisávamos das máquinas, era aula prática. Saí com minhas colegas e, como ainda era muito cedo,

andei com elas até o ponto de ônibus na esquina da faculdade.

— Vamos com a gente, Olivia. — Uma das minhas colegas grita quando o ônibus se aproxima.

— Não posso. Vou ligar para virem me buscar.

— Seu namorado é muito sem noção. O que tem você ir de ônibus? — Na verdade, o ônibus para a um quarteirão do condomínio que Romeo mora. Fico em dúvida, com o celular na mão, prestes a ligar para o segurança vir me buscar.

— Vamos, Oly! — outra colega grita. — O mundo todo pega ônibus! — tenta me convencer. Olho para os lados, ajeito a alça da bolsa e fico mordendo os lábios, elas já subiram e, quando a porta vai se fechar, eu corro e bato a mão para o motorista me esperar. Entro correndo no ônibus, e

elas me aplaudem aos gritos.

— Isso aí, amiga. Não deixe homem dar as ordens, não, senão a coisa sai de controle.

— É. Por mais gato que ele seja, não pode dizer o que você tem que fazer. — Sentei com elas duas e me diverti muito durante todo o trajeto. Elas desceram antes, e eu segui sozinha. Antes de sair, minha colega explicou onde eu devia dar o sinal para descer.

Fiquei prestando atenção e, quando vi o ponto, dei o sinal e me levantei. Desci sem problema algum e comecei a andar já reconhecendo a área. Um alívio me tomou, estava praticamente em casa. Passo por essas ruas todos os dias.

De cabeça baixa, ando rápido na calçada, eu só quero chegar logo em casa, abraçar Pink e esperar

Romeo, vou contar a ele, vai ficar bravo, mas depois vamos rir.

E então, olho de lado e vejo um carro grande, branco, tipo Kombi ou daqueles que levam alunos para escola reduzindo a velocidade e encostando em mim. Desvio e continuo andando, o carro vem bem devagarzinho, emparelhado à calçada, e eu sigo andando ainda mais rápido, tento enfiar a mão na bolsa e pegar o celular, mas topo em alguma coisa. Levanto os olhos e vejo um homem, muito alto e bem musculoso.

— Desculpe — peço e, quando vou desviar, ele me segura.

— Olivia?

— Sim. Conheço você?

— Não — ele fala e segura meus ombros. Todos os meus instintos entram em alerta. Um pânico me consome.

— Largue! — Tento me sacudir, mas, em questão de segundos, ele me empurra para dentro do carro, ele entra logo em seguida e o carro arranca.

— Não! Socorro! — Levanto e começo a bater nos vidros! — Socorro! — grito em desespero total, estou quase tendo um enfarte de tanto terror. Mas a toda velocidade, as pessoas não me ouvem. Há apenas um banco no carro e, quando olho, há outro homem desconhecido sentado, ele está de luvas e com um rolo de fita adesiva nas mãos.

— Por favor, eu não tenho dinheiro aqui, mas vocês podem levar o que quiserem. — Mostro minha bolsa.

— Já estamos levando o que queremos —
retruca com um sorriso debochado e olha para o
grandão. — Segure ela.

— Não! Não toque em mim. Socorro! —
Começo a me debater com todas as minhas forças,
dando chutes, batendo os braços, mesmo assim, o
grandão me segura, e o outro passa a fita na minha
boca. Mas não paro de lutar e acabo acertando um
chute no meio das pernas dele.

— Vadia! — rosna e me desfere um soco no
estômago. Perco o ar na hora e caio de joelhos,
ainda estou sem ar quando recebo um chute perto
das costelas, a dor é tanta que me curvo para frente,
ficando de quatro, depois recebo mais um chute nas
costas. Caio de barriga no chão. São golpes tão
fortes que fico imóvel, sem respirar, com tudo
dentro de mim ardendo por uma dor terrível. Para

completar, um dos homens puxa meu cabelo e passa o braço ao redor do meu pescoço, me debato, mas nada acontece, minhas forças são mínimas e vou parando de lutar conforme ele vai apertando e eu perdendo o fôlego.



Eu não achei mesmo que estava morrendo. Eu não me lembrei de nada, não vi nada passar diante dos meus olhos e, por isso, fiquei feliz de respirar novamente e abrir os olhos. Estou presa. Foi a primeira coisa que senti. Ainda tonta, olhei em volta e, em um lapso, comecei a reconhecer o ambiente. Abro e fecho os olhos várias vezes até me dar conta de que estou presa num tipo de poltrona ou cadeira, braços e pernas amarrados e que o lugar à minha frente é um jardim que reconheço muito bem.

— Acordou, Bela Adormecida? — Reconheço a voz e desato a chorar imediatamente, um choro convulsivo, um choro de derrota, de sentir meu mundo desabar sem ter como apará-lo. E então, Ludovico entra na minha frente.

— Bem-vinda de volta, Oly. É assim que ele a chama, não é?

Não posso falar, pois estou com fita na boca. Soluço, sentindo raiva e muito medo, começo a tremer e a sentir minhas pernas fraquejarem. Ele se afasta e vejo os homens que me pegaram.

— Podem ir. Assim que estiver tudo pronto, eu chamo vocês — eles assentem e saem. Estou no jardim dos fundos da casa de Ludovico. A terra do jardim está revirada e ali perto há um caixão feito artesanalmente, parece um caixote de frutas grande, que cabe uma pessoa. Também há várias coisas por

NACIONAIS - ACHERON

perto: pás, litros e mais litros de alguma coisa que se parece ácido ou água sanitária, cordas e um saco de cimento.

Choro mais ainda balançando os braços, tentando me soltar. Sem esperar, recebo um soco no rosto. Não foi um tapa, ele usou muita força, como se batesse em um homem. Choro desesperada.

— Agora vamos ter uma conversinha. — Ele levanta meu rosto e enxuga minhas lágrimas. Está todo vestido de preto, de botas de borracha e luvas pretas. — E depois, você vai para um lugar lindo, ficar ao lado da minha querida e bela traidora Sônia. Ou melhor, vai para um lugar terrível, onde mulheres más vão quando batem as botas.

ROMEO

***Olivia:** Oi, querido Romeo, não precisa se preocupar, estou indo almoçar na casa de Kate. E, depois das cinco, eu vou embora.*

No meu escritório, fico olhando a mensagem que acaba de chegar no meu celular. Acho que Oly decidiu ir almoçar com Kate porque eu disse que talvez não poderia ir almoçar em casa. Com um breve sorriso, eu respondo.

***Romeo:** Que história é essa de querido*

Romeo? Pode ir, passo para te pegar assim que terminar aqui. Mande um beijo para Kate.

Fico esperando a resposta, mas Magno abre a porta e me chama.

— Romeo, já estamos prontos.

— Ok. — Olho mais uma vez o celular, sem resposta. Levanto-me, coloco o celular no bolso e pego umas pastas em cima da mesa. — Lorenzo já está lá?

— Sim.

— Ótimo. Quero que eles saibam que nós três estamos interessados. — Saio rápido com Magno, correndo para a sala de reunião. É uma negociação muito importante, precisamos fazer de tudo para

conseguir a parceria com essa empresa uruguaia. Na verdade, estamos querendo arrendar toda a rede de espumante e outras bebidas. E agora que Oly não está me esperando, posso tirar muito mais tempo para dar uma bajulada de leve nesses caras. Vou levá-los a um bom restaurante, comer uma comida boa, bem brasileira, beber um vinho caro e sair de lá com a assinatura de cada um.

— Saulo, faça uma reserva para dez pessoas naquele restaurante de costume — pedi antes de entrar na sala atrás de Magno. — Volte rápido para nos auxiliar na reunião.

— Claro — ele assentiu e correu para sua mesa.

A reunião foi perfeita. Já saímos da empresa com a sensação de que tudo estava no papo. Fomos nos carros da empresa para o restaurante que sempre levo os clientes da Orfeu. Enquanto estava

NACIONAIS - ACHERON

no carro, peguei meu celular e mandei uma mensagem para o segurança.

Romeo: *Olivia já está na Kate?*

Odilon: *A aula dela terminou mais cedo. Olivia me mandou uma mensagem dizendo que ela ligou para Kate ir buscá-la.*

Romeo: *Ok. Está liberado por hoje.*

E a tranquilidade me tomou. Consegui, com a ajuda dos meus irmãos, conduzir um almoço maravilhoso. Fiz todos os uruguaiois saírem de sorriso largo e, claro, assinaram o pré-contrato. Já estava tudo no papo. Deixamos o restaurante às duas da tarde e voltei para a empresa, já que não

tinha nada para fazer em casa. Pelos meus cálculos, nesse momento, Olivia e Kate já teriam almoçado e estariam de pernas para o ar assistindo TV ou tirando um cochilo.

— É um milagre você não ter corrido para casa
— Magno observa quando chegamos à empresa.

— Oly foi almoçar na casa da amiga dela. Vou passar depois para buscá-la.

— Que amiga? A Kate do Magno? — Lorenzo questiona, dando um de desentendido, já olhando cinicamente para Magno.

— Minha, não. Sou solto no mundo. Por isso que abortei a missão a tempo. Um soldado sabe onde é campo inimigo.

— Por quê? Ela é bonita. — Eu entro na

conversa. Entramos no elevador.

— Muito gostosa, me deu vontade de comer, mas ela já estava em cima de mim, não aceitaria uma vez só, e não posso dar mais que isso. Aí tem o fato de ser melhor amiga da Olivia, ficaria um clima estranho.

— Tem razão. Gostei da sua atitude.

— É, a primeira vez, ele pensa nos outros, e não no próprio pau — Lorenzo concorda.

Rimos e saímos do elevador cada um indo para seu lado. Trabalho até as quatro. Como não fui embora almoçar, sairei mais cedo. Aviso Saulo para encerrar qualquer compromisso e, antes de sair, pego o celular para mandar uma mensagem para Olivia.

***Romeo:** Estou saindo agora.*

Ajeito minha mesa e, antes de sair, meu celular vibra com uma nova mensagem.

***Olivia:** Vá direto para casa, estou saindo agora da casa de Kate. Espero você lá. Beijos.*

***Romeo:** Oh, garota, quer parar de ficar indo e vindo sozinha? Você não tem essa regalia ainda não. Te amo.*

E, mais uma vez, fico esperando e nada de receber uma resposta. Dou de ombros, guardo o celular e saio da minha sala.

— Estou indo, Saulo, até amanhã.

— Até amanhã, Romeo.



Chego em casa e não há ninguém. Ela ainda não chegou, e o carro está na garagem. Vou dar um bom sermão nela quando chegar aqui. Claro que o sermão será na cama ou no chuveiro, estou numa saudade danada. Vejo se Pink está precisando de água ou comida, depois subo, tomo um banho e desço, em seguida, vestindo apenas uma bermuda. E nada de Olivia chegar. Olho no celular, nenhuma mensagem. Dá tempo preparar alguma coisa para quando ela chegar. O tempo se arrasta, preparo sanduíches, guardo na geladeira, já está anoitecendo. Cheio de especulações, saio da cozinha, pego meu celular e ligo para Olivia.

Ninguém atende. Toca até cair na caixa de mensagem. Já perdendo a paciência, ligo para Kate.

— Oi, Romeo.

— Vocês já estão chegando?

— Vocês quem? — Enrugo a testa, ando na sala, totalmente inquieto.

— Você e Olivia. Ela mandou uma mensagem que dizia que estava chegando e até agora nada.

— Como assim, Romeo? — Agora a voz dela fica um pouco tensa. — Não vi Olivia hoje. Ela me mandou uma mensagem avisando não poderia vir à livraria hoje. — Dou uma risada incrédula, bem nervosa.

— Kate, pare de brincadeira. Passe a celular para Olivia.

— Ai, meu Deus! Quando foi a última vez que a viu? — Agora, com esse tom, Kate já está me deixando nervoso.

— Hoje de manhã. Mas ela me mandou várias mensagens dizendo que almoçaria com você. Deixe-me falar com ela logo.

— Espere aí — Kate fala, e eu fico esperando. Recebo uma mensagem. — Mandei o *print* da mensagem que ela me mandou. Eu juro, ela não está comigo.

Já aterrorizado, com o coração batendo no pescoço, eu leio o que Kate me mandou. Está lá, quase no mesmo horário que mandou a primeira mensagem para mim.

Kate, não vou poder ir hoje. Eu e Romeo temos um compromisso.

Fico imóvel, lendo a mensagem várias vezes. Meu estômago revira e sinto minhas pernas fraquejarem, pressentindo uma notícia ruim.

— Romeo, está me escutando?

— Kate... Droga, Kate... Oly está em... Meu deus! Isso não.

— Fique calmo. Ligue para a polícia agora. Ah, meu Deus! — Kate se lamenta com voz de choro.

— Tudo bem. Vou rastrear o celular dela. Ligo assim que tiver notícias. — Desligo a chamada de Kate e, com os dedos trêmulos, ligo para Magno.

— Fala — atende cheio de tédio.

— Cara, aconteceu alguma coisa com Olivia. Ela desapareceu. — Jogo tudo na lata, sem rodeios.

— Caralho, velho! Como isso aconteceu?

— Não sei. Mas, pelo que entendi, alguém está com o celular dela e enganou a mim, a Kate e o segurança.

— Como você deu esse mole, porra?

— Apenas venha pra cá agora. — Esfrego a testa já lutando para não entrar em pane. Estou quase saindo correndo de casa, sem direção.

— Estou indo, me espere, não faça nenhuma loucura.

— Vamos à polícia.

— Ok. Estou saindo daqui.

Desligo e subo correndo as escadas, de dois em dois degraus, já com o celular no ouvido, ligando

para a empresa de segurança para rastrear o celular de Olivia. Há certas coisas na vida que a gente não pode parar para pensar, senão enlouquece. Melhor acreditar em tudo, menos que Ludovico tenha algo a ver com isso, pois a raiva pode impedir que eu tenha um raciocínio lógico. Visto-me em dois tempos e, ainda com a camiseta enfiada em apenas um braço, já ligo para o segurança. Ele atende rápido.

— Odilon, você viu a Olivia e para onde ela foi?

— Não, senhor. Eu só recebi a mensagem dela dizendo que tinha ido com a amiga.

— Mas que porra Odilon! — Sinto minhas veias do pescoço inflarem quando grito. — Você nem foi constatar?

— Não... Ela disse que não precisava...

— Mas que porra, cara! Eu te pago para quê?
Caralho!

— Romeo, eu...

— Cara, não venha se explicar, não, a merda já está grande, suas desculpas vão só aumentar mais meu ódio. — Desligo sem deixar ele falar. Kate me liga de novo e já está com uma voz de pura aflição.

— Romeo, acabei de ligar na casa dos pais dela, Olivia não foi lá hoje. Por favor, me diga que está fazendo alguma coisa. Vá logo na casa de Ludovico.

— Não estou parado, Kate, é lógico que estou fazendo tudo que posso. Ligo quando tiver mais notícias. — Desligo para não ser mais bruto com

ela. Nem ela e nem o segurança tiveram culpa. Olivia é culpada, eu pedi tanto para ela não ficar sozinha nem por dois segundos. O pior é que eu nem sei se ela, de fato, ficou sozinha. Enquanto não recebo a informação do rastreador de celular, ligo para a faculdade e acabo sendo informado que a turma dela foi liberada mais cedo. Meu coração para de bater por segundos. Fico apático, sem vida, de pé no meio da sala, na penumbra.

— Olivia! — Exclamo para mim mesmo em um sussurro quase mudo e, nesse instante, um pânico terrível me toma. Morro mil vezes. A dor me consome, e eu saio correndo de casa. Inferno! Ela ficou o dia desaparecida. Olivia precisou de mim, Olivia está precisando de ajuda. O desespero é tanto que não consigo acertar a chave na direção do carro.

— Cacete! — grito, batendo muitas vezes no volante. Passo a mão no rosto, tento evitar um desmaio por causa do grande excesso de sangue que deve estar sendo bombeado para minha cabeça, sinto meu rosto queimar e tudo dentro de mim se revirando de terror. E para completar, o celular toca, atendo parecendo bêbado e preciso de muita força para continuar firme ao receber o aviso de que o celular de Olivia está fora de alcance, impossível de rastrear, o chip e todo o aparelho pode ter sido destruído.

Desestruturado, ligo o carro e mal espero a garagem abrir para sair em disparada, em toda velocidade que consigo. Quase quebro a cancela na entrada do condomínio.

— Magno, estou indo para a casa de Ludovico. Encontre-me lá — praticamente berro quando ele

atende minha ligação.

— Romeo, estou chegando, pedi para me esperar. Deixa de ser um cusão!

— Cusão? Você tem noção do que pode estar acontecendo? — Inclino para o painel do carro para gritar muito alto. — Seu merda!

— E ficar de drama parecendo um boiola retardado vai dar jeito? Pensa com a cabeça fria, mano.

De peito retumbante, mais ofegante do que se estivesse jogando futebol, eu falo com mais calma:

— Apenas me encontre lá. — Desligo a chamada e acelero rumo à casa de Ludovico. Juro, por esse céu que está sobre minha cabeça que, se ele tocou num fio de cabelo dela, eu vou responder

por homicídio, sim, com intenção de matar.

Geralmente, eu gastava de quinze a vinte minutos da minha casa até a casa de Ludovico. Hoje gastei dez minutos. E, para minha surpresa, quando parei em frente, estava tudo escuro. Desço do carro, correndo e enfio o dedo na porra do interfone. Toca de cansar e ninguém atende. Não há uma luz acesa, daqui posso ver parte do quintal, nada aceso. Nenhuma fresta. Fico com ódio de mim nesse momento, por ter entregado a cópia da chave que o jardineiro me deu.

Começo a andar, como um doido, na calçada da casa de Ludovico. Ando de um lado para outro várias vezes, medindo a calçada, a passos largos. Não sei quantas passadas dei, apenas sei que foi o suficiente para dar o tempo de Magno chegar e vir correndo em minha direção.

— E aí?

— Não tem ninguém. — Dou um chute no portão. Ah, meu Deus! Proteja ela! Peço interiormente, escondendo o rosto nas mãos. — Ele deve tê-la levado para outro lugar, Magno. Vou matar o desgraçado.

— Será que foi ele mesmo?

— O que mais pode ter acontecido? Eu já estava pressentindo, pedi tanto para ela tomar cuidado. — Fico de costas me lamentando, começando a pensar no pior. A porra das palavras da cigana brilha como neon na minha mente: Sem futuro. Minhas pernas fraquejam na mesma hora. — Oly já sofreu tanto, cara, não é justo com ela...

— Romeo. — Ele coloca a mão no meu ombro. — Temos que pensar em todas as

possibilidades. Vamos à delegacia.

— Claro. — Passo a mão no olho e me viro para Magno. — Claro.

— Eles vão saber como conduzir as investigações.

Antes de sair com Magno, olho uma última vez para a casa de Ludovico toda escura. Meu peito pesa tanto. Olivia precisa de ajuda. Olho de relance para o céu e peço silenciosamente: proteja ela.

Magno chamou a polícia. Dois policiais e um investigador foram para minha casa assim que ficaram sabendo que Olivia já tinha sido agredida e ameaçada pelo ex-marido. Liguei para os pais dela, e o pai pareceu verdadeiramente pasmo com a notícia, então soube que ele não estava envolvido. Policiais foram à casa dos pais dela pegar

depoimento e fazer uma varredura, depois, à casa de cada um dos filhos de Ludovico e por fim, após não ter nenhuma pista, começaram a procurar em outras delegacias, em necrotérios e hospitais.

A noite se arrastou devagar enquanto eu ficava sentado sozinho no sofá, vendo um policial vir, conversar com Magno e balançar a cabeça negativamente, a cada ligação que o policial recebia no rádio comunicador, meu coração saltava no pescoço, depois ele olhava para Magno e fazia um gesto negativo. Sem progresso. E eu, aos poucos, me deixando vencer pelo desespero.

NÃO MUITO LONGE DALI...

Estou imóvel, amarrada na cama. Pés e mãos atados. Com sede e com fome e amordaçada. Já chorei tudo que tinha para chorar, agora o cansaço tenta me vencer, mas mantenho-me acordada, sob vigília.

Ludovico falou tudo que quis. Disse que passou todos esses dias arquitetando para me capturar. Preparou tudo: comparsas, formas de encobrir um assassinato; colocou papel negro nas janelas e as cortinas por cima, assim, mesmo com a luz acesa, a casa pareceria escura para quem visse de fora.

Os homens que me pegaram, estavam me seguindo há dias. Ele sabia que uma hora eu abriria uma brecha. Eu chorei tanto ao me lembrar de Romeo se preocupando e pedindo para eu tomar todo cuidado possível.

Depois de falar tudo, ele me desamarrou, me empurrou para o chão e começou a me chutar: nas pernas, nas costas, nas costelas, me lembrei de uma aula de sobrevivência que tive na sexta série e me encolhi em posição fetal, assim, protegeria lugares letais. Conseguir me desviar de alguns golpes, levantei correndo e fui para a cozinha, eu a conhecia muito bem, então, abri a gaveta das facas, me armei com uma e, mesmo assim, ele me enfrentou, não o poupei, golpeei com toda força, cortando seu braço e, por causa disso, ele me jogou no chão e me aplicou uma injeção, apaguei em segundos. Acordei amarrada e sozinha no quarto de

hóspedes. E aqui estou eu, amarrada na cama, muito perto de onde meu celular clandestino está.

Já tentei tanto me desamarrar, pegar o celular e ligar para alguém. Os nós da corda estão muito forte, não consigo mexer o corpo. E, depois de tanto tentar, acabo vencida pelo cansaço e gemendo de dor, acabo dormindo, ou desmaiando mesmo.



Acordo assustada e, para meu desespero, noto que não estou num pesadelo, um sonho ruim. É realidade. Minha boca dói por causa da fita, na verdade, meu corpo todo dói. As costelas principalmente. Gemo e me mexo, tento balançar minhas mãos, mas paro, pois a dor é dilacerante. Olho em volta e vejo Ludovico ali, parado, me olhando.

Ele vem e senta na cama. Fecho os olhos já cheios de lágrimas, minha respiração acelera. O medo me domina mais uma vez. Eu quero que ele acabe logo com isso. Ele vai me matar, mas queria que fosse rápido; por que apenas não corta minha garganta ou me dá um tiro?

— Eu fiquei bastante tempo, essa noite, pensando muito, querida. — Ele começa a falar, inclina-se, tira os cabelos da minha testa e acaricia meu rosto. — Pensando em quais lugares dessa casa você trepou com aquele filho da puta. — Apesar das palavras, ele parece calmo, como se estivesse contando algo rotineiro. — Minha cama? — A mão dele desce para meu pescoço. — A cozinha? — Começo a me debater para ele afastar. — Meu sofá? — A mão dele, enluvada, desce para meus seios. — As lágrimas molham meu rosto e ensopam a fita na minha boca. — Onde você abriu

as pernas como uma vadia? Conte-me. Você tem todo tempo do mundo.

— Hum... — choramingo, e ele ri.

— Esqueci. Você é uma patética sem voz. Nunca teve voz aqui nessa casa e não é agora que vai ter, né? — Mesmo com muita dor, me balanço toda para ele tirar as mãos de mim. Mas ela vai descendo devagar, passa pela minha barriga e para acima da minha perna. — Sabe por que ferrei com aquelas duas vadias? A Núbia e a Leandra? Porque elas começaram a querer criar asas, e eu não podia, simplesmente, mandar dar um cala-boca. Cada uma delas tinha algo que eu queria: meus filhos. — Ludovico tira alguma coisa do bolso e ergue. É uma faca pequena. — Mas Sônia não teve a mesma sorte. Não tinha nada que eu queria. Então, acabei com a desgraçada. — Ele passa a faca na minha

coxa e, com a lâmina, levanta meu vestido. — Ela chorou, implorou, se urinou toda de medo. Deixei ela viver por três longos dias para poder saber que estava sob meu controle e ia morrer, sim. Depois, eu apenas dei um tiro. — Ele sobe a faca e, de leve, passa no meu queixo. — Um tiro bem na boca dela. — O pânico me engolfa, meu peito sobe e desce rápido pelos soluços e então, recebo um soco nas costelas já doloridas. Choro mais, e Ludovico não para com os golpes, começa a me surrar.

— Na minha casa, vadia? — Dá um soco no meu rosto. Trouxe um desgraçado para foder na minha casa? — Mais um soco no meu estômago e outro. Eu apenas choro incapaz de me mover, sem fôlego, ardendo e doendo tudo dentro de mim. Ele arranca, com toda força, a fita da minha boca.

— Fale alguma coisa, desgraçada!

PERIGOSAS

— Covarde! — grito. — O Romeo é um homem, você é um inseto! — E recebo um tapa na cara.

— É isso. Está mostrando quem é de verdade. Muito bem. Depois volto para a gente conversar mais. — Ele se levanta e sai. E eu choro desesperada, puxando ferozmente meus braços na esperança de escapar.

ROMEO

Como poderia dormir? Na verdade, nem entrei no quarto desde a noite passada para não ficar me lembrando, preciso ser totalmente racional, nada de emoções. Lorenzo chegou às onze, meus irmãos passaram a noite aqui comigo, me deram o apoio que eu preciso, juntos tentamos elaborar planos e buscar uma saída. Lorenzo ligou para Davi Brant, que se tornou muito mais próximo dele por causa das negociações na Mademoiselle, contou o que estava acontecendo e Davi sugeriu que refizéssemos os passos de Olivia e procurássemos por alguma pista, uma câmera de segurança de alguma loja, por exemplo.

Fiquei um pouco mais esperançoso e pedi a meus irmãos que fossem descansar assim que os policiais foram embora. Segundo o investigador, eles voltam hoje às oito da manhã, meu celular está grampeado, caso alguém ligue. Torço tanto para que peçam um resgate em troca de qualquer quantia.

Às três da manhã, Magno foi para o quarto de hóspedes; Lorenzo, que tem problemas de insônia, ficou na sala comigo, apenas fazendo companhia, bebemos um pouco, trocamos umas palavras, e ficamos indo de um lado para o outro, calados. Depois, ele dormiu um pouco no sofá, e eu fui para a cozinha, ficar lá no escuro, sentado de cabeça baixa até o sol nascer.

Sei que Ludovico está por trás disso, mas não sei para onde ele a levou. Com a TV ligada e o café

pronto, eu seguro uma caneca, recostado na mesa, pensativo. Claro que Ludovico não a levaria para a própria casa, será que ele seria tão óbvio? Mas lá estava tudo trancado e escuro... Paro de pensar quando Magno levanta já arrumado, no pique quase oito da manhã. Ele e Lorenzo entram na cozinha.

— Vamos à faculdade tentar descobrir alguma coisa — Magno anuncia. — Fique aqui, alguém pode ligar.

— Ok — respondo. Eles dois saem correndo, deixando-me mais apavorado ainda. É a primeira manhã, vinte e quatro horas que não vejo Olivia. Só preciso respirar fundo e ser otimista. Vou encontrá-la.

Aos poucos, as pessoas vão chegando. Primeiro, o investigador, servi café a ele e conversamos sobre a investigação. Ele disse que os

NACIONAIS - ACHERON

filhos de Ludovico foram intimados para prestarem esclarecimentos na delegacia, pois, segundo ele, na presença de um delegado eles podem ter mais receio e revelar algo se estiverem escondendo. Os três aceitaram ir, e a visita está marcada para as nove. Fiquei admirado em saber que Jaqueline aceitou ir, mas, nesse momento, ela só quer tirar o dela da reta, não está tentando me ajudar.

Depois, Vilma chegou, me deu um abraço sem dizer nada, apenas me dando um pouco de conforto. Beijou minha testa e minha bochecha e me abraçou mais um pouco antes de ir preparar um bolo para a gente.

Por último Kate chega desesperada, praticamente, louca de pedra.

— Você está louco de ficar aqui sentado? — berrou de olhos grandes. — Mexa essa bunda, NACIONAIS - ACHERON

Romeo! Vá derrubar a casa daquele desgraçado!

— Kate, as coisas não funcionam assim...

— E funcionam como? Hein? Conte?

— Não havia ninguém na casa, Kate.

— Não havia? — Ela coloca as mãos na cintura, posando de valente. — Você fez o que para ter certeza?

— Quase arrebentamos o portão, estava tudo escuro — alego já perdendo a paciência.

— E queria o que Romeo? Que ele saísse de lá de dentro e falasse: Sim, ela está aqui, quer que eu chame? Se toca Romeo, vá se vestir, vamos para lá agora.

— Kate! — grito e seguro nos ombros dela,

sacudindo-a. — A polícia já está tomando conta de tudo, nós estamos nos mexendo.

— Não estão! Olivia está aqui? Não, né! — Algumas lágrimas começam a escapar dos olhos dela. — Então vocês não estão se mexendo.

Eu abro minha boca para retrucar, mas ela dirige-se para o policial.

— É da polícia, não é?

— Sim.

— Só quero avisar que eu pago caro pra ver quem vai ser o filho da puta que vai me prender quando eu matar o Ludovico. Só estou avisando.

— Você precisa ter calma. — O investigador articula calmamente. — Logo... — Antes dele continuar a falar mais alguma coisa, meu celular

NACIONAIS - ACHERON

toca. Número desconhecido. Aponto para o celular e o investigador entra em alerta, pede para eu colocar no viva-voz. Vira em seguida para Kate e coloca o indicador na boca, pedindo para ela fazer silêncio.

— Oi. — Atendo.

— Acho que já deu pela falta de sua namoradinha, não é? — Essa não é a voz de Ludovico. É a voz de um homem novo, bem mais novo.

— O que você quer?

— Dinheiro. Lógico. — Olho para o investigador e ele me mostra algo que acabou de escrever no papel: prove que ela está bem.

— Quero ter certeza de que ela está bem.

— Claro, Romeo, escute só sua Julieta. — Fico com a respiração suspensa quando ouço: Romeo, faça tudo que eles querem. É a voz fraca e chorosa de Olivia. O desespero ameaça me tomar, pelo visto, já tomou Kate, ela está em lágrimas mordendo as costas do dedo.

— Quanto? — pergunto friamente.

— Dez milhões. Ligarei mais tarde para lhe dizer onde deve depositar. — E pronto, desliga na minha cara.

41
OLIVIA

— Pode ir. Chamo quando precisar de novo —
Ludovico fala com um dos homens que me sequestrou. Ele me soltou da cama e fez muito terror psicológico. Ludovico disse que, antes de me matar, vai fazer os dois homens me estuprarem, vai filmar e mandar para Romeo.

Fui tirada da cama, ele me levou ao banheiro. Sentei no vaso e chorei mais que urinei. Do lado de fora, Ludovico contava em voz alta. Apenas trinta segundos. Quando estava saindo, dei uma olhada em volta e dei de cara com meu reflexo no espelho. Meu rosto está inchado, tem hematomas e meu lábio cortado.

NACIONAIS - ACHERON

Ele me puxa para fora e me joga contra a parede.

— Sabe por que pedi dinheiro ao imbecil do seu namoradinho? — Está me pressionando contra a parede e a faca no meu pescoço. — Fiz isso com Sônia, não tem erro. Mantenho os idiotas achando que você está sequestrada e que, se fizer tudo certinho, vão tê-la de volta. Mas então, eu vou enrolando, te mato e pronto. É só ganho de tempo para eu poder me divertir com você o tanto que quiser.

— Deixe-me ir — imploro. — Deixe-me em qualquer lugar, não conto que foi você.

— Calada! — grita e enfia a faca em mim, um pouco abaixo das costelas, na lateral. Abro a boca, surpresa, mas ele coloca a mão, tampando meu grito. — Shhh, fiz isso com Sônia, você não vai

NACIONAIS - ACHERON

morrer com essa facadinha de nada. Mas vai começar a perder sangue. Darei muitas outras, em locais não letais. Você me apunhalou, Olivia, e farei o mesmo com você. Não se trai um homem na própria casa dele. E, de sobra, ainda ficarei com dez milhões do grande filho da puta.

Sinto minhas pernas fraquejarem, tudo em mim dói, a facada nem dói tanto, mas sinto o sangue ensopar meu vestido.

— Agora, a segunda facada. — Ele levanta a faca para me golpear e então, como intervenção divina, o interfone toca. Ele para com a faca, me dá um puxão e me arrasta para a cama. Enquanto ele me amarra, eu começo a me debater, lutando como posso, mesmo estando só o bagaço, mesmo perdendo sangue.

Entretanto, mesmo assim, ele me amarra, vai

NACIONAIS - ACHERON

até a janela e espia. Ele tirou os plásticos pretos para não dar na cara, pois é dia e alguém poderia perceber.

— Droga! — resmunga, vem até mim, passa fita na minha boca e sai do quarto. Não sei quem é, mas a visita fez ele se importar e sair às pressas. Minha única chance. Enquanto ele me amarrava e eu me debatia, garanti que os nós fossem frouxos. Balanço a mão com muita força, nem ligo para dor, apenas balanço a mão e, por um milagre divino, a corda começa a ceder. Continuo desesperada, meu pulso dói, o ferimento a faca dói, cerro os dentes, balanço com mais força e consigo puxar minha mão do nó, a dor do meu braço ferido pelos socos faz meu estômago revirar. Com uma mão solta, eu tento me sentar, mas não consigo, é quase impossível esticar o braço para desatar o outro nó.

Olivia, depois você chora de dor — digo a mim mesma. *Força, garota!* Alcanço o outro pulso e, com dedos trêmulos, mãos geladas e visão embaçada, eu desamarro. Ouço um carro sair e o portão fechar. Ele está voltando. Meus dedos tremem mais do que fazem algum progresso.

Merda! Merda! Em aflição total, com o coração sacudindo no pescoço e escoando nos tímpanos, tento, com lágrimas nos olhos, desatar o nó. E consigo. Tiro a fita da minha boca, mas os pés ainda estão presos.

O desespero me toma, o medo pulsa nas minhas veias, ouço a porta lá embaixo se fechar e consigo desamarrar o nó de um tornozelo. Praticamente, arranco a corda que prende o outro. Liberto-me e me viro para fora da cama, caio no chão, gemendo, com uma das mãos no ferimento da facada. Fico

imóvel, sem ar. Não vou consegui. Soluço chorando e me arrasto até a cabeceira e, com um sorriso de alívio, encontro o celular.

Era para eu ter pedido Kate para pegar esse celular, mas esqueci, graças a Deus, eu esqueci. Tento ligar, mas nada acontece. Ludovico já deve estar nas escadas. Lembro que o celular ficou muito tempo aqui e deve ter ficado sem bateria. Arrastando-me pelo chão, com minhas pernas doloridas pelos chutes, abro a gaveta do criado-mudo e, tateando, encontro, lá atrás, o carregador que eu mantinha ali.

Olho em volta. Não há como eu me proteger. Não me aguento de pé, quanto mais lutar contra ele. Então, vejo o banheiro, sentindo a pior dor da minha vida, eu fico de pé, encurvada, escorando nas paredes e vou dando passos curtos, tentando

chegar a tempo. É um milagre ele estar demorando tanto. Talvez esteja ligando para alguém, talvez algo deu errado e ele está vindo apressar as coisas. Chego ao banheiro, me agarrando com todas as forças à minha única chance de viver. Entro, bato a porta e tranco. Sustentando-me em pernas bambas, consigo ligar o celular na tomada.

Com o celular todo cheio de sangue, espero ele ligar, tremendo, digito o número de Romeo. Com a outra mão, faço pressão no ferimento que dói muito. Meio toque e Romeo atente.

— Romeo... — murmuro.

— Olivia? — A voz é quase um grasnar urgente.

— Preciso que venha depressa para cá, — ofego — estou na casa de Ludovico.

— Tudo bem — fala comigo e ouço gritar para alguém: encontrei! — Estou indo agora. Fique calma, onde ele está?

— Eu... Ai, meu Deus. — Vou escorregando na parede até me sentar no chão. Bem fraca. — Ele desceu, deve estar ligando... Venha logo, por favor.

— Estou saindo, Oly. — Ouço portas de carro batendo e um motor ligando. — Fique calma. Em que parte da casa você está?

— No quarto de hóspedes, consegui me soltar e me tranquei no banheiro. Esse é o celular que você me deu.

— Já estou no carro. Mantenha-se aí, não faça barulho.

— Romeo... ele me esfaqueou. Traga... ajuda.

PERIGOSAS

— Ouço ele resmungar algo e um som seco batendo em alguma coisa. Depois, ele fala com alguém: Ligue para meus irmãos, diga para irem agora à casa de Ludovico, ligue também para a emergência.

— Oly, me escute. Tente não se movimentar, tente respirar fundo e devagar para diminuir a pressão sanguínea. Pode fazer isso?

— Sim... Estou fraca... Romeo, ele matou a Sônia e... confessou tudo... — Começo a chorar. — Ela deve ter sofrido tanto, Romeo... Estou sentindo tanto por ela...

— Fique calma. Não pense nisso. Estou chegando, Oly.

— Não desligue, me faça companhia.

NACIONAIS - ACHERON

— Não vou desligar. Pare de falar e feche os olhos. Pense em coisas boas, Oly, estou chegando.

— *Tá.* — Fico calada e choro de alívio por não estar mais sozinha. Apesar de ainda estar sozinha, posso sentir uma segurança só em ouvir a voz de Romeo. Passam alguns minutos, uns cinco talvez, limpo as lágrimas e tiro a mão da ferida para olhar, o sangue volta a escorrer, e eu tampo de novo.

Então ouço a porta do quarto lá fora se abrir, e Ludovico gritar: Vadia. Fico parada, muda, só esperando. Demora um pouco e a maçaneta do banheiro se mexe.

— Romeo — murmuro com um peso no peito, muito medo. — Venha logo, ele está entrando.

— Oly, já estou perto da casa, só fique afastada dele. — Noto que Romeo tenta manter a calma.

Alguém do lado dele, voz de homem, fala: Seus irmãos já estão chegando lá. A ambulância está a caminho.

Batidas fortes na porta do banheiro me fazem sobressaltar. A maçaneta gira e Ludovico bate ferozmente. Não há mais o que eu possa fazer. Nem levantar eu consigo. Olho para os lados. A janelinha pequena é no alto. Continuo sentada, espremida no cantinho. E então, as batidas na porta param. Fico de olhos fechados, tentando não perder a consciência, desmaiar de tanto terror.

— Estou chegando, Oly. Mantenha-se afastada.
— Romeo promete de modo urgente. A única coisa que consigo dizer é: *Tá*.

Passam mais vários minutos. E então, para meu desespero, um baque enorme vem da porta e vejo a ponta de um machado. Ludovico parece se afastar e

NACIONAIS - ACHERON

bater de novo. Romeo ainda não chegou, Ludovico vai querer acabar comigo antes de alguém chegar.

— Romeo...

— Estou aqui.

— Desculpe-me por ter feito tudo errado.

— Olivia, pare, não tem que pedir desculpas.

— Eu tenho vinte e três anos, quero dizer que todos os dias que passei com você foram melhores que qualquer outro ano da minha vida.

— Eu sei, e você vai falar isso para mim daqui a pouco.

— Espere, me ouça. Quero pedir uma coisa.

— Oly, estou chegando, você vai me pedir o

que quiser.

— Escute com atenção. — As batidas do machado na porta continuam fortes. — Quero que, no momento certo, faça a coisa certa. Não quero que faça uma escolha difícil, como a Rose fez no Titanic, entre ficar sozinha em cima da porta ou tentar dividi-la com Jack.

— Olivia, quero que pare de falar essas coisas agora — ele grita, perdendo a paciência do outro lado do telefone, a voz ondulando e mais rouca que o normal. — Foda-se se estou dando uma ordem. É ordem, sim, pare de falar isso.

A porta do banheiro continua recebendo golpes. A maçaneta cai longe.

— Romeo... não vá sofrer demais. — Apesar do terror do momento, minha voz está bem calma.

— Faça a escolha certa. Você saberá. Eu o amo, e Ludovico nunca vai conseguir tirar isso de mim. — Paro de falar quando a porta se quebra e Ludovico aparece transtornado com um machado. Não grito, não choro. Sorrio. — Adeus Romeo. — digo antes de receber uma pancada com o cabo do machado e desmaiar.



Quando acordo novamente, estou me afogando. Debato-me e, ainda com a consciência turva, vejo que Ludovico está de pé sobre mim, jogando água na minha cara. Um ponto na minha cabeça dói muito. Não consigo respirar, acho que não pela água, mas por uma dor perto do peito. Vou tossindo e junto com a água, começa a sair sangue da minha boca. Estou no chão do quarto. Destruída, sem forças para piscar; eu olho diretamente para ele.

— Acabe logo com isso — imploro praticamente.

— Da Sonia eu tive piedade, dei um tiro de misericórdia. Você não irá tão fácil. — Então ele ri, pega um saco plástico no chão e enfia na minha cabeça. Lágrimas, água e sangue começam a molhar meu rosto, ele monta em cima, aperta o plástico e eu vou, aos poucos, perdendo o fôlego.

E lá estou, de manhã, com Pink aos meus pés, folheando uma revista de moda e tomando meu café. Minha cozinha clara, bem limpa e moderna. Meu celular vibra, e eu pego vendo um número desconhecido.

Olá.

É a mensagem do desconhecido.

Sentindo meu sangue vibrar, meus braços sem vida caem de lado, tento puxar um mínimo de ar, um peso terrível força as minhas costelas dilaceradas. Agora estou vendo o mar à minha frente, o vento bate em meu rosto, o vento da manhã, com a bisa do mar. O cheiro é maravilhoso. Sinto braços me prenderem por trás em um abraço gostoso.

É a melhor vista, Romeo. Lembrarei disso quando der meu último suspiro. E, num instante, não estou mais vendo o mar. Agora estou com um belo vestido que fiz. Meus cabelos perfeitos, uma maquiagem bonita que eu improvisei, o lugar é de luxo. Estou ao lado de Ludovico, mas olho para o belo homem que está ali, parado, embasbacado com seu belo sorriso educado, sexy e encantador.

Romeo...

E, na minha infância, trancada no quarto após levar umas cintadas nas pernas por ter ido para a casa da vizinha, encontro-me agachada entre as camas, minha e da minha irmã. Nas minhas mãos pequeninas, um livro de Contos de Fadas. *Cinderela*. Observo a imagem da Cinderela no baile e o príncipe lá, olhando para ela.

Contos de Fadas não existem mesmo... mas ser feliz existe. E eu fui.

Então, o peso é arrancado de cima de mim e, em seguida, o saco plástico puxado do meu rosto. Meu pescoço vira para o lado, sinto meu coração dar fracas batidas, nem consigo puxar o ar. Entreabro os olhos e posso ver vultos e gritos, muitos gritos, parecem distantes. Algo grande, um vulto, um homem, está praticamente espancando Ludovico contra a parede, tento falar alguma coisa,

mas a voz não sai.

— Olivia! — Ouço bem longe uma voz familiar me chamar. Mãos grandes viram meu rosto e noto o contorno do rosto de Magno sobre mim. — Por favor, aqui! Preciso de ajuda aqui — grita com a voz em eco, bem distante, eu volto a olhar para o lado e agora Ludovico está caído no chão e o vulto alto ainda está lá, em cima dele, vejo os movimentos dos braços batendo muito forte contra a cabeça praticamente sem vida de Ludovico.

Tento estender minha mão, tento falar. Muitos outros vultos entram no meu campo de visão, alguém coloca uma máscara de ar na minha boca e nariz, e outros tentam tirar o vulto alto de cima do corpo flácido no chão. Ele ainda resiste, consegue dar mais chutes e continua querendo bater mais, grita muito, coisas indecifráveis, três homens são

PERIGOSAS

necessários para puxá-lo definitivamente.

Romeo...

E eu vou, aos poucos, caindo num vácuo negro.

NACIONAIS - ACHERON

Sabe quando a gente está em um sonho é quer muito acordar? Mas aí abre os olhos e percebe que ainda está sonhando. Eu ainda sinto minha cabeça pesada... o corpo ainda dolorido, posso sentir a dor da carne, mesmo me sentindo desconectada. Mas estou bem. Sinto-me leve, como se o ar passasse por dentro de mim. Nada mais me preocupa e nada mais dói emocionalmente. É estranho não ter nenhum sentimento. Nada.

Sento-me no chão branco. É tudo branco, sem decorações ou qualquer objeto, não há nada mais além de mim, estou num sonho vazio, presa numa imensidão. Não sei onde estou e demoro a acreditar

NACIONAIS - ACHERON

ou lembrar o que tinha acontecido. Gritos invadem, como um tiro, minha mente. E eu me arrepio toda. Ele estava tão perto... podia ver sua silhueta pairando sobre mim, podia senti-lo segurar minha mão e chamar meu nome. A voz em um timbre desesperado que nunca tinha ouvido antes.

Romeo...

Abano a cabeça na tentativa de eliminar esses fragmentos de lembranças. Mas aquela cena não sai da minha mente...

Céus! Eu o vi antes de...

Oh, Meu Deus. Então é isso?

Eu já sabia, afinal.

É assim que a gente sente quando, enfim, chega a hora? Caminho devagar, parece que estou
NACIONAIS - ACHERON

reaprendendo a andar. Quanto tempo se passou?
Quanto tempo fiquei de olhos fechados?

Olho-me e não estou em uma roupa conhecida. Uso um vestido. Branco, talvez rosa-claro. Cai como uma luva em meu corpo, como uma continuação de mim. É como se ele sempre tivesse feito parte do meu corpo. É de tecido fino e leve, parece que tem vida própria, balança no ar formando uma dança lenta e mágica, cheia de contraste junto com meus cabelos que estão soltos.

Sento-me novamente no chão, pois o primeiro sentimento veio e me deixou sem fôlego. Uma agonia tão grande me toma quando me lembro dele...

Agora eu já entendo tudo, não tenho mais por que negar e, afinal, eu nem quero negar. Apesar de não estar em paz, acho que é assim que as coisas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

acontecem quando o espírito de uma pessoa espera pela tão famosa luz. A luz da eternidade.

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

Diferente de Magno, eu gosto de vir a uma festa da empresa sempre acompanhando. Passa um ar de seriedade e estabilidade aos meus sócios, clientes e patrocinadores. Magno sempre vem sozinho, para procurar uma presa fácil aqui. Ele gosta de comprometidas, regra masculina mais estúpida e doentia que já vi. Ele não se importa em ser o outro, na verdade, ser o outro excita muito meu irmão.

Com minha atual companhia, eu desço as escadas em direção ao grande salão do hotel onde está acontecendo a festa da Orfeu. Está lotado, todos muito bem vestidos, todos muito elegantes.

Aceito uma taça de champanhe que um garçom me oferece e caminho com minha parceira da noite até onde Lorenzo está. Ele socializa com um sorriso puramente falso. Só eu e Magno sabemos que Lorenzo quer, na verdade, dar um soco em cada um desses homens, trocar esse terno por uma jaqueta de couro e sair por aí dirigindo a 200 quilômetros por hora.

Ele parece aliviado assim que me aproximo, cumprimento todos, apresento a mulher comigo e logo Lorenzo inventa uma desculpa e sai da roda, indo passear por entre as pessoas. Eu discuto algumas coisas com os presentes, despeço-me e continuo circulando, conversando com um e outro. O segredo de ter muita gente falando bem de sua festa no dia seguinte é: ter comida boa, bebida boa e conversa boa. Um anfitrião que se preze deve falar com quase todos seus convidados. Como hoje

deve ter umas duzentas pessoas, não vou conseguir falar com todos, mas, com a ajuda dos meus irmãos, eu consigo manter todo mundo bem recebido.

— Romeo, pode me acompanhar até o quarto? Preciso trocar o sapato —Vanessa fala. Na verdade, ela está doida para me tirar do salão. Modéstia à parte sou um solteiro cobiçado, com trinta e cinco, pronto para o casamento, sem falar que o herdeiro mais velho de uma fortuna. Mas ela poderia ter um pouquinho mais confiança nela mesma e saber que eu não vou deixá-la pela primeira que vir por aí.

— Você poderia ir — cochicho para ela. — Te espero aqui.

— Querido, apenas me acompanhe. Preciso de apoio para subir — contesta em um tom mais alto.

Para não criar caso, dou um sorriso fraco e, segurando na mão dela, caminhamos em direção a elegante escada curva que leva aos elevadores. Subimos juntos e, quando estou na galeria de cima, passo minha visão pela movimentada festa lá embaixo, e paro de andar assim que meus olhos são atraídos para alguém.

É uma mulher que nunca vi antes, daqui de onde estou não posso ver seu rosto direito, mas posso ver que é linda, esguia, belo corpo. Está com um vestido que vai até o chão, de gola alta, nada chamativo, nem um pouco parecido com qualquer um de qualquer mulher que esteja por aqui. A mulher de cabelos presos em um coque bem feito, está de cabeça baixa, mordendo os lábios, encostada no batente da porta. Estou abobalhado. Ela nem levanta o rosto para olhar em volta. Está sozinha, deslocada de toda festa, como se não

quisesse estar aqui.

— Romeo, — Vanessa me puxa — meus pés estão me matando. — Olho para ela.

— Ah... Eu vi alguém que está indo embora e preciso despedir, por favor, te encontro no quarto.

— Romeo...! — ela protesta de testa franzida. Beijo sua testa e corro para descer as escadas; sinto-me um sacana. Acabei de pensar que Vanessa deveria ter um pouco de confiança nela mesma e já estou correndo para ver quem é a mulher misteriosa. Será que todos os caras são mesmo iguais?

Chego lá embaixo e ainda posso ver a mulher na mesma posição, sem mover um dedo. Ajeito meu terno, passo a mão na minha barba, aliso os cabelos e sorrio, estou bem perto, então ela levanta

a mão para arrumar o cabelo e vejo a aliança no dedo. Paro imediatamente.

Merda! Desvio na mesma hora, abortando a missão, e corro para onde Magno está conversando com umas pessoas. Dois casais, e ele é o único sozinho da roda.

Aposto que ele já está de olhos em uma dessas mulheres.

Cumprimento todo mundo e puxo ele de lado, pedindo desculpas ao pessoal.

— O que foi Romeo? — Me olha feio. — Que porra acha que está fazendo? — Com essa raiva toda? Sabia que ele está tentando pegar mulher alheia.

— Tentando te impedir de destruir

casamentos.

— *Devia saber que não é o amante que destrói, é a própria pessoa que dá brecha. O que quer?*

— *Preciso saber umas coisas de uma mulher.*
— *Desvio o olhar e faço uma boca torta de indiferença. Ele me olha de cima a baixo, um pouco curioso.*

— *Como assim? Você é o cavalheiro do pedaço, não come migalhas. Por que não vai lá e conversa como você sempre faz?*

— *É casada. — Espero ele dá uma gargalhada, exibindo sua cara mais cínica.*

— *O quê? João Magno ficou meio surdo de repente. Fale de novo.*

— *Está de aliança. — Falo com a mão na boca.*

— *Acho que é casada.*

— *Isso é inacreditável. O Brasil está mesmo perdido. É tipo um alcoólatra dando conselho a outro para parar de beber. Você é um bundão, né, mano? — Ele bate no meu ombro e se prepara para sair. Puxo ele de volta e caminho, levando-o comigo. Assim que chego a um lugar seguro, aponto para a mulher.*

— *Ela.*

— *Hum... — Entreolhamo-nos. — Não dá, não — Magno afirma de olhar sucinto. — Já dei uma analisada na ficha criminal dela.*

— *Já?*

— *Está perguntado para o radar de bocetas. Eu rastreio todas quando entro num lugar. Nem vai*

acreditar de quem ela é esposa.

— *Conhece?*

— *Você mais ainda.*

— *Quem?*

— *Espere um pouco. Você mesmo vai ver. — Ele me puxa e nos sentamos, fazendo de uma mesa nosso posto de observação. — Quero ficar aqui, só vendo sua cara de puto quando descobrir — fala, mas nem olho para Magno. Estou hipnotizado na beleza da jovem. Daqui posso ver melhor, ela é bem jovem e muito linda, gostosa seria pouco para classificá-la, o que sinto é mais que pau duro, é atração de corpo todo. Parece que já está impaciente, agora ela já começa a olhar para os lados, como se esperasse por alguém.*

— *Por que está ali sozinha?*

— *Porque o marido dela é um pau no cu. Olha que delícia. Essa mulher deve ter umas coxas... Passaria a noite fodendo essa boneca. — Dou uma olhada homicida para Magno, e ele ergue os ombros.*

— *Olhe lá. — Ele me cutuca. E, para meu horror, vejo quem se aproxima dela, segura em seu cotovelo e a leva dali rumo à porta, indo embora.*

— *Ludovico?*

— *Isso. Dá pra entender como um cara desses consegue uma mulher daquela? — Nem respondo. Fico olhando os dois se afastarem rápido. Como Magno previu, estou bem puto. Eu sei das coisas que esse cara apronta; na verdade, eu sei de muita coisa que ele já aprontou. Coisas que me atingiram*

diretamente.

— Quero ela — decido com firmeza.

— Também quero, mas querer não é poder.

— Pra mim, é. — Olho para ele. — Arrume o número de um bom detetive.

— Para agora — Ele pega o celular. — Depois que você comer, posso também? — pergunta na maior cara de peroba, casualmente, de olho no celular.

— Vá se foder.

Ele me passa o número, digito no meu celular e já coloco para chamar. E levanto e, antes de falar ao celular, aviso para Magno:

— A partir de hoje, ela é homem para você,

entendeu? — Ele ergue as mãos em sinal de defesa.

— Com todas as letras. — Saio de perto da mesa quando uma voz fala “alô” ao celular.

De pé, encostado de cara para a parede, me enclausuro no meu próprio mundo com lembranças que fazem meu peito apertar. Ainda pareço ofegante, tensionado, fora de mim. Uma fúria desgraçada ainda me toma, e eu olho minha mão. Há vestígios de sangue seco entre meus dedos, nas unhas e os nós dos dedos estão esfolados.

Lembranças em flashes me repugnam. *Eu desço do carro sem nem desligá-lo, Magno e Lorenzo já estavam lá em frente e me pediam para ficar calmo. Eu estava cego, doido como um búfalo, empurrando tudo à minha frente. Com a ajuda dos policiais, que vieram numa viatura me*
NACIONAIS - ACHERON

seguindo, arrebentamos a fechadura do portão da casa de Ludovico e, em seguida, a porta. Subo as escadas sem ver, acho que de três em três degraus; e quando adentro o quarto, já não vejo mais nada à minha frente.

Eu me arrependo de não ter ido socorrer Olivia, eu a deixei ali, no chão, à mercê da própria sorte. Mas devo ressaltar que a fúria sobrepõe qualquer outro sentimento, pena, paixão, desespero, tudo. A pessoa fica cega, age no automático, comandada unicamente pelo ódio.

Meu único foco era ele. Eu o arranquei de cima dela, segurando pela gola e dando um soco; o mais forte que consegui, o rosto dele torceu para o lado; e comecei a fazer o mesmo que faço com meu saco de pancadas lá na minha casa. Ludovico não conseguiu se defender, na verdade, ele tentou. Mas

eu o agredia em palavras, com todos os nomes que me vinham à mente e usava meu cotovelo para atingir diversas vezes as costelas dele, até fazê-lo cair gritando e se debatendo. Ele pegou uma faca de lado e numa última tentativa, tentou me apunhalar, eu a tomei e cravei na barriga dele; daí em diante, ele se rendeu e acabou se tornando uma massa de sangue sob meu punho. Montado em cima dele, eu apenas golpeava, e devemos saber que, se quiser machucar um homem, não se bate nos braços e peito. Meus punhos atingiram boca, nariz, pescoço, laterais do corpo, até que me arrancaram de lá. E, mesmo assim, consegui me soltar e dar mais vários chutes nele.

— Romeo, você precisa descansar. Está aqui há doze horas. — Nem preciso olhar de lado e ver Magno. Balanço a cabeça negando. Olivia passou por cirurgia, teve hemorragia interna e o pulmão foi

perfurado por uma das costelas quebradas. Ela ainda está na UTI e não posso vê-la.

— Matei o desgraçado? — indago sem olhar para ele.

— Não. Mas você vai ter que responder pelo que fez.

Pela primeira vez, desde que estou aqui no hospital, consigo conversar e dar o primeiro sorriso. Só que de ironia.

— E o que eu fiz?

— Bom, o advogado dele está se queixando de agressão física e tentativa de homicídio.

— Ah! Só tentativa? — continuo com sarcasmo.

— Mano, acho que o Ludovico preferia ser atropelado por um trator do que cair no braço com você. — Olho de lado e vejo Magno sério.

— Um trator? — zombo. — Tem diagnostico? — Olho meu punho com vestígios de sangue seco. Eu lavei essa merda. O sangue ruim não sai.

— Quebrou o maxilar dele, clavícula arreventada, nariz quebrado, três costelas e dois dentes e a laringe foi fraturada. Resumindo: você deixou o filho da puta comendo de canudinho. — *Mesmo assim, ainda não é suficiente.* — É muita sacanagem você ainda ter que responder por alguma coisa — Magno opina.

Viro-me e olho a sala de espera ao redor. Kate e Vilma já estiveram aqui, mas eu mal estava presente em espírito. Recordo de Vilma falando comigo, de Kate com o rosto vermelho de tanto

NACIONAIS - ACHERON

chorar, acompanhada do pai dela, e de ter visto a mãe de Olivia entrar com cara de choro; naquele momento, preferi sair. Não quis ouvir lamúrias ou qualquer outra coisa dela. Agora, dez da noite, a sala está vazia, apenas Lorenzo está sentado do outro lado, mexendo no celular.

— Vocês podem ir. Não vou sair daqui.

— Você já ouviu o médico, ela está em observação pós-cirurgia — ele insiste. Balanço a cabeça negando, e Magno perde a paciência. — Vou parecer uma tia dando conselho, mas tenho que dizer: você precisa ir tomar um banho e comer alguma coisa.

— Esqueça, não vou. — Saio de perto dele e vou me sentar. Magno senta perto de Lorenzo e cochicha com ele. Os dois falam baixinho e depois Lorenzo se levanta.

— Romeo, estou indo. Você sabe, né? — Sei que ele se refere a sua fobia por hospitais.

— Sim. Pode ir.

— Qualquer coisa, me ligue. — Ele bate no meu ombro, acena para Magno e vai embora.

— Já conversou com os advogados? — Recosto no sofá e inclino o pescoço para trás, olhando o teto.

— Sim. Falei com o delegado. Amanhã ele vem aqui conversar com você. — Balanço a cabeça anuindo. Ficamos alguns minutos calados, e fecho os olhos para ver novamente as cenas de hoje cedo enquanto eu trucidava Ludovico. Depois que me tiraram de cima dele, corri e me joguei de joelhos no chão ao lado de Olivia. Vê-la naquela situação, cheia de hematomas, sangrando e praticamente

morta, acabou comigo, me senti morrendo cem vezes consecutivas. Apenas fiquei calado ao lado dela enquanto a colocavam na maca e a levavam para ambulância. Segurei sua mão fria e delicada, e soltei apenas quando a levaram para o bloco cirúrgico.

— É sério isso de eu ter que responder por tentativa de assassinato? — de olhos fechados, pergunto a Magno. É uma coisa que, de verdade, me preocupa e me deixa puto.

— Cara, você tinha muitas testemunhas, inclusive um investigador da polícia civil e dois policiais militares. Sabemos o que vimos, duvido que qualquer um vá de condenar por ter dado uns sacodes no velho.

— Não queria que ele morresse. Seria tão fácil para ele.

— Também acho. Ele precisa mofar na cadeia.
— Viro meu pescoço para fitar Magno.

— Estava relembrando aqui quando o testamento do papai foi aberto e depois me lembrei de quando vi a Oly pela primeira vez.

— Lembro também. Devo adiantar que eu a vi primeiro.

— Por que não tentou se aproximar? Você nunca está nem aí pra ninguém.

— Eu estava indo me apresentar até ver de quem ela era esposa. Sem falar que ela não desgrudava do velhote um minuto. Nem mesmo olhava para cima. — Meu estômago revira ao escutar isso. Oly era uma prisioneira em si mesma. Magno parece saber o que pensei, acho que viu minha expressão de rancor. Então ele fala a coisa

mais sensata e humana, o que raramente acontece.

— Você a salvou, mano. Não estou dizendo de hoje cedo. Estou dizendo daquela noite. Lembra como ela estava ali, sozinha, sem ninguém, mesmo casada era sem ninguém. Olivia era apenas um rascunho. — Curvo para frente e abaixo a cabeça, abafando o rosto nas minhas mãos.

— Cara, não sei o que farei se... sei lá, ela não conseguir... — Nem termino de falar. Vilma sempre falou para não ficar dizendo coisas ruins para não agourar o futuro. Sinto o vapor quente das lágrimas se formando, mas seguro-as com muita força. Então sinto o sofá ao meu lado se afundar. Magno passa o braço no meu ombro e me abraça.

— Abraço de irmão — murmura. Não me mexo. — Vai ter que casar com ela, sabe disso, não é?

— Sei. — Sorrio em meio a um soluço. — Mal posso esperar para isso.

— Devia ter gravado isso. Você é o único cara que mal pode esperar para algemar a pica.

— Um dia vai sentir coisa parecida.

— Espero que não — devolve convicto. — Sorrio de leve e continuamos abraçados.

— Está estranho, né? Parecemos viados na sala de espera.

— É, está estranho — concordo.

— Mas está legal — contrapõe.

— É, está. — Continuamos abraçados.

— Romeo... — Levanto o rosto quando ouço

chamarem meu nome e vejo o médico. Eu e Magno damos um pulo e corro para perto dele.

— E aí, doutor? Como ela está?

— Estável. Mas ainda continua em estado delicado. Olivia passou por duas cirurgias e as próximas vinte e quatro horas serão decisivas para ela e para o feto. Não quis falar antes, pois não tinha dados concretos, tudo ainda era incerto para mãe e filho... mas agora, com os exames prontos e... — ele continua falando, mas eu ouvi apenas até a parte do feto.

— Feto? — eu e magno repetimos juntos.

— Sim... — O médico me olha intrigado. — Ela está grávida, não sabia?

— Não... Deus! Não sabia...

— A gravidez já está avançada, quase oito semanas. Ela teve vários ferimentos abdominais e, apesar do útero estar intacto, temos que ser cuidadosos.

Eu e Magno nos entreolhamos, ele está com a mão na boca, pasmo. Agora que tudo ficou pior para mim, não sei se saio correndo em desespero, ou se ajoelho aos pés do médico implorando que a salve de qualquer forma, que salve os dois, ela e o bebê.

Um filho? Meu Deus! Terei um filho.

— Preciso vê-la. — Dou um giro urgente com as mãos na cabeça.

— Você está nervoso, precisa ficar um pouco mais calmo. Sem falar que ela está na UTI e... — Sinto meus olhos pegarem fogo quando viro para

ele.

— Doutor, com todo respeito, — começo de modo rude — apenas não fode e me deixe ver minha mulher agora! Antes que haja sangue pelos corredores. — Ele arregala os olhos e vira para Magno.

— Ele deixou um em coma hoje cedo. É melhor sair da frente — Magno põe medo.

— Bom... ela ainda está inconsciente, mas você já pode ir vê-la.

— Foi o que pensei. — Saio correndo atrás dele, quase passando na frente.

O médico me leva ao andar onde fica a UTI e, antes de entrar, preciso usar uma roupa descartável, algo como um jaleco, por cima da minha. Os

sapatos devem ser deixados do lado de fora e visto sapatos de pano e touca na cabeça. Antes de entrar por uma porta de vidro, o médico me para.

— Romeo, sei que está preocupado e o momento não é oportuno para criar expectativas, o caso é delicado, estamos tentando reverter uma infecção oportunista no local do ferimento no pulmão. Uma das costelas dela foi quebrada em um primeiro golpe, segundo o legista.

— Entendo. Quero vê-la agora.

— Espere. Eu gostaria que visse a situação de forma madura. Todo mundo sabe a hora que deve ceder. Romeo, você precisa fazer a coisa certa no momento certo. Às vezes, a gente deixa as pessoas que amamos irem, libertar...

— E o senhor está querendo libertar meu ódio,

só pode. Leve-me logo até ela — ele assente e faz um gesto para eu seguir. Entramos por uma porta de vidro, e lá está a cama. Cerro os dentes na mesma hora e vou me aproximando devagar, meio medroso. Meu coração dispara e sinto tudo querer rodar, na minha cabeça e no meu estômago. O cheiro de hospital, cheiro de assepsia, aqui é bem maior, e o barulho dos aparelhos é quase irritante. Há monitores ao redor da cama alta, vejo dois corações na tela. Um maior e um menor. Ambos estão calmos. Paro ao lado da cama. Olivia está com feições tranquilas, como se estivesse dormindo.

— Vou deixar você as sós com ela por alguns minutos — o médico fala.

Passo meus dedos pelo braço dela. Vou seguindo e paro em sua mão. As unhas bem-feitas,

os dedos finos, mãos tão macias... Dou um beijo na testa dela. Há vários hematomas no rosto dela, o olho está inchado e o lábio cortado. Uma lágrima desce do meu olho, e eu limpo depressa. Isso me deixa com tanto ódio, me dá vontade de ir onde Ludovico estar e acabar de matá-lo. Seguro não mão dela, acariciando seus dedos.

— Oi, Oly... Sei que pode me ouvir, então ouça com atenção: nem ouse tentar me deixar. Eu falei muitas vezes que você não se safaria fácil de mim. — Sorrio e faço uma pausa. — Acredita que o médico disse que eu tinha que deixar você partir? Ninguém fala o que devo fazer, não importa que você precise descansar que já tenha cumprido sua missão. Dane-se, vai ficar, sim. Sou egoísta, sou obcecado e foda-se aquela história de que quem ama liberta. Não liberto coisa nenhuma. — Tiro meu anel do dedo, seguro a mão dela e empurro o

anel em seu dedo sem vida, fica muito folgado — Vai acordar, vai se casar comigo, pois aquilo que a tal cigana disse, eu tenho como provar que ela estava errada. — Espalmo minha mão no ventre dela. — Há futuro, sim, aqui, dentro de você. Você precisa ser forte por ele e por você. Como foi forte até agora.

Ela não se mexe, não tenta piscar e nem há lágrimas nos seus olhos. Mas no monitor, o coração maior começa a aumentar os batimentos. O médico entra e toca no meu ombro.

— Romeo. Deixe-a descansar, você precisa descansar também. — Beijo a testa dela, passo a mão nos seus cabelos e olho para o médico.

— Estarei lá fora. Não sairei de lá. — Ele assente e me segue para fora. Magno está me esperando.

— E então? — Levanta preocupado.

— Quer tomar um refrigerante comigo e comemorar minha futura cria?

— Está confiante? Olivia está bem?

— Sim. Nada vai acontecer. Ela está esperando um filho meu, é o sinal que eu precisava. — Magno bate nas minhas costas e andamos em direção ao elevador.

— Nada de refrigerante. Um filhote não se comemora com Coca.

— Sabe que vai ser padrinho do meu casamento junto com a Kate, não é? — Ele ergue os ombros.

— Vou ter que comer — ele diz como se fosse um sacrifício ficar com Kate, fazendo-me rir de
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

verdade depois de todas essas horas de tensão.

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

— Romeo! — Em meio a um sonho estranho, ouço uma voz que me chama várias vezes, agora, mãos me sacodem. Abro os olhos, acordando enfim. Vejo uma enfermeira ao meu lado; dou um pulo meio desesperado.

— Nossa! Você estava dormindo agitado — ela diz preocupada. — Afasto-me um pouco assim que ela senta.

— Nossa, dormi demais. — Passo a mão no rosto. — Que horas são? — É uma pergunta retórica, feita a mim mesmo, afinal, já estou com o relógio.

— Quase sete. Tem café ali para as enfermeiras, quer ir tomar um pouco? — ela pergunta e, em câmera lenta, vejo sua mão vindo em minha direção para me tocar.

— Não, obrigado. Preciso ver como Olivia está — Levanto.

— Você não tem permissão ainda e... — Ela vem atrás de mim.

— Quem não vai permitir? — Giro nos calcanhares e olho para ela, já perdendo a paciência. Estou puto de não ter notícias, não quero ninguém dizendo o que não posso fazer.

— Não é essa questão. É porque... — Balanço minha cabeça negando, faço tsc -tsc e vou em direção a UTI. Como a enfermeira havia me alertado, eles não me deixaram entrar, pois nesse

horário eles estão trocando lençóis de cama e dando banho nos pacientes, mas me disseram que Olivia está estável, ainda inconsciente, mas, segundo o boletim do médico, isso é normal. Fico um pouco mais aliviado e volto com a intenção de ir em casa tomar um banho e um pouco de café.

No caminho, ligo para Kate contando como Olivia está, não vou falar ainda da gravidez, creio que nem Olivia sabia, já que Kate não comentou nada. Ela aparenta estar muita abalada e pede para que eu ligue caso tenha qualquer notícia. Quando chego em casa, muito cansado e atormentado, vejo que não estou sozinho e até agradeço aliviado.

Entro na cozinha e Vilma me olha com os olhos arregalados.

— Oh, meu Deus! — Vem correndo para perto de mim. — Romeo, eu estava indo levar alguma

NACIONAIS - ACHERON

coisa para você comer. Como a Olivia está? — Sento desanimado no banquinho e descanso o cotovelo na superfície.

— Ainda no mesmo estado, Vilma. — Levanto o rosto para ela. — Acredita que vou ter que prestar depoimento hoje?

— Céus! — Ela coloca a mão no peito.

— É, parece que peguei pesado com o desgraçado que quase matou a Oly. — Tento evitar que minha mente me leve ao momento que entrei no quarto e vi o filho da puta em cima dela.

— E você ainda vai ter que responder por ter visto sua namorada quase morrendo e ter descontado no infeliz? — Ela levanta o tom de voz — Pergunte ao delegado o que ele faria se fosse a filha dele ali no chão.

— Ele não tem culpa, Vilma. Só está fazendo seu trabalho. Os advogados de Ludovico que estão me acusando de tentativa de homicídio.

— Mas é uma hipocrisia nesse país. — Ela bate as mãos na cintura.

— Não vou esquentar minha cabeça com isso. — Passo as mãos pelos meus cabelos. — Fez café?

— Sim. — Ela corre para pegar uma xícara.

— Não. — Abano a mão. — Vou tomar um banho primeiro.

— Está bom. Vou preparar algo bem reforçado para você.

Saio da cozinha e subo devagar as escadas, sem querer voltar ao quarto e encontrar a presença marcante de Olivia por ali. Tudo em volta lembra
NACIONAIS - ACHERON

ela. Empurro a porta e já me deparo com a roupa que ela dormiu. Acordamos atrasados e ela não arrumou nada, apenas deixou ali... e não voltou mais.

Não tenho mais um quarto de solteiro. Nesses quase dois meses juntos, fizemos mudanças, ou melhor, as mudanças foram acontecendo automaticamente. A enorme cômoda vitoriana que era dos meus pais e só tinha tralha em cima, como livros de finanças, revistas e muitas coisas masculinas, tem agora um singelo vaso branco e um porta-retratos metálico com uma foto de nós dois. Pego a foto e sorrio ao lembrar da primeira vez que levei Olivia a uma boate. Ela entrou em desespero quando viu tantas luzes e gente dançando. Estava de mãos frias, respiração meio alterada e não desgrudava de mim. Não forcei uma dança, ficamos em uma mesa, olhando as pessoas

dançando. E ela provou Martini pela primeira vez, cuspiu e ficou com a língua para fora dizendo que estava queimando. A cara de espanto dela me deixou cada vez mais encantado. Mostrei tanta coisa a ela e tenho tanta coisa ainda para mostrar...

Agora meu closet é compartilhado com a perfeição das coisas femininas dela. Tudo muito organizado, nada fora do lugar. Paro em frete e fico ali só olhando os vestidos dela. Respiro fundo, crendo que tudo dará certo. Aprendi com o tempo que manter a calma é a melhor saída. O dia que perdi o controle ao ver Lorenzo naquele estado... tão humilhado, com apenas quinze anos... ele viu o terror nos meus olhos e sentiu pena de si mesmo e, naquele dia, começou a ruína do meu irmão. Por isso, mantenho-me o mais forte possível.

Vou para o banheiro, tomo um rápido banho,

passo a máquina na barba, só acertando e, nesse instante, sorrio e balanço a cabeça ao lembrar do dia que Oly entrou no banheiro, me viu pelado fazendo a barba e disse: Jamais me acostumarei com sua bunda. E jamais me acostumarei com o fato de que posso tocar nela.

Visto-me bem rápido e saio do quarto, apesar do cheiro delicioso de bacon, não estou com um pingão de fome.

Na cozinha, um sanduíche enorme já me espera.

— Vilma, não estou com fome.

— Vai comer, sim. Você não come há vinte e quatro horas.

Ela coloca suco num copo, e eu me sento. Pego

o sanduíche, dou uma mordida e ela vem sentar ao meu lado. Mastigo, engulo e dou um breve sorriso para ela.

— Sabe o que de bom aconteceu?

— O quê? — A expectativa brilha nos olhos dela.

— Oly está grávida.

— Grávida? — Ela dá um grito esganiçado. — Meu Deus! — Os lábios passam de susto para um sorriso contagiante. — Romeo! Sua mãe ficaria tão feliz, o primeiro netinho.

— É, ela ficaria. Mas você está aqui, será seu neto. — Ela se levanta e vem me abraçar.

— Que notícia boa, meu filho. Olivia vai sair dessa. — Ela acaricia meu rosto — Santo Jesus!

Que notícia maravilhosa, vocês vão ter um bebê.

— Sim, não preciso de mais nada depois de um sinal desses. Magno disse que será o putinho mirim da família, que vai ensinar coisas para meu filho.

— Cuidado! — alerta rindo. — Magno não é um bom exemplo infantil.

— Não mesmo. Não deixarei ele fazer com meu filho o mesmo que fez com Amadeo.

— Seu primo não é santo, não — avisa. — É um capeta aquele safado. — Dou uma risada e volto a comer.



Antes de sair, ligo para o meu advogado pedir ao delegado para ele ir ao meu escritório na Orfeu

pegar meu depoimento, irei para lá, já que Magno ligou dizendo que minha presença é indispensável em uma reunião que acontecerá daqui a pouco. Quando boto o pé na porta, já no andar onde fica meu escritório, Saulo já vem depressa em minha direção.

— Romeo. E aí? Como sua namorada está?

— Está melhorando, Saulo.

— Que bom. Seu advogado e o delegado estão aí para conversar com você.

— Ok. Acomode-os na minha sala, irei avisar ao Magno que cheguei. — Passo correndo, vou para a sala de Magno e encontro ele atolado no meio de uma papelada.

— Que bom que veio. E Olivia como está?

— Do mesmo jeito. Vim correndo, preciso voltar para ficar com ela.

— Força aí, cara. Libero você daqui a pouco.

— O delegado já está aqui. — Encosto na mesa e digo casualmente, olhando os papéis.

— Sêrio? — Ele levanta o rosto e me fita de testa franzida.

— Sêrio. Mas não se preocupe, eu tenho aquela gravação que fiz do Ludovico falando das ex dele.

— Isso, mostre ao delegado o quanto você pode botar fundo.

— Ele quer ouvir o que tenho a falar? Pois vai ouvir mesmo.

— Eu já dei meu depoimento ontem. Fodi tanto

com a vida do velho que se fosse no cu teria uma lágrima descendo do olho dele.

Dou uma risada, balançando a cabeça para os lados. As comparações de Magno só giram em torno de putaria. Impressionante.

— Diga-me o que tem para eu fazer de tão importante — peço, me sentando na poltrona em frente à mesa dele.

Depois de sair correndo da sala de Magno, vou para a minha, onde começo a responder as perguntas do delegado. Ele fala que esse depoimento teria que ser na delegacia, afinal estou sendo acusado de tentativa de homicídio, mas ele abriu uma exceção por causa da gravidade do caso e para evitar que isso se espalhe na mídia.

Depois de mostrar ao delegado a gravação, eu começo a contar tudo sobre Olivia, desde o dia que comecei a investigá-la aos motivos que a fizeram sair de casa. Fiquei mais aturdido quando o delegado revelou que um dos meus irmãos entregou uma imagem de câmera de segurança que mostrava o Furgão branco que, provavelmente, sequestrou Olivia.

— E aí? — pergunto interessado. Disso eu não sabia.

— Mostra um Furgão branco estacionar na calçada e, logo que ele sai, a senhorita Olivia desaparece. — A perícia encontrou vestígios de pele debaixo das unhas de Olivia. Ela arranhou um dos sequestradores e já temos a identificação. Agora quero saber sobre...

— Espera! Já sabem quem a pegou na rua? —
NACIONAIS - ACHERON

Olho para meu advogado. — Por que não fiquei sabendo?

— Porque isso já é uma questão policial — o delegado responde. — Ainda não conseguimos capturar o suspeito, estamos investigando.

— Ah-rá. — Furioso, faço gesto de uma risada irônica. — Eu conheço as investigações aqui no Brasil.

— Não coloque meu trabalho em dúvida — avisa e se levanta. — Ligo para você quando tivermos mais informações, por enquanto você não pode deixar a cidade.

Assim que fico sozinho, sento-me na minha cadeira e fico lá, com a cabeça jogada para trás, olhando teto. Depois de algum tempo, me recomponho, pego minhas coisas e vou para a sala

de reunião. Não tenho cabeça para nada, minha mente está lá no hospital. Magno preside tudo e, do nada, a porta se abre, Saulo entra e seus olhos fixam em mim. Estão levemente saltados. Eu peço licença e vou rápido até a porta.

— Romeo, o pessoal do hospital está tentando ligar, mas você não atende o celular.

Meu coração não falha uma batida, ele para por completo e me deixa parado como estátua, apenas olhando Saulo.

— Estão esperando ao telefone. — Quando Saulo diz isso, eu corro muito.

— Oi, pode falar — atendo ao telefone. A notícia que recebo não demora mais que trinta segundos. Eu nem espero eles terminarem de explicar, jogo o telefone e saio correndo, topando

com Saulo.

— Avise a Magno que estou correndo para o hospital.

— *Tá.* Aconteceu alguma coisa? — Não respondo, já estou dando socos no botão do elevador.

Durante todo o trajeto, eu só conseguia me culpar, principalmente por ter passado esse tempo todo lá e não estar presente junto com ela agora. Limpo uma lágrima e me concentro no trânsito, buzinando, costurando no meio dos carros, xingando e ultrapassando como posso. Quer me multar? Anote a placa e pronto.

Chego ao hospital, quase meia hora depois. A cabeça lateja, o peito chacoalha da respiração ofegante. Corro até a recepção e quase nem consigo

falar direito. Que merda! Por que eu saí? Por que não fiquei mais um pouco? Uma pessoa vai me empurrando para outra até que um enfermeiro me diz para segui-lo. Ele apenas anda e eu quero correr. Não estamos mais na UTI. Agora, é outra parte do hospital, meu coração nem bate mais, fibrila.

— Por favor, preciso, vê-la — murmuro como se fosse uma prece. Andamos por um corredor claro, cheio de portas, ele para diante de uma e olha para mim. Esfrego minhas mãos, o enfermeiro abre a porta, e eu entro atrás dele. Lá dentro já vejo uma cama com duas enfermeiras de pé, ao lado. Detenho-me no meio do quarto.

— Oly... — murmuro e, lentamente, ela vira o pescoço e me olha. Os lábios se curvam devagar, um sorriso que chega aos olhos, dou dois passos e

posso ouvir ela sussurrar bem fraco:

— Você veio... — Quero abraçá-la, mas apenas beijo sua testa.

— Perdoe-me por não estar ao seu lado quando acordou. — Com o polegar, limpo uma lágrima no olho dela. Quando recebi o telefonema dizendo que ela acordou, foi transferida para o quarto e estava meio desesperada, assustada, chamando por mim, eu fiquei tão revoltado comigo mesmo.

Puxo uma cadeira e me sento.

— Isso... — ela tenta levantar a mão — foi a primeira coisa que senti quando acordei. — Olho para a mão dela e vejo meu anel.

— Eu a pedi em casamento.

— Sério? — Ela sorri. — O que eu respondi?

— Dou de ombros.

— Ficou de pensar e me dar uma resposta. Mas eu dei opções.

— Deu?

— É. Você pode escolher entre: sim, com certeza ou obviamente. — Olivia ri, baixinho, ainda fraca. Eu acaricio o braço dela, ajeito seu cabelo, apenas admirando. — Aquela história do Orfeu...

— Ah! Esqueci de falar: eu reescrevi. Não é mais a lenda do Orfeu, é a lenda do Romeo. Nessa nova versão, ninguém morre não. — Mais lágrimas descem dos olhos dela e, com a mão trêmula, ela tenta limpar. — Tive tanto medo... Quando ele... — Ela engasga, e sei que está se referindo a seu momento na casa de Ludovico.

— Passou. Já passou. Você está aqui comigo. Vai ficar bem e voltar para casa.

— Obrigada! — sopra o agradecimento.

— Oly, não é por que está no hospital que eu vou dar trégua. — Seguro a mão dela na minha, falo de mansinho. — Agradeça respondendo ao meu pedido.

— De casar? — Balanço o pescoço assentindo.

— Obviamente.

— Que alívio. Achei que você diria ‘sim’ apenas. — Ela ri mais.

— Vai ficar aqui comigo?

— Vou. Até você enjoar da cara do seu admirador, que se tornou jardineiro, depois amante,

namorado e agora é noivo.

— Você sobe de patamar muito rápido.

— Eu manjo das paradas. — Puxo a mão dela, presa nas minhas e dou um beijo.

ROMEO

Hoje é o sexto dia que Olivia está internada. Já se recuperou quase por completo, mas ainda permanece no hospital, pois ainda está com uma pequena sonda no local da cirurgia. Ela já consegue se levantar e andar pelo quarto, eu passo quase o tempo todo com ela, auxiliando-a em tudo. Segundo o médico, hoje é o dia que ela sairá do hospital.

Venho dormir todas as noites com ela, saio cedo para ir à empresa e Kate ou Vilma ficam aqui até às duas da tarde, quando volto e só saio de novo na manhã do próximo dia.

Agora já terminei meu expediente e vou para casa, almoçar e tomar um banho para ir ficar com Olivia no hospital. Ainda bem que hoje é sexta. Magno viajou ontem para negociarmos com um cliente em Madrid e a empresa não pode ficar com dois a menos. Lorenzo não daria conta sozinho. Na verdade, Lorenzo que ia viajar, mas Magno foi mais rápido. E eu sei por que ele deu um grito, levantando a mão bem alto, se candidatando a ir a Madrid para visitar nosso cliente nesse fim de semana. Primeiro que o Amadeo, nosso primo, está lá, eles dois juntos botam fogo na Espanha. Eu, como um bom irmão mais velho que acredita no melhor dos irmãos mais novos, acabei surpreso quando agora, nesse momento, Lorenzo abriu meus olhos empurrando a tela do computador para eu ver o anúncio que lá estava.

O que fez Magno se candidatar tão eufórico

para ir a Madrid não foi se reencontrar com nosso primo e, muito menos, representar a Orfeu. No computador que Lorenzo me mostrou estava lá, em espanhol:

Tenha uma noite gloriosa de glamour com a violoncelista Lavínia Torres.

— Que safado! — concluo, olhando para Lorenzo.

— Já posso ver a cara de pau dele, indo se apresentar para ela após o espetáculo, se passando por um cavalheiro — Lorenzo debocha. Dou a volta na mesa e me sento despreocupadamente.

— Tomara que ela dê um fora nele. — Começo a torcer. — Magno acha que tem o pau irrecusável.

— Não é de hoje que ele bate uma para ela,

você sabe, né?

— Sei. Mas isso não dará em nada, não. É paixão de fã. Logo ele pega uma aí e esquece.

— Precisa ser boceta de platina nível *hard mega plus* para fazer ele gamar — Lorenzo fala enquanto arruma as coisas na sua mesa. — Além do mais, ela acabou de ficar noiva. Dei uma pesquisada de leve.

— Eita, caralho! — resmungo. — Agora o patê azedou de vez. Se é comprometida, Magno foca mesmo.

— É um filho da puta, né? — Lorenzo dá uma risada e se senta à minha frente.

— Falando em filho da puta, como andam as coisas lá na empresa que pertencia àquela que não

se deve nomear?

— É minha agora. Eu disse que não fujo do combate. Quem está tomando conta de tudo é o pessoal do banco. Estou de fora por enquanto. Só assistindo de camarote.

— Largue de ser bandido — alerto-o. — Quando vai atacar?

— Ainda não. — Perversamente, ele balança a cabeça num gesto calmo e frio. — Estou planejando minha entrada triunfal. Ela diz que faz tudo por aquela empresa. Quero ver se faz tudo mesmo. — Agora está recostado na sua cadeira, de dedos juntos e olhar longe e malévolo, se fosse bem velho, seria o senhor Burns dos *Simpsons*.

— Cara, na época, eu fiquei revoltado com ela, mas não acho justo que agora você... — Ele se

levanta e faz que não com um dedo, interrompendo minha fala.

— Romeo, vaza! Sua mulher está lá precisando de você. Daqui a pouco você será pai, aí controla seu filho. Levanto também.

— Controlar é diferente de aconselhar, entenda, Lorenzo.

— Aconselhar a quê? Não há mais volta. Ela fez a escolha dela, e eu fiz a minha. Somos adultos e pronto.

— Ok. Você não deixou essa putaria respingar na Orfeu, é o que interessa. Não vai melar nosso nome. De resto, não vou mais me importar com nada. — Pego minhas coisas e saio da sala dele. Despeço-me de Saulo e vou embora.

Já em casa, tomo banho, preparo a bolsa com o notebook e algumas coisas básicas que irei precisar, desço e almoço. Vilma está vindo todos os dias preparar comida para mim. Hoje, provavelmente, Olivia recebe alta, mas já vou preparado caso tenhamos que dormir lá. Claro que, antes de sair, precisa passar por mais alguns exames para verificar como está a gravidez, o médico vai querer conversar com ela, então eu marquei hoje para contar.

Kate me deu uma ideia, na verdade, deu a ideia e confeccionou para mim. Ficou bem boiola, mas mulheres gostam dessas coisas. Será a primeira vez que um pai anuncia a gravidez para a mãe, e não o contrário. Sem falar que amanhã é aniversário de Olivia. Se nada disso tivesse acontecido, hoje estaríamos fazendo a preparação para a festa, mas isso é o de menos, teremos vários aniversários pela

frente.

Chego ao hospital, recebo meu crachá de acompanhante e sigo pelo caminho que faço todos os dias. Dou dois toques na porta do quarto e entro. Olivia está sentada numa poltrona grande, aconchegante, meio recostada e Kate está de pé, gesticulando, pois Kate usa o corpo para conversar. Ela para de falar e vira para mim. Coloco minhas coisas na cama que durmo, cumprimento Kate e vou até Olivia, me abaixo e dou um beijo nela.

— Romeo, já vamos embora? — choraminga.

— Ainda não. Vou conversa com o médico, mas acho que provavelmente será amanhã. — Olho para Kate. — Pode continuar conversando, não atrapalho.

— Claro que atrapalha. Estou falando de

peessoas como você.

— Pessoas como eu? — pergunto, pensando se ela está falando em homens ricos ou empresários.

— Homens. Está falando do namorado dela — Olivia vê minha confusão e adianta.

— Ex-namorado! — Kate corrige exasperada.
— Porque hoje mesmo vou mandar ele passear.

— Coitado. Sem chance de se explicar? — Cruzo os braços, encarando-a.

— Você acredita que encontrei no computador dele uma pasta com pornô só com asiáticas?

— Hum... — Acaricio meu queixo. — Isso é meio mal. Se fosse com meu irmão, a pasta não teria apenas asiáticas.

— Vou me tornar freira. — Ela abana os braços. — Estou correndo de inescrupulosos como o meu namorado e seu irmão. Onde já se viu alguém que tenha namorada ficar vendo vídeos pornô e se masturbando? — Ela busca por uma resposta plausível. Dou de ombros. Isso é o que mais vejo, e não estou falando só do Magno. Faz parte do mundo masculino. Mesmo que os caras não tenham um pen drive de pornô, têm suas revisas ou deixam tudo na mente mesmo. É normal alguns casados ou namorados darem uma aliviada de vez em quando. Nem todo dia as mulheres estão disponíveis.

— Esse dar de ombros é porque você concorda com isso? — Kate vira sua raiva para mim. Nem espera eu responder e já olha Olivia. — Você deixa ele fazer essa pouca vergonha?

— O quê? — Olivia olha dela para mim e fica me encarando.

— Kate! — interrompo-a. — Lembra daquele assunto? — Na mesma hora, ela arregala os olhos de modo eufórico. Já mudou de humor.

— Vou sumir daqui, deixar vocês sozinhos. — Ela bate palmas e sai correndo para pegar a bolsa.

— Que assunto? — Olivia boia lindamente sem saber o que está acontecendo.

— Kate, fique — peço.

— Não Romeo. É um momento de vocês dois sozinhos. Depois Oly e eu conversaremos. — Ela vai, beija Olivia se despedindo e se volta para mim. — Se ela sair hoje, me ligue que irei para sua casa.

— Tá bom. Eu ligo. — Olivia e eu ficamos
NACIONAIS - ACHERON

olhando ela sair e, quando a porta se fecha, eu já estou sorrindo.

— O que foi? — Curiosa, Olivia me encara de olhos bem grandes.

— Espere! — Levanto o dedo indicador para ela e vou para a cama, onde deixei minhas coisas, abro a bolsa e tiro de lá um embrulho pequeno. Puxo uma cadeira, me sento de frente para Olivia. Ela encara minhas mãos sem entender. — Oly, eu tinha em mente chegar aqui e apenas dizer que a soma de você e eu é igual a três, mas Kate não deixou.

— Oi? Não entendi. A soma de você e eu...

— Pois é. Pensei em várias coisas rápidas, mas Kate confeccionou isso aqui e ficou bem maneiro, coisa que garotas gostam. — Estendo o pequeno

embrulho para ela. Olivia não pega. Olha para o pacotinho e olha para mim.

— Amanhã é seu aniversário.

— Ah! — Ela leva a mão à cabeça como se só agora se lembrasse. — Romeo! Não precisa de presente.

— Minha querida, você faz aniversário e, na verdade, você que me dá um presente. Abra e veja.

Ela sorri meio de lado, sem entender porcaria nenhuma, como se eu estivesse com febre e falando coisas nada a ver. Quando ela desamarra o pacote, eis que surge uma caixinha de vidro. Dentro, há um ninho com um ovo em cima. Um ovo de mentira. Ela olha para essa coisa como se fosse um feitiço, sem saber como proceder, acho que se perguntando o que ela fará com isso.

— Continue — encorajo-a. Olivia mexe na caixa e abre a tampa, toca no ovinho e tira ele de dentro da caixinha de vidro. — Embaixo — eu digo ajudando-a, pois a ansiedade está me matando. Homem é tão mais prático, conta a coisa logo de cara. Ela vira o ovo e encontra o que precisa. Puxa um canudinho de papel, desenrola, lê e me olha. O cenho franze, e ela olha o papelzinho de novo. Eu escrevi a mensagem, algo como:

Feliz aniversário, mamãe! Eu e papai te amamos.

Ela deixa as coisas no colo dela e me encara pálida, já com cara de choro.

— Ainda duvida que nós temos futuro? — Arrasto um pouco a cadeira para perto dela e toco em seu ventre. Ela olha para minha mão, lágrimas começam a banhar seus olhos. — Você me deu o

NACIONAIS - ACHERON

melhor presente, Oly. — E aí ela desaba. Chora copiosamente com o braço tampando os olhos. — Olivia! — Chamo-a, pois é uma reação que eu não esperava. Ela continua soluçando e tampando o rosto. — Pare com isso, Oly, você deveria estar feliz. Eu estou feliz.

— Também... estou... — ela começa a dizer entre resmungos. Ainda com o rosto coberto com as mãos ela fala: — Te amo... tanto... E agora vou ter um bebê com o homem que amo... — É emocionante, eu não devia, mas acabo rindo.

— Oly... — Continuo rindo. Estou de pé diante dela e, imediatamente, ela se curva para frente e abraça minha cintura, encostando o rosto na minha barriga e chorando mais. Começo a acariciar os cabelos dela. Kate não vai se perdoar por não ter filmado isso. Penso e continuo acariciando os

cabelos dela até ela se acalmar um pouco mais. Afasto o rosto dela e passo a mão, secando as bochechas. Corro, pego água para ela e, com as mãos trêmulas, ela pega o copo. Dá uma golada e me olha de rosto vermelho pelo choro.

— Como? — questiona. — Eu tomei pílula e estava... Não entendo, não senti nada.

— Só uma fome absurda, né? Aquilo não era normal, não. Você comia tudo e ainda ficada de olho no meu prato. — Ela ri e limpa mais lágrimas. Puxo a cadeira e me sento bem perto dela. — O médico me disse que você pode ter engravidado no primeiro dia que tomou a pílula e que fizemos sexo desprotegido. E que também pode ter se sentindo mal em algum desses dias e anulado o efeito da pílula.

— Meu ciclo é instável, mas eu continuava

NACIONAIS - ACHERON

menstruando.

— Vai entender. Segundo o médico, em alguns casos, ocorrem poucos sangramentos no início, o que pode levar a se confundir com menstruação. Mas isso não importa. O que importa é que tem um Lafaiette aí dentro e o moleque é forte pra caralho.

— Encosto meu rosto no ventre dela, beijo e falo baixinho: — Olá, papai! Quem será o garotão mais gato do pedaço? — Levanto os olhos para fitar Olivia. — Se importa de eu querer que meu primogênito seja macho? — Ela ri e balança a cabeça negando.

— Claro que não. Estou feliz demais, já ganhei muita coisa para exigir mais.

— Pois eu exijo. Quero um menino para me matar de orgulho. O primeiro herdeiro da Orfeu.

— E se for uma menina?

— Será a mais linda de todas, para deixar os marmanjos da cidade com cara de tacho. E todos vão saber que ela tem o pai mais Pitbull, para ninguém encostar nela. Não antes dos trinta. —
Volto a encostar o rosto no ventre de Olivia e falo:
— Né, amor do papai?



Não dormimos no hospital essa noite. Já era quase seis da tarde quando Olivia recebeu alta, o médico fez algumas recomendações, como, por exemplo, evitar subir escadas e ir fazer curativo por mais três dias em algum posto médico ou hospital. Ela não ganhou pontos em lugar nenhum, foi uma das coisas que mais pedi: sem cicatrizes, não queria Olivia vendo essas coisas em seu corpo e se

lembrando de tudo o que passou.

Antes de sair, eu liguei para Kate e, minutos depois de chegarmos em casa, ela apareceu. Queria ter ligado para Vilma preparar algo para Olivia comer, mas ela trabalhou todos esses dias fazendo almoço para mim, precisa descansar. Também liguei para Lorenzo e Magno, esse foi rápido na ligação, disse que, assim que chegasse ao Brasil, viria a minha casa, ao fundo, ouvi uma voz: Envia um saludo a Romeo.

— Amadeo está mandando um olá.

— Outro pra ele. Ele vem?

— Não por enquanto. Até mais, mande um abraço para a Oly e, como sei que a Kate está aí, mande um beijo pra ela, só pra ver ela se derreter.

— Deu uma risada cínica e desligou. Safado. Não

quer nada com Kate, mas gosta de vê-la arrastando um bonde por ele.

— Lorenzo vai dar uma passadinha aqui — anuncio para elas duas na sala. — E Magno está viajando a negócios. Mandou um beijo para as garotas. — Mando o beijo por atacado, não vejo em Kate o brilho nos olhos que sempre via quando o nome do meu irmão vinha em um assunto. Deixo as duas na sala e vou para a cozinha preparar algo leve, de preferência, uma sopa de legumes.

Kate logo foi embora, dizendo que Olivia tinha que descansar. Quando eu contei sobre a crise de choro de Olivia, Kate chorou de rir, debruçada na mesa. Afinal, sabemos que tudo de Olivia é diferente. As reações dela são imprevisíveis. — O que aconteceu com o Ludovico? — Enfim, depois de tantos dias, Olivia tocou no assunto sem olhar

nos meus olhos.

— Perdi a cabeça e quase acabei com ele. —
Ela levanta o rosto para me encarar. Assente e desvia a atenção para a TV à nossa frente.

— Eu lembro vagamente de ter visto... Será que ele ainda pode...

— Ele não pode mais nada, Oly. Assim que sair do hospital, já vai direto para a cadeia. Ele está sendo acusado por uma porrada de coisas. Farei de tudo para ele não pegar menos de dez anos.

Nitidamente aliviada, ela anui e se aconchega mais ao meu corpo, pensando em alguma coisa. A mão dela cobre o ventre e acompanho, colocando a minha por cima. Ficamos na sala, calados, assistindo filmes até mais ou menos dez da noite.

Peguei Olivia nos braços e a levei para o quarto, Pink sempre atrás, não desgrudou um minuto e, nessa noite, eu deixei que ela se enrolasse no chão, aos pés da cama e dormisse ali, de vigia. Logo ela, que odeia ficar dentro de casa, dormiu quieta ao lado da nossa cama.

No dia seguinte, eu a acordei para dar o feliz aniversário. Claro que sou uma pessoa precavida e providenciei, mais que depressa, o presente para ela. Eu não posso simplesmente me jogar em cima dela, pois Olivia está incapacitada, eu queria, na verdade, dar a ela uma foda gostosa do caralho na manhã de seu aniversário, um kit tombada máster. Deito ao lado dela e acaricio seu rosto. Não demora muito para ela abrir os olhos e me ver. Ela olha em volta, vê que está em casa e dá um leve sorriso.

— Oi. Já é tarde?

— Já é sábado. Adivinha quem está aniversariando? — Olivia fica abobalhada olhando para mim. — Não achou que ia passar em branco, né?

— Eu... estou aqui, com você e a Pink. Estou grávida, não preciso de mais nada, Romeo.

— Lógico que precisa. Minha mulher está fazendo aniversário, lindamente grávida, e eu vou deixar isso de lado? Bom, na verdade, o presente é para mim também. — Estendo para ela uma caixinha de veludo. Olivia se senta recostada nos travesseiros, e arregala os olhos quando abro a caixa.

— Santíssimo Deus! — Olha para a caixa e de volta para mim. — Romeo! — exclama alto e Pink late.

— Ninguém me ajudou a escolher. Eu já sabia o que queria ver você usando.

— É lindo! — afirma petrificada com a mão na boca, os olhos brilhantes fixos no anel. Tiro-o da caixinha e seguro a mão dela.

— É seu anel de noivado. Eu sabia que você ia querer uma cerimônia simples, então aqui está: você e eu meio pelados na cama, Pink ali como testemunha e um café gostoso lá embaixo.

— É a melhor cerimônia de noivado — sem conseguir parar de rir, ela declara. Olha para o anel e uma lágrima lhe escapa. Eu seguro sua mão e empurro o anel no dedo anelar. Coube perfeitamente.

— É igual ao seu. Azul.

— É. Na verdade, o meu é uma pedra de safira e anéis de noivado são feitos de diamante. Então olha aí, minha noiva bem diferente usando um solitário de diamante azul. — Olivia ri encantada e me abraça ternamente. O anel custou uma fortuna, pois a pedra é rara, dei um prazo de dois dias para a joalheria me apresentar um anel decente e, quando passei lá para ver, fui surpreendido com a beleza da joia. Não extravagante e não muito simples. Feminina e delicada, uma única pedra azul presa a uma haste de platina e ouro branco. Não tem dinheiro que possa comprar o fato de eu tê-la de volta, ver esse sorriso e saber que daqui a pouco seremos três.



Um mês mais tarde, Olivia já estava de volta à ativa. Voltou a estudar, não tanto protegida, afinal,

até mesmo os dois filhos da puta que a sequestraram estão atrás das grades.

Fico de pau duro quando a olho, não é ser obsceno, é puro amor masculino. Um homem quando fica de pau duro com um beijo ou um olhar de sua mulher, pode confiar, é a mais pura demonstração de paixão. Ela nunca esteve tão bela e radiante. Eu conseguia ver nela, a cada dia que passava, as mudanças de seu corpo. Os peitos maiores me deram certa alegria e agora me lembro de um dos caras lá do banco AMB ter comentado sobre isso. A barriga de Olivia não está grande, afinal só tem três meses de gravidez, à noite, quando ela deita, posso ver uma leve protuberância se formando. Olivia é tranquila, não sente muito enjoo e, ao contrário de muita mulher que não consegue comer nada, ela come muito. A fome a faz levantar à noite para ir assaltar a geladeira.

Agora estamos indo à segunda consulta pré-natal. A mãe de Olivia já veio aqui duas vezes visitá-la, sempre vem quando eu não estou, como fazia lá no hospital, ia vê-la na parte da manhã. Não sei por que, mas acho que ela tem medo de mim.

O pai não veio ver a filha, mas ligou para ela e foi mais uma vez na empresa me visitar. Não pediu dinheiro como da outra vez, só me agradeceu por ter salvo a filha dele e disse que teria a sua benção. Ele não pediu dinheiro diretamente, mas exigiu que eu cumprisse meu dever de homem e honrasse a filha dele, casando-me o mais rápido possível e que, se possível, em comunhão total de bens, pois ele não iria querer o neto e a filha por aí sem um futuro garantido. Fiquei, mais uma vez, com vontade de bater nele. Claro que meu casamento com Olivia será em comunhão de bens e, antes do bebê ser neto dele, é meu filho. E nem fodendo que

meu filho vai ficar por aí sem um futuro garantido, não depois de eu ter aberto mão dos meus sonhos para salvar a empresa do meu pai. Mas minha raiva já se aplacou e resolvi colocar o nome dele de volta na minha lista de convidados para o casamento. Olivia nem sabe disso e nem precisa saber.

Oly está passando por seções de terapia por causa do trauma que teve. Hoje, quando ela saiu da psicóloga, fomos direto para a clínica da obstetra que está acompanhando a gravidez. Será feito o segundo ultrassom. Ela examinou Olivia, disse que tudo está bem, que ela já se recuperou bastante das cirurgias e que, daqui a uma semana, pode começar a fazer exercícios leves, indicou uma academia que tem aulas de ioga para grávidas. Depois, Olivia se deitou em uma cama estreita e a doutora ia passando o aparelho pelo ventre dela, lambuzado de gel. As mãos de Olivia frias, e eu sem entender

bulhufas do que estava na tela. Ela fala que está tudo bem, que o bebê está evoluindo sem qualquer problema aparente, está ganhando peso e crescendo como deve ser.

— Já querem saber o sexo do bebê?

— Já dá pra ver? — Quase dei um grito agudo.

— Bom, geralmente é a partir de quatro meses, para ser mais claro, mas, com a aparelhagem certa como essa e devido a posição do bebê, eu já tenho uma resposta. — Olho para Olivia.

— Quer saber? — pergunto, meu olhar grita: por favor, diz que sim!

— Quero! — Nós dois balançamos a cabeça que sim.

— É um rapaz.

Quase despenco no chão. Sabia! Já estou querendo marcar uma noitada com os caras para comemorar. Será épico. Saímos da clínica e já corremos para uma loja de bebê. Olivia parece uma criança na casa da Barbie. Ela corre de um canto a outro, vendo roupas, berços, andadores.

Depois de duas horas na loja, só escolheu dois macacões.

— Romeo, acha que devemos comprar azul? — pergunta preocupada. — Muita gente fala que os pais não devem impor gênero aos filhos.

— Muita gente não diz o que Romeo deve fazer. Bem que eu queria colocar o nome dele de Ariel, para quando ele crescer escolher se vai ser homem, mulher, sereia ou sabão em pó. Mas sou bem macho antiquado. Compra tudo azul nessa porra aí. — Ela dá uma risada, beija minha boca e

NACIONAIS - ACHERON

sai correndo para uma arara cheia de roupas para meninos.

Chegamos em casa soterrados de sacolas. O quarto do bebê escolheremos depois, alguém precisa ver o quarto e fazer o projeto. Nos jogamos no sofá, cansados, mas contentes.

— Já pensou num nome? — indago.

— É verdade. Não pensamos em nomes.

— Gosto de Arthur ou Gael — opino.

— Gael? — Olivia se mexe no sofá e deita a cabeça no meu colo.

— É, vi num filme. O nosso pode ser Gael Buarque Lafaiette. O que acha? — Meus dedos afundam nos cabelos dela.

— Não sei. Arthur Buarque Lafaiette. — Ela recita o nome devagar. — Soa melhor, não?

— Sim. Soa melhor. Tem algum em mente?

— Pensei em Eric e Nicolas.

— Nicolas é bom. Só não pode ser Nicolau. Para ele não sofrer bullying. — Olivia abre os olhos e me encara.

— Como ele sofreria bullying?

— Os terríveis colegas gritando: Nicolau chupa meu pau. — Ela ri e volta a fechar os olhos. — Mas pensaremos nisso mais tarde, tem muito tempo ainda.

— Estou faminta.

— Conte uma novidade — desdenho, e ela se

senta no sofá, fingindo estar emburrada.

— Vamos preparar algo para a gente comer.

— Tira os sapatos e joga no tapete.

— Por falar em comer, já aguenta um kit tombada? Prometo que não darei um tombo muito forte. — Ela ri, vem se arrastando no sofá e senta no meu colo. Começa a me beijar preguiçosamente.

— Estava me perguntando quando ia sugerir isso.

— Então, isso é um sim?

— Já disse que sou fácil. — Ela passa as duas mãos pelos meus braços, vai para meu peito e volta até meu pescoço. — Quando vou conseguir dizer não para tudo isso aqui? — Levanto com ela no colo. A sacana me deu um beijo que fez meu pau

quase rasgar a cueca. Ando com ela até a cozinha.

— Ah, meu amor, hoje a deixarei tão acabadinha embaixo de mim.

— Se eu não tivesse com tanta fome, exigiria isso agora mesmo.

OLIVIA

Um mês se passou desde que deixei o hospital. Tento, a cada instante, deixar tudo para trás, as lembranças dos momentos ruins que passei. E agora, vendo tudo daqui, de onde estou, tudo parece tão longínquo. Claro que tenho muito apoio para me reerguer. Estou fazendo terapia, contra minha vontade, não preciso, mas Romeo insistiu. Além da psicóloga, tem a Kate, minha família, meus pais estão mais compreensíveis e, acima de tudo, tenho o Romeo. Ele não só me ajuda mas também é o apoio que preciso constantemente. Sem falar que depois que, descobri que estou grávida, não tenho outra coisa mais na minha mente que não seja essa

pequena vida em formação dentro de mim.

Minha mãe vem sempre me visita. A primeira vez que esteve aqui, ficou olhando tudo ao redor, muito receosa e muito curiosa. Pedi que ela sentasse e minha mãe, mesmo sentada, ficou retesada, como ela ficava sempre que ia me visitar no hospital.

— Seu pai cortou negócios com a empresa de Ludovico. — Deu a notícia num tom baixo, algo como: estamos nos rendendo e aceitando que cometemos erros com você.

— Eles não são mais amigos? — Não queria, mas meu tom saiu levemente irônico.

— Nunca foram amigos de verdade. — Ela recebeu o copo de suco que ofereci e me olhou quando sentei ao seu lado. — Parceiros de

negócios. Ele quase a matou... — Engoliu em seco ao falar. — Não há mais por que ter qualquer ligação com ele.

— Foi por mim? O papai cortou ligação por minha causa? — Agora estou verdadeiramente chocada.

— Não propriamente. — Minha mãe passa os olhos pela sala e volta a encarar o copo de suco — Fui eu — resmungou quase inaudível.

— O quê? — Ela levantou os olhos, demonstrando um cansaço emocional que sempre esteve ali e ela nunca deixou transparecer. Tive uma mãe doente de alma, mas que passou a vida se fingindo de sargentona.

— De algumas coisas, eu não me arrependo, estou me referindo ao modo que criei vocês, mas

em outras, sim. Eu criei vocês do jeito que eu achei o certo, mas não admitiria que alguém fizesse o que fez com você e ficasse por isso mesmo. — Apenas assenti, calada, sem ter o que debater sobre isso. Entendi certo, ela peitou meu pai? Antes de eu abrir a boca ela, afirma o que pensei. — Eu disse que voltaria para a casa do meu pai com as minhas filhas se ele não tomasse uma providência.

Imaginei a cena e meu pai voando em cima dela para bater. Horrorizada, tampei a boca com a mão. Ela fez o que eu desejei ver a vida toda? Minha mãe sofreu muitas humilhações e nunca abriu a boca. Fez mesmo isso por mim?

— Seu pai teme muito a opinião pública, que as críticas sujem seus negócios. Eu estava disposta a qualquer coisa, apanhar, ser atirada na rua, abrir a boca na mídia, mas ele nem brigou. Ele soube que,

como pai, tinha que tomar partido na situação. E seria degradante para ele apoiar o agressor da própria filha. — Sem sorrir, mas mostrando pura sinceridade, ela terminou: — Estou feliz que tenha encontrado a felicidade, Olivia. E quero que suas irmãs tenham o mesmo.

— Sim, mãe. Nunca estive mais feliz. — Automaticamente, coloco a mão dela em meu ventre, e ela acompanha o movimento com os olhos. — Vai deixar Virginia escolher o próprio destino?

— Ela quer apenas se casar, não quer estudar, só quer ter um marido e uma casa para cuidar. Ela não quer romper o namoro.

— Eu apenas torço para que ela não caia na mesma cilada que eu caí. — E mais surpresa, vi minha mãe apenas assentindo, tomou um gole de
NACIONAIS - ACHERON

suco e fixou o olhar no enorme quadro com a foto de Romeo e os irmãos.

— Deus escreve certo por linhas tortas — finalizou sussurrando, como se fosse para ela mesma. E eu soube que ela se referia ao fato de que, por causa do meu casamento sofrido com Ludovico, encontrei felicidade. Talvez eu não conhecesse o Romeo se tivesse seguido outro rumo ou se tivesse mesmo contado para Ludovico sobre as mensagens que recebia do admirador secreto, como cogitei contar várias vezes.

Depois dessa primeira vez que ela veio, a convidei para vir aqui tomar um café à tarde comigo e Kate e trazer minhas irmãs. Fiz questão de mostrar toda a casa para elas.

Muita coisa está mudando para melhor. Minha saúde nunca esteve tão boa, minha pele nunca

NACIONAIS - ACHERON

estive tão bonita e nunca levantei tanto no meio da madrugada para urinar e assaltar a geladeira. Sempre ouvi dizer que grávidas sentem muito enjoo, que umas têm desejos estranhos e outras não conseguem comer nada. Eu apenas quero comer. Tenho uma fome absurda e a única coisa que me deixa um pouco enjoada é o cheiro de produtos de limpeza, desinfetante de banheiro principalmente. Daí, Vilma pediu ao pessoal da empresa de faxina que use produtos neutros, sem cheiro.

Hoje, depois da faculdade, pedi ao segurança que me levasse à casa de Kate. Sim, eu já voltei às aulas. Na verdade, quinze dias após sair do hospital, eu já decidi voltar. Não quero perder um semestre inteiro. E adivinha o que aconteceu na manhã do dia que eu retornaria às aulas? Isso mesmo, Romeo pirou. Ele quer me colocar numa caixa de vidro e, agora que estou grávida, o homem

PERIGOSAS

está insuportável, dorme com um olho aberto e outro fechado, sempre em alerta. Eu peço para ele relaxar um pouco, mas não tem jeito.

Acordei na manhã daquele dia e já sabia onde tinha que procurar. Desci as escadas, atravessei a sala, saí na porta e, dessa vez, ele estava fazendo maratona de nado na piscina. Poderia me sentar saboreando um iogurte natural e me embebedar dessa beleza que é o Romeo nadando. E só um lembrete rápido: nadando pelado. Calmamente, despi-me e andei até a escada da piscina. Romeo me viu, mas fingiu não perceber. Entrei devagar na água, dei um rápido mergulho, só abaixando mesmo e enfiando a cabeça, sou amadora ainda no quesito piscina. Ele foi até o outro lado e, quando voltou, entrei na frente dele, obrigando-o a parar. Romeo parou à minha frente, e eu me apressei em grudar no corpo dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Preocupado?

— Podia ao menos esperar um mês, né? Só faz quinze dias, Olivia...

— Está tudo bem. Você está garantindo que tudo esteja bem.

— Qualquer coisa, ouviu? Qualquer coisa, você não vai dar um passo antes de eu chegar. Hoje vou precisar tomar um tarja preta para poder tentar trabalhar em paz.

— Olhe o drama — avisei, e ele riu. Abraçou-me forte e após um ‘amo você’ para cada beijo, saímos da água e transamos ali, na espreguiçadeira, tendo o sol nascendo sobre a gente. Ainda bem de leve, preguiçosamente, ele me mantendo em cima, porque diz que não quer me machucar com o peso dele.

Agora, saindo da faculdade, pego meu celular antes de colocar o pé na rua e ligo para Romeo. Eu poderia achar meio sufocante essa proteção toda que ele está fazendo ao meu redor. Mas eu adoro o fato de me sentir segura e amada acima de tudo.

— Oi, Oly.

— Oi. Estou saindo agora, vou almoçar na Kate.

— Olivia... — noto uma tensão se formar na voz dele — com quem você vai?

— Vou ligar para o motorista me pegar.

— Ok. Não saia de dentro da faculdade antes dele chegar, tome cuidado. E ligue quando chegar lá, nada de mensagens, quero ouvir sua voz. — Dou uma risadinha de boca fechada para ele não

ouvir. Já posso ver Romeo de pé, enfiando a mão nos cabelos, preocupado. Ah! Como eu o amo...

— Tomarei, fique tranquilo. Amo você, estarei em casa depois das três.

— Está bem. Beijos e se cuide, pelo amor de Deus.

Ligo para Odilon e me sento do lado de dentro até receber o sinal de que ele já está lá fora me esperando. Saio depressa, vejo-o de pé ao lado do belo carro, dou um tchauzinho, e ele abre a porta traseira.

— Romeo gritou comigo — fala sorrindo. Odilon gosta de uma fofoca, Romeo só não pode ficar sabendo que quase sempre ele é alvo das fofocas.

— De novo? Por quê? — Entro no carro. Ele fecha a porta, dá a volta e senta no banco do motorista.

— Disse para eu correr e vir buscá-la. Que onze e meia eu deveria estar plantado a esperando. — Ele liga o carro e saímos. Dou uma risada.

— Não ligue para o Romeo. Eu sempre falo para ele ficar calmo, senão vai enfartar aos quarenta.

— Ele até que tem razão né, dona Olivia? Você passou um perrengue daqueles.

— Ah! Pare de me chamar de dona, sou mais nova que você. Eu quero apenas lembrar daquilo como o dia que o destino me deu uma nova chance, e não como um trauma que nunca poderei superar.

— Esse é um baita pensamento otimista — afirma e volta sua atenção para a direção.

Assim que chego à casa de Kate, já ligo para Romeo dizendo que estou a salvo. Dispenso Odilon e digo que ligarei de volta assim que estiver pronta. Empurro a porta de vidro e entro na livraria. O lugar está um espetáculo. Lindo, moderno, cheio de livros novos. A livraria de Kate está linda. Olho em volta, passo os olhos pelos clientes e aceno para ela lá do outro lado. Deixa uns livros em um monte e vem até mim.

— Decidiu dar uma chance aos pobres? Voltou para trabalhar? — Kate está enciumada depois que descobriu que consegui um emprego na Madde. Serei auxiliar de design. Kate sabe como eu admiro a Angelina e acha que seremos melhores amigas. Já disse a ela que não trabalharei diretamente com a

Angel. Incrivelmente, ela nem saberá quem eu sou, Romeo pediu para não dizer que eu sou noiva dele, para que não interfira, de algum modo, no meu trabalho lá. E eu amei essa ideia dele. Ele quer o mesmo que eu: que as pessoas me reconheçam pelo meu trabalho, e não pelo fato de que sou noiva de fulano. Por enquanto, ainda estou na surdina, a sociedade sabe que Romeo Lafayette está comprometido, mas ainda não sabe quem é a sortuda. Pelo menos, foi algo assim que vi numa revista.

— Não. Vim almoçar com você. — Passeio meus olhos pelo ambiente. — Isso aqui está muito bonito.

— Está, não é? — Olha para meu vestido e faz beijo. — Desculpe, senhora rica, que vestido luxo, hein? — Olho para meu vestido, simples, com

pregas na cintura e saia meio rodada, dou uma balançadinha me exibindo.

— Para, fico sem jeito. Meu amor que me deu.

— Sabia. Aquele homem não existe. — Ela engancha o braço no meu. — Vamos subir para você cozinhar e me contar as novidades de mulher grávida que fica recebendo presentes do *boy* apaixonado. — Ela passa no balcão pede para uma funcionária tomar conta da loja, e subimos os dois lances de escadas. Chegamos a um corredor pequeno onde tem quatro portas. Duas são os apartamentos, um de Kate e o do lado é destinado a aluguel. Tem uma porta que é um pequeno escritório da livraria e a outra, um depósito de livros.

— E o fulano? — Aponto para a porta do outro apartamento. — Já foi embora?

— Sim. Descobri que era um casal. Quando ela vinha visitar, não tinha quem dormisse. — Kate abre a porta e entra, entro logo atrás. — Eram piores que coelhos. — Ela abre a janela da sala e corre para tirar um fardo de livros de uma poltrona. — Sente-se aqui, é mais confortável. — Ela coloca o fardo de livros ali perto e aponta para ele. — Exemplares do quarto volume daquela série dos médicos mafiosos. Já leu o primeiro que mandei?

— Kate, sua doida. É safadeza pura.

— Vai virar série de TV. Ah! Você está no lucro, né, amiga? — Ela vai para a cozinha que fica perto, separada apenas por um balcão alto. — Se sentir um fogo, é só solicitar o Romeo para resolver o problema. — grita de lá, e eu franzo a testa. Depois, percebo o que ela quis dizer e abano a cabeça.

— Safada! — Deixo minha bolsa ali e pego um dos livros. — *Asfixia*? — Leio o título.

— É. Esse é do doutor Christopher, o cardiologista, o chefe da máfia. Melhor que *Adrenalina*, o terceiro — Kate explica. Leio brevemente a sinopse, deixo o livro ali, ainda embalado, e vou para a cozinha.

— E sua vida amorosa? Firme e forte? — Sento-me no banquinho.

— Nunca melhor que a sua, mas estamos bem.

— Você não parece gostar dele. Kate, Kate, lhe conheço.

Ela revira os olhos e começa a pegar um bocado de coisas na geladeira. Pelos ingredientes, já sei que vamos fazer macarrão.

— Por falar em gostar dele, tem visto aquele esnobe gostoso de uma figa? Estou pegando um ódio daquele patife.

— Quem? Magno?

— Isso. — Ela vira as costas para mim e começa a separar tomates, olhando se estão podres. Levanto e vou para perto dela ajudar.

— Se odeia, por que fica perguntando?

— Porque sou uma tola viciada em homem gostoso. Leio muito romance, é meu defeito.

— Magno vai sempre lá em casa. É sempre a mesma coisa, nunca tem novidade.

— Fora as redes sociais, não tem muito dele na internet — Kate comenta. — Romeo e os irmãos sabem se manter longe do foco.

— É, não tem. Esqueça. Você está namorando, apenas esqueça. O que tem aí para eu cortar?

— Faça aquele molho maravilhoso para o macarrão. — Enquanto eu lavo minhas mãos, Kate dá uma gargalhada e começa a amarrar os cachos loiros.

— O que foi?

— Quer saber uma das minhas loucuras?

— Já não conheço todas?

— Eu uso fotos do Magno para imaginar o personagem Christopher no livro *Asfixia*. — Olho de boca aberta pra ela e caio na risada.

— Kate, você é doida. Só não use meu Romeo, por favor.



Fiquei com Kate até às quatro da tarde. Depois, liguei para Odilon, ele veio me pegar e me levou embora. Claro que tive que ligar para Romeo antes, dizendo que estava indo para casa. Acabei de desligar, e ele, de modo petulante, ligou para Odilon para saber se eu estava indo com ele. Como sempre querendo saber se eu não tinha teimado e vindo de táxi, de ônibus ou de carona com Kate.

Cheguei em casa louca para tirar os sapatos, colocar os pés para cima e continuar a ler o tal livro que Kate já está no volume quarto, eu nem terminei o primeiro. Dou a volta e decido entrar pelos fundos. Mas quando coloco o pé na cozinha, já ouço uma música vindo da sala. Paro, coloco a chave da porta na mesa e fico estática.

— Vilma? — chamo. Meus olhos cravam no relógio em meu pulso. Quatro e quarenta. Romeo ainda não deve ter chegado. — Vilma? Cheguei. — Ninguém responde, apenas uma música em inglês toca alto. Mordo o lábio e dou um passo em direção à sala. — Olá? Romeo? — Chego à sala devagar, olho em volta e vejo na mesinha, duas taças e uma garrafa. Um grito entala na minha garganta quando olho para a entrada do corredor e vejo Romeo parado, olhando-me com um sorriso besta.

— Romeo! — grito bem nervosa, o coração aos saltos. Ele não se mexe, continua sorrindo. — Você me assustou! — reclamo, e qual é a resposta dele? Simplesmente desabotoou o cinto e o tirou da calça, sem desviar os olhos de mim. Ele tem o poder de me prender com um olhar. Recostado casualmente. Não consigo me mexer, nem desviar a atenção, meu cenho franze. A mão dele desce para o volume

na calça e apalpa.

— O que está fazendo? — indago, mas não saio do meio da sala e nem ele sai de lá. Romeo age como se estivesse se despindo sozinho num quarto, vez ou outra, os olhos dele encontram os meus e noto aquele ar sedutor de fazer minhas pernas tremerem. Já sem os sapatos, só de cueca, ele pega a garrafa, abre e serve um líquido branco borbulhante nas duas. Vem e entrega uma para mim.

— Kit tombada especial para gestantes. — Ele mostra a taça na minha mão. — Espumante sem álcool, claro. — Tomo um gole, as bolhinhas de gás fazem cócegas na minha língua. É delicioso. Afasto a taça da boca e sopro, passo os olhos pelo corpo do meu noivo e fico sem fala, sem pulsação.

— Gostou? — apenas balanço a cabeça

NACIONAIS - ACHERON

confirmando.

Romeo desfila com suas coxas fortes e sua cueca bem contornada, na frente e atrás, escolhe outra música, pega a garrafa na mesinha e coloca mais na minha taça. Já estou quase tombando antes dele sequer me tocar. Bebo mais. Ele deixa a taça dele na mesinha e estende a mão. Sem saber o que fazer, entrego a taça a ele e só tenho o tempo de piscar, recebo um puxão e já estou nos braços dele. Sinto-me queimando e tudo dentro de mim meio balançando... bem leve. Ele me prende a seu corpo com um braço, minhas mãos no seu peito forte e quente. O coração dele palpita apressado.

Romeo acaricia minha boca, minha bochecha, ajeita meus cabelos e desce a mão para segurar minha garganta. Está de novo quase nu, mas ainda com o relógio e o anel, só por que comentei que

acho sexy. Esse homem me atinge sem piedade.

— Oly, Oly... Sabe o que faço com minhas posses? — A boca dele está muito próxima a minha, estou quase pirando. — Eu cuido muito do que é meu, eu coloco como prioridade. Minha empresa, meu carro, minha casa... aí, você chega e toma o primeiro lugar de tudo. — Sorrio agradecida. — Você se importa de dividir o pódio de primeiro lugar na minha vida?

— Dividir?

— É. Você e ele. — Sutilmente, levo minha mão para o meu ventre. Romeo dá um sorriso de mostrar os dentes.

— Posso conviver com isso. Afinal, é um Romeo em miniatura aqui dentro. — Ele cobre minha mão com a dele. — Também está em

primeiro lugar com você.

— Ah! Assim eu amoleço toda.

— Você ainda não viu o que é amolecer. — Os olhos dele ganham um tom mais escuro. Pega-me nos braços. — Vou acabar com você ali naquele sofá. Seus gritos com a música... hum... já estou trincado de tesão.

— Ah! As ameaças. Estava com saudade.

Ele me acomoda no sofá, me dá um beijo casto nos lábios e coloca uma mão em cada um dos meus joelhos.

— Pronta para passear na montanha russa exclusiva do Romeo?

— Ai, meu Deus! Muito pronta — falo e já cravo os dedos nas almofadas do sofá. Romeo
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

afasta minhas pernas, enfia a mão pelo meu vestido, subindo as pontas dos dedos pelas minhas coxas até chegar na minha calcinha. Ele para um pouco, me fita com sua boca erótica e seus olhos de pecado. Ai, caramba! Nem acredito que ele é todo meu.

Sinto os dedos dele se enroscando no elástico da minha calcinha, o ar fica suspenso, e ele começa a descer a peça pelas minhas pernas. Ah, que calor! A pequena peça sai, e ele a balança no ar. Joga para trás e vai buscar a garrafa. Ai, Senhor! Lá vem ele me dar bebida na boca. Romeo sempre me tortura antes de começar de verdade.

Como eu previa, ele bebe espumante na boca, deixa a garrafa no canto e vem me beijar. Não despeja bebida na minha boca, mas sinto o gosto ali, em sua língua, quando ela rola ousada junto

NACIONAIS - ACHERON

com minha. Ele chupa meus lábios, morde e se afasta. Abano meu rosto quente com uma mão, e isso faz Romeo rir de lado, gostando do que está provocando em mim.

— Vamos tirar isso. — Ele me ajuda a tirar o vestido, quando fico só de sutiã, ele me puxa, me coloca de pé grudada ao seu corpo. Sua mão na minha bunda, acariciando e, sem eu esperar, ele me dá um tapa, um ardor fraco me toma e, quando abro a boca pelo susto, ele praticamente devora meus lábios. E então, começamos a fazer coisas ao mesmo tempo. Romeo, meu noivo obsceno, segura minha mão, beija e a coloca dentro de sua cueca. Demora um pouco para eu reagir e mover meus dedos. Encontro o pênis ereto e seguro firme. Romeo acaba de enfiar a mão por entre minhas pernas e, com o polegar, fez um momento de acender e apagar luz num interruptor.

Involuntariamente, abro mais minhas pernas, ele traz o dedo para seus lábios, chupa com os olhos grudados nos meus e volta para me atijar, usando o meu clitóris como um interruptor.

— Gostoso? — pergunta.

— Siimmm — respondo quase bêbada de tanto prazer. Fracamente, ele passa o dedo, levando de um lado para outro, me fazendo gotejar de tanta excitação. Uma mão dele me firma, a outra continua entre minhas pernas, minha mão agarrando seu pênis e os lábios dele dando a volta na minha boca, no meu pescoço e queixo.

— Em uma montanha russa, ninguém tem colher de chá. Segure-se, Oly — fala e mal tenho tempo de segurar no braço dele quando enfia um dedo dentro de mim. Romeo me segura forte, beija minha boca e começa a entrar e sair com um dedo,

NACIONAIS - ACHERON

o polegar pelo lado de fora ainda acariciando meu clitóris. o ar vai me faltando, o prazer me engolfa e vou perdendo o sentido das pernas.

Logo um segundo dedo me invade e aí meu corpo já se despedaça, gemo contra a boca dele, segurando seu pênis com força, fazendo ele gemer também entre o beijo.

— Goze na minha mão, Oly — pede ferozmente. Mais duas metidas, e eu me acabo, começo a cair das pernas quando as ondulações convulsivas me tomam, ele me aperta, me segura, não para de meter os dedos, me fazendo quase chorar num orgasmo muito delicioso. Nunca andei em montanha russa, mas essa, sem dúvidas, é a melhor do mundo.

Ainda toda tremendo, com minha vagina se contraindo e meu coração se debatendo na caixa

NACIONAIS - ACHERON

torácica, ele me pega, me leva para o sofá.

— Fique de joelhos — Ele afasta um pouco minhas pernas, passa a mão na minha bunda, indo encontrar minha vagina escaldante e pulsante.

— Hum... no ponto. — Coloca a mão nas minhas costas, me empurra um pouco para que eu fique mais inclinada, com a bunda mais empinada para ele. Tira meu sutiã e, em um abraço por atrás, aperta meus seios.

— Fique assim, nessa posição. Será forte e gostoso, apenas relaxe — avisa, ele abaixa um pouco a cueca, não tira, apenas abaixa o suficiente para tirar o membro muito duro e grande, envolve a mão no pênis, fricciona para cima e para baixo e se ajeita atrás de mim. Respiro várias vezes em uma ansiedade louca, ansiedade gostosa de sentir. O braço dele me envolve, as pernas se posicionam

NACIONAIS - ACHERON

atrás das minhas e então, sinto a ponta grande e roliça bater e entrar em mim. Ele não para e vai indo sem reservas até chegar ao fundo, me enchendo toda. O prazer é tanto que sorrio. Fecho meus olhos com a sensação deliciosa e sorrio aliviada. Romeo se ajeita atrás de mim e sinto ele mexendo devagar no meu interior apertado. Quase gozo.

— Tudo bem? — O rosto dele está bem perto do meu, ao lado do meu ouvido. Seu hálito quente faz todo meu corpo arrepiar.

— Delicioso. Você é muito gostoso. — Isso foi quase um sopro, menos que um sussurro. Ele solta um riso rouco, se afasta, segura meus cabelos e, para minha loucura maior, puxa todo o seu comprimento grosso para fora, está quase saindo, quando ele volta e bate até o fim. Reviro os olhos

na hora. Ele faz de novo e meus seios doem quando aquele mastro grosso vai me abrindo. Solto um gemido. Fica fazendo isso por muito tempo, sinto minha vagina se abrir para ele passar, sinto tudo dentro de mim se manifestar indignado, querendo mais, precisando de um contato mais rápido, estou me queimando toda.

Ele enfia os dedos nos meus cabelos, afogando com gosto, segura firme e desce a outra mão pelas minhas costas, estacionando ali no quadril.

— Ah, Oly! Assim não tem pau que aguento — fala como se lamentasse. — Romeo...

— Calma. Deixa eu te comer devagarzinho. — Estou quase a ponto de camisa de força. Minhas unhas cravam no braço dele que me segura, jogo minha bunda mais para trás, precisando de mais e, quando ele morde minha orelha, aí eu piro e dou

NACIONAIS - ACHERON

um gemido de protesto. Romeo ri, vira meu rosto para trás e me beija.

—Um kit tombada para gestante não pode ser rápido. O cavalheiro precisa tombar a dama aos poucos. Aguenta, Oly.

— Romeo! Estou toda ardendo... por favor... por favor. — Ele ri muito.

— Ok. Você é uma menina que não sabe seguir regras.

Ele abaixa mais minhas costas, segura no meu seio, abre as pernas e começa. Forte e rápido como eu queria. Vai aumentando aos poucos, médio, duas batidas. Mais forte, uma, duas, batidas fundas. Eu gemo desvairada, querendo mais. Uma mão dele segura firme meu quadril, e meus dedos apertam com força o sofá. E ele vai com tudo, nós dois

gemendo enquanto ele bate pra valer. O som característico das arremetidas úmidas me deixa mais arrepiada, mesmo através da música, posso escutá-lo gemer.

Delirada de tanto prazer, totalmente possuída e amada de um jeito carnal e selvagem, com a visão turva, sentindo toda a combustão que ele me proporciona com cada metida feroz, eu me acabo num gozo tão profundo que fico fora de sintonia, só consigo sentir as invasões rápidas e deliciosas que ele continua me proporcionando. Quanto mais eu me tremo toda no orgasmo, mais ele investe rápido, preenchendo-me com toda aquela potência robusta. Ele goza na mesma intensidade que eu.

Ficamos agarrados ali, no sofá, respirando rápido, e eu ainda longe de me sentir saciada. Romeo não espera eu me recompor. Sai de dentro

de mim e do sofá, aperta um controle e o som desliga. Ele pega a garrafa, toma um gole exagerado, como se tivesse com muita sede, de pé na minha frente, com o pênis ainda todo melado e duro. Vem até mim, me faz beber um pouco e me entrega a garrafa.

— Segure — diz e me ergue em seus braços. — Agora vamos para o quarto.

— Mais?

— Sim. Um kit tombada só termina quando a pessoa fica tombada. Vai andar no carrossel agora — avisa já subindo as escadas, eu rio.

— Carrossel?

— É. Montar num cavaleiro.

Amor tem grau? Não sei. Só sei que amo, cada

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dia mais, meu Romeo.

NACIONAIS - ACHERON

ROMEO

— Está tudo bem? — pergunto a Olivia assim que paramos em frente à casa dos pais dela. Ela passou o dia inquieta, um tanto tensa. Hoje é o noivado de sua irmã e, como os pais de Olivia estão armando um casamento negociado com a família Caldeira, lógico que eles vão fazer tudo tradicionalmente, querem mais é exhibir.

— Está... Eu só... — começa a falar, para e olha para a própria mão, mexe no anel que eu dei e ergue os ombros. — Pouco mais de um ano atrás, eu estava no lugar de Virginia. — Olivia levanta os olhos para mim. — Só tenho pena por ela.

Fecho minha mão na dela e balanço a cabeça num gesto negativo, demonstrando que não aprovo esse pensamento dela.

— Ela não passará o que você passou. Benjamim é um babaca, mas no estilo vida fácil, não um babaca no estilo Ludovico.

— Espero que seja. Se é para ele ser infiel, que a trate bem ao menos — ela pondera olhando minha mão.

— Ela tem um ponto a favor. Os pais dele gostam de sua irmã. — Espero Olivia assentir. — Vamos esquecer isso e ir curtir a festa? — Ela olha para a movimentação de carros na frente da casa dos pais e vira para mim com a testa enrugada.

— Ai, desculpe-me mais uma vez, Romeo. Estou morta de vergonha. Não acredito que meu pai

foi te pedir ajuda.

Ergo os ombros e dou um sorriso sincero para acalmá-la. Sim, o pai dela foi ao meu escritório na Orfeu, chorar, dizendo que estava num mês de produção difícil na fábrica dele e que queria fazer um noivado decente e, como eu agora faço parte de sua família, que podia contribuir com alguma coisa para o noivado de Virginia.

— Sem problemas. Esqueça isso. — Dou um beijo nela, saio do carro e abro a porta para ela sair.

Quando o pai dela me pediu ajuda, eu fiquei por vinte segundos apenas olhando para a cara lavada dele. Por fim, descobri que é meu carma e preciso suportá-lo. Disse que ele poderia ficar tranquilo que eu providenciaria buffet e bebidas. Se achou que eu faria uma transferência bancária ou daria um cheque, pensou errado. Se um alcoólatra

NACIONAIS - ACHERON

pedir dinheiro para comprar comida, vá comprar a comida e dê a ele. Não dê o dinheiro.

Não contei para Olivia, não tinha por quê. Mas a irmã dela acabou colocando tudo a perder quando pediu que me agradecesse pelo presente. E, quando Oly veio tirar satisfação, fiquei tão excitado por ela estar toda brava e chocada. Nem vi a hora que pulei em cima dela, e caímos no chão da sala.

— Romeo! — gritou, esperneou, tentando se levantar de cima de mim.

— Escute! — pedi, e ela parou de se debater. — Imagine que você tenha dez reais e tire um centavo. — Abracei-a forte para ela não se levantar. — Não vai fazer nem cócegas. Foi isso que aconteceu. Nosso presente para sua irmã.

— Mas você não me contou — contestou

revoltada. — Eu te pedi, Romeo...

— Vou fazer você ficar brava mais vezes, fica muito gostosa quando briga comigo. — Claro, acabamos transando no chão da sala e, depois que estávamos pelados e abraçados na maior vida boa, eu expliquei que não fiz porque o pai dela foi pedir, mas porque eu quis e prometi contar a ela todas as vezes que ele for pedir dinheiro e não esconder mais nada. Na verdade, eu ainda escondo tudo sobre o novo dono da Mademoiselle e até pedi para ela não falar que é minha noiva. Angelina me conhece, se souber que a cunhada de Lorenzo está trabalhando lá, o caldo pode desandar. Quando Lorenzo anunciar que é o novo dono, eu conto tudo para Olivia. Afinal, esse é um segredo que não é meu.

— Seus irmãos vêm? — pergunta assim que

nos aproximamos da entrada da casa.

— Meu primo chegou, e eles vão fazer a farra, mas disseram que vão dar uma passadinha aqui. — Entramos na casa e nos deparamos com uma cerimônia de primeira qualidade. O pai de Olivia não economizou para se exhibir para a família do noivo, claro que eu dei toda a comida, mas a decoração está de alta classe. Pessoas elegantes circulam pelo ambiente, champanhe é servido como água. Vejo, ao longe, os pais de Olivia juntos como um feliz casal de classe média alta, demonstrando algo que não é a verdade.

— Não sabia que seu primo ia chegar — Olivia murmura.

— Pois é. Veio para um evento no clube que Magno frequenta. Olha lá sua irmã. — Aponto, já mudando de assunto. Eu me recuso a entrar em
NACIONAIS - ACHERON

detalhes com Olivia sobre o clube de Magno. Ela sempre me pergunta sobre o assunto, quer saber se eu frequento, se eu já fui e que clube é esse. Respondo sempre por alto, se ela souber do que se trata esse clube e que eu ainda sou oficialmente um membro...

Caminhamos até os noivos, eles estão circulando e cumprimentando as pessoas. A irmã de Olivia não se parece muito com ela, mas é igualmente bonita. Pequena, feminina e delicada. A inocência banha seu rosto logo de cara, um contraste gritante com Benjamim que é pura perversão.

— Oi, Olivia. — Virginia dá um sorriso contente, esbanjando. Abraça de leve a irmã e depois se volta para mim. — Oi, Romeo.

— Oi, Virginia. — Viro o rosto e encaro

NACIONAIS - ACHERON

Benjamin. — E aí, cara? — Pegou na mão dele e, em seguida, aponto para Olivia. — Minha noiva, Olivia, irmã da Virginia. — Eu nem fico surpreso com o olhar gordo que ele passa pelo corpo de Olivia.

— Oi, futura cunhada. — Ele acena com o queixo para Olivia. — Fez um bom negócio com esse cara aqui, — bate no meu ombro — seria ruim se fosse o puto do Magno.

De lábios fechados, dou um sorriso falso. Olivia e Virginia sorriem sem graça. Dou dois tapas de aviso no peito dele. Benjamim olha para minha mão e depois para minha cara.

— Você que é um cara sortudo. Dê valor a sua sorte. — Ele entende, pessoas da laia dele entendem avisos. — Vamos deixar vocês cumprimentarem os convidados. — Olivia e eu

NACIONAIS - ACHERON

acenamos e nos afastamos.

— Não gosto dele — murmura. — Não fui mesmo com a cara dele. — Estou prestes a comentar alguma coisa quando um vulto vem em minha direção.

— Ah! Vocês estão aí! — Paramos quando Kate entra no nosso caminho. Ela está de um jeito que nunca vi antes. Usa um vestido bonito e os cabelos estão presos, bem penteados. Aparentemente revoltada, Kate mira Olivia com uma fria expressão. — Eu só vim por sua causa e você me deixa aqui, sozinha, à mercê de patifes mal-educados. Cansei. — Ela joga as mãos para cima e começa a se afastar. Seguro no braço dela e a trago de volta.

— O que houve? — Olivia e eu perguntamos quase juntos.

NACIONAIS - ACHERON

— O que houve? Eu estou aqui há horas me entupindo de canapés e champanhe. — Bate a mão nos quadris. — Não conheço ninguém.

— Kate, eu não demorei mais que meia hora — Olivia retruca.

— Ok. — Com a mão no peito, ela respira fundo e olha ao redor. — Eu só estou mesmo precisando tirar esse sapato e desamarrar os cabelos. Vou embora, Oly.

— Não, espere. Kate, você tem que ficar. — Kate rola os olhos e muda o peso do corpo no pé. Faz um bico.

— Brigou com alguém? — questiono, afinal isso está na cara dela.

— Sim, briguei com um filho da mãe.

— Espero que não seja com Magno — falo.

— Não, não foi ele. Magno vai estar aqui?

— Provavelmente. — Ergo o rosto apontando Benjamim do outro lado. — É parceiro de negócios do noivo. — Kate acompanha meu gesto, olha para os noivos e sorri.

— Já devia ter imaginado. Romeo, vá buscar suco de laranja para Olivia e me deixe falar com ela dois minutos?

— *Tá.* — Aceno para as duas e me afasto. Kate segura no pulso de Olivia e a leva para o canto, com olhos saltados, ela já começa a fala. Olivia a ri enquanto Kate gesticula sem parar. Eu caminho, pesco uma taça de champanhe e vou cumprimentar os pais de Olivia. Eles não são receptivos, a mãe se sente muito desconfortável na minha presença.

Converso pouco com eles e saio para conversar com outras pessoas e, para minha surpresa, vejo Lorenzo conversando com uns caras. Ele olha, me vê, pede licença e vem falar comigo.

— E aí?

— Você veio mesmo — observo.

— Demos uma passadinha.

— E Magno?

— Está vindo. — Feliz da vida ele fala. — Amadeo armou confusão com alguém aí.

— Já? Onde eles estão?

— Deixei lá fora, vamos. — Ele começa a andar, e eu o sigo até a área da frente. Em toda a casa há poucas pessoas, convidados selecionados,

algo em torno de cinquenta. Aqui fora tem menos ainda. Magno já está voltando lá da rua.

— E aí? Cadê o Amadeo? — Eu ainda não vi meu primo desde que ele chegou ontem. Lorenzo olha em volta, fazendo o mesmo que eu, procurando no meio das poucas pessoas.

— Já foi. — Magno passa as mãos nos cabelos. — Também já estou indo, só vou cumprimentar Benjamim.

— O que houve? — indago.

— Não sei. — Magno dá de ombros. — Deixei ele sozinho dois segundos e alguém conseguiu deixar ele puto. Acho que foi a família doida de sua noiva.

— É bem provável — admito, concordando

com ele — Amanhã, eu ligo para ele ir lá em casa conhecer a Olivia. Vocês vão para onde? — Olho para os dois.

— É sábado, mano, festa no clube. Bem melhor que aqui. Aposto que Benjamim deve estar se roendo por não poder participar. — Ele ri, Lorenzo resmunga algo e os dois passam por mim em direção à porta da frente da casa, a mim só resta segui-los.

A cerimônia foi bem do jeito antigo mesmo. Com direito a bolo e troca de alianças. O noivo ganha uma aliança prateada e entrega o tão esperado anel a noiva. Saímos cedo, só esperamos cortar o bolo, pois Olivia estava salivando de vontade. Chegamos em casa e ela já me agarrou na sala.

— Tire essa roupa. — Já começou a arrancar

NACIONAIS - ACHERON

meu terno. — Passei o dia doida de desejo.

— Desejo de grávida? — pergunto humorado já desabotoando meu cinto.

— Sim. Muito desejo. — Ela descarta meu terno e, freneticamente, desabotoa minha camisa. — Ah, meu bom Jesus! Seu cheiro me alucina, Romeo! — Minhas calças descem pelas pernas, meu pau já duro. Ela olha nos meus olhos, está nervosa demais, Oly fica muito apavorada quando está excitada. — É muito sofrido ser sua mulher, nunca sei quando vou ficar excitada te olhando. — Não teve como eu não gargalhar de ego inflado. Fico só de cueca na frente dela, mantenho a mão na cintura e ela me olha, mordendo os lábios. Seus olhos paralisam no meu pau, e ela sorri.

— Ai, Deus! Melhor que bolo recheado. — Nem espero ela me atacar, rindo mais, eu a pego no

NACIONAIS - ACHERON

colo, caminho com ela para a escada, subo e entro no nosso quarto, empurrando a porta com um pé. Deixo ela escorregar pelo meu corpo e ficar de pé à minha frente. Deixo, também, ela encostar os lábios no meu peito e plantar um beijinho. Calmamente, ajudo-a a tirar o vestido, depois tiro o sutiã e abaixo, dando uma chupadinha de boas-vindas em um dos seus seios.

— Sou todo seu. Mate seu desejo. — Ela ri de bochechas mais vermelhas ainda, engancha os dedos na minha cueca e me puxa. Caio em cima dela na cama.

— Não ouse me colocar por cima. — Avisa, me abraçando com braços e pernas. — Quero sentir seu peso, seu corpo em cima de mim. — Paro um pouco retesado. — Romeo! — Ela agarra meu peito com as unhas. — Não tem o que pensar.

— Tudo bem. Seu desejo é uma ordem, meu amor. — Abocanho a boca dela, fazendo-a gemer com o primeiro toque da minha mão entre suas pernas.



Nunca quis que o tempo passasse rápido como quero que passe agora. Não aguento de ansiedade para que Olivia ganhe logo nosso bebê. Mas também quero aproveitar essa fase dela. As semanas estão passando, e Olivia fica cada dia mais bonita, ou melhor, gostosa a um nível espetacular. Já tinha uma bunda ajeitada, agora está maior, os peitos também estão um espetáculo de cheios, deixando-me, claro, de calças apertadas. Atingimos quatro meses e chega a ser engraçado ficar observando o comportamento dela.

Uma das coisas que mais me faz dobrar de rir é quando ela come e chora. Sabia que grávidas ficavam emotivas e esperava vê-la fazer drama, Oly é bem tranquila, mas cabeça de mulher é a máquina mais complicada do mundo. Já estava preparado para qualquer reação dela, mas, desde sempre, tudo em Olivia é diferente. Ela não enjoa, não está ganhando peso na mesma velocidade que levo para tomar uma cerveja, mas ela manifesta coisas estranhas: eu pedi pizza numa noite dessas, calabresa e portuguesa, às nove da noite, preparamos um filme bom, ela trouxe os refrigerantes e sentamos no sofá com a caixa no meu colo. No terceiro pedaço, ela tampou os olhos com o braço e começou a se dissolver em um pranto de cortar o coração. A fatia de pizza balançava em sua mão. Fiquei assustado, estávamos assistindo a um filme de herói, nada de romance ou drama, fiquei confuso e preocupado.

Joguei a caixa de pizza de lado e levantei o rosto dela para olhar.

— Oly... O que houve? — Já estava achando que ela estava sentindo alguma coisa.

— Não é normal, Romeo. — Olhou para mim, dolorosamente, sofrida. Fungou e respirou entrecortado. — Estou comendo como um boi. Você comeu duas... — Soluçou. — E eu já estou na terceira.

Sério cara, não é para eu rir dessas coisas. Eu tenho que dar apoio a ela, mas não aguentei. Puxei a cabeça dela para meu peito, a abracei apertado e ri baixinho.

— Pare de rir... Ro... Romeo.

Desse dia em diante, ela tinha esses ataques

quando comia demais. Mas eu, como um bom noivo e cavalheiro, sempre mostro que, apesar de ela estar nessa comilança desenfreada, está muito bonita. E aí ela se acalma e fica suspirando, pensando enquanto continua comendo. E olha que ainda está no quarto mês, nem barriga direito ela tem.

Oly é uma doçura, até mesmo nos dramas da gravidez.

OLIVIA

Ludovico está preso e vai passar por um julgamento. Eu ainda não decidi se quero ir, conversei com Núbia e Leandra, elas estão contando os dias para que chegue logo. Elas não vão depor, pois ele está sendo acusado de sequestro, tortura e tentativa de assassinato contra mim e assassinato contra Sônia, um dos comparsas dele, um dos que me sequestrou, contou onde está o corpo de Sônia.

Eu não quero me vingar, quero apenas que a justiça seja feita, e ele não fique menos de dez anos preso. Quero que meu filho cresça livre, sem eu ter que morrer de medo todos os dias em que o menino

for para a escola ou sair de casa.

Falar em filho, ainda não escolhemos o nome. Todo mundo está dando palpite. Kate quer que se chame Christian, mas Romeo odiou. Ele ainda quer que seja Gael, e eu prefiro Eric, estamos num impasse. Mas nem preocupo-me com isso, só quero mesmo olhar para a carinha dele. Se tiver os mesmos olhos do pai, será disputado entre as garotas.

E já que falei em disputado pelas garotas, lembrei-me que hoje, domingo à tarde, conheci mais um integrante da família Lafayette. Ele se chama Amadeo, é primo do Romeo por parte do pai. Fiquei pensando se na família de Romeo não tem homens normais, pois o que veio hoje me conhecer é bem bonito. Tive vontade de correr, pegar o telefone e ligar para Kate, afinal vejo um

homem bonito e só penso em qual seria a reação dela. Mas, depois do fracasso que foi a tentativa dela de pegar Magno, eu decidi me comportar e apenas conversei calmamente.

Para melhorar ainda mais minha vida, comecei semana passada na Mademoiselle. Foi fantástico entrar lá. Parei diante do prédio e olhei para o nome grande e imponente. Fiquei ali, parada, pensando em quando eu era apenas uma leitora, quando via a Madde apenas por revistas, quando olhava os vestidos, bolsas e acessórios e sabia que eu jamais poderia ter um daqueles. Tinha pedido a Ludovico certa vez, e ele me disse que jamais pagaria aquele preço numa roupa de mulher, que os ternos dele já eram caros demais. Hoje, não só tenho várias roupas da Madde, como estou entrando pela porta da frente para fazer parte da equipe de criação.

E, para a minha maior surpresa, não conheci apenas a equipe de criação. Angelina estava lá, em pessoa. Fui apresentada a Beth Velasco, prima de Angelina e chefe da equipe de design. Ela me explicou tudo o que eu tinha que fazer, disse que ela era a única de confiança de Angel que desenhava, que minha função era apenas corrigir desenhos de outros designers e montar o portfólio para ser entregue na diretoria, ou seja, para a Angel aprovar. Eu apenas assentia, abobalhada com tudo a minha volta, ainda preciso de um choque de realidade para acreditar em tudo isso.

Ela nos contou que a empresa estava passando por um momento difícil, que outro dono estava no comando administrativo, mas que as coisas continuariam do mesmo modo. Eu sabia mais ou menos sobre isso, sobre essa venda, Romeo me contou que o banco AMB está como acionista

majoritário. O importante é que Angel continue sendo a chefe. Assim que o resto da equipe saiu e Beth me mostrou onde eu ficaria, junto com ela em uma sala, ela veio até mim, com seu vestido de linho elegante e saltos bem altos.

— Olivia, não é isso?

— Sim — assenti sorridente.

— Escute, você é novata, uma estudante de moda, e eu sou uma veterana nessa empresa. Precisa seguir todas essas ordens com verdadeira obediência.

— Sim, claro — concordei.

— Não quero e não preciso ouvir suas opiniões ou palpites. Quero apenas ver seu trabalho pronto no final de cada dia. O que eu digo aqui é lei, a

única acima de mim é Angel.

— Claro. — Tornei a concordar.

— Tudo o que fizer deverá mandar para eu aprovar. Nada pode ir para a mesa de Angelina sem ter passado pelas minhas mãos.

— Ok — assenti mais uma vez, e ela virou as costas já dizendo: Siga-me. Fui atrás dela, subimos em um elevador e chegamos a um andar que me fez perder o fôlego. Já tinha visto fotos desse lugar nas revistas. Aqui é o andar onde Angel trabalha. Olhei para as mesas dos produtores, de um lado, fica a edição da revista, do outro, fica a revisão de portfólio. Estou nas nuvens. Beth me apresentou a várias pessoas e parou diante de uma porta onde lia-se:

ANGELINA VELASCO - DIRETORA DE

NACIONAIS - ACHERON

MODA

Deu dois toques e entrou. Manteve a porta aberta para eu passar e tive um pequeno enfarte ao ver, atrás de uma mesa, ela, com seus cabelos negros, seus óculos de leitura cheios de estilo, sua postura encantadora. Angelina.

— Angel, vim mostrar a funcionária que foi indicada pela AMB. — Vi um leve revirar de olhos de Beth em minha direção. Angelina tira os óculos, olha-me de cima a baixo e logo sua expressão se fecha.

— Qual o seu nome? — Recosta-se na cadeira e mexe uma caneta nos dedos.

— Olivia. — Simplesmente não consigo manter minha boca fechada. Já estou sorrindo.

— Oi, Olivia, acho que Beth já contou como as coisas funcionam aqui.

— Sim, já. — Caminho rápido até ela e estendo minha mão. — Estou muito feliz de estar aqui, Angel, meu sonho era conhecê-la e... — Ela olha para minha mão, aperta de leve e continua com a cara fechada.

— Primeiramente, não é Angel. Não são todos que podem me chamar assim. Angelina, por favor. E não pense que só porque foi indicada pelo banco vai poder fazer o que quiser.

— Claro... Eu sei. Na verdade, meu noivo...

— Ok, querida. — Ela dá um sorriso amarelo me interrompendo e estende a mão para mim. — Foi um prazer conhecê-la. Beth, eu preciso muito ficar sozinha.

— Ah! Claro, Angel. — Beth assente e corre para a porta. — Por aqui, Olivia. — Eu dou um tchauzinho para Angel que sorri de leve e saio muito feliz, apesar de ter achado ela muito fria para aquela doçura que as revistas sempre diziam.

Decido não contar isso a ninguém. Ela deve estar passando por um momento ruim. Apenas fui para minha mesa e comecei a trabalhar, desenhar é uma das coisas que mais gosto de fazer e está sendo maravilhoso. Depois de uma semana, já aprendi até a mexer no programa de computador para deixar os desenhos de modo mais profissional, antes de anexá-los ao fichário de moldes.

Eu não vi mais Angel depois daquele dia, mas tenho apenas uma semana trabalhando na Madde, e estou adorando.



MESES DEPOIS...

Número Desconhecido: Olá.

Eu: Olá.

Número Desconhecido: Tudo bem?

***Eu: Não estou reconhecendo esse número.
Poderia dizer quem é?***

***Número Desconhecido: Alguém que você não
conhece. Seu admirador secreto.***

***Eu: Oi, admirador secreto, eu estou
comprometida. E o amo muito. Até mais.***

Número Desconhecido: Esse cara é tão
NACIONAIS - ACHERON

sortudo. Tem uma mulher maravilhosa. Você é tudo que qualquer homem quer, mas só ele é o sortudo.

***Eu:** Acabo de me apaixonar mais ainda por ele.*

Sentada na cozinha, olho o celular que apita mais uma vez. Acabei de deixar o aparelho de lado, estou tomando café e folheando o último exemplar da revista Manequim. No início, era meu principal passatempo, ficar folheando revistas de modas, depois ir para meu atelier e criar um modelo para mim, mas foi como se eu precisasse de mais. Entretanto, eu me perguntava: mais o quê?

O celular apita mais uma vez informando que chegou outra mensagem, e eu o olho com expectativa. Daqui a pouco, tenho que começar o

almoço. Olho no relógio da parede e fico tranquila, sabendo que ainda tenho meia hora de tranquilidade. Pink levanta a cabeça e me olha pidona.

— Tome aqui. — Balanço um biscoito no ar, e ela levanta as orelhas, dá um pulo e vem pegar o petisco. Faço um cafuné na cabeça dela e volto a folhear a revista.

Minha cozinha é enorme, bem arejada, bem equipada, uma cozinha dos sonhos, minha cozinha dos sonhos, assim como toda a casa. Casei-me aos vinte e dois anos, com um homem muito influente na cidade. Ele é trinta anos mais velho que eu, mas foi a salvação para mim e minha família. Divorciei-me um ano depois. E hoje ele não é nada na cidade.

Meu celular apita novamente, e eu pego. Três mensagens não lidas. Tampe minha boca sorrindo,
NACIONAIS - ACHERON

respondo a mensagem e deixo-o ali de novo, no balcão. Já perdi a concentração por causa dessas mensagens.

Fecho a revista e pego meu livro encadernado de receitas. Na geladeira tem um bilhete para o pedido do almoço de hoje. Seria mais um desafio. Mamãe disse que uma mulher que não sabe cozinhar e cuidar do marido é uma vergonha para seus pais. Eu discordo dela, discordo muito. O caráter de uma mulher não é medido pelo seu grau culinário.

Todos devem estar pensando: o que essa mulher faz da vida?

Agora, não muito. Já estou com oito meses de gravidez. Mas eu trabalho numa empresa maravilhosa e, daqui a três anos, me formarei no curso de moda e design. Ah! Tem razão, eu não

NACIONAIS - ACHERON

faço muito aqui. Meu noivo não deixa. Ele quer que eu passe o dia no sofá lendo, assistindo TV e me mantendo quietinha, nosso filho vai nascer mês que vem, e ele acha que gravidez é doença, no bom sentido. Queria tirar folga para cuidar de mim, mas eu pedi que esperasse o bebê nascer para ele tirar uns dias de folga, mesmo sabendo que ele não tira folga da empresa. Foi um árduo trabalho convencê-lo de que eu queria fazer o almoço hoje, já que não fui trabalhar por indisposição. E ele escreveu ali no bilhete na geladeira:

*“Pão de forma, presunto, mussarela e tomate.
Deixe na geladeira para mim, vá deitar e colocar
as pernas para cima.*

Te amo muito. Seu Romeo.”

Escolho uma carne para fazer e começo a cortar. Até que a porta se abre, eu olho e vejo ali,
NACIONAIS - ACHERON

Romeo parado. Olho para o relógio, ainda não são dez da manhã.

— Oi, amor. O que está fazendo aqui tão cedo?

— Ele vem para perto de mim e me entrega uma coisa. Eu limpo minhas mãos, pego, olho o embrulho e sorrio para ele.

— Coloquei meu número no privado, para brincar, mas não consegui ficar só nas mensagens. Vim aqui ver a mulher que sempre vou admirar e amar. — Ele me dá um beijo nos lábios e aponta para o embrulho na minha mão. Sorrio, balanço a cabeça confusa e abro o cartãozinho.

Descubra quem você é, e faça disso um propósito.

Na mesma hora que leio, uma lágrima escapa do meu olho. Sorrindo com os olhos cheios de

lágrimas, abro o pacote e vejo ali o livro *Um amor para recordar*. Todas as lembranças vêm com força total. Tudo o que eu passava e como hoje vivo tão maravilhosamente bem.

— Amor... Obrigada — sussurro para ele.

— Não chore... É só um livro. — Romeo limpa minhas lágrimas.

— Não, não pelo livro. — Abano a cabeça. — Pelas coisas que me deu, por tudo que me ensinou. Agora tenho a resposta para uma pergunta antiga que me fez. Tenho três coisas que gosto, melhor, que amo muito: Você, nosso bebê e eu mesma. Agora eu consigo me olhar no espelho, não vejo a filha de alguém ou a esposa de alguém, vejo Olivia.

— Minha, Oly. — Ele me puxa e me abraça apertado. — A mulher da minha vida.

— Meu Romeo. Meu admirador secreto — murmuro com meu rosto na gravata dele. Quando ele levanta meu rosto para me beijar, ouvimos latidos altos. Olhamos, e Pink pula nas pernas de Romeo.

— Ciúmes? — pergunta, olhando intrigado entre mim e Pink.

— Não. Ela é minha confidente, sabe tudo que eu passei, ela só está feliz também.

Ele afaga Pink, depois segura meu rosto e voltamos a nos beijar.

EPÍLOGO

Olivia

As fofocas sobre minha vida explodiram, veio tudo de uma única vez. Claro que não tenho nada a esconder, mas não gostei de tudo aquilo que saiu a meu respeito. Em sites, revistas e até na televisão, as notícias giravam em torno do que aconteceu comigo. É incrível como eles fazem de tudo para conseguir um furo de reportagem. Pediram autorização para entrevistar Ludovico no presídio e, quando descobriram pelo próprio Ludovico que eu estou com Romeo, eles voaram para a Orfeu na tentativa de descobrir alguma coisa. Ainda bem que sobre nós, nossa vida íntima a mídia pouco sabe.

As manchetes eram coisas do tipo: *Empresário*
NACIONAIS - ACHERON

preso por tentativa de homicídio contra esposa conta tudo. E lá, Ludovico dizia que Romeo foi o culpado, que invadiu a casa dele e violou sua esposa. Eu queria ignorar, mas Romeo exigiu direito de resposta e o advogado dele contou brevemente, em uma carta, a maneira como eu era tratada e como quase fui morta. Depois dessa carta do advogado de Romeo, as matérias começaram a relatar o abuso que sofri por Ludovico, as esposas dele contaram, brevemente, sua versão, confirmando meu lado. E, logo em seguida, tudo girava em torno da minha vida com Romeo. E isso me deixou desconfortável, pois tem umas pessoas que sabem como tocar na ferida.

Romeo foi pessoalmente à casa dos meus pais e não pediu, ordenou que eles mantivessem o bico fechado e não falassem a nosso respeito com repórteres. E nem precisou muito para eles

concordarem. É lindo ver meu noivo todo imperativo com raiva. Ele fica tão atraente...

Minha gravidez está indo adiante, as semanas passando depressa, estávamos ajeitando tudo para a chegada do bebê, a última coisa que queríamos era mal-estar com a imprensa. Optei por me manter longe do foco, saí poucas vezes à noite com Romeo. Fui a apenas uma festa com ele e foi totalmente diferente das vezes que eu ia com Ludovico.

Antes de tudo, dois dias antes, Romeo veio, me pegou e saímos juntos sem eu saber para onde. Ele me levou a uma loja tão luxuosa que fiquei estatelada. Como estavam veiculando coisas sobre minha vida na mídia, eu era a única cliente. Como assim? Pois é. Ele ligou antes e perguntou se tinha como fechar a loja por uma hora para nos receber.

Entramos, e eu fiquei confusa quando vi quatro mulheres sorridentes prontas para nos receber. O segurança ficou do lado de fora da loja.

— Romeo... — murmurei em alerta, segurando firme no braço dele, mas antes dele falar qualquer coisa, uma das mulheres veio nos cumprimentar.

— Romeo, Olivia, sejam bem-vindos! — falou como se já nos conhecesse há tempos. — Fiquem à vontade e o tempo que precisarem.

— Apenas mime minha mulher e ficarei feliz — disse, sentou numa poltrona e logo fui apresentada a vários vestidos de festa. — Sai de lá com várias sacolas e uma cara feia por ele ter comprado tanta coisa. Mas não tem como eu ficar muito tempo com raiva dele. Romeo sabe como fazer as pazes.

Dois dias depois, eu entrava com ele em uma festa maravilhosa, desci do seu carro e meus olhos foram ofuscados por flashes de câmeras. E, durante toda a festa, fiquei ao lado dele, de cabeça erguida. Podia falar, sorrir e me sentar quando cansava. E o melhor era ver o orgulho nos olhos dele quando dizia para alguém: Essa é Olivia, minha noiva.

Não há como comparar a minha felicidade em ter minha própria vida, independente, com a vida de antes, quase nem consegui respirar de felicidade quando recebi meu primeiro contracheque. Estava lá, funcionária da Mademoiselle, e assinado por Angelina. Corri para casa e dancei na frente de Romeo exibindo o papel.

— Olha quem tem uma conta no banco e é assalariada! — gritei, dando pulinho. Ele só ria. É

ótimo poder compartilhar minha felicidade com ele e ver que ele ficou igualmente feliz por eu estar saltitante e alegre. Nesse mesmo dia que recebi o contracheque, Angelina me chamou à sala dela. Na verdade, ela me entregou pessoalmente. Eu estava confusa, pois todos eram chamados em outra sala para receber os pagamentos, mas eu não. Eu pensei na hora que poderia ser por causa do meu trabalho. Em um mês, eu estava me empenhando bastante e, talvez, Beth tivesse contado a Angel que fui eu que reformulei vários moldes e refiz alguns desenhos. No início, mantinha tudo guardado, pois não fui autorizada a fazer coisas que Beth não pediu, então, eu consertei uns desenhos, aprimorei outros e guardei numa pasta junto com algumas de minhas criações.

Fiquei perplexa ao ver no catálogo de lançamento, que três das minhas criações estavam

ali, junto com os outros de Beth, com as modificações que fiz. Olhei direito e não havia créditos para mim. Não falei nada, pois, para mim, foi uma honra ter um dos meus desenhos em um catálogo oficial da Madde. Quase morri de felicidade. Quando entrei na sala, Angelina me indicou uma poltrona diante de sua mesa.

— Olivia, sente-se, por favor. — Sentei-me, dei uma olhada ao redor, admirando a beleza da sala dela. — Aqui está seu contracheque. — Ela empurrou o papel na mesa. — Está indo bem para seu primeiro mês. — Olhei para seus belos dedos, unhas muito bem-feitas e um relógio de ouro no pulso. Peguei o papel e sorri para ela.

— Obrigada, Angel... — balancei a cabeça — desculpe... Angelina. — Ela assentiu, me observava atentamente. Já notei que, desde que cheguei aqui,

há um mês, ela tem estado visivelmente abatida. Apesar de se mostrar altiva e elegante, via quando ela passava que sua expressão não era das melhores.

— Está acontecendo alguma coisa... com você? — Nem sei como tive coragem de perguntar, mas as olheiras dela eram nítidas.

— O novo acionista majoritário — rosnou em um ataque de fúria repentino. — Estou sendo infernizada. — Antes de eu falar qualquer coisa, ela se recompôs e sorriu. — Deixe isso pra lá. — Abanou as mãos. — Apenas um problema passageiro que vou resolver. — Assenti balançando a cabeça. — Olivia, tenho lido sobre você.

— Ah... — Naquele momento, pensei que ela não tinha gostado de ver uma funcionária no centro do furacão.

— Fiquei sabendo o que passou com seu ex-marido.

— Pois é. Foi terrível.

— É. Nem posso imaginar como deve ter sofrido. Mas está bem agora, não é?

— Sim, estou. — Demonstrei como estou bem num sorriso agradável. Ela sorriu comigo e olhou para a mão em minha barriga.

— Está com quantos meses?

— Cinco. Quer dizer — meneei a mão — quase cinco. — Ela assentiu.

— Fiquei sabendo que está noiva de Romeo Lafayette, CEO da Orfeu.

— Sim. — Toquei na barriga de novo. — Pai

do meu bebê.

— Por acaso conhece o... — ela pausou, pigarreou e com os olhos vidrados indagou. — O Lorenzo?

— Sim. É irmão do meu noivo. — Impaciente, Angel ajeitou a franja.

— Olivia, conte-me sobre sua indicação para trabalhar aqui. Por que foi indicada pelo grupo AMB?

— Ah! — Sorri aliviada. — Eles são amigos do Romeo. Estiveram lá em casa, e Romeo comentou que sempre sonhei em trabalhar aqui. Fui pega de surpresa quando eles me disseram que eu viria para cá. Foi isso.

— Ah! — Foi a vez dela respirar aliviada e

sorrindo. Colocou a mão no peito e sorriu mesmo. — Nossa, achei, por um segundo, que você tivesse algo com eles e depois que fiquei sabendo que você é cunhada do... er... uhm... Lorenzo, eu nem sei o que pensei.

— Não. Eu só amo demais estar aqui. Amo mesmo. Sempre acompanhei tudo sobre a Madde nas revistas. Estar aqui é um sonho.

— Você está fazendo um bom trabalho. Beth me mostrou os desenhos fabulosos que ela fez e disse que você deu algumas opiniões. — Franzi o cenho e apenas assenti, sem entender muito bem. Os desenhos que Beth fez estavam tão antiquados...

Contei a Romeo a conversa que tive com ela, e ele apenas deu de ombros, disse que é problemas de empresas, coisas tediosas entre a Mademoiselle e o banco. E eu nem quis saber mais detalhes.



Gael Buarque Lafaiette veio ao mundo em um dia de sábado do mês de março, às dez da manhã.

Não teve correria, não morri de dor, não fiquei esperando dilatação, sentindo as contrações. Desde o início, quando comecei o pré-natal, eu optei pela cesárea. A médica disse que marcaria uma data provisória e faria todos os acompanhamentos.

Ele mexia demais na minha barriga, Romeo ficava boquiaberto, pasmo, apalpando minha barriga e sentindo.

— Meu Deus do céu! Oly, acho que você vai dar à luz a um atacante da seleção. — Romeo falou com o ouvido na minha barriga. — Mas também, ele foi fruto de um kit tombada, vai dar tombo geral por aí. Esse meu menino.

E, por ele mexer tanto, tive um pouquinho de medo do bebê vir antes. Mas nada disso aconteceu. Tive uma gravidez bem tranquila, ia duas vezes por semana em uma academia de ioga, lia muitos livros sobre o assunto e comia demais. Comia, chorava, me arrependida e, quando Romeo me consolava, eu ficava animada e comia mais.

A médica decidiu adiantar a cirurgia, ainda faltavam duas semanas para completar os nove meses. Acho que nem dormimos direito de sexta-feira para sábado. Levantamos juntos, nos arrumamos e Romeo pegou a bolsa de bebê que já estava arrumada há um mês.

— Pronta? — perguntou nitidamente apavorado, mas sem querer demonstrar.

— Sim. — Tentei sorrir, mas não consegui. Estava felicíssima, ansiava ver o meu filho, mas

NACIONAIS - ACHERON

não deixava de ter certo receio. Descemos as escadas e, lá embaixo, estavam Kate e Vilma. Kate pálida de sofrimento, os olhos regalados, as mãos juntas como em prece, olhando-me temerosa.

— Meu Deus, Olivia! Você está enorme! — exclamou petrificada. Me vê quase todo dia e, toda vez, fala isso. Uma injeção de ânimo essa minha amiga.

— Pare de caçar encrenca, Kate — Romeo reclamou. — Vamos logo que temos que chegar às nove no hospital.

— Tchau, Vilma. — Dei um beijo nela.

— Tchau, querida. Estarei rezando aqui.

Nós três chegamos ao hospital, e minha mãe já estava lá com Virginia. Minha mãe não é dessas

que falam coisas carinhosas, que ficam grudadas abraçando, mas só o fato de estar presente quando eu cheguei foi um grande avanço. Uma baita demonstração de afeto.

Quando fui levada ao bloco cirúrgico, apenas Romeo foi comigo. Claro que ninguém entra numa boa, sorrindo, num bloco cirúrgico. Por mais que eu estivesse calma o tempo todo, fiquei ansiosa quando chegamos na entrada do bloco, eu gelei na hora e a tensão fez meu coração disparar, quase perdi o fôlego. Mas então, fechei os olhos, pensei e afirmei a mim mesma que nada aconteceria. Era para eu estar morta há meses atrás, mas tive uma segunda chance. Romeo falou pouco, ficou sentado ao meu lado, suando mais que verão no inferno, tentava parecer calmo, mas eu vi a palidez constante em seu rosto enquanto a equipe médica começava os procedimentos. Eu não via nada,

colocaram um pano como uma pequena cortina na minha frente. Não sentia nada também por causa da anestesia, mas sabia que tinham começado. A todo instante, Romeo respirava pesadamente, e eu via, no rosto dele, algo como horror. Ele voltava a olhar para mim, respirando fundo e sorria. Meu coração saltou ao ouvir um choro estridente. Romeo e eu arregalamos os olhos e nos entreolhamos, rimos um para o outro. Ele estava sentado, se levantou e olhou.

— Está vendo ele? — perguntei já entre lágrimas.

— Estou... — Romeo murmurou de olhos arregalados, olhando para uma direção que eu não conseguia ver. — Ele é... tem muito cabelo e... puta merda, Oly! Ele é um baita bebê. — Voltou a olhar para mim e vi que, apesar de sorrindo muito, ele

tinha os olhos encharcados de lágrimas. Recebi o beijo que ele depositou nos meus lábios e sussurrei:

— Amo você!

— Também amo você!

— Quer cortar o cordão, papai? — Ouvi uma voz de mulher, e Romeo praticamente correu para o outro lado. Fiquei de rosto virado, vendo ele de costas e, quando virou, estava muito emocionado ao lado da enfermeira que trazia nos braços meu pequeno bebê. Ele estava meio embrulhado num pano azul-escuro, ela o colocou bem perto de mim para que eu visse.

— Diga olá a mamãe — a enfermeira fala. Vejo Romeo ao lado já com o celular tirando foto enquanto eu me encantava, apaixonava-me mais, desesperava-me de amor pelo meu bebê. E, quando

ele entreabriu os olhos melados, eu ri e chorei ao mesmo tempo.

Só o vi de novo mais tarde. Eu já estava no quarto na companhia de Kate, Romeo e minha mãe. Ele veio já arrumadinho, e eu pude segurá-lo. Olhando assim, tão de perto, nem dá para acreditar, minha paixão por ele é tanta que está em primeiro lugar nas coisas que mais amo.

— É a sua cara — murmurei para Romeo ali pertinho de mim.

— u o vi sem roupa, nosso rapazinho não desapontou. Posso afirmar que ele é mesmo igual ao pai — sussurra orgulhoso, só para eu escutar.

— Não estou falando disso, seu besta. — Sorri.
— Olhe esses olhinhos, são seus olhos. É um mini Romeo.

PERIGOSAS

— Olhe a primeira foto da família — Kate grita e se aproxima com uma câmera daquelas profissionais, nem sei de onde ela tirou isso. — Romeo, encosta mais. — Ela pede e começa a falar o que devemos fazer, então chega perto, tira uma, e depois tira mais outra, e outra, várias.

— Kate, era a primeira e não as várias primeiras.

— Olivia, ninguém nunca lhe disse que foto a gente nunca tira só uma? — Ela olha concentrada para a câmera, passando as fotos. — Tem que ser mil para escolher duas. Ok. Ficaram ótimas. Vou descarregar o cartão e te mandar, Romeo — fala, guardando a câmera. Aposto que, se ela tivesse ficado mais um pouco com a gente, teria usado a câmera de novo, mas seu alvo seria o irmão do Romeo.

NACIONAIS - ACHERON

Kate e minha mãe foram embora e logo depois, às seis da tarde, Magno e Lorenzo chegaram para conhecer o sobrinho. Magno está sempre de bem com a vida, mas essa foi a primeira vez que vi Lorenzo com um vasto sorriso verdadeiro. Ele quis pegar o bebê e ficou de olhos parados, fixos, estava hipnotizado com aquela pequena vida em seus braços.

— Quer um, Lorevaldo? — Magno indagou de perto.

— Não — negou rápido. Continuou olhando para o sobrinho e levantou os olhos para Magno. — E você?

— Cara, sou tão prevenido que uso camisinha até em boneca inflável. Não tem como, não.

— Você come boneca inflável? Precisa disso?

— Lorenzo questiona baixinho, de cenho franzido. Romeo e eu ficamos só olhando, de longe, eles dois com essa conversa duvidosa perto do bebê.

— Nunca comi. Mas comeria. Você não? Está lá de boa, sem fazer nada... — Lorenzo ri.

— Eu me pergunto se você está falando das bonecas no sentido figurado ou se está chamando as suas mulheres de bonecas infláveis.

— Não. — Magno balança a cabeça enérgico, sério. — De jeito nenhum. Boneca inflável não fica falando ou querendo abraçar depois que eu acabo de comê-las.

— Chega dessa conversa aí — Romeo ralha e se levanta, indo até eles. — Devolva meu filho. Mal nasceu e já está exposto a essa libertinagem. — Romeo volta com o bebê para perto de mim e

senta na cama em que estou deitada. Magno e Lorenzo vem para perto.

— Como se chama mesmo? — Lorenzo pega uma das lembrancinhas e olha. — Gael?

— É — confirmo. — Romeo acabou me convencendo. — Trocamos um olhar cúmplice e sei que ele também relembrou de como me convenceu. Nu, me abraçando por trás e pedindo de mansinho. Nem vi quando disse sim ao nome que ele queria.

— Gael? — Magno repete o nome. — Ave Maria! Esse já tem nome de comedor. — Bate no ombro de Romeo e fala: — Mandou bem, mano.

Romeo acaba rindo, e eu rio também. Não tem jeito, eles são assim, essa é minha nova família, e a família do meu bebê. Ele crescerá no meio desses

PERIGOSAS

três homens e sei que farão de tudo para protegê-lo
e criá-lo como um homem de bem.

NACIONAIS - ACHERON

BÔNUS LORENZO

Por semanas coloquei meus planos em andamento e quase tive um ataque no dia em que recebi a notícia de que Angelina estava entregando os pontos e não mais trabalharia na Mademoiselle. Sem ela lá, sem a sua assinatura no contrato que formulei, nada poderei fazer, aquela droga de empresa não me servirá para nada.

Mesmo com a notícia de que ela estava deixando tudo e indo para uma temporada na França, pedi ao advogado que tacasse pau na empresa e a colocasse nos trilhos como combinamos. Agora, três meses depois como acionista majoritário, a empresa vai de vento em popa, produzindo pra cacete.

Ontem, depois de ver os números do lucro, saí e fui ao bar da esquina, Onde sempre vou sem terno e sem resquício de riqueza. Jeans, camiseta e cabelos despenteados, bebedeira, sinuca e música brega. Pelo menos é onde não preciso ser Lorenzo Lafaiette Roriz. E posso remoer meus assuntos em paz.



Rolo na cama e me espreguiço entre os lençóis pretos. O quarto ainda está escuro pelas cortinas fechadas, mas sei que já é hora de levantar. Segunda-feira nunca foi o melhor dia de ninguém, mas lamentar não resolve problemas e muito menos fará a segunda-feira voltar a ser domingo.

Jogo as pernas para fora da cama, passo a mão pelos meus cabelos desgrehados de sono. Me levanto, vou ao banheiro e paro em frente ao espelho contemplando a minha aparência

desleixada, balanço a cabeça e tomo um rápido banho. Enquanto faço a barba, ouço o meu celular tocar. Saio do banheiro e ao alcançar o aparelho, vejo no visor o nome de Davi da AMB. Atendo e ativo o viva voz.

— Fala, Davi.

— Ela aceitou! — Ele vibra do outro lado.
— Ligou agora a pouco. Está indo para a empresa. Angelina recomeça hoje.

Perco a capacidade de fazer qualquer coisa por segundos, deixando o barbeador cair.

Ela declarou que não aceitaria receber ordens na empresa que sempre foi de sua família. Naquele dia tive vontade de forçá-la a assinar, mas algo em mim dizia que Angelina faria tudo pela Mademoiselle.

— Lorenzo? Está aí? — Davi fala no telefone. Tinha até me esquecido do cara.

— Sim, estou. Obrigado por me avisar.

— Sem neuras. Tudo anda conforme o planejado. Me ligue se tiver qualquer dúvida.

— Ok. Obrigado — respondo.

Termino de me barbear, escolho uma calça de moletom, alcanço o celular e ligo para Romeo que me atende em dois toques.

— Me atrasarei hoje, aguenta a mão para mim — Peço sem querer transparecer emoção.

— Tá. Chegue antes das dez.

— Chegarei. Só preciso resolver umas coisas.

— Ok — Desligo, jogo o celular na cama e saio assoviando.

Sabia que Angelina não daria o braço a torcer, ela não ficaria de fora apenas assistindo sem poder fazer nada. Mal sabe ela que acaba de fazer a pior escolha de sua vida.

Caminho até a cozinha, preparo meu café agradecendo a Deus por hoje não ser o dia de NACIONAIS - ACHERON

Vilma vir. Quero ficar sozinho nessa manhã de segunda feira. Pego um copo duplo, despejo leite gelado e adiciono duas colheres de chocolate em pó. Coloco o copo em uma bandeja, pego na geladeira uns bombons salgados que Vilma fez, o vidro com biscoitos daqueles com gotas de chocolate e levo para a sala.

— (...) *Hoje é o dia da vitória! Tá do jeito que eu queria* (...) — Começo a cantarolar.

Deixo a bandeja na mesinha, alcanço o controle, ligo a TV naquele canal. Sorrindo, deixo o controle e sento com a comida em meu colo. Na TV há apenas a imagem de uma câmera de segurança. Tomo um o leite e volto a cantar:

— (...) *Hoje ela triste, chora, tá sofrendo e me implora* (...) — jogo um salgado na boca e mastigo feliz da vida. A imagem é de uma das câmeras que mandei instalar na sala da diretoria da Mademoiselle. Quero estar aqui, vendo de

NACIONAIS - ACHERON

camarote a entrada dela na própria sala sabendo que tudo ali não lhe pertence mais. Se soubesse que eu sou o dono... Sorrio. Mal posso esperar para dar essa notícia. Olho para o alto e falo:

— Obrigado, papai! Foi um grande cuzão enquanto viveu, mas me deu condições de me vingar — Levanto o copo de leite. — Um brinde a toda sua grana que agora é minha. — Volto a olhar para a TV. Às oito da manhã a porta se abre. Angelina entra e para olhando ao redor de ombros caídos. Fica algum tempo sem se mover e leva a mão ao olho, como se tivesse secando as suas lágrimas de crocodilo. Ela continua do mesmo jeito que me lembro: Cabelos negros, a franja que a faz parecer fofinha e inofensiva, as roupas sempre elegantes.

Por fim, Angelina fecha a porta e caminha até a mesa, passa a mão na superfície e se recosta. Olha para o quadro onde está escondida a câmera. Nesse

NACIONAIS - ACHERON

momento, pego o controle e congelo a imagem dela olhando em direção a câmera... olhando para mim.

Sorrindo, falo:

— Olá, Angel. Seja bem-vinda ao meu jogo, querida.

A história continua em:

CHEFE SECRETO

Livro 02 da série Anônimos Obscenos

SINOPSE:

Angelina tentou até o último momento segurar a empresa de sua família. Mas após uma crise irreparável, ela vê tudo ruir. A empresa agora pertence a um novo dono, alguém que exige em contrato, que ela continue sendo diretora... Alguém que ela não sabe quem é.

O chefe anônimo a faz seguir ordens bizarras, como por exemplo, comparecer a um leilão beneficente como um dos prêmios, para ser arrematada por algum dos ricos presentes. Angelina sabe que está em uma enrascada por causa de um chefe que ela não sabe o nome e o porquê dele a obrigar a fazer tudo isso.

NACIONAIS - ACHERON

[1] Banco de consultoria financeira citado na série Executivos Indecentes de Michael, Valentina K.

[2] NYSE - Bolsa de valores Wall Street, NY, USA.